

BAL ZAC 9

A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PARISIENSE**

ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS CORTESÃS
OS SEGREDOS DA PRINCESA DE CADIGNAN
FACINO CANE
SARRASINE
PEDRO GRASSOU



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BAL ZAC 9

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PARISIENSE

ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS CORTESÃS
OS SEGREDOS DA PRINCESA DE CADIGNAN
FACINO CANE
SARRASINE
PEDRO GRASSOU



BIBLIOTECA AZUL

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker
EDITOR RESPONSÁVEL Estevão Azevedo
EDITOR ASSISTENTE Juliana de Araujo Rodrigues
EDITOR ASSISTENTE Erick Santos Cardoso
PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini
DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino
PREPARAÇÃO Luciana Araujo
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO B. D. Miranda e J. Bergmann

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGEM DA LOMBADA “Balzac” (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images
IMAGENS DAS GUARDAS Honoré Daumier © Christie’s Images/Corbis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H748

Honoré de Balzac: A comédia humana / organização, orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Casimiro Fernandes, Vidal de Oliveira, Gomes da Silveira; 3. ed. – São Paulo: Globo, 2015.

(A comédia humana; v. 9)
Título original: La comédie humaine

ISBN 978-85-250-6029-7

1. Balzac, Honoré de, 1799-1850. 2. Romance francês. I. Rónai, Paulo, 1907-1992.
II. Fernandes, Casimiro. III. Oliveira, Vidal de. IV. Silveira, Gomes da.

13-05523 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2015

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo S/A
Avenida Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo SP
www.globolivros.com.br

HONORÉ DE BALZAC A COMÉDIA HUMANA

9

ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAL**
TRADUÇÃO DE **CASIMIRO FERNANDES VIDAL DE
OLIVEIRA E GOMES DA SILVEIRA**



BIBLIOTECA AZUL

Sumário

Capa

Créditos

Folha de rosto

Plano da presente edição de A Comédia Humana

Nota dos editores

A Comédia Humana v. 9

Esplendores e misérias das cortesãs

introdução

Primeira parte

segunda parte

terceira parte

quarta parte

Os segredos da Princesa de Cadignan

introdução

texto

Facino cane

introdução

texto

Sarrasine

introdução

texto

Pedro Grassou

introdução

texto

Notas

Plano da presente edição de A COMÉDIA HUMANA

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada vol. 1-4

Cenas da vida provinciana vol. 5-7

Cenas da vida parisiense vol. 8-11

Cenas da vida política vol. 12

Cenas da vida militar vol. 12

Cenas da vida rural vol. 13-14

ESTUDOS FILOSÓFICOS vol. 15-17

ESTUDOS ANALÍTICOS vol. 17

DIVISÃO POR VOLUMES

1 “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • os CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours

6 Um conchego de solteirão • os PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES: A solteirona • O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina

dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César
Biotteau • A casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de
Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart II • Os
funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno-
burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis •
Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado •
Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara • A procura
do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El Verdugo” •
Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem vermelha
• Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os proscritos

17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas
misérias da vida conjugal

NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução — expressões idiomáticas e trocadilhos — e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da

crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís XIV, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em

volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

A COMÉDIA HUMANA

9

ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA
PARISIENSE

**ESPLENDORES
E MISÉRIAS
DAS CORTESÃS**

TRADUÇÃO DE CASIMIRO FERNANDES

A história bibliográfica de *Esplendores e misérias das cortesãs* (em francês: *Splendeurs et misères des courtisanes*) é das mais complicadas. As partes de que se compõe o romance foram publicadas separadamente, às vezes com intervalos de vários anos, e mudaram de título mais de uma vez.

A primeira metade da atual Primeira Parte, “Como amam as cortesãs”, foi publicada em volume em outubro de 1838, com o título de “A Torpedo”. A segunda metade da Primeira Parte e metade da Segunda Parte, “Por quanto o amor fica aos velhos”, saíram juntas de 21 de maio a 1º de julho de 1843, em jornal, com o título de “Ester ou Os amores de um velho banqueiro”, precedidas da primeira metade da Primeira Parte, já publicada em volume. Em novembro de 1844, numa reedição de “Ester”, apareceu pela primeira vez a segunda metade da Segunda Parte. Nesta reedição a Primeira Parte trazia o título de “Ester feliz”. A Terceira Parte, “Aonde os maus caminhos vão dar”, saiu em jornal em julho de 1846, com título de “Uma instrução criminal”; reeditada pela segunda vez, em volume separado, assumiu o título de *Um drama nas prisões*. A Quarta Parte, *A última encarnação de Vautrin*, saiu em jornal de 13 de abril a 4 de maio de 1847.

As quatro partes da obra só vieram a sair reunidas na edição definitiva de *A comédia humana* em 1869, isto é, dezenove anos depois da morte de Balzac. Feita aos pedaços, a composição deste romance, um dos maiores de Balzac, arrastou-se, pois, por mais de oito anos, período durante o qual escreveu e publicou, entre outras obras, *Uma filha de Eva*, *Beatriz*, *O cura da aldeia*, *Os segredos da princesa de Cadignan*, *Pierrette*, *O gabinete das antiguidades*, *Z. Marcas*, *Pedro Grassou*, *Um caso tenebroso*, *Um conchego de solteirão*, *Alberto Savarus*, *Uma estreia na vida*, *Honorina*, *A musa do departamento*, *Modesta Mignon*, *Os comediantes sem o saberem*, *O primo Pons*, *A prima Bete*, quer dizer, a maior parte e a mais importante de sua obra. Além do assombro provocado por tão extraordinária fecundidade, deve-nos causar espanto o haver o romancista podido trabalhar simultaneamente em várias obras cujas personagens são as mesmas, interrompendo e retomando ora uma, ora outra. Já explicamos que *Esplendores e misérias* formam a

continuação de *Ilusões perdidas*: ora, fato estranho, o último episódio deste foi escrito e publicado antes do primeiro daquele. Talvez seja precisamente esta medonha confusão bibliográfica — na qual só nos podemos orientar graças ao trabalho de beneditino do primeiro balzaquista, o visconde Spoelberch de Lovenjoul — a melhor prova da ordem admirável em que esse mundo de três mil personagens devia viver no cérebro de seu inventor.

Como *Ilusões perdidas*, por sua vez, pode ser considerado a continuação de *O pai Goriot*, esses dois romances mais *Esplendores e misérias das cortesãs* formam uma obra só, um livro de proporções enormes; é de estranhar que nenhum editor se tenha lembrado de juntá-los numa edição única. Além dessas duas obras, *Esplendores* está ligado organicamente a várias outras. Assim, contém a conclusão ou as consequências de episódios contados em *A interdição*, *Uma estreia na vida*, *A Casa Nucingen*, *O gabinete das antiguidades*. O sistema balzaquiano da volta das personagens está em pleno funcionamento; o número de remissões a acontecimentos anteriores é tão grande que até o leitor familiarizado com o mundo de *A comédia* pode facilmente perder-se no labirinto. O autor percebeu o perigo e procurou conjurá-lo, remetendo ele mesmo os leitores às obras respectivas. Chega a assinalar não apenas as conexões da narração como também o desenvolvimento de teorias precedentemente esboçadas. Mesmo fora dessas notas, aparecem no próprio texto explicações relativas ao plano, aos pormenores, à execução de *A comédia*. Numa palavra, Balzac se faz comentarista de si mesmo, o que nem sempre é vantagem, sobretudo aos olhos de quem lê o romance como obra isolada.

Comparado com as duas primeiras partes da trilogia, *Esplendores e misérias das cortesãs* é de qualidade artística inferior: não tendo a esplêndida unidade de *O pai Goriot*, tampouco possui a ordenada e rica variedade de *Ilusões perdidas*. Sente-se nele, porém, melhor do que em qualquer outro livro de Balzac, um ritmo vertiginoso e avassalador, uma fabulação empolgante. Sucedem-se, muitas vezes entrelaçando-se, mas grosso modo correspondendo à divisão em quatro partes, quatro temas: a cortesã redimida pelo amor; os amores de um ancião; a ascensão e a queda do provinciano ambicioso que deseja tomar Paris de assalto; a

luta dos criminosos com a polícia. Os dois ambientes principais do livro, o da prostituição e o das galés, comunicam-se por meio de canais secretos, cujos mistérios Balzac revela, com os meios da alta finança e da aristocracia, ideia esta que o romancista já aproveitou em outros romances, mas do qual tira aqui o melhor partido.

O primeiro e o último dos quatro temas são essencialmente românticos. A figura inesquecível de Ester van Gobseck é a encarnação mais perfeita dessa heroína romântica, que é a prostituta enobrecida e resgatada pela paixão. Vale a pena compará-la com a sua pálida embora famosa cópia, a *Dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho. (Trata-se indubitavelmente de uma cópia, como o assinala Jean Vignaud citando a página em que Ester, para se entregar a Nuncigen e morrer, faz a sua *toilette* de noiva: “Pôs seu vestido de renda por cima de uma saia de cetim branco, um cinto branco, calçou sapatos de cetim branco e lançou sobre suas belas espáduas uma echarpe em ponto de Inglaterra. Adornou o cabelo com camélias brancas naturais, imitando um penteado de donzela”. Na última aparição de Ester, Balzac sublinha o pormenor com insistência patética: “Quando a moribunda apareceu na sala, houve um grito de admiração. Os olhos de Ester refletiam o infinito em que a alma se perdia ao vê-los. O preto azulado de sua fina cabeleira fazia sobressair a alvura das camélias”).

A guerra da polícia e dos criminosos organizados em sociedade foi pela primeira vez aproveitada por Balzac na *História dos Treze*, e particularmente em *Ferragus*, com o qual se tornou ele precursor desse gênero híbrido que é o romance policial. O que o levou a voltar ao gênero deve ter sido, pelo menos em parte, o grande êxito obtido por Eugène Sue com suas composições semiliterárias, sobretudo os *Mistérios de Paris*, publicados em folhetim em 1842 e 1843. A luta de Vautrin e Corentin servirá de modelo para a de Jean Valjean e Javert em *Os miseráveis*, de Victor Hugo, protótipo e remate do romance romântico.

A crítica, desde o começo, assinalou, ao lado das inegáveis fraquezas de *Esplendores e misérias das cortesãs*, as grandes belezas de que este livro é cheio. O próprio Sainte-Beuve, cuja hostilidade a Balzac nos é conhecida, reconhece-lhes o valor numa crítica sutil, em que procura

temperar o elogio com as suas costumeiras cavilações: “O retrato, a descrição da pessoa e da vida da Torpedo (é este o nome odioso da pobre rapariga perdida) acusam essas observações profundas e finas peculiares ao autor e respiram uma complacência amolecida que logo se insinua no leitor se ele não a repele de início; é este um segredo e como que um malefício deste talento algo subornador que penetra furtivamente até no coração das mulheres honestas como um médico íntimo entra pela alcova... Os costumes que ressaltam destes pretensos quadros do dia serão reais? São pelo menos verdadeiros no sentido que mais de um, hoje em dia, sonha com eles. Ora, não é inútil conhecer mesmo os sonhos e os pesadelos de uma época”. Depois de uma série de ressalvas no tocante ao bom gosto e à exatidão de certos pormenores, o eminente crítico prossegue: “Há uma página sobre a paixão do poeta, amante da cortesã, sobre seu amor que voa, pula, rasteja; esta página para mim resume e figura todo esse estilo, que se assemelha frequentemente ao movimento irregular de uma orgia, à dança contínua e enervada de um sacerdote de Cibele”.

Bellessort reconhece que o romance “é resplandecente de belezas”, lamentando ao mesmo tempo que nele o autor “tenha multiplicado inutilmente as surpresas e os lances teatrais”.

André Gide, no *Diário*, confirma a sentença de seus predecessores: “Terminada ontem a releitura da longa série que abrange *Ilusões perdidas*, *Esplendores e misérias das cortesãs* e *A última encarnação de Vautrin*, este são Gotardo de *A comédia humana*, em que Balzac dá ao mesmo tempo o melhor e o pior de si mesmo; incomparável no excelente, mas muito abaixo de Zola no mau e justamente onde Zola teria brilhado. Assim como Hugo, Balzac tem demasiada confiança no seu gênio. Frequentemente, sem dúvida acossado pela necessidade, estraga... Mas, apesar de tudo, e como Hugo, quantos motivos nos dá para admirá-lo! Como não compreender que os próprios defeitos fazem igualmente parte de sua grandeza; que, mais perfeito, não seria tão gigantesco”.

Em *Uma leitura de Balzac* Maurice Bardèche responde àqueles que apontam inverossimilhanças no romance. “Em *Esplendores e misérias* são apenas os pormenores que são falsos. Falsos por várias razões, mas

sobretudo porque envelheceram. Se nos dissessem que Vautrin trafica com heroína, que o sr. de Grandlieu preside alguns conselhos de administração e que De Rubempré é um elegante que frequenta os ambientes do cinema, em tudo isso não veríamos inverossimilhança alguma. Os gostos de Vautrin, aliás, já não escandalizam ninguém.”

Das personagens do romance, Luciano é o mais admirado. George Moore achava-o tão grande como Hamlet; Oscar Wilde exemplificava com ele a sua teoria de arte pura, em *The Decay of Lying*:

“A leitura constante de Balzac reduz nossos amigos vivos a sombras e nossos conhecidos a fantasmas de sombras. Seus caracteres possuem uma espécie de existência fervente, cor de chama. Eles nos dominam e desafiam o ceticismo. Uma das maiores tragédias da minha vida é a morte de Luciano de Rubempré. E uma mágoa da qual nunca me pude livrar completamente. Ela me ocorre nos meus momentos de prazer. Lembro-me dela quando rio... A literatura sempre antecipa a vida. Não a copia, porém molda-a segundo os seus intentos. O século XIX, como o conhecemos, é em grande parte uma invenção de Balzac. Nossos Lucianos de Rubempré, nossos Rastignacs e De Marsays fizeram a sua primeira aparição no palco de *A comédia humana*. Estamos apenas pondo em prática, com notas de pé de página e acréscimos supérfluos, o capricho ou a fantasia ou a visão criadora de um grande romancista”.

A tese de Oscar Wilde tem uma ilustração que parece quase intencional num estranho conto de Pierre Louys, “A falsa Ester”, no volume *Sanguines*. O autor pretende ter encontrado na loja de um antiquário um fragmento de diário íntimo da autoria de uma srta. Ester Gobseck, filósofa holandesa, nascida em 1812 e que em 28 de março de 1839 vem a Paris para protestar junto a Balzac contra o uso que este faz do nome de Ester van Gobseck, atribuindo-o a uma prostituta, com quem ela em nada se assemelha. Quando, depois de longos esforços, consegue penetrar na casa de Balzac, este a fulmina com a pergunta indignada: “Quem a autorizou, senhorita, a adotar o nome de Ester Gobseck?”. A moça sucumbe à sugestão do romancista a ponto de confundir a própria personalidade com a da Torpedo, chegando a prostituir-se como esta e a envenenar-se.

Com tudo o que pode ter de exageradamente romântico, a figura de

Ester, a cortesã angélica, com a sua personalidade cindida entre o desprezo de seu antigo eu e “a saudade do lodo”, é uma das mais fortes e comovedoras da grande galeria balzaquiana.

A personagem Vautrin perturbou aos leitores como à crítica. A seu respeito as opiniões são bastante divergentes. Alguns chegam até a negar-lhe a “existência”. “De todos os retratos de *A comédia humana*, só talvez o de Vautrin é desprovido de interesse [...]. Contrariamente ao seu costume, Balzac, longe de partir dos fatos, pôs em cena uma abstração: raciocinou sobre ela à maneira dos metafísicos. Esta parte de sua obra constitui uma espécie de literatura *a priori* [...] Vautrin não existe” (Fernand Roux). Outros o acham a maior criação de Balzac, mas assim mesmo lhe reconhecem um caráter abstrato, simbólico: “Sua criação mais gloriosa, a que o classifica sem par entre os modernos e de fato um rival não igualado de Shakespeare, Vautrin pertence a essa categoria de personagens nas quais os criadores de excepcional gênio tentaram encarnar os poderes cegos que conduzem o mundo. [...] Em última análise é um artista e um poeta, guiado por irresistível necessidade de criação. Estranha e grandiosa figura que se ergue no pensamento do seu criador e deve ficar no nosso com o caráter de um símbolo mais que de uma personagem viva” (Paul Flat).

No entanto, como já sabemos, Vautrin teve o seu modelo vivo na pessoa de Eugène-François Vidocq (1775-1857), cuja carreira apresenta mais de uma similitude com a do herói de Balzac. Este ex-galé, depois de oferecer os seus serviços à polícia, passou algum tempo na prisão de la Force, onde estudou o caráter dos presos. Chefe da brigada de segurança durante vários anos, pediu demissão em 1827, quando foi substituído pelo seu lugar-tenente, Coco-Latour. Depois de malogar-se na profissão de fabricante de papel, voltou a trabalhar por conta da polícia política. O próprio Luís Felipe teve uma entrevista com ele. Para reaver a direção da brigada de segurança, Vidocq organizou um roubo audacioso, oferecendo seus serviços para esclarecê-lo quando a polícia se mostrou incapaz de desvendar o mistério. Mas a trama foi descoberta e Vidocq teve de deixar a polícia para sempre. O antigo galé e policial lembrou-se então de organizar uma agência de informações para uso de particulares, que dirigiu durante alguns anos. Em 1828 saíram as

pretensas *Memórias de Vidocq*, seguidas de outras obras de caráter autobiográfico, a ele atribuídas sem muita autenticidade.

Sabemos que Balzac conheceu Vidocq pessoalmente; Léon Gozlan conta, numa reportagem fantástica e espirituosa, um de seus encontros.

Com todas essas coincidências, Vautrin não é apenas um simples decalque de Vidocq. O autor insistiu muito em ressaltar-lhe a grandeza simbólica, chamando-o, numa imagem muito de seu estilo, “Cromwell da grilheta”, considerando-o como um Napoleão, um Maomé, um Moisés malogrado, e definindo-o, com auxílio da imaginação poética de Luciano, como “um gigantesco instrumento que Deus deixa enferrujar no fundo do oceano de uma geração”. Mas, também, procurou ligá-lo à humanidade com outros laços, entre os quais o mais forte é a complexa e equívoca atração que o une a Luciano, “seu belo eu sobre quem é preciso que não recaia nenhuma suspeita”, “sua vingança”, “o drama de que ele é o autor”. Ao nos lembrarmos da persistência com que Vautrin procura alter egos jovens e bonitos: Rastignac primeiro, o galé Calvi depois, e finalmente Luciano (sem falar de Raul de Frescas, personagem da peça *Vautrin*, não incluída em *A comédia humana*), admitimos a veracidade de todas essas interpretações dadas por ele mesmo, mas acrescentamos a de uma anormal atração física, insinuada uma única vez pelo próprio Balzac (em relação a Calvi). Se essa anomalia mantém Vautrin numa condição dolorosamente humana, ao mesmo tempo explica-lhe a força de super-homem capaz de prescindir do seu complemento feminino.

Não acabaria essa rápida análise se quisesse passar em revista todas as personagens de algum destaque. Basta apontar o juiz Camusot, o meio-termo feito magistrado, nem corrupto nem íntegro, com lances de honestidade e de baixeza, vigoroso desmentido aos que acusam Balzac de só pintar extremos e tipos abstratos.

A concepção romântica do assunto não impediu Balzac de procurar, como sempre, uma documentação sólida; sabemos, por exemplo, por uma carta à Condessa Hanska, que foi assistir a interrogatórios na Conciergerie para dar aos de Luciano e de Vautrin a maior verossimilhança possível.

Num romance cuja redação envolveu um lapso de tempo tão demorado, as ideias e as concepções do próprio autor passaram por transformações. Em *Balzac's Comédie Humaine*, Herbert J. Hunt nota como suas críticas relativas ao sistema penitenciário foram-se enfraquecendo e suas propostas para melhorar o regime dos condenados se tornaram menos enérgicas: o estudo intenso do mundo do crime ter-lhe-ia sugerido mais cautela.

Como em todas as obras escritas no fim da sua carreira, Balzac aparece aqui cada vez mais preocupado com o conjunto de seu edifício e cada vez mais convencido da importância deste. Sente-se nele o desejo de englobar toda a sociedade no seu imenso ciclo, de não esquecer nenhuma camada, nenhum recanto, por mais odiosos ou repugnantes que sejam, de completar a sua coleção de documentos humanos destinados não apenas ao leitor francês como ao público leitor de todas as nações da Europa. Os trechos em que descreve aspectos de Paris não para os parisienses que os conhecem, mas para os estrangeiros, mostram quanto ele era consciente do seu caráter de escritor europeu.

Nos prefácios das edições originais da maioria de seus livros, Balzac tecia frequentemente comentários instrutivos sobre a própria arte, as personagens, as diretrizes, os métodos e a moralidade de sua obra. Quase todos os editores modernos omitem esses prefácios pelo fato de as próprias obras, incessantemente modificadas pelo autor nas reedições sucessivas, não mais corresponderem àquelas a que se referiam os prefácios. Por esse motivo renunciou-se a incluí-los na presente edição, pois, em vez de facilitarem a orientação no mundo de *A comédia humana*, complicá-la-iam sobremaneira. Nem por isso deixamos, porém, de consultá-los sistematicamente e de extrair deles os conceitos que esclarecem as intenções do autor.

Assim, no Prefácio à edição de 1845 de *Esplendores*, Balzac faz ponderações relevantes acerca de duas personagens dessa obra. “Certamente”, escreve, “o barão de Nucingen é o Gêronte moderno, o ancião de Molière, escarnecido, enganado, vilipendiado, nos trajes e pelos meios modernos.” Esta frase explica admiravelmente as ligações de Balzac com a literatura clássica. Os clássicos gregos, latinos e franceses apresentavam tipos universais da humanidade

independentes da época e do meio: o Avarento, o Ancião Amoroso, a Moça Enclausurada, o Soldado Fanfarrão, a Sabichona e assim por diante, que muitas vezes nem nomes têm ou usam nomes simbólicos (como Gêronte, palavra grega que significa “ancião”). Nas obras de Balzac, esses tipos eternos e universais, sem nada perderem de suas proporções, passam a ganhar um estado civil, a se chamar Grandet, Nucingen, Modesta Mignon, Felipe Bridau, Diná Piédefer, a se integrarem na sua época, a se explicarem respectivamente pelo ambiente e os hábitos de Saumur, da Bolsa de Paris, de Havre, do Palais-Royal, de Sancerre.

Se em relação a Nucingen Balzac se proclama um adepto dos clássicos, no tocante a Vautrin procura negar suas conivências com o romantismo. Desaprova os “que fazem do galé um ser interessante, desculpável, uma vítima da sociedade. Tais pinturas são perigosas e antipolíticas. É preciso apresentar tais seres como são, criaturas sempre postas fora da lei”. Não é difícil ver, porém, que Balzac, justamente no retrato de Vautrin, não conseguiu ficar isento daquilo que censura nos outros e ofereceu um protótipo aos romancistas do crime.

Os leitores que vêm seguindo fielmente a ordem de leitura proposta por Balzac devem ter percebido que o caráter das personagens reaparecedoras não permanece rigorosamente idêntico de um romance para outro, mas sofre modificações que o tempo decorrido entre eles deve ter operado. Basta olhar para o Luciano de Rubempré de *Ilusões perdidas* e o de *Esplendores e misérias*. No primeiro desses livros ele ainda é o poeta, o romancista e o jornalista, que sonha com a glória adquirível com a pena; no segundo, corrompido pelos triunfos que lhe asseguram a sua beleza física e a equívoca proteção do falso padre Herrera, já se tornou refratário a toda espécie de trabalho e vive (aliás muito bem) de seus dotes de gigolô. Essa constatação suscita um reparo curioso do balzacólogo Pierre Citron, responsável pela introdução ao nosso romance na nova edição da Pléiade. Ele acha inadequado o título devido ao plural da palavra cortesã, porque o livro se limita a relatar a ascensão e a queda de uma única prostituta de luxo, Ester van Gobseck, enquanto as demais heteras que nele aparecem desempenham apenas papéis secundários. A não ser que o qualificativo se aplique também a

Luciano, cuja carreira lamentável, os meios de vida inconfessáveis e o fim trágico se assemelham em tudo aos da amante. Só assim o plural do título se tornaria natural.

Todos os grandes romances de Balzac são focos irradiadores de influências, assimiladores de tudo o que o passado produziu, fornecedores de germes para um sem-número de desenvolvimentos futuros. Já vimos algumas das sugestões que neles captaram contemporâneos ou sucessores, Hugo, Dumas, Louys. Frequentemente tais estímulos não se patenteiam à primeira vista e só se descobrem ao acaso da leitura. Assim, num trecho de *Esplendores e misérias das cortesãs* depara-se-me uma frase significativa, inspiradora provável do começo de *No caminho de Swann*, de Proust (o que não é surpreendente para quem conhece o culto votado por este a Balzac): “Existem em nós muitas memórias; o corpo tem a sua, o espírito também; a nostalgia, por exemplo, é uma doença da memória física”. Falta ainda o estudo de síntese para relacionar tudo o que a literatura e o pensamento de nossos dias devem em sugestões como esta ao generoso talento de Balzac.

“Este romance sombrio e rangente”, escreve Pierre Citron na introdução já citada, “talvez seja o mais realista e, ao mesmo tempo, o mais fantástico de quantos Balzac escreveu. O desprezo da verossimilhança, a força dos símbolos, a diversidade e o relevo das personagens, o questionamento da justiça e da polícia, a presença de criminosos e o emprego da gíria, a concentração da obra em redor de um galé o aparentam a outro grande romance popular cuja redação começava nesses anos de 1846 e 1847, em que Balzac acabava *Esplendores e misérias*, e cujo título era inicialmente uma das palavras do título de Balzac, *As misérias*: Victor Hugo havia de transformá-lo em *Os miseráveis*. Porém Hugo se mostrava nessa obra, como sempre, animado de otimismo no tocante à transformação da sociedade. No romance de Balzac, pelo contrário, o desespero vem à tona. O que não lhe diminui a grandeza e, talvez, lhe aumente a modernidade.”

ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS CORTESÃS

A S. A. O PRÍNCIPE ALFONSO SERAFINO DI PORCIA^[1]

Permiti-me colocar-vos o nome no pórtico de uma obra essencialmente parisiense e meditada em vossa casa nestes últimos dias. Não é natural oferecer-vos as flores de retórica brotadas em vosso jardim, regadas de saudades que me fizeram conhecer a nostalgia e que mitigastes quando eu errava sob os boschetti cujos olmeiros me lembravam os Champs-Élysées? Talvez resgate assim o crime de haver sonhado com Paris diante do Domo, de haver aspirado às nossas ruas tão lamacentas nas lajes tão limpas e tão elegantes da Porta Renza. Quando eu tiver alguns livros para publicar que possam ser dedicados a milaneses, terei a felicidade de encontrar nomes queridos já de vossos velhos contistas italianos entre os das pessoas de que nós gostamos e a quem vos peço que lembreis

vosso sinceramente afeiçoado

DE BALZAC

JULHO DE 1838

primeira parte

COMO AMAM AS CORTESÃS

I – UMA VISTA DO BAILE DA ÓPERA

Em 1824, no último baile da Ópera, muitos mascarados repararam na beleza de um rapaz que passeava pelos corredores e pelo salão, como quem anda em busca de uma mulher que, por circunstâncias imprevistas, ficasse retida em casa. O segredo desse modo de andar, ora indolente, ora estugado, só é conhecido das velhas senhoras e de alguns flanadores eméritos. Naquele imenso ponto de reunião, a turba pouco observa a turba, os interesses são exaltados, a própria ociosidade tem suas preocupações. O jovem dândi andava tão absorto na sua inquieta busca que não reparava no seu sucesso: as exclamações zombeteiramente admirativas de certos mascarados, os espantos sérios, os ditos mordentes, as mais doces palavras, nada ele via nem ouvia. Se bem que a sua beleza o classificasse entre essas personagens excepcionais que vão ao baile da Ópera para uma aventura, e que a esperam como no tempo do Frascati^[2] se esperava um número de sorte à roleta, ele parecia burguesmente fiado na sua noite: havia de ser o herói de um desses mistérios a três personagens que compõem todo o baile de máscaras da Ópera, e só conhecidos daqueles que desempenham seu papel; porque, paraas mulheres novas que lá vão a

fim de poderem dizer “Eu vi”, para os provincianos, para os rapazes inexperientes, para os estrangeiros, a Ópera deve ser então o palácio da fadiga e do tédio. Para eles, essa multidão negra, lenta e pressurosa, que vai, vem, serpenteia, gira, redemoinha, sobe e desce, e que só pode ser comparada a um formigueiro sobre um monte de lenha, é tão incompreensível como a Bolsa para um campônio da Bretanha que ignore a existência do Grande-livro. Com raras exceções, em Paris os homens não se mascaram: um homem de dominó passa por ser ridículo. Nisto se mostra o gênio nacional. Aqueles que querem ocultar a sua felicidade podem ir ao baile da Ópera sem entrar, e os mascarados absolutamente forçados a lá entrar saem logo. Um espetáculo dos mais divertidos é o ajuntamento que se produz à porta desde que o baile começa, a onda de gente que sai, a braços com a gente que entra. Portanto, os homens mascarados são maridos ciumentos que vão espionar as mulheres ou maridos em falcatrua conjugal que não querem ser espionados por elas, duas situações igualmente dignas de troça. Ora aquele moço era seguido, sem o perceber, por um mascarado assassino, gordo e baixo, que se rebojava como um tonel. Para qualquer conhecedor da Ópera, esse dominó revelava um funcionário, um agente de câmbio, um banqueiro, um tabelião, um burguês qualquer, à cata da sua infiel. Com efeito, na alta-roda ninguém corre atrás de testemunhos humilhantes. Já muitos mascarados tinham apontado a dedo, rindo, esse monstruoso sujeito; outros tinham-no apostrofado; alguns rapazes tinham-no troçado; mas o seu ar e a sua presença revelavam um perfeito desdém por essas zombarias sem alcance; ia para onde o conduzia o tal rapaz, como um javali perseguido que não quer saber das balas que lhe assobiam aos ouvidos nem dos cães que lhe ladram no encalço. Se bem que, à primeira vista, o prazer e a inquietação hajam envergado a mesma libré, a ilustre túnica preta dos venezianos, e bem que tudo seja confuso no baile da Ópera, as diferentes rodas de que a sociedade parisiense se compõe encontram-se, reconhecem-se e observam-se. Há noções tão precisas para certos iniciados que essas garatujas de interesses são legíveis como um romance divertido. Para os frequentadores, portanto, aquele homem não podia estar (sendo feliz em seu amor), porque havia de trazer infalivelmente algum sinal

convencionado, vermelho, branco ou verde, que indica as aventuras de antemão preparadas. Tratava-se de alguma vingança? Ao verem o mascarado seguir tão de perto um homem de sorte em seus amores, alguns ociosos voltavam-se para aquela bonita figura em que o prazer tinha posto a sua divina auréola. O rapaz interessava: quanto mais andava, mais curiosidade despertava. Tudo, enfim, denunciava nele os hábitos de um viver elegante. Segundo uma lei fatal da nossa época, pouca diferença havia, quer física, quer moral, entre o mais distinto, o mais bem-educado filho de um duque e par e aquele belo rapaz que ainda há pouco a miséria esganara com suas mãos de ferro no meio de Paris. A beleza, a mocidade podiam encobrir nele profundos abismos, como sucede a muitos rapazes que querem fazer figura em Paris sem possuírem o capital necessário às suas pretensões e que cada dia jogam tudo numa cartada, sacrificando ao deus mais cortejado nesta régia cidade, o Acaso. Mas o seu traje e as suas maneiras eram irrepreensíveis; pisava o clássico soalho do salão como um frequentador da Ópera. Quem não terá reparado que ali, como em todas as zonas de Paris, há um modo de ser que revela o que somos, o que fazemos, de onde vimos, o que queremos?

— Bonito moço! Aqui ao menos pode a gente voltar-se para o ver — disse uma mascarada em quem os frequentadores do baile reconheciam uma senhora da alta-roda.

— Não se lembra dele? — respondeu-lhe o seu par. — Entretanto, a sra. du Châtelet^[3] o apresentou à senhora...

— Como! É então o boticariozinho por quem ela se apaixonou e que se fez jornalista, o amante da srta. Corália?

— Eu julgava-o caído a ponto de se não poder mais levantar, e não compreendo como pode tornar a aparecer na sociedade parisiense — disse o conde Sisto du Châtelet.

— Tem ares de príncipe — disse a mascarada — e decerto quem lhos deu não foi essa atriz com a qual ele vivia;^[4] minha prima^[5] tinha-o adivinhado, mas não o soube desemburrar; gostaria de conhecer a amante desse Sargines;^[6] diga-me alguma coisa da sua vida com que o possa embarçar.

Este par que seguia o rapaz segredando foi então particularmente

notado pelo mascarado de ombros largos.

— Meu caro sr. Chardon — disse o chefe de polícia da Charente tomando o dândi pelo braço —, apresento-lhe uma pessoa que deseja tornar a travar conhecimento com o senhor.

— Meu caro conde du Châtelet — respondeu o rapaz —, essa pessoa ensinou-me quanto era ridículo o nome que o senhor me está dando. Um decreto de sua majestade restituiu-me o nome dos meus antepassados maternos, os De Rubempré. Os jornais noticiaram esse fato; mas refere-se a uma personagem tão insignificante que me não envergonho de o lembrar aos meus amigos, aos meus inimigos e aos indiferentes; coloque-se na classe que mais lhe convier, mas estou certo de que não reprovará uma medida que me foi aconselhada por sua esposa ao tempo em que ainda era sra. de Bargeton. — Este fino epigrama, que fez sorrir a marquesa, causou um estremecimento nervoso no prefeito da Charente. — Diga-lhe — acrescentou Luciano — que atualmente eu uso *de goles, com um touro furioso de prata numa campanha de sinople*.

— Furioso de prata — repetiu Du Châtelet.

— A senhora marquesa que lhe explique, se o senhor o ignora, por que motivo esse velho brasão é um pouco melhor que a chave de camareiro e as abelhas de ouro do Império que estão no seu escudo, para castigo da sra. du Châtelet, antes Nègrepelisse d'Espard... — disse vivamente Luciano.

— Uma vez que me reconheceu, já não o posso enganar e não tenho expressões para lhe significar quanto está espicaçando a minha curiosidade — disse-lhe em voz baixa a marquesa d'Espard, muito espantada com a impertinência e o aprumo adquirido pelo homem que ela outrora desprezara.

— Permita-me pois, minha senhora, conservar a única probabilidade que tenho de ocupar o seu pensamento, ficando nesta penumbra misteriosa — disse ele com o sorriso de um homem que não quer comprometer uma felicidade segura.

A marquesa não pôde reprimir um movimentozinho seco, ao sentir-se adivinhada pela precisão de Luciano.

— Cumprimento-o pela sua mudança de posição — disse o conde du

Châtelet.

— E eu agradeço-lhe com a mesma cordialidade — tornou Luciano saudando a marquesa com infinita elegância.

— Enfatado! — disse em voz baixa o conde à sra. d'Espard. — Acabou por conquistar seus antepassados.

— A fatuidade dos rapazes, quando cai sobre nós, anuncia quase sempre uma ventura muito superior; porque a de vocês anuncia desvarios. Desejava conhecer qual das nossas amigas tomou sob a sua proteção este lindo pássaro; talvez assim me fosse possível divertir-me esta noite. O bilhete anônimo que recebi é sem dúvida maldade de alguma rival, porque nele se trata deste rapaz; ditaram-lhe sua impertinência: espione-o. Eu vou tomar o braço do duque de Navarreins,^[7] o senhor depois me encontrará.

No momento em que a sra. d'Espard ia alcançar o seu parente, o máscara misterioso colocou-se entre ela e o duque para lhe dizer ao ouvido:

— Luciano ama-a, e é o autor do bilhete; o chefe de polícia é o seu maior inimigo; como poderia Luciano explicar-se diante dele?

O desconhecido afastou-se deixando a sra. d'Espard abandonada a uma dupla surpresa. A marquesa não suspeitava de ninguém no mundo que pudesse desempenhar o papel daquele mascarado; teve medo de alguma armadilha, foi sentar-se e escondeu-se. O conde Sisto du Châtelet, a quem Luciano tinha suprimido o *du* ambicioso, com uma afetação que tresandava a vingança demoradamente sonhada, seguiu a distância o miraculoso dândi e encontrou-se com um rapaz a quem julgou poder falar claro.

— Ó Rastignac, já viu Luciano? Ele criou pele nova.

— Se eu fosse tão bonito rapaz como ele, havia de ser ainda mais rico — respondeu o jovem elegante num tom ligeiro mas fino, que exprimia uma zombaria ática.

— Não! — disse-lhe ao ouvido o mascarado gordo, pagando-lhe mil zombarias por uma só na maneira como acentuou o monossílabo.

Rastignac, que não era homem para engolir um insulto, ficou como que fulminado por um raio, e deixou-se levar para um vão de janela, por uma mão de ferro que não pôde arredar.

— Seu franguinho saído do galinheiro da tia Vauquer,^[8] você, a quem faltou coragem para apanhar os milhões de papá Taillefer quando o mais difícil estava feito, saiba, para sua segurança pessoal, que, se não proceder com Luciano como com um irmão amado, está nas nossas mãos sem nós estarmos nas suas. Silêncio e dedicação, ou meto-me no seu jogo para lhe empatar as vazas. Luciano de Rubempré é protegido pelo maior poder de hoje, a Igreja. Escolha entre a vida e a morte. Que responde?

Rastignac teve uma vertigem, como quem adormece numa floresta e acorda ao lado de uma leoa faminta. Teve medo, mas sem testemunhas: os homens mais corajosos se abandonam então ao medo.

“Só *ele* pode saber... e atrever-se...”, pensou consigo mesmo.

O mascarado apertou-lhe a mão, para não deixá-lo completar a frase.

— Faça de conta que é *ele*... — disse.

II – OUTRAS MÁSCARAS

Rastignac portou-se então como um milionário na estrada ameaçado por um salteador: capitulou.

— Meu caro conde — disse a Du Châtelet, indo-o procurar —, se tem apego à sua posição, trate Luciano de Rubempré como homem a quem um dia verá em mais alta situação do que a sua hoje.

O mascarado deixou escapar um imperceptível gesto de satisfação e voltou a andar no rastro de Luciano.

— O meu amigo mudou de opinião bem depressa — respondeu o chefe de polícia, justamente espantado.

— Tão depressa como aqueles que estão no Centro e votam com a Direita — respondeu Rastignac ao prefeito-deputado, cujo voto faltava ultimamente ao Ministério.

— Quem é que hoje tem opiniões? Hoje não há senão interesses — replicou Des Lupeaulx,^[9] que os estava escutando. — De que se trata?

— Do sr. de Rubempré, que Rastignac me quer impingir por uma alta personagem — disse o deputado ao secretário-geral.

— Meu caro conde — respondeu-lhe Des Lupeaulx com modo grave —, o sr. de Rubempré é um moço do maior mérito e com tão boas proteções que eu me daria por feliz em renovar relações com ele.

— Ei-lo que vai cair no vespeiro dos *roués* da época — disse Rastignac.

Os três interlocutores voltaram-se para um canto onde estavam alguns espirituosos, homens mais ou menos célebres, e alguns elegantes. Punham todos em comum as suas observações, os seus bons ditos e a sua má-língua, divertindo-se ou fazendo horas para algum divertimento. Nesse grupo tão extravagantemente composto, havia gente com quem Luciano tivera relações entremeadas de atos ostensivamente bons e de maus serviços ocultos.

— Olá, Luciano! Meu filho, meu amor! Com que então, pele nova, hein? De onde vem? Com que então, tornamos a montar no animal com auxílio dos presentes enviados do toucador da Florina? Bravo, meu rapaz — exclamou Blondet largando o braço de Finot^[10] para tomar familiarmente Luciano pela cintura e apertá-lo ao coração.

Andoche Finot era proprietário de uma revista em que Luciano tinha trabalhado quase de graça e que Blondet enriquecia com a sua colaboração, com a prudência dos seus conselhos e com a profundidade das suas apreciações. Finot e Blondet personificavam Bertrand e Raton, ^[11] com a diferença de que o gato de La Fontaine acaba por perceber que é comido, e Blondet, sabendo-se comido, não deixava de servir Finot. Esse brilhante *condottiere* da pena estava predestinado, com efeito, a ser longo tempo escravo. Finot ocultava uma vontade brutal sob as suas exterioridades pesadas, sob a sua toleima impertinente, com uns longes de espírito como o pão de um operário no qual se esfregou um pouco de alho. Sabia enceleirar o que colhia, ideias e dinheiro, através dos campos da vida dissipada que levam os homens de letras e os homens de negócios políticos. Blondet, por seu mal, tinha posto a sua força a soldo dos seus vícios e da sua preguiça. Sempre apanhado de surpresa pela necessidade, pertencia à pobre tribo dos homens eminentes que tudo podem fazer para a fortuna alheia sem nada poderem fazer pela sua, Aladins^[12] cuja lâmpada anda sempre emprestada. Esses admiráveis conselheiros têm o espírito perspicaz e justo, quando este não é violentamente disputado pelo interesse pessoal. Nele quem age é a cabeça e não o braço. Daí a incoerência dos seus costumes e a censura com que os fulminam os espíritos inferiores. Blondet repartia a sua

bolsa com o camarada a quem ainda na véspera ferira; jantava, bebia, dormia com aquele que no dia seguinte havia de estrangular. Os seus cômicos paradoxos tudo justificavam. Aceitando o mundo inteiro como um gracejo, não queria ser tomado a sério. Novo, amado, quase célebre, feliz, não tratava, como Finot, de adquirir a fortuna necessária ao homem idoso. A coragem mais difícil é talvez aquela de que Luciano precisava naquele momento para desacatar Blondet, como desacantara a sra. d'Espard e Du Châtelet. Nele, infelizmente, os gozos da vaidade tolhiam o exercício do orgulho, que sem dúvida é o princípio de muitas coisas grandes. Sua vaidade tinha triunfado no encontro precedente: mostrara-se rico, feliz e desdenhoso, com duas pessoas que outrora o tinham desdenhado pobre e miserável; mas podia acaso um poeta, como qualquer diplomata encanecido, romper com dois supostos amigos que o haviam acolhido na sua miséria e em cuja casa dormira nos dias de penúria? Finot, Blondet e ele tinham-se aviltado juntos, haviam saracoteado em orgias que não devoravam senão o dinheiro dos seus credores. Como esses soldados que não sabem empregar a coragem a tempo e horas, Luciano fez então o que muita gente faz em Paris: comprometeu de novo o seu caráter, aceitando um aperto de mão de Finot, não se esquivando às festas de Blondet. Todo aquele que esteve ou está ainda no jornalismo tem a necessidade cruel de cumprimentar os homens que despreza, de sorrir ao seu maior inimigo, de pactuar com as mais fétidas baixezas, de sujar os dedos por querer pagar aos agressores na mesma moeda. Toma-se o hábito de ver fazer o mal, de o deixar passar; começa-se por aprová-lo, acaba-se por cometê-lo. Com o tempo, a alma, constantemente maculada por vergonhosas e contínuas transações, apouca-se, a mola dos pensamentos nobres enferruja-se, os gonzos da banalidade desgastam-se e giram sem ninguém lhes tocar. Os Alcestes tornam-se Filintos,^[13] os caracteres perdem a têmpera, os talentos se abastardam, a fé nas belas obras se dissipa. Aquele que desejara ter o orgulho das suas páginas gasta-se em tristes artigos que a consciência, mais cedo ou mais tarde, lhe assinala como outras tantas más ações. Como Lousteau, como Vernou,^[14] queria vir a ser um grande escritor, e apenas vinha a ser um impotente foliculário. Todas as honras pois são poucas para aqueles em que o

caráter está à altura do talento, para os D'Arthez,^[15] que sabem caminhar de pé firme através dos escolhos da vida literária. Luciano não soube dar resposta às amabilidades de Blondet, cujo espírito, de resto, exercia sobre ele irresistíveis seduções, que conservava o ascendente do corruptor sobre o discípulo, e que enfim estava bem colocado na alta-rodada pela sua ligação com a condessa de Montcornet.

— Herdou de algum tio? — perguntou-lhe Finot em ar de troça.

— Nada. Fiz como o senhor, dei golpes nos tolos — respondeu-lhe Luciano no mesmo tom.

— Ah! Tem alguma revista, algum jornal? — tornou Andoche Finot com a jactância impertinente do explorador para com o explorado.

— Tenho melhor que isso — replicou Luciano, cuja vaidade, ofendida pela superioridade que o redator principal afetava, lhe restituiu o espírito da sua nova posição.

— E o que tem, meu caro...

— Um Partido.

— O partido, Luciano? — disse Vernou sorrindo.

— Finot, aí tens; este moço passou-te adiante, eu bem te dizia. Luciano tem talento, não o poupaste. Anda, arrepende-te, malandrão — disse Blondet.

Fino como um coral, Blondet viu mais de um segredo no tom, no gesto, na maneira de Luciano; e, amansando-o, soube ir apertando de novo com as suas palavras a barbeta do freio. Queria conhecer as razões da volta de Luciano a Paris, os seus projetos, os seus meios de existência.

— De joelhos perante uma superioridade que tu nunca hás de ter, apesar de seres Finot^[16] — volveu ele. — Admite este cavalheiro, sem mais delongas, no rol dos homens fortes a quem o futuro pertence, porque ele é dos nossos. Espirituoso e belo, não tem acaso direito a triunfar *quibuscumque viis*?^[17] Ei-lo na sua boa armadura de Milão, com a sua poderosa adaga meio desembainhada, o seu pendão tremulando ao vento. Ah, Luciano! Onde roubaste esse lindo colete? Não há como o amor para descobrir semelhantes estofos. Com que então, já se tem casa, hein? Eu estou precisando saber os endereços dos amigos, porque não tenho onde dormir. Finot esta noite deixa-me ao relento, a pretexto

de uma aventura...

— Meu caro — respondeu Luciano —, eu pus em prática uma máxima com que se tem a certeza de viver descansado: *fuge, late, tace*.^[18] Deixo-te.

— Mas não te deixo enquanto me não pagares uma dívida sagrada, aquela ceiazinha, hein? — disse Blondet, que gostava da boa mesa e que se encostava aos outros quando estava sem dinheiro.

— Que ceia? — tornou Luciano, meio impaciente.

— Não te lembras? Aí está por onde se conhece a prosperidade de um amigo; perde a memória.

— Ele sabe o que nos deve, eu sou fiador de seu coração — disse Finot, aproveitando o gracejo de Blondet.

— Rastignac — disse Blondet, tomando o moço elegante pelo braço no momento em que ele chegava ao extremo do *foyer*, junto da coluna onde estavam os supostos amigos —, trata-se de uma ceia, contamos com você. A menos que este cavalheiro — continuou ele muito sério, apontando para Luciano — persista em negar uma dívida de honra; o que é possível.

— O sr. de Rubempré é incapaz de semelhante coisa, garanto eu — disse Rastignac, longe de pensar que aquilo fosse uma mistificação.

— Lá vem Bixiou,^[19] que também há de partilhar da ceia — disse Blondet. — Sem ele, nada é completo. Sem ele, o champanhe empastame a língua, e acho tudo insípido, até a pimenta dos epigramas.

— Vejo que estão reunidos em volta da maravilha do dia — disse Bixiou. — O nosso querido Luciano está a reeditar *As metamorfoses* de Ovídio. Assim como os deuses se transformavam em legumes singulares e outras coisas para seduzir mulheres, Luciano transformou o Chardon em fidalgo, para seduzir quem? Carlos x!^[20] Meu querido Luciano — continuou ele segurando-o por um botão da casaca —, um jornalista que passa a fidalgo merece uma grande algazarra. No lugar destes — continuou o implacável trocista apontando para Finot e Vernou — desancava-te nas gazetas; rendias-lhes uns cem francos, dez colunas de boas facécias.

— Bixiou — disse Blondet —, um anfitrião é para nós sagrado vinte e quatro horas antes e doze depois da festa. O nosso ilustre amigo

oferece-nos de cear.

— Como? Que diz? — exclamou Bixiou. — Mas que coisa mais necessária do que salvar do esquecimento um nome ilustre e dotar a indigente aristocracia com um homem de talento? Luciano, tens a estima do jornalismo de que eras o mais belo ornamento, e nós te apoiaremos. Finot, um artiguinho de primeira página! Blondet, um artigo, insidioso na quarta página do teu jornal! Anunciemos a aparição do mais belo livro da época, *O arqueiro de Carlos IX*! Supliquemos a Dauriat que nos dê sem demora as *Boninas*, esses divinos sonetos do Petrarca^[21] francês! Ergamos o nosso amigo sobre o pavê de papel timbrado que faz e desfaz as reputações!

— Se queres cear — disse Luciano a Blondet para se descartar daquele grupo que ameaçava crescer —, parece-me que não precisavas empregar a hipérbole e a parábola com um velho amigo, como se ele fosse um palerma. Até amanhã à noite, no Lointier!^[22] — disse ele vivamente, vendo aproximar-se uma mulher para a qual correu.

— Oh! Oh! Oh! — disse Bixiou em três tons e com ar de zombaria, parecendo reconhecer a mascarada a cujo encontro Luciano correra. — Isto merece confirmação.

III —A TORPEDO

E seguiu o belo par, passou adiante dele, examinou-o com perspicácia e voltou atrás com grande júbilo de todos aqueles invejosos, interessados em saber de onde provinha a mudança de fortuna de Luciano.

— Meus amigos, vocês conhecem de longa data a conquista do sr. de Rubempré — disse-lhes Bixiou. — É a antiga ratinha de Des Lupeaulx.

Uma das perversidades agora esquecidas, mas em uso no começo deste século, era o luxo das ratinhas. Ratinha, termo já antiquado, applicava-se a uma criança de dez ou onze anos, comparsa em qualquer teatro, principalmente na Ópera, que os libertinos iniciavam no vício e na infâmia. Uma ratinha era uma espécie de pajem infernal, um gaiato de saias, a quem se perdoavam as boas partidas. A ratinha podia furtar tudo; era preciso desconfiar dela como de um animal perigoso; introduzia na vida um elemento de riso, como antigamente os Scapin, os Sganarello e os Frontin^[23] na velha comédia. Uma ratinha ficava cara;

não dava honra nem proveito nem prazer; a moda passou de tal maneira que hoje poucas pessoas sabiam desse pormenor íntimo da vida elegante anterior à Restauração, enquanto alguns escritores não se apossaram da ratinha como de um assunto novo.

— O quê? Pois Luciano, depois de dar cabo de Corália, ainda nos havia de levar a Torpedo? — disse Blondet.

Ouvindo este nome, o máscara de formas atléticas deixou escapar um movimento que, apesar de concentrado, foi surpreendido pelo sr. Rastignac.

— Não é possível — respondeu Finot. — A Torpedo não tem um centavo para dar, pois ainda há pouco, segundo me disse Nathan,^[24] pediu mil francos emprestados a Florina.

— Oh, senhores! Oh, senhores! — disse Rastignac, tentando defender Luciano contra tão odiosas imputações.

— Então? — exclamou Vernou. — Será possível que o antigo querido de Corália seja tão delambido?

— Pois esses mil francos — disse Bixiou — são uma prova de que Luciano está vivendo com a Torpedo.

— Que perda irreparável para a literatura, para a ciência, para a arte e para a política! — disse Blondet. — A Torpedo é a única mundana que daria uma bela cortesã; não a tinha estragado a instrução, pois não sabia ler nem escrever; ela de certo nos compreenderia. Podíamos dotar a nossa época com uma dessas magníficas figuras aspasianas sem as quais não há nada grandioso. Vejam como a condessa du Barry fica bem ao século XVIII, Ninon de Lenclos ao século XVII, Marion Delorme ao século XVI, Impéria ao século XV, Flora à república romana, a quem fez sua herdeira, e que pôde pagar a dívida pública com essa herança. Que seria Horácio sem Lídia, Tibulo sem Délia, Catulo sem Lésbia, Propércio sem Cíntia, Demétrio sem Lâmia, que hoje é a sua glória?^[25]

— Blondet falando de Demétrio no baile da Ópera parece-me *Débats*^[26] demais — disse Bixiou ao ouvido do seu vizinho.

— E, sem essas rainhas todas, que seria o Império dos Césares? — continuou Blondet. — Laís e Ródope^[27] são a Grécia e o Egito. Todas são, aliás, a poesia do século em que viveram. Essa poesia que falta a Napoleão, pois que a viúva do seu grande exército é apenas uma

brincadeira de caserna, nem sequer faltou à Revolução, que teve a sra. Tallien.^[28]

— Agora, na França, onde todos querem triunfar, há um trono vago. Todos juntos podíamos fazer uma rainha. Eu dava à Torpedo uma tia, porque a mãe^[29] morreu com efeito no campo da desonra; Du Tillet^[30] pagava-lhe um palácio, Lousteau uma carruagem, Rastignac os lacaios, Des Lupeaulx um cozinheiro, Finot os chapéus — Finot não pôde reprimir certo sobressalto ao apanhar à queima-roupa aquele epigrama^[31] — Vernou fazia-lhe reclames, Bixiou dizia-lhe graçolas. Iria a aristocracia divertir-se em casa da nossa Ninon, onde nós chamaríamos os artistas sob pena de aguentarem artigos mortíferos. Ninon II seria magnífica de insolência, esmagadora de luxo. Teria opiniões suas. Leríamos em casa dela alguma obra-prima dramática que tivesse sido proibida, e que, em caso de necessidade, se havia de inventar. Ela não seria liberal, porque uma cortesã é essencialmente monárquica. Que perda! Ela, que devia abranger todo o seu século, anda de amores com um rapazinho que vai fazer dela algum cão de caça!

— Nenhuma das potências femininas que tu citaste chafurdou na rua — disse Finot —, ao passo que a Torpedo se espolinhou na lama.

— Como uma semente de lírio no seu torrão — replicou Vernou —, ela aí se fez bonita e floresceu. Eis donde vem sua superioridade. Acaso não será preciso ter conhecido tudo para criar o riso e a alegria que de tudo participam?

— Ele tem razão — disse Lousteau, que até então observava sem falar. — A Torpedo sabe rir e fazer rir. Essa ciência dos grandes autores e dos grandes atores pertence àqueles que têm penetrado todas as profundezas sociais. Apenas com dezoito anos, já essa pequena tinha conhecido a máxima opulência, a mais baixa miséria, os homens de todas as rodas. Tem uma espécie de varinha de condão com que desencadeia os apetites brutais, tão violentamente comprimidos nos homens que ainda têm coração e que se ocupam de política ou de ciência, de literatura ou de arte. Não há mulher em Paris que possa dizer como ela ao Animal: “Sai!”. E o Animal deixa a toca e se engolfa nos excessos. Arrasta-nos às delícias da boa mesa, ajuda-nos a beber, a fumar. Enfim essa mulher é o sal cantado por Rabelais^[32] e que, atirado

sobre a matéria, a alma e eleva até as maravilhosas regiões da Arte: seu vestido ostenta magnificências inauditas, seus dedos deixam cair a tempo as pedras preciosas, como sua boca deixa cair os sorrisos; a tudo ela infunde o espírito da circunstância; seu calão fervilha de rasgos picantes; tem o segredo das onomatopeias mais coloridas e mais colorantes; tem...

— Estás perdendo cinco francos de folhetim — disse Bixiou interrompendo Lousteau —, e afinal a Torpedo vale muito mais do que isso; todos vocês foram mais ou menos seus amantes, e nenhum pode dizer que ela foi sua amante; a Torpedo pode ter vocês quando quiser, vocês não a terão nunca. Vocês forçam sua porta, têm um favor a pedir-lhe...

— Oh! Ela é mais generosa que um chefe de bandidos que sabe seu ofício, e mais dedicada que o melhor companheiro de colégio — disse Blondet. — Pode-se-lhe confiar a bolsa e os segredos. Mas a mim o que me fazia aclamá-la rainha era a sua indiferença burbônica pelo favorito decaído.

— É como a mãe, cara demais — disse Des Lupeaulx. — A bela Holandesa era capaz de engolir os rendimentos ao arcebispo de Toledo; arruinou dois tabeliães...

— E sustentou Máximo de Trailles^[33] quando ele era pajem — disse Bixiou.

— A Torpedo é cara demais, como Rafael, como Carême,^[34] como Taglioni,^[35] como Lawrence,^[36] como Boulle,^[37] como todos os artistas de gênio eram demasiado caros... — disse Blondet.

— Ester nunca teve essa aparência de senhora da alta-roda — disse então Rastignac, mostrando a mascarada a quem Luciano dava o braço. — Eu apostei na condessa de Sérisy.^[38]

— Sem dúvida — replicou Du Châtelet. — E assim fica explicada a fortuna do sr. de Rubempré.

— Oh! A Igreja sabe escolher os seus levitas! Que bonito secretário de embaixada ele dará! — disse Des Lupeaulx.

— Tanto mais — tornou Rastignac — que Luciano é um homem de talento. Esses senhores têm mais de uma prova disso — acrescentou, deitando os olhos a Blondet, a Finot e a Lousteau.

— Decerto, e é rapaz que irá longe — disse Lousteau, a estourar de inveja —, tanto mais que tem o que nós chamamos *independência nas ideias*...

— Foste tu que o ensinaste — disse Vernou.

— Mas enfim — replicou Bixiou olhando para Des Lupeaulx — apelo para a memória do senhor secretário-geral; aquela mascarada é a Torpedo, aposto uma ceia...

— E eu aceito a aposta — disse Du Châtelet, interessado em saber a verdade.

— Vamos, Des Lupeaulx — disse Finot —, veja se reconhece pelas orelhas a sua antiga ratinha...

— Não é preciso violar a máscara — tornou Bixiou —, a Torpedo e Luciano hão de tornar a passar por nós, e eu então me comprometo a provar-lhes que é ela.

— Então o nosso amigo Luciano está outra vez na berlinda? — disse Nathan, que viera juntar-se ao grupo. — Eu julgava-o no Angoumois para todo o sempre. Teria ele descoberto algum segredo contra os “cadáveres”?

— Fez uma coisa que tu não farás tão cedo — respondeu Rastignac —; pagou tudo o que devia.

O mascarado gordo acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— Um homem que cria juízo apesar de tão novo é porque perdeu completamente o juízo; perde a audácia e torna-se capitalista — volveu Nathan.

— Qual! Aquele há de ser sempre grande senhor e ter sempre em si uma elevação de ideias que o coloque acima de muitos homens presumidamente superiores — respondeu Rastignac.

Nesse momento, jornalistas, dândis, ociosos, todos examinavam, como alquiladores examinam um cavalo à venda, o delicioso objeto da sua aposta. Aqueles juizes encanecidos no conhecimento das depravações parisienses, todos de um espírito superior e, cada um na sua esfera, igualmente corrompidos, igualmente corruptores, todos votados a ambições desenfreadas, habituados a tudo supor e a adivinhar tudo, tinham os olhos ardentemente fitos numa mulher mascarada, que só eles podiam decifrar. Só eles e alguns

frequentadores do baile da Ópera podiam reconhecer, sob a comprida mortalha do dominó preto, debaixo do capuz e da gola que escondem completamente as mulheres, a redondeza das formas, as particularidades do andar e das maneiras, o movimento da cintura, o porte da cabeça, as coisas menos perceptíveis aos olhos vulgares e para eles mais fáceis de ver. Apesar desse invólucro informe, puderam reconhecer o mais comovente dos espetáculos, isto é, o que apresenta aos olhos uma mulher animada pelo verdadeiro amor. Fosse a Torpedo, a duquesa de Maufrigneuse ou a sra. de Sérisy, o último ou o primeiro degrau da escada social, aquela criatura era uma admirável criação, o relâmpago dos sonhos felizes. Aqueles rapazes velhos, ou velhos juvenis, tiveram uma sensação tão viva que invejaram a Luciano o privilégio sublime daquela metamorfose da mulher em deusa. A mascarada estava ali como se estivesse sozinha com Luciano; para aquela mulher não se encontravam ali dez mil pessoas nem uma atmosfera pesada e cheia de pó; ela se sentia debaixo da abóbada celeste dos Amores, como as madonas de Rafael debaixo de sua oval de ouro. Não sentia as cotoveladas; a chama do seu olhar partia dos dois orifícios da sua máscara e encontrava-se com os olhos de Luciano; finalmente o frêmito do seu corpo parecia ter por princípio o próprio movimento do seu amigo. Donde virá essa chama que brilha em torno de uma mulher enamorada, e que a assinala entre todas? Donde virá essa ligeireza de sílfide que parece transformar as leis da gravidade? Será porventura a alma que se evola? A felicidade terá virtudes físicas? A ingenuidade de uma virgem, as graças da infância traíam-se por baixo do dominó. Posto que separadas e andando, aquelas duas criaturas pareciam-se com esses grupos de Flora e Zéfiro, sabiamente enlaçadas pelos mais hábeis estatuarios, mas aquele era superior à escultura, a maior das artes; Luciano e o seu dominó faziam lembrar esses anjos que se ocupam de flores ou de aves, e que o pincel de Gian Bellini^[39] colocou sob as imagens da Virgem-Mãe; Luciano e aquela mulher pertenciam à Fantasia, que está acima da Arte como a causa está acima do efeito.

Quando aquela mulher, que tudo esquecia, chegou a um passo do grupo, Bixiou chamou alto: “Ester!”. A infeliz voltou logo a cabeça, como

quem ouve chamar pelo seu nome, reconheceu o malicioso sujeito e baixou a cabeça como um agonizante que exala o derradeiro alento. Ouviu-se uma grande gargalhada, e o grupo dispersou-se pelo meio da turba como um bando de arganazes assustados, que da beira de um caminho se recolhem às suas tocas. Só Rastignac não se afastou muito para não parecer que fugia aos olhares faiscantes de Luciano; e pôde ver duas dores igualmente profundas, apesar de veladas: em primeiro lugar a pobre rapariga como que assombrada do raio; depois o mascarado incompreensível, o único que ficou do grupo. Ester disse uma palavra ao ouvido de Luciano, sentindo vergarem-se-lhe os joelhos, e Luciano desapareceu com ela, amparando-a. Rastignac seguiu com a vista o par e ficou abismado nas suas reflexões.

— Donde lhe vem aquele nome de Torpedo? — disse-lhe uma voz cava que o penetrou até as entranhas, porque já não era disfarçada.

— Oh! É com efeito ele... ele, que ainda uma vez se evadiu... — disse Rastignac à parte.

— Cala-te ou esgano-te — respondeu o mascarado tomando outra voz.

— Estou satisfeito contigo; cumpriste tua palavra e tens portanto mais de um braço às tuas ordens. Sê doravante mudo como um túmulo; mas antes disso responde à minha pergunta.

— Pois bem! Aquela rapariga era tão atraente que seria capaz de entorpecer o próprio Napoleão, e alguém mais difícil de seduzir: tu! — respondeu Rastignac afastando-se.

— Um momento — disse o mascarado. — Vou mostrar-te que é impossível teres-me visto já em alguma parte.

O homem desmascarou-se, e Rastignac ficou um pouco hesitante, não encontrando nele coisa alguma da hedionda personagem que outrora conhecera na hospedaria Vauquer.

— O diabo tudo lhe deixou mudar, menos os olhos, que ninguém pode esquecer — disse-lhe ele.

A mão de ferro apertou-lhe o braço, recomendando-lhe um eterno silêncio.

Às três horas da manhã, Des Lupeaulx e Finot foram ainda encontrar o elegante Rastignac no mesmo sítio, encostado à coluna em que o

terrível mascarado o deixara. Rastignac tinha-se confessado a si próprio: fora padre e penitente, juiz e acusado. Deixou-se levar para almoçar, e quando voltou para casa ia completamente bêbado, mas taciturno.

IV — UMA PAISAGEM PARISIENSE

A Rue de Langlade, como as adjacentes, desonra o Palais-Royal e a Rue Rivoli. Essa parte de um dos mais brilhantes bairros de Paris conservará por muito tempo a nódoa dos montículos produzidos pelas imundícies da velha Paris e sobre as quais antigamente havia moinhos. Essas ruas estreitas, sombrias e lamacentas, onde se exercem indústrias pouco cuidadosas das aparências, tomam de noite uma fisionomia misteriosa e cheia de contrastes. Vindo dos pontos luminosos da Rue Saint-Honoré, da Rue Neuve-des-Petits-Champs e da Rue Richelieu, onde se acotovela uma multidão incessante, onde reluzem as obras-primas da indústria, da moda e das artes, todo homem que desconheça a Paris noturna ficaria aterrado e triste ao cair no labirinto de vielas que rodeiam aquele clarão refletido no céu. Às torrentes do gás sucede uma sombra espessa. De longe a longe, algum pálido lampião lança a sua luz incerta e fumosa que nem sequer alumia a certos becos escuros. Os transeuntes, que são raros, caminham depressa. Lojas fechadas; as que estão ainda abertas têm má aparência; alguma taverna suja e sem luz, ou alguma loja onde se vende água-de-colônia. Um frio insalubre estende sobre nossos ombros seu manto úmido. Passam poucas carruagens. Há recantos sinistros, entre os quais se distingue a Rue de Langlade, a saída do beco Saint-Guillaume, e alguns cotovelos de rua. A Câmara Municipal ainda não pode lavar aquela sentina, porque de há muito a prostituição estabeleceu ali o seu quartel-general. É talvez uma fortuna para o mundo parisiense deixar àqueles becos o seu aspecto sórdido. Quem por ali passa durante o dia não pode imaginar o que todas aquelas ruas são à noite; por elas passeiam criaturas estranhas que não pertencem a nenhuma esfera; formas seminuas e brancas enfeitam as paredes; a sombra é animada. Entre a parede e os transeuntes insinuam-se *toilettes* que andam e falam. Certas portas entreabertas riem às gargalhadas. Chegam aos ouvidos palavras dessas

que Rabelais afirma andarem geladas e que se derretem. Ouvem-se cantigas. O ruído não é vago, alguma coisa significa; quando é rouco, é uma voz; mas, apesar de parecido com um canto, nada tem de humano, aproxima-se do silvo. Às vezes ouve-se um assobio. Enfim o bater dos tacões tem um não sei que de provocante e zombeteiro. Este conjunto de coisas dá vertigem. As condições atmosféricas ali são anormais: no inverno faz calor, frio no verão. Mas, seja qual for o tempo, aquela natureza estranha oferece sempre o mesmo espetáculo; está ali o mundo fantástico de Hoffmann, o Berlinense.^[40] O sujeito mais positivo, mais matemático, não encontra ali nada de real depois de tornar a passar os estreitos que conduzem às ruas honestas onde há transeuntes, lojas e candeeiros. Mais desdenhosas ou mais envergonhadas que as rainhas e os reis de outrora, que não receram ocupar-se das cortesãs, a administração ou a política moderna não se atrevem a encarar de frente esta chaga das capitais. É certo que as medidas devem mudar com os tempos, e que são melindrosas aquelas que dizem respeito aos indivíduos e sua liberdade; mas talvez devesse haver mais audácia e mais largueza nas combinações puramente materiais, como o ar, a luz, as ruas. O moralista, o artista e o administrador judicioso hão de ter saudade das antigas Galerias de Madeira do Palais-Royal, onde se confinavam essas ovelhas que hão de encaminhar-se sempre para onde os transeuntes se encaminharem; e não será melhor que os transeuntes vão para o lugar onde elas se acham? Que sucedeu? Hoje as partes mais brilhantes dos bulevares, esse passeio encantado, são à noite vedadas às famílias. A polícia não soube aproveitar os recursos que, sob esse ponto de vista, certas passagens oferecem, para salvar a via pública.

A rapariga ofendida no baile da Ópera morava, havia um ou dois meses, na Rue de Langlade, numa casa de aparência ignóbil. Encostada a um prédio imenso, essa construção, mal caiada, sem profundidade e de uma altura prodigiosa, recebe luz da rua, e dá ideia de um poleiro de papagaio. Em cada andar há uma habitação de dois compartimentos. A casa é servida por uma escadaria estreita, achatada de encontro à parede e singularmente iluminada por uns caixilhos que desenham exteriormente o corrimão, e onde cada andar é indicado por um cano de

pia, uma das mais horríveis particularidades de Paris. A loja e a sobreloja pertenciam então a um funileiro; o senhorio morava no primeiro andar; os outros quatro andares eram ocupados por *grisettes*^[41] muito decentes que obtinham do senhorio e da porteira suas condescendências, explicáveis pela dificuldade de arrendar uma casa tão extravagantemente construída e situada. O destino do bairro explica-se pela existência de uma grande porção de casas semelhantes a esta, que o comércio não quer, e que só podem ser exploradas por indústrias inconfessáveis, precárias ou sem dignidade.

V — UM INTERIOR TÃO CONHECIDO DE UNS QUANTO DESCONHECIDO DE OUTROS

Às três horas da tarde, a porteira, que tinha visto a srta. Ester entrar em casa às duas da madrugada, quase desfalecida, levada até ali por um jovem, acabava de conferenciar com a *grisette* do andar superior, a qual, antes de meter-se num carro para ir a uma diversão qualquer, lhe transmitira sua inquietação a respeito de Ester, pois não percebia sinal de vida no quarto desta. Com certeza a rapariga ainda estava dormindo, mas um sono assim era suspeito. Sozinha no seu cubículo, a porteira lamentava não poder ir averiguar o que se passava no quarto andar, onde ficava o aposento de Ester. No momento em que se decidia a confiar ao filho do funileiro o seu posto, espécie de nicho praticado numa reentrância da parede, na sobreloja, um fiacre parou à porta. Um homem envolvido numa capa até os pés, com intenção evidente de ocultar o traje ou a qualidade, apeou-se e perguntou por Ester. A porteira então tranquilizou-se completamente; o silêncio e o sossego da reclusa pareceram-lhe perfeitamente explicados. Quando o visitante subia os degraus, a porteira notou as fivelas de prata que lhe adornavam os sapatos e julgou enxergar a franja de um cinto de sotaina. A porteira desceu à rua e interrogou o cocheiro, que respondeu sem falar; e a mulher compreendeu ainda. O padre bateu, não obteve resposta, ouviu uns ligeiros suspiros e forçou a porta de um encontrão, com um vigor que sem dúvida lhe dava a caridade, mas que em qualquer outro só podia ser devido ao hábito. Correu ao compartimento interior e viu, diante de uma Nossa Senhora de gesso pintado, a pobre Ester

ajoelhada, ou antes caída sobre si mesma, com as mãos postas. A pobre rapariga estava a expirar.

Um fogareiro de carvão consumido contava a história daquela terrível manhã. O capuz e o mantelete do dominó estavam no chão, caídos. A cama achava-se intata. A pobre criatura, mortamente ferida no coração, sem dúvida preparara tudo ao voltar da Ópera. Um pavio de vela, coalhado na arandela do castiçal, explicava quanto Ester se havia deixado absorver pelas suas últimas reflexões. Um lenço ensopado em lágrimas provava a sinceridade daquele desespero de Madalena, cuja atitude clássica era a da cortesã irreligiosa. Aquele arrependimento absoluto fez o padre sorrir. Inábil para morrer, Ester deixara a porta aberta sem calcular que a atmosfera dos dois compartimentos exigia maior quantidade de carvão para se tornar irrespirável; o vapor a tinha apenas atordoado; o ar fresco da escada restituiu-a gradualmente ao sentimento de seus males. O padre ficou em pé, absorto numa meditação sombria, sem se comover com a divina beleza daquela rapariga, examinando os seus primeiros movimentos como se se tratasse de algum animal. Seus olhos iam daquele corpo sucumbido a objetos indiferentes, com aparente indiferença. Analisou a mobília do quarto, cujo pavimento de tijolos encarnados, lavados e frios era mal dissimulado por um pobre tapete já mui gasto. Um catre de madeira pintada, antigo, coberto de cortinados de chita amarela com florões encarnados; uma poltrona e duas cadeiras, também de madeira pintada e cobertas do mesmo riscado de que eram feitas as cortinas da janela; um papel escuro com florezinhas enegrecido pelo tempo e encardido; uma banca de mogno; a pedra do fogão, carregada de utensílios de cozinha da espécie mais vil; duas achas de lenha queimadas pela metade; uma prateleira em que havia miçangas misturadas com joias e tesouras; um novelo sujo, um par de luvas brancas e perfumadas, um bonito chapéu sobre o pote da água, um xale de Ternaux^[42] que tapava a janela, um vestido elegante suspenso por um prego, um pequeno canapé, descarnado, sem almofadas; uns socos ignóbeis, partidos, e uns sapatinhos de fazerem inveja a uma rainha; pratos de porcelana comum, desbeijados, onde se viam os restos da última comida, e cheios de talheres pobres; um cesto cheio de batatas e de roupa para lavar, com

uma fresca touquinha de gaze por cima; um triste guarda-vestidos de espelho, aberto e vazio, em cujas prateleiras se viam cautelas de casa de penhores: tal era o conjunto das coisas lúgubres e alegres, miseráveis e ricas, que davam na vista. Tais vestígios de luxo entre cacos, uma casa tão bem apropriada à vida boêmia daquela rapariga abatida nas suas roupas em desalinho, como um cavalo que morre com os seus arreios, debaixo dos varais despedaçados, enrodilhado nas rédeas, um espetáculo tão estranho daria que pensar ao padre? Diria ele consigo que ao menos aquela criatura louca havia de ser desinteressada para assim ligar a sua pobreza ao amor de um rapaz rico? Atribuiria ele a desordem da mobília à desordem da vida? Sentiria piedade, horror? Comovia-se porventura a sua caridade? Quem o visse de braços cruzados, fronte pensativa, lábios franzidos, olhar ríspido havia de julgá-lo preocupado com sentimentos sombrios, odientos, com reflexões que se contrariavam, com projetos sinistros. Era por certo insensível às lindas redondezas de um seio quase esmagado sob o peso do busto dobrado e às formas deliciosas da Vênus acocorada que se adivinhavam sob o escuro da saia, tão sucumbida debaixo de si mesma estava a moribunda; o abandono da cabeça, que, vista por trás, oferecia ao olhar a nuca branca, mole e flexível e as belas espáduas de uma natureza audazmente desenvolvida, não o alvoroçava; ele não levantava Ester; parecia não ouvir os arrancos dilacerantes pelos quais se traía o retorno à vida; foram necessários um suspiro espantoso e o olhar consternador que a rapariga lhe deitou para que ele se dignasse erguê-la e colocá-la na cama com uma facilidade que denunciava uma força prodigiosa.

— Luciano! — murmurou ela.

— Se o amor volta, é que a mulher não está longe — disse o padre com certa acrimônia.

A vítima das depravações parisienses viu então o traje do seu salvador, e disse, com o sorriso da criança que põe a mão sobre uma coisa desejada:

— Então não morrerei sem me reconciliar com o céu!

— Poderá expiar suas faltas — disse o padre molhando-lhe a testa com água e fazendo-a cheirar uma galheta de vinagre que achou num

canto.

— Sinto que a vida, em vez de me deixar, aflui em mim — disse ela depois de receber os cuidados do padre e exprimindo-lhe sua gratidão por gestos cheios de naturalidade.

Essa pantomima atraente, que as próprias Graças teriam empregado para seduzir, justificava plenamente o apelido da estranha rapariga.

— Sente-se melhor? — perguntou o eclesiástico dando-lhe a beber um copo d'água com açúcar.

O homem parecia achar-se familiarizado com aquelas casas singulares. Conhecia-as como a sua mão. Estava ali como no seu lar. Esse privilégio de estar em toda a parte como em sua casa só pertence aos reis, às meretrizes e aos ladrões.

VI — A CONFISSÃO DE UMA RATINHA^[43]

— Quando se sentir completamente boa — tornou o singular sacerdote após uma pausa —, vai dizer-me as razões que a levaram a cometer o seu último crime, esse suicídio começado.

— A minha história é bem simples — respondeu ela. — Ainda há três meses, vivia eu na desordem em que nasci. Era a última e mais infame das criaturas, agora sou apenas a mais infeliz. Permita-me silenciar sobre minha pobre mãe, que morreu assassinada...

— Por um capitão, numa casa suspeita — disse o padre interrompendo sua penitente. — Eu conheço sua origem, e sei que, se pode haver desculpa para uma pessoa do seu sexo em levar uma vida tão vergonhosa, essa pessoa é você, que jamais teve diante de si bons exemplos.

— Pobre de mim! Eu não fui batizada nem recebi os ensinamentos de nenhuma religião.

— Tudo pode ter remédio — tornou o padre —, contanto que o seu arrependimento seja sincero e sem reservas.

— Luciano e Deus encham meu coração — disse ela com uma ingenuidade comovente.

— Era melhor dizer Deus e Luciano — replicou o padre sorrindo. — Suas palavras me fazem lembrar o objeto da minha visita. Não omita coisa alguma que diga respeito a esse rapaz.

— Vem por ele? — perguntou Ester com uma expressão de amor que comoveria qualquer outro padre. — Ah, ele desconfiou que eu o faria!

— Não — voltou o padre —, não é a sua morte mas a sua vida que nos inquieta. Vamos, explique-me suas relações com ele.

— Numa palavra — disse ela.

A pobre rapariga tremia diante do tom brusco do eclesiástico, mas como mulher que já nenhuma brutalidade surpreendia.

— Luciano é Luciano — continuou Ester —, o mais belo rapaz e a melhor das criaturas; se o senhor o conhece, há de achar bem natural o meu amor. Encontrei-o por acaso, há três meses, no teatro da Porte Saint-Martin, aonde eu tinha ido num dia de saída, pois tínhamos um dia por semana na casa da sra. Meynardie,^[44] onde eu estava. No dia seguinte, como deve compreender, fugi de lá. O amor tinha entrado no meu coração e a tal ponto me transformara que, ao tornar do teatro, eu própria não me reconhecia mais: tinha horror de mim. Nunca Luciano soube disso. Em vez de lhe dizer onde estava, dei-lhe o endereço destes aposentos onde então morava uma de minhas amigas, que teve a bondade de mos ceder. Dou-lhe a minha palavra de honra...

— Não se deve jurar.

— Então dar a palavra de honra é jurar? Bem. Desde esse dia tenho trabalhado neste quarto, como uma negra, fazendo camisas a vinte e oito *sous* para viver honestamente. Durante um mês, vivi apenas de batatas a fim de me conservar digna de Luciano, que me ama e respeita como a mais virtuosa das virtuosas. Fiz a minha declaração em forma à polícia para recuperar os meus direitos e estou submetida a dois anos de vigilância. Aqueles que tão fáceis são em inscrever uma pessoa nos registros de infâmia tornam-se de uma excessiva dificuldade para a riscar deles. Eu só pedia ao céu que protegesse a minha resolução. Faço dezenove anos em abril; é idade em que ainda há algum remédio. A mim até parece que só nasci há três meses... Rezava a Nosso Senhor todas as manhãs pedindo-Lhe não permitisse que jamais Luciano viesse a conhecer minha vida anterior. Comprei esta Nossa Senhora que o senhor vê; e rezava-Lhe a meu modo porque não sei orações, não sei ler nem escrever, nunca entrei numa igreja, nunca vi Nosso Senhor a não ser nas procissões, por curiosidade.

— Mas então que é que diz à Virgem?

— Falo-Lhe como a Luciano, com transportes d'alma que o fazem chorar.

— Ah! Ele chora?

— De alegria — disse Ester vivamente. — Coitadinho! Damo-nos tão bem que é como se tivéssemos os dois uma alma só. Ele é tão bom, tão meigo, tão doce de coração, de espírito, de maneiras!... Diz que é poeta; eu digo que ele é Deus... Perdão, mas vós, padres, não sabeis o que é o amor! E depois não há como nós para conhecermos bem os homens e apreciarmos um Luciano. Um Luciano, repare bem, é tão raro como uma mulher sem pecado; quando se encontra algum, é impossível deixar de amá-lo. Mas para uma criatura assim é indispensável outra criatura que se lhe iguale. Por isso eu queria ser digna de ser amada pelo meu Luciano. Daí veio a minha desgraça. Ontem, na Ópera, fui reconhecida por uns rapazes que têm tanto coração como os tigres têm piedade; e ainda assim eu antes preferiria entender-me com um tigre. Caiu o véu de inocência que eu trazia; as risadas daquela gente despedaçaram-me a cabeça e o coração. Não julgue o senhor que me salvou; eu vou morrer de desgosto.

— Véu de inocência?... — disse o padre. — Então tratou Luciano com o máximo rigor, não é assim?

— Ah, meu padre! Como é que o senhor, conhecendo-o, me faz semelhante pergunta? — respondeu ela com um sorriso soberbo. — A um Deus não se resiste.

— Não blasfeme — disse o eclesiástico em tom brando. — Ninguém pode assemelhar-se a Deus. Fica mal a exageração ao verdadeiro amor; você não tinha pelo seu ídolo um amor puro e verdadeiro. Se tivesse sofrido a mudança que diz, teria adquirido as virtudes que são o apanágio da adolescência, teria conhecido as delícias da castidade, as delicadezas do pudor, essas duas glórias da donzela. Você não ama.

Ester fez um gesto de assombro que o padre viu, mas que não abalou a impassibilidade de semelhante confessor.

— Sim; você o ama por si, e não por ele; pelos prazeres temporais que a encantam, e não pelo amor em si mesmo; se você se houvesse apoderado dele assim, não teria esse tremor sagrado que uma criatura

sobre a qual Deus pôs o cunho das mais adoráveis perfeições inspira. Ter-se-á você lembrado de que o ia degradar com a sua impureza passada, que ia corromper uma criança com essas espantosas delícias que mereceram a você a alcunha que tem, gloriosa de infâmia? Você foi inconsequente consigo mesma e com a sua paixão de um dia...

— De um dia! — repetiu ela, erguendo os olhos.

— Que nome dar a um amor que não é eterno, que não nos une, até o futuro do cristão, àquele que amamos?

— Ah, eu quero ser católica! — exclamou Ester num tom surdo e violento que bastaria para lhe obter a graça do Salvador.

— Acaso uma rapariga que não recebeu o batismo da Igreja nem o da ciência, que não sabe ler nem escrever nem rezar, que não pode dar um passo sem que as pedras das ruas se levantem para a acusar, notável apenas pelo fugitivo privilégio de uma formosura que a doença amanhã apagará talvez; acaso essa criatura envilecida, degradada, e que conhecia sua degradação (sendo ignorante e menos amante, você teria sido desculpável...), acaso a presa futura do suicídio e do inferno podia ser a mulher de Luciano de Rubempré?

Cada frase era uma punhalada que lhe entrava até o íntimo do coração. A cada frase, os soluços crescentes, as lágrimas abundantes da consternada rapariga atestavam a força com que a luz penetrava simultaneamente na sua inteligência pura como a de um selvagem, na sua alma enfim desperta, na sua natureza em que a depravação lançara uma camada de gelo lamacento, que então se derretia ao sol da fé.

— Ah, por que não morri? — era a única ideia que ela exprimia no meio das torrentes de ideias que se atropelavam no seu cérebro, devastando-o.

— Minha filha — disse o terrível juiz —, há um amor que não se confessa perante os homens, e cujas confidências são recebidas com sorrisos de felicidade pelos anjos.

— Qual?

— O amor sem esperança quando inspira a vida, quando introduz nela o princípio das dedicações, quando enobrece todos os atos com o pensamento de atingir uma perfeição ideal. Os anjos aprovam esse amor, porque ele leva ao conhecimento de Deus. Aperfeiçoar-se

constantemente para vir a ser digno daquele a quem se ama, fazer-lhe mil sacrifícios secretos, adorá-lo de longe, dar seu sangue gota a gota, imolar-lhe seu amor-próprio, não ter mais nem orgulho nem cólera com ele, ocultar-lhe até mesmo o conhecimento dos ciúmes atrozes que ele acende no coração, dar-lhe tudo o que ele deseja, até com detrimento nosso, amar o que ele ama, ter sempre os olhos nele para segui-lo sem que ele o saiba; um amor assim a religião perdoaria, porque não ofenderia nem as leis humanas nem as leis divinas, e porque conduziria a um caminho bem diverso do das suas sórdidas volúpias.

Ouvindo aquela horrível sentença expressa por uma palavra (e que palavra! e de que entoação foi acompanhada!), Ester caiu numa desconfiança bem legítima. Essa palavra foi como um trovão que anuncia uma tempestade prestes a desabar. A pobrezinha olhou para o padre, e o homem sentiu essa ânsia de entranhas que subjuga ainda o mais destemido em face de um perigo iminente e súbito. Nenhum olhar poderia ler o que então se passava naquele homem; todavia, para os mais afoitos haveria mais a tremer que a esperar do aspecto de seus olhos, outrora claros e amarelos como os dos tigres, e sobre os quais as austeridades e as privações tinham colocado um véu semelhante ao que se encontra nos horizontes no meio da canícula: a terra é quente e luminosa, mas o nevoeiro torna-a indistinta, vaporosa, quase invisível. Uma gravidade inteiramente espanhola, umas rugas profundas que as mil cicatrizes de umas horríveis bexigas tornavam hediondas e semelhantes a rodeiras recortadas em vários sentidos sulcavam seu rosto cor de azeitona e recozido do sol. A dureza dessa fisionomia ainda mais sobressaía por causa da ressequida cabeleira do padre, que já não se importava com sua pessoa, uma cabeleira pelada que, na claridade, era de um preto tirante a vermelho. Seu busto de atleta, suas mãos de velho soldado, a largura dos ombros, as fortes espáduas pertenciam a essas cariátides que os arquitetos da Idade Média empregaram em alguns palácios italianos, e que lembram vagamente as da fachada do teatro da Porte Saint-Martin. As pessoas menos perspicazes haviam de pensar que as mais cálidas paixões ou acidentes pouco comuns tinham lançado aquele homem no seio da Igreja; por certo só os raios mais formidáveis poderiam mudá-lo, se é que semelhante natureza era

suscetível de mudança.

VII – O QUE SÃO AS CORTESÃS

As mulheres que têm levado a vida agora tão violentamente repudiada por Ester chegam a uma indiferença absoluta sobre as formas exteriores do homem. Elas se parecem com o crítico literário de hoje, que, sob certos aspectos, pode ser-lhes comparado, e que chega a uma profunda indiferença por fórmulas de arte: tem lido tantas obras, tem visto tantas passar de moda, tem-se acostumado tanto às páginas escritas, tem sofrido tantos desenlaces, visto tantos dramas, feito tantos artigos sem dizer o seu pensamento, traindo tantas vezes a causa da arte em benefício de suas amizades ou inimizades, que acaba enojado de tudo e apesar disso continua a julgar. É preciso um milagre para que esse escritor produza uma obra, da mesma forma que o amor puro e nobre exige outro milagre para desabrochar no coração duma cortesã. O tom e as maneiras daquele padre, que parecia ter-se despedido de uma tela de Zurbarán,^[45] se afiguraram tão hostis à pobre rapariga, a quem a forma pouco importava, que ela se julgou antes figura necessária de um plano do que objeto de uma solicitude. Sem poder distinguir entre a hipócrita amabilidade do interesse pessoal e a união da caridade, pois é necessário estar de sobreaviso para distinguir a moeda falsa que um amigo dá, ela sentiu-se como entre as garras de uma ave monstruosa e feroz, que sobre ela caía depois de se ter librado muito tempo nos ares, e, no seu terror, disse com voz de susto estas palavras:

— Eu julgava que os padres eram encarregados de nos consolar, no entanto o senhor me assassina!

A este grito da inocência, o clérigo deixou escapar um gesto e fez uma pausa. Concentrou-se antes de responder. Durante essa breve pausa, aquelas duas pessoas reunidas de uma maneira tão estranha examinaram-se furtivamente. O padre compreendeu a rapariga, mas a rapariga não pôde compreender o padre. Ele sem dúvida renunciou a algum intento que ameaçava a pobre Ester, e voltou às suas primeiras ideias.

— Nós somos os médicos das almas — disse ele com voz branda — e sabemos os remédios que convêm às suas enfermidades.

— É necessário perdoar muito à miséria — disse Ester.

E, julgando ter-se enganado, saltou da cama, prostrou-se aos pés daquele homem, beijou-lhe a batina com profunda humildade e ergueu para ele os olhos rasos de água.

— Eu pensava ter feito muito — acrescentou ela.

— Escute, minha filha; a sua fatal reputação consternou a família de Luciano; receia-se, e com justos motivos, que você o arraste à dissipação, a um mundo de loucuras...

— É verdade, fui eu que o fiz ir ao baile para o intrigar.

— Você é bela bastante para que ele queira triunfar na sua pessoa aos olhos do mundo, mostrá-la com orgulho e fazer de você uma espécie de animal de luxo. Ainda se ele só gastasse o seu dinheiro!... Mas desperdiçará seu tempo e sua força, perderá o amor aos brilhantes destinos que o aguardam. Em vez de ser um dia embaixador, rico, admirado, glorioso, será apenas, como tantos libertinos que têm afogado o talento na lama de Paris, o amante de uma mulher impura. Quanto a você, voltaria mais tarde à sua primeira vida, depois de subir por um momento à esfera da elegância, porque você não possui em si essa força que uma boa educação dá para resistir ao vício e pensar no futuro. Você não romperia com as suas antigas companheiras assim como não rompeu com os rapazes que esta madrugada a envergonharam no baile da Ópera. Os verdadeiros amigos de Luciano, alarmados com o amor que você lhe inspira, seguiram os passos dele e souberam tudo. Assustados, enviaram-me aqui para sondar as suas disposições e decidir a sua sorte; mas, com todo o poderio de que dispõem para remover do caminho desse jovem um tropeço, eles são misericordiosos. Saiba, minha filha, que uma pessoa amada de Luciano tem direito à consideração desses amigos, do mesmo modo que um verdadeiro cristão adora a lama onde por acaso resplandece a luz divina. Eu vim como órgão de um pensamento benfazejo; se eu, porém, a encontrasse inteiramente pervertida, descarada, astuciosa, corrompida até a medula, surda à voz do arrependimento, haveria de abandoná-la à cólera dos meus constituintes. Essa reabilitação civil e política, tão difícil de obter, que a polícia faz bem em retardar para o bem da própria sociedade, e que eu a ouvi desejar com o ardor dos

verdadeiros arrependimentos, ei-la — disse o padre tirando da faixa um papel de modelo administrativo. — Você foi vista ontem, este documento é datado de hoje: já vê quanto são poderosas as pessoas a quem Luciano interessa.

Ao ver o papel, as tremuras convulsivas de uma felicidade inesperada agitaram tão ingenuamente Ester que se lhe estampou nos lábios um sorriso fixo, semelhante ao dos insensatos. O padre se deteve a contemplar aquela criança para ver se, privada da tremenda força que os corruptos tiram da própria corrupção, e retornando à sua frágil e delicada natureza primitiva, ela resistiria a tantas impressões. Se fosse uma cortesã vulgar, Ester teria representado o respectivo papel; mas, voltando a ser inocente e verdadeira, podia morrer, como pode tornar a cegar um cego operado que se sente ferido por uma luz demasiadamente viva. Aquele homem viu pois, em tal momento, a natureza humana a fundo, mas permaneceu horrendamente calmo: era como um monte frio, gélido e próximo do céu, inalterável e carrancudo, de encostas de granito, e contudo benfazejo. As decaídas são criaturas essencialmente versáteis que passam, sem motivo, da confiança mais exagerada a uma confiança absoluta. Sob esse aspecto, estão abaixo do bruto. Extremas em tudo, nas alegrias, nos desesperos, na religião, na irreligião, quase todas enlouqueceriam se não as dizimasse a mortalidade que lhes é peculiar, e se acasos felizes não elevassem algumas dentre elas acima da lama em que vivem. Para penetrar até o fundo das misérias dessa vida horrível, seria necessário ver até que ponto de loucura pode uma mulher chegar sem enlouquecer, admirando o violento êxtase da Torpedo aos pés do padre. A pobre rapariga olhava para aquele papel libertador com uma expressão que Dante esqueceu, e que sobrepujava as invenções do seu Inferno. Mas a reação veio com as lágrimas. Ester ergueu-se, lançou os braços ao redor do pescoço do sacerdote, pendeu a cabeça sobre seu peito, aí derramou lágrimas, beijou o rude estofado que cobria aquele coração de aço, como se quisesse penetrar nele. Apoderou-se daquele homem, cobriu-lhe as mãos de ósculos; empregou, numa santa efusão de reconhecimento, as meiguices dos seus afagos, chamou-o com os nomes mais doces, e em frases verdadeiramente melífluas rogou-lhe mil e mil vezes lhe desse o

documento, usando de cada vez uma entonação diferente; envolveu-o nas suas ternuras, envolveu-o com seu olhar numa rapidez que o colheu sem defesa; finalmente, acabou por entorpecer sua cólera. O padre percebeu quanto aquela rapariga tinha merecido a sua alcunha; compreendeu como era difícil resistir a tão encantadora criatura; adivinhou de repente o amor de Luciano e o que devia ter seduzido o poeta. Uma paixão assim esconde, entre mil atrativos, um anzol que fiska sobretudo a alma elevada dos artistas. Inexplicáveis para a multidão, essas paixões são perfeitamente explicadas por essa sede do belo ideal que distingue os entes criadores. Purificar um ser assim é criar, é parecer-se um pouco com os anjos encarregados de levar os culpados a melhores sentimentos.

Que encanto estabelecer a concórdia entre a beleza moral e a beleza física! Que prazer para o orgulho quando se consegue isso! Que bela tarefa aquela que tem como instrumento único o amor! Essas alianças, de resto ilustradas pelo exemplo de Aristóteles, de Sócrates, de Platão, de Alcibíades, de Cétego,^[46] de Pompeu, e tão monstruosas aos olhos do vulgo, são fundadas no sentimento que levou Luís XIV a construir Versailles, e que lança os homens em todas as empresas ruinosas: converter os miasmas de um pântano num monte de perfumes rodeado de águas-vivas; colocar um lago sobre uma colina, como fez o príncipe de Conti em Nointel, ou as vistas da Suíça em Cassan, como o intendente geral Bergeret. É enfim a arte fazendo irrupção na moral.

O sacerdote, envergonhado de ter cedido àquela ternura, repeliu vivamente Ester, que se assentou também envergonhada, pois ele lhe disse:

— Sempre cortesã!

E friamente tornou a meter o documento na faixa. Como uma criança que só tem um desejo na cabeça, Ester não cessava de olhar para o ponto do cinto onde o papel estava.

VIII — A RATINHA TORNA-SE UMA MADALENA

— Minha filha — continuou o padre após uma pausa —, sua mãe era judia, e você não foi batizada, mas tampouco foi levada à sinagoga; você está pois no limbo religioso em que se encontram as criancinhas...

— As criancinhas! — repetiu ela com voz enternecida.

— ... assim como nos registros da polícia é você um simples número, estranho aos entes sociais — continuou o padre impassível. — Se o amor, visto de fugida, lhe fez crer, há três meses, que só então nascera, você deve sentir que, de hoje em diante, está você realmente na infância. Proceda portanto como se fosse uma criança; mude inteiramente, que eu me encarrego de torná-la outra. Deve primeiro esquecer Luciano.

Ouvindo estas palavras, a pobre rapariga ficou consternada; levantou os olhos para o padre e fez-lhe um sinal de recusa; mostrou-se incapaz de falar, porque enxergava ainda no salvador o carrasco.

— Pelo menos renuncie a vê-lo — prosseguiu ele. — Eu levo-a para uma casa religiosa onde as moças das melhores famílias recebem educação; ali você se fará católica, instruir-se-á na prática dos exercícios cristãos, aprenderá a religião; poderá sair de lá uma jovem perfeita, casta, pura, bem-educada, se...

O homem ergueu o dedo e fez uma pausa.

— Se — concluiu ele — tiver coragem para deixar aqui a Torpedo.

— Ah! — exclamou a pobre criança para quem cada palavra fora como a nota de uma música ao som da qual se fossem lentamente abrindo as portas do paraíso. — Ah! Se me fosse possível derramar aqui todo o meu sangue e adquirir outro...

— Escute-me.

Ela calou-se.

— O seu futuro depende da força do seu esquecimento. Pense na extensão das suas obrigações: uma palavra, um gesto que denunciasses a Torpedo matariam a mulher de Luciano; uma palavra dita em sonho, um pensamento involuntário, um olhar imodesto, um ímpeto de impaciência, uma reminiscência de desregramento, uma omissão, um aceno de cabeça que revelasse o que você sabe ou o que por seu mal se soube...

— Continue, continue, meu padre — disse a mundana numa exaltação de santa. — Andar com sapatos de ferro em brasa e sorrir, viver vestida com um espartilho armado de puas de ferro e conservar a graça de uma bailarina, comer pão polvilhado de cinza, beber fel, tudo

será doce e fácil!

Tornou a cair de joelhos e beijou os sapatos do padre, debulhou-se em lágrimas, abraçou-se-lhe às pernas, murmurando palavras insensatas no meio do pranto que lhe causava a alegria. Os seus formosos cabelos loiros desprenderam-se, formando como que um tapete sob os pés daquele mensageiro celeste, que ela, ao erguer-se, viu sombrio e duro.

— Em que o ofendi? — perguntou Ester muito assustada. — Ouvi falar de uma mulher como eu que lavou com perfumes os pés de Cristo. Ai de mim! Fez-me a virtude tão pobre que só tenho as minhas lágrimas para oferecer ao senhor.

— Parece que não me ouviu — disse ele em tom cruel. — Digo-lhe que é preciso você poder sair da casa para onde eu a conduzirei tão mudada no físico e no moral que nenhum daqueles ou daquelas que a conheceram possa chamá-la pelo seu nome de Ester e fazer-lhe voltar a cabeça. Ontem o amor não lhe tinha dado força bastante para enterrar a mundana de tal modo que ela nunca mais tornasse a aparecer; ela ainda reaparece numa adoração que só a Deus convém.

— Não foi ele quem o mandou aqui? — perguntou Ester.

— Se Luciano a visse durante o tempo da sua educação, estaria tudo perdido — tornou ele. — Pense bem nisso.

— E quem o consolará? — indagou a jovem.

— De que é que você o consolava? — perguntou o padre num tom em que, pela primeira vez naquela cena, havia um tremor nervoso.

— Não sei, mas ele anda triste muitas vezes.

— Triste? — voltou o padre. — E disse-lhe por quê?

— Nunca — respondeu ela.

— Andava triste por amar uma mulher como você — exclamou o clérigo.

— Devia ser isso, sim — tornou Ester com profunda humildade —; eu sou a criatura mais desprezível do meu sexo, e não podia achar graça diante de seus olhos senão pela força do meu amor.

— Esse amor deve-lhe dar coragem para me obedecer cegamente. Se eu a conduzisse imediatamente à casa onde se irá realizar sua educação, todos aqui diriam a Luciano que você partiu hoje, domingo, com um

padre, e talvez ele compreendesse tudo. Daqui a oito dias, a porteira, vendo que não volto, toma-me pelo que eu não sou. De hoje a oito dias, portanto, às sete da tarde, você sai furtivamente e mete-se num fiacre que há de estar no fundo da Rue des Frondeurs. Durante estes oito dias evite Luciano, invente pretextos, dê ordem para o não deixarem entrar; e, quando ele vier, esconda-se em casa de alguma amiga; eu hei de saber se você fala com ele, e nesse caso está tudo acabado, nem sequer voltarei. Estes oito dias são-lhe necessários para você fazer um enxoval decente e perder o seu ar de prostituta — disse ele colocando uma bolsa sobre a pedra do fogão. — No seu ar, no seu traje, há esse não sei que tão conhecido dos parisienses que lhes revela o que você é. Nunca encontrou pelas ruas, pelos bulevares alguma menina modesta e virtuosa passeando em companhia de sua mãe?

— Oh! Sim, por meu mal. Ver uma mãe com sua filha é um dos nossos maiores suplícios e desperta os remorsos escondidos no íntimo dos nossos corações. Eu sei muito bem o que me falta.

— Então já sabe como quero vê-la no domingo próximo — disse o padre levantando-se.

— Oh! — disse ela. — Antes de partir ensine-me uma verdadeira oração, para eu poder rezar a Deus.

Era uma coisa comovente ver o padre ensinar à rapariga a ave-maria e o padre-nosso.

— Que lindo! — disse Ester, depois de repetir sem um erro as duas magníficas e populares expressões da fé católica. — Como se chama? — perguntou ela ao padre quando este se despedia.

— Carlos Herrera. Sou espanhol e proscrito.

Ester tomou-lhe a mão e beijou-a. Já não era uma cortesã; era um anjo levantando-se da sua queda.

IX – UM RETRATO QUE TICIANO GOSTARIA DE TER FEITO

Numa casa célebre pela educação aristocrática e religiosa que aí se ministra, em princípios de março desse ano, numa segunda-feira pela manhã, viram as colegiais aumentada a sua linda companhia com uma recém-chegada cuja beleza triunfou, sem contestação não somente das companheiras mas também das estranhas. Em França, é extremamente

raro, para não dizer impossível, encontrar as trinta famosas perfeições descritas em versos persas esculpidos, segundo se diz, no serralho, e que são necessárias a uma mulher para ser perfeitamente bela. Se, nesse país, o conjunto é fraco, há em compensação detalhes deliciosos. Quanto ao conjunto imponente que a estatuária procura interpretar, e que em algumas composições tem interpretado, como na Diana e na Vênus Calipígia,^[47] é privilégio da Grécia e da Ásia Menor. Ester provinha desse berço do gênero humano, pátria da beleza: sua mãe era judia. Os judeus, apesar de muitas vezes degradados pelo contato com outros povos, oferecem entre as suas numerosas tribos filões onde se tem conservado o tipo sublime das formosuras asiáticas. Quando não são de uma fealdade repugnante, apresentam o magnífico caráter das figuras armênias.

Ester ganharia o prêmio no harém porque possuía as trinta belezas harmoniosamente combinadas. Longe de ofender o requintado das formas, a frescura do corpo, sua vida extravagante lhe havia comunicado esse não sei que de feminino, que já não é o tecido liso e compacto dos frutos verdes nem é ainda o tom quente da maturação, mas que ainda é flor. Mais alguns dias de viver dissoluto, ela teria chegado à obesidade. Essa plethora de saúde, essa perfeição animal numa criatura para quem a volúpia era a preocupação dominante deve ser um fato importante aos olhos dos fisiologistas. Por uma circunstância rara, para não dizer impossível em mulheres muito jovens, suas mãos, de uma incomparável nobreza, eram moles, transparentes e brancas como as mãos de uma mulher que acaba de dar à luz o seu segundo filho. Ester tinha exatamente os pés e os cabelos tão justamente célebres da duquesa de Berry,^[48] cabelos que a mão de nenhum cabeleireiro era capaz de segurar, tão abundantes e compridos que, caindo no chão, formavam anéis, porque Ester possuía essa estatura mediana que permite transformar uma mulher numa espécie de brinquedo, pegar-lhe, largá-la, tornar a pegá-la e carregá-la sem fadiga. A pele, fina como papel da China e de uma cor quente de âmbar cortada de veias encarnadas, era luzidia sem secura, macia sem umidade. Excessivamente nervosa, mas delicada na aparência, Ester chamava logo a atenção por um traço notável nas figuras que o desenho

de Rafael mais artisticamente delineou, pois Rafael é o pintor que melhor estudou e interpretou a formosura judaica. Esse traço maravilhoso era produzido pela profundidade das órbitas em que os olhos giravam, como que soltos das suas molduras, e cuja curva lembrava pela nitidez a aresta de uma abóbada. Quando a mocidade reveste com suas tintas puras e diáfanas esse belo arco encimado de sobranceiras cujas raízes se perderam; quando a luz, insinuando-se por baixo dele, se mantém num tom róseo claro, há ali tesouros de ternura para contentar um amante, belezas capazes de desesperar um pintor. São o último esforço da natureza essas pregas luminosas em que a sombra toma tons dourados, esse tecido que tem a consistência de um nervo e a flexibilidade da mais delicada membrana. O globo ocular em repouso está ali como um ovo miraculoso sobre um leito de fios de seda. Mais tarde, porém, essa maravilha torna-se de uma horrível melancolia, quando as paixões enegreceram aqueles contornos tão delicados, quando as dores enrugaram aquela rede de fibrilhas. A origem de Ester traía-se nesse corte oriental dos seus olhos de pálpebras turcas, e cuja cor era um pardo de ardósia que contraía, à luz, o tom azul das asas negras do corvo. Só a excessiva ternura do seu olhar podia abrandar-lhe o brilho. Somente as raças vindas dos desertos possuem nos olhos o poder da fascinação sobre todos, porque uma mulher fascina sempre alguém. Sem dúvida os seus olhos conservam alguma coisa do infinito que contemplaram. Teria a natureza, na sua providência, armado suas retinas de algum tapete refletor, para lhes permitir aguentar a miragem das areias, as torrentes do sol e o ardente cobalto do éter? Ou tirarão os seres humanos, como os outros seres, alguma coisa dos meios em que se desenvolvem, conservando durante séculos as qualidades que desses meios tiram? Esta grande solução do problema das raças está talvez na própria questão em si. Os instintos são fatos vivos cuja causa reside numa necessidade sofrida. As variedades animais são o resultado do exercício desses instintos. Para nos convenceremos desta verdade tão procurada, basta que estendamos aos rebanhos de homens a observação recentemente feita sobre os rebanhos de carneiros espanhóis e ingleses que, nos prados de planícies onde a erva é abundante, pastam uns ao pé dos outros, e nas montanhas onde a erva

é rara se dispersam.^[49] Arranquem aos seus países essas duas espécies de carneiros, transportem-nas para a Suíça ou para a França: aí o carneiro da montanha há de pastar separado, apesar de se achar num prado baixo e denso; os carneiros da planície hão de pastar aí uns quase pegados aos outros, apesar de estarem numa montanha. Somente depois de algumas gerações se vão reformando os instintos adquiridos e transmitidos. A cem anos de distância, o espírito da montanha reaparece num cordeiro refratário, como nos olhos e na fisionomia de Ester brilhava o Oriente, ao cabo de mil e oitocentos anos de banimento. Esse olhar não exercia fascinação terrível; deitava um calor brando, enternecia sem espantar e fundia na sua chama as vontades mais duras. Ester tinha vencido o ódio, tinha aturdido os depravados de Paris; enfim esse olhar e a suavidade da sua pele macia tinham-lhe valido a terrível alcunha que acabava de fazê-la tomar a medida de sua tumba. Nela tudo estava em harmonia com os caracteres de fada das areias ardentes. Tinha a fronte firme e de um desenho altivo. O nariz, como o dos árabes, era fino de narinas ovais, bem situadas, arrebitadas nas bordas. A boca vermelha e fresca era uma rosa que nenhuma mácula estragava e onde as orgias não haviam deixado vestígios. O queixo, modelado como se algum escultor amoroso lhe houvesse modelado o contorno, tinha a alvura do leite. Apenas uma coisa que ela não pudera remediar traía a cortesã decaída: as unhas quebradas que só a poder de tempo poderiam recuperar uma forma elegante, tais os estragos que os cuidados caseiros lhes haviam causado.

As jovens colegiais principiaram por invejar aqueles milagres de formosura, mas acabaram por admirá-los. Antes de decorrida a primeira semana, elas se afeiçoaram à ingênua Ester, interessando-se pelos segretos infortúnios de uma moça de dezoito anos que não sabia ler nem escrever, para quem toda a ciência e toda a instrução era uma novidade, e que ia proporcionar ao arcebispo a glória da conversão de uma judia ao catolicismo, ao convento a festa do seu batismo. Perdoaram-lhe sua beleza quando se reconheceram superiores a ela pela educação. Ester adquiriu logo as maneiras, a doçura de voz, o porte e as atitudes daquelas meninas tão distintas; recuperou, enfim, sua primitiva natureza. A mudança foi tão completa que, na primeira visita,

o padre Herrera ficou surpreso, até ele a quem nenhuma coisa deste mundo parecia dever surpreender, e as superiores deram-lhe os parabéns pela sua pupila. Nunca essas mulheres tinham encontrado, na sua carreira de ensino, índole mais amável, doçura mais cristã, modéstia mais genuína, tamanho desejo de aprender. Quando uma rapariga sofreu os males que haviam acabrunhado a pobre colegial e aguarda uma recompensa como a que o espanhol oferecia a Ester, é difícil que ela não opere esses milagres dos primeiros dias da Igreja que os jesuítas renovaram no Paraguai.^[50]

— Ela é edificante — disse a superiora beijando-a na fronte.

Esta palavra, essencialmente católica, diz tudo.

X – UMA SAUDADE

Durante os recreios, Ester interrogava moderadamente as companheiras sobre as coisas mais simples do mundo, que para ela eram como os primeiros espantos da vida para uma criança. Quando soube que se vestiria de branco no dia do batismo e da primeira comunhão, que seria cingida de uma faixa de cetim branco, que usaria fitas brancas, sapatos brancos, luvas brancas, que teria no penteado laços brancos, desatou a chorar causando espanto às companheiras. Era o contrário da cena de Jefté^[51] na montanha. A cortesã teve medo de ser compreendida e agiu com essa horrível melancolia o júbilo que o espetáculo de antemão lhe estava causando. Como decerto vai tanta distância dos costumes que ela largava aos costumes que adquiria quanto a que vai do estado selvagem ao estado de civilizado, Ester tinha a graça, a profundidade e a ingenuidade que distinguem a maravilhosa heroína dos *Puritanos da América*.^[52] Tinha ela também, sem o saber, um amor a remorder-lhe o coração, um amor estranho, um desejo, mais violento nela que sabia tudo do que numa donzela que tudo ignora, embora esses dois desejos tivessem a mesma causa e o mesmo fim. Durante os primeiros meses, a novidade de uma vida de reclusa, as surpresas da instrução, os trabalhos que lhe ensinavam, as práticas da religião, o fervor de uma resolução santa, a doçura das afeições que inspirava, enfim o exercício das faculdades da inteligência despertada, tudo lhe serviu para comprimir suas recordações, até mesmo os

esforços da nova memória que estava formando, pois ela tinha tanto que desaprender como que aprender. Existem em nós muitas memórias; o corpo tem a sua, o espírito também tem; a nostalgia, por exemplo, é uma doença da memória física. Durante o terceiro mês, a violência dessa alma virgem, que a toda a força das asas demandava o paraíso, foi pois não domada, mas afrouxada por uma surda resistência cuja causa a própria Ester ignorava. Como os carneiros da Escócia, ela queria pastar à parte, e não podia vencer os instintos desenvolvidos pelos desregramentos. Acaso estariam chamando-a as ruas lamacentas da cidade que abandonara? As cadeias dos maus hábitos rompidos ainda a conservariam presa por elos esquecidos e ela ainda as sentiria como, segundo os médicos, os velhos soldados ainda sofrem nos membros que já não têm? Teriam os vícios e seus excessos penetrado tanto na sua medula que as águas santas ainda não alcançavam o demônio lá escondido? A vista daquele por quem se realizavam tantos esforços angélicos seria porventura necessária àquela a quem Deus devia perdoar por misturar o amor sagrado com o amor profano? Este tinha-a conduzido àquele. Processar-se-ia nela um deslocamento da força vital, trazendo consigo sofrimentos necessários? Tudo é dúvida e trevas numa situação que a ciência desdenhou examinar achando o assunto imoral e comprometedor em demasia, como se o médico e o escritor, o padre e o político não fossem superiores a qualquer suspeita. Todavia um médico surpreendido pela morte teve a coragem de encetar estudos que ficaram incompletos. Talvez a negra melancolia que se apoderara de Ester e que obscurecia a sua vida feliz participasse de todas aquelas causas, e a pobre jovem, incapaz de as adivinhar, talvez sofresse como sofrem os doentes que não conhecem nem a medicina nem a cirurgia. O fato é estranho. Uma comida abundante e sadia, que viera substituir uma detestável nutrição inflamatória, não sustentava Ester. Uma vida pura e regrada, repartida entre trabalhos moderados e distrações, em vez de uma vida desordenada cujos prazeres eram tão horríveis quanto as penas, uma vida assim quebrantava a jovem pensionista. O repouso mais fresco, as noites mais tranquilas, vindo substituir fadigas esmagadoras e agitações as mais cruéis, davam-lhe uma febre cujos sintomas escapavam à perspicácia da enfermeira.

Finalmente, o bem, a ventura, sucedendo ao mal e ao infortúnio, a segurança à inquietação eram tão funestos a Ester quanto as suas passadas misérias o seriam às suas companheiras. Implantada na corrupção, ela aí se desenvolvera. Sua pátria infernal exercia ainda seu império, a despeito das ordens soberanas de uma vontade absoluta. O que Ester odiava era para ela a vida, o que amava matava-a. Tinha uma fé tão ardente que sua piedade era um encanto para a alma. Gostava de rezar. Tinha franqueado a alma às claridades da verdadeira religião, que abraçava sem esforços e sem dúvidas. O padre que a dirigia andava contentíssimo; nela, porém, a todo momento o corpo contrariava a alma.

Tiraram-se umas carpas de um poço barrento para as colocar num tanque de mármore e em água límpida, a fim de satisfazer a um desejo da sra. de Maintenon que as sustentava com os sobejos da mesa real. Os peixes definhavam. Podem os animais ser dedicados, mas nunca o homem lhes comunicará a lepra da adulação. Um cortesão notou este silencioso contraste em Versailles. “Elas são como eu”, replicou essa rainha inédita, “têm saudade de suas vasas obscuras.”^[53] Esta frase contém toda a história de Ester. Às vezes a pobre moça tinha ímpetos de correr pelos magníficos jardins do convento; ia de árvore em árvore, muito fatigada, ocultava-se com desespero nos recantos obscuros, a procurar o quê? Nem ela o sabia; mas sucumbia ao demônio, dirigia galanteios às árvores, dizia-lhes palavras que não chegava a proferir. Às vezes, de noite, cosia-se com os muros como uma cobra, sem xale, com os ombros nus. Na capela, amiúde, durante os ofícios, tinha os olhos fitos no crucificado, e todos a admiravam; inundava-se de lágrimas, mas ela chorava de raiva; em vez das imagens sagradas que queria ver, as noites ardentes em que ela dirigia a bacanal como Habeneck^[54] rege no conservatório uma sinfonia de Beethoven, essas noitadas alegres e lascivas, cortadas de movimentos nervosos, de risos inextinguíveis, se levantavam diante dela desgrehadas, furiosas, brutais. No exterior ela era doce como uma virgem que só se acha presa à terra pela sua forma humana; lá por dentro agitava-se uma imperial Messalina.^[55] Só ela sabia o segredo daquele combate do demônio com o anjo; quando a superiora a censurava por andar penteada mais artisticamente do que a

regra consentia, ela mudava o penteado com uma adorável e pronta obediência, estando até disposta a cortar o cabelo se a madre o ordenasse. Essa nostalgia tinha uma graça comovente numa jovem que preferia morrer a voltar para as regiões impuras. Perdeu as cores, mudou muito, emagreceu. A superiora moderou o ensino e chamou para junto de si a interessante criatura, a fim de interrogá-la. Ester era feliz; dava-se muito bem com as companheiras, não se sentia atacada em nenhuma parte vital; mas sua vitalidade estava essencialmente atacada. Não tinha saudade de nada, não desejava nada. A superiora, admirada com as respostas de sua pensionista, não sabia o que havia de pensar vendo-a presa de um definhamento progressivo. Chamou-se o médico quando pareceu grave o estado da jovem colegial; ele porém ignorava a vida anterior de Ester e não podia suspeitar de nada; encontrou vida em toda parte, em nenhuma encontrou sofrimento. As respostas da enferma eram capazes de derrubar todas as hipóteses. Restava um meio de esclarecer as dúvidas do sábio, que se apegava a uma ideia horrorosa: Ester recusou obstinadamente prestar-se ao exame clínico. Nessa conjuntura a superiora apelou para o padre Herrera. O espanhol apresentou-se, viu o estado desesperado de Ester e esteve um momento a falar de parte com o médico. Finda essa confidência, o homem de ciência declarou ao homem de fé que o único remédio era uma viagem à Itália. O padre não quis que essa viagem se fizesse antes do batismo e da primeira comunhão de Ester.

— Quanto tempo demora isso? — perguntou o médico.

— Um mês — respondeu a superiora.

— Ela morre antes — tornou o doutor.

— Mas morre em estado de graça e salva — disse o padre.

Na Espanha a questão religiosa sobrepõe-se às questões políticas civis e vitais; o médico não respondeu nada ao espanhol e voltou-se para a superiora; mas o terrível sacerdote travou-lhe o braço para o conter.

— Nem mais uma palavra, senhor! — disse ele.

O médico, apesar de religioso e monarquista, lançou a Ester um olhar cheio de terna lástima. A pobre jovem era formosa como um lírio pendido na haste.

— Seja o que Deus quiser! — disse ele saindo.

No mesmo dia da consulta, Ester foi levada por seu protetor ao Rocher de Cancale^[56] porquanto o desejo de salvá-la sugeria ao padre os mais extravagantes expedientes. Experimentou dois excessos: um excelente jantar que podia recordar à pobre moça as suas orgias, e a Ópera, que lhe apresentaria algumas imagens mundanas. Foi necessário toda a sua preponderante autoridade para decidir a santinha a semelhantes profanações. Herrera disfarçou-se tão completamente em militar que Ester teve dificuldade em reconhecê-lo; tomou a precaução de mandar sua companheira pôr um véu, e colocou-a num camarote onde ninguém podia vê-la. Este paliativo, assaz perigoso para uma inocência tão seriamente reconquistada, depressa perdeu o efeito. A pensionista tomou aversão aos jantares de seu protetor, cobrou uma repugnância religiosa pelo teatro e recaiu na sua melancolia...

“Ela fina-se de paixão por Luciano”, pensou Herrera, que quis sondar a profundidade daquela alma e saber o que se podia exigir dela. Chegou pois um momento em que a pobre rapariga apenas era amparada pela sua força moral e em que o corpo ia ceder. O padre calculou esse momento com a horrenda sagacidade prática outrora empregada pelos algozes na sua arte de fazer perguntas. Foi encontrar a pupila no jardim, sentada junto de uma parreira que o sol de abril acariciava; parecia ter frio e estar se aquecendo; suas companheiras olhavam com interesse aquela palidez de grama pisada, aqueles olhos de gazela moribunda, aquela atitude melancólica. Ester levantou-se e foi ao encontro do espanhol com um movimento que mostrou sua pouca vida e, diga-se também, seu fraco apego à vida. A pobre boêmia, ruiva andorinha magoada, excitou, pela segunda vez, a piedade de Carlos Herrera. O sombrio sacerdote, que Deus naturalmente só empregava na execução das suas vinganças, acolheu a enferma com um sorriso que exprimia tanto amargura como dor, tanto vingança como caridade. Instruída na meditação, nas contemplações introspectivas da sua vida quase monástica, Ester teve, pela segunda vez, um sentimento de desconfiança à vista do seu protetor; mas, como da primeira vez, tranquilizaram-na logo suas palavras.

— Então, minha querida filha, por que é que nunca me falou de Luciano? — disse ele.

— Eu tinha-lhe prometido — respondeu ela, estremecendo toda num movimento convulsivo —, tinha-lhe jurado não pronunciar tal nome.

— E, contudo, não tem cessado de pensar nele!

— É essa a minha única falta. Penso nele a toda hora, e ainda agora eu estava dizendo a mim mesma esse nome.

— Faz-lhe mal sua ausência?

Por única resposta, Ester inclinou a cabeça à maneira dos enfermos que já sentem as emanções da sepultura.

— E se o tornasse a ver? — perguntou o sacerdote.

— Seria a vida — respondeu Ester.

— Pensa nele somente de alma?

— Ah, senhor, o amor não se reparte!

— Filha de uma raça maldita! Fiz quanto era possível para te salvar. Restituo-te ao teu destino. Vais tornar a vê-lo!

— Para que insulta minha felicidade? Não poderei eu praticar a virtude e amar Luciano com igual amor? Não estou disposta a morrer aqui pela virtude como estava pronta a morrer por ele? Não vou expirar por estes dois fanatismos, pela virtude que me fazia digna dele e por ele que me arrojou nos braços da virtude? Oh, sim! Disposta a morrer sem tornar a vê-lo, disposta a viver se o tornar a ver. Deus que me julgue.

Tinham-lhe voltado as cores, sua palidez adquirira um tom de ouro. Ester havia recobrado sua graça.

— No dia seguinte ao do seu batismo, você tornará a ver Luciano; e, se julga poder viver virtuosa vivendo para ele, com ele viverá.

O padre teve de levantar Ester, cujos joelhos haviam vergado. A pobre moça tinha caído como se a terra lhe tivesse fugido de sob os pés; o padre sentou-a no banco, e, quando ela pôde falar, perguntou-lhe:

— E por que não hoje?

— Quer privar o arcebispo do triunfo do seu batismo e da sua conversão? Você acha-se muito próxima de Luciano para não deixar de estar longe de Deus.

— É verdade. Eu não pensava em mais nada!

— Você nunca terá religião — disse o padre com um modo profundamente irônico.

— Deus é bom — tornou ela — e lê no meu coração.

Vencido pela deliciosa ingenuidade que transparecia na voz, no olhar, nos gestos e na atitude de Ester, Herrera beijou-a na fronte pela primeira vez.

— Os devassos tinham-te acertado com o nome; és capaz de seduzir a Deus Padre. Mais alguns dias de espera e ambos estão livres.

— Ambos! — repetiu ela numa alegria extática.

Esta cena, vista a distância, impressionou as colegas e as superiores, que julgaram ter assistido a alguma operação mágica, comparando Ester consigo próprias. A criança transfigurada vivia. Tornou a aparecer na sua verdadeira natureza de amor, gentil, garrida, sedutora, alegre; ressuscitara, enfim!

XI – MUITAS REFLEXÕES

Herrera morava na Rue Casette, junto de Saint-Sulpice, igreja a que estava adido. Essa igreja, de um estilo duro e seco, ficava bem àquele espanhol cuja religião tinha pontos de contato com a dos dominicanos. Enjeitado da política astuciosa de Fernando VII, desservia a causa constitucional, sabendo que essa dedicação jamais poderia ser recompensada a não ser com a restauração *del-Rey neto*.^[57] E Carlos Herrera dera-se de corpo e alma à camarilha no momento em que não parecia que as cortes seriam derrubadas. Para o mundo, semelhante proceder revelava uma alma superior. A expedição do duque de Angoulême havia-se realizado, reinava o rei Fernando VII, e Carlos Herrera não ia reclamar a Madri o prêmio de seus serviços. Defendido da curiosidade por um silêncio diplomático, apresentou como motivo da sua estada em Paris a sua viva afeição por Luciano de Rubempré, à qual já o mancebo devia a carta régia relativa à mudança de seu nome. De resto, Herrera vivia como vivem tradicionalmente os padres empregados em missões secretas, de maneira muito obscura. Cumpria seus deveres religiosos em Saint-Sulpice, e só saía para tratar de negócios, sempre à noite e de carruagem. O dia era por ele preenchido pela sesta espanhola, que põe o sono entre as duas refeições e assim toma todo o tempo em que Paris anda no tumulto dos negócios. O charuto espanhol desempenhava também o seu papel e consumia tanto

tempo quanto tabaco. A preguiça é uma máscara assim como a gravidade, que também não deixa de ser preguiça. Herrera morava no segundo andar, em um dos lados, e Luciano ocupava o outro lado. Os dois compartimentos eram separados e simultaneamente reunidos por uma grande sala de recepção, cuja magnificência arcaica convinha igualmente ao grave eclesiástico e ao juvenil poeta. O pátio da casa era sombrio. Grandes e copadas árvores davam sombra ao jardim. O silêncio e a discrição se encontram nas habitações escolhidas pelos padres. O alojamento de Herrera fica descrito em duas palavras: uma cela. O de Luciano, brilhante de luxo e munido dos requintes do conforto, reunia tudo quanto exige a vida elegante dum dândi, poeta, escritor, ambicioso, vicioso, ao mesmo tempo orgulhoso e vaidoso, cheio de negligência e desejoso da ordem, um desses gênios incompletos que têm alguma força para desejar, para conceber, o que é talvez a mesma coisa, mas que não têm força nenhuma para executar. Luciano e Herrera, juntos, formavam um político: era esse sem dúvida o segredo da sua união. Os velhos em quem a ação da vida se deslocou e transportou para a esfera dos interesses sentem frequentemente a necessidade de uma máquina bonita, de um ator moço e apaixonado para executar os seus projetos. Richelieu procurou demasiado tarde uma cara branca, simpática e de bigodes para atirá-la às mulheres que queria divertir. Incompreendido por uns dodivanas, teve de exilar a mãe de seu amo e de meter medo à rainha, depois de tentar fazer-se amar por uma e pela outra, sem ter bossa para agradar a rainhas.^[58] Por mais que se faça, é sempre inevitável, numa vida ambiciosa, topar com uma mulher quando menos se espera um tal encontro. Por poderoso que seja um grande político, necessita uma mulher para opor a outra mulher assim como os holandeses limam diamante com diamante. Roma, no tempo do seu poderio, obedecia a essa necessidade. Vede também como a vida de Mazarin,^[59] cardeal italiano, foi bem mais dominadora que a de Richelieu, cardeal francês. Richelieu encontra oposição na fidalguia, deita-lhe o machado e morre na flor do seu prestígio, extenuado por esse duelo em que o seu único auxiliar era um frade.^[60] Mazarin é repellido pela burguesia e a nobreza reunidas, armadas, às vezes vitoriosas, e que põem em fuga a realeza; mas o

servidor de Ana de Áustria, não corta a cabeça a ninguém, sabe vencer a França toda e forma Luís XIV, que concluiu a obra de Richelieu, estrangulando a fidalguia com laços dourados no grande serralho de Versalhes. Morta a Madame Pompadour, Choiseul^[61] estava perdido. Acaso se havia Herrera compenetrado destas altas doutrinas? Fizera justiça a si mesmo antes que Richelieu? Teria escolhido em Luciano um Cinq-Mars, mas um Cinq-Mars^[62] fiel? Ninguém podia responder a tais perguntas nem medir a ambição daquele espanhol como não se podia prever o seu fim. Estas perguntas formuladas por aqueles que tinham podido lançar um olhar àquela união, durante longo tempo secreta, tendiam a penetrar um mistério horrível, que Luciano só conhecia há pouco. Carlos Herrera era ambicioso por dois; eis o que o seu comportamento demonstrava às pessoas de suas relações, que pensavam todas que Luciano fosse filho natural do padre.

Um ano e três meses depois do seu aparecimento na Ópera, que o lançou prematuramente numa roda em que o padre só quisera vê-lo depois de armá-lo bem contra as suas seduções, Luciano tinha três belos cavalos na sua cavalaria, um *coupé* para a tarde, um cabriolé e um tîlburi para durante o dia. Comia fora. As previsões de Herrera tinham-se realizado; a dissipação havia-se apoderado de seu pupilo, mas ele achara conveniente distrair o moço do seu amor insensato por Ester. Depois de ter gastado uns quarenta mil francos, cada loucura tinha reconduzido Luciano com mais entusiasmo à Torpedo, a quem ele procurava com obstinação; e, como não a encontrasse, Ester ia-se tornando para ele o que é a caça para o caçador. Poderia Herrera conhecer a natureza do amor de um poeta? Uma vez que esse sentimento tinha invadido a cabeça de um desses grandes homúnculos, depois de lhe abrasar o coração e penetrar os sentidos, o poeta torna-se tão superior à humanidade pelo amor quanto o é pelo poder da fantasia. Devendo a um capricho da geração intelectual a faculdade rara de exprimir a natureza por imagens nas quais grava ao mesmo tempo o sentimento e a ideia, dá ao seu amor as asas do seu espírito; sente e pinta, age e medita, multiplica suas sensações pelo pensamento, triplica a felicidade presente pela aspiração do futuro e pelas recordações do passado, ajuntando-lhe os delicadíssimos gozos de

alma que o tornam o príncipe dos artistas. A paixão de um poeta torna-se então um grande poema em que não raro as proporções humanas são excedidas. O poeta coloca então sua amante num ponto mais elevado do que aquele a que as mulheres aspiram. Ele faz, como o sublime Dom Quixote, de uma campônia uma princesa. Usa para si mesmo a varinha de condão com a qual toca tudo para transformar tudo em maravilha, e assim engrandece as volúpias mediante o adorável mundo do ideal. Esse amor é pois um modelo de paixão; é excessivo em tudo, nas esperanças, nos desesperos, nas cóleras, nas melancolias, nos júbilos; voa, salta, rasteja, não se parece com nenhuma das agitações que o comum da humanidade sente; está para o amor burguês assim como para os riachos das planícies está a eterna torrente dos Alpes. Esses belos gênios são tão raramente compreendidos que chegam a gastar-se em falsas esperanças; consomem-se na busca de suas amantes ideais, morrem quase sempre como belos insetos adornados a capricho para as festas do amor pela mais poética das naturezas, e que são esmagados virgens pelos pés da primeira pessoa que passa; mas — outro perigo! — quando encontram a forma que corresponde ao seu espírito — muitas vezes uma padeira — fazem como Rafael, fazem como o inseto bonito: morrem ao pé da Fornarina.^[63] Era nessa situação que Luciano se encontrava. Sua natureza poética, naturalmente excessiva em tudo, no bem como no mal, tinha adivinhado o anjo na mundana, antes contagiada de corrupção do que corrompida; via-a sempre alva, alada, pura e misteriosa, tal como Ester para ele se fizera, adivinhando que era assim que Luciano a queria.

Em fins de maio de 1825, Luciano tinha perdido toda a sua vivacidade; não saía, jantava com o padre, ficava pensativo, trabalhava, lia a coleção dos tratados diplomáticos, sentava-se à turca num divã e fumava três ou quatro narguilés por dia. O seu *groom* tinha mais que fazer em limpar os cachimbos e perfumá-los do que em almofaçar os cavalos e enfeitá-los de rosas para as corridas no Bois de Boulogne. No dia em que o espanhol viu descorada a fronte de Luciano, em que lhe viu vestígios de doença nas loucuras do amor represado, quis penetrar até o âmago desse coração de homem, sobre o qual assentara a sua vida.

Por um belo crepúsculo em que Luciano, sentado numa poltrona, contemplava maquinalmente o pôr do sol através das árvores do jardim, soprando a fumarada aromática do seu tabaco em bafos iguais e prolongados, como fazem os fumadores meditativos, arrancou-o ao seu devaneio um suspiro profundo. Voltou-se e viu o padre em pé, de braços cruzados.

— Estavas aí! — exclamou o poeta.

— Há que tempos! Os meus pensamentos seguiram a extensão dos teus...

Luciano compreendeu.

— Eu nunca tive uma natureza de bronze como a tua. A vida é para mim ora um paraíso, ora um inferno; mas, quando, por acaso, não é uma coisa nem outra, ela me enfastia, e eu me enfastio.

— Como é possível o enfado quando se tem em perspectiva tantas esperanças magníficas?

— Quando não se crê em tais esperanças ou quando elas andam demasiado encobertas...

— Tolice!... — observou o padre. — Mais digno de nós ambos seria que me franqueasses o teu coração. Há entre nós o que nunca devia haver: um segredo. Esse segredo dura há dezesseis meses. Tu amas uma mulher.

— E depois?..

— Uma mulher imunda conhecida pelo nome de Torpedo...

— E daí?

— Meu filho, eu te dera licença para tomares uma amante, mas uma mulher da Corte, nova, bonita, influente, condessa pelo menos. Tinha escolhido para ti a sra. d'Espard, para fazer dela sem escrúpulo um instrumento de fortuna; porque ela nunca te perverteria o coração, ela havia de te deixar livre... Amar uma meretriz da última classe quando não se tem, como os reis, poder para fazê-la fidalga é uma falta enorme.

— Serei eu o primeiro que renunciou à ambição para seguir a inclinação de um amor desenfreado?

— Bem — disse o padre apanhando o comprido tubo do narguilé que Luciano tinha deixado cair no chão e restituindo-lho —, percebo o teu epigrama. E, contudo, será impossível reunir a ambição e o amor?

Criança, tu tens no velho Herrera uma mãe cuja dedicação é absoluta...

— Bem sei, meu velho — disse Luciano tomando-lhe a mão e sacudindo-a.

— Quiseste a riqueza, esse brinquedo, e a obtiveste. Queres brilhar, e eu dirijo-te no caminho do poder. Quantas mãos sórdidas eu beijo para te fazer avançar, e tu irás avançando! Mais algum tempo e nada te faltará daquilo que agrada aos homens e às mulheres. Apesar de efeminado pelos teus caprichos, és varonil pelo teu espírito; eu concebi tudo de ti, e tudo te perdoo. Basta que fales para satisfazer as tuas paixões de um dia. Engrandeci tua vida, acrescentando-lhe o que a faz adorar pela maioria, o sinete da política e da dominação. Serás tão grande quanto és pequeno; mas é preciso não quebrar o aparelho com o qual cunhamos moeda. Tudo te permito, menos as faltas que poderiam comprometer o teu futuro. Quando te abro as salas da alta aristocracia, proíbo-te que chafurdes na sarjeta. Luciano, para teu interesse eu serei de ferro, ainda que sofra tudo de ti ou por ti. Assim é que converti a tua falta de tato no jogo da vida em finura de jogador hábil... — Luciano levantou a cabeça num repente furioso, e o padre continuou: — Eu raptei a Torpedo!

— Tu! — gritou Luciano.

Num acesso de raiva animal, o poeta ergueu-se, atirou com o tubo de ouro e pedras preciosas à cara do padre, empurrando tão violentamente esse atleta que o atirou ao chão.

— Eu, sim! — respondeu o espanhol levantando-se, e sem perder sua gravidade terrível.

Caíra-lhe a peruca preta. O crânio, reluzente como uma caveira, restituiu àquele homem a sua verdadeira fisionomia, que era medonha. Luciano deixou-se ficar no seu divã, com os braços caídos, esmagado, contemplando o padre com um ar imbecil.

— Sim, eu raptei-a — repetiu o eclesiástico.

— E que lhe fizeste? Foi no dia seguinte ao do baile de máscaras...

— Foi, sim; foi no dia seguinte àquele em que vi uma criatura que te pertencia ser insultada por uns tolos que nem a pontapés eu queria...

— Tolos — disse Luciano interrompendo-o —; dize antes monstros, bem piores que os que merecem guilhotina. Sabes que coisa a pobre

rapariga fez por três deles? Um foi seu amante durante dois meses; ela era pobre e ganhava o pão pela ignomínia; ele não tinha um real, estava como eu quando me encontrei ao pé do rio; o rapaz levantava-se de noite, ia ao armário onde ficavam os restos do jantar da rapariga e os comia; ela por fim descobriu a manobra, compreendeu aquele pudor e tomou a precaução de deixar ficar muitos sobejos; sentia-se feliz; só a mim ela contou isso, no seu fiacre, quando voltávamos da Ópera. O outro tinha cometido um roubo; mas, antes que o descobrissem, ela emprestou-lhe o dinheiro para o ladrão repor e ele sempre se esqueceu de restituí-lo à pobrezinha. Quanto ao terceiro, proporcionou-lhe ela a fortuna representando uma comédia na qual resplandece o gênio de Fígaro; passou por mulher dele e fez-se amante de um homem onipotente que a julgava a mais cândida das burguesas. A um a vida, a outro a honra, a um terceiro a riqueza. E aí está a paga.

— Queres que eles morram? — perguntou Herrera, que tinha uma lágrima a bailar-lhe nos olhos.

— Vamos! És sempre o mesmo...

— Não. Fica sabendo tudo, poeta exaltado — disse o padre. — A Torpedo já não existe...

Luciano atirou-se a Herrera com tamanha violência que outro qualquer seria derrubado; mas o braço do espanhol deteve o poeta.

— Escuta — disse ele friamente. — Eu fiz dela uma mulher casta, pura, bem-educada, religiosa, enfim uma mulher às direitas e que já se acha no caminho da instrução. Ela pode e deve vir a ser, sob o império do teu amor, uma Ninon, uma Marion Delorme, uma Du Barry, como aquele jornalista dizia na Ópera. Podes apresentá-la como tua amante ou ficar atrás da cortina da tua criação, o que seria mais sensato. Qualquer dos partidos te dará proveito e orgulho; mas, se és tão grande político como grande poeta, Ester não será para ti mais que uma cortesã, porque mais tarde talvez ela nos valha muito; aquilo vale quanto pesa. Bebe, mas não te embebedes. Se eu não tivesse tomado as rédeas à tua paixão, onde estarias agora? Terias resvalado com a Torpedo no atoleiro das misérias de onde te arranquei. Aí tens, lê — disse Herrera tão simplesmente quanto Talma no *Mânlio*,^[64] que ele nunca tinha visto representar.

Um papel caiu sobre os joelhos do poeta, arrancando-o da extática surpresa em que o mergulhara aquela resposta terrífica. Pegou nele e leu a primeira carta da srta. Ester:

Ao sr. padre Carlos Herrera

Meu caro protetor. Espero que em mim você veja que o reconhecimento anda adiante do amor, quando notar que emprego, pela primeira vez, em lhe dar graças, a faculdade de exprimir meus pensamentos, em vez de consagrá-la a exprimir um amor que Luciano talvez tenha esquecido. Mas digo ao padre, homem de Deus, o que não ousaria dizer a ele, que, para meu bem, pertence ainda à terra. A cerimônia de ontem derramou sobre mim os tesouros da graça; coloco pois nas suas mãos o meu destino. Ainda que tenha de morrer longe do meu bem-amado, morrerei purificada como a Madalena, e a minha alma será para ele a rival do seu anjo da guarda. Esquecerei algum dia a festa de ontem? Como querer abdicar o trono glorioso a que me elevei? Ontem lavei todas as minhas máculas nas águas do batismo e recebi o corpo sagrado de Nosso Senhor; tornei-me um de seus tabernáculos. Ouvi nesse momento os cânticos dos anjos; já não era uma mulher; nascia para uma vida de luz, em meio das aclamações da terra, admirada pelo mundo, numa nuvem de incenso e de preces que inebriava, e enfeitada como uma virgem para um esposo celeste. Achando-me digna de Luciano, coisa que jamais eu podia esperar, abjurei todo amor impuro, e não quero outro caminho que não seja o da virtude. Se o meu corpo for mais fraco que a minha alma, que morra. Seja o senhor o árbitro do meu destino; e, se eu morrer, diga a Luciano que morri para ele ao nascer para Deus.

Domingo de tarde.

Luciano ergueu para o padre os olhos arrasados de lágrimas.

— Tu conheces a casa de Carolina Bellefeuille, na Rue Taitbout — disse o espanhol. — A pobre rapariga, abandonada pelo seu magistrado,^[65] estava necessitada em extremo e ameaçada de penhora; mandei comprar sua moradia, e lá foi ela com os seus trastes. Ester, esse anjo que queria subir ao céu, desceu a essa casa e lá te espera.

Neste momento, Luciano ouviu seus cavalos escavarem o chão no pátio; não teve ânimo para exprimir sua admiração diante de um devotamento que só ele sabia apreciar; lançou-se nos braços do homem que ultrajara, reparou tudo por um simples olhar e pela muda efusão

dos seus sentimentos; desceu depois as escadas, disse o endereço de Ester ao seu *groom*, e os cavalos partiram como se a paixão de seu dono lhes animasse as pernas.

XII – ONDE SE VEM A SABER QUE NÃO HAVIA UM SACERDOTE NO PADRE HERRERA

No dia seguinte, um homem, que pelo traje os transeuntes podiam tomar por um gendarme disfarçado, passeava na Rue Taitbout defronte de uma casa, como que aguardando a saída de alguma pessoa; o seu passo era de alguém que estava agitado. Muitas vezes encontrareis, em Paris, desses passeantes apaixonados, verdadeiros gendarmes à espreita de um guarda nacional refratário, beaguins tomando suas providências para alguma captura, credores meditando alguma pirraça ao seu devedor enclausurado, amantes ou maridos ciumentos e desconfiados, amigos de sentinela por conta de outros amigos; mas bem raro encontrareis uma cara iluminada pelos selvagens e rudes pensamentos que animavam a do sombrio atleta que passeava por baixo das janelas de Ester, com a precipitação sonhadora de um urso enjaulado. Ao meio-dia, abriu-se um caixilho para deixar passar a mão de uma criada, que empurrou as portadas da janela. Momentos depois, Ester, em trajes menores, veio tomar ar, apoiada em Luciano. Quem os visse havia de tomá-los pelo original de uma suave estatueta inglesa. Ester avistou logo os olhos de basilisco do padre espanhol, e a pobre criatura, como se recebesse um tiro, soltou um grito de terror.

— Lá está o padre — disse ela, mostrando-o a Luciano.

— O padre! — exclamou Luciano sorrindo. — Ele é tão padre como tu.

— Que é então? — indagou Ester aterrada.

— Um velho pândego que só acredita no diabo — disse Luciano, deixando escapar sobre os segredos do falso padre uma luz que, aproveitada por pessoa menos dedicada que Ester, podia arruinar para sempre Luciano.

Indo da janela do seu quarto de dormir para a sala de jantar, onde acabava de ser posto o almoço, os dois amantes encontraram Carlos Herrera.

— Que vens fazer aqui? — perguntou-lhe Luciano com maus modos.

— Abençoar-vos — respondeu a atrevida personagem obrigando-os a permanecerem na saleta do apartamento. — Escutai, meus queridos. Diverti-vos e sedes felizes. A felicidade a qualquer preço, eis a minha doutrina. Mas tu — disse ele dirigindo-se a Ester —, tu a quem eu tirei da lama e a quem salvei a alma e o corpo, creio que não te irás atravessar no caminho de Luciano. Quanto a ti, pequeno — continuou depois de uma pausa, encarando Luciano —, já não és tão poeta que te deixes arrastar por outra Corália. Nós fazemos prosa. Que pode vir a ser neste mundo o amante de Ester? Nada. Pode acaso Ester tornar-se sra. de Rubempré? Não. Pois bem. O mundo, minha filha — disse ele pondo sua mão sobre a de Ester, que estremeceu como se uma serpente a envolvesse —, o mundo deve ignorar que existes; deve principalmente ignorar que uma tal Ester ama Luciano e é amada por ele... Este apartamento é a tua prisão, minha amiguinha. Se quiseses sair, o que é bom para a saúde, passeia de noite, em horas em que não te possam ver; porque tua beleza, tua mocidade e a distinção que adquiriste no convento logo te fariam notada em Paris. O dia em que alguém, seja quem for — disse ele num tom terrível, acompanhado de um olhar mais terrível ainda —, sonhar que Luciano é teu amante será o teu penúltimo dia. Arranjou-se para esse amigo um decreto que lhe permite usar o nome e as armas de seus antepassados maternos. Mas isso é pouco. Falta-lhe a restituição do título de marquês; e, para o recuperar, tem de casar com alguma fidalga a quem o rei faça esse favor. Tal aliança introduzirá Luciano na roda da Corte. Esta criança, de quem eu consegui fazer um homem, será primeiro secretário de embaixada; mais tarde será ministro em alguma pequena Corte da Alemanha, e, com a ajuda de Deus ou com a minha (o que vale mais), irá um dia sentar-se nos bancos da Câmara dos Pares...

— Ou nos bancos... — disse Luciano interrompendo o homem.

— Cala-te! — exclamou Carlos tapando com sua larga mão a boca do jovem. — Um segredo desses a uma mulher! — disse-lhe ao ouvido.

— Ester, uma mulher?... — exclamou o autor das *Boninas*.

— Lá vem soneto! — disse o espanhol. — Todos esses anjos voltam mais cedo ou mais tarde a ser mulheres; ora a mulher tem sempre

momentos em que é simultaneamente macaco e criança, dois seres que nos matam querendo rir. Ester, minha flor — disse ele à jovem colegial aterrorizada —, arranjei-lhe para criada de quarto uma criatura que me pertence como se fosse minha filha. Você terá por cozinheira uma mulata, coisa que dá grande tom a uma casa. Com Europa e Ásia, você pode viver aqui com uns mil francos por mês, incluindo tudo, como uma rainha... de teatro. Europa foi costureira, modista e comparsa; Ásia já serviu em casa de um lorde glutão. Essas duas criaturas vão ser para você como duas fadas.

Vendo Luciano tão criança diante daquele homem, culpado pelo menos de um sacrilégio e de uma falsidade, aquela mulher, santificada pelo seu amor, sentiu então no fundo da alma um terror profundo. Sem nada responder, arrastou Luciano para o quarto e lá lhe perguntou:

— Esse homem será o diabo?

— Pior ainda... para mim! — respondeu ele vivamente. — Mas, se me amas, trata de imitar a dedicação deste homem, e obedece-lhe sob pena de morte.

— De morte?... — disse ela ainda mais assustada.

— De morte — confirmou Luciano. — Ai, filha! Não há morte comparável à que me espera, se...

Ouvindo aquelas palavras, Ester empalideceu e sentiu-se desfalecer.

— Então! — gritou-lhes o falsário sacrílego. — Vocês ainda não desfolharam todas as suas margaridas?

Ester e Luciano voltaram, e a pobre rapariga disse, sem se atrever a olhar para o homem misterioso:

— Pode estar certo, senhor, que será obedecido como se obedece a Deus.

— Bom — disse ele —, você poderá ser muito feliz durante algum tempo e... não terá de mandar fazer senão trajes caseiros, o que não deixa de ser econômico.

XIII – DOIS POSSANTES CÃES DE GUARDA

Os dois amantes se dirigiram para a sala de jantar; porém o protetor de Luciano os deteve com um gesto.

— Já que lhe falei nas suas criadas — disse ele a Ester —, devo

apresentá-las.

O espanhol tocou duas vezes a campainha. As duas mulheres a quem ele chamara Europa e Ásia apareceram, e foi fácil ver a causa desses nomes.

Ásia, que parecia ser javanesa, espantava quem a visse com aquele rosto acobreado peculiar aos malaio, chato como uma tábua, e no qual o nariz parecia ter sido esborrachado por uma compressão violenta. A estranha disposição dos ossos malares dava à parte inferior do rosto uma certa semelhança com os grandes primatas. A testa, apesar de deprimida, não deixava de ter inteligência, produzida pelo hábito da velhacaria. Dois olhinhos ardentes tinham a calma dos olhos dos tigres, mas não olhavam de frente. Ásia parecia ter medo de assustar as pessoas com quem lidava. Os beijos, de um azul pálido, deixavam ver dentes de uma brancura deslumbrante, mas encavalados uns nos outros. A expressão geral dessa fisionomia animal era a covardia. Os cabelos, luzidios e gordurosos como a tez do rosto, deixavam duas orlas pretas por fora do rico lenço de seda. As orelhas, lindíssimas, tinham como ornamento duas grandes pérolas escuras. Baixinha, atarracada, Ásia parecia-se com essas criações absurdas que os chineses desenhavam nos seus leques, ou mais exatamente, com esses ídolos hindus cujo tipo parece não poder existir, mas que os viajantes acabam por encontrar. Vendo aquele monstro cingido de um avental branco, Ester teve um estremecimento.

— Ásia! — disse o espanhol, para quem aquela mulher levantou a cabeça com um movimento só comparável ao do cão que olha para o dono. — Aqui está a sua ama...

E apontou-lhe Ester, que estava de penhoar. Ásia olhou para a jovem fada com uma expressão quase dolorosa; mas ao mesmo tempo um lampejo abafado entre suas pestanas caiu como a fagulha de um incêndio sobre Luciano, que, vestido com um magnífico roupão aberto, camisa de linho da Holanda, calça encarnada, e tendo um barrete turco na cabeça de onde seus cabelos louros saíam em grossos anéis, apresentava uma imagem divina. O gênio italiano pode inventar a tradição oral de Otelo, o gênio inglês pode pô-la em cena; mas somente a natureza tem o direito de ser num só olhar mais magnífica e mais

completa que a Inglaterra e a Itália na expressão do ciúme. Aquele olhar, surpreso por Ester, fê-la agarrar-se ao braço do espanhol e cravar-lhe as unhas como poderia fazê-lo um gato que se segura para não cair num precipício de que não vê o fundo. O espanhol disse então àquele monstro asiático três ou quatro palavras de uma língua desconhecida, e Ásia foi-se atirar de joelhos aos pés de Ester, beijando-os.

— Isto — disse o espanhol a Ester — não é uma cozinheira, mas um cozinheiro capaz de meter inveja a Carême.^[66] Ásia sabe tudo quanto se refere à cozinha. Um simples prato de feijão, arranja-o como os próprios anjos. Vai todos os dias ao mercado, e há de bater-se como um demônio que é para obter as coisas pelo seu justo preço. Discreta como um túmulo. Como você pode passar por ter estado nas Índias, Ásia a ajudará muito a tornar essa fábula possível; pois ela é uma dessas parisienses que nascem para ser do país que lhes apraz. Mas não sou de opinião que você seja estrangeira... Tu que dizes, Europa?

Europa formava um perfeito contraste com Ásia, porque era a *soubrette* mais gentil que Monrose^[67] podia desejar por adversária no teatro. Esbelta, com aparência de estouvada, nariz aguçado, Europa oferecia à observação uma fisionomia fatigada pelas corrupções parisienses, a fisionomia descorada de uma rapariga linfática e fibrosa que se alimenta de batata crua, de uma criatura mole e tenaz. Com o pé pequeno para a frente, as mãos nos bolsos do avental, mostrava-se irrequieta, ainda estando imóvel, tamanha era a sua animação. Ao mesmo tempo *grisette* e comparsa, já devia, apesar de tão nova, ter exercido muitos ofícios. Perversa como todas as *Madelonnettes*^[68] juntas, podia ter roubado dos pais e ter roçado pelo banco dos réus. Ásia inspirava um grande terror; mas conhecia-se logo toda, ela descendia em linha reta de Locusta;^[69] ao passo que Europa inspirava um desassossego que tendia a crescer à medida que a gente se servia dela; sua corrupção parecia não ter limites.

— A senhora poderia ser de Valenciennes; eu sou de lá — disse Europa em tom seco. — O senhor — disse ela a Luciano, com ar pedante — querará dizer-nos que nome dá à senhora?

— Sra. van Bogseck — respondeu o espanhol invertendo

imediatamente o nome de Ester. — Ela é judia, originária da Holanda, viúva de um negociante, e com uma doença de fígado trazida de Java... Pouca fortuna, para não excitar a curiosidade.

— Só o bastante para viver, seis mil francos de rendimento — disse Europa. — Até nos podemos queixar de sua mesquinharia.

— Pois é — disse o espanhol inclinando a cabeça. — Suas desavergonhadas! — continuou ele num tom de voz terrível ao surpreender entre Ásia e Europa uns olhares que lhe desagradaram. — Vocês sabem o que eu lhes disse? Façam de conta que servem uma rainha, devem-lhe o respeito que se deve a uma rainha e lhe serão tão dedicadas como a mim próprio. Nem o porteiro, nem os vizinhos, nem os locatários, enfim ninguém no mundo deve saber o que se passa aqui. Tratem de frustrar as curiosidades, se se manifestar alguma. E a senhora — acrescentou pousando a larga mão cabeluda no braço de Ester —, a senhora não deverá cometer a mais ligeira imprudência; em último caso, vocês não deixem, mas... sempre respeitosamente. Você, Europa, fica encarregada de sair para prover ao vestuário da senhora, não se esquecendo de fazer toda a economia possível. Que ninguém, finalmente, nem sequer a pessoa mais insignificante, ponha os pés cá em casa. Vocês duas se arranjem. Minha linda — disse ele dirigindo-se a Ester —, quando quiser sair de carruagem à noite, diga-o a Europa; ela sabe onde há de ir buscar a gente, que lhe convém, pois a senhora terá também o seu recadista cá do nosso jeito, como estas duas escravas.

Ester e Luciano não atinavam com uma palavra que dissessem; escutavam o espanhol e olhavam para as duas preciosas criaturas a quem ele dava ordens. A que segredo deviam a submissão, a dedicação escrita naquelas duas fisionomias, uma tão maldosamente indócil, a outra tão profundamente cruel? O espanhol adivinhou os pensamentos de Ester e de Luciano, que pareciam entorpecidos como deviam estar Paulo e Virgínia^[70] à vista de duas horríveis serpentes, e disse-lhes ao ouvido com sua voz bondosa:

— Podem contar com elas como comigo mesmo; não tenham nenhum segredo para elas, que isso as lisonjeará. Anda, vai servir o almoço, Ásia — disse ele à cozinheira —; e tu, pequena, põe mais um talher — disse a Europa; essas crianças não fazem nada de mais em

oferecer o almoço ao papá.

Tendo as duas mulheres fechado a porta, como o espanhol ouvisse Europa andar de um lado para outro, disse a Luciano e a Ester, abrindo a larga mão:

— Tenho-as aqui! — frase e gesto que faziam tremer.

— Onde as descobriste? — indagou Luciano.

— Ora! Aos pés do trono não foi. Vêm do lodo e têm medo de para lá voltar. Ameacem-nas com o *senhor padre* quando não andarem direito, e as verão tremer como ratinhos a quem se fala no gato. Sou domador de animais ferozes — acrescentou sorrindo.

— O que o senhor me parece é um demônio! — observou Ester com graça, agarrando-se a Luciano.

— Minha filha, eu tentei dar você ao céu; mas a cortesã arrependida há de ser sempre uma mistificação para a Igreja; se alguma aparecesse, havia de voltar a ser cortesã no paraíso. Mas enfim você lucrou conseguindo que a esquecessem e tomando todo o jeito de uma senhora da boa sociedade; pois sempre aprendeu no colégio o que nunca podia aprender na esfera infame em que vivia. Oh! Não me deve nada — acrescentou, vendo uma deliciosa expressão de reconhecimento na fisionomia de Ester. — Foi por Luciano que tudo fiz. Você foi cortesã, é cortesã, será sempre cortesã; pois, apesar das sedutoras teorias dos criadores de gado, ninguém pode vir a ser neste mundo senão aquilo para que nasceu. O homem que inventou a teoria das bossas^[71] tem razão. Você tem a bossa do amor.

Como se vê, o espanhol era fatalista, como o eram Napoleão e Maomé, como o eram muitos grandes políticos. É curioso notar que quase todos os homens de ação se inclinam para a fatalidade, assim como a maior parte dos pensadores se inclinam para a Providência.

— Eu não sei o que sou — disse Ester com a doçura de um anjo —, mas amo Luciano e hei de morrer adorando-o.

— Venha almoçar — disse bruscamente o espanhol — e peça a Deus que Luciano não se case em breve, porquanto nunca mais tornaria a ver.

— Seu casamento seria a minha morte — disse ela.

Deixou passar adiante o falso padre para poder falar ao ouvido de Luciano sem ser observada.

— É vontade tua — perguntou ela — que eu continue à mercê desse homem que me faz guardar por aquelas duas hienas?

Luciano inclinou a cabeça. A pobre rapariga conteve sua tristeza e aparentou alegria; mas ficou horivelmente oprimida. Foi necessário mais de um ano de constantes cuidados para ela se habituar às duas terríveis criaturas que o padre chamava *os dois cães de guarda*.

XIV – CAPÍTULO ABORRECIDO PORQUE EXPLICA QUATRO ANOS DE FELICIDADE

O procedimento de Luciano, desde a sua volta a Paris, tinha o cunho de uma política tão profunda que devia excitar, e efetivamente excitou, a inveja de todos os seus antigos amigos, contra os quais não exerceu senão a vingança de os fazer enfurecer com os seus triunfos, o seu viver irrepreensível e a sua maneira de manter os outros a distância. O autor das *Boninas*, esse poeta tão comunicativo, tão expansivo, tornou-se frio e reservado. De Marsay,^[72] o tipo adotado pela rapaziada parisiense, não empregava nas suas falas nem nas suas ações mais comedimento que Luciano. Quanto a espírito, o jornalista tinha feito outrora suas provas. De Marsay, a quem muita gente opunha Luciano, dando preferência ao poeta, teve a fraqueza de se arreliar com isso. Luciano, que andava nas boas graças de homens poderosos, renunciou tão completamente a toda a ideia de glória literária que se mostrou insensível ao triunfo do seu romance, reeditado com o seu verdadeiro título de *O arqueiro de Carlos IX*, e aos louros conquistados pelo seu livro de sonetos, vendido por Dauriat numa semana.

— É um sucesso póstumo — explicou ele, sorridente, à srta. des Touches,^[73] que lhe dava os parabéns.

O terrível espanhol mantinha com braço de ferro o seu pupilo na carreira em cujo extremo as fanfarras e proveitos da vitória aguardam o político paciente. Luciano alugara a casa de Beaudenord,^[74] no Quai Malaquais, para ficar perto da Rue Taitbout, e seu conselheiro ocupava três aposentos do mesmo prédio, no quarto andar. Luciano tinha apenas um animal de sela e de tiro, um criado e um moço de cavalaria. Quando não comia fora, ia jantar com Ester. Carlos Herrera trazia tão vigiadas as pessoas da casa do Quai Malaquais que Luciano não chegava

a gastar dez mil francos por ano. A Ester bastavam dez mil francos graças à dedicação constante e inexplicável de Europa e de Ásia. Luciano usava de resto as maiores precauções para ir à Rue Taitbout ou para voltar de lá. Nunca ia senão de fiacre, com cortinas corridas, e fazia sempre entrar o carro. Assim, sua paixão por Ester e a existência daquele conchego da Rue Taitbout, inteiramente ignoradas na alta sociedade, não prejudicaram nenhum dos seus empreendimentos e nenhuma das suas relações. Nunca uma palavra indiscreta lhe escapou a respeito de tão melindroso assunto. Suas faltas desse gênero com Corália por ocasião da sua primeira estada em Paris tinham-no ensinado. Sua vida apresentou a princípio essa regularidade de bom-tom debaixo da qual se podem ocultar tantos mistérios: frequentava a sociedade todas as noites até uma hora da madrugada; era encontrado em casa de dez horas da manhã à uma da tarde, depois ia ao Bois de Boulogne e fazia visitas até as cinco horas. Raras vezes andava a pé, e assim evitava os seus antigos conhecidos. Ao ser cumprimentado por antigos jornalistas ou por alguns dos seus antigos camaradas, respondia primeiro com uma inclinação de cabeça que não deixava ninguém zangar-se, mas em que transparecia um desdém profundo que dava cabo da familiaridade francesa. Assim descartou prontamente aqueles com os quais não queria conviver. Um velho ódio impedia-o de ir à casa da sra. d'Espard, a qual muitas vezes desejara tê-lo ao pé de si; se a encontrava em casa da duquesa de Maufrigneuse^[75] ou da srta. des Touches ou da condessa de Montcornet ou em qualquer outra parte, mostrava-se de uma polidez extrema para com ela. Esse ódio, igual na sra. d'Espard, obrigava Luciano a usar de prudência, porque vai ver-se como ele o tinha avivado deixando-se levar a uma vingança que, de resto, lhe valeu uma forte repreensão de Carlos Herrera.

— Tu ainda não és bastante poderoso para te vingares de quem quer que seja — dissera-lhe o espanhol. — Quando se vai a caminho, debaixo de uma soalheira, não se para nem para colher a flor mais linda.

Havia muito futuro e muita superioridade real em Luciano para que os rapazes ofuscados ou melindrados pelo seu regresso a Paris e pela sua inexplicável fortuna não gostassem imensamente de lhe pregar alguma peça. Luciano, que sabia que tinha muitos inimigos, não

ignorava essas más disposições dos seus amigos. Por isso o padre prevenia admiravelmente seu filho adotivo contra as traições do mundo, contra as imprudências tão fatais à mocidade. Luciano devia contar-lhe todas as noites, e efetivamente contava, os mínimos acontecimentos do dia. Graças aos conselhos desse mentor, iludia ele a curiosidade mais hábil que existe — a da alta sociedade. Guardado por uma seriedade britânica, fortificado pelos redutos que a circunspecção dos diplomatas levanta, não dava a ninguém o direito nem ocasião para lançar os olhos aos seus negócios. Sua juvenil e bela fisionomia acabara sendo, nas salas, impassível como a de uma princesa durante uma cerimônia solene.

Em meados de 1829, falou-se no seu casamento com a filha mais velha da duquesa de Grandlieu,^[76] que tinha então nada menos que quatro filhas solteiras. Ninguém punha em dúvida que o rei, a propósito dessa união, restituísse a Luciano o título de marquês. Esse casamento ia decidir a fortuna política de Luciano, que provavelmente seria nomeado ministro junto a alguma Corte alemã. Sobretudo nos últimos três anos, a vida de Luciano era de uma sisudez inatacável; o que levava De Marsay a dizer a seu respeito esta frase singular: “Esse moço deve ter alguma grande força a ampará-lo”. Luciano havia-se tornado assim quase uma figura de prol. Sua paixão por Ester tinha-o aliás ajudado muito a desempenhar o seu papel de homem sério. Um hábito dessa espécie livra de muitas tolices os ambiciosos, porque, não se ligando a nenhuma mulher, não se deixam surpreender pelas reações do físico sobre o moral. Quanto à felicidade que Luciano gozava, era a realização dos sonhos do poeta sem dinheiro, em jejum numa trapeira. Ester, o ideal da cortesã amorosa, apesar de lembrar a Luciano Corália, a atriz com a qual vivera um ano, excedia-a completamente. Todas as mulheres amantes e devotadas inventam a reclusão, o incógnito, a vida da pérola no fundo do mar; mas isso, na maior parte delas, é um desses encantadores caprichos que se tornam um assunto de conversação, uma prova de amor que elas sonham em dar e que não dão; ao passo que Ester, sempre na aurora da sua primeira ventura, vivendo a todo momento sob o primeiro olhar ardente de Luciano, não teve em quatro anos um movimento de curiosidade. O seu espírito todo inteiro ela

empregava em não afastar-se um ápice dos termos do programa traçado pela mão fatal do espanhol. Mais ainda: no meio das mais inebriantes delícias, não abusou do ilimitado poder que às mulheres amadas prestam os desejos renascentes de um amante para fazer a Luciano alguma pergunta sobre Herrera, que aliás continuava a meter-lhe medo; não ousava pensar nele. Os sábios benefícios do inexplicável personagem, a quem certamente Ester devia sua elegância de colegial, suas maneiras de mulher distinta e sua regeneração, pareciam à pobre rapariga ser uma espécie de dinheiro adiantado pelo inferno. “Eu um dia pagarei tudo isto”, pensava ela com terror. Todas as noites bonitas, ela saía de carruagem de aluguel. Com uma rapidez sem dúvida imposta pelo padre, ia a algum desses lindos bosques que há nos arredores de Paris, em Boulogne, Vincennes, Romainville ou Ville-de-Avray, muitas vezes com Luciano, algumas vezes sozinha com Europa. Podia passear sem medo, porque, quando ia sem Luciano, era acompanhada de um laçao agigantado, muito bem-vestido, armado com um facão, e com cara e musculatura de terrível atleta. Esse guarda ia provido à moda inglesa, de um formidando bengalão com o qual é possível desafiar muitos agressores. De conformidade com uma ordem do padre, nunca Ester disse uma palavra sequer a tal criado. Quando a senhora queria voltar, Europa soltava um grito; o laçao chamava o cocheiro com um assobio. Quando Luciano passeava com Ester, Europa e o laçao conservavam-se a cem passos de distância, como dois desses pajens infernais de que falam *As mil e uma noites*, e que um mágico dá aos seus protegidos. Os parisienses, e principalmente as parisienses, desconhecem o encanto de um passeio pelo meio das matas numa bela noite. O silêncio, os efeitos do luar, a solidão têm a ação calmante de um banho. De ordinário Ester partia às dez horas, passeava desde a meia-noite até uma hora e recolhia-se às duas e meia. Em casa dela nunca amanhecia antes das onze horas. Tomava banho, procedia a essa *toilette* minuciosa que a maior parte das mulheres de Paris ignora, porque toma muito tempo, e que não é praticada senão entre as cortesãs, as mulheres fáceis ou as grandes damas, que têm o dia todo ao seu dispor. Ela só acabava de se aprontar quando Luciano chegava, e sempre se oferecia aos seus olhares como uma flor acabada de

desabrochar. Só lhe dava cuidado a felicidade do seu poeta; era dele como um objeto de uso, isto é, deixava-lhe a mais completa liberdade. Nunca deitava os olhos além da esfera em que resplandecia, o padre lho recomendara muito, porque entrava nos planos desse profundo político que Luciano tivesse grandes oportunidades. A felicidade não tem história, e tão bem compreenderam isto os contistas de todos os países que a frase “Foram felizes” — termina todas as aventuras de amor. De modo que não há remédio senão explicar os elementos dessa felicidade verdadeiramente fantástica no meio de Paris. Foi a felicidade na sua forma mais bela, um poema, uma sinfonia de quatro anos! Todas as mulheres dirão: “É muito!”. Nem Luciano nem Ester tinham dito: “É demais!”. Enfim a fórmula “Foram felizes” foi para eles ainda mais explícita que nos contos de fadas, porque *não tiveram filhos*. Assim, Luciano podia galantear na alta sociedade, entregar-se aos seus caprichos de poeta e, digamos o termo, às necessidades da sua posição. Durante o tempo em que ia seguindo lentamente o seu caminho, prestou serviços secretos a algumas personagens políticas, cooperando nos seus trabalhos. Nesse ponto ele foi de uma grande discrição. Cultivou muito a companhia da sra. de Sérisy, de quem, no dizer dos salões, gozava grande intimidade. A sra. de Sérisy arrebatara Luciano à duquesa de Maufrigneuse, que diziam não fazer mais caso dele, um dos modos de dizer com que as mulheres se vingam de uma felicidade invejada. Luciano estava, por assim dizer, no regaço da capelania-mor do paço, e na intimidade de algumas senhoras que se davam com o arcebispo de Paris. Modesto e discreto, ele esperava com paciência. Assim, o dito de De Marsay, que então se havia casado e que fazia sua mulher levar a vida que Ester levava, continha mais de uma observação. Mas os perigos submarinos da posição de Luciano hão de ser bem explicados no decurso desta história.

XV – COMO UM LOBO-CERVAL ENCONTROU A RATINHA E O QUE ADVEIO DESSE ENCONTRO

Em tais circunstâncias, por uma bela noite de junho, o barão de Nucingen^[77] voltava a Paris, vindo das terras de um banqueiro estrangeiro estabelecido na França e em cuja casa jantara. Fica essa

propriedade a oito léguas de Paris, em Brie. Como o cocheiro se gabasse de levar e trazer o barão sem mudar de cavalos, tomou a liberdade de caminhar a passo ao cair a noite. Entrando no bois de Vincennes, eis a situação dos animais, dos criados e do amo. Literalmente emborrachado na copa do ilustre autocrata do câmbio, o cocheiro, bêbado como um odre, dormia, mas com as rédeas na mão, chegando a iludir quem passasse. O trintanário, sentado na traseira, roncava como um pião da Alemanha, terra das figurinhas de madeira esculpida, dos grandes Reinganum^[78] e dos piões. O barão quis pensar; mas, a partir da Pont de Gournay, fechou-lhe o olhar a doce sonolência da digestão. Pela brandura das guias, os cavalos compreenderam o estado do cocheiro, ouviram o ressonar contínuo do trintanário, viram-se senhores da situação e aproveitaram aquele escasso quarto de hora de liberdade para andarem a seu gosto. Escravos inteligentes, ofereceram aos ladrões o ensejo de roubar um dos maiores capitalistas da França, o mais profundamente hábil. Afinal, atraídos por essa curiosidade que toda a gente poderá ter notado nos animais domésticos, pararam num ponto qualquer, diante de outros cavalos, aos quais decerto disseram na sua língua: “De quem são vocês? Que fazem? Vivem felizes?”. Parando a caleça, o barão, amodorrado, acordou. Julgou primeiro estar ainda no parque do seu colega; depois surpreendeu-o uma visão celeste que o apanhou sem a sua arma habitual, o cálculo. Estava um luar tão bonito que até se podia ler um jornal da noite. Pelo silêncio das matas, e àquela claridade pura, o barão viu uma mulher sozinha que, ao subir para uma carruagem de aluguel, observou o singular espetáculo daquela cabeça adormecida. A vista desse anjo, o barão de Nucingen foi como que iluminado por um facho interior. Vendo-se admirada, a mulher, que era jovem, abaixou o véu com um gesto de terror. O laçao soltou um grito rouco, cuja significação foi bem compreendida pelo cocheiro, pois que a carruagem partiu como uma flecha.

O velho banqueiro sentiu uma comoção terrível; o sangue que subia de seus pés trazia-lhe lume à cabeça, a cabeça mandava chamas ao coração, apertou-se-lhe a garganta. O desgraçado teve medo de alguma indignação; mas, apesar dessa apreensão capital, pôs-se em pé.

— *A toto o calope, sua pesta de torminhoco!* — berrou ele. — *Cem*

francos se apanhas aquela carruagem!^[79]

Aquelas palavras, *cem francos*, o cocheiro acordou, e o trintanário sem dúvida as ouviu mesmo a dormir. O barão repetiu a ordem, o cocheiro pôs os cavalos a galope e conseguiu alcançar, na barrière du Trône, uma carruagem mais ou menos semelhante àquela em que Nucingen tinha visto a divina desconhecida, mas onde simplesmente se repoltreava o primeiro caixeiro de qualquer grande casa de modas com alguma grande dama da Rue Vivienne. Esse equívoco consternou o barão.

— *Se eu tivesse traido Chorche em vez de ti, minia cavalcatura, ele não teixaria escapar assim aquela mulier* — disse o ricaço ao criado, enquanto os caixeiros examinavam a carruagem.

— Ah, senhor barão! Parece-me que o diabo, em forma de lacaio, trocou sua carruagem por esta.

— *O tiapo non egziste* — disse o barão.

O barão de Nucingen tinha então sessenta anos, e as mulheres eram-lhe inteiramente indiferentes, e com mais razão a sua. Gabava-se de nunca ter conhecido o amor que obriga a fazer loucuras. Considerava uma felicidade haver-se desembaraçado das mulheres, das quais dizia, sem constrangimento, que a mais angélica não valia o que custava, ainda quando se dava de graça. Passava por ser tão completamente embotado que já não comprava nem por dois mil francos por mês o prazer de se fazer enganar. Do seu camarote da Ópera, seus olhos frios contemplavam tranquilamente o conjunto de bailarinas. Nem uma olhadela partia para o capitalista, vinda daquele temível enxame de raparigas velhas e de velhas juvenis, a nata dos prazeres parisienses. Amor natural, amor postiço e amor-próprio, amor de pompa e de vaidade, amor-gosto, amor decente e conjugal, amor excêntrico, tudo o barão tinha comprado e conhecido, exceto o verdadeiro amor. Esse amor acabava de cair sobre ele como uma águia sobre sua presa, como caiu sobre Gentz,^[80] o confidente de S.A. o príncipe de Metternich. São sabidas as loucuras que esse velho diplomata fez por causa de Fanny Elssler, cujos ensaios o preocupavam muito mais que os interesses europeus. A mulher que acabava de transtornar aquele cofre couraçado de ferro a que chamavam Nucingen aparecera-lhe como uma dessas

mulheres únicas numa geração. Não é certo que a amante de Ticiano, que a Mona Lisa de Leonardo da Vinci, que a Fornarina de Rafael fossem tão belas como a sublime Ester, em quem o olhar perito do parisiense mais observador não poderia reconhecer o mínimo vestígio de cortesia. Assim é que o barão ficou aturdido sobretudo por aquele ar de mulher nobre que Ester, amada, rodeada de luxo, de elegância e de amor, possuía no mais alto grau. O amor feliz é a santa âmbula das mulheres que então as põe altivas como imperatrizes. O barão foi oito noites a fio ao Bois de Vincennes, depois ao de Boulogne, depois aos de Ville-de-Avray, depois ao de Meudon, enfim a todos os arrabaldes de Paris, sem poder encontrar Ester. Essa sublime figura judia que ele dizia ser *uma figura da Bíblia* estava sempre diante de seus olhos. Ao cabo de quinze dias, perdeu o apetite. Delfina de Nucingen e sua filha Augusta, que a baronesa começava a mostrar à sociedade, a princípio não haviam reparado na mudança do barão. Mãe e filha só viam o sr. de Nucingen pela manhã ao almoço e à noite ao jantar, quando jantavam todos em casa, o que só acontecia quando Delfina dava recepção. Mas ao cabo de dois meses, tomado de uma febre de impaciência, e vítima de um estado semelhante ao que dá a nostalgia, o barão, surpreendido com a impotência do dinheiro, emagreceu e mostrou-se tão profundamente acabado que Delfina secretamente teve esperança de enviuar. Pôs-se muito hipocritamente a lamentar o marido e não permitiu que a filha saísse. Assediou o marido com perguntas; ele respondeu como respondem os ingleses atacados de *spleen*, quase não respondendo. Delfina de Nucingen dava um grande jantar todos os domingos. Escolhera esse dia para dar recepção, por ver que, na alta sociedade, ninguém ia ao teatro, sendo portanto o domingo um dia vago. A invasão das classes comerciais ou burguesas torna esse dia quase tão tolo em Paris como é fastidioso em Londres. A baronesa convidou pois o ilustre Desplein^[81] para jantar a fim de poder consultá-lo sem licença do doente, porque Nucingen dizia sentir-se muito bem. Keller,^[82] Rastignac, De Marsay, Du Tillet, todos os amigos da casa tinham feito ver à baronesa que um homem como Nucingen não devia morrer de improviso; os seus imensos negócios exigiam precauções, fazia-se absolutamente necessário saber o que era aquilo. Foram todos

convidados para esse jantar, bem como o conde de Gondreville,^[83] sogro de Francisco Keller, o cavaleiro d'Espard,^[84] Des Lupeaulx, o dr. Bianchon,^[85] o discípulo mais estimado de Desplein, Beaudenord e sua mulher, o conde e a condessa de Montcornet, Blondet, a srta. des Touches, Conti^[86] e finalmente Luciano de Rubempré, para com o qual Rastignac nutria, há cinco anos, a mais viva amizade.

XVI – DESESPERO DE UM COFRE

— Não vai ser fácil livrarmo-nos deste — disse Blondet a Rastignac, vendo entrar Luciano mais belo que nunca e admiravelmente vestido.

— É preferível ser amigo dele, pois trata-se de um adversário muito sério — disse Rastignac.

— Luciano? — perguntou De Marsay. — Adversários sérios são, a meu ver, aqueles cuja posição é clara, e a posição de Luciano tem mais de inatacada que de inatacável. Sim. Pois de que vive ele? De onde lhe vem sua fortuna? Aposto que tem uns sessenta mil francos de dívidas.

— Há um padre espanhol muito rico que o protege, e que é muito amigo dele — disse Rastignac.

— Ele vai casar com a Grandlieu mais velha — disse a srta. des Touches.

— Sim — observou o cavaleiro d'Espard. — Mas querem que ele compre uma propriedade de trinta mil francos de rendimento para garantir o futuro da noiva, e precisa de um milhão, coisa que não se encontra debaixo dos pés de nenhum espanhol.

— É caro, porque Clotilde é muito feia — disse a baronesa, tomando a liberdade de tratar a srta. de Grandlieu pelo seu nome próprio, como se ela, uma Goriot antes do casamento, frequentasse essa roda.

— Qual! — replicou Du Tillet. — A filha de uma duquesa nunca é feia para nós, principalmente quando ela traz o título de marquês e um posto na diplomacia. Porém o maior obstáculo a essa união é o amor insensato que a sra. de Sérisy tem a Luciano. Ela deve dar-lhe muito dinheiro.

— Já me não admira ver Luciano tão sério — tornou De Marsay —, pois certamente a sra. de Sérisy não lhe dará um milhão para o ver casado com a srta. de Grandlieu. Sem dúvida ele não sabe como sair

dessa situação.

— Sim, mas a srta. de Grandlieu é louca por ele — disse a condessa de Montcornet — e, com a sua ajuda, talvez o jovem obtenha melhores condições.

— Que irá ele fazer com a irmã e o seu cunhado de Angoulême?^[87] — perguntou o cavaleiro d'Espard.

— Ora — voltou Rastignac —, a irmã é rica, e ele hoje lhe chama sra. Séchard de Marsac.

— Seja como for, mas ele é um rapagão — disse Bianchon levantando-se para cumprimentar Luciano.

— Bom dia, caro amigo — disse Rastignac trocando um caloroso aperto de mão com Luciano.

De Marsay cumprimentou friamente, respondendo à saudação do recém-chegado. Antes do jantar, Desplein e Bianchon, que, gracejando com o barão de Nucingen, o iam examinando, reconheceram que sua enfermidade era inteiramente moral; mas ninguém pôde adivinhar-lhe a causa, pois parecia impossível que aquele profundo político da Bolsa pudesse apaixonar-se. Quando Bianchon, vendo que somente o amor era responsável pelo estado patológico do banqueiro, foi falar com Delfina de Nucingen, ela sorriu como mulher que há muito conhecia o marido. Contudo, depois do jantar, descendo ao jardim, os íntimos da casa cercaram o banqueiro, resolvidos a esclarecer aquele caso extraordinário, por ouvirem Bianchon afirmar que o caso era de amor.

— O barão — disse-lhe De Marsay — não sabe que tem emagrecido consideravelmente? E desconfia-se que está violando as leis da natureza financeira.

— *Chamais!* — disse o barão.

— Sim — retrucou De Marsay. — Até se afirma que anda apaixonado.

— *É fertate* — respondeu lamentosamente Nucingen. — *Suspiro por alguma coisa que non conieço.*

— Apaixonado, hein?... O senhor é um gabarola! — disse o cavaleiro d'Espard.

— *Zei que estar apaixonato na minia itate é coisa pastante ridícula; mas que querem? É um facto!*

— Por alguma senhora da alta sociedade? — perguntou Luciano.

— O barão — disse De Marsay — só pode emagrecer assim por um amor sem esperança, pois tem com que comprar todas as mulheres que podem ou querem vender-se.

— *Eu não a conheço* — respondeu o barão. — *E posso tê-lo porque a ziniora paronesa está no zalão. Até aqui eu não sabia o que era o amor. Acora zei: creio que o amor é a xente emacrecer.*

— E onde encontrou essa inocentinha? — perguntou Rastignac.

— *No pois de Vincennes, à meia-noite, de carruagem.*

— Os sinais quais são? — indagou De Marsay.

— *Chapéu de caze pranca, vestido cor-de-rosa, véu pranco... uma figura vertateiramente píplica! Olhos de foco, tez oriental.*

— Isso foi sonho! — disse Luciano sorridente.

— *É fertate. Eu vinia dormindo, vinia de xantar na quinta do meu amico...*

— Estava só? — perguntou Du Tillet, interrompendo esse lobo-cerval.^[88]

— *Estava* — disse o barão em tom dolente —; *apenas com um lacao na traceira da carruagem e uma criata...*

— Luciano parece que a está conhecendo — observou Rastignac, surpreendendo um sorriso do amante de Ester.

— Quem é que não conhece as mulheres capazes de ir à meia-noite ao encontro de Nucingen? — disse Luciano, rodando sobre os calcanhares.

— Mas enfim não é mulher que frequente a alta sociedade — aventou o cavaleiro d'Espard — porquanto o barão teria reconhecido o lacao.

— *Eu nunca a vi em parte alcuna* — respondeu o barão — *e há quarenta tias que a polícia procura ela por minia ortem, zem neniun resultato.*

— Pois antes ela lhe custe uns centos de mil francos do que a vida; porque, na sua idade, uma paixão sem alimento é perigosa — disse Desplein. — Pode ser fatal.

— *E vertate, é* — respondeu Nucingen a Desplein. — *O que eu como non me alimenta, até a ar me parece mortale. A minia vita é ir ao pois de Vincennes ver o sítio onte ela estava. Non me pute ocupar do último*

empréstimo; confiei nos meus colecas e eles tiveram tó de mim... Ainta que me custasse um milhão, queria coniecer aquela mulher; eu ganiava tinieiro, pois nem tenio ito mais à Polsa... Tu Tillet que o tica.

— É verdade — respondeu Du Tillet. — Está outro, perdeu o gosto às especulações; isto é prenúncio de morte.

— *Prenúncio de amor* — tornou o barão —; *para mi é tuto uma coisa zó.*

A ingenuidade daquele velho, que não era mais um lobo-cerval e que, pela primeira vez na vida, enxergava alguma coisa mais santa e mais sagrada que o ouro, impressionou aquela roda de gente farta de tudo: uns trocaram sorrisos, outros olharam para Nucingen exprimindo na fisionomia o espanto de verem um homem como ele chegar a tal estado. Depois voltou cada um para a sala comentando o caso que realmente despertava vivo interesse. A sra. de Nucingen pôs-se a rir quando Luciano lhe revelou o segredo do banqueiro; mas, ouvindo as troças de sua mulher, o barão travou-lhe do braço e levou-a para o vão de uma janela.

— *Minia ziniora* — disse-lhe ele em voz baixa —, *alcum tia terei gracechado a propósito de zuas paixões, para que a ziniora zombe agora das minias? Uma poa mulher achudaria zeu marido a livrar-se de tificultates em vez de fazer troça como a ziniora faz.*

Pela descrição do velho banqueiro, Luciano havia reconhecido a sua Ester. Já muito descontente por ver que tinham reparado no seu sorriso, aproveitou o momento da conversação geral enquanto era servido o café e desapareceu.

— Que é feito do sr. de Rubempré? — perguntou a baronesa de Nucingen.

— Ele é fiel à sua divisa: *Quid me continebit?*^[89] — respondeu Rastignac.

— Isso significa “Quem será capaz de me reter?” ou então “Sou indomável”, como quiser — disse De Marsay.

— Quando o senhor barão estava falando na sua desconhecida, Luciano deixou escapar um sorriso que me faria crer que a conhece — disse Horácio Bianchon sem perceber o perigo contido numa observação tão natural.

“*Pois teixa estar*”, disse o financista com os seus botões. Como todos os doentes desesperados, ele aceitava tudo quanto parecia ser uma esperança, e logo fez tenção de mandar espionar Luciano por outra gente que não a de Louchard, o mais hábil guarda do comércio de Paris, a quem ele, havia quinze dias, se dirigira.

XVII – UM ABISMO SOB A FELICIDADE DE ESTER

Antes de ir a casa de Ester, Luciano tinha de ir ao palácio de Grandlieu passar as duas horas que faziam de Clotilde Frederica de Grandlieu a moça mais feliz do faubourg Saint-Germain. A prudência que caracterizava o comportamento do ambicioso jovem aconselhou-o a informar imediatamente Carlos Herrera do efeito produzido pelo sorriso que lhe tinha arrancado o retrato de Ester feito pelo barão de Nucingen. A paixão do barão por Ester e a ideia que ele tivera de pôr a polícia no encalço de sua desconhecida eram acontecimentos de bastante importância para comunicar ao homem que tinha procurado debaixo da sotaina o asilo que os criminosos outrora procuravam nas igrejas. Da Rue Saint-Lazare, onde naquele tempo morava o banqueiro, à Rue Saint-Dominique, onde fica o palácio de Grandlieu, o caminho de Luciano levava-o a sua própria casa, que era no Quai Malaquais. Luciano encontrou o padre a fumar o seu breviário, isto é, saboreando a sua cachimbada antes de se deitar. Aquele homem, mais estranho que estrangeiro, acabara pondo de lado os charutos espanhóis por achá-los demasiado fracos.

— Isso é sério — respondeu o padre depois de ouvir a narrativa de Luciano. — O barão, que se lembrou de Louchard para procurar a pequena, também se lembrará de te pôr no encalço um esbirro qualquer e ficava tudo descoberto. Não é muito esta noite e a primeira parte do dia de amanhã para preparar as cartas da partida que vou jogar contra o barão, a quem irei demonstrar, antes de mais nada, a impotência da polícia. Quando o nosso ricaço perder toda esperança de apanhar a sua dama, eu me encarrego de vender-lhe pelo preço que ela vale para ele...

— Vender Ester? — exclamou Luciano, cujo primeiro ímpeto era sempre bom.

— Esqueces a nossa posição? — inquiriu o padre.

Luciano baixou a cabeça.

— Dinheiro nenhum — tornou o fingido padre — e sessenta mil francos de dívidas por pagar! Se queres desposar Clotilde de Grandlieu, tens de comprar uma propriedade de um milhão para assegurar o dote daquele camafeu. Ester é uma isca atrás da qual vou fazer correr o tal argentário até fazê-lo emagrecer de um milhão. Isso é comigo.

— Mas Ester não há de querer...

— Isso é comigo.

— Ela morrerá.

— Isso é com a empresa funerária. E depois?... — exclamou o selvagem sujeito, pondo termo às elegias de Luciano com a atitude que tomou. — Quantos generais morreram na flor dos anos pelo imperador Napoleão? — perguntou após uma pausa. — Mulheres há muitas! Em 1821, para ti Corália não tinha igual, e nem por isso deixou de aparecer Ester. Depois de Ester, virá... sabes quem?... a mulher desconhecida, a mais formosa de todas! Tu a procurarás na capital onde o genro do duque de Grandlieu será ministro e representará o rei de França. E depois, ouve lá, meu criança: achas que Ester morrerá por isso? Enfim, porventura o marido da sra. de Grandlieu pode conservar Ester? Mas deixa ficar; tu não tens o trabalho de pensar em tudo. Isso é comigo. Passarás sem a rapariga, uma semana ou duas, sem por isso deixares de ir à Rue Taitbout. Anda, vai arrulhar sobre a sua tábua de salvação, e representa bem o teu papel. Passa a Clotilde a carta incendiária que escreveste hoje de manhã e traze-me de lá outra um tanto ardente. A menina se vinga de suas privações escrevendo. Gosto disso. Encontrarás Ester um pouco triste, mas dize-lhe que obedeça. Trata-se da nossa libré de virtude, dos nossos casacos de honestidade, do biombo por trás do qual os grandes encobrem suas infâmias... Trata-se do meu belo *eu*, quero dizer, de ti, sobre quem é preciso que não recaia nenhuma suspeita. O acaso serviu-nos melhor do que o meu pensamento, que há dois meses anda trabalhando no vazio.

Lançando uma a uma estas terríveis frases, como quem dispara tiros, Carlos Herrera ia-se vestindo e dispunha-se a sair.

— Tua alegria é visível — exclamou Luciano. — Tu nunca foste

amigo da pobre Ester, e vês aproximar-se com delícia o momento de deitá-la à margem.

— Nunca te cansaste de amá-la, não é? Pois bem. Eu nunca me cansei de odiá-la. E, contudo, não tenho procedido sempre como se fosse sinceramente afeiçoado a esta rapariga, eu que, por intermédio de Ásia, tinha sua vida nas minhas mãos? Uns maus cogumelos num guisado, e pronto!... No entanto, Ester vive, e vive feliz porque tu a amas! Não sejas criança. Há quatro anos que esperamos um acaso por nós ou contra nós. Pois é necessário ter mais que talento para descascar este legume que hoje a sorte nos atira; nesta parada de roleta há bom e há mau, como em tudo. Sabes em que estava eu pensando quando entraste?

— Não...

— Em me fazer, aqui como em Barcelona, herdeiro de uma beata velha, com a ajuda de Ásia...

— Um crime?

— Não me restava outro recurso para assegurar tua felicidade. Os credores se agitam. Acossado por meirinhos e expulso do palacete de Grandlieu, que seria de ti? Nessa ocasião o diabo exigiria o seu dinheiro.

Carlos Herrera pintou com um gesto o suicídio de um homem que se afoga^[90] e fitou em Luciano um desses olhares firmes e penetrantes que impõem à alma dos fracos a vontade dos fortes. Esse olhar fascinador, que teve como resultado afrouxar toda resistência, anunciava entre Luciano e seu conselheiro não somente segredos de vida e de morte mas ainda sentimentos tão superiores aos sentimentos ordinários quanto aquele homem era superior à baixeza da sua posição.

Constrangido a viver fora da sociedade, onde a lei lhe vedava tornar a entrar, extenuado pelo vício e por terríveis e furiosas resistências, mas dotado de uma força de alma que o corroía, essa personagem ignóbil e grandiosa, obscura e célebre, devorada principalmente por uma febre de vida, revivia no corpo elegante de Luciano, cuja alma se tornara a sua. Fazia-se representar na vida social por esse poeta a quem dava a sua consistência e a sua vontade de ferro. Para ele, Luciano era mais que um filho, mais que uma mulher amada, mais que uma família, mais que a própria vida: era a sua vingança. E, como as almas fortes têm mais

apego a um sentimento que à existência, ligara-o a si por liames indissolúveis.

Depois de comprar a vida de Luciano num momento de desespero em que o poeta dava um passo para o suicídio, tinha-lhe proposto um desses pactos infernais que só nos romances se encontram, mas cuja terrível possibilidade muitas vezes tem sido demonstrada nas cortes de justiça por célebres dramas judiciais. Proporcionando a Luciano todas as alegrias da vida parisiense, provando-lhe que ainda podia criar para si um belo futuro, fizera dele como que um objeto seu. De resto, nenhum sacrifício era custoso a esse homem estranho, desde que se tratasse do *seu alter ego*.^[91] Com toda a sua energia, era tão fraco contra as fantasias do seu pupilo que acabara por lhe confiar os seus segredos. Seria mais um laço entre eles essa cumplicidade puramente moral? Desde o dia em que a Torpedo fora raptada, Luciano sabia sobre que horrível base repousava a sua felicidade.

Aquela batina de padre espanhol escondia Jacques Collin, uma das celebridades das galés, e que, dez anos antes, vivia sob o nome burguês de Vautrin na Pensão Vauquer, onde moravam Rastignac e Bianchon. Jacques Collin, por alcunha *Engana-a-Morte*, evadido de Rochefort pouco depois de haver sido aí reintegrado, aproveitou o exemplo dado pelo famoso conde de Santa Helena, modificando, porém, tudo quanto a ação ousada de Coignard^[92] teve de viciosa. Vestir a pele de homem honrado e continuar a vida de grilheta é uma proposição cujos dois termos são tão contraditórios que dificilmente deixam de ter um desenlace funesto, sobretudo em Paris; porque um condenado, implantando-se numa família, multiplica os perigos dessa substituição. Para garantir-se contra buscas, é preciso pôr-se bem a cavaleiro dos interesses ordinários da vida. Um homem que convive com a sociedade anda sujeito a casualidades que raras vezes incidem sobre as pessoas que não têm contato com o mundo. Por isso a batina é o disfarce mais seguro quando se torna completo por um viver solitário, exemplar e sem ação. “Então serei padre”, disse consigo esse morto civil, que queria absolutamente reviver sob uma forma social e satisfazer paixões tão singulares como ele próprio. A guerra civil que a Constituição de 1812 suscitou na Espanha, onde esse homem de energia se achava, havia-lhe

ministrado os meios de matar secretamente o verdadeiro Carlos Herrera numa emboscada. Bastardo de um fidalgo e abandonado havia muito pelo pai, ignorando a que mulher devia a existência, esse padre estava encarregado de uma missão política na França por Fernando VII, a quem um bispo o tinha proposto. O bispo, único homem que podia interessar-se por Carlos Herrera, morreu durante a viagem que esse filho degenerado da Igreja fazia de Cádiz a Madri e de Madri à França. Feliz por ter encontrado aquela individualidade tão desejada e nas condições em que a queria, Jacques Collin feriu suas próprias costas para apagar as letras fatais e mudou de fisionomia por meio de reagentes químicos. Metamorfoseando-se assim diante do cadáver do padre antes de o aniquilar, pôde obter uma certa parecença com o morto. Para concluir essa transmutação, quase tão maravilhosa como aquela de que se fala no conto árabe no qual o dervixe, que é velho, conquistou o poder de entrar num corpo juvenil, por meio de certas palavras mágicas, o forçado, que falava espanhol, aprendeu de latim tanto quanto um tonsurado andaluz devia saber. Banqueiro dos três galés, Collin estava rico com os depósitos confiados à sua probidade conhecida, e aliás forçada; entre sócios tais, um erro se salda a punhaladas. A esses fundos acrescentou ele o dinheiro dado pelo bispo a Carlos Herrera. Antes de deixar a Espanha, conseguiu apoderar-se do tesouro de uma devota de Barcelona a quem deu a absolvição, prometendo-lhe a restituição das quantias oriundas de um assassinato cometido por ela e de onde provinha a fortuna da penitente. Feito padre, encarregado de uma missão secreta que lhe devia valer as mais poderosas recomendações em Paris, Jacques Collin, decidido a não fazer coisa alguma que pudesse comprometer o caráter de que se havia revestido, entregava-se às sortes da sua nova existência quando encontrou Luciano na estrada de Angoulême a Paris. Esse moço afigurou-se ao falso padre um maravilhoso instrumento de poderio; ele salvou-o do suicídio, dizendo-lhe: “Dê-se a um homem de Deus como quem se dá ao diabo, e terá todas as probabilidades de um novo destino. Viverá como num sonho; e o pior que lhe pode acontecer ao despertar é essa morte para a qual corria...”. A aliança desses dois entes, destinados a formar um só, fundou-se neste raciocínio cheio de força,

que Carlos Herrera cimentou por meio de uma cumplicidade habilmente arranjada. Dotado do gênio da corrupção, destruiu a honestidade de Luciano criando-lhe necessidades cruéis e salvando-o delas por meio de consentimentos tácitos a ações más ou infames, que o deixavam sempre puro, leal, nobre aos olhos do mundo. Luciano era o esplendor social à sombra do qual queria viver o falsário. “Eu sou o autor, tu serás o drama; se não triunfares, o pateado serei eu”, disse-lhe ele no dia em que lhe confessou o sacrilégio do seu disfarce. Carlos foi cautelosamente de confissão em confissão, medindo a infâmia das confidências pela força de seus progressos e pelas necessidades de Luciano. Assim é que o antigo grilheta só revelou o seu último segredo no momento em que o hábito dos prazeres parisienses, os triunfos, a vaidade satisfeita haviam subjugado em benefício dele o corpo e a alma daquele poeta tão pusilânime. Onde Rastignac, outrora tentado por esse demônio, tinha resistido, sucumbiu Luciano, mais bem manejado, mais sabiamente comprometido e vencido sobretudo pela alegria de ter conquistado uma posição eminente. O Mal, cuja configuração poética se chama Diabo, usou para com aquele homem meio feminino as suas mais vivas seduções, e primeiro pediu-lhe pouco dando-lhe muito. O grande argumento de Carlos foi aquele eterno segredo prometido por Tartufo a Elmira.^[93] As provas reiteradas de uma dedicação absoluta, semelhante à de Seíd^[94] por Maomé, concluíram a obra horrível da conquista de Luciano por Jacques Collin. Naquele momento não somente Ester e Luciano tinham devorado todos os fundos confiados à probidade do banqueiro da calceta, que por eles se expunha a terríveis ajustes de contas, senão que até tinham dívidas o dândi, o falsário e a cortesã. No momento, pois, em que Luciano ia triunfar, uma simples pedrinha debaixo do pé de qualquer daquelas três criaturas podia fazer desabar o fantástico edifício de uma fortuna tão audazmente construída. No baile da Ópera, Rastignac havia reconhecido o Vautrin da Pensão Vauquer, mas sabia que havia de morrer à primeira indiscrição; por isso o amante da sra. de Nucingen e Luciano trocaram olhares nos quais o medo se escondia de parte a parte debaixo das aparências de amizade. No momento do perigo, era indubitável que Rastignac com a melhor vontade arranjaria a corda que devia enforcar

Engana-a-Morte. É fácil, pois, adivinhar o sombrio júbilo que se apoderou de Carlos ao saber da paixão do barão de Nucingen, e abrangendo num só pensamento todo o partido que um homem da sua têmpera podia tirar da pobre Ester.

— Vai — disse ele a Luciano. — O diabo protege o seu capelão.

— Olha que estás fumando em cima de um paiol de pólvora.

— *Incedo per ignes!*^[95] — respondeu Carlos sorrindo. — É o meu ofício.

XVIII – O PALÁCIO DE GRANDLIEU

Em meados do século XVIII, a família de Grandlieu dividiu-se em dois ramos: primeiro, a casa ducal condenada à extinção porquanto o atual duque só teve filhas; depois, os viscondes de Grandlieu, que devem herdar o título e o brasão do ramo mais velho. O ramo ducal usa *de goles, com três cutelos ou achas d'armas de ouro, postos em faixa*, com a famosa divisa CAVEO NON TIMEO^[96] que resume toda a história da família.

O escudo dos viscondes se esquartela com o de Navarreins que *é de goles, com uma faixa ameiada de ouro*, tendo por timbre o elmo de cavaleiro e por divisa GRANDS FAITS, GRAND LIEU.^[97] A atual viscondessa, viúva, desde 1813, tem um filho e uma filha. Apesar de ter regressado da emigração quase arruinada, recuperou, por obra da dedicação do procurador Derville,^[98] uma fortuna considerável.

Tornando em 1804, o duque e a duquesa de Grandlieu foram alvo das gentilezas do imperador; e assim Napoleão, que os atraiu para a Corte, restituiu à casa de Grandlieu tudo o que dela se achava na casa imperial, uns quarenta mil francos de rendimento. De todos os grandes senhores do faubourg Saint-Germain que se deixaram seduzir por Napoleão, o duque e a duquesa (oriunda do ramo primogênito dos D'Ajuda,^[99] aliados dos Bragança) foram os únicos que não renegaram o imperador nem os seus benefícios. Luís XVIII respeitou essa fidelidade quando a alta aristocracia a lançou em rosto aos Grandlieu; mas nisso, provavelmente, Luís XVIII só queria contrariar o irmão.^[100] Considerava-se provável o casamento do jovem visconde de Grandlieu com Maria-Athénaïs, última filha do duque, a qual contava então nove anos de

idade. Sabina, a penúltima, casou com o barão du Guénic depois da Revolução de Julho.^[101] Josefina, a terceira, casou com o marquês d'Ajuda Pinto, viúvo de sua primeira mulher, a srta. de Rochefide. A mais velha tinha tomado o véu em 1822. A segunda, Clotilde Frederica, de vinte e sete anos, andava profundamente apaixonada por Luciano de Rubempré.

É escusado perguntar se o palácio do duque de Grandlieu, um dos mais belos da Rue Saint-Dominique, exercia mil prestígios sobre o espírito de Luciano; de cada vez que o imenso portão girava nos gonzos para deixar entrar o seu cabriolé, ele sentia essa satisfação de vaidade de que falava Mirabeau. “Apesar de meu pai ter sido um simples boticário no Houmeau,^[102] eu entro aqui”... Tal era o seu pensamento. Por isso seria capaz de cometer crimes ainda maiores que os da sua aliança com um falsário para conservar o direito de subir os poucos degraus da escadaria e ouvir anunciar “o sr. de Rubempré”, na grande sala à Luís XIV, feita no tempo de Luís XIV pelo modelo das de Versalhes, onde se encontrava a fina flor da sociedade de Paris.

A fidalga portuguesa, uma das senhoras que menos gostavam de sair de casa, estava quase sempre rodeada de seus vizinhos, os Chaulieu, os Navarreins, os Lenoncourt.^[103] Muitas vezes a formosa baronesa de Macumer,^[104] (Chaulieu, antes de casar-se), a duquesa de Maufrigneuse, a sra. d'Espard, a sra. de Camps,^[105] a srta. des Touches, aparentada com os Grandlieu que são da Bretanha, apareciam de visita, indo para o baile ou de volta da Ópera. O visconde de Grandlieu, o duque de Rhétoré, o marquês de Chaulieu, que havia de ser um dia duque de Lenoncourt-Chaulieu, sua esposa Madalena de Mortsaufré, neta do duque de Lenoncourt, o marquês d'Ajuda Pinto, o príncipe de Blamont-Chauvry, o marquês de Beauséant, o vidama de Pamiers, os Vandenesse, o velho príncipe de Cadignan e seu filho, o duque de Maufrigneuse,^[106] eram os frequentadores habituais daquela sala grandiosa onde se respirava o ar da Corte, onde as maneiras, o tom, o espírito se harmonizavam com a fidalguia dos donos da casa, cujo viver altamente aristocrático acabara por fazer esquecer a sua servidão napoleônica.

A velha duquesa d'Uxelles, mãe da duquesa de Maufrigneuse, era o oráculo desse salão, onde a sra. de Sérisy nunca lograra fazer-se admitir,

apesar de descender dos Ronquerolle.

Trazido pela sra. de Maufrigneuse, que fizera trabalhar nisso sua mãe em favor de Luciano, por quem ela andara apaixonada durante dois anos, o sedutor poeta se aguentava aí por influência do capelão-mor do paço e com a ajuda do arcebispo de Paris. E, ainda assim, não foi admitido senão depois de haver obtido o decreto que lhe restituiu o nome e as armas da casa de Rubempré. O duque de Rhétoré, o cavaleiro d'Espard e ainda alguns outros, com inveja de Luciano, indispunham periodicamente contra ele o duque de Grandlieu contando-lhe coisas do passado de Luciano; mas a devota duquesa, já rodeada pelas sumidades da Igreja, e Clotilde de Grandlieu o protegeram. Luciano explicou, de resto, suas inimizades narrando sua aventura com a prima da sra. d'Espard, a sra. de Bargeton, agora condessa du Châtelet. Depois, sentindo a necessidade de se fazer adotar por uma família tão poderosa, e induzido por seu conselheiro íntimo a ganhar as boas graças de Clotilde, Luciano teve a coragem dos aventureiros: apareceu no palácio cinco vezes por semana, sofreu com boa cara todos os vexames da inveja, suportou os olhares impertinentes, respondeu com espírito às zombarias. Sua assiduidade, o encanto de suas maneiras, sua complacência acabaram por neutralizar os escrúpulos e diminuir os obstáculos. Continuando a ser recebido em casa da duquesa de Maufrigneuse, cujas cartas ardentes, escritas no decurso de sua paixão, eram guardadas por Carlos Herrera, ídolo da sra. de Sérisy, bem-visto em casa da srta. des Touches, Luciano, contente de se ver recebido nessas três casas, aprendeu com o seu espanhol a usar da máxima reserva nas suas relações.

— Não é possível ser devotado a várias casas ao mesmo tempo — dizia-lhe o seu conselheiro íntimo. — Quem aparece em toda a parte não encontra interesse vivo em parte alguma. Os grandes só protegem aqueles que rivalizam com os seus móveis, aqueles que eles veem todos os dias, e que sabem tornar-se para eles uma coisa necessária, como o divã em que se assentam.

Habitado a considerar o salão dos Grandlieu como seu campo de batalha, Luciano reservava seu espírito, seus chistes, as novidades e suas graças de cortesão para o tempo que lá passava à noite. Insinuante,

carinhoso, prevenido por Clotilde dos escolhos que devia evitar, lisonjeava as pequenas paixões do sr. de Grandlieu. Tendo começado por invejar a felicidade da duquesa de Maufrigneuse, Clotilde acabou por se enamorar loucamente de Luciano.

Percebendo todas as vantagens de um tal enlace, Luciano fez o seu papel de galã como o faria Armand,^[107] o último galã da Comédie Française. Escrevia a Clotilde cartas que eram verdadeiras obras-primas literárias, às quais a moça respondia dando tratos à imaginação para exprimir no papel toda a fúria do seu amor, pois que ela não conseguia amar senão dessa forma. Ia todos os domingos ouvir missa na Saint-Thomas-d'Aquin, inculcava-se fervoroso católico, entregava-se a dissertações monárquicas e religiosas que faziam maravilhas. Além disso escrevia nos jornais dedicados à Congregação^[108] artigos verdadeiramente notáveis, sem aceitar dinheiro por eles e assinando-os apenas com um L. Fez brochuras políticas, pedidas ou pelo rei Carlos x ou pelo capelão-mor do paço, e não exigiu a mínima recompensa.

— O rei — dizia ele — já fez tanto por mim que até o meu próprio sangue lhe devo.

Assim é que há dias se falava em colocar Luciano no gabinete do primeiro-ministro como secretário particular, porém a sra. d'Espard pôs tanta gente em campo contra ele que o mestre Jacques de Carlos x^[109] hesitava em tomar tal resolução. Não somente não era bastante clara a posição de Luciano, e estas palavras “De que vive ele?” que cada um tinha sobre os lábios, à medida que ele se elevava, exigiam uma resposta, mas ainda a curiosidade benévola como a curiosidade maliciosa iam de investigação em investigação, descobrindo mais de um ponto fraco na couraça desse ambicioso. Inocentemente, Clotilde de Grandlieu servia a seu pai e a sua mãe de espião. Dias antes havia ela chamado Luciano de parte ao vão de uma janela, para conversarem e para lhe transmitir as objeções da família.

— Arranje uma propriedade de um milhão e pode pedir-me em casamento, foi a resposta de minha mãe — havia dito Clotilde.

— Mais tarde irão perguntar de onde te vem o dinheiro — dissera Carlos a Luciano quando este lhe fora comunicar o ultimato.

— Meu cunhado deve ter feito fortuna — ponderara Luciano. —

Teremos nele uma boa desculpa.

— O que falta, portanto, é o milhão — havia dito Carlos. — Vou pensar no caso.

Para bem explicar a posição de Luciano no palácio de Grandlieu, basta dizer que nunca lá havia jantado. Nem Clotilde nem a duquesa d'Uxelles nem a sra. de Maufrigneuse, que sempre se mostrara afeiçoada a Luciano, puderam obter do velho duque esse favor, tal a desconfiança que o gentil-homem nutria em relação àquele a quem ele chamava o sr. de Rubempré. Essa particularidade, reparada por quantos frequentavam aquela casa, feria profundamente o amor-próprio de Luciano, o qual reconhecia que ali era apenas tolerado. O mundo tem o direito de ser exigente, pois é enganado com tanta frequência! Fazer-se notado em Paris sem ter fortuna conhecida, sem uma indústria confessável, é uma posição que nenhum artifício pode sustentar por muito tempo. Assim pois, quanto mais se elevava, mais força dava Luciano a esta objeção: “De que vive ele?”. Vira-se forçado a dizer em casa da sra. de Sérisy, a quem devia a proteção do procurador-geral Granville e de um ministro de Estado, o conde Otávio de Bauvan,^[110] presidente do supremo tribunal:

— Estou crivado de dívidas.

Ao entrar no pátio do palácio onde se encontrava a legitimação das suas vaidades, ia ele pensando com amargura, a propósito da determinação de Engana-a-Morte: “Sinto estalar tudo debaixo de meus pés!”. Amava Ester e queria a srta. de Grandlieu para esposa. Estranha situação! Era indispensável vender uma para obter a outra. Só um homem podia fazer essa traficância sem que a honra de Luciano sofresse: esse homem era o falso espanhol. Não deviam eles ser tão discretos um como o outro, e um para com o outro? Não aparecem na vida dois pactos desse gênero, no qual cada um é alternadamente dominador e dominado.

Luciano espantou as nuvens que obscureciam sua fronte e entrou radioso, alegre nas salas do palácio de Grandlieu.

XIX – UMA MOÇA DE BOA FAMÍLIA

Nesse momento estavam abertas as janelas, os aromas do jardim

embalsamavam o salão, a jardineira que lhe ocupava o centro oferecia aos olhares sua pirâmide de flores. A duquesa, sentada a um canto, num sofá, conversava com a duquesa de Chaulieu. Várias senhoras compunham um grupo notável por diversas atitudes marcadas pelas diferentes expressões que cada uma delas dava a uma dor simulada. Na alta sociedade ninguém se interessa por uma desgraça ou por um sofrimento; é tudo conversa. Os homens passeavam pelo salão ou no jardim. Clotilde e Josefina ocupavam-se com a mesa do chá. O vidama de Pamiers, o duque de Grandlieu, o marquês d'Ajuda Pinto, o duque de Maufrigneuse jogavam o seu uíste a um canto. Quando anunciaram a chegada de Luciano, ele atravessou o salão e foi cumprimentar a duquesa, a quem perguntou a causa da aflição pintada no seu rosto.

— É que a sra. de Chaulieu acaba de receber uma triste notícia: faleceu seu genro, o barão de Macumer,^[111] ex-duque de Soria. Quem participou o triste acontecimento foram o jovem duque de Soria e sua esposa, que tinham ido a Chantepleurs para tratar do irmão. Luísa está consternada.

— Não se obtém duas vezes na vida o amor que a Luísa dedicava seu marido — disse Madalena de Mortsauf.

— Aí temos uma viúva rica — tornou a velha duquesa d'Uxelles olhando para Luciano, cuja fisionomia se conservou impassível.

— Pobre Luísa! — exclamou a sra. d'Espard. — Compreendo-a e lamento-a.

A marquesa d'Espard tomou o ar pensativo de uma mulher cheia de alma e de coração. Sabina de Grandlieu, apesar de ter apenas dez anos, ergueu para a mãe uns olhos inteligentes, quase zombeteiros, que o olhar materno reprimiu logo. É a isso que se chama educar bem os filhos.

— Se minha filha resiste a este golpe — disse com o modo mais maternal a sra. de Chaulieu —, temo pelo seu futuro. Luísa é muito romanesca.

— Eu não sei — disse a velha duquesa d'Uxelles — de quem é que nossas filhas tomam essa índole.

— É difícil — disse um velho cardeal — conciliar hoje o coração e as conveniências.

Luciano, que não tinha uma palavra a dizer, foi à mesa do chá apresentar seus cumprimentos às sras. de Grandlieu. Quando o poeta se distanciou do grupo das senhoras, a marquesa d'Espard inclinou-se para falar ao ouvido da duquesa de Grandlieu.

— Acha que esse rapaz ama realmente sua querida Clotilde? — perguntou ela.

A perfídia desta pergunta só pode ser compreendida depois de se ter uma ideia do físico de Clotilde. Essa moça, que contava vinte e sete anos, estava então de pé. Esta posição permitia ao olhar zombeteiro da marquesa d'Espard abranger o corpo seco e fino de Clotilde, que parecia perfeitamente um espargo. O corpete da pobre jovem era tão chato que não admitia os recursos coloniais daquilo que as modistas de Paris chamam de enchimentos enganadores. Por isso Clotilde, que conhecia os recursos do seu nome, em vez de se dar ao trabalho de dissimular esse defeito, fazia-o heroicamente sobressair. Apertando-se nos seus vestidos, obtinha o efeito do desenho rígido e nítido que os escultores da Idade Média buscaram nas suas estatuetas cujo perfil se destaca do fundo dos nichos em que foram colocadas nas catedrais. Clotilde tinha de altura cinco pés e quatro polegadas. Se é permitido

servirmo-nos de uma expressão familiar que tem ao menos o mérito de se fazer compreender bem, não tinha senão pernas. Esta falta de proporção dava ao busto um não sei que de disforme. Trigueira, de cabelos pretos e duros, sobranceiras muito bastas, olhos ardentes e emoldurados em órbitas já encarvoadas, rosto arqueado como um quarto crescente e dominado por uma testa proeminente, apresentava a caricatura de sua mãe, uma das mais belas mulheres de Portugal. A natureza diverte-se com esses gracejos. Vê-se frequentemente nas famílias uma irmã de surpreendente formosura, e cujas feições apresentam no irmão uma fealdade completa, ainda que ambos se pareçam. Clotilde tinha na boca, muito metida para dentro, uma expressão de desdém estereotipada. Os lábios, mais que nenhuma outra feição, denunciavam os movimentos secretos da sua alma, porque o afeto imprimia neles uma expressão encantadora, e tanto mais notável porque suas faces, tão morenas que não podiam corar, e seus olhos pretos sempre duros nunca exprimiam nada. Apesar de tantas desvantagens, apesar de toda a sua tesura, possuía da educação e da raça um ar de grandeza, um porte altivo, um não sei quê, talvez devido à franqueza do seu traje, e que nela denotava a moça de boa família. Tirava partido dos seus cabelos, cuja força e comprimento podiam passar por um sinal de formosura. Sua voz, que ela havia cultivado, exercia fascinação. Cantava divinamente. Era dessas moças de quem se diz “Tem uns lindos olhos” ou então “Tem um gênio encantador”. Como um dia alguém a tratasse, à inglesa, por “vossa Graça”, ela respondeu: “Trate-me antes por vossa Delgadeza”.

— Por que não seria amada a minha pobre Clotilde? — respondeu a duquesa à marquesa. — Sabe o que ela ainda ontem me disse? “Se sou amada por ambição, eu me encarrego de me fazer amar por mim própria!” É espirituosa e ambiciosa, e há homens a quem essas duas qualidades agradam. Quanto a ele, minha querida, é realmente belo, belo como um sonho; e, se puder resgatar a propriedade de Rubempré, o rei lhe restituirá, por consideração para conosco, o título de marquês... Afinal, a mãe dele era a última Rubempré...

— Coitado! Mas aonde irá ele arranjar um milhão?

— Isso não é conosco — voltou a duquesa —, mas ele decerto não o

irá furtar... De resto, não daríamos Clotilde a um intrigante nem a um indigno, ainda que fosse belo, poeta e moço como o sr. de Rubempré.

— O senhor chegou tarde — disse Clotilde a Luciano, sorrindo com infinita graça.

— É verdade. Jantei fora.

— De uns dias para cá o senhor anda muito solicitado — disse ela, ocultando com um sorriso seu ciúme e suas inquietações.

— Solicitado?... — tornou Luciano. — Não. Foi apenas por um grande acaso que jantei toda a semana com banqueiros; hoje com Nucingen, ontem com Du Tillet, anteontem com os Keller...

Vê-se que Luciano tinha aprendido o tom de espirituosa impertinência dos grandes senhores.

— O senhor tem muitos inimigos — disse Clotilde, oferecendo-lhe com infinita graça uma chávena de chá. — Vieram dizer a meu pai que o senhor tem sessenta mil francos de dívidas, que dentro em pouco estará preso em Sainte-Pélagie.^[112] E se o senhor soubesse o que todas essas calúnias me rendem... Tudo cai sobre mim. Não lhe falo do que eu soffro (meu pai lança-me olhares que me crucificam), mas sim do que o senhor deve soffrer, se nessas coisas há qualquer parcela de verdade.

— Não se preocupe com tais ninharias; ame-me como eu a amo, e dê-me alguns meses de espera — respondeu Luciano colocando a xícara vazia sobre a bandeja de prata lavrada.

— Não se mostre a meu pai, ele pode-lhe dizer alguma impertinência; e, como o senhor não suportaria isso, estaríamos perdidos. A maldosa da marquesa d’Espard foi dizer-lhe que sua mãe era enfermeira de parturientes, e que sua irmã era engomadeira...

— Estivemos, é verdade, na mais profunda miséria — respondeu Luciano com lágrimas nos olhos. — Isso não é calúnia, é apenas maledicência. Hoje minha irmã é mais que milionária, e minha mãe jaz na sepultura há dois anos... Essas informações, já vejo, estavam de reserva para o momento em que o triunfo me sorrisse aqui...

— Mas que fez o senhor à sra d’Espard?

— Cometi a imprudência de contar por gracejo, em casa da sra. de Sêrissy, diante dos srs. de Bauvan e de Granville, a história do processo de interdição^[113] que ela movia contra o marido, e que Bianchon me

confiara. A opinião do sr. de Granville, apoiado por Bauvan e Sérisy, fez mudar a do ministro da Justiça. Um e outro recuaram diante de *La Gazette des Tribunaux*,^[114] diante do escândalo, e a marquesa apanhou na exposição de motivos da sentença que pôs fim a esse caso horrível. Se o sr. de Sérisy cometeu uma indiscrição que converteu a marquesa em minha inimiga figadal, em compensação ganhei sua proteção, a do procurador-geral e a do conde Otávio de Bauvan, a quem a sra. de Sérisy falou do perigo a que me expunham permitindo que se adivinhasse a fonte donde lhes vinham as informações. O marquês d'Espard teve a inabilidade de me fazer uma visita atribuindo a mim o triunfo que obtive no infame processo.

— Vou livrar-nos da sra. d'Espard — disse Clotilde.

— De que maneira? — perguntou Luciano.

— Fazendo minha mãe convidar os meninos d'Espard, que são encantadores e já crescidinhos. O pai e os dois filhos entoarão aqui elogios a seu respeito, e podemos ficar certos de que nunca mais a marquesa põe cá os pés.

— Como é adorável, Clotilde! Eu teria de amá-la pelo seu espírito, se já não a amasse por si mesma.

— Isto não é espírito — disse ela, revelando todo o seu amor nos lábios. — Adeus. Não venha cá por estes dias. Quando me vir em Saint-Thomas-d'Aquin com uma echarpe cor-de-rosa, é que meu pai terá mudado de humor. O senhor tem uma resposta colada nas costas da poltrona na qual está sentado: é possível que ela lhe sirva de consolo de não nos virmos. Ponha no meu lenço a carta que traz.

Evidentemente aquela jovem tinha mais de vinte e sete anos.

XX – A CASA DE UMA BOA RAPARIGA

Luciano tomou um fiacre na Rue de la Planche, desceu nos bulevares, tomou outro na Madeleine e mandou seguir para a Rue Taitbout.

As onze horas, entrando em casa de Ester, encontrou-a toda chorosa, mas vestida como costumava para recebê-lo. Esperava o seu Luciano recostada num divã de cetim branco bordado de flores amarelas, usando um delicioso penhoar de musselina das Índias, com laços de fita cor de cereja, sem espartilho, o cabelo simplesmente amarrado na

cabeça, os pés calçados em lindas pantufas de veludo forradas de cetim cor de cereja, todas as velas acesas, o cachimbo turco pronto para servir; mas não tinha fumado o seu, que se conservava apagado diante dela como um indício da sua situação. Ouvindo abrir as portas, enxugou as lágrimas, saltou como uma gazela e envolveu Luciano nos braços como um tecido que, apanhado pelo vento, se enroscasse numa árvore.

— Separados! — disse ela. — Será verdade?...

— Ora! Só por uns dias — respondeu Luciano.

Ester soltou-se e tornou a cair no divã como morta. Em situações tais, quase todas as mulheres palram como papagaios. Como elas nos amam!... Ao cabo de cinco anos, estão como no primeiro dia do seu amor, não nos podem abandonar, são sublimes de indignação, de desespero, de cólera, de pesares, de terror, de pressentimentos! Belas, enfim, como uma cena de Shakespeare. Mas ficai sabendo que essas mulheres não amam. Quando são tudo o que dizem ser, quando, em suma, amam verdadeiramente, fazem como fez Ester, como fazem as crianças, como faz o verdadeiro amor. Ester não dizia uma palavra; jazia ali com o rosto nas almofadas, e chorava amargamente. Quanto a Luciano, esforçava-se por levantá-la e falava-lhe.

— Mas ouve, criança, nós não estamos separados... Como? Depois de quase quatro anos de ventura, é assim que encaras uma ausência? “Então, que fiz a todas essas mulheres?”, pensou ele, lembrando-se de ter sido assim amado por Corália.

— O senhor é tão bonito! — disse Europa.

Os sentidos têm o seu belo ideal. Quando a esse belo tão sedutor se acrescentam a doçura de caráter, a poesia que distinguiram Luciano, pode-se conceber a louca paixão daquelas criaturas eminentemente sensíveis aos dons naturais externos, e tão ingênuas na sua admiração. Ester soluçava baixinho, e conservava-se numa atitude que revelava uma dor extrema.

— Tolinha! — disse Luciano. — Não te disseram que se tratava da minha vida?

Ouvindo palavras tão diretas, Ester pôs-se de pé como uma fera, com os cabelos soltos a emoldurar-lhe a face sublime como se fosse com uma folhagem. Ela encarou com firmeza Luciano.

— Da tua vida!... — exclamou erguendo os braços e deixando-os cair com um gesto peculiar às mulheres em perigo. — É verdade. A carta daquele selvagem fala de coisas graves.

Tirou da cintura um papel comum, mas, dando com os olhos em Europa, disse-lhe:

— Deixa-nos sós, minha filha. — E depois que Europa fechara a porta: — Aí tens o que ele me escreve — prosseguiu, estendendo a Luciano uma carta que Carlos acabava de lhe mandar e que Luciano leu em voz alta.

Partirá amanhã às cinco da madrugada. Alguém a conduzirá à casa de um guarda no fundo da mata de Saint-Germain, onde ocupará um aposento no primeiro andar. Não saia desse quarto enquanto eu não lho permitir. Nada lhe faltará. O guarda e sua mulher são pessoas de confiança. Não escreva a Luciano. Não se ponha à janela durante o dia; mas pode passear de noite acompanhada pelo guarda, se tiver vontade de sair. Durante o caminho conserve os estores descidos: trata-se da vida de Luciano.

Ele irá hoje à noite dizer-lhe adeus. Queime esta carta na presença dele.

Luciano queimou imediatamente a carta na chama de uma vela.

— Escuta, meu Luciano — disse Ester, depois de ouvir a leitura daquele bilhete como um criminoso escuta a de sua sentença de morte —, não te vou dizer que te amo, porque seria tolice... Vai para cinco anos que se me afigura tão natural amar-te como respirar, como viver. No primeiro dia em que minha felicidade principiou sob a proteção dessa inexplicável criatura, que me meteu aqui como se mete um animal curioso numa jaula, eu soube que havias de casar. O casamento é um elemento necessário ao teu destino, e Deus me defenda de obstar ao desenvolvimento da tua fortuna. Esse casamento é a minha morte. Mas não te enfasiarei; não vou fazer como as *grisettes* que se matam servindo-se de um fogareiro; já o tentei uma vez e basta. Não. Apenas irei para bem longe, para fora da França. Ásia possui segredos do seu país, e prometeu ensinar-me a morrer tranquilamente. Uma simples picada, e está tudo terminado. Só uma coisa peço, meu anjo adorador; é que não me enganes. Dei um balanço na minha vida; desde o dia em que te vi, em 1824, até hoje, tenho gozado mais ventura do que a que cabe em dez existências de mulheres ditosas. Toma-me pois pelo que

sou: uma mulher, nem forte nem fraca. Dize-me: “Vou casar-me”. Só te peço um adeus bem terno, e nunca mais ouvirás falar de mim.

Houve um momento de silêncio após essa declaração, cuja sinceridade só pode comparar-se à simplicidade dos gestos e do tom em que foi dita.

— É do teu casamento que se trata? — disse ela, cravando um dos seus olhares fascinadores e brilhantes como a lâmina de um punhal nos olhos azuis de Luciano.

— Há dezoito meses que trabalhamos para o meu casamento, e ele ainda não está concluído — respondeu Luciano — nem sei quando poderá concluir-se. Mas não é disso que se trata, minha querida... É do padre, de mim, de ti... Estamos seriamente ameaçados... Nucingen te viu.

— Sim, em Vincennes — disse ela. — Então ele me reconheceu?

— Não — respondeu Luciano —, mas anda louco por ti a ponto de deixar seus negócios correrem à matroca. Depois do jantar, quando ele te descreveu falando do vosso encontro, eu deixei escapar um sorriso involuntário, imprudente, porque me acho no meio da alta sociedade como o selvagem no meio das armadilhas de uma tribo inimiga. Carlos, que pensa por mim, acha perigosa esta situação; toma a seu cargo embarçar o caminho a Nucingen se ele se lembrar de nos espionar, do que o barão é muito capaz; falou-me da impotência da polícia. Tu ateaste um incêndio numa velha chaminé carregada de fuligem...

— E que quer fazer o teu espanhol? — perguntou Ester com brandura.

— Não sei. Disse-me que eu podia dormir sossegado — voltou Luciano sem atrever-se a olhar para Ester.

— Sendo assim, obedeço com a submissão canina que professo — disse Ester, travando do braço a Luciano e dizendo-lhe enquanto o levava para o quarto: — Jantaste bem, meu Lulu, em casa desse infame Nucingen?

— A cozinha de Ásia não me deixa achar bom um jantar, por mais célebre que seja o cozinheiro da casa onde eu coma; mas Carême tinha feito o jantar como em todos os domingos.

Luciano comparava involuntariamente Ester com Clotilde. A amásia

era tão bela, tão constantemente encantadora que ainda não havia deixado aproximar-se o monstro que devora os mais robustos amores: *a saciedade!* “Que pena”, pensou ele, “a gente encontrar sua mulher em dois volumes! De um lado, a poesia, a volúpia, o amor, o devotamento, a formosura, a gentileza...” Ester mexia aqui e ali como fazem todas as mulheres antes de se deitarem, andava de um lado para outro, borboleteava a cantar. Dir-se-ia um colibri. “... Do outro, a nobreza do nome, a raça, as horas, a posição, a ciência da alta sociedade!... E dizer-se que não há nenhum meio de reunir tudo isto numa pessoa só!”, exclamou Luciano.

No dia seguinte, às sete horas da manhã, acordando naquela encantadora alcova cor-de-rosa e branca, o poeta viu-se sozinho. Ao tocar a campainha, apareceu-lhe a fantástica Europa.

— Que deseja o meu senhor?

— Ester!

— A senhora partiu às quinze para cinco. Por ordem do senhor padre, está aqui agora uma cara nova...

— Mulher?..

— Uma inglesa... uma dessas mulheres que trabalham de noite. Temos ordem de tratá-la como se fosse a senhora; quer alguma coisa com ela? Coitada da minha senhora! Chorava muito quando entrou na carruagem, e dizia-me enxugando as lágrimas: “Não há remédio... Deixei o meu querido ainda a dormir, Europa, porque, se ele olhasse para mim ou pronunciasse o meu nome, eu ficava, ainda que tivesse de morrer com ele”. Eu sou tão amiga da senhora que nem lhe quis mostrar quem vinha substituí-la; há por aí muitas criadas que haviam de causar-lhe sérios dissabores.

— Então a desconhecida está aí?

— Ela veio na carruagem que levou a minha senhora, e eu escondi-a no meu quarto, de acordo com suas instruções.

— Que tal é ela?

— É como qualquer mulher de ocasião, mas não terá dificuldade em desempenhar o papel dela, se o senhor fizer o seu — disse Europa saindo para ir trazer a falsa Ester.

Na véspera, antes de se deitar, o onipotente banqueiro dera suas ordens ao seu criado de quarto, que, logo às sete da manhã, introduzia o famoso Louchard, o mais hábil guarda do comércio, numa saleta aonde veio ter o barão, de roupão e chinelos.

— *Você anta zompanto te mi!* — disse em resposta às saudações do guarda.

— Não podia ser de outra forma, senhor barão. Eu tenho apego ao meu lugar, e tive a honra de lhe declarar que não podia meter-me num negócio estranho às minhas funções. Que lhe prometi eu? Pô-lo em ligação com aquele dos nossos agentes que me pareceu o mais capaz de servi-lo. Mas o senhor barão sabe as demarcações que existem entre homens de diferentes ofícios... Quando se edifica uma casa, não se manda um marceneiro fazer o que compete a um serralheiro. Assim também, há duas polícias: a Polícia Política e a Polícia Judiciária. Nunca os agentes da Polícia Política se metem com os da Judiciária, e vice-versa. Se o senhor se dirigisse ao chefe da Polícia Política, poderia ocupar-se do seu caso com autorização do ministro, e o senhor não se atreveria a explicá-lo ao diretor-geral da Polícia do Reino. Um agente que policiasse por sua conta e risco perderia o emprego. Ora, a Polícia Judiciária é tão circunspecta como a Polícia Política. Assim, no Ministério do Interior ou na Chefatura de Polícia, ninguém se mexe a não ser no interesse do Estado ou da Justiça. Se se trata de alguma conspiração ou de algum crime, nesse caso o senhor tem os chefes às suas ordens; mas o senhor há de compreender, senhor barão, que eles têm mais que fazer do que preocupar-se com os cinquenta mil amoricos de Paris. Quanto a nós, não podemos ocupar-nos senão da captura dos devedores; e, desde que se trata de outro assunto, corremos um risco enorme se perturbarmos a tranquilidade de quem quer que seja. Mandeí cá um dos meus homens, mas preveni o senhor de que não me responsabilizava por nada; o senhor disse-lhe que procurasse para o senhor uma mulher em Paris, e Contenson abischoitou uma boa cédula de mil francos, sem nem sequer se mexer. Era mais fácil procurar uma agulha num palheiro do que procurar em Paris uma mulher da qual se desconfia que vá ao bois de Vincennes, e cujos sinais se pareciam com

os de todas as mulheres bonitas de Paris.

— *E Contenson non potia tizer-me a vertate* — replicou o barão — *em vez te me chupar as mil francos?*

— Escute, senhor barão — disse Louchard —, quer me dar três mil francos? Eu dou-lhe, ou vendo-lhe, um conselho.

— *E valerá ele três miles francos?*

— Ninguém me engana, senhor barão — respondeu Louchard. — O senhor está apaixonado, quer descobrir o objeto da sua paixão, vai murchando como uma alface sem água. Ontem, segundo me contou o seu criado, vieram cá dois médicos que o julgaram em perigo; e só eu posso pô-lo nas mãos de um homem hábil... Que diabo! Será possível que sua vida não valha mil escudos?

— *Tica-me o nome tesse home hápil, e conte com a minia xenerositate.*

Louchard pegou no chapéu, cumprimentou e foi saindo.

— *Tiacho te home!* — exclamou Nucingen. — *Veniacá!... Tome...*

— Repare bem — disse Louchard antes de aceitar o dinheiro que eu lhe vendo pura e simplesmente uma informação. Dou-lhe o nome e o endereço do único homem capaz de servi-lo; mas é um mestre...

— *Ora polas!* — berrou Nucingen. — *Somente o nome te Rotschild é que vale mil escudos, e ainta assim quanto assinato ao pé de uma letra. Ofereço mil francos.*

Louchard, um finório que não tinha podido negociar nenhum cargo de procurador, de tabelião, de oficial de diligências ou de solicitador, piscou para o barão de um modo significativo.

— Para o senhor, são três mil francos ou nada; em alguns segundos o senhor os recupera na Bolsa! — disse ele.

— *Non tou mais te mil francos* — repetiu o barão.

— É capaz de regatear uma mina de ouro! — disse Louchard cumprimentando e retirando-se.

— *Por quinientos francos vou eu saper o entereço* — retrucou o barão e mandou o criado chamar o seu secretário.

Turcaret^[115] já não existe. Hoje tanto o maior como o menor banqueiro empregam sua astúcia nas mínimas coisas: fazem tráfico das artes da beneficência, do amor; e são capazes de traficar com o papa uma absolvição. Assim, enquanto ouvia Louchard, Nucingen havia

pensado rapidamente que Contenson, sendo o braço direito do guarda do comércio, havia de saber o endereço de um tal mestre de espionagem. Contenson daria por quinhentos francos o que Louchard queria vender por três mil. Esta rápida combinação prova energicamente que, se o coração daquele homem estava invadido pelo amor, a cabeça era ainda a de um homem de negócios.

— *Vá você pessoalmente* — disse o barão a seu secretário — *à casa de Contenson, espion de Louchard, o guarda to comércio, mas vá tepressa, te fiacre, e traca-o cá. Fico à espera. Vá pela porta to xartim. Aqui tem a chave, pois é pom que ninguém vecha esse home em minia casa. Introtuza-o no pavilhon to xartim. Trate de tesempiniar essa misson com intelichência.*

Apareceu gente para tratar de negócios com Nucingen; mas ele estava à espera de Contenson, a pensar em Ester, calculando que em breve tornaria a ver a mulher a quem devia emoções inesperadas. E despediu toda a gente com palavras vagas, com promessas de sentido dúbio. Contenson afigurava-se-lhe a pessoa mais importante de Paris; a cada momento olhava para o jardim. Finalmente, depois de dar ordens para fechar as portas, mandou servir o almoço no pavilhão que ficava a um canto do jardim. Nos escritórios, o procedimento, as hesitações do mais manhoso, do mais perspicaz, do mais político dos banqueiros de Paris pareciam inexplicáveis.

— Que terá o patrão? — perguntava um agente de câmbio a um dos primeiros caixeiros.

— Quem sabe lá? Parece que anda mal de saúde. Ainda ontem a senhora baronesa reuniu aqui os doutores Desplein e Bianchon...

Um dia, uns estrangeiros quiseram visitar Newton num momento em que o sábio estava medicando uma cadelinha chamada Beauty, que lhe estragou, como é sabido, um imenso trabalho, e à qual ele apenas disse: “Ah, Beauty! Mal imaginas o que acabas de destruir...”. Os visitantes se retiraram, respeitando os trabalhos do grande homem. Em todas as existências grandiosas, existe uma cadelinha, uma Beauty. Quando o marechal de Richelieu foi cumprimentar Luís xv depois da tomada de Mahon, um dos maiores feitos de armas do século xviii, o rei disse-lhe: “Não sabe?... O Lansmatt, coitado, morreu!”. Lansmatt era um porteiro que andava inteirado das aventuras do rei. Nunca os

banqueiros de Paris souberam as obrigações que deviam a Contenson. Esse espião foi causa de Nucingen deixar concluir uma transação imensa em que tinha o seu quinhão e que largou para eles. Todos os dias o ricoço podia ganhar uma fortuna com a artilharia da Especulação, ao passo que o Homem estava às ordens da Felicidade!

XXII – CONTENSON

O célebre banqueiro tomava chá, roía algumas torradas como quem há muito não tinha os dentes afiados pelo apetite, quando ouviu um carro parar junto à cancela do seu jardim. Daí a pouco seu secretário apresentava-lhe Contenson, que ele só conseguira encontrar num café próximo de Sainte-Pélagie, onde o agente almoçava com a gorjeta dada por um devedor encarcerado com certas regalias que se pagam. Contenson era, como se vê, um perfeito poema, um poema parisiense. Por seu aspecto adivinhava-se logo que o Fígaro de Beaumarchais, o Mascarille de Molière, os Frontin de Marivaux, os Lafleur de Dancourt, [116] essas grandes expressões da audácia na gatunice da velhacaria reduzida a mau partido, do estratagema que renasce de seus cordéis cortados, são qualquer coisa de medíocre quando comparados com aquele colosso de espírito e de miséria. Em Paris, quando se encontra um tipo, não é mais um homem, é um espetáculo, não é já um momento da vida, mas uma existência, várias existências. Coza-se três vezes num forno um busto de gesso, e obtém-se uma espécie de aparência bastarda de bronze florentino. Pois bem: os relâmpagos de desgraças inumeráveis, as necessidades de situações terríveis tinham bronzeado a cabeça de Contenson, como se o clarão de um forno se houvesse destingido três vezes sobre seu semblante. As rugas, muito juntas, não podiam mais alisar-se, formavam vincos eternos, brancos no fundo. Toda aquela cara amarela eram rugas. O crânio, semelhante ao de Voltaire, tinha a insensibilidade de uma caveira e se não fosse um ou outro cabelo na parte posterior era para duvidar que pertencesse a um homem vivo. Debaixo da fronte imóvel agitavam-se, sem nada exprimir, uns olhos de chinês expostos sob uma redoma à porta de uma loja de chá, olhos fictícios que simulam vida, e cuja expressão não muda nunca. O nariz, esborrachado como o da Morte, zombava do Destino, e

a boca, franzida como a de um avaro, andava sempre aberta, mas discreta como a fenda de uma caixa de correio. Calmo como um selvagem, de mãos chamuscadas, Contenson, homúnculo mirrado e magro, tinha a atitude desmazelada do filósofo Diógenes,^[117] que nunca se pode vergar às formas do respeito. E que comentários da sua vida e dos seus costumes não estavam escritos no seu traje, para aqueles que sabem decifrar trajes?... Principalmente, que calças! Calças de malsim, pretas e luzidias como a alpaca de que se fazem as togas dos advogados!... Colete comprado no Temple,^[118] mas bordado!... Casaca preta, de um preto quase ruivo!... E tudo isso escovado, quase limpo, ornado com um relógio preso por uma corrente de plaquê. Contenson usava camisa de percal amarela, pregueada, sobre a qual brilhava um alfinete com diamante falso. A gola de veludo parecia uma gargalheira, sobre a qual transbordavam os refegos de uma carne de caraíba. O chapéu de seda era luzidio como cetim, mas o forro daria para formar com ele duas tigelinhas de luminárias se algum merceeiro o comprasse para o pôr a ferver. Não basta, porém, enumerar estes acessórios; seria necessário poder pintar a excessiva pretensão que Contenson sabia imprimir-lhes. Havia um não sei que de galante na gola da casaca, na graxa fresca das botas com as solas a rir-se, que nenhuma expressão poderia traduzir. Enfim, para dar uma ideia daquela mistura de tons tão diversos, um homem inteligente teria compreendido, ao contemplar Contenson, que, se em vez de espião ele fosse gatuno, aquela triste indumentária, em vez de provocar riso, incutiria terror. Pelo traje, um observador teria dito de si para si: “Aqui está um sujeito infame; bebe, joga, tem vícios, mas não se embriaga, não trapaceia, não é ladrão nem assassino”. E Contenson era realmente indefinível enquanto não acudisse à ideia a palavra espião. Aquele homem tinha exercido tantos ofícios desconhecidos quantos os há conhecidos. O fino sorriso dos seus beijos pálidos, o piscar dos olhos esverdinhados, o ligeiro esgar do nariz chato diziam que ele não deixava de ter espírito. Tinha uma cara de lata, e a alma devia ser como a cara. De modo que os seus movimentos fisionômicos eram carantonhas arrancadas pela cortesia, e não propriamente a expressão dos seus sentimentos. Meteria medo, se não fizesse rir tanto. Contenson, um dos mais curiosos produtos da

escuma que sobrenada à fervura da dorna parisiense, onde tudo fermenta, timbrava sobretudo em ser filósofo. Dizia ele sem acrimônia: “Tenho grandes talentos, mas não lhes dão valor; é como se eu fosse um imbecil!”. E condenava a si mesmo em vez de acusar os homens. Não é fácil achar muitos espiões com tão pouco fel. “As circunstâncias estão contra nós”, repetia ele a seus chefes. “Podíamos ser cristal e não passamos de grãos de areia.” Seu cinismo em matéria de traje tinha uma razão; é que ele votava tão pouco apreço ao seu vestuário de paisano quanto o que têm os atores ao seu vestuário de fora do teatro. Era perito em disfarçar-se, em caracterizar-se, e podia dar lições ao próprio Frédérick Lemaître, porquanto sabia ser janota quando necessário. Outrora, na mocidade, devia ter pertencido à sociedade licenciosa daqueles que frequentam casas mais que suspeitas. Manifestava profunda antipatia pela Polícia Judiciária, porque no tempo do Império pertencera à polícia de Fouché,^[119] que ele considerava um grande homem. Depois de suprimido o Ministério da Polícia, lançou-se como último recurso às capturas comerciais; mas sua capacidade bem conhecida, sua finura faziam dele um instrumento precioso, e os chefes desconhecidos da Polícia Política tinham conservado seu nome nas suas listas. Contenson, assim como os seus camaradas, era apenas um dos comparsas do drama cujos primeiros papéis pertenciam aos chefes, quando se tratava de algum trabalho político.

XXIII –ATÉ ONDE LEVA A PAIXÃO!

— *Pote retirar-se* — disse o barão a seu secretário, despedindo-o com um gesto.

“Por que diabo vive este homem num palácio e eu numa casa de cômodos...”, pensava Contenson. “Já três vezes roubou os credores, e eu nunca lesei ninguém. Eu tenho mais talento que ele...”

— *Contenson* — disse o barão —, *youê chupou-me um pilhete te mil francos...*

— Minha amásia estava carregada de dívidas...

— *Tens uma amásia?* — indagou Nucingen, olhando para o recém-chegado com um misto de admiração e inveja.

— Tenho apenas sessenta e seis anos — respondeu Contenson como homem a quem o vício havia conservado moço, como um exemplo fatal.

— *E que está fazendo ela?*

— Ajuda-me — disse Contenson. — Quando um homem é ladrão e é amado por uma mulher honesta, ou ela se torna ladra ou ele se faz honesto. Eu conservei-me espião.

— *Ainta precisas de tinieiro?* — perguntou Nucingen.

— Preciso sempre — respondeu Contenson, sorrindo — o meu ofício é desejá-lo, assim como o seu é ganhá-lo. Nós podemos chegar a um acordo: amontoe-o o senhor, que eu me encarrego de gastá-lo. O senhor será o poço, eu, o balde.

— *Queres ganhar quinientos francos?*

— Isso nem se pergunta! Mas decerto o senhor não mos oferece para reparar a injustiça que a sorte usa comigo.

— *Olha. Acrescento eles aos mil que já me sucaste, o que perfaz mil e quinientos francos que te tou.*

— Quer dizer que me dá os mil que pilhei, e mais quinhentos...

— *Chustamente* — disse Nucingen meneando a cabeça.

— Mas isto não perfaz senão quinhentos francos — disse Contenson sem se perturbar.

— *Tatos?* — perguntou o barão.

— Tomados. Diga-me, pois, o que deseja em troca.

— *Tisseram-me que há em Paris um home capaz de tescoprir a mulher que eu amo, e que tu zapes zeu entereço. Enfim, um mestre em espionache...*

— É verdade.

— *Pois pem, dize-me onte é que ele mora, e canhas os quinientos francos.*

— Onde estão eles? — perguntou vivamente Contenson.

— *Eis eles* — respondeu o barão, tirando uma nota do bolso.

— Então dê-mos — disse Contenson estendendo a mão.

— *Isto é toma lá, tá cá; vamos ver o home, e reapes o tinieiro; senon por este preço potias-me dar muitos entereços.*

Contenson desatou a rir.

— Efetivamente, o senhor tem o direito de pensar isso de mim — disse ele. — Quanto mais canalha é o nosso ofício, mais probidade exige. Mas ofereça o senhor barão seiscentos francos que eu lhe dou um

bom conselho.

— *Pois tá, e confia no meu chenerositate.*

— Eu me arrisco — disse Contenson —, mas jogo forte. A polícia procede com cautela. O senhor diz: “Vamos, anda!”. O senhor barão é rico, e pensa que tudo se dobra ao dinheiro. O dinheiro vale alguma coisa. Mas, com dinheiro, segundo os dois ou três homens espertos da nossa profissão, só se tem homens, e há coisas em que não se pensam e que não se podem comprar. Ninguém suborna o acaso. Por isso, em boa polícia, as coisas não se fazem assim. Quer mostrar-se comigo num carro? Seremos encontrados. O acaso tanto é contra como a favor.

— *É fertate?* — disse o barão.

— Sim, senhor. Foi uma ferradura apanhada na rua que levou o chefe de polícia à descoberta da máquina infernal.^[120] Se hoje de noite fôssemos de fiacre à casa do sr. de Saint-Germain, ele, vendo o senhor entrar em casa dele, não se inquietaria mais do que o senhor haveria de incomodar-se de o verem indo para lá.

— *É ecsato* — disse o barão.

— Oh! Ele é o mais forte de todos, o imediato do famoso Corentin; parece que o teve quando era padre. Tolice! Fouché sabia ser padre como soube ser ministro. Pois bem. O senhor não faz esse homem mexer-se por menos de dez mil francos. Pense bem! Mas o seu negócio será levado a bom termo e em segredo. Vou prevenir o sr. de Saint-Germain, e ele lhe marcará uma entrevista em sítio onde ninguém possa ver nem ouvir nada, pois é perigoso para ele desempenhar funções policiais por conta de particulares. Ele é bom homem, o rei dos homens, e homem que sofreu grandes perseguições apesar de haver salvado a França, como eu, como todos quantos a têm salvado.

— *Pem. Manta-me tizer então qual é o hora da entrevista* — disse o barão, sorridente.

— O senhor barão não me unta as unhas? — indagou Contenson, ao mesmo tempo humilde e ameaçador.

— *Chon* — gritou Nucingen ao jardineiro —, *vai petir vinte francos a Chorche e traze eles.*

— Se o senhor barão não tem outros esclarecimentos além dos que me deu, duvido que o mestre lhe possa ser útil.

— *Tenio outros!* — respondeu o barão com ar finório.

— Tenho a honra de cumprimentar o senhor barão — disse Contenson pegando na moeda de vinte francos. — Virei dizer a Jorge aonde o senhor deverá dirigir-se hoje de noite, pois em boa polícia nunca se deve pôr o preto no branco.

— *É te ver como son finos estes intivituos* — disse consigo o barão —; *na polícia é tal como nos necócios.*

XXIV – O TIO CANQUOËLLE

Separando-se do barão, Contenson foi tranquilamente da Rue Saint-Lazare à Rue Saint-Honoré, até o Café David; olhou pela vidraça e deu com os olhos num velho conhecido ali pelo nome de tio Canquoëlle.

O Café David, situado na Rue de la Monnaie, esquina da Rue Saint-Honoré, gozou durante os primeiros trinta anos do século XIX uma espécie de celebridade, aliás circunscrita ao bairro chamado de Bourdonnais. Reuniam-se ali os velhos negociantes aposentados, ou os grandes negociantes ainda em exercício: os Camusot, os Lebas, os Pillerault, os Popinot, e alguns proprietários como o tio Molineux. De tempos em tempos aparecia por lá o velho tio Guillaume,^[121] que vinha da Rue du Colombier. Falava-se de política, mas discretamente, porque a opinião do Café David era o liberalismo. Repetiam-se os mexericos do bairro, tal a necessidade que os homens sentem de trocar uns dos outros. Esse café, como aliás todos os outros, tinha a sua personagem original naquele tio Canquoëlle, que o frequentava desde 1811, e que parecia estar em tão boa harmonia com a gente honesta ali reunida que ninguém se constrangia de falar de política na sua presença. Às vezes esse bom sujeito, cuja singeleza ministrava muitos gracejos aos frequentadores do lugar, desaparecia por um ou dois meses; mas suas ausências, sempre atribuídas a enfermidade ou velhice, porque já em 1811 parecia passar dos sessenta, nunca espantavam ninguém.

— Que será feito do tio Canquoëlle? — perguntavam à caixeira.

— Acho — respondia ela — que qualquer dia saberemos da morte dele pelos anúncios fúnebres.

O tio Canquoëlle apresentava na pronúncia um constante atestado da sua origem. O seu nome era o de uma pequena propriedade

chamada Les Canquoëlles, palavra que em certas províncias significa besouro, e que fica no departamento de Vaucluse, donde ele viera. Habituarão-se a chamar-lhe Canquoëlle, em vez de Des Canquoëlles, sem que o pobre homem se zangasse; para ele a nobreza havia morrido em 1793; de resto, o feudo dos Canquoëlle não lhe pertencia, pois ele era o filho mais moço de um segundo ramo da família. Atualmente o traje do tio Canquoëlle pareceria estranho, mas de 1811 a 1820 não causava admiração a ninguém. O velho usava sapatos com fivelas de aço, meias de seda com riscas circulares alternadamente brancas e azuis, calções de seda com fivelas semelhantes às dos sapatos. Um colete branco bordado, uma velha casaca de pano esverdeado com botões de metal e uma camisa de bofes completavam-lhe o vestuário. No centro do peitilho de pregas brilhava um medalhão de ouro onde se via envidraçado um templozinho de cabelo, uma dessas adoráveis bagatelas de sentimento que tranquilizam os homens, tal como um espantalho afugenta os pardais. A maior parte dos homens, como os animais, assusta-se ou tranquiliza-se com qualquer coisa. Os calções do tio Canquoëlle seguravam-se por uma fivela que, segundo a moda do século anterior, os apertava por cima da barriga. Da cintura pendiam paralelamente duas correntes de aço compostas de várias correntinhas e terminadas por um molho de berloques. Sua gravata branca segurava-se atrás por meio de uma fivelazinha de ouro. Finalmente, a cabeça encanecida e empoada se adornava, ainda em 1816, do chapéu de três bicos que era também usado pelo sr. Try, presidente do tribunal. Esse chapéu, tão querido do velho, o tio Canquoëlle substituíra-o, havia pouco (o bom do homem acreditou dever esse sacrifício ao seu tempo), por esse ignóbil chapéu redondo contra o qual ninguém ousa reagir. Um rabicho, amarrado por uma fita, descrevia nas costas da casaca uma marca circular na qual a seborreia desaparecia debaixo de uma fina camada de pó. Fixando a atenção no traço distintivo do rosto, um nariz cheio de corcovas, vermelho e digno de figurar num prato de trufas, era possível a qualquer observador atribuir ao honrado ancião uma índole dócil, ingênua e até simplória. Pura ilusão. Andava enganado todo o Café David, onde nunca ninguém havia examinado a fronte observadora, a boca sardônica, o olhar frio daquele velho mimado pelos

vícios, calmo como um Vitélio,^[122] cuja imperial barriga reaparecia, por assim dizer, palingenesicamente.

Em 1816, um jovem caixeiro-viajante chamado Gaudissart,^[123] frequentador do Café David, esteve a embriagar-se desde as onze horas até a meia-noite com um oficial a meio-soldo. Teve a imprudência de se referir a uma conspiração tramada contra os Bourbon, muito séria e prestes a rebentar. Não se via então no café senão o tio Canquoëlle, que parecia dormir, dois garçons sonolentos e a caixeira do balcão. Vinte e quatro horas depois, Gaudissart era preso e a conspiração estava descoberta. Dois homens pereceram no patíbulo. Nem Gaudissart nem ninguém atribuiu jamais ao tio Canquoëlle a denúncia. Os garçons foram despedidos, os fregueses andaram de prevenção uns com os outros durante um ano, receosos da polícia, todos de acordo com o tio Canquoëlle, que falava em desertar do Café David, tal era o horror que tinha à polícia.

Contenson entrou no café, pediu um cálice de aguardente, sem olhar para o tio Canquoëlle, que estava lendo os jornais, e, depois de empinar o cálice, pegou na moeda de ouro que o barão lhe dera e chamou o garçom batendo com ela três pancadas secas na mesa. A caixeira do balcão e o garçom examinaram a moeda de ouro com um cuidado muito injurioso para Contenson; sua desconfiança, porém, era justificada pelo espanto que o aspecto de Contenson causava a todos os fregueses. “Este dinheiro provirá de algum roubo ou de algum assassinato?...” Tal era o pensamento de alguns espíritos fortes e perspicazes que olhavam Contenson por cima dos óculos fingindo que continuavam a ler o seu jornal. Contenson, que tudo via e nunca se admirava de nada, enxugou desdenhosamente os beiços num lenço de seda cerzido em vários pontos, recebeu o troco, pôs todo o dinheiro na algibeira própria, cujo forro, antigamente branco, tinha agora a cor do pano das calças, e não deu gorjeta ao garçom.

— Que tipo de malandro! — disse o tio Canquoëlle ao sr. Pillerault, que estava próximo.

— Ora! — respondeu, de modo que todos ouvissem, o sr. Camusot, único que não se mostrara espantado. — É Contenson, o braço direito de Louchard, nosso guarda do comércio. Os marotos vão talvez efetuar

alguma prisão aqui no bairro.

Quinze minutos depois, o tio Canquoëlle ergueu-se, agarrou o guarda-chuva e foi-se embora calmamente. Não será conveniente explicar que homem terrível e profundo se ocultava sob o traje do tio Canquoëlle, assim como o padre Carlos escondia Vautrin? Aquele meridional, nascido nos Canquoëlles, único domínio de sua família, aliás família muito boa, chamava-se Peyrade. Pertencia com efeito ao ramo segundo da casa de La Peyrade, velha mas pobre família do Comtat, que ainda possui a pequena propriedade de La Peyrade. Sétimo filho, tinha vindo para Paris a pé, com doze francos no bolso, em 1772, aos dezessete anos, estimulado pelos vícios de um temperamento fogoso, pelo desejo brutal de fazer carreira que atrai tantos meridionais à capital, quando chegam a compreender que a casa paterna nunca poderá fornecer renda para as suas paixões. Far-se-á uma boa ideia da juventude de Peyrade se se disser que em 1782 ele era o confidente, o herói da intendência geral de polícia, onde foi muito benquisto de Lenoir e de Albert,^[124] os dois últimos intendentess-gerais. A Revolução não teve polícia; não precisava dela. A espionagem, então geral, chamava-se civismo. O Diretório, governo um pouco mais regular que a Junta de Salvação Pública, foi obrigado a restabelecer uma polícia, e o primeiro-cônsul concluiu-a criando a Chefatura de Polícia e o Ministério da Polícia Geral. Peyrade, o homem das tradições, criou o pessoal, de combinação com um homem chamado Corentin, de resto muito mais esperto que ele, apesar de mais moço, e que só chegou a ser um indivíduo de gênio nos subterrâneos da polícia. Em 1808, os imensos serviços que Peyrade prestou foram recompensados com a sua nomeação para o lugar eminente de comissário-geral de polícia em Antuérpia. Na ideia de Napoleão, essa espécie de Chefatura de Polícia equivalia a um ministério da polícia encarregado de vigiar a Holanda. Na volta da campanha de 1809, Peyrade foi capturado em Antuérpia por uma ordem do gabinete imperial, trazido para a Force^[125] em custódia, entre dois gendarmes, e metido na cadeia. Dois meses depois, saía, afiançado pelo seu amigo Corentin, mas tendo primeiro respondido a três interrogatórios do chefe de polícia, de seis horas cada um.

Seria o infortúnio de Peyrade devido à milagrosa atividade com que

secundara Fouché na defesa das praias de França, atacadas pelo que nessa época se chamou a expedição de Walcheren, e em que o Duque de Otranto desenvolveu capacidades que causaram receio ao imperador? Ao tempo, Fouché julgou isso provável; hoje, porém, que toda a gente sabe o que se passou no conselho de ministros convocado por Cambacérès,^[126] é coisa certa. Fulminados pela notícia da tentativa da Inglaterra, que pagava a Napoleão a expedição de Boulogne, e surpreendidos sem o imperador, então entrincheirado na ilha de Lobau,^[127] onde a Europa o considerava perdido, os ministros não sabiam o que fazer. A opinião geral foi que se expedisse um correio ao imperador; mas Fouché sozinho ousou traçar o plano de campanha, que de resto executou. “Faça o que quiser”, disse-lhe Cambacérès; “*mas eu, que tenho apego à minha cabeça*, vou mandar um relatório ao imperador”. É sabido que absurdo pretexto adotou o imperador na volta, em pleno Conselho de Estado, para privar do valimento o seu ministro e puni-lo por ter salvado a França sem ele. Desde esse dia, Napoleão acrescentou à inimizade do príncipe de Talleyrand a do duque de Otranto, os dois únicos grandes políticos devidos à Revolução, e que talvez tivessem salvado o imperador em 1813. Para deitar Peyrade à margem adotou-se o vulgar pretexto de concussão: ele havia favorecido o contrabando repartindo os lucros com o alto comércio. Era um rude tratamento para um homem que devia o bastão de marechal do comissariado geral a grandes serviços prestados. Esse homem, encanecido na prática dos negócios, possuía os segredos de todos os governos desde 1775, época da sua entrada para a intendência geral de polícia. O imperador, que se julgava com poder de criar homens para seu uso, não fez caso das representações que mais tarde lhe foram feitas a favor de um homem considerado como um dos mais seguros, mais hábeis, mais finos dentre esses gênios desconhecidos, encarregados de velar pela segurança dos Estados. Acreditou poder substituir Peyrade por Contenson; mas este estava então absorvido por Corentin em proveito seu. Peyrade foi atingido tanto mais cruelmente porque, libertino e comilão, achava-se, relativamente às mulheres, na situação de um pasteleiro que gostasse de gulodices. Seus hábitos tinham-se tornado para ele uma segunda natureza; já não podia passar sem jantar

bem, sem jogar, sem levar, enfim, essa vida de grande senhor sem fausto a que se entregam todos os homens de faculdades poderosas, e que transformaram distrações exorbitantes numa verdadeira necessidade. Tinha até aí vivido à larga, sem ser forçado a despesas de representação, comendo do que achava, pois nunca se contava com ele nem com seu amigo Corentin. Cinicamente espirituoso, tinha amor ao seu ofício; era filósofo. Enfim, um espião, seja qual for a sua hierarquia na polícia, não pode, tal como acontece a um forçado, voltar a uma das profissões chamadas decentes ou liberais. Uma vez marcados, uma vez matriculados, os espiões e os grilhetas tomaram, como os diáconos, um caráter indelével. Há seres nos quais o estado social imprime destinos fatais. Para sua desgraça, Peyrade amava muitíssimo uma juvenzinha linda, uma criança que ele tinha certeza que era sua própria filha e de uma atriz célebre a quem prestara um serviço que a tornara grata por um período de três meses. Peyrade, que mandou vir a filha de Antuérpia, viu-se pois em Paris sem recursos, com um subsídio anual de mil e duzentos francos concedido pela Chefatura de Polícia ao velho discípulo de Lenoir. Foi morar na Rue des Moineaux, no quarto andar, num apartamento de cinco peças, por duzentos e cinquenta francos.

XXV – OS MISTÉRIOS DA POLÍCIA

Se há algum homem que deve sentir a utilidade, as doçuras da amizade, acaso esse homem não será o leproso moral a que a turba chama espião e a administração, agente? Peyrade e Corentin eram pois amigos como Orestes e Píldes.^[128] Peyrade tinha formado Corentin, como Vien formara David;^[129] mas o discípulo depressa superou o mestre. Tinham realizado juntos mais de uma diligência.^[130] Peyrade, contentíssimo por ter adivinhado o mérito de Corentin, lançara-o na carreira, prometendo-lhe o triunfo. Obrigou o discípulo a servir-se de uma amante que o desdenhava como de um anzol para pescar um homem.^[131] E Corentin tinha então vinte e cinco anos apenas! Corentin, sendo agora um dos generais de quem o ministro da polícia é o condestável, conservara, sob o duque de Rovigo,^[132] o lugar eminente que ocupava sob o duque de Otranto. Sucedia então com a Polícia Geral o mesmo que com a Polícia Judiciária. A cada negócio de certa importância, faziam-se contratos de

empreitada, por assim dizer, com os três, quatro ou cinco agentes de mais capacidade. O ministro, avisado de alguma conspiração, advertido de alguma trama (a maneira pouco importa), dizia a um dos coronéis da sua polícia: “Quanto precisa para alcançar tal resultado?”. Corentin e Contenson respondiam depois de maduro exame: “Vinte, trinta, quarenta mil francos”. Depois, uma vez dada a ordem de agir, todos os meios e homens a empregar ficavam à escolha e arbítrio de Corentin ou do agente designado. A Polícia Judiciária procedia, aliás, do mesmo modo para a descoberta dos crimes com o famoso Vidocq.^[133]

A Polícia Política, assim como a Judiciária, alistava os seus homens principalmente entre os agentes conhecidos, matriculados, habituais, e que são como que os soldados dessa força secreta tão necessária aos governos, em que pesem as declamações dos filantropos ou dos moralistas de moral tacanha. Mas a excessiva confiança devida aos dois ou três generais da têtêmpêra de Peyrade e de Corentin implicava, para eles, o direito de ocupar pessoas desconhecidas, salvo a obrigação de prestarem contas ao ministro nos casos graves. Ora, a experiência, a finura de Peyrade eram preciosíssimas para Corentin, que, passada a borrasca de 1810, se serviu do seu velho amigo, o consultou sempre e acudiu largamente às suas necessidades. Corentin conseguiu dar uns mil francos por mês a Peyrade. Por sua parte, Peyrade prestou imensos serviços a Corentin. Em 1816, Corentin, a propósito da descoberta da conspiração em que devia engolfar-se o bonapartista Gaudissart, tentou a reintegração de Peyrade na Polícia Geral do Reino, mas uma influência desconhecida qualquer afastou Peyrade. No intuito de se tornarem necessários, Peyrade, Corentin e Contenson, instigados pelo duque de Otranto, tinham organizado por conta de Luís XVIII uma contrapolícia, na qual foram empregados Contenson e outros agentes de igual importância. Luís XVIII morreu possuidor de segredos que hão de ser eternamente segredos para os mais bem informados historiadores. A luta da Polícia Geral do Reino com a contrapolícia do rei engendrou casos terríveis, cujo segredo foi guardado pelo patíbulo. Não é aqui o lugar nem a ocasião para entrar em pormenores a tal respeito, porquanto as *Cenas da vida parisiense* não são as *Cenas da vida política*; basta fazer entrever quais eram os meios de existência daquele

a quem no Café David davam o nome de tio Canquoëlle, e por que fios ele se atava ao poder terrível e misterioso da polícia. De 1817 a 1822, Corentin, Contenson, Peyrade e seus agentes tiveram por missão espionar amiúde o próprio ministro. Isto pode explicar a razão pela qual o ministério recusou empregar Peyrade e Contenson, sobre os quais Corentin, sem que eles o soubessem, fez cair as suspeitas dos ministros, a fim de utilizar seu amigo, quando considerou impossível sua reintegração. Os ministros depositaram então confiança em Corentin, e o encarregaram de vigiar Peyrade, o que fez sorrir Luís XVIII. Corentin e Peyrade ficaram então senhores absolutos do terreno. Contenson, durante largo tempo afeiçoado a Peyrade, continuava a favorecê-lo. Pusera-se ao serviço de guardas do comércio por ordem de Corentin e de Peyrade. Com efeito, por essa espécie de fúria que uma profissão exercida com gosto inspira, esses dois generais gostavam de postar seus soldados mais hábeis em todos os pontos onde as informações fossem abundantes. De resto, os vícios de Contenson, os seus hábitos depravados que o haviam feito descer a um nível moral ainda pior que o de seus amigos, exigiam tanto dinheiro que lhe era necessário muito trabalho. Contenson, sem cometer nenhuma indiscrição, tinha dito a Louchard que conhecia o único homem capaz de satisfazer o barão de Nucingen. Peyrade era, com efeito, o único agente que podia desempenhar impunemente funções policiais por conta de um particular. Falecido Luís XVIII, Peyrade perdeu não só toda a sua importância mas ainda as regalias da sua posição de espião de sua majestade. Julgando-se indispensável, havia continuado no mesmo gênero de vida. As mulheres, a boa mesa e o Círculo dos Estrangeiros^[134] tinham preservado de toda economia um homem que, como todas as pessoas talhadas para os vícios, tinha uma constituição de ferro.

Mas, de 1826 a 1829, nas imediações dos setenta e quatro anos, principiou a comedir-se. De ano para ano, Peyrade via o seu bem-estar diminuir. Assistia aos funerais da polícia, via com desgosto o governo de Carlos X abandonar as boas tradições. De sessão para sessão, a Câmara ia reduzindo o crédito necessário à existência da polícia, por ódio a esse meio de governo, e com o propósito de moralizar essa instituição.

— É como se alguém quisesse cozinhar de luvas brancas — dizia

Peyrade a Corentin.

Desde 1822 ambos já estavam a prever 1830. Sabiam do ódio íntimo que Luís XVIII votava ao seu sucessor, o que explica a sua indiferença para com o ramo secundogênito^[135] e sem o qual o seu reinado e a sua política seriam um enigma.

Com a velhice, crescera em Peyrade o amor à sua filha natural. Por ela, tornara ao seu feitio burguês, porque queria casar a sua Lídia com algum homem honrado. Por isso, principalmente nos últimos três anos, vinha procurando colocar-se na Chefatura de Polícia ou na direção da Polícia Geral do Reino, em algum lugar ostensível, confessável. Tinha acabado por inventar um lugar cuja necessidade, dizia ele a Corentin, mais cedo ou mais tarde havia de fazer se sentir. Tratava-se de criar na Chefatura de Polícia uma repartição de informações, intermediária entre a polícia de Paris propriamente dita, a Polícia Judiciária e a Polícia do Reino, a fim de fazer aproveitar à direção geral todas essas forças disseminadas. Somente Peyrade podia, na sua idade, ao cabo de cinquenta e cinco anos de discrição, ser o elo que unisse as três polícias, ser enfim o arquivista a quem a política e a justiça se dirigissem para esclarecimentos em certos casos. Peyrade esperava assim apanhar, com a ajuda de Corentin, algum ensejo de arranjar dote e marido para a sua Lídia. Corentin tinha já falado nisso ao diretor-geral da Polícia do Reino, sem aludir a Peyrade, e o diretor-geral, um meridional, achava necessário fazer emanar da Chefatura a proposta.

No momento em que Contenson dera três pancadas com a moeda de ouro na mesa do café, sinal que queria dizer “Preciso falar-lhe”, estava o decano dos homens de polícia a parafusar neste problema: “Por intermédio de que personagem, por amor a que interesse conseguirei colocar do meu lado o atual chefe de polícia?”. E parecia um palerma a estudar seu *Le Courrier Français*.^[136]

“O nosso pobre Fouché”, pensava ele, seguindo pela Rue Saint-Honoré, “esse grande homem está morto, caíram em descrédito os nossos intermediários com Luís XVIII! E depois, como ainda ontem me dizia Corentin, já ninguém crê na agilidade e na inteligência de um setuagenário... Ah! Por que me acostumei a jantar no Véry,^[137] a beber vinhos finos... a andar na pândega... a jogar quando tenho dinheiro?

Para assegurar uma posição não basta ter inteligência, como diz Corentin, é também necessário ter juízo. O bom do Lenoir bem que predisse a minha sorte, quando teve este desabafo, a propósito do Caso do Colar: ‘Você nunca há de ser nada!’ ao saber que eu não tinha ficado debaixo da cama de Oliva.”^[138]

XXVI – A CASA DE UM ESPIÃO

Se o venerável tio Canquoëlle (em sua casa era assim que o chamavam) permanecia na Rue des Moineaux num quarto andar, é porque havia achado na disposição do local umas peculiaridades que favoreciam o exercício de suas terríveis funções. Sita na esquina da Rue Saint-Roch, a casa não tinha vizinhança de um lado. Como era dividida em duas pela escada, existiam, em cada andar, dois quartos completamente isolados. Esses dois quartos davam para a Rue Saint-Roch. Por cima do quarto andar estendiam-se umas trapeiras, uma das quais servia de cozinha, e a outra era a alcova da única criada do tio Canquoëlle, uma flamenga chamada Katt, que havia sido ama de leite de Lídia. O tio Canquoëlle tinha feito quarto de dormir do primeiro dos dois compartimentos separados, e do segundo seu gabinete de trabalho. Uma parede mestra isolava esse gabinete ao fundo. A janela que abria para a Rue des Moineaux era fronteira a uma parede sem nenhuma abertura. Ora, como toda a largura do quarto de Peyrade os separava da escada, os dois amigos não receavam nenhum olhar, nenhum ouvido, quando tratavam de negócios nesse gabinete tão apropriado ao seu horroroso ofício. Por precaução, Peyrade tinha colocado um leito de palha, uma esteira e um tapete muito espesso no quarto da flamenga, a pretexto de trazer bem tratada a ama de sua filha. Além disso, havia tapado a chaminé e servia-se de um fogão cujo cano saía pela parede exterior do lado da Rue Saint-Roch. Finalmente, estendera sobre o ladrilho vários tapetes, para que os inquilinos do andar inferior não percebessem nenhum ruído. Perito em meios de espionagem, sondava a parede mestra, o teto e o soalho uma vez por semana, examinando-os como quem anda à procura de insetos importunos para matá-los. A certeza de estar ali sem ouvintes nem testemunhas tinha feito Corentin escolher aquele gabinete para sala de deliberação quando não deliberava em sua casa. A habitação de

Corentin só era conhecida do diretor-geral da Polícia do Reino e de Peyrade; recebia ali as pessoas que o ministério ou o paço tomavam para intermediários nas circunstâncias graves; mas nenhum agente, nenhum subalterno lá penetrava, e era em casa de Peyrade que ele combinava as coisas do ofício. Nesse quarto sem nenhuma aparência tramaram-se planos, tomaram-se resoluções que dariam estranhos anais e dramas curiosos se as paredes pudessem falar. Ali se analisaram, de 1816 a 1826, numerosos interesses. Ali se descobriram no seu germe os acontecimentos que haviam de pesar sobre a França. Ali, Peyrade e Corentin, tão providentes, porém mais instruídos que Bellart,^[139] o procurador-geral, já em 1819 diziam um ao outro:

— Se Luís XVIII não quer vibrar tal ou tal golpe, descartar-se deste ou daquele príncipe, é que certamente tem ódio ao irmão e quer legar-lhe uma revolução.

Ornava a porta de Peyrade uma ardósia sobre a qual ele, por vezes, encontrava sinais estranhos, algarismos escritos a giz. Essa espécie de álgebra infernal oferecia aos iniciados significações muito claras. Defronte dos aposentos tão mesquinhos de Peyrade, os de Lídia se compunham de sala de entrada, sala, quarto de dormir e gabinete de *toilette*. A porta de Lídia, como a do quarto de Peyrade, era composta de uma chapa de ferro de quatro linhas de espessura, colocada entre duas grossas tábuas de carvalho, armadas de fechaduras e de um sistema de gonzos que as tornavam tão difíceis de arrombar como portas de prisão. Por isso, apesar de a casa ser dessas que não têm porteiro, Lídia vivia ali sem ter nada que recear. A sala de jantar, a sala, o quarto, tudo com vasos de flores nas janelas, eram de um asseio flamengo e cheio de luxo. A ama flamenga nunca se havia separado de Lídia, a quem chamava filha. As duas iam à igreja com uma regularidade que dava do tio Canquoëlle excelente conceito ao tendeiro realista estabelecido na casa, na esquina da Rue des Moineaux e da Rue Neuve-Saint-Roch, e cuja família, cozinha e caixeiros ocupavam o primeiro andar e a sobreloja. No segundo andar vivia o senhorio, e o terceiro estava alugado, havia vinte anos, por um lapidário. Cada inquilino tinha sua chave. A mulher do tendeiro tomava conta obsequiosamente das cartas e encomendas que vinham para os três pacatos moradores, tanto mais que a mercearia

tinha caixa de correio. Sem estes detalhes, os estrangeiros e aqueles que conhecem Paris não poderiam compreender o mistério e o sossego, o abandono e a segurança que tornavam aquela casa uma exceção parisiense. Da meia-noite em diante, podia o tio Canquoëlle urdir todas as tramas, receber espiões e ministros, mulheres e cortesãs, sem ninguém dar por tal.

Peyrade, de quem a flamenga dissera à cozinheira do merceeiro que não era capaz de fazer mal a uma mosca, passava por ser o melhor dos homens. Não se poupava a coisa alguma pelo bem da filha. Lídia, que tivera Schmuke^[140] por mestre de música, sabia a arte dos sons a ponto de poder compor. Fazia aquarelas e desenhava com sépia. Peyrade jantava todos os domingos com a filha. Nesses dias era exclusivamente pai. Religiosa sem ser beata, Lídia fazia a páscoa e se confessava todos os meses. Contudo, de vez em quando ia ao teatro. Quando estava bom tempo, ia passear nas Tuileries. Eram esses os seus passatempos, pois sua vida era muito sedentária. Lídia, que adorava o pai, ignorava completamente suas sinistras capacidades e suas ocupações tenebrosas. Nenhum desejo tinha turvado a vida pura daquela criança tão inocente. Esbelta, formosa como a mãe, dotada de uma voz deliciosa, com uma carinha fina emoldurada por belos cabelos louros, parecia um desses anjos mais místicos que reais, colocados por alguns pintores primitivos no fundo das suas Sagradas Famílias. A expressão dos seus olhos azuis parecia derramar um fluido celeste sobre aquele a quem se dirigiam. O seu traje casto, sem os exageros da moda, exalava um encantador perfume de burguesia. Imagine-se um velho Satã, pai de um anjo, refrescando-se a esse divino contato, e se terá uma ideia de Peyrade e sua filha. Se alguém tivesse o arrojo de manchar aquele diamante, o pai teria inventado, para o engolir, uma dessas formidáveis armadilhas em que, no tempo da Restauração, caíram uns infelizes que foram perder a cabeça no cadafalso. Três mil francos por ano chegavam para Lídia e para Katt.

Entrando na Rue des Moineaux, Peyrade enxergou Contenson; passou-lhe adiante, subiu, ouviu os passos do seu agente na escada e introduziu-o antes que a flamenga assomasse à porta da cozinha. Uma campainha, posta numa cancela do terceiro andar onde morava o

lapidário, avisava aos inquilinos do terceiro e do quarto andar quando alguém subia para falar com eles. É inútil dizer que, da meia-noite em diante, Peyrade punha um abafador na campainha.

— Então que pressa é essa, Filósofo?

Filósofo era a alcunha que Peyrade punha em Contenson, e que esse Epicteto^[141] dos espões bem merecia. Este nome “Contenson” ocultava desgraçadamente um dos nomes mais antigos de feudalismo normando.^[142]

— Trata-se de ganhar dez mil francos.

— Em quê? Política?— Nada! Uma baboseira! O barão de Nucingen, sabe?, aquele refinado ladrão, anda com o cio por causa de uma mulher que viu no bois de Vincennes, e é preciso encontrá-la para ele, senão o homem morre de paixão... Ontem houve uma conferência médica, segundo me contou o criado... Eu já lhe arranquei mil francos, a pretexto de procurar a dona.

E Contenson referiu o encontro de Nucingen com Ester, acrescentando que o barão tinha algumas informações novas.

— Pois sim — disse Peyrade —, havemos de descobrir essa Dulcineia; diga-lhe que vá de carro esta noite à avenue Gabriel, nos Champs-Élysées, esquina da allée de Marigny.

Peyrade despediu Contenson e bateu à porta dos aposentos da filha como devia bater para ser admitido. Entrou jubiloso, porquanto o acaso acabava de proporcionar o meio de arranjar enfim o lugar que desejava. Refestelou-se numa boa poltrona à Voltaire depois de beijar Lídia na frente e disse-lhe:

— Toca qualquer coisa para mim.

Lídia tocou para ele um trecho de Beethoven para piano.

— Muito bem tocado, filhinha — disse ele sentando a filha nos joelhos. — Sabes que já tens vinte e um anos? É preciso casar, porque o papaizinho já tem mais de setenta...

— Eu sinto-me feliz aqui — respondeu ela.

— Não amas senão a mim, tão velho e tão feio? — perguntou Peyrade.

— Então a quem hei de amar?

— Janto hoje contigo; previne a Katt. Penso em estabelecer-nos, em

arranjar emprego para mim e marido para ti... algum bom moço, cheio de talento, que possa um dia ser o teu orgulho.

— Até hoje ainda não vi senão um que me agradasse para marido.

— É verdade?

— Sim, é; nas Tuileries — tornou Lúdia —; dava o braço à condessa de Sérisy.

— Como se chama?

— Luciano de Rubempré. Eu estava sentada com Katt à sombra de uma tília, sem pensar em nada. A meu lado achavam-se duas senhoras que disseram uma para a outra: “Lá vai a sra. de Sérisy com Luciano de Rubempré”. Olhei então o par de que falavam as damas. “Ai, minha querida”, disse a outra, “existem mulheres muito felizes! A esta consente-se tudo só porque é da família Ronquerolles e porque o marido é trunfo.” A outra respondeu: “Deixe lá, minha querida, que o Luciano sai-lhe caro...”. Que quer dizer isto, papai?

— Isto são tolices que a gente da alta-roda costuma dizer — respondeu Peyrade à filha com modo bonachão. — Aludiam talvez a certos acontecimentos políticos.

— Enfim, como me interrogou, eu respondi. Se quer casar-me, arranje-me um marido que se pareça com aquele rapaz.

— Criança! — tornou o pai. — A beleza nos homens nem sempre é sinal de bondade. Os rapazes bonitos não topam com nenhuma dificuldade no princípio da vida, não desenvolvem talento algum, corrompe-os a complacência do mundo, e mais tarde pagam os juros das suas boas qualidades. Eu quisera arranjar para ti o que os burgueses, os ricos e os imbecis deixam por aí sem auxílio nem proteção...

— Quem, meu pai?

— Algum homem de talento ignorado... Mas deixa, filha; eu tenho meios de rebuscar em todas as águas-furtadas de Paris e de realizar o teu programa apresentando ao teu amor um homem tão encantador como esse mau sujeito de quem me falas, mas cheio de futuro, um desses homens predestinados para a glória e para a riqueza... Ah! Nem me lembrava! Eu devo ter uma chusma de sobrinhos e talvez entre eles haja algum digno de ti... Vou escrever ou mandar escrever para a

Provença.

Coisa estranha! Nesse momento, um rapaz, morto de fome e de fadiga, vindo a pé do departamento de Vaucluse, um sobrinho do tio Canquoëlle, entrava em Paris pela Barrière d'Italie, à procura do tio. Nos sonhos da família, a quem o destino desse tio era desconhecido, Peyrade oferecia um texto de esperanças: julgavam-no de regresso das Índias com milhões! Estimulado por esses romances contados ou lidos ao pé do fogo, esse sobrinho em segundo grau, chamado Teodósio, tinha empreendido uma viagem de circum-navegação em busca do tio fantástico.

XXVII – TRÊS HOMENS FORTES EM LUTA

Depois de saborear durante algumas horas a ventura da paternidade, Peyrade, com a cabeleira lavada e tingida, porque os pós eram um disfarce, vestindo uma grossa sobrecasaca de pano azul abotoada até o queixo, coberto com uma capa preta, calçado com botas de sola dupla e munido de um cartão particular, caminhava lentamente ao longo da avenue Gabriel, onde Contenson, disfarçado de vendedor de hortaliça, o encontrou defronte dos jardins do Elysée Bourbon.^[143]

— Sr. de Saint-Germain — disse-lhe Contenson, dando ao seu antigo chefe o seu nome de guerra —, o senhor me fez ganhar quinhentos francos; mas vim esperá-lo aqui para lhe dizer que o maroto do barão, antes de mos dar, foi tomar informações na Chefatura de Polícia.

— Eu vou precisar de ti sem dúvida — respondeu Peyrade. — Além andam o 7, o 10 e o 21; podemos servir-nos deles sem que o saibam na Polícia nem na Prefeitura.

Contenson voltou para perto da carruagem onde o sr. de Nucingen esperava Peyrade.

— Eu sou o sr. de Saint-Germain — disse o meridional ao barão, falando pela portinhola.

— *Pem. Zupa!* — respondeu o barão, que mandou seguir para o Arco do Triunfo.

— O senhor barão foi à Chefatura de Polícia? Isso não é bom. Posso saber o que foi que disse ao chefe, e o que lhe respondeu ele? — pergunto Peyrade.

— *É que eu, antes de tar quinientos francos a um malandro como Contenson, queria saber se ele os tinha canho... Disse apenas ao chefe de polícia que tesejava emprecar em serviço um achente chamado Peyrade, porque se tratava de uma missão melintrosa no estrangeiro, e se podia depositar nele uma confiança ilimitada. O chefe respondeu-me que o ziniór era um homem hapilíssimo e muito honesto. Mais nata.*

— Quer ter a bondade de me dizer de que se trata, uma vez que lhe revelaram o meu verdadeiro nome?

Tendo o barão explicado verbosamente, na sua horrível algaravia de judeu polaco, o seu encontro com Ester, o grito do laçao que ia na traseira da carruagem e os seus vãos esforços, acabou por contar o que na véspera se passara em sua casa, o sorriso surpreendido a Luciano de Rubempré e a crença de Bianchon e de alguns dândis numa ligação entre esse rapaz e a tal mulher.

— Olhe, senhor barão, entregue-me antes de mais nada dez mil francos por conta das despesas, pois para o senhor, neste negócio, é da própria vida que se trata, e, como a sua vida é uma fábrica de negócios, não se pode deixar nada de lado até que se dê com essa mulher. O senhor está no laço!

— *Estou no laço, é vertate.*

— Se for preciso mais, eu lhe direi; fie-se em mim — continuou Peyrade. — Eu não sou, como pode crer, um espião... Em 1807 era eu comissário-geral de polícia em Antuérpia, e, agora que Luís XVIII já não existe, posso dizer-lhe à puridade que durante sete anos dirigi sua contra-polícia... Comigo, portanto, não se regateia. Deve compreender, senhor barão, que não se pode fazer orçamento das consciências por comprar antes de se estudar um negócio. Mas fique descansado, que hei de sair-me bem. Não imagine que me pagará com uma soma qualquer; quero outra coisa em recompensa...

— *Contanto que non zecha um trono...*

— Para o senhor é menos que nada.

— *Ainta pem.*

— Conhece os Keller?

— *Muito.*

— Francisco Keller é genro do conde de Gondreville, e o conde

jantou ontem em sua casa com o genro.

— *Quem tiapo lhe contaria isto?* — disse o barão. — *Terá zito Chorche, que é uma tacarela?*

Peyrade começou a rir. O banqueiro concebeu então estranhas suspeitas do criado; ao reparar naquele sorriso.

— O conde de Gondreville está perfeitamente no caso de me obter um lugar que desejo na Chefatura de Polícia, e sobre a criação do qual o chefe vai receber, dentro de quarenta e oito horas, um memorial — prosseguiu Peyrade. — Peça o lugar para mim, faça com que o conde de Gondreville se meta nisso com empenho, e assim recompensará o serviço que lhe vou prestar. Não quero senão a sua palavra de honra, porque, se o senhor faltar a ela, mais cedo ou mais tarde amaldiçoará o dia em que nasceu. É Peyrade quem lho diz!

— *Tou-lhe a minia palavra de honra que farei o possível...*

— Se eu fizesse pelo senhor apenas o possível, não seria bastante.

— *Pois pem. Achirei francamente.*

— Francamente. Eis tudo quanto quero — disse Peyrade —, e a franqueza é o único presente um pouco novo que possamos oferecer um ao outro.

— *Francamente* — repetiu o barão. — *Onte quer que eu o teixe?*

— No extremo da Pont Louis XVI.

O barão transmitiu a ordem ao criado, que acudiu à portinhola. “Vou possuir então a desconhecida”, disse consigo o barão ao partir.

“Coisa curiosa”, pensava Peyrade, voltando a pé para o Palais-Royal, [144] onde tencionava triplicar os dez mil francos para instituir um dote à filha. “Eis-me, pois, obrigado a examinar os negócios miúdos do rapaz que, com um olhar, enfeitiçou minha filha. É com certeza um desses fascinadores que andam por aí”, disse ele empregando outra expressão da linguagem especial que arranjava para seu uso, e em que suas observações, bem como as de Corentin, se resumiam em locuções que frequentemente violavam a língua, mas que por isso mesmo eram enérgicas e pitorescas.

Ao regressar, o barão de Nucingen nem parecia o mesmo; espantou os criados e a mulher; estava corado, animado, alegre.

— Os nossos acionistas que se acautelem — disse Du Tillet a

Rastignac.

Nesse momento tomava-se o chá na sala da baronesa, de volta da Ópera.

— *É vertate* — replicou sorridente o barão, que entreouveu o gracejo do colega —; *sinto-me com vontade de fazer necócios...*

— Já viu então a sua desconhecida? — perguntou a sra. de Nucingen.

— *Non* — respondeu ele —, *tenio apenas a esperança de encontrar ela.*

— Se tivessem um amor assim às suas esposas... — exclamou a sra. de Nucingen, fingindo um pouco de ciúme, ou sentindo-o realmente.

— Quando o barão a conquistar — disse Du Tillet —, convide-nos para cear com ela, pois estou com curiosidade de examinar a criatura que... assim o remoqueou.

— *É uma opra-prima da criaçon* —olveu o velho banqueiro.

— Vai-se deixar colher como um novato — disse Rastignac ao ouvido de Delfina.

— Ora! Ele ganha bastante para...

— Para repartir um pouco, não é? — disse Du Tillet, interrompendo a baronesa.

Nucingen andava passeando pela sala, como se não pudesse ficar quieto.

— É ocasião oportuna para fazê-lo pagar as suas novas dívidas — disse Rastignac ao ouvido da baronesa.

Nesse mesmo instante, Carlos, que tinha ido à Rue Taitbout para fazer as suas últimas recomendações a Europa, escolhida para desempenhar o principal papel na comédia inventada para enganar o barão de Nucingen, retirava-se cheio de esperança. Foi acompanhado até o bulevar por Luciano, bastante inquieto de ver aquele meiodemônio tão perfeitamente disfarçado que só pela voz o reconhecera.

— Onde diabo arranjaste uma mulher mais bela que Ester? — perguntou ele ao seu corruptor.

— Menino, isso não é coisa que se encontre em Paris. Cores daquelas que não se fabricam em França.

— Eu ainda não estou em mim. A própria Vênus Calipígia não é tão bem feita! É de fazer perder a cabeça a um santo. Mas, enfim, aonde a foste buscar?

— É a cortesã mais linda de Londres. Matou o amante num acesso de ciúme; verdade é que também estava bêbada de gim... O amante é um miserável de quem a polícia de Londres ficou livre; mandaram a rapariga por algum tempo para Paris, até que o caso caia no esquecimento. Teve boa educação, a ébria. É filha de um ministro, fala o francês como se fosse sua língua materna; não sabe nem pode vir a saber o que está fazendo lá. Disseram-lhe que, se te agradasse, podia-te chupar milhões, mas que eras ciumento como um tigre, e deram-lhe o programa da existência de Ester. Não sabe o teu nome.

— E se Nucingen a preferisse a Ester?

— Aí está como tu és — exclamou Carlos. — Agora estás com receio de não ver realizar-se o que ontem te assustava tanto. Sossega. Essa rapariga branca e loura tem olhos azuis. É o contrário da formosa judia; e só os olhos de Ester podem alvoroçar um homem tão derrancado como Nucingen. Não era possível que estivesse escondendo uma mulher feia, que diabo! Quando a boneca tiver representado o seu papel, mando-a com pessoa de confiança para Roma ou para Madri, onde continuará a inspirar paixões.

— Uma vez que a temos por pouco tempo, volto para lá — disse Luciano.

— Vai, meu filho, diverte-te. Amanhã já és mais velho um dia. Eu fico à espera de uma pessoa a quem encarreguei de saber o que se passa em casa do barão de Nucingen.

— Quem é?

— A amante do criado, porque enfim é preciso a gente saber a quantas anda em relação ao inimigo.

À meia-noite, Paccard, o laçao de Ester, encontrou-se com Carlos na pont des Arts, o sítio mais favorável de Paris para uma confidência rápida. Enquanto conversava, o criado olhava para um lado e o patrão olhava para o outro.

— O barão foi esta manhã à Chefatura de Polícia, das quatro para as cinco horas — disse o laçao —, e gabou-se esta noite de que há de dar com a mulher que viu no Bois de Vincennes; prometeram-lha...

— Vamos ser observados — disse Carlos —, mas por quem?

— Louchard, o guarda do comércio, já andou metido no negócio.

— Isso seria uma infantilidade — respondeu Carlos. — Não temos a recear senão a brigada de segurança, a Polícia Judiciária; e, uma vez que ela não se mexe, nós nos mexemos.

— Há outra coisa.

— Que é?

— Os amigos da grilhetta. Ontem eu vi La Pouraille. Ele assassinou uma família e tem dez mil escudos de cinco francos... em ouro.

— Vão prendê-lo — disse Jacques Collin. — É o crime da Rue Boucher.

— Que ordens há? — perguntou Paccard com o modo respeitoso que devia ter um marechal indo receber o santo e a senha de Luís XVIII.

— Saíam todas as noites às dez horas — respondeu Carlos — e vão de batida para o bois de Vincennes ou para os de Meudon e de Ville-de-Avray. Se alguém observar ou seguir vocês, mostra-te acessível, conversador corruptível. Fala do ciúme de Rubempré, que é doido pela senhora e que, principalmente, não quer que se saiba na sociedade que ele tem uma amante assim...

— Basta. Será conveniente andar armado?

— Isso nunca! — disse Carlos com ímpeto. — Armas para quê? Para causar desgraças. Para isso elas servem. Não te utilizes em nenhum caso da tua faca. Quando se pode partir as pernas ao homem mais valente com aquele golpe que te ensinei, quando se pode travar combate com três investigadores armados, tendo a certeza de atirar dois ao chão antes de lançarem eles mão de seus sabres, que se pode temer? Não tens a tua bengala?

— É justo! — disse o trintanário.

Paccard, possuidor de várias alcunhas, homem de pernas de ferro e de braços de aço, com suíças à italiana, cabeleira de artista, barba de porta-machado, cara lívida e impassível como a de Contenson, era reservado, e gozava de uma aparência de tambor-mor que afastava qualquer suspeita. Um trânsito de Poissy ou de Melun não tem aquela fatuidade séria nem aquela crença no seu mérito. Giafar,^[145] do Harum-al-Rachid da grilhetta, testemunhava-lhe a mesma admiração amigável de Peyrade para com Corentin. Esse colosso, excessivamente rachado, sem muito peito, sem demasiada carne sobre os ossos, andava sobre as

compridas trancas com um passo cheio de gravidade. Nunca a perna direita se mexia sem que o olho direito examinasse as circunstâncias externas com essa rapidez plácida que é peculiar ao ladrão e ao espião. O olho esquerdo imitava o direito; cada passo correspondia a uma olhadela. Seco, ágil, pronto para tudo e a toda a hora, se não fosse a aguardente, Paccard seria completo, dizia Carlos, pois possuía a fundo os talentos indispensáveis ao homem em guerra com a sociedade; mas o chefe conseguira convencer o escravo a não beber senão à noite. Quando recolhia, Paccard emborrachava-se com aguardente de Dantzig.

— Estarei de atalaia — disse Paccard tornando a pôr o seu magnífico chapéu de plumas, depois de cumprimentar aquele a quem chamava *seu confessor*.

Eis aí de que maneira homens tão fortes como eram, cada um na sua esfera, Jacques Collin, Peyrade e Corentin, chegaram a achar-se no mesmo terreno e a desdobrar o seu gênio numa luta em que cada qual combateu pela sua paixão ou pelos seus interesses. Foi um desses combates ignorados, mas terríveis, em que se despende em talento, em ódio, em irritações, em marchas e contramarchas, em velhacarias tanta energia quanto o necessário para estabelecer uma fortuna.

XXVIII – NUCINGEN, NA IMINÊNCIA DE SE TORNAR FELIZ, ENTREGA-SE À TOILETTE

Homens e meios, tudo foi secreto da parte de Peyrade, a quem seu amigo Corentin auxiliou nessa empresa, para eles uma ninharia. Assim, a história é muda a esse respeito, como é muda sobre as verdadeiras causas de tantas revoluções. O resultado, ei-lo.

Cinco dias depois da entrevista do sr. de Nucingen com Peyrade nos Champs-Élysées, uma manhã, um homem dos seus cinquenta anos, com uma cara branca de alvaiade, dessas que a vida mundana dá aos diplomatas, vestido de pano azul, de porte assaz elegante, tendo quase o ar de um ministro de Estado, apeou-se de um esplêndido cabriolé lançando as guias ao criado. Perguntou pelo barão de Nucingen ao criado que estava no banco do peristilo, e que lhe abriu respeitosamente a imponente porta de vidraças.

— Sua graça? — perguntou o criado.

— Diga ao senhor barão que venho da avenue Gabriel — respondeu Corentin. — Se houver gente de fora, não diga alto esse nome, pois se exporia a ser despedido.

Um minuto depois, o criado voltou e conduziu Corentin ao gabinete do barão, pelos aposentos interiores. Corentin trocou seu olhar impenetrável com outro da mesma natureza do banqueiro, e cumprimentaram-se convenientemente.

— Senhor barão — disse ele —, venho em nome de Peyrade...

— *Muito bem* — disse o barão, indo às duas portas correr os fechos.

— A amante do sr. de Rubempré mora na Rue Taitbout, antiga casa da srta. de Bellefeuille, ex-amante do sr. de Granville, procurador-geral.

— *Ah, ton perto te mi?* — exclamou o barão. — *É poa.*

— Não me admira que o senhor esteja apaixonado por essa mulher; até eu gostei de vê-la — disse Corentin. — Luciano tem tal ciúme dela que não a deixa aparecer em público; e ela é doida por ele, tanto que em quatro anos, desde que sucedeu a Bellefeuille na casa e no ofício, nem o porteiro nem os inquilinos lhe puseram o olho em cima. Não passeia senão de noite. Quando sai, leva os estores da carruagem abaixados e usa véu. Luciano não tem apenas razões de ciúme para ocultar a amante; ele está para casar com Clotilde de Grandlieu, e é o atual favorito íntimo da sra. de Sérisy. Naturalmente, tem apego à amante de luxo e à noiva. Portanto o senhor é dono da situação, porque Luciano há de sacrificar seu prazer aos seus interesses e à sua vaidade. O senhor é rico; trata-se provavelmente da sua derradeira felicidade, seja generoso. Conseguirá os seus fins por intermédio da criada. Dê-lhe uns dez mil francos, ela esconde-o no quarto de dormir da ama; e, para o senhor, o preço não é lá muito puxado!

Nenhuma figura de retórica pode pintar a declamação abrupta, nítida, absoluta de Corentin. O barão olhava para ele manifestando assombro, uma expressão que, havia muito tempo, eliminara da sua fisionomia impassível.

— Venho pedir-lhe cinco mil francos para Peyrade, que deixou cair cinco das suas notas de banco... um transtornozinho! — continuou Corentin, no mais belo tom de comando. — Peyrade conhece muito

bem Paris para fazer despesa com anúncios, e contou com o senhor. Mas isso é o menos — disse Corentin emendando-se de modo a retirar ao pedido de dinheiro toda a gravidade. — Se o senhor não quer ter desgostos, na velhice, arranje para Peyrade o lugar que ele lhe solicitou e que o senhor lhe pode conseguir facilmente. O diretor-geral da Polícia do Reino deve ter recebido ontem uma nota a esse respeito. É só o conde de Gondreville falar ao chefe de polícia. Diga a Malin, conde de Gondreville, que se trata de obsequiar um daqueles que souberam livrá-lo dos srs. de Simeuse, que ele imediatamente se mexerá.

— *Aqui tem, zínior* — disse o barão puxando cinco notas de mil francos e apresentando-as a Corentin.

— A criada tem amizade a um trintanário chamado Paccard, que mora na rue de Provence, em casa de um fabricante de carruagens, e que se aluga como trintanário a quantos se dão ares de príncipe. Mediante Paccard, um pândego piemontês que dá o cavaco por vermute, o senhor chegará à fala com a criada de quarto da sra. van Bogseck.

É evidente que esta confidência, atirada elegantemente à laia de pós-escrito, era o preço dos cinco mil francos. O barão tentava adivinhar a que raça pertencia Corentin, em quem sua inteligência lhe segredava que ele estava vendo antes um diretor de espionagem do que um espião; mas Corentin ficou sendo para ele o que para um arqueólogo é uma inscrição a que faltam pelo menos três quartas partes das letras.

— *Como se chama a criada?* — perguntou o barão.

— Eugênia — respondeu Corentin, cumprimentando e saindo.

O barão de Nucingen, louco de alegria, deixou os negócios, o escritório, e subiu aos seus aposentos no feliz estado de um rapaz de vinte anos que saboreia em perspectiva a primeira entrevista com a primeira amante. O barão tomou consigo todas as notas de mil francos do seu cofre particular, uma quantia com a qual poderia fazer a felicidade de uma aldeia, cinquenta e cinco mil francos, e atafulhou-as no bolso da casaca. Mas a prodigalidade dos milionários só pode comparar-se com a sua avidez do lucro. Quando se trata de um capricho, de uma paixão, o dinheiro já nada é para os Cresos:^[146] é que para eles é mais difícil ter caprichos do que ouro. Um gozo é a coisa

mais rara daquelas vidas saturadas, cheias das emoções que os grandes golpes da especulação proporcionam, e com as quais aqueles corações ressequidos estão embotados. Exemplo: um dos mais ricos capitalistas de Paris, aliás conhecido por suas extravagâncias, encontra um dia, nos bulevares, uma operariazinha formosíssima, acompanhada pela mãe. A *grisette* dava o braço a um rapazola de traje bastante equívoco, de andar gingado, de malandro.

À primeira vista o milionário apaixonou-se pela pequena; segue-a até sua casa, entra, ouve a narrativa daquela vida que é uma sucessão de bailes no Mabilie,^[147] de dias sem pão, de espetáculos e de trabalho; toma interesse por aquilo e deixa cinco notas de mil francos debaixo de uma moeda de cem *sous*: uma generosidade desonrada. No dia seguinte, um estofador famoso, Braschon,^[148] vem receber as ordens da *grisette*, mobilha o apartamento que ela escolhe, gastando aí mais de vinte mil francos. A operária entrega-se a esperanças fantásticas; veste a mãe decentemente, espera poder empregar o seu ex-namorado no escritório de uma companhia de seguros. Espera um dia, dois dias, depois uma semana, duas. Julga-se obrigada a fazer dívidas para se conservar fiel. O capitalista, chamado à Holanda, tinha-se esquecido da rapariga; não foi uma única vez ao paraíso onde a colocara, e donde ela levou uma queda tão funesta como o são em Paris tais quedas. Nucingen não jogava, não protegia as artes, não tinha fantasia nenhuma; tinha pois de entregar-se à sua paixão por Ester com uma cegueira pela qual Carlos Herrera esperava.

Depois do almoço, o barão mandou chamar Jorge, seu criado de quarto, e disse-lhe que fosse à Rue Taitbout pedir à srta. Eugênia, criada da sra. van Bogseck, que passasse pelo seu escritório para tratar de um negócio importante.

— *Fica à espera tela* — acrescentou — *e manta ela entrar para o meu quarto, tizento-lhe que está feita a sua fortuna.*

Jorge teve mil dificuldades para conseguir que Eugênia-Europa viesse. A senhora, disse-lhe ela, nunca lhe dava licença de sair; podia perder seu lugar etc. Assim, Jorge gabou muito os seus serviços ao barão, que lhe deu dez luíses.

— Se a senhora esta noite sair sem ela — disse Jorge ao amo, cujos

olhos faiscavam como carbúnculos —, ela virá cá por volta das dez horas.

— *Pem. Às nove virás aqui vestir-me e pentear-me; quero me apresentar o melhor possível. Creio que hoche comparecerei tiante ta minia tama, to contrário o tinieiro non será tiniero.*

Do meio-dia para a uma hora, o barão tingiu o cabelo e as suíças. Às nove horas, depois de ter tomado um banho antes de jantar, fez uma *toilette* de noivo, perfumou-se, narcisou-se. A sra. de Nucingen, avisada dessa metamorfose, quis ir ver o marido.

— Meu Deus — disse ela —, como você está ridículo!... Ponha uma gravata de cetim preto, em vez dessa gravata branca que ainda lhe realça mais o negrume das suíças. Além disso, a gravata branca é Império, é de velhote, e você fica parecendo um antigo conselheiro do Parlamento. Tire os botões de brilhante, que valem cem mil francos cada um; a sirigaita seria capaz de pedir-lhos e você talvez não lhos recusasse. E, se vai oferecê-los a uma mundana, mais valia pô-los nas minhas orelhas.

O velho financista, impressionado com a justeza das observações de sua mulher, obedecia-lhe resmungando.

— *Ritículo! Ritículo!... Eu nunca lhe tisse que você era ritícula quanto se emponecava toda para o zeu menino Rastiniaque.*

— Pudera! Se nunca me achou ridícula... Eu não sou mulher que cometa semelhantes erros de ortografia numa *toilette*. Vire-se para cá, ande. Abotoe a casaca até em cima, como faz o duque de Maufrigneuse, deixando livres as duas primeiras casas. Trate enfim de fazer-se novo.

— Senhor barão — anunciou Jorge —, está aí a srta. Eugênia.

— *Ateus, ziniora* — disse o banqueiro.

Acompanhou a baronesa até além dos limites dos aposentos respectivos, para se certificar de que ela não escutaria a conferência.

XXIX – DECEPÇÕES

Voltando, tomou Europa pela mão e conduziu-a ao seu quarto com uma espécie de respeito irônico.

— *Enton, minia pequena, tu és pem feliz, pois estás a serviço da mulher mais formosa to universo... Conta ter a tua fortuna feita, ze quiser falar em meu favor.*

— É o que não farei nem por dez mil francos — disse Europa. — O senhor barão bem vê que sou antes de tudo uma rapariga honesta.

— *Pois sim, mas eu vou pacar pem tua honestitate. É o que no comércio se chama uma curiositate, uma raritate.*

— E ainda há mais alguma coisa — disse Europa. — Se o senhor não agrada à minha ama, o que é bem possível, ela zanga-se, põe-me na rua, e o meu lugar me rende mil francos por ano.

— *O capital de mil francos zon vinte mil; eu tou eles a você e assim non pertes nata.*

— Ah! Se é assim, meu patrão, o caso muda lindamente de figura. Onde estão eles?

— *Eston aqui* — respondeu o barão, mostrando as notas de banco uma a uma. Reparou em cada relâmpago que cada nota fazia brotar dos olhos de Europa, reveladores da concupiscência que ele já esperava.

— O senhor paga o lugar, é verdade, mas e a honestidade, a consciência? — disse Europa levantando sua cara astuta e lançando ao barão um olhar entre sério e cômico.

— *A consciência non é para comparar com o lugar; mas poniamos mais cinco mil francos* — disse ele, acrescentando cinco notas de mil francos.

— Não, vinte mil francos pela consciência, e cinco mil pelo lugar, se eu o perder...

— *Como quiseses* — disse o barão. — *Mas, para ganiá-los, tu terás te esconter-me no quarto te tua ama te noite, quanto ela estiver zó...*

— Se me assegura que não dirá nunca quem o introduziu, consinto. Mas já o previno de uma coisa: a senhora tem muita força, é louca pelo sr. de Rubempré, e nem que o senhor lhe desse um milhão em notas de banco a faria cometer uma infidelidade... Tolice, bem sei, mas ela com a paixão é assim; pior que uma mulher honrada. Quando vai passear no bosque com o senhor, é raro o senhor ficar em casa; esta noite ela foi passear, posso portanto escondê-lo no meu quarto. Se a senhora voltar só eu irei chamá-lo; o senhor fica na sala, eu não fecharei a porta do quarto e o resto... nossa! O resto é com o senhor... Prepare-se!

— *Tarei os vinte e cinco mil francos na sala. E toma lá, tá cá.*

— O senhor é desconfiado, hein?

— *Hás te ter muitas occasions de me cartar. Nós travaremos relações...*

— Bem, esteja na Rue Taitbout à meia-noite; mas então leve consigo trinta mil francos. A honestidade de uma criada de quarto é como os fiacres; paga-se muito mais caro depois da meia-noite.

— *Por cautela, tarei um cheque sobre o Panca...*

— Isso não — respondeu Europa —; ou notas, ou não temos nada feito.

À uma hora da madrugada, o barão de Nucingen, escondido na trapeira onde Europa dormia, achava-se possuído da ansiedade de um homem em maré de boa sorte. Sentia-se viver; seu sangue parecia-lhe ferver nos pés, e a cabeça parecia prestes a estalar, como uma caldeira de vapor aquecida em excesso.

— *Moralmente, eu estava cozando para mais de trezentos mil francos* — disse ele mais tarde a Du Tillet, ao contar-lhe essa aventura.

Escutou os mínimos rumores da rua, ouviu, às duas horas da madrugada, a carruagem da sua desconhecida no bulevar. Quando a grande porta girou nos gonzos, seu coração batia tanto que levantava a seda do colete: ia pois tornar a ver a celeste, a ardente fisionomia de Ester!... Recebeu em cheio no peito o ruído do estribo e o bater da portinhola. A expectativa do momento supremo agitava-o mais do que se se tratasse de perder sua fortuna.

— *Ah!* — disse ele. — *Isto é que é viver! É até viver demais! É tanto que eu fico incapaz de coisa alguma!*

Um quarto de hora depois; subiu Europa.

— A senhora está só, desça. E olhe, não faça barulho, seu elefante!

— *Zeu elefante!* — repetiu ele rindo e andando como se o fizesse sobre barras de ferro em brasa.

Europa ia adiante, com um castiçal na mão.

— *Toma, conta* — disse o barão estendendo-lhe as notas, ao chegar à sala.

Europa recebeu as trinta cédulas com um ar sério e saiu fechando o banqueiro. Nucingen foi direto ao quarto, onde encontrou a formosa inglesa, a qual lhe disse:

— És tu, Luciano?

— *Non, pela criança* — disse Nucingen sem terminar.

Ficou estupefato ao ver uma mulher que era exatamente o contrário

de Ester; cabelos louros onde tinha visto cabelos negros, fraqueza onde admirara força, uma doce noite da Bretanha onde cintilava o sol da Arábia.

— Ora esta! De onde vem o senhor? Quem é? Que quer? — disse a inglesa puxando o cordão da campainha sem que ela tocasse.

— *Eu apafei as campainhas, mas não tenia meto, que eu xá me vou embora* — disse ele. — *Lá se foram os meus trinta mil francos! Enton é a ziniora a amante do sr. te Rupempré?*

— Mais ou menos, meu rico — disse a inglesa, que falava bem o francês. — *E o zinior quem é?* — perguntou ela, imitando a pronúncia do barão de Nucingen.

— *Eu zô um homem locrado* — respondeu ele lastimosamente.

— *Locrado por quê? Por apaniares uma mulher ponita?* — perguntou ela gracejando.

— *Permita-me que lhe mante amaniã um atereço como lembrança do parão de Nucingen.*

— *Non zei quem é* — disse ela rindo como uma louca —, *mas o atereço será pem recepito, seu violator de tomicílio.*

— *Irá zaper quem ele é. Ateus, minia ziniora. A ziniora é um pom pocado réchio; mas eu non zô mais que um popre panqueiro te mais te sessenta anos, e a ziniora me fez compreenter quanta influênciã tem sobre mim a mulher que amo, pois que nem a peleza sobre-humana da ziniora pôde fazer-me esquecer ela.*

— *Sim, zinior, é ponito isto...* — respondeu a inglesa.

— *É muito mais ponita aquela que me inspirou...*

— Mas falou aí em trinta mil francos... A quem os deu?

— *A tesavergoniada ta sua criata.*

A inglesa tocou a campainha. Europa não estava longe.

— Ai! — exclamou Europa. — Um homem no quarto da senhora, e que não é o senhor!... Que horror!

— Ele te deu trinta mil francos para entrar aqui?

— Não, minha senhora, porque nós duas não valemos tanto.

E pôs-se a gritar que havia ladrões com tal fúria que o banqueiro, assustado, ganhou a porta, de onde Europa o fez rolar pela escada abaixo.

— Celerado — gritou-lhe ela —, foi-me denunciar à minha ama! Acudam! Acudam!

O apaixonado barão, no auge do desespero, pôde alcançar sem maiores transtornos sua carruagem, que estacionava no bulevar, mas já não sabia a que espião se dirigisse.

— A senhora por acaso queria tirar-me os meus ganhos? — disse Europa voltando-se furiosa para a inglesa.

— Eu não sei os costumes da terra.

— É que basta que eu diga uma palavra ao senhor para a fazer pôr na rua amanhã — respondeu insolentemente a criada.

— *Aquela criada sem prio* — disse o barão a Jorge, que lhe perguntou naturalmente se estava satisfeito — *apaniou-me trinta mil francos... Mas a culpa foi minia, ecsclusivamente minia!*

— Então a *toilette* não serviu para nada? Que diabo! Não é sem motivo que aconselho o senhor barão a tomar suas pastilhas...

— *Eu morro de tesespera, Chorche... Tenio frio... Tenio chelo no coração... Já não conto com a minta Ester, meu amigo.*

Jorge era sempre amigo do amo nas grandes conjunturas.

XXX – O PADRE GANHA A PRIMEIRA PARTIDA

Dois dias depois desta cena, que a jovem Europa narrou com muito mais graça porque lhe acrescentou sua mímica, Carlos almoçava com Luciano...

— É preciso, meu caro, que nem a polícia nem ninguém meta o nariz nos nossos negócios — disse-lhe ele em voz baixa, acendendo um charuto no de Luciano. — Seria o diabo. Eu descobri um meio ousado, mas infalível de fazer ficar quieto o nosso barão e os seus agentes. Vai à casa da sra. de Sérisy, faze-lhe festas e dize-lhe no meio da conversa que, para obsequiares a Rastignac, o qual já há muito anda farto da sra. de Nucingen, tu consentes em lhe servir de capa para ocultar uma amante. O sr. de Nucingen, que se apaixonou pela mulher que Rastignac esconde (isto a fará rir), lembrou-se de empregar a polícia para te espionar, a ti, bem inocente das velhacarias do teu compatriota, e cujos interesses em casa dos Grandlieu poderiam ficar comprometidos. Pede à condessa que te dê a proteção do marido, que é ministro de Estado,

para ires à Chefatura de Polícia. Na Chefatura queixa-te ao chefe, mas queixa-te como político que em breve vai entrar na máquina do governo para ser um dos seus melhores êmbolos. Compreende — a polícia como homem de Estado, admira-a e admira também o chefe. As mais belas máquinas põem nós de azeite ou respingam. Não te mostres zangado senão o absolutamente necessário. Não estás contra o senhor chefe; mas recomenda-lhe que vele pela sua gente, e lamenta-o por ter de dirigir censuras aos seus subalternos. Quanto mais brando te mostrares, e mais fidalgo, mais terrível o chefe ficará contra seus agentes. Ficaremos então sossegados, e poderemos mandar vir Ester, que deve estar bramando como os gamos na sua floresta.

O chefe de então era um antigo magistrado. Os antigos magistrados dão chefes de polícia novos demais. Imbuídos do direito, intransigentes quanto à legalidade, não têm a mão ágil para valer-se da arbitrariedade amiúde reclamada por uma circunstância crítica em que a ação da Chefatura deve ser semelhante à de um bombeiro encarregado de apagar um incêndio. Na presença do vice-presidente do Conselho de Estado, o chefe reconheceu à polícia mais inconvenientes do que os que ela tem, deplorou os abusos, e lembrou-se então da visita que o barão de Nucingen lhe fizera e das informações que havia pedido sobre Peyrade. Prometendo reprimir os excessos a que os agentes se entregavam, o chefe agradeceu a Luciano tê-lo procurado diretamente, prometeu-lhe segredo e deu mostras de haver compreendido a intriga. Belas frases sobre a liberdade individual, sobre a inviolabilidade do domicílio foram trocadas entre o ministro de Estado e o chefe de polícia, a quem o sr. de Sérisy fez observar que, se os grandes interesses do reino exigiam às vezes secretas ilegalidades, o crime começava na aplicação desses meios de Estado aos interesses privados.

No dia seguinte, quando Peyrade ia para o seu querido Café David, onde se regalava de ver burgueses como um artista se diverte vendo crescer as flores, um gendarme vestido à paisana abordou-o na rua.

— Ia agora a sua casa — disse-lhe ele ao ouvido. — Tenho ordem de conduzi-lo à Chefatura.

Peyrade chamou um fiacre e subiu, sem fazer a menor observação, em companhia do gendarme.

O chefe de polícia tratou Peyrade como se fosse o último guarda de grilhetas, passeando numa ruazinha do pequeno jardim da Chefatura, que, nesse tempo, se estendia ao longo do Quai des Orfèvres.

— Não foi sem razão que, desde 1809, o senhor foi excluído da administração. Não sabe a que nos expõe e a que se expõe?

A reprimenda terminou por um raio. O chefe anunciou com dureza ao pobre Peyrade que não somente lhe era suprimido o subsídio anual mas ainda que ele ia ser objeto de uma vigilância especial. O velho recebeu aquela ducha com o ar mais tranquilo deste mundo. Não há nada tão imóvel nem tão impassível como um homem fulminado. Peyrade tinha perdido todo o seu dinheiro no jogo. O pai de Lídia contava com o emprego, e via-se sem outro recurso a não ser a caridade do seu amigo Corentin.

— Eu fui chefe de polícia, dou-lhe toda a razão — disse tranquilamente o velho ao funcionário cheio da sua majestade judiciária e que teve então um estremecimento bastante significativo. — Mas permita-me, sem me querer desculpar em nada, que lhe faça observar que o senhor não me conhece — tornou Peyrade, deitando-lhe um olhar cheio de finura. — Suas palavras são ou ríspidas demais para o antigo comissário-geral de polícia na Holanda ou pouco severas para um simples espião. Somente, senhor chefe — acrescentou-lhe Peyrade no fim de uma pausa, vendo que o chefe guardava silêncio —, lembre-se do que vou ter a honra de lhe dizer. Sem querer absolutamente ingerir-me *na sua polícia* nem na minha justificação, o senhor terá o ensejo de ver que, neste negócio, alguém anda enganado: por ora o enganado é este seu servo; mais tarde o senhor irá dizer: era eu.

E cumprimentou o chefe de polícia, que ficou pensativo para ocultar seu assombro. Voltou para casa, alquebrado, tomado de uma raiva fria contra o barão de Nucingen. Somente esse estúpido financista podia ter traído um segredo concentrado nas cabeças de Contenson, de Peyrade e de Corentin. O ancião acusou o banqueiro de querer esquivar-se ao pagamento, uma vez alcançado o seu fim. Uma só entrevista lhe bastara para adivinhar a astúcia do mais astucioso dos argentários. “O maroto liquida com todo o mundo, até conosco; mas eu me vingarei”, pensava o velhote. “Nunca pedi nada a Corentin, vou pedir-lhe que me ajude a

vingar-me desse ricoço imbecil. Deixa estar, maldito barão, que tu me ficarás conhecendo, quando um dia encontrares tua filha desonrada. Mas terá ele amor à filha?”

Na noite dessa catástrofe, que tantas esperanças lhe derrubava, o velho parecia ter mais dez anos. Em conversa com o seu amigo Corentin, entremeava as suas lamentações de lágrimas arrancadas pela perspectiva do triste futuro que legava a sua filha, seu ídolo, sua pérola, sua oferenda a Deus.

— Acompanharemos esse negócio — dizia-lhe Corentin. — Primeiro é preciso saber se foi o barão que te denunciou. Teríamos andado bem em nos apoiarmos em Gondreville? Esse malandro com o que já nos deve há de querer subverter-nos; por isso vou ficar de olho no genro, o Keller, um palerma em política, muito capaz de se meter em alguma conspiração tendente a derrubar o ramo mais velho em proveito do ramo segundo. Amanhã saberei o que se passa em casa de Nucingen, se ele viu a amante, e de onde nos vem este golpe. Não te aflijas... Antes de tudo o chefe de polícia não se aguentará muito tempo no lugar. O tempo anda prenhe de revoluções, e as revoluções são a nossa água turva.

Ouviu-se na rua um assobio especial.

— É Contenson — disse Peyrade, indo pôr uma luz na janela —; e é comigo.

Momentos depois o fiel Contenson comparecia perante os dois gnomos da polícia, por ele venerados como dois gênios.

— Que temos? — perguntou Corentin.

— Novidades. Eu ia saindo do 113, onde perdi tudo, quando vejo nas galerias, imaginem quem?... Jorge! O barão despediu-o, suspeitando que ele o espionava.

— Aí está o efeito de um sorriso que me escapou — disse Peyrade.

— Oh! Quantos desastres eu tenho visto, causados por sorrisos!... — disse Corentin.

— Sem contar aqueles que são causados pelas chicotadas — disse Peyrade, aludindo ao caso Simeuse.^[149] — Mas vejamos, Contenson; que foi que sucedeu?

— Lá vai — disse Contenson. — Puxei pela língua ao Jorge pagando-lhe copinhos de todas as cores; ele ficou bêbado, eu devo estar como um

alambique. O nosso barão foi à Rue Taitbout, com a barriga cheia de pastilhas do serrallo, e deu com a bela mulher que sabem; mas o mais engraçado é que a inglesa não é a sua “tesconhecita”... E gastou trinta mil francos para seduzir a criada. Uma tolice. Esta gente julga-se grande por fazer coisas pequenas com grandes capitais; deem volta à frase e acharão o problema que o homem de gênio resolve. O barão voltou num estado de fazer pena. No dia seguinte, Jorge, querendo passar por homem de bem, disse ao patrão: “Para que se serve o senhor de semelhante gente? Se quisesse confiar em mim, eu lhe descobriria a sua desconhecida, porque me basta a descrição feita pelo senhor. Eu revolverei Paris de cima a baixo”. “Pois vai”, disse-lhe o barão, “que eu te recompensarei!” Jorge contou-me tudo isto com os pormenores mais disparatados. Mas... a gente está acostumado a apanhar chuva. No dia seguinte, o barão recebeu uma carta anônima na qual lhe diziam assim, pouco mais ou menos: “O sr. de Nucingen anda loucamente apaixonado por uma desconhecida, e já não é pouco o dinheiro que tem gasto inutilmente. Se hoje à meia-noite ele quiser aparecer no extremo da Pont de Neuilly e entrar numa carruagem em cuja traseira irá o trintanário do bois de Vincennes, deixando vender os olhos, verá aquela que ama... Como sua fortuna pode inspirar-lhe receios sobre a pureza das intenções daqueles que assim procedem, pode o senhor barão fazer-se acompanhar do seu fiel Jorge. Aliás, não vai ninguém na carruagem”. O barão vai com Jorge, sem lhe dizer nada. Ambos deixam tapar os olhos com uma venda e cobrir a cabeça com um véu. O barão reconhece o trintanário. Duas horas depois, a carruagem, que andava como se fosse uma carruagem à Luís XVIII (que Deus o tenha, que ao menos aquele entendia de polícia!), para no meio de um bosque. O barão, a quem tiram a venda, vê numa carruagem parada a sua desconhecida, que... que... desaparece num santiâmen. E a carruagem reconduz o barão à Pont de Neuilly, onde encontra a sua. Na mão de Jorge tinham posto um bilhete com os seguintes dizeres: “Quantas notas de mil francos quer o senhor barão despendar para o porem em ligação com a sua desconhecida?”. Jorge passa o bilhete ao amo, e o barão, persuadido de que Jorge se entende comigo ou com o sr. Peyrade para o explorar, põe Jorge na rua. Que imbecil de banqueiro! Despedir

Jorge é coisa que ele só devia fazer depois de dormir com a *zua tesconiecita*.

— Jorge viu a mulher? — perguntou Corentin.

— Viu — disse Contenson.

— E então? — ingeriu Peyrade. — Que tal é ela?

— Oh! — voltou Contenson. — Jorge só me disse isto: “Um verdadeiro sol de beleza!”.

— Andamos bigodeados por gente mais esperta do que nós — comentou Peyrade. — Essa gente vai vender a mulherzinha bem caro ao barão.

— É verdade — disse Contenson. — E eu, ao saber que o senhor tinha sido repreendido na Chefatura, puxei pela língua ao Jorge.

— Gostaria de saber quem foi que me empatou as vazas, só para medirmos as forças — disse Peyrade.

— O melhor é fazermos como bichos-de-conta — acrescentou Contenson.

— É isso — disse Peyrade —, metendo-nos nas fendas para escutar e esperar.

— Vamos estudar o caso — disse Corentin. — No momento eu não tenho nada que fazer. Tenha juízo, Peyrade. Continuamos a obedecer ao senhor chefe de polícia.

— O sr. de Nucingen é bom de sangrar — observou Contenson —, ele tem muitas notas de mil francos nas veias.

— No entanto, estava ali o dote da minha Lídia! — disse Peyrade ao ouvido de Corentin.

— Vamo-nos embora, Contenson; deixemos dormir o sr. Peyrade. Até amanhã.

— Sr. Corentin — disse Contenson no limiar da porta. — Que diabo de operação de câmbio queria o velhote fazer? Hein? Casar a filha com o dinheiro de... Bonito! Dava para uma linda peça moral intitulada: *O dote de uma jovem*.

— Como vocês são! Que ouvido têm! — disse Corentin a Contenson. — Decididamente, a natureza social arma todas as suas espécies com as qualidades necessárias aos serviços que delas espera. A Sociedade é uma segunda Natureza!

— O que o senhor está dizendo é muito filosófico — observou Contenson —; um professor faria com isso um sistema!

— Trata de averiguar — tomou Corentin, sorrindo e caminhando com o espião pelas ruas — tudo o que se passa em casa do sr. de Nucingen a propósito da desconhecida.

— Vai-se ver se as chaminés deitam fumo — disse Contenson.

— Um homem como o barão de Nucingen não pode ser feliz às escondidas — prosseguiu Corentin. — De resto, nós, para quem os homens são cartas, não devemos nunca ser manobrados por eles.

— Cáspite! Isto seria o condenado divertindo-se a cortar a cabeça do carrasco — disse Contenson.

— Estás sempre pronto para fazer facécias — tomou Corentin, deixando escapar um sorriso que desenhou débeis rugas na sua máscara de gesso.

Aquele negócio era de grande importância em si, ainda sem falar nos seus resultados. Se o barão não tinha traído Peyrade, quem podia ter tido interesse em falar com o chefe de polícia? Para Corentin tratava-se de averiguar se entre os seus homens não existiria algum traidor. Ao deitar-se, pensava no que Peyrade também ruminava: “Quem teria ido queixar-se ao chefe de polícia? A quem pertencerá essa mulher?”. Assim, sem uns saberem dos outros, Jacques Collin, Peyrade e Corentin iam-se aproximando uns dos outros; e a pobre Ester, Nucingen e Luciano iam necessariamente ser envolvidos na luta já travada, e que o amor-próprio peculiar aos agentes de polícia havia de tornar terrível.

XXXI – FALSO PADRE, FALSAS CÉDULAS,

FALSAS DÍVIDAS, FALSO AMOR

Graças à esperteza de Europa, foi paga a parte mais ameaçadora dos sessenta mil francos de dívidas que pesavam sobre Ester e sobre Luciano. A confiança dos credores nem sequer sofreu abalo. Luciano e seu corruptor puderam respirar um momento. Como duas feras acossadas que bebem um pouco de água à beira de algum pântano, puderam continuar a ladear os precipícios ao longo dos quais o homem forte ia conduzindo o homem fraco à força ou à fortuna.

— Hoje — disse Carlos ao seu pupilo — jogamos tudo numa cartada; mas felizmente as cartas estão marcadas.

Durante algum tempo Luciano foi assíduo, por ordem do seu terrível mentor, junto da sra. de Sérisy. Com efeito, era preciso que não se suspeitasse que Luciano tinha por amante uma cortesã. De resto, ele achou no prazer de ser amado, no torvelinho de uma vida mundana, uma força de empréstimo para se atordoar. Obedecia a Clotilde de Grandlieu não a vendo senão no bosque ou nos Champs-Élysées.

No dia seguinte àquele em que Ester foi encerrada na casa do guarda, a criatura, para ela problemática e terrível, que lhe pesava sobre o coração foi propor-lhe assinar em branco três papéis selados, em que se liam estas palavras violentas: *Aceito por sessenta mil francos*, no primeiro; *Aceito por cento e vinte mil francos*, no segundo; *Aceito por cento e vinte mil francos*, no terceiro. Ao todo, trezentos mil francos de aceites. A palavra *aceito* constitui a letra de câmbio e submete o aceitante à prisão por dívidas. Essa palavra sujeita aquele que a assina imprudentemente a cinco anos de cadeia, pena que o tribunal de polícia correcional quase nunca aplica, e que o tribunal criminal só inflige a celerados. A lei sobre a prisão por dívidas é um resquício dos tempos bárbaros que acrescenta à sua estupidez o raro mérito de ser inútil, porque nunca atinge os velhacos.

— Trata-se — disse o espanhol a Ester — de livrar Luciano de um apuro. Nós temos sessenta mil francos de dívidas, e com estes trezentos mil francos talvez nos salvemos.

Depois de haver antedatado de seis meses as letras de câmbio, Carlos fê-las sacar contra Ester por um *homem incompreendido da polícia correcional* e cujas aventuras, apesar do barulho que fizeram, foram logo esquecidas, perdidas, cobertas pela algazarra da grande sinfonia de julho de 1830.

Esse jovem, um dos mais atrevidos cavalheiros de indústria, filho de um oficial de diligências em Boulogne perto de Paris, chama-se Jorge Maria d'Estourny.^[150] O pai, obrigado a traspassar o emprego em circunstâncias pouco prósperas, deixou o filho, por volta de 1824, sem recurso algum, depois de lhe dar essa brilhante educação que constitui a loucura dos pequeno-burgueses pelos filhos. Aos vinte e três anos, o

jovem e brilhante aluno de direito já havia renegado o pai, escrevendo assim o seu nome nos seus cartões de visita:

JORGE D'ESTOURNY.

Este cartão dava ao portador um cheiro de aristocracia. Esse dândi teve a audácia de tomar tálburi, *groom*, e de frequentar os clubes. Uma frase explicará tudo: jogava na Bolsa com o dinheiro das mulheres manteúdas que o tinham por confidente. Afinal acabou no banco dos réus, sob a acusação de se servir de cartas felizes demais. Tinha cúmplices, rapazes corrompidos por ele, seus asseclas forçados, comparsas como ele na elegância e no crédito. Obrigado a fugir, esqueceu-se de saldar contas na Bolsa. A capital financeira, a capital dos lobos-cervais, dos agiotas e dos clubes, dos bulevares e dos industriais, andava ainda tremendo por causa desse duplo caso.

No tempo do seu esplendor, Jorge d'Estourny, bonito rapaz, bom rapaz sobretudo, generoso como um chefe de bandidos, tinha durante alguns meses protegido a Torpedo. O falso espanhol baseou sua especulação nas relações de Ester com esse célebre escroque, acidente peculiar às mulheres daquela classe.

Jorge d'Estourny, cuja ambição se afoitara com o sucesso, havia tomado sob a sua proteção um homem vindo da província para fazer negócios em Paris, e a quem o partido liberal queria indenizar de condenações corajosamente sofridas na luta da imprensa contra o governo de Carlos X, cuja perseguição afrouxara durante o gabinete Martignac.^[151] Tinha então sido indultado esse gerente responsável, Cérizet,^[152] por alcunha o Corajoso-Cérizet.

Este homem, patrocinado *pro forma* pelas sumidades da esquerda, fundou uma casa que era simultaneamente agência de negócios, banco e casa de comissões. Foi uma dessas posições que se parecem, no comércio, com esses criados que se anunciam para todo o serviço. Cérizet deu-se por muito feliz de travar relações com D'Estourny, que o educou.

Ester, em virtude da anedota sobre Ninon,^[153] podia passar por ser a fiel depositária de uma parte dos haveres de Jorge d'Estourny. Um endosso dele em branco tornou Carlos Herrera senhor dos valores que

ele havia criado. Essa falsidade não tinha nenhum perigo, uma vez que Ester, ou alguém por ela, pudesse ou devesse pagar. Depois de se informar sobre a casa Cérizet, Carlos reconheceu aí uma dessas personagens obscuras resolvidas a fazer fortuna, mas... legalmente.

Cérizet, o verdadeiro depositário de D'Estourny, possuía em penhor somas importantes ao tempo empregadas na alta da Bolsa e que permitiam a Cérizet dizer-se banqueiro. Em Paris tudo isto é possível: despreza-se o homem, mas preza-se o dinheiro.

Carlos procurou Cérizet com a ideia de catequizá-lo a seu modo, porque casualmente estava senhor de todos os segredos desse digno sócio de Jorge d'Estourny.

O Corajoso-Cérizet morava numa sobreloja da Rue du Gros-Chenet, e Carlos, que se fez anunciar misteriosamente como vindo da parte de Jorge, surpreendeu o pretenso banqueiro pálido ante tal anúncio. Carlos viu, num gabinete modesto, um homenzinho de cabelos ralos e louros, e reconheceu nele, pela descrição que Luciano lhe fizera, o judas de David Séchard.

— Podemos falar aqui sem receio de que nos ouçam? — perguntou o espanhol, subitamente metamorfoseado em inglês de cabelos ruivos, óculos azuis, asseado e limpo como um puritano que vai ao sermão.

— Por quê, senhor? — disse Cérizet. — Quem é o cavalheiro?

— Sou William Barker, credor do sr. d'Estourny; mas vou demonstrar-lhe a necessidade de fechar as portas, já que assim o deseja. Nós sabemos, sr. Cérizet, das suas relações com os Petit-Claud, os Cointet e os Séchard de Angoulême...

Ouvindo estas palavras, Cérizet correu à porta e fechou-a, foi a outra porta que dava para um quarto de dormir e correu-lhe o fecho; depois disse ao desconhecido:

— Mais baixo, senhor! — E pôs-se a examinar o falso inglês, ao mesmo tempo que lhe dizia: — Que deseja de mim?

— Oh! — tornou William Barker. — Neste mundo, cada um por si. O senhor tem em seu poder os fundos de Jorge d'Estourny... Sossegue, que não lhos venho pedir; mas, apertado por mim, esse tratante, que, aqui para nós, merecia espernear numa forca, deu-me esses valores dizendo-me que talvez houvesse alguma probabilidade de convertê-los em

dinheiro; e, como eu não quero proceder judicialmente em meu nome, disse-me que o senhor não recusaria o seu.

Cérizet olhou a letra de câmbio e disse:

— Mas ele já não está em Frankfurt...

— Sei disso — respondeu Barker —; mas podia ainda lá estar na data destes saques...

— Mas eu não quero ficar responsável — disse Cérizet.

— Nem eu lhe peço tal sacrifício — volveu o inglês. — O senhor pode encarregar-se de recebê-los, passa recibo, e eu me encarrego da cobrança.

— Muito me admira ver D'Estourny tão desconfiado de mim — retrucou Cérizet.

— Na posição em que ele se acha — disse Barker — não se pode censurá-lo pelo fato de empregar seu dinheiro em mais de um negócio.

— Acaso o senhor acredita?... — perguntou o negociista entregando ao falso inglês as letras devidamente assinadas.

— Acredito que o senhor há de guardar direito os fundos dele — disse Barker. — Tenho certeza disso. Eles já estão lançados sobre o pano verde da Bolsa.

— Minha fortuna está interessada em...

— Em perdê-las ostensivamente — disse William Barker.

— Senhor! — exclamou Cérizet.

— Olhe, meu caro senhor — disse friamente Barker, interrompendo Cérizet. — O senhor me prestaria um serviço facilitando-me esta cobrança. Tenha a bondade de me escrever uma carta dizendo que me entrega estes valores com o recibo passado por conta de D'Estourny, e que o oficial de diligências que reclamar o pagamento deverá considerar o portador da carta como possuidor destes três saques.

— Faz favor de me dizer o seu nome?

— Nada de nomes! — respondeu o capitalista inglês. — Escreva: *O portador desta carta e dos valores...* O senhor vai ser bem pago pela sua condescendência.

— Como? — perguntou Cérizet.

— Da maneira seguinte. O senhor permanece na França, pois não?

— Sim, senhor.

— Pois bem: Jorge d'Estourny não volta cá.

— E por quê?

— Porque há pelo menos cinco pessoas que o assassinariam.

— Eu sei disso muito bem e ele também o sabe.

— Então é por isso que ele me pediu meios para poder arrumar sua trouxa e passar às Índias! — disse Cérizet. — E infelizmente me obrigou a empregar tudo nos fundos públicos. Já somos devedores de diferenças à casa Du Tillet. Eu ganho apenas para viver.

— Veja se se salva da entalação!

— Ah! Se eu soubesse disso há mais tempo! — exclamou Cérizet. — Deixei escapar a fortuna.

— Ainda uma palavra — disse Barker. — Discrição! Disso o senhor é capaz; mas de outra coisa talvez não o seja tanto: fidelidade. Tornaremos a ver-nos, e eu hei de fazer a sua fortuna.

Tendo lançado naquela alma de lama uma esperança que lhe havia de incutir discrição por largo tempo, Carlos, sempre disfarçado em Barker, foi a um oficial de diligências com que podia contar, e encarregou-o de obter sentenças definitivas contra Ester.

— Paga-se — disse ele ao funcionário. — Isto é negócio de honra; o que nós queremos é estar dentro da lei.

Fez representar Ester no tribunal de comércio por um advogado especializado, para que os julgamentos fossem contraditórios. O oficial, a quem se pediu que procedesse delicadamente, mandou em sobrecarta fechada todas as intimações e foi em pessoa arrastar a mobília da Rue Taitbout, onde foi recebido por Europa. Sentenciada a prisão por dívidas, Ester ficou ostensivamente devedora de trezentos e tantos mil francos de dívidas indiscutíveis. Nisto Jacques Collin não descobriu nenhuma pólvora. Aquele *vaudeville* das dívidas das fingidas representa-se em Paris frequentemente. Existem uns *sub-Gobseck*, uns *sub-Gigonnet*^[154] que, por dinheiro, se prestam a essa farsa. Em França tudo se faz rindo, até os crimes. Assim se esfolam ou parentes recalcitrantes ou paixões que ratinhariam, mas que, em face de uma necessidade flagrante ou de uma suposta desonra, dão o pescoço ao cutelo. Máximo de Trailles tinha usado muito esse meio, renovado das comédias do velho repertório. Somente Carlos Herrera, que queria

salvar a honra do seu hábito e a de Luciano, recorrera a uma falsidade sem perigo nenhum, mas que muitas vezes se pratica sem que a justiça se alvoroce. Dizem que há uma Bolsa de letras de câmbio falsas nas imediações do Palais-Royal, onde por três francos se obtém uma assinatura.

Antes de entabular a questão dos trezentos mil francos destinados a montar guarda à porta da alcova, Carlos Herrera pretendeu apanhar previamente mais de cem mil francos ao sr. de Nucingen. Eis como o conseguiu.

Por sua ordem, Ásia inculcou-se ao apaixonado barão como velhota inteirada dos negócios da formosa desconhecida. Até hoje os pintores de costumes têm posto em cena muitos usurários; mas têm esquecido a usurária, personagem curiosíssima, decentemente chamada adela, que ia ser representada por Ásia, em quem Carlos achou o físico do papel.

— Hás de chamar-te sra. *de Saint-Estève* — disse-lhe ele.

E quis ver Ásia vestida. A falsa alcoviteira apareceu-lhe de vestido de damasco com flores, proveniente de uns reposteiros penhorados num camarim qualquer, com um desses xales de casimira desbotados, gastos, invendáveis, que vão acabar a vida nas costas de tais mulheres. Trazia uma gola de rendas magníficas, mas espatifadas, e um chapéu medonho; mas calçava sapatos de pelica da Irlanda, em que o transbordar da carne fazia o efeito de um refego de seda preta rendilhada.

— E a fivela do cinto? — disse ela, mostrando um ouro suspeito que fazia empinar a sua barriga de cozinheira. — Hein? Catita?... E a minha senhora põe-me feia como o diabo.

— Primeiro, faze-te de veludo — disse-lhe Carlos —, sê quase timorata, desconfiada como uma gata; e principalmente envergonha o barão por ter empregado a polícia sem que pareças medrosa dos seus agentes. Por fim dá a entender ao *freguês*, em termos mais ou menos claros, que desafia todas as polícias do mundo a saberem onde está a bela. Esconde bem os teus vestígios. Quando o barão te houver concedido o direito de lhe dar palmadas na barriga, chamando-lhe tu “maganão”, faze-te insolente, e obriga-o a andar numa roda-viva como um lacaio.

Ameaçado de não tornar a ver a alcoviteira se se entregasse à menor espionagem, Nucingen falava com Ásia a caminho da Bolsa, a pé, misteriosamente, numa miserável sobreloja da Rue Neuve-Saint-Marc, casa emprestada. Emprestanda por quem? — nunca o barão pôde obter as mínimas luzes a tal respeito. Quantas vezes os milionários amorosos têm andado por esses desvios lamacentos, e com que delícia! As calçadas de Paris que o digam. De esperança em esperança, de desespero em desespero, a sra. de Saint-Estève foi levando o barão a querer saber tudo o que dizia respeito à desconhecida, *custasse o que custasse!*

Entretanto, o oficial de diligências marchava, e marchava tanto melhor quanto, não encontrando resistência alguma, agia dentro dos prazos legais, sem perder vinte e quatro horas.

Luciano, conduzido pelo seu conselheiro, visitou cinco ou seis vezes a reclusa em Saint-Germain. O feroz condutor daquelas tramoias julgara necessárias essas entrevistas para impedir que Ester definhasse, porquanto sua beleza passava a constituir um capital. No momento de deixar a casa do guarda, levou Luciano e a pobre cortesã à beira dum caminho deserto, a um sítio donde se via Paris, e onde ninguém os podia ouvir. Sentaram-se os três ao sol nascente, debaixo de um toro de choupo derrubado diante daquela paisagem, uma das mais esplêndidas do mundo, e que abrange o curso do Sena, Montmartre, Paris, Saint-Denis.

— Meus filhos — disse Carlos —, é findo o vosso sonho. Tu, pequena, não tornarás a ver Luciano; ou, se o vires, dirás que apenas o conheceste durante uns dias, há cinco anos.

— É pois chegada a minha morte! — disse ela sem derramar uma lágrima.

— Ora! Há cinco anos que estás doente — replicou Herrera. — Imagina-te tísica, e morre por aí sem nos aborreceres com as tuas elegias. Mas vais ver que podes viver ainda, e muito bem. Deixa-nos sós, Luciano, vai colher *sonetos* — disse-lhe, apontando para um campo contíguo.

Luciano lançou a Ester um olhar de mendigo, um desses olhares próprios dos homens fracos e ávidos, cheios de ternura no coração e de

pusilanimidade no caráter. Ester respondeu-lhe com um meneio de cabeça que significava: “Vou escutar o algoz para saber como hei de pôr a cabeça no cepo, e terei coragem para bem morrer”. Foi isso tão gracioso e, ao mesmo tempo, tão cheio de horror que o poeta chorou; Ester correu para ele, apertou-o nos braços, bebeu-lhe as lágrimas e disse-lhe:

— Sossega! — uma dessas palavras que se dizem com os gestos e os olhos, com a voz do delírio.

Carlos pôs-se a explicar claramente, sem ambiguidades, amiúde com horríveis palavras próprias, a situação crítica de Luciano, sua posição no palácio de Grandlieu, sua bela vida se triunfasse e, finalmente, para Ester, a necessidade de se sacrificar a tão magnífico futuro.

— Que é preciso fazer? — perguntou ela fanatizada.

— Obedecer-me cegamente — disse Carlos. — E de que te podes queixar? De mais ninguém depende criares para ti uma boa sorte. Vais ser o que são Túlia, Florina, Marieta e Du Val-Noble,^[155] tuas antigas amigas: amante de um homem rico, sem o amar. Feitos os nossos negócios, o amante é bastante rico para te fazer feliz...

— Feliz! — disse ela, erguendo os olhos ao céu.

— Tiveste cinco anos de paraíso — continuou ele. — Não será possível viver de recordações destas?

— Obedecerei — respondeu ela, enxugando uma lágrima. — Não se importe com o resto. Bem disse o senhor que o meu amor é uma doença que conduz à morte.

— Mas é preciso que continues a ser bela — tornou Carlos. — Com vinte e dois anos e meio, e com a felicidade que tens gozado, estás no auge da formosura. Volta a ser a Torpedo. Sê travessa, gastadora, ladina, sem dó do milionário que entrego às tuas mãos. Esse homem é um ladrão em grande escala, tem sido implacável com tanta gente, tem engordado com os bens das viúvas e dos órfãos! Tu vingarás tudo isso. Ásia virá buscar-te num fiacre, e esta noite estarás em Paris. Se vais deixar que suspeitem da tua ligação com Luciano durante os últimos quatro anos, isto seria o mesmo que desfechar-lhe um tiro na cabeça. Não de perguntar-te o que andaste fazendo: responde que estiveste

viajando com um inglês excessivamente ciumento. Já tiveste muito espírito para confundir os outros; trata de recuperá-lo.

Já viram algum radioso papagaio de papel, esse gigante das borboletas da infância, todo resplandecente de tiras douradas, a pairar no céu?... As crianças esquecem-se um momento do cordel, alguém que passa corta-o; o meteoro cabeceia e cai com uma rapidez tremenda. Assim Ester ouvindo Carlos Herrera.

segunda parte

POR QUANTO O AMOR FICA AOS VELHOS

I – CEM MIL FRANCOS COLOCADOS EM ÁSIA

Havia oito dias que Nucingen ia negociar, quase diariamente, a entrega daquela a quem amava, na loja da Rue Neuve-Saint-Mare... Aí, ora com o nome de De Saint-Estève, ora com o da sua protegida, Ásia surgia toda imponente, no meio dos seus vistosos adornos que haviam chegado a essa fase horrenda na qual os vestidos deixam de ser vestidos e ainda não são andrajos. A moldura estava em harmonia com a aparência que a mulher arranjava, porquanto aquelas lojas são uma das mais sinistras particularidades de Paris. Veem-se aí roupas usadas que a Morte aí arremessou com sua mão descarnada, e ouve-se então o estertor de uma tísica por baixo de um xale, como se adivinha aí a agonia da miséria por baixo de um vestido chapeado a ouro. Os atrozes debates entre o luxo e a fome estão ali escritos em rendas ligeiras. Reconhece-se aí a fisionomia de uma rainha sob um turbante emplumado, cujo aspecto recorda e quase restabelece o semblante ausente. E o hediondo no bonito! O látego de Juvenal,^[156] vibrado pelas mãos oficiais do leiloeiro, espalha os regalos sem pelo, as *fourrures* gastas de Messalinas^[157] sem recursos. E um monturo de flores, onde a espaços brilham rosas cortadas na véspera, usadas um dia; sobre ele está sempre agachada uma velha, prima-irmã da Usura, a Ocasião calva, desdentada, e pronta para vender o conteúdo, de habituada que está a vender o continente, o vestido sem a mulher ou a mulher sem o vestido! Ásia estava ali como o guarda de galés, como um abutre de bico rubro do sangue dos cadáveres, no seu elemento; mais horrorosa que esses horrores selvagens, que fazem estremecer os transeuntes assombrados às vezes de encontrarem alguma de suas mais juvenis e frescas recordações suspensa numa suja vidraça por trás da qual careteia uma verdadeira De Saint-Estève aposentada.

De irritação em irritação, de dez mil em dez mil francos, o banqueiro chegara a oferecer sessenta mil francos à sra. de Saint-Estève, que respondeu com uma carantonha de recusa, digna de uma macaca.

Depois de uma noite de agitação, após reconhecer quanta desordem a lembrança de Ester lhe lançava nas ideias, depois de realizar uns lucros inesperados na Bolsa, veio afinal uma manhã decidido a largar os cem mil francos pedidos por Ásia, mas queria primeiro colher dela manhosamente uma infinidade de informações.

— Então sempre te resolves, hein, meu grande pândego? — disse-lhe Ásia batendo-lhe no ombro.

A familiaridade mais desonrosa é o primeiro imposto que essa casta de mulheres exige das paixões desenfreadas ou das misérias que delas se fiam; mulheres assim nunca se levantam à altura do cliente; fazem-no sentar ao seu lado, no mesmo monte de estrume. Ásia, como se vê, obedecia admiravelmente ao patrão.

— *Que remétio!* — disse Nucingen.

— E não vás pensar que saís roubado. Tem-se vendido mulheres mais caro do que tu pagas esta, relativamente. Há mulher e mulher. De Marsay deu por Corália sessenta mil francos. A que tu queres custou cem mil francos em primeira mão, mas para ti, meu desavergonhado, é negócio de conveniência.

— *Mas onde está ela?*

— Tu vais vê-la. Eu sou como tu: é toma lá, dá cá. Então que queres, filho? *Tua paixão* fez umas tolices... Essas raparigas nunca hão de tomar juízo. A pequena é agora o que se chama uma bela da noite.

— *Muito quê?*

— Ora, não sejas pateta. Louchard anda-lhe no encalço. Eu emprestei a ela cinquenta mil francos.

— *Vinde e cinco, aliás* — emendou o banqueiro.

— Vinte e cinco para receber cinquenta, já se vê — prosseguiu Ásia. — A rapariga, justiça se lhe faça, é a probidade em pessoa. Não tinha senão o palminho de cara, e disse-me assim: “Minha querida sra. de Saint-Estève, os credores não me largam, só a senhora me pode salvar, empreste-me vinte mil francos, e eu lhe hipoteco o meu coração”. Um rico coraçãozinho, sim, senhor! Só eu sei o paradeiro dela. Uma indiscrição me custaria os meus vinte mil francos. Ela morava antes na Rue Taitbout. Antes de sair de lá (tudo o que era dela estava penhorado pelas custas! Isto da justiça é uma roubalheira! Tu sabes, tu que és um

magnata da Bolsa)... Como eu ia dizendo, antes de sair de lá, ela alugou por dois meses seu apartamento a uma inglesa, uma mulher soberba que estava com o tal de Rubempré, tão ciumento que só de noite a deixava sair a passeio. Mas, como vão fazer leilão da mobília, a inglesa pirou-se, mesmo porque era demasiado cara para um rapazelho como Luciano.

— *Você necocia* — observou Nucingen.

— Em criaturas — disse Ásia. — Empresto dinheiro às mulheres bonitas; e o negócio rende, porque se descontam dois valores ao mesmo tempo.

Ásia divertia-se em exagerar o papel dessas mulheres, que são muito ávidas, mas mais sonsas e mais doces que a malaia e que justificam o seu comércio com motivos os mais especiosos. Ásia simulou haver perdido suas ilusões; cinco amantes, os filhos todos, tendo sido explorada a torto e a direito, apesar da sua experiência. De vez em quando exhibia cautelas de casas de penhores para provar quantos transtornos o seu comércio sofria. Fingiu-se endividada e em maus lençóis. Mostrou-se enfim tão ingenuamente hedionda que o barão acabou acreditando na personagem que ela representava.

— *Enton, se eu larco os cem mil, onte a verei?* — disse ele, fazendo o gesto de um homem disposto a todos os sacrifícios.

— Olha, tiozinho, vem esta noite na tua carruagem, por exemplo, defronte do Gymnase.^[158] E por aí que se vai — disse Ásia. — Manda parar na esquina da Rue Sainte-Barbe. Eu lá estarei de atalaia, e iremos ter com a minha hipoteca de cabelos pretos. Oh, que formosos cabelos tem essa minha hipoteca! Quando tira o pente, Ester fica como que protegida debaixo de um pavilhão. Mas tu, que és entendido em algarismos, tens uns ares de palerma, e por isso te aconselho a esconderes bem a pequena, porque senão, no dia seguinte, a trancafiam em Sainte-Pélagie,^[159] se a encontram, e olha que ela anda sendo procurada.

— *Non zeria possível comprar a tívita?* — perguntou o incorrigível lobo-cerval.

— Isso é lá com a justiça... mas não há meio. A pequena tem uma paixão e deu cabo de um dinheiro de que era depositária. Meu amigo,

com vinte e dois anos não há rapariga que tenha juízo.

— *Pem, pem, eu arrancharei a coisa* — disse Nucingen, tomando o seu ar de finório. — *O que está compinato é que eu fico zento o protetor da pequena.*

— Ora, o palerma! Isso é lá contigo... Meios tens tu para comprar ao menos um amor fingido, que não fica abaixo de um amor verdadeiro. Eu te entrego a princesa; ela está comprometida a aceitar-te, e não quero saber do resto... Contudo, fica sabendo que ela está habituada ao luxo, às maiores regalias. É uma mulher de truz, sim, senhor. Se não fosse isso, não lhe daria eu quinze mil francos.

— *Pom. Está tito. Até a noite.*

O barão recomeçou a *toilette* nupcial da outra vez; mas, agora, a certeza do êxito fê-lo dobrar a dose das pílulas. Às nove horas, encontrou o estafermo da mulher no local apazado e fê-la subir para a sua carruagem.

— *Para onde?* — perguntou o barão.

— Para a Rue de la Perle, no Marais — disse Ásia —, um endereço de ocasião, pois que a tua pérola está na lama, mas tu a lavarás.

Quando chegaram, a falsa sra. de Saint-Estève disse a Nucingen como um sorriso atroz:

— Vamos agora um pedaço a pé; eu não seria tão tola que fosse dar o endereço certo.

— *Non te esqueces de nata!* — disse Nucingen.

— É do ofício — tornou ela.

Ásia conduziu Nucingen à Rue Barbette, onde, numa casa de cômodos pertencente a um estofador do bairro, foi introduzido no quarto andar. Vendo num quarto mal mobiliado a sua Ester vestida de operária e trabalhando num bordado, o ricaço empalideceu. Ao cabo de um quarto de hora, durante o qual Ásia pareceu cochichar com Ester, ainda o velho se achava meio engasgado.

— *Ziniorita* — disse ele enfim à pobre rapariga — *quer ter a pontate de me aceitar como seu protetor?*

— Assim é preciso, senhor — disse Ester, cujos olhos deixaram cair duas grossas lágrimas.

— *Non chore. Quero fazê-la a mais feliz de todas as mulheres. Consinta*

apenás que eu ame você, e verá.

— Minha querida, este senhor é uma pessoa razoável — disse Ásia.
— Ele bem sabe que tem sessenta e seis anos completos e há de ser indulgente. Enfim, meu anjo, foi um pai que lhe arranjei... É preciso falar-lhe assim — disse Ásia ao ouvido do barão. — Não é com vinagre que se apanham moscas. Venha cá — prosseguiu, arrastando-o para um compartimento próximo. — Sabe o que combinamos, não é, meu amor?

Nucingen tirou do bolso da casaca uma carteira e contou os cem mil francos, que Carlos, escondido numa saleta ao lado, esperava com viva paciência, e que a cozinheira lhe foi levar.

— São cem mil francos que o nosso homem emprega na Ásia; vamos agora fazer-lhe empregar mais na Europa — disse Carlos à sua confidente, já no patamar.

E desapareceu depois de dar instruções à malaia, que voltou para o quarto onde Ester chorava copiosamente. A pobre criança, como um criminoso condenado à morte, imaginara um romance de esperança, e acabava de soar a hora fatal.

— Meus queridinhos — disse Ásia —, para onde vão? Pois aqui o barão de Nucingen...

Ester olhou para o célebre banqueiro, deixando escapar um gesto de espanto muito bem simulado.

— *Zim, minia filha, eu sou o paron de Nucinchen.*

— O barão de Nucingen não pode nem deve ficar num cochicholo desta ordem. Escute: a sua antiga criada de quarto, Eugênia...

— *Euchênia! A ta Rue Taitbout...* — disse o barão.

— Justamente, a depositária legal dos móveis — tornou Ásia — e que alugou o apartamento à bela inglesa...

— *Ah, compreento!* — disse o barão.

— A antiga criada de quarto da senhora — continuou respeitosamente Ásia, designando Ester — o receberá muito bem esta noite, e é claro que o guarda do comércio jamais se lembrará de ir procurá-la na sua antiga habitação, que ela largou há três meses.

— *Muito pem! Muito pem!* — exclamou o barão. — *De resto, eu conieço os guardas do comércio, e sei de umas palavras para fazer tesaparecer eles.*

— O senhor tem em Eugênia uma rapariga fina — disse Ásia. — Fui

eu que a inculquei à senhora.

— *Eu a conieço* — disse o milionário rindo. — *Ela estorquiou-me trinta mil francos...*

Ester fez um gesto de horror que bastava para qualquer homem de bom coração lhe confiar todos os seus haveres.

— *A culpa foi minia* — prosseguiu o barão. — *Era atrás de você que eu corria.*

E narrou o equívoco a que tinha dado lugar a sublocação da casa a uma inglesa.

— Vê, senhora? — disse Ásia. — E aquela velhaca não lhe disse nada! Mas a senhora está muito acostumada com a rapariga — disse ela ao barão —; convém conservá-la apesar de tudo.

Chamou de parte Nucingen e disse-lhe:

— Com quinhentos francos por mês a Eugênia, que está juntando o seu peculiozinho, o senhor saberá tudo quanto a ama faz. Dê-lha como criada de quarto. Pode contar com ela, tanto mais que já o explorou. Não há nada para afeiçoar tanto as mulheres a um homem como tê-lo já explorado. Mas tenha-lhe a rédea tesa: aquilo faz tudo por dinheiro, é um horror!

— E tu?

— Eu? — disse Ásia. — Eu o que faço é pagar-me.

Nucingen, aquele homem tão profundo, tinha os olhos vendados; deixou-se levar como uma criança. Ver a cândida e adorável Ester enxugar os olhos puxando com a decência de uma donzela os pontos do seu bordado restituía ao enamorado velho as sensações que tivera no bois de Vincennes. Teria entregado até a chave do seu cofre! Sentiu-se moço, com o coração cheio de adorações, esperando apenas que Ásia partisse para se lançar aos pés daquela madona de Rafael. Esse desabrochar súbito da infância no coração de um lobo-cerval, de um velho, é desses fenômenos sociais que a Fisiologia pode explicar mui facilmente. Comprimida sob o peso dos negócios, abafada por cálculos contínuos, pelas preocupações perpétuas da caça aos milhões, a adolescência com as suas sublimes ilusões torna a aparecer, desenvolve-se, floresce, como uma causa, como uma semente esquecida, cujos efeitos, cujas esplêndidas florescências obedecem ao

acaso, a um sol que rebenta, que brilha tardiamente. Caixeiro aos doze anos na velha casa d'Aldrigger^[160] de Estrasburgo, o barão nunca havia posto o pé no mundo dos sentimentos. Por isso estava ali diante do seu ídolo, a ouvir mil frases que se lhe atropelavam no cérebro, e, como nenhuma lhe acudisse aos lábios, obedeceu então a um desejo brutal no qual o homem de sessenta e seis anos tornava a aparecer.

— *Quer vir comico para a Rue Taitbout?* — perguntou ele.

— Para onde o senhor quiser — respondeu Ester levantando-se.

— *Para onde o ziniior quêr!...* — repetiu ele encantado. — *Você é um ancho tescito to céu, e a quem amo como se eu fosse um rapaz, apesar dos meus capelos crisalhos.*

— Grisalhos? Diga brancos, se faz favor — emendou Ásia. — Eles estão hoje tão pretos que ontem não seriam apenas grisalhos...

— *Vai-te, vil ventetora de carne humana! Já tens o teu tinieiro, não papes mais sobre esta florínia te amor!* — disse o banqueiro pagando-se com esta selvagem apóstrofe de todas as insolências que havia suportado.

— Ora, o desavergonhado! Tu me pagarás! — disse Ásia, ameaçando-o com um gesto digno de uma regateira, mas que lhe fez apenas encolher os ombros. — Ainda terás notícias minhas — acrescentou ela, irritada com o desdém de Nucingen.

Os milionários que têm o dinheiro guardado pelo Banco de França, os palácios guardados por uma chusma de criados e o corpo, na rua, guardado pelo baluarte de uma boa carruagem puxada por cavalos ingleses não temem nenhuma desgraça; por isso o barão olhou friamente a alcoviteira pelo canto do olho, como homem que acabava, de lhe dar cem mil francos. Essa majestade produziu seu efeito. Ásia retirou-se resmungando enquanto descia a escada, e usando uma linguagem excessivamente revolucionária, pois falava até em cadafalso!

— Que lhe disse o senhor? — perguntou a *donzela do bordado*. — Ela é boa mulher.

— *Ela vendeu você, roupou você...*

— Quando nós estamos na miséria — respondeu ela com um ar capaz de partir o coração a um diplomata —, quem é que tem dinheiro e consideração para nos dispensar?

— *Popre criança!* — disse Nucingen. — *Não fique aqui nem mais um*

II – UMA PRIMEIRA NOITE

Nucingen deu o braço a Ester, levou-a assim como estava, e meteu-a no seu carro com mais respeito talvez do que teria com a bela duquesa de Maufrigneuse.

— *Você terá uma pela carruagem, a mais bonita de Paris* — dizia Nucingen pelo caminho. — *Há de rotear você tudo quanto o lucro tem de mais encantador. Nem uma rainha será mais rica do que você. Você será respeitada como uma noiva da Alemanha; quero que zecha livre... Non chore. Ouça. O amor que eu lhe tenio é verdadeiramente puro. Cata uma de suas lágrimas me despedaça o coração.*

— Quem é que tem verdadeiro amor a uma mulher comprada? — perguntou num tom delicado a pobre rapariga.

— *Lembre-se de que Chosé foi vendido pelos irmãos por causa da sua formosura. Está na Bíblia. Aliás, no Oriente, as esposas lechítimas são compradas!*

Chegando à Rue Taitbout, Ester não pôde tornar a ver sem dolorosas impressões o teatro da sua ventura. Ficou sobre um divã, imóvel, enxugando as lágrimas uma a uma, sem ouvir uma palavra das tolices que lhe papagueava o banqueiro. Este se pôs de joelhos; ela deixou-o estar ali sem lhe dizer palavra, abandonando-lhe as mãos quando ele as tomava, mas ignorando, por assim dizer, de que sexo era a criatura que lhe estava aquecendo os pés, que Nucingen achou frios. Esta cena de abrasadoras lágrimas derramadas sobre a cabeça do barão, e de pés gélidos aquecidos por ele, durou da meia-noite às duas horas da madrugada.

— *Euchênia* — disse afinal o barão chamando Europa —, *vecha ze faz com que sua ama se teite.*

— Oh, isso não! — exclamou Ester pondo-se de pé num salto, aterrada. — Aqui nunca!

— Olhe, senhor, eu conheço a minha senhora, que é bondosa como um cordeirinho — disse Europa ao banqueiro —, mas é preciso não contrariá-la e levá-la com jeito. Ela teve aqui tantos desgostos! Veja como a mobília está estragada! Deixe-a fazer o que quiser. Arranje-lhe

com calma um palacete bonito. Talvez ela, vendo tudo novo em volta de si, perca o sentido do que se passou e ache o senhor melhor do que realmente é. Oh, não há outra como esta! Pode gabar-se de ter feito uma excelente aquisição: bom coração, maneiras gentis, pezinhos mimosos, e uma pele... que pele! E um espírito capaz de fazer rir um condenado à morte. É muito extremosa. E como sabe vestir-se!... É caro, sim, senhor, mas bom. Aqui em casa todos os seus vestidos estão penhorados, de maneira que sua *toilette* anda com atraso de três meses. Mas eu, apesar de tudo, sou muito amiga da senhora; sempre é a minha patroa. Pense bem. Uma mulher assim ver-se entre móveis penhorados!... E por amor de quem? Por amor de um estroina que a intrujou. Coitadinha! Nem parece a mesma.

— *Ester, Ester!* — dizia o barão. — *Teite-se, sim, meu ancho? Oh! Ze zou eu que lhe meto meto, fico aqui neste canapé* — disse ele, inflamado pelo amor mais puro e vendo que Ester não cessava de chorar.

— Pois bem — respondeu Ester tomando a mão do barão e beijando-a com um sentimento de gratidão que fez vir aos olhos do lobo-cerval qualquer coisa muito parecida com uma lágrima —, eu saberei agradecer-lhe.

E fugiu para dentro do seu quarto, fechando-se à chave.

“Aqui há alcuma coisa inescplicável”, dizia Nucingen de si para si, agitado pelas suas pílulas. *“Que diron em minia casa?”*

Levantou-se, foi à janela.

— *Lá está ainta a minia carruachem... Taqui a pouco é tia.*

Pôs-se a passear de um lado para outro.

— *Como a paronesa troçaria te mim, se viesse a saper como passei esta noite!*

Percebendo haver sido um grande tolo em ir deitar-se, foi aplicar o ouvido à porta do quarto.

— *Ester!*

Nenhuma resposta.

“Meu Teus! Ela continua choranto”, disse consigo, voltando a estender-se no canapé.

Uns dez minutos antes do nascer do sol, o barão de Nucingen, que pegara enfim nesse mau sono em que se cai à força, e em posição

incômoda, num divã, foi acordado em sobressalto por Europa, no meio de um desses sonhos que em tais circunstâncias se tem; e cujas rápidas complicações são um dos fenômenos insolúveis da fisiologia médica.

— Ah, Deus! Minha senhora! — clamava ela. — Vêm aí os soldados, os gendarmes, a justiça. Querem prendê-la.

No momento em que Ester abriu a porta e se mostrou, mal envolvida no seu roupão, com os pés nus em chinelos, o cabelo em desalinho, tão formosa que faria perder a cabeça ao anjo Rafael, a porta da sala vomitou uma onda de lama humana que rolou, sobre dez patas, na direção da celeste jovem, cuja atitude era a de um anjo num quadro de devoção flamengo. Um homem se adiantou. Contenson, o horrendo Contenson, pôs a mão no ombro úmido de Ester.

— É a sra. Ester van...? — disse ele.

Europa, com um tabefe aplicado com as costas da mão, atirou-o ao comprido no tapete, conseguindo isto tanto mais facilmente quanto lhe aplicou, ao mesmo tempo, um hábil cambapé.

— Para trás! — gritou ela. — Na minha patroa não se toca!

— Ai, que me quebrou a perna! — berrava Contenson levantando-se.
— Hão de pagar-me!

Da massa dos cinco malsins vestidos como malsins, com os horríveis chapéus nas cabeças mais horríveis ainda, e oferecendo cabeças de mogno em que os olhos eram vesgos, onde faltavam alguns narizes e em que as bocas se retorciam em esgares, destacou-se Louchard, vestido com mais asseio que a sua gente, mas de chapéu na cabeça, e com a fisionomia a um tempo adocicada e risonha.

— Senhorita, está presa — disse ele a Ester. — E você, tome cuidado — disse, dirigindo-se a Europa. — Toda rebelião será punida e toda resistência é inútil.

O barulho das carabinas, cujas coronhas haviam batido contra as lajes da sala de jantar e da antecâmara anunciando que a guarda estava reforçada, veio apoiar aquelas palavras.

— Mas por que me prendem? — perguntou inocentemente Ester.

— E as nossas dividazinhas? — respondeu Louchard.

— Ah! É verdade! — disse Ester. — Deixe-me ir vestir.

— Infelizmente, senhorita, preciso primeiro verificar se não contará

com algum meio de fuga no seu quarto — disse Louchard. Tudo isto foi tão rápido que o barão nem tivera ainda tempo de intervir.

— Olá! Então eu ainda sou uma vendedora de carne humana, barão de Nucingen? — indagou a terrível Ásia, insinuando-se por entre os malsins até junto do divã, onde fingiu descobrir o banqueiro.

— *Tesavergoniada!* — exclamou Nucingen, assumindo toda a sua majestade financeira e pondo-se de permeio entre Ester e Louchard, que tirou o chapéu a um grito de Contenson.

— O sr. barão de Nucingen!...

Em consequência do gesto de Louchard, os malsins saíram da sala, descobrindo-se todos com respeito. Só Contenson ficou.

— O senhor barão paga? — perguntou o guarda que tinha o chapéu na mão.

— *Paco* — respondeu ele —, *mas primeiro quero zaper te que se trata.*

— Trezentos e doze mil francos e pouco, incluindo as custas, mas à parte a captura.

— *Trecentos mil francos!* — gritou o barão. — *É um tespertar pem caro para quem passou a noite num canapé* — acrescentou ele ao ouvido de Europa.

— Este homem é efetivamente o barão de Nucingen? — perguntou Europa a Louchard, comentando a sua dúvida com um gesto que a srta. Dupont,^[161] última *soubrette* do Théâtre-Français lhe teria invejado.

— Sim — respondeu Louchard.

— É — confirmou Contenson.

— *Eu resporto por ela* — disse o barão, a quem a dúvida de Europa pusera em brios. — *Teixe-me tizer-lhe uma palavra.*

Ester e o apaixonado velho entraram para o quarto, a cuja fechadura Louchard achou bom aplicar o ouvido.

— *Eu amo-a mais que a própria vida, Ester; mas para que teu aos seus cretores um tinieiro que ficava melhor na sua polsa? Teixeira prenter: faço queston de rescatar esses trecentos mil francos por cem mil, e você fica com tucentos mil francos para si.*

— É inútil o sistema — gritou-lhe Louchard. — Se o senhor barão está apaixonado, o credor não o está! Percebe? O credor exige tudo, mormente agora, sabendo da paixão do senhor barão.

— *Crandessíssima cavalcatura!* — berrou Nucingen para Louchard, abrindo a porta e mandando-o entrar. — *Tu non sapes o que tizes! Tou-te vinte por cento, se consegues arranchar o necócio.*

— Impossível, senhor barão.

— O quê? — disse Europa intervindo. — Pois o senhor tinha alma para deixar que metessem minha ama na cadeia? Quer os meus ordenados, as minhas economias? Aceite-as, minha senhora; sempre são quarenta mil francos.

— Pobre rapariga! Eu não te conhecia! — disse Ester apertando Europa nos braços.

Europa desatou a chorar.

— *Eu paco* — disse lamentosamente o barão, puxando de uma carteira e tirando daí um desses pedacinhos de papel impresso que o Banco dá aos banqueiros e em que eles só têm de pôr a importância em algarismos e por extenso para fazerem uma ordem ao portador.

— Não vale a pena, senhor barão — disse Louchard. — Eu tenho ordem para só aceitar o pagamento em ouro ou prata. Em atenção ao senhor, porém, contento-me com cédulas.

— *Tiacho!* — exclamou o barão. — *Teixe-me enton ver os títulos.*

Contenson apresentou três autos com capa azul, nos quais o barão pegou olhando para ele e dizendo-lhe ao ouvido:

— *Caniavas melhor o tia se me tivesses prevenito.*

— Eu sabia lá que o senhor barão estava aqui? — respondeu o espião, sem se importar que Louchard o ouvisse. — Não perdeu pouco em retirar de mim sua confiança. O senhor está sendo explorado — acrescentou esse profundo filósofo, encolhendo os ombros.

— *É vertate* — disse o barão. — *Ai, minia filha* — disse ele vendo as letras de câmbio e dirigindo-se a Ester —, *você foi vítima de um crante patife, de um escroque.*

— Sim, é certo — concordou a pobre Ester —, mas ele me amava tanto!

— *Ze eu zoupesse, tinia posto embarcos.*

— O senhor barão não está em si — disse Louchard. — Lembre-se de que há um endossado...

— *Pem sei* — replicou ele. — *Cérizet... Isso é um testa te ferro.*

— Quer o senhor barão ter a bondade de escrever um bilheteinho ao seu caixa? — perguntou Louchard, sorrindo. — Contenson vai lá, e eu mando a minha gente embora. Vai ficando tarde, e todo mundo ficaria sabendo...

— *Pois vai, Contenson* — disse Nucingen. — *O meu caixa mora na esquina da rue des Mathurins e te l'Arcate. Aqui está uma ortem para ele ir ao Tu Tillet ou aos Keller, no caso de non termos lá em casa trecentos mil francos, porque toto o nosso tinieiro está no panca... Vista-se, meu ancho* — disse a Ester —, *você está livre. As velhas* — e aqui olhou para Ásia — *son mais pericosas que as chovens.*

— Vou fazer rir o credor — disse Ásia —, e ele me dará com que me divirta hoje. *Non é caso para ficarmos te mal, zinior paron* — acrescentou a Saint-Estève, fazendo uma horrível reverência.

Louchard recebeu os títulos da mão do barão, e ficou só com ele na sala, onde, uns trinta minutos depois, entrou o caixa, seguido de Contenson. Ester tornou então a aparecer numa *toilette* maravilhosa, apesar de improvisada. Contados os fundos por Louchard, o barão quis examinar os títulos, mas Ester arrebatou-lhos com um movimento de gata e foi guardá-los na sua secretária.

— Não dá nada para a gente? — perguntou Contenson a Nucingen.

— *Você não usou neniuma telicateza* — disse o barão.

— E a minha perna? — indagou Contenson.

— *Louchard, tê cem francos a Contenson to troco tessa nota te mil.*

— *É uma linta mulher* — dizia o caixa ao barão de Nucingen quando saíam da Rue Taitbout —, *mas chá está pem cara ao zinior paron!*

— *Você guarde secreto* — disse o barão, que já havia feito idêntico pedido a Contenson e a Louchard.

Louchard saiu seguido de Contenson; mas, no bulevar, Ásia, que estava à espreita, fez parar o guarda do comércio.

— O oficial de justiça e o credor estão ali num fiacre, e têm sede — disse ela —, e olhe que você apanha boa espórtula!

Enquanto Louchard contava o dinheiro, pôde Contenson examinar os clientes. Viu os olhos de Carlos, conheceu-lhe o feitio da cabeça por baixo da cabeleira, e essa cabeleira lhe pareceu bastante suspeita; tomou o número do carro, simulando total indiferença ao que se estava

passando; Ásia e Europa intrigavam-no em extremo. Suspeitava que o barão estava sendo vítima de gente muito esperta, tanto mais que Louchard, quando reclamara seus serviços, tinha sido de uma discrição estranha. E depois a sancadilha que Europa lhe aplicara não havia atingido Contenson apenas na tibia.

— Isto é um golpe privativo de certos malandros bem conhecidos da polícia — dissera ele consigo ao erguer-se do chão.

Carlos Herrera despediu o oficial de justiça, pagou-lhe generosamente e disse ao cocheiro enquanto também lhe pagava:

— Escadaria do Palais-Royal!

“Ah, que grande patife!”, disse Contenson de si para si, ouvindo aquela ordem. “Aqui há coisa.”

O espanhol chegou ao Palais-Royal numa corrida tal que não era de recear que o seguissem. De resto atravessou as galerias a seu modo, e tomou outro fiacre na place du Château d'Eau, dizendo ao cocheiro:

— Passage de l'Ópera, do lado da Rue Pinon!

Um quarto de hora depois entrava na Rue Taitbout.

Ao vê-lo, disse-lhe Ester:

— Aqui estão estes malditos papéis!

Herrera tomou os títulos, examinou-os e foi à cozinha queimá-los.

— Esta parada está ganha! — disse, mostrando os trezentos e dez mil francos enrolados num pacote que tirou do bolso da sobrecasaca. — Isto, com os cem mil francos de Ásia, já nos permite trabalhar.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamou a pobre Ester.

— Oh, imbecil! — disse o feroz calculista. — Sê ostensivamente a amante de Nucingen, e poderás ver Luciano, que é amigo do ricoço; não te proíbo que tenhas paixão por ele!

Ester divisou uma débil claridade na sua vida tenebrosa, e respirou.

III – ALGUNS CLARÕES

— Europa, minha filha — disse Carlos levando a rapariga para um canto da alcova, onde ninguém podia surpreender uma palavra da conversação. — Europa, estou satisfeito contigo.

Europa levantou a cabeça e fitou aquele homem com uma expressão que lhe transformou por tal forma a fisionomia seca que Ásia,

testemunha da cena, que se achava de sentinela à porta, ficou a conjecturar se o interesse de Carlos por Europa excederia em profundidade o interesse pelo qual ela se sentia presa a ele.

— Mas isso não basta, minha filha. Quatrocentos mil francos não me dão para nada. Paccard te remeterá uma fatura de pratas na importância de trinta mil francos, com algum dinheiro por conta; mas o nosso ourives, Biddin, teve de fazer despesas. Nossa mobília, penhorada por ele, será decerto anunciada amanhã para leilão. Vai ter com Biddin, que mora na Rue de l'Arbre-Sec; ele te dará cautelas do Mont-de-Piété na importância de dez mil francos. Percebes? Ester mandou fazer umas pratas, não pagou e pô-las no “prego”, de maneira que será ameaçada de uma queixa por abuso de confiança. É preciso portanto dar trinta mil francos ao ourives e dez mil ao Mont-de-Piété para reaver os objetos. Total: quarenta e três mil francos com as despesas. A prata tem muita liga, o barão a substituirá, nós lhe sugaremos aí mais uns milhares de francos. Quanto é que se deve de dois anos à costureira?

— Pode-se-lhe dever seis mil francos — respondeu Europa.

— Bem. Se a sra. Augusta quiser receber e continuar com a freguesa, que tire uma conta de trinta mil francos em quatro anos. A mesma combinação com a modista. O joalheiro judeu da Rue Sainte-Avoie, Samuel Frisch, te emprestará cautelas de casa de penhor; é preciso que devamos a ele vinte e cinco mil francos, e teremos seis mil francos das nossas joias empenhadas no Mont-de-Piété. Restituímos as joias ao joalheiro; metade das pedras são falsas, de maneira que é preciso não deixar o barão examiná-las muito. Finalmente, é necessário que dentro de oito dias faças o barão soltar mais cento e cinquenta mil francos.

— Mas a senhora que me ajude um pouco — disse Europa. — Fale com ela, porque ela fica parada aí como que apatetada, e me obriga a desenvolver mais esperteza do que três autores para uma peça.

— Se Ester começar a fazer tolices, avisa-me. Nucingen deve-lhe uma carruagem e cavalos; ela em pessoa que escolha e faça as compras. Escolham o negociante de cavalos e de carros onde Paccard está servindo. Assim arranharemos cavalos vistosos, muito caros, que um mês depois ficarão coxos, e havemos de trocá-los.

— Podiam-se arranjar seis mil francos com uma conta do perfumista — disse Europa.

— Nada — respondeu ele abanando a cabeça. — Vamos devagar, de concessão em concessão. Nucingen não meteu senão o braço na máquina, e o de que precisamos é da cabeça. Eu ainda preciso de mais quinhentos mil francos.

— É fácil arranjá-los — disse Europa. — A senhora que se deixe amansar na altura dos seiscentos mil, e peça-lhe, para lhe ter amor, mais quatrocentos.

— Escuta — disse Carlos Herrera. — No dia em que eu receber os últimos cem mil francos, vinte mil são para ti.

— Para quê? — tornou ela, deixando cair os braços, como quem sente que a existência parece impossível.

— Podes voltar para Valenciennes, estabelecer-te, tornar-te uma mulher honesta, se quiseses; neste mundo, há gostos para tudo. Paccard já tem pensado nisto; não tem nada que lhe pese, o que tem na consciência é pouco; podeis portanto entender-vos — replicou Carlos Herrera.

— Voltar para Valenciennes! Que ideia! — exclamou Europa com terror.

Nascida em Valenciennes e filha de tecelões paupérrimos, Europa entrou aos sete anos para uma fiação onde a indústria moderna abusou das suas forças físicas assim como o vício a havia depravado antes do tempo. Corrompida aos doze anos, mãe aos treze, viu-se ligada a gente da pior espécie. Por causa de um assassinio, teve de comparecer perante o tribunal, aliás como testemunha.

Vencida aos dezesseis anos por um resto de probidade, pelo terror que a justiça causa, fez condenar o réu, com o seu depoimento, a vinte anos de trabalhos forçados. O criminoso, um desses reincidentes cuja organização implica terríveis vinganças, dissera em plena audiência à rapariga: — Dentro de dez anos, como no presente, Prudência (Europa chamava-se Prudência Servien), voltarei para te dar cabo do canastro, ainda que eu vá acabar na guilhotina.

O presidente do tribunal procurou tranquilizar a pobre jovem, prometendo-lhe toda a assistência da justiça, mas Prudência ficou tão

aterrada que adoeceu e esteve perto de um ano no hospital. A justiça é uma abstração, representada por uma reunião de indivíduos a todo o momento substituídos, e cujas boas intenções, cuja memória são, como eles, extremamente ambulatorias. As salas de audiência, os tribunais não podem prevenir crimes; eles são inventados para os aceitar já feitos. Desse ponto de vista, uma polícia preventiva seria um benefício para um país; mas a palavra polícia hoje assusta o legislador, que já não sabe distinguir entre *governar*, *administrar* e *fazer as leis*. O legislador tende a absorver tudo no Estado, como se ele pudesse ter ação. O forçado devia pensar sempre na sua vítima e vingar-se quando a justiça já não pensasse num nem na outra. Prudência, que compreendeu instintivamente o perigo da sua situação, saiu de Valenciennes e veio aos dezessete anos para Paris, com o fim de se esconder. Na capital, ela teve quatro empregos, o melhor dos quais foi o de comparsa num teatro. Encontrou-a então Paccard, a quem ela contou seus infortúnios. Paccard, braço direito e assecla de Jacques Collin, falou dela ao chefe; e este, quando precisou de uma escrava, disse a Prudência:

— Se me quiseses servir como se deve servir o diabo, eu te livrarei de Durut.

Durut era o forçado, a espada de Dâmocles suspensa sobre a cabeça de Prudência Servien.

Sem estes detalhes, muitos críticos haviam de achar a dedicação de Europa um pouco fantástica. Enfim, ninguém compreenderia o lance teatral que Herrera ia produzir.

— Sim, filha; podes voltar para Valenciennes... Aí tens, lê.

E estendeu-lhe um jornal da véspera, apontando com o dedo a notícia seguinte:

TOULON. — *Verificou-se ontem a execução de João Francisco Durut... Desde a madrugada, a guarnição etc.*

Prudência deixou cair o jornal; vergaram-lhe as pernas ao peso do corpo. Era a vida que lhe reaparecia afinal porque, dizia ela, nem o pão lhe sabia bem desde a ameaça de Durut.

— Já vêes que cumpri minha palavra. Foram precisos quatro anos para fazer rolar a cabeça de Durut, armando-lhe uma cilada. Pois agora

concluí aqui a minha obra, e ficarás à testa de um negociozinho na tua terra, dona de vinte mil francos e casada com Paccard, a quem permito a virtude como aposentadoria.

Europa tornou a pegar no jornal, e leu com olhos reluzentes todos os pormenores que os jornais dão há vinte anos, sem se cansar, sobre a execução dos forçados: o espetáculo imponente, o capelão que converte sempre o paciente, o velho criminoso que exorta os seus ex-colegas, a artilharia assestada, os forçados de joelhos; e depois as reflexões banaais que não mudam nada ao regime das galés, onde fervilham dezoito mil crimes.

— É preciso colocar de novo Ásia aqui em casa — disse Carlos.

Ásia avançou, sem compreender a pantomima de Europa.

— Para tornar a pô-la aqui como cozinheira, começarás por servir ao barão um jantar como ele nunca tenha comido — prosseguiu ele —; depois lhe dirás que Ásia perdeu tudo no jogo e volta a servir. Não precisaremos de trintanário: Paccard fica sendo cocheiro, e os cocheiros não saem da boleia, onde são pouco acessíveis, de maneira que a espionagem o incomodará menos. A dona da casa o faça usar cabeleira empoadada e tricorne de feltro agalado para se transformar; eu me encarrego de caracterizá-lo.

— Vamos ter criados conosco? — perguntou Ásia, olhando de soslaio.

— Vamos; mas gente honesta — respondeu Herrera.

— Todos patetas! — replicou a mulata.

— Se o barão alugar o palácio, Paccard tem um amigo bom para zelador — tornou ele. — Só nos falta um criado e uma ajudante de cozinha; vocês podem muito bem vigiar dois estranhos.

No momento em que Carlos ia sair, apareceu Paccard.

— Espere, anda gente na rua — disse o trintanário.

Esta simples palavra foi aterradora. Carlos subiu para o quarto de Europa, e deixou-se ficar aí até que Paccard o veio buscar num carro de aluguel que entrou pelo portão. O espanhol desceu os estores e bateu numa desfilada que podia desafiar qualquer perseguição. Chegando ao faubourg Saint-Antoine, apeou-se a alguns passos de uma praça de fiacres, indo a pé até aí, e tornou a entrar no Quai Malaquais, escapando

assim aos curiosos.

— Vês, rapaz? — disse ele a Luciano, mostrando-lhe quatrocentas cédulas de mil francos. — Parece-me que já é um dinheiro por conta sobre o preço da propriedade de Rubempré. Vamos arriscar cem mil em ações da companhia de ônibus, que acaba de ser instalada, e que há de dar no guto aos parisienses; em três meses devemos triplicar o capital. Eu conheço a especulação: vão distribuir soberbos dividendos do capital subscrito, para valorizar as ações. É uma antiga ideia de Nucingen. Reconstituindo a propriedade de Rubempré não será preciso pagarmos logo tudo. Tu irás procurar Des Lupeaulx, a quem pedirás que te recomende ele próprio a um solicitador chamado Desroches,^[162] refinado patife que vais conhecer no seu escritório; dize-lhe que vá a Rubempré, que estude o terreno, e promete-lhe vinte mil francos de honorários se conseguir constituir-te trinta mil francos de rendimento comprando-te oitocentos mil francos de propriedades em redor das ruínas do castelo.

— Apre! Vais até o fim sem parar!

— Eu não paro nunca. E não gracejemos. Tu irás depositar trezentos mil francos em bônus do Tesouro, para não perderes o juro; podes deixá-lo a Desroches, que tem tanto de honrado como de manhoso... Feito isso, corre a Angoulême e obtém de tua irmã e de teu cunhado que tomem sobre si uma pequena mentira officiosa. Podem eles dizer que te deram seiscentos mil francos para facilitar o teu casamento com Clotilde de Grandlieu; não é vergonha nenhuma.

— Estamos salvos! — exclamou Luciano deslumbrado.

— Calma — atalhou Carlos —, salvo estarás tu, e ainda assim se saíres da igreja de Saint-Thomas-d'Aquin casado com Clotilde de Grandlieu.

— Que receias tu? — perguntou Luciano, aparentemente cheio de interesse por seu conselheiro.

— Andam uns curiosos atrás de mim... É preciso que eu assumo ares de verdadeiro padre, e isto é uma maçada! O diabo deixará de me proteger, se me vir com um breviário debaixo do braço.

Nesse momento chegava à porta do seu palácio o barão de Nucingen, de braço dado com o seu caixa.

— *Estou com pastante receio* — disse ele ao entrar em casa — *te ter feito triste companhia... Ora! Non faz mal; nós nos tesforraremos.*

— *O pior é o zinior paron ter-se tato em espetáculo* — respondeu o bom alemão, importando-se apenas com o decoro.

— *É vertate. Minia amante oficial teve ocupar uma posiçon tigna te mi* — disse aquele Luís XIV de balcão.

Certo de conquistar Ester mais cedo ou mais tarde, o barão voltou a ser o grande financista que era. Retomou tão bem a direção dos seus negócios que o seu caixa, encontrando-o no dia seguinte às seis horas, a verificar valores no *seu* gabinete, esfregou as mãos de contente.

— *Tecititamente, o zinior paron fez uma economia a noite passata* — disse ele com um sorriso de alemão, meio sonso, meio alvar.

Se os ricos à maneira de Nucingen têm mais ocasiões que os outros de perder dinheiro, têm também mais ocasiões de ganhá-lo, ainda mesmo entregando-se às suas loucuras. Embora já esteja explicada noutro lugar a política financeira da famosa Casa Nucingen,^[163] não é inútil observar que fortunas tão consideráveis não se adquirem, não se formam, não aumentam, não se conservam, em meio das revoluções comerciais, políticas e industriais da nossa época, sem haver imensas perdas de capitais, ou, se quizerem, imposições praticadas contra as fortunas particulares. Entram muito poucos valores novos no tesouro comum do globo. Todo açambarcamento novo representa uma nova desigualdade na repartição geral. O que o Estado pede por um lado dá-o pelo outro; mas o que uma Casa Nucingen apanha conserva-o. Esse golpe de traição furta-se às leis, pela mesma razão que teria feito de Frederico II um Jacques Collin, um Mandrin,^[164] se, em vez de operar sobre as províncias por meio de batalhas, trabalhasse em contrabando ou em valores mobiliários. Forçar os Estados europeus a tomarem empréstimos a dez ou vinte por cento, ganhar esses dez ou vinte por cento com os capitais do público, esfolar em grande escala as indústrias deitando a mão às matérias-primas, proporcionar ao fundador de uma empresa uma tábuia de salvação que apenas o sustenha em cima da água até lhe apanharem o seu negócio asfixiado, todas essas batalhas de dinheiro ganho, enfim, constituem a alta política dos argentários. Há

risco, é claro, tanto para o banqueiro como para o conquistador; mas são tão poucos os que podem travar semelhantes combates que nunca os pequenos são chamados à festa. Assim, como os *executados*, segundo o termo consagrado na gíria da Bolsa, são culpados de ter querido ganhar demasiado, geralmente toma-se muito pouca parte nos infortúnios causados pelas combinações dos Nucingen. Que um especulador dê um tiro nos miolos; que um corretor de câmbio fuja; que um tabelião leve consigo os bens de cem famílias, o que é pior do que matar um homem; que um banqueiro liquide; todas essas catástrofes que Paris esquece em poucos meses são logo abafadas pela agitação quase marítima da grande cidade. As fortunas colossais dos Jacques Coeur, dos Médicis, dos Ango de Dieppe, dos Aufredi de La Rochelle, dos Fugger, dos Tiepolo, dos Corner^[165] foram outrora lealmente conquistadas por meio de privilégios devidos à ignorância em que se estava das proveniências de todas as mercadorias preciosas; mas hoje a ciência geográfica de tal maneira penetrou as massas, a concorrência limitou os lucros a tal ponto que toda fortuna feita rapidamente só pode ser ou o efeito de um acaso e de uma descoberta, ou o resultado de um roubo legal. Pervertido por exemplos escandalosos, o baixo comércio tem correspondido, especialmente nestes últimos dez anos, à perfídia das concepções do alto comércio, com atentados odiosos sobre as matérias-primas. Por toda a parte onde a química é praticada não se bebe mais vinho; é por isso que a indústria vinícola está sucumbindo. Vende-se sal falsificado para escapar ao fisco. Os tribunais andam aterrados com essa improbidade geral. Enfim o comércio francês é suspeito perante o mundo inteiro, e a Inglaterra também se está desmoralizando. Entre nós o mal provém da lei política. A Carta Constitucional^[166] proclamou o reinado do dinheiro; o sucesso passou então a ser a razão suprema de uma época ateuista. Assim a corrupção das esferas elevadas, apesar dos resultados deslumbrantes de ouro e das suas razões especiosas, é infinitamente mais hedionda que as corrupções ignóbeis e quase pessoais das esferas inferiores, alguns detalhes das quais constituem a nota cômica ou, se quiserem, terrível desta cena. O governo, que se amedronta com qualquer ideia nova, baniu do teatro elementos do cômico atual. A burguesia, menos

liberal do que Luís XIV, treme de ver aparecer o seu *Casamento de Fígaro*, proíbe a representação do *Tartufo* político e certamente não deixaria hoje representar *Turcaret*,^[167] porque Turcaret se tornou o soberano. Desde então, a comédia conta-se em vez de ser representada, e o livro torna-se a arma menos rápida, mas mais segura, dos poetas.

Naquela manhã, no meio das idas e vindas das audiências, das ordens dadas, das conferências de alguns minutos, que fazem do gabinete de Nucingen uma espécie de Sala-dos-Passos-Perdidos financeira, um dos seus corretores de câmbio anunciou-lhe o desaparecimento de um membro da classe, um dos mais hábeis e dos mais ricos, Jacques Falleix, irmão de Martim Falleix e sucessor de Júlio Desmarets.^[168] Jacques Falleix era o primeiro corretor da Casa Nucingen. De combinação com Du Tillet e os Keller, o barão havia maquinado a ruína desse homem tão friamente como se se tratasse de matar um carneiro para a Páscoa.

— *Non era possível ele aguentar-se* — respondeu tranquilamente o barão.

Jacques Falleix havia prestado enormes serviços à agiotagem. Numa crise, meses antes, tinha ele salvado a praça manobrando com audácia. Pedir, porém, reconhecimento a agiotas não é o mesmo que tentar enternecer, no inverno, os lobos da Ucrânia?

— Pobre homem! — respondeu o corretor. — Ele esperava tão pouco um desfecho destes que até havia mandado mobilhar uma casa na Rue Saint-Georges para a amante, gastando aí uns cento e cinquenta mil francos em pinturas e móveis. Amava tanto a sra. du Val-Noble...^[169] Aí está uma mulher obrigada a largar tudo isso... Ainda está tudo por pagar.

“*Pem, pem!*”, disse consigo o barão. “*É o caso te reparar miniasertas na noite passata...*”

— *Enton ele non tinha paco nata?* — perguntou o barão ao corretor.

— Ora! — tornou o corretor. — Qual o fornecedor malcriado que recusaria crédito a Jacques Falleix? A adega, por exemplo, dizem que é finíssima. Entre parênteses, a casa acha-se à venda, e ele tinha tenção de comprá-la. O arrendamento está em nome dele. Que tolice! Pratas, mobília, vinhos, carruagem, cavalos, tudo passará a figurar na massa

falida, e que caberá daí aos credores?

— *Venia cá amaniã* — disse Nucingen — *que eu irei ver tuto isso, e se não teclararem a falência, se o necócio se arrannhar amicavelmente, encarreco você te oferecer um preço razoável pelo mopiliário, ficanto eu com o arrentamento.*

— Sim, pode-se muito bem arranjar isso — disse o corretor.

— Se o senhor for lá hoje de manhã, encontrará um dos sócios de Falleix com os fornecedores que queriam ser privilegiados; mas Du Val-Noble tem as faturas em nome de Falleix.

O barão mandou logo um dos seus caixeiros à casa do seu tabelião. Jacques Falleix tinha-lhe falado na casa, que valia quando muito sessenta mil francos, e ele quis ser imediatamente proprietário, a fim de exercer o privilégio em razão dos aluguéis.

O caixa (honrado homem!) veio saber se seu patrão perdia alguma coisa com a falência de Falleix.

— *Pelo contrário, meu pom Wolfgang; vou-me tesforrar de cem mil francos.*

— *Zi? Como?*

— *Ficanto com a casa que o coitado do Falleix vinha há um ano preparanto para a amante. Apanio tuto, oferecento cinquenta mil francos aos cretores, e o meu tabelion, o sr. Gartot, vai receper ortens minias para fazer a aquisiçon to prétio, porque o proprietário está entalato... Eu zapia tisso, mas ultimamente antava muito no ar. Tentro em pouco a minia tivina Ester vai ter um palaciozinio. Falleix levou-me lá; é uma maravilha, e a dois passos taqui... Fica mesmo a calhar.*

A falência de Falleix obrigava o barão a ir à Bolsa; mas não pôde passar sem ir pela Rue Taitbout, porque já lhe custava estar algumas horas sem Ester, e o seu gosto seria tê-la sempre a seu lado. Os lucros que tencionava realizar com o espólio do seu corretor tornavam-lhe bem leve a perda dos quatrocentos mil francos já despendidos. Encantado por poder anunciar ao seu anjo a mudança da Rue Taitbout para a Rue Saint-Georges, onde ficaria num palaciozinho, onde as recordações não se oporiam à sua felicidade, até a calçada lhe parecia veludo debaixo dos pés; ele caminhava como um rapaz num sonho juvenil. Ao virar a Rue des Trois-Frères, no meio do sonho e da calçada,

viu Europa, que caminhava na sua direção, toda alvoroçada.

— *Aonte vais?* — perguntou ele.

— Ia a sua casa, senhor barão. Bem dizia ontem o senhor barão. Agora vejo que a senhora devia ter-se deixado prender por alguns dias. Mas mulheres não percebem nada de negócios... Quando os credores da senhora souberam que ela já havia voltado para casa, caíram em cima de nós como uns milhafres. Ontem, às sete horas da noite, foram lá afixar editais para a venda da sua mobília em leilão no sábado... Mas isso não é nada. A senhora, que é um coração de ouro, quis há tempos obsequiar aquele monstro que o senhor conhece...

— *Que monstro?*

— O tal D'Estourny,^[170] a quem ela amava. Rapaz encantador, mas jogava; aí está.

— *Zi, jogava com cartas marcadas...*

— E o senhor? — disse Europa. — Que faz o senhor na Bolsa? Mas deixe-me contar. Um dia, para acudir Jorge, o qual dizia que ia matar-se, pôs no prego as pratas e as joias que ainda não estavam pagas. Sabendo que ela havia dado *alguma coisinha* a um credor, apareceram lá todos e fizeram escândalo. Ameaçam-na com a polícia correcional... Imagine o seu anjo no banco dos réus; se não é mesmo para fazer pôr em pé os cabelos de peruca... Ela não faz outra coisa senão chorar, e fala em jogar-se ao rio. E é muito capaz disso.

— *Se eu vou lá* — disse o barão —, *ateus, Polska! E non tenio remétio senon ir à Polska a fim te ganiar alcuma coisa para ela. Vai acalmar ela: dize que paco suas tívitas e que lá irei às quatro horas. Mas ouve, Euchênia; tize-lhe que zecha minia amiquinia...*

— Ora essa! Mas muito! Ouça, senhor barão, não há nada como a generosidade para conquistar o coração das mulheres. Verdade é que o senhor economizava talvez uns cem mil francos deixando que a senhora fosse para a cadeia. Mas esteja certo de que amizade nunca o senhor obteria dela. Bem, ela disse: “Eugênia, ele portou-se muito bem. É uma bela alma!”.

— *Ela tisse isso, Euchênia?* — exclamou o barão.

— Sim, senhor; disse-o a mim.

— *Toma lá tez luíses.*

— Muito obrigada. Mas olhe que ela está chorando desde ontem como uma Madalena. A sua amada está em desespero, e, ainda por cima, por dívidas que não fez. O que são os homens! Exploram tanto as mulheres quanto as mulheres exploram os velhos...

— *Zon todas assim!... Comprometer-se!... A chente nunca se compromete. Que não assine mais nata. Eu paco; mas, se ela torna a tar alguma assinatura, eu...*

— Eu quê? — disse Europa, de pé atrás.

— *É vertate. Eu não tenio nenium poter sobre ela... Vou-me pôr à testa tos seus necócios. Anta, fai consolar ela e tizer-lhe que taqui a um mês terá um palaciozinho.*

— Deixe estar, senhor barão, que o senhor não sai perdendo no negócio... Até o acho mais novo, eu que sou apenas a criada. Eu já conheço o fenômeno, é a felicidade. A felicidade tem um certo reflexo... Não tenha pena se fizer algumas despesas, verá como isso rende. Eu já disse a minha ama que ela seria a mulher mais ordinária, a última das infames se não o amasse, porque o senhor salvou-a de um inferno... Uma vez que ela não tenha mais preocupações, o senhor verá. Aqui para nós, que eu posso declará-lo ao senhor, naquela noite em que ela chorava tanto... Que quer o senhor? A gente preza a estima do homem com quem vai viver... ela não ousava dizer-lhe tudo isto... ela queria fugir.

— *Fuchir!* — exclamou o barão, apavorado com semelhante ideia. — *Mas a Polsa, a Polsa. Anta, vai que eu não entro... Mas ao menos que eu a vecha à chanela... há te incutir-me corache.*

Ester sorriu para o sr. de Nucingen quando ele passou diante da casa, e o barão foi andando pesadamente, a dizer de si para si: “*É um ancho!*”.

V – EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Eis o que Europa fizera para obter esse resultado impossível. Por volta de duas e meia, Ester tinha acabado de se vestir como quando esperava Luciano, e estava deliciosa; vendo-a assim, Prudência lhe disse da janela:

— Aí vem o senhor!

A pobre moça correu, julgando ir ver Luciano, e viu Nucingen.

— Que desgosto me dás! — disse ela.

— Pois se não havia outro meio para obrigá-la a dar atenção a um pobre velho que vai pagar as suas dívidas! — respondeu Europa. — Porque enfim elas vão ser todas pagas.

— Que dívidas? — indagou aquela criatura que não pensava senão no seu amor ameaçado.

— As que o sr. Carlos lhe arranjou.

— Como! Pois já temos perto de quatrocentos e cinquenta mil francos! — exclamou Ester.

— E tem mais cento e cinquenta mil; mas o barão engole tudo... Ele vai tirá-la daqui, dar-lhe um palacete. E ainda a senhora se queixa! Eu, no seu lugar, depois de satisfazer o sr. Carlos, e uma vez que tem o barão pelo beijo, apanhava-lhe uma casa e umas rendas. A senhora é a mulher mais linda que eu já vi, e a mais sedutora, mas não custa a gente ficar feia. Também eu fui fresca e bonita, e agora aqui me tem. Tenho vinte e três anos, quase a idade da senhora, e pareço ter dez anos mais. Basta uma doença... Mas, quando se tem uma casa em Paris e rendimentos, não há perigo de acabar na rua...

Ester não escutava mais Europa-Eugênia-Prudência Servien. A vontade de um homem dotado do gênio da corrupção tornara pois a engolfar Ester na lama com a mesma força que usara para a tirar de lá. Aqueles que conhecem o amor no seu infinito sabem que não é possível provar-lhe os prazeres sem lhe aceitar as virtudes. Desde aquela cena na sua trapeira da Rue de Langlade, Ester tinha esquecido completamente sua antiga vida, vivendo sempre muito virtuosamente, enclausurada na sua paixão. Assim, para não encontrar obstáculos, o sábio corruptor tinha o talento de preparar tudo de modo que a pobre rapariga, impelida pela sua dedicação, só tivesse de dar o consentimento a patifarias consumadas ou prestes a consumir-se. Essa finura, revelando a superioridade desse corruptor, indica o processo pelo qual já ele havia submetido Luciano. Criar necessidades terríveis, cavar a mina, carregá-la de pólvora e, no momento crítico, dizer ao cúmplice: “Faze um sinal com a cabeça, que vai tudo pelos ares!”.[171] Outrora Ester, imbuída da moral própria das cortesãs, achava todas essas delicadezas tão naturais

que a estima que votava a qualquer de suas rivais se media pelo que esta soubesse fazer um homem gastar. As fortunas destruídas são as dragonas destas criaturas. Carlos, contando com as recordações de Ester, não se havia enganado. Essas manhas de guerra, esses estratagemas mil vezes empregados, não só por tais mulheres mas também pelos dissipadores, não perturbavam o espírito de Ester. A pobre rapariga não sentia senão sua degradação. Amava Luciano e estava se tornando nominalmente a amante do barão de Nucingen: isso para ela era o principal. Que o falso espanhol se apossasse do dinheiro dado como garantia, que Luciano construísse o edifício da sua fortuna com as pedras do túmulo dela, que uma só noite de prazer custasse mais ou menos notas de mil francos ao velho banqueiro, que Europa lhe extorquisse alguns centos de mil francos por meios mais ou menos engenhosos, nada disso a preocupava. Mas eis o cancro que lhe roía o coração: vira-se ela durante cinco anos branca como a neve; amava, era feliz, não tinha cometido a menor infidelidade. E esse belo amor puro ia ser maculado. Seu espírito não opunha esse contraste de sua bela vida desconhecida à sua imunda vida futura. Isto nela não era nem cálculo nem poesia, ela experimentava um sentimento indefinível, dotado de uma força infinita: de branca, ela tornava-se negra; de pura, impura; de nobre, ignóbil. Arminho por sua própria vontade, a mácula moral afigurava-se-lhe intolerável. Assim, quando o barão a ameaçara com o seu amor, tivera ideia de se atirar da janela. Luciano enfim era amado de uma maneira absoluta, de uma maneira tal que é extremamente raro que as mulheres amem assim um homem. As mulheres que dizem amar, que muitas vezes julgam amar mais, dançam, valsam, divertem-se com outros homens, enfeitam-se para a sociedade, na sociedade vão buscar a sua colheita de olhares cobiçosos; Ester porém havia realizado, sem sacrifício, os milagres do verdadeiro amor. Tinha amado Luciano durante seis anos como amam as atrizes e as cortesãs que, cobertas de lama e de impurezas, têm sede das nobrezas, das dedicações do verdadeiro amor, e lhe praticam então o *exclusivismo* (não será mister arranjar uma palavra para exprimir uma ideia tão pouco posta em prática?). As nações extintas, a Grécia, Roma, o Oriente, sequestraram sempre a mulher; a mulher que ama devia sequestrar-se

espontaneamente. Pode-se pois imaginar que, saindo do palácio fantástico onde se realizara aquela festa, aquele poema para entrar no palaciazinho dum velho frio, Ester fosse atacada de uma espécie de enfermidade moral. Impelida por uma mão de ferro, entrara na infâmia até a cintura antes que pudesse refletir; mas naqueles últimos dois dias ela refletia e sentia um frio mortal no coração. Ao ouvir aquelas palavras: “acabar na rua”, levantou-se num ímpeto e disse:

— Acabar na rua? Não, antes acabar no Sena...

— No Sena? E o sr. Luciano?.. — disse Europa.

Essa simples advertência fez Ester tornar a cair na sua cadeira, onde ficou com os olhos pregados num florão da alcatifa, com o cérebro ardente a absorver-lhe o pranto. Às quatro horas, Nucingen encontrou o seu anjo mergulhado naquele oceano de reflexões, de resoluções, sobre o qual flutuam os espíritos femininos, e de onde saem com frases incompreensíveis para aqueles que por aí não navegaram de conserva.

— *Tesenruque a sua frente, minia pela* — disse-lhe o barão sentando-se perto dela. — *Você não terá mais tívitas; eu vou-me ententer com Euchênia, e, tentro te um mês, você apantonará esta casa para ir ocupar um palaciazinio... Oh, que linta mon! Teixe-me peichar ela... Ah! Você me tá a mon, mas non tá o coração... e o que eu ambiciono é o coração...*

Estas palavras foram ditas com tal acento de sinceridade que a pobre Ester voltou os olhos para o velho, com uma expressão de piedade que quase o pôs louco. Os namorados, como os mártires, sentem-se irmãos no suplício. Nada no mundo se compreende melhor do que duas dores semelhantes.

— Pobre homem! — disse Ester. — Ele ama.

Ouvindo estas palavras que o enganaram, o barão empalideceu, o sangue ferveu-lhe nas veias, ele respirava o ar do céu. Na sua idade, os milionários pagam uma sensação dessas com todo o ouro que as mulheres peçam.

— *Amo você tanto como à minia filha* — disse ele — *e zinto aqui* — prosseguiu pondo a mão no coração — *que non me é possível ver você te outra maneira a non ser feliz.*

— Se o senhor quisesse ser apenas meu pai, eu o amaria muito, nunca o deixaria, e o senhor havia de ver que eu não sou uma mulher

má nem venal nem interesseira, como neste momento pareço.

— *Ora! Você fez umas loucuras* — respondeu o barão — *como todas as mulheres ponitas fazem. Non falemos mais nisso. O nosso ofício é caniar tinieiro para vocês... Zecha feliz; non ponio tívita em zer zeu pai turante alguns tias, pois compreendo que você precisa primeiro acostumar-se à minia popre carcaça.*

— Fala sério? — disse ela erguendo-se e saltando para os joelhos de Nucingen, enlaçando-lhe com os braços o pescoço e conservando-se bem agarrada a ele.

— *Zi, falo zério* — respondeu ele, tentando fazer sorrir a fisionomia.

Ela beijou-o na testa e chegou a crer numa transação impossível: conservar-se pura e ver Luciano. Tantas festas fez ao banqueiro que a antiga cortesã reapareceu. Enfeitiçou o velho, que prometeu continuar pai durante quarenta dias. Esses quarenta dias eram necessários para a compra e arranjos da casa da Rue Saint-Georges. Quando se viu na rua, de volta para casa, o barão ia dizendo consigo: “*Sou uma peste!*”. É que, se ao pé de Ester ele se fazia criança, ao sair, tornava a envergar a pele de lobo ávido por dinheiro, exatamente como o Jogador volta a apaixonar-se por Angélica^[172] quando se vê depenado.

— *Meio milhão chá casto, e nem ao menos ter-lhe visto ainta as pernas, é rematata toleima. Felizmente, ninguém virá a saper isto* — dizia ele vinte dias depois. E formava belas resoluções de gozar enfim uma mulher que lhe estava tão cara; depois, quando se via na presença de Ester, passava a reparar a brutalidade dos seus preâmbulos todo o tempo que com ela podia estar. Ao cabo de um mês dizia-lhe ele: — *Eu non posso zer o pai eterno.*

VI – DOIS AMORES EXTREMOS EM LUTA

Em fins de dezembro de 1829, na véspera de instalar Ester no palacete da Rue Saint-Georges, o barão pediu a Du Tillet que levasse lá Florina para ver se estaria tudo em harmonia com a fortuna de Nucingen, se aquelas palavras, um *palaciozínio*, tinham sido realizadas pelos artistas encarregados de tornar a gaiola digna do pássaro. Todas as invenções imaginadas pelo luxo antes da Revolução de 1830 faziam daquela casa o tipo do bom gosto. O arquiteto Grindot^[173] tinha-a considerado a obra-

prima do seu talento de decorador. A escadaria de mármore, os estuques, os estofos, as douraduras sobriamente aplicadas, os menores detalhes assim como os grandes efeitos sobrepujavam tudo quanto o século de Luís xv deixou no gênero em Paris.

— Eis o meu sonho: isto é a virtude! — disse Florina, sorrindo. — E por quem fazes tu estas despesas? — indagou ela a Nucingen. — Alguma virgem que se deixou cair do céu?

— *Uma mulher que para lá torna a subir* — respondeu o barão.

— Uma maneira de te dares ares de Júpiter — replicou a atriz. — E quando é que se pode vê-la?

— No dia em que se estreiar a casa — disse Du Tillet.

— *Antes disso, non* — tornou o barão.

— É preciso a gente preparar-se de ponto em branco — voltou Florina. — Oh! Nessa noite as costureiras e os cabeleireiros vão andar numa azáfama com as mulheres! Então quando?

— *Quem manta non sou eu.*

— Assim é que uma mulher deve ser! — exclamou Florina. — morro de vontade de vê-la!

— *Tampém eu* — replicou ingenuamente o barão.

— Hein? Então tudo será novo? A casa, a mulher, os móveis?

— Até o banqueiro — disse Du Tillet —, porquanto o meu amigo está-me parecendo bem remoçado.

— E que remédio tem ele — acrescentou Florina — senão voltar, ao menos por um instante, a ter vinte anos?

Nos primeiros dias de 1830, toda a gente em Paris falava da paixão de Nucingen e do luxo extraordinário da sua casa. O pobre barão, alvo de comentários, troçado, cheio de uma raiva que facilmente se concebe, tomou então a peito um desejo teimoso de financista, de acordo com a sua furiosa paixão. O que ele queria, ao estreiar a casa, era estreiar também a amante, cessando de ser pai e colhendo o preço de tantos sacrifícios. Sempre derrotado pela cortesã, resolveu tratar o negócio por carta, para lhe apanhar um compromisso por meio do preto no branco. Banqueiros só acreditam em letras de câmbio. Assim, num dos primeiros dias desse ano, o banqueiro levantou-se muito cedo, fechou-se no seu gabinete e pôs-se a redigir em boa linguagem a carta seguinte,

porque, se ele pronunciava mal a língua, escrevia-a com muita correção.

Querida Ester, flor dos meus pensamentos e única ventura da minha vida. Quando eu lhe disse que a amava como a minha filha, enganei-a e enganei a mim. Apenas queria exprimir-lhe assim a santidade dos meus sentimentos, que não se parecem com nenhum dos que os homens têm experimentado, em primeiro lugar porque sou um velho, em segundo lugar porque nunca havia amado. Eu amo-a tanto que meu amor não diminuiria se me custasse toda a minha fortuna. Seja justa. A maior parte dos homens não veria em você um anjo, como eu vejo; eu nunca volvi os olhos ao seu passado. Amo-a ao mesmo tempo como amo minha única filha Augusta, e como amaria minha mulher se acaso minha mulher me pudesse amar. Se a felicidade é a única desculpa de um velho enamorado, veja se eu não estarei representando um papel ridículo. Fiz de você a consolação, a alegria da minha velhice. Bem sabe que, até eu morrer, você será tão feliz quanto uma mulher o pode ser, e bem sabe por outro lado que, morto eu, você será rica bastante para sua sorte causar inveja a muitas mulheres. Em todos os negócios que faço desde que tive a felicidade de lhe falar, há um quinhão seu, de modo que você tem conta aberta na casa Nucingen. Dentro em poucos dias, você entrará numa casa que mais cedo ou mais tarde será sua, se lhe agradar. Ainda lá me quererá receber como a um pai? Ou serei enfim feliz nessa casa?... Perdoe-me se lhe escrevo com tamanha clareza; mas é que, quando estou junto de você, falta-me coragem, bem sinto que você me domina. Não tenho intenção de ofendê-la; apenas lhe quero dizer quanto sofro e quanto na minha idade é cruel esperar, quando cada dia que passa me tira algumas esperanças e alguns prazeres. De resto, a delicadeza do meu procedimento é um penhor da sinceridade das minhas intenções. Já alguma vez procedi como um credor? Você é como uma cidadela, e eu não sou nenhum rapaz. As minhas queixas você responde que vai nisso a sua vida, e eu, quando ouço isto, chego a acreditá-la; aqui, porém, caio em negros pesares, em dúvidas que nos desonram a ambos. Você me pareceu tão bondosa, tão cândida quanto bela; mas parece que se regala em destruir minhas convicções. Senão, veja: você me diz que tem uma paixão na alma, uma paixão implacável, e não me quer confiar o nome daquele que ama. Será isto natural? Você transformou um homem enérgico num homem de inaudita franqueza... Veja a que ponto cheguei! Sou obrigado a perguntar-lhe que futuro reserva você à minha paixão volvidos cinco meses. Eu ainda não sei que papel me caberá representar na inauguração do seu palacete. Nada me importa o dinheiro quando se trata de você: não cairei na insensatez de vir perante você fazer bazófia desse desprezo; mas, se o meu amor é sem limites, a minha fortuna é limitada, e eu só por amor de você a quero. Pois bem. Se eu, dando-lhe tudo

quanto possuo e ficando pobre, pudesse obter sua afeição, antes queria ser pobre e amado que rico e desdenhado. Você me transformou a tal ponto, querida Ester, que já ninguém me reconhece: dei dez mil francos por um quadro de José Bridau^[174] só por você me ter dito que ele era um homem de talento mal conhecido. Finalmente, a quantos pobres encontros dou cinco francos em seu nome. E que pede este pobre velho que se considera devedor seu quando você lhe faz a honra de aceitar qualquer coisa? Ele não quer mais que uma esperança, e que esperança, meu Deus! Não será antes a certeza de nunca obter de você senão aquilo que a minha paixão extorquir? Mas o fogo de meu coração ajudará as suas cruéis mistificações. Aqui estou eu pronto a sofrer todas as condições que você queira impor à minha ventura, aos meus raros prazeres; mas ao menos diga-me que, no dia que tomar posse da sua casa, aceitará o coração e a escravidão daquele que se declara, para o resto de seus dias,

Seu escravo,
FREDERICO DE NUCINGEN.

— Que maçador que é o tal esguicha-milhões! — exclamou Ester voltando a ser cortês.

Pegou numa folha de papel de carta vistoso e, com letras que tomaram todo o tamanho do papel, escreveu a célebre frase de Scribe, que se tornara provérbio:

“Tome o meu urso!”^[175]

Quinze minutos depois, mordida do remorso, Ester escreveu a seguinte carta:.

Senhor barão.

Não faça caso da carta que acabo de lhe mandar; eu estava como nos tempos doidos da minha juventude. Perdoe essa carta, senhor, a uma pobre rapariga que deve ser uma escrava. Nunca senti tanto a vileza da minha condição como no dia em que lhe fui entregue. O senhor pagou, eu pertenço-lhe. Não há nada tão sagrado como as dívidas de desonra. Nem tenho o direito de *liquidar* atirando-me ao Sena. É sempre possível pagar uma dívida nessa horrível moeda que só de um lado é boa: tem-me pois o senhor às suas ordens. Quero pagar numa única noite todas as somas hipotecadas sobre esse fatal momento, e tenho a certeza de que uma hora minha vale milhões, com tanto mais razão quanto essa hora será a única, a última. Ficarei então quite e poderei sair da vida. Uma mulher honesta

tem probabilidades de se levantar de uma queda; mas, quanto a nós, a nossa queda é desastrosa demais. De modo que a minha resolução é tão definitiva que lhe peço queira guardar esta carta como documento da causa da morte daquela que se declara, por um dia,

Sua serva,

ESTER.

Depois de mandar esta carta, Ester arrependeu-se. Passados dez minutos, escreveu a terceira carta, que é a seguinte:

Sou eu outra vez, meu caro barão; perdoe. Não foi intenção minha nem zombar do senhor nem ofendê-lo; quero apenas fazê-lo refletir sobre este singelo raciocínio: se ficarmos juntos nas relações de pai para filha, o senhor terá um prazer fraco, mas duradouro; se o senhor exigir a execução do contrato, terá de prantear-me. Não quero incomodá-lo mais; o derradeiro dia da minha vida será aquele em que o senhor trocar a felicidade pelo prazer,

Sua filha,

ESTER.

Recebida a primeira carta, o barão foi tomado duma dessas cóleras frias que podem matar os milionários, mirou-se no espelho e tocou a campainha.

— *Um panio para os pés!...* — berrou ele ao seu novo criado de quarto. Enquanto procedia ao pedilúvio, chegou a segunda carta; leu-a ele e caiu sem sentidos. Deitaram o milionário na cama. Voltando a si o financista, a sra. de Nucingen achava-se sentada aos pés da cama.

— A rapariga tem razão! — disse-lhe ela. — Para que quer o senhor comprar o amor? Pois isso é coisa que se venda? Mostre-me a sua carta.

O barão entregou os vários rascunhos que havia feito, e a sra. de Nucingen os leu sorrindo. Chegou então a terceira carta.

— É assombrosa esta rapariga! — exclamou a baronesa, depois de ler a última carta.

— *Que fazer agora?* — perguntou o barão à sua mulher.

— Esperar.

— *Esperar!* — tornou ele. — *A natureza é implacável...*

— Olhe, meu caro — disse a baronesa —, o senhor tem-se

ultimamente portado bem comigo, vou dar-lhe um bom conselho.

— *A ziniora é poa mulher* — disse ele. — *Faça tívitas, eu as paco.*

— O que lhe sucedeu ao receber as cartas dessa rapariga comove mais uma mulher do que os milhões gastos, e mais do que todas as cartas, por mais bem escritas que sejam. Faça com que ela saiba disso indiretamente, e pode ser que a conquiste. E não tenha escrúpulos, que ela não há de morrer por isso! — disse a baronesa medindo bem o marido com os olhos.

VII – TRATADO DE PAZ ENTRE ÁSIA E A CASA NUCINGEN

A sra. de Nucingen ignorava completamente o que fosse uma cortesã.

“A ziniora te Nucinchen é muito fina!”, disse consigo o barão, ficando só.

Mas, quanto mais ele admirava a sutileza do conselho que a baronesa acabava de lhe dar, menos adivinhava a maneira de o aproveitar; e não somente se reconhecia estúpido, mas até o declarava a si próprio.

A estupidez do homem de dinheiro, conquanto seja quase proverbial, é apenas relativa. As faculdades do nosso espírito são como as aptidões do nosso corpo. O bailarino tem a força nos pés, o ferreiro, nos braços; o carregador exercita-se a trazer fardos, o cantor apura a laringe, o pianista tempera os pulsos. Um banqueiro habitua-se a combinar empresas, a estudá-las, a fazer mover interesses, como um dramaturgo se exerce em combinar situações, em estudar assuntos, em fazer mover personagens. É tão absurdo exigir do barão de Nucingen o espírito do conversador como o seria exigir do entendimento do matemático as imagens do poeta. Quantos poetas se encontram em cada época que sejam ou prosadores ou espirituosos nas relações sociais, à maneira da sra. Cornuel?^[176] Buffon era pesadão, Newton nunca amou, Lord Byron não teve amor senão a si próprio, Rousseau foi tristonho e quase doido, La Fontaine era distraído. Igualmente distribuída, a força humana produz os tolos ou a mediocridade em toda a parte desigual, ela gera essas contradições a que se dá o nome de *gênio*, e que, se fossem visíveis, haviam de parecer disformidades. A mesma lei rege o corpo: uma beleza perfeita é quase sempre

acompanhada de frieza ou de tolice. Que Pascal seja ao mesmo tempo um grande geômetra e um grande escritor, que Beaumarchais seja um grande homem de negócios, e Zamet,^[177] um profundo cortesão; essas raras exceções confirmam o princípio da especialidade das inteligências. Na esfera dos cálculos especulativos, o banqueiro desenvolve pois tanto espírito, destreza, finura e qualidades como um hábil diplomata na esfera dos interesses nacionais. Saindo do seu gabinete, um banqueiro notável seria portanto um grande homem. Nucingen, multiplicado pelo príncipe de Ligne, por Mazarin ou por Diderot,^[178] é uma fórmula humana quase impossível, e que todavia se chamou Péricles, Aristóteles, Voltaire e Napoleão. A irradiação do sol imperial não deve prejudicar o homem privado: o imperador tinha encantos, era instruído e espirituoso. O sr. de Nucingen, meramente banqueiro, sem nenhuma invenção afora seus cálculos, como a maior parte dos banqueiros, só dava crédito aos valores certos. Em matéria de arte, tinha o bom senso de recorrer, com o ouro na mão, aos entendidos em todo o gênero, tomando o melhor arquiteto, o melhor cirurgião, o melhor conhecedor de quadros, de estátuas, o procurador mais hábil, quando se tratava de construir uma casa, de olhar pela sua saúde, de comprar objetos de arte ou alguma propriedade. Mas, como não há peritos para intrigas nem entendedores em paixões, um banqueiro está mal parado quando ama, e vê-se muito atrapalhado no manejo da mulher. Assim, o melhor que Nucingen inventou foi o que já havia feito: dar dinheiro a um Frontin^[179] qualquer, macho ou fêmea, para proceder e pensar por si. Só a sra. de Saint-Estève podia explorar o meio excogitado pela baronesa. O banqueiro lamentou amargamente ter-se indisposto com a odiosa adela. Confiando, porém, no magnetismo do seu cofre e nos calmantes com a assinatura de Garat,^[180] chamou o criado e mandou-o indagar na Rue Neuve-Saint-Marc pela horrível viúva, pedindo-lhe que viesse ter com ele. Em Paris, os extremos se tocam pelas paixões. O vício solda perpetuamente o rico ao pobre, o grande ao pequeno. A imperatriz consulta a srta. Lenormand.^[181] O grande senhor, finalmente, encontra em cada século um Ramponneau.

^[182]

O novo criado de quarto voltou duas horas depois.

— Senhor barão — disse ele —, a sra. de Saint-Estève está arruinada.

— *Ah! Tanto melhor* — exclamou alegre o barão. — *Tenio-a segura.*

— A pobre mulher parece que é jogadora — tornou o criado. — Além disso, é explorada por um atorzito de arrabalde, a quem ela, por decência, chama afilhado. Parece que é excelente cozinheira, e que procura colocação.

“Estes tiapos de chênios zupalternos têm tez maneiras te caniar tinieiro e toze te castar ele”, disse de si para si o barão, sem imaginar que coincidia com Panurge.^[183]

E tornou a mandar o criado buscar a De Saint-Estève, que só no dia seguinte apareceu. Interrogado por Ásia, o novo criado referiu ao espião de saias os terríveis resultados das cartas escritas pela amante do senhor barão.

— Por força o homem está muito apaixonado — disse o criado terminando —, porque quase morreu. Eu o aconselhei a não voltar lá, pois se veria logo acariciado. Uma mulher que já está ao senhor barão, dizem, em quinhentos mil francos, não contando as despesas com o palacete da Rue Saint-Georges!... O que ela quer é dinheiro e apenas dinheiro. A senhora baronesa, quando saía do quarto do marido, dizia sorridente: “Se isto continua, a rapariga me põe viúva”.

— Diabo! — respondeu Ásia. — Nunca se deve matar a galinha dos ovos de ouro!

— O senhor barão já não tem esperança senão na senhora — disse o criado.

— É que eu sei como se dá volta às mulheres.

— Vamos, entre — disse o criado, humilhando-se perante aquela potência oculta.

— Com que então — disse a falsa De Saint-Estève entrando com ar humilde no quarto do enfermo —, correm mal as coisas ao senhor barão?... Que quer? São coisas do mundo. Eu também tive uns desgostos. Em dois meses a roda da fortuna tem-me desandado com força. Aqui estou eu à procura de serviço. Nem o senhor nem eu tivemos juízo. Se o senhor barão me quisesse colocar como cozinheira em casa da sra. Ester, teria em mim uma pessoa dedicada, e eu havia de ser-lhe muito útil para vigiar Eugênia e a senhora.

— *Non é tisso que se trata* — disse o barão. — *Non xequei a zer o tono*

ta casa, e fazem-me antar...

— Num corruptio — concluiu Ásia. — É o mesmo que o senhor tem feito com os outros; agora a pequena caçoa com o senhor. O céu é justo!

— *Xusto?* — repetiu Nucingen. — *Eu non te mantei chamar para ouvir sermon.*

— Ai, filho! Um pouco de sermão não faz mal a ninguém. É o sal da vida cá para nós, tal como o vício para os beatos. Ora, vamos a saber: o senhor barão foi generoso? Pagou as dívidas da rapariga...

— *Paquei* — disse lamentosamente o barão.

— Resgatou também as coisas dela, o que ainda foi melhor. Mas convenha que é pouco. Isso ainda não dá para pândegas, e é o que querem essas criaturas.

— *Preparo a ela uma zurpresa na Rue Zent-Cheorches. Ela pem o zape* — disse o barão. — *Mas o que non quero é passar por itiota.*

— Pois deixe-a

— *Receio que ela tente zecurar-me* — voltou o barão.

— Sim, e você quer ao menos desforrar-se da despesa — respondeu Ásia. — Ora, ouça. Nós já temos extorquido alguns milhões ao respeitável público. Há quem diga que você possui vinte e cinco. — (O barão não pôde reprimir um sorriso.) — Pois é preciso abrir mão de um...

— *Zi, mas zi eu larcas um, loco me pediron outro.*

— Percebo. Você não quer soltar os cordões à bolsa com medo de que lha façam despejar. Mas escute: Ester é uma jovem honesta.

— *Honestíssima!* — exclamou o banqueiro. — *Non pon tívita em cumprir a promessa, mas como quem paca uma tívita.*

— Afinal, não quer ser sua amante, tem repugnância. Compreendo isso, a pequena obedeceu sempre às suas fantasias. Quando alguém não conheceu senão rapazes encantadores, não está para aturar velhos... Você não é bonito, é gordo como Luís XVIII e um pouco aparvalhado, como todos aqueles que fazem festas ao dinheiro em vez de as fazerem às mulheres. Pois se não se importa de soltar aí uns seiscentos mil francos — disse Ásia — eu me encarrego de pô-la macia como um veludo.

— *Zeiscentos mil francos!...* — exclamou o barão com um ligeiro

sobressalto. — *Ester chá me custa um milhon!...*

— A felicidade vale bem um milhão e seiscentos mil francos, meu maganão. Você há de conhecer homens que tenham consumido mais de um e mais de dois milhões com as amantes. Eu até conheço mulheres que custaram uma vida, e por amor às quais alguém foi parar no cadafalso. Você conhece o caso daquele médico que envenenou o amigo?^[184] Queria o dinheiro dele para fazer a felicidade de uma mulher.

— *Zi, zeí, mas eu, ze estou apaixonato, non estou maluco; pelo menos aqui, porque, quanto a vecho, lhe daria até minia carteira.*

— Escute, senhor barão — disse Ásia, tomando uma atitude de Semíramis^[185] — para especulação já basta. Tão certo como eu chamar-me De Saint-Estève, no comércio, já se vê, fico do seu lado.

— *Pem, eu te recompensarei...*

— Acredito, porque já lhe mostrei que me sabia vingar. E, depois, fique você sabendo — disse-lhe ela com um olhar de meter medo — que tenho meios de lhe soprar a pequena como quem sopra uma vela. Eu a conheço. Você conseguindo o que quer, ela ainda lhe fica a ser mais indispensável do que agora. Você pagou-me bem, foi preciso arrancar-lhe o dinheiro a ferros, mas enfim soltou o cobre. Eu cumpri os meus compromissos, não é verdade? Vou pois propor-lhe um negócio.

— *Vechamos.*

— O senhor coloca-me como cozinheira em casa da senhora, tome-me por dez anos, com mil francos de salário, paga-me os últimos cinco anos adiantados (um sinalzinho, nada mais). Uma vez que eu esteja na casa da senhora, a decidirei às seguintes concessões. O senhor mande-lhe vir uma linda *toilette* da casa da sra. Augusta, que conhece os gostos e hábitos da senhora, e dá ordem para que a nova carruagem esteja à porta às quatro horas. Depois da Bolsa, vai lá, e vão os dois dar um passeiozinho pelo bois de Boulogne. Com isso ela declara que é sua amante, compromete-se à vista de todo o mundo... Cem mil francos... O senhor janta com ela (eu sei como se fazem tais jantares); leva-a ao espetáculo, para uma frisa das Varietés, e toda a capital diz então: “Lá está o ladrão do Nucingen com a amante...”. Olhe que é lisonjeiro fazer acreditar isso. Todas estas vantagens, eu sou condescendente!, entram

na conta dos primeiros cem mil francos... Dentro de oito dias nesse andar, o senhor já terá ido longe.

— *Chá terei paco cem mil francos...*

— Na segunda semana — prosseguiu Ásia, que fingiu não ter entendido a lamentação — a senhora, decidida por tais preliminares, resolve-se a largar a casa e a mudar-se para o palácio que o senhor lhe oferece. A sua Ester voltou a frequentar a sociedade, terá encontrado suas antigas amigas, há de querer brilhar, há de fazer as honras do seu palácio. E dos livros... Mais cem mil francos... Afinal de contas o senhor está em sua casa, e Ester acha-se comprometida, é sua. Resta uma bagatela que você está transformando numa preciosidade! Vejam só, que olhos! Bem, isso fica por minha conta. Mais quatrocentos mil francos... Mas lá por isso, meu velho, tu não pagas senão no dia seguinte. Já vês que não te quero enganar; tenho mais confiança em ti do que tu tens em mim. Se eu decido a senhora a mostrar-se como tua amante, a comprometer-se, a aceitar tudo quanto tu lhe ofereceres, e talvez ainda hoje, não é para admirar que eu também a resolva a entregar-se... Apesar de não ser fácil, verdade seja... Vai ser uma empresa memorável.

— *E por quê?*

— Porque ela anda apaixonada — tornou Ásia. — Julga-se uma rainha de Sabá^[186] por se ter purificado nos sacrifícios que fez pelo amante... Manias dessas mulheres! E isso, justiça se lhe faça, é coisa que fica muito bem! Se a rapariga morresse de desgosto por pertencer ao senhor, nada me admiraria; mas o que tranquiliza a gente, fique o senhor sabendo para não perder o ânimo, é que é muito boa rapariga.

— Tu — disse o barão, que escutava Ásia em profundo silêncio e cheio de assombro — *tens o chênio da corrupção, és como eu em finanças.*

— Então confere, meu caro? — voltou Ásia.

— *Está compinato por cinquenta mil francos em lugar de cem mil. E tou quinientos mil loco tepois ta vitória.*

— Pois vou tratar do negócio — respondeu Ásia. — E o senhor pode aparecer — continuou ela com respeito. — Há de encontrar a senhora macia como um veludo, e talvez já disposta a ser-lhe agradável.

— *Pois vai, vai menina* — disse o banqueiro esfregando as mãos.

E depois de sorrir para a horrível mulata, disse de si para si:

“E pem vertate que non há nata como ter muito tinieiro!”.

E saltou da cama abaixo, foi para o escritório e, muito contente, voltou ao manejo dos seus imensos negócios.

VIII – UMA ABDICAÇÃO

Nada podia ser mais funesto a Ester do que a deliberação tomada por Nucingen. Defendendo-se contra a infidelidade, a pobre cortesã defendia a própria vida. Carlos chamava “pudicícia” a essa defesa tão natural. Ásia, não sem empregar as precauções usadas em tal caso, foi contar ao espanhol a conferência que acabava de ter com o barão e todo o partido que tirara da mesma. A cólera do homem foi terrível como ele; dirigiu-se imediatamente de carruagem, com as cortinas cerradas, à casa de Ester, mandando a carruagem entrar pelo portão. Ainda quase furo de raiva ao subir a escada, o duplo falsário apresentou-se diante da pobre rapariga; esta olhou para ele e deixou-se cair numa poltrona, como se sentisse as pernas partidas.

— Que tem o senhor? — perguntou-lhe ela, tremendo como um vime.

— Deixa-nos sós, Europa — disse ele à criada.

Ester lançou à rapariga o olhar que uma criança lançaria à mãe, de quem algum assassino a separasse para a matar.

— Sabe para onde está mandando Luciano? — perguntou ele, vendo-se só com ela.

— Para onde? — perguntou ela com voz fraca, arriscando-se a olhar para o seu verdugo.

— Para o lugar de onde eu venho, minha flor.

Olhando para aquele homem, Ester viu tudo cor de sangue.

— Para as galés — acrescentou ele em voz baixa.

Ester fechou os olhos, suas pernas se estiraram, penderam-lhe os braços, ela fez-se branca. O homem tocou a campainha, Prudência compareceu.

— Faze-a voltar a si — disse ele com frieza —, que ainda não falei tudo.

Enquanto esperava, pôs-se a passear na sala. Prudência-Europa teve

de ir pedir-lhe que a deitasse na cama; ele ergueu-a com uma facilidade que provava a sua força atlética. Foi necessário ir buscar o que a farmácia tem de mais enérgico, para fazer Ester voltar a si. Uma hora depois, a pobre moça achava-se em condições de poder ouvir aquele pesadelo vivo, sentado aos pés da cama, com o olhar fixo e deslumbrante como dois jatos de chumbo derretido.

— Minha flor — continuou ele —, Luciano encontra-se entre uma vida esplêndida, decente, feliz, digna, e o abismo cheio de água, de lodo e de pedras em que ia arremessar-se quando travei conhecimento com ele. A casa de Grandlieu exige desse jovem uma propriedade de um milhão para lhe poder arranjar o título de marquês e proporcionar-lhe essa tábua de salvação que se chama Clotilde, com ajuda da qual ele subirá ao fastígio. Graças a nós dois, Luciano acaba de adquirir o solar materno, o velho castelo de Rubempré que custou pouco dinheiro, uns trinta mil francos; mas o procurador, com uns arranjos felizes, acrescentou-lhe propriedades no valor de um milhão, pelas quais foram pagos trezentos mil francos. O castelo, os impostos, os prêmios àqueles que emprestaram seu nome para disfarçar a operação aos olhos da gente da terra absorveram o resto. Verdade é que temos cem mil francos em negócios que daqui a alguns meses vão valer duzentos ou trezentos mil francos; mas, ainda assim, falta pagar quatrocentos mil francos... Dentro de três dias, Luciano volta de Angoulême, onde teve de ir para que ninguém suspeite que ele encontrou sua fortuna no colchão de Ester van Gobseck.

— Oh, não! — disse ela erguendo os olhos ao céu, num ímpeto sublime.

— Ora, diga-me pois se vem a propósito dar sustos no barão! disse ele tranquilamente. — Anteontem você ia matando-o. Ele desmaiou como uma mulher, ao ler a sua segunda carta. Posso cumprimentá-la pelo seu estilo, que é enérgico. Que seria de nós se o barão morresse? Quando Luciano sair da igreja de Saint-Thomas-d'Aquin, genro do duque de Grandlieu, se você quiser dar um mergulho no Sena, eu acompanho-a; porque enfim é essa uma das muitas maneiras de morrer. Mas reflita bem: não será melhor viver pensando a todo o instante que essa brilhante fortuna, essa família ditosa... pois que ele

terá filhos... *filhos!* Já pensou alguma vez no prazer de passar as mãos pelo cabelo dos filhos dele?

Ester cerrou os olhos e estremeceu docemente.

— Pois bem! Ao ver o edifício dessa ventura, dirá consigo: “Isto é obra minha!”.

Fez-se uma pausa, durante a qual aqueles dois seres se olharam.

— Foi nisso que eu tentei transformar um desespero que se atirava a afogar — continuou Carlos. — Serei egoísta? A amizade é assim. Dedicções destas só pelos reis se têm; mas é que eu sagrei rei a Luciano. Ainda que para o resto da vida me acorrentassem à minha antiga cadeia, eu seria feliz só de me lembrar: “A estas horas *ele* está no baile, está na Corte”. Minha alma e meu pensamento triunfariam enquanto esta carcaça era entregue aos comitres! Você é uma fêmea miserável, o seu amor é de fêmea! Porém o amor, numa cortesã, deveria ser, como em todas as criaturas degradadas, um meio de adquirir a maternidade a despeito da natureza que castiga vocês com a infecundidade. Se um dia descobrissem, debaixo da pele do padre Carlos Herrera, o condenado que eu era antes, sabe o que eu faria para não comprometer Luciano?

Ester ficou esperando, numa espécie de ansiedade.

— Morreria como os pretos — continuou ele, após ligeira pausa —, engolindo a língua. E você, com as suas momices, está me desmascarando. Que lhe tinha eu pedido? Que vestisse a saia da Torpedo durante seis meses, durante seis semanas, e apanhasse com ela um milhão... Luciano não esqueceria jamais! Os homens não esquecem a criatura que se lhes faz lembrada pela felicidade que todas as manhãs gozam acordando sempre ricos. Luciano vale mais que você. Ele principiou por amar Corália; bem, Corália morre, e ele não tinha com que fazer seu enterro. Não procedeu como você há pouco, não desmaiou, apesar de poeta; escreveu seis canções galhofeiras, e com isso ganhou trezentos francos, podendo assim pagar o funeral. Eu tenho essas canções e sei-as de cor. Pois faça você também as suas; mostre-se alegre e louca; seja irresistível e insaciável! Ouviu? Não me obrigue a falar mais... Bem, adeus! Venha dar uma beijoca ao papá.

Quando Europa, meia hora depois, entrou no quarto da ama,

encontrou-a ajoelhada diante de um crucifixo, na postura que o mais religioso dos pintores deu a Moisés diante da sarça ardente, para traduzir a sua profunda e completa adoração perante Jeová. Havendo rezado as suas derradeiras orações, Ester renunciava à sua bela vida, à honra que ela havia criado para seu uso, à sua glória, às suas virtudes, ao seu amor. E levantou-se.

— Oh, minha senhora, nunca mais tornará a estar assim! — exclamou Prudência Servien, estupefata com a sublime beleza da ama.

Ela fez girar prontamente um espelho de corpo inteiro, para que a pobre jovem pudesse ver-se. Os olhos ainda conservavam um reflexo dos esplendores da alma levantando voo ao céu. Cintilava a pele da judia. Ensopadas em lágrimas absorvidas pelo fogo da prece, as pestanas se assemelhavam a uma folhagem após uma chuva de verão; o sol do amor puro as fazia brilhar pela última vez. Os lábios retinham uma como expressão da derradeira invocação dirigida aos anjos, aos quais sem dúvida ela tomara de empréstimo a palma do martírio ao confiar-lhes a sua vida sem mancha. Enfim, tinha a majestade que deve ter resplandecido em Maria Stuart^[187] no momento em que disse adeus à sua coroa, à terra e ao amor.

— Quisera que Luciano me visse assim — disse ela, soltando um suspiro abafado. — Agora — continuou com voz vibrante — toca a *pandegar*...

Ouvindo esta palavra, Europa ficou atarantada, como ficaria se ouvisse um anjo blasfemar.

— Por que estás aí de boca aberta? Eu agora não sou mais que *uma ladra*, uma criatura infame e imunda, uma cortesã, e estou aguardando milorde. Vai portanto aquecer-me um banho e prepara a minha *toilette*. É meio-dia, o barão virá certamente depois da Bolsa; eu vou mandar-lhe dizer que estou à sua espera, e é preciso que Ásia lhe prepare um jantar de truz pois quero endoidecer o homem... Anda, filha, anda... Toca a rir, ou por outra, toca a *trabalhar*.

Sentou-se à sua escrivaninha e redigiu a seguinte carta:

Meu amigo.

Se a cozinheira que o senhor me mandou não tivesse já estado ao meu serviço, eu

havia de jurar que fora sua intenção fazer-me saber quantas vezes o senhor desmaiou anteontem, ao receber minhas três cartas. (Que quer? Eu estava muito nervosa nesse dia, recordando passagens da minha deplorável existência.) Mas conheço quanto Ásia é sincera. Não me arrependo pois de lhe ter dado alguns desgostos, já que eles serviram para me provar quanto eu lhe sou cara. Nós outras, pobres criaturas desprezadas, somos assim; uma afeição verdadeira nos sensibiliza bem mais do que nos vemos objeto de esbanjamentos loucos. Quanto a mim, receei sempre servir de cabide onde o senhor dependurasse suas vaidades. Aborrecia-me não ser para o senhor outra coisa senão isso. Sim. Apesar dos seus bonitos juramentos, eu pensei que o senhor me tomasse por uma mulher comprada. Agora há de ver que sou boazinha, mas com a condição de que há de sempre obedecer-me um pouco. Se esta carta puder substituir para o senhor as receitas do médico, prove-me isto vindo cá depois da Bolsa. Encontrará de ponto em branco, e enfeitada com os seus presentes, aquela que se declara, para sempre, sua máquina de prazer,

ESTER.

Na Bolsa, o barão de Nucingen andou tão vivo, tão satisfeito, tão condescendente na aparência e gracejou tanto que Du Tillet e os Keller não se puderam conter que lhe não perguntassem a razão da sua hilaridade.

— *É que zou amato... Non tarta que estreemos a nova casa* — disse a Du Tillet.

— Por quanto lhe fica isso? — inquiriu desabridamente Francisco Keller, a quem a sra. Colleville, segundo se dizia, tinha custado vinte e cinco mil francos por ano.

— *Oh! Essa mulher é um ancho! Nunca me petiu um vintém.*

— Nem é costume — observou Du Tillet. — Para nunca precisarem pedir nada é que elas adotam tias ou mães.

IX – ESTER VOLTA A APARECER NA SUPERFÍCIE DE PARIS

Da Bolsa para a Rue Taitbout, o barão disse sete vezes ao cocheiro:

— *Este carro non anta! Fustique o cavalo!*

Subiu com agilidade e pela primeira vez encontrou a amante bonita como costumam ser todas essas raparigas, cuja única ocupação é tratarem de si e da sua *toilette*. Acabando de sair do banho, a flor estava

fresca, perfumada, capaz de inspirar desejos ao próprio Robert d'Arbrissel.^[188] Ester havia feito uma meia *toilette* deliciosa.

Um casaco de repes preto, guarnecido de passamanaria de seda cor-de-rosa, abria sobre uma saia de cetim gris, o traje que, mais tarde, adotou a formosa Amigo em *Os puritanos*.^[189] Caía-lhe sobre as espáduas, negligentemente, um fichu de ponto de Inglaterra. As mangas do vestido eram apanhadas por debruns para separar os fofos que, a partir de certa data, as mulheres elegantes passaram a usar em substituição às mangas *à gigot*, que se haviam tornado grotescas. Ester tinha fixado com um alfinete, sobre seu maravilhoso cabelo, uma touca de renda de Malines, denominada *à la folle*, que estava para cair e não caía, mas que lhe dava ares de achar-se em desalinho e mal penteada, apesar de se lhe verem perfeitamente entre os cabelos as riscas brancas da cabeça.

— Veja se não causa dó — disse Europa ao barão, abrindo-lhe a porta da sala — ver a senhora tão bonita numa sala assim tão desbotada! — *Pois pem! Venia para a Rue Zent-Cheorches* — disse o barão, estacando como um perdigueiro diante de uma perdiz. — *O tempo está macnífico, vamos passear nos Champs-Élysées, e a ziniora te Zent-Estève com Euchênia transportam toda a sua toilette, as suas roupas e o nosso cantar para a Rue Zent-Cheorches.*

— Farei o que o senhor quiser — disse Ester —, contanto que tenha a bondade de chamar Ásia à minha cozinheira e Europa a Eugênia. É o nome posto a todas as mulheres que me têm servido, desde as duas primeiras que tive. Não gosto de mudar...

— *Ásia... Europa...* — repetiu o barão, desfechando a rir. — *Tem craça... Que ideia! Nem tepois de mil chantares comitos eu me lempraria de chamar Ásia a uma cozinieira.*

— Pois a nossa profissão é termos graça — disse Ester. — Acha que uma pobre rapariga não pode fazer-se sustentar pela Ásia e vestir pela Europa, quando o senhor vive de todo o mundo? Isto é um mito! Há mulheres capazes de comer o mundo inteiro; a mim basta a metade.

— *Que mulher essa te zent-Estève!* — disse consigo o barão admirando a mudança das maneiras de Ester.

— Europa, minha filha, dá-me um chapéu — disse Ester. — Devo ter

um capote de cetim preto com forro cor-de-rosa, guarnecido de rendas.

— A sra. Thomas^[190] não o mandou... Ande, barão, vamos!

— Comece o seu serviço de escravo, quero dizer, de homem feliz! A felicidade é pesada!... Está lá embaixo o seu cabriolé, vá à casa da sra. Thomas — disse Europa ao barão. — Mande pedir pelo seu criado o capote da sra. van Bogseck... E principalmente — disse-lhe ela ao ouvido — traga-lhe o mais lindo ramalhete que houver em Paris. Como estamos no inverno, veja se obtém flores dos trópicos.

O barão desceu e disse ao criado:

— *Para a casa da ziniora Thomas.*

O criado conduziu-o a uma pastelaria famosa.

— *É uma motista, sua pesta, non uma confeiteira* — disse o barão, que correu à casa da sra. Prévôt,^[191] no Palais-Royal, onde fez arrumar um ramo de cinco luíses, enquanto o criado ia à modista.

Passeando por Paris, o observador superficial indaga a si próprio quais são os loucos que vão comprar as flores fabulosas que adornam a loja da ilustre florista, e as novidades do europeu Chevet, único, juntamente com o Rocher de Cancale, que oferece uma verdadeira e deliciosa Revista dos Dois Mundos...^[192] Em Paris, todos os dias se levantam cento e tantas paixões à Nucingen, que se provam com raridades que as rainhas não ousam comprar, e que se oferecem de joelhos a raparigas que, segundo a frase de Ásia, gostam de luxo e pândega. Não fosse este pequeno detalhe, uma burguesa honesta não compreenderia como é que uma fortuna se derrete nas mãos dessas criaturas, cuja função social, no sistema fourierista,^[193] é quiçá reparar as desgraças da avareza e da cobiça. Esses esbanjamentos são sem dúvida para o corpo social o que uma lancetada é para um corpo pletórico. No espaço de dois meses, Nucingen acabava de regar o comércio com mais de duzentos mil francos.

Quando o enamorado velho chegou, anoitecia, o ramalhete era inútil. A hora de ir aos Champs-Élysées, no inverno, é das duas às quatro. Todavia a carruagem serviu a Ester para se transportar da Rue Taitbout à Rue Saint-Georges, onde tomou posse do *palaciazínio*. Confessemos que nunca Ester tinha sido objeto de tal culto nem de tamanhas profusões; ficou surpreendida, mas acautelou-se, como todas

essas régias ingratas, de manifestar o menor espanto. Quando uma pessoa entra em São Pedro de Roma e quer apreciar a extensão e a altura da catedral das catedrais, mostram-lhe o dedo mínimo de uma estátua, que tem não sei que comprimento, e que parece do tamanho natural. Ora, tem-se criticado tanto as descrições, aliás tão necessárias para a história dos nossos costumes, que é preciso imitar aqui o cicerone romano. Entrando, pois, na sala de jantar, o barão não pôde deixar de mostrar a Ester o estofos dos cortinados, fartos e régios, forrados de chamalote branco e guarnecidos de uma passamanaria digna do vestido de uma princesa de Portugal. Esse estofos era uma seda da China, em que a paciência chinesa soubera pintar os pássaros da Ásia com uma perfeição cujo modelo só existe nos velinos da Idade Média ou no missal de Carlos V, orgulho da biblioteca imperial de Viena.

— *Custou dois mil francos a vara a um milorte que o trouxe das Índias.*

— Muito bonito, encantador. Deve ser um gosto beber champanhe aqui — disse Ester. — Ao menos não cai a espuma no soalho!

— Ah, senhora! — disse Europa. — Veja o tapete.

— *Como tinham teseniatado este tapete para o tuque Torlonia, meu amigo, que o achou muito caro, fiquei com ele para você, que é uma rainha!* — disse Nucingen.

Por obra do acaso, esse tapete, devido a um dos nossos mais engenhosos desenhadores, combinava com o desenho caprichoso dos cortinados chineses. As paredes, pintadas por Schinner e Leão de Lora, [194] representavam cenas voluptuosas, que destacavam de uma talha de ébano comprada a peso de ouro no Sommerard, [195] e formando retábulos nos quais simples filetes de ouro atraíam sobriamente a luz. Imagine-se por aqui o resto.

— Fez bem em me trazer aqui — disse Ester. — Oito dias não é muito para me acostumar à minha casa e não parecer uma *parvenue*...

— *Minha casa!* — repetia alegremente o barão. — *Então aceita?*

— Pois já se vê que sim, meu animal, meu bruto — disse ela, sorrindo.

— *O animal chã era pastante...*

— Sim, mas o bruto é para a carícia — tornou ela, encarando-o. O pobre lobo-cerval tomou a mão de Ester e colocou-a sobre o seu

coração; era animal bastante para sentir, mas demasiadamente bruto para atinar com alguma palavra que dissesse.

— *Vecha como ele pate... por uma simples palavra te ternura...* — disse Nucingen.

E conduziu sua deusa ao quarto de dormir.

— Ah, minha senhora! — disse Eugênia. — Não posso estar aqui. Vem à gente tanta vontade de se meter na cama!

— Bem — disse Ester —, quero fazer feliz o mágico que tais prodígios realiza. Anda, meu hipopótamo, depois do jantar vamos ambos ao espetáculo. Ando esfomeada de teatro.

Havia precisamente cinco anos que Ester não ia ao teatro. Toda a capital comparecia então à Porte Saint-Martin, para ver uma dessas peças a que o talento dos autores comunica uma expressão de realidade terrível, *Ricardo de Arlington*.^[196] Como todas as naturezas ingênuas, Ester tinha tanta inclinação para as coisas terríveis como para as que faziam chorar de ternura.

— Vamos ver Frédérick Lemaitre^[197] — disse ela. — Adoro esse artista.

— *Mas isso é um tramalhon* — disse Nucingen, vendo-se num momento constrangido a chamar para si a atenção pública.

E mandou o criado comprar uma das duas frisas junto ao proscênio para a primeira representação. Outra originalidade parisiense! Quando o sucesso, que tem pés de barro, enche um salão, há sempre uma frisa de frente para alugar dez minutos antes de subir o pano; os empresários reservam-na para si quando não aparece alguma paixão à Nucingen. Essa frisa é, como as novidades naturais de Chevet, em imposto levantado sobre as fantasias do Olimpo parisiense.

É ocioso falar da baixela, composta de três serviços: o grande, o mediano e o pequeno. A baixela de sobremesa do serviço grande era toda de prata dourada. O banqueiro, para não parecer que sobrecarregava a mesa com valores de ouro e de prata, juntara a todos esses serviços uma deliciosa porcelana da mais encantadora fragilidade, gênero Saxe, e que tinha ficado mais cara do que se fosse de prata. Quanto às roupas de mesa, em linho de Saxe, da Inglaterra, de Flandres e da França, rivalizavam em perfeição com as suas flores

adamascadas.

Durante o jantar, coube ao barão a vez de ficar surpreso com a cozinha de Ásia.

— *Agora compreento* — disse ele — *por que é que lhe chamam Ásia; isto é uma cozinha asiática.*

— Começo a acreditar que ele me ama — disse Ester à criada. — Disse agora uma coisa que se parece com um dito de espírito.

— *Zei outros* — disse ele.

— Oh! É ainda mais Turcaret do que dizem — exclamou a risonha cortesã ouvindo esta resposta, digna das célebres ingenuidades escapadas ao banqueiro.

A comida tinha sido feita expressamente para pregar uma indigestão ao banqueiro, de maneira que ele tivesse de ir cedo para casa; e foi isso, em matéria de prazer, a única coisa que ele levou da sua primeira entrevista com Ester. No espetáculo, foi obrigado a beber um número infinito de copos d'água com açúcar, deixando Ester sozinha nos intervalos. Por um encontro tão previsível que não se lhe podia chamar acaso, Túlvia, Marieta e a sra. du Val-Noble estavam também no espetáculo. *Ricardo de Arlington* foi um desses sucessos loucos, e aliás merecidos, que só em Paris se veem. Vendo aquele drama, todos os homens compreendiam que se pudesse atirar sua esposa legítima pela janela fora, e todas as mulheres gostavam de se ver injustamente oprimidas. As mulheres diziam de si para si: “É demasiado forte, somos apenas empurradas; mas isso nos acontece frequentemente!”. Ora, uma criatura com a beleza de Ester e vestida como Ester não podia figurar impunemente no prosaetrio da Porte Saint-Martin. Por isso, logo no segundo ato, houve no camarote das duas bailarinas uma espécie de revolução causada pela averiguação da identidade da formosa desconhecida com a Torpedo.

— Por onde terá ela andado? — disse Marieta à sra. du Val-Noble. — Eu julgava que se tivesse afogado.

— Será realmente ela? Parece-me incomparavelmente mais moça e mais bonita que há seis anos.

— Talvez tenha estado de conserva no gelo como a sra. d'Espard e a sra. Zayonschek — disse o conde de Brambourg,^[198] que havia levado as

três mulheres ao espetáculo, arranjando-lhes aquele camarote ao nível da plateia. — Não é a tal comparsa que você me queria mandar para seduzir meu tio? — perguntou ele a Túlia.

— Justamente — respondeu Túlia à bailarina. — Du Bruel,^[199] vá ali perto da orquestra ver se de fato é ela.

— Mas que soberba! — exclamou a sra. du Val-Noble.

— Nem admira, pois está com o meu amigo, o barão de Nucingen — disse o conde de Brambourg. — Eu vou lá.

— Será a pretensa Joana d'Arc que conquistou Nucingen, e de quem, vai para três meses, não ouvimos senão mexericos? — inquiriu Marieta.

— Boa noite, meu caro barão — disse Felipe Bridau entrando no camarote de Ester. — Então se casou com a srta. Ester? Senhorita, sou um pobre oficial que há tempos a senhorita esteve para salvar de uma grave dificuldade em Issoudun... Felipe Bridau.

— Não o conheço — disse Ester, assestando o seu binóculo para a plateia.

— *A ziniiorita chá non se chama Ester* — respondeu o barão. — *O seu nome é ziniiora te Champy, te uma proprietatezinia que para ela comprei...*

— O barão é um homem às direitas, mas aquelas damas dizem que a sra. de Champy é um tanto soberba. Se a senhora não quer lembrar-se de mim, dignar-se-á ao menos reconhecer Marieta, Túlia, a sra. du Val-Noble — disse aquele *parvenu* que o duque de Maufrigneuse introduzira nas boas graças do Delfim.

— Se elas quiserem portar-se bem comigo, estou disposta a ser-lhes agradável — respondeu secamente a sra. de Champy.

— Portar-se bem! — disse Felipe. — O melhor possível... Até lhe chamam Joana d'Arc...

— *Pem! Ze essas ziniioras lhe querem fazer companhia* — disse Nucingen —, *eu teixo você só, porque comi temais ao cantar. Sua carruache virá pascar você... Ásia é um temônio!*

— Quer então deixar-me só logo na primeira vez? — perguntou Ester. — Ora, ora! Saiba morrer no seu posto. Eu preciso do meu homem para sair. Se alguém me insultasse, por quem havia eu de gritar?...

O egoísmo do velho milionário teve de ceder perante as obrigações do amante. O barão aguentou e permaneceu. Ester tinha lá suas razões

para reter o seu homem. Se ela houvesse de receber a visita das suas antigas conhecidas, não seria interrogada tão seriamente em companhia como se estivesse só. Felipe Bridau voltou imediatamente à frisa das bailarinas, a quem contou o que se passara.

— Ah! É ela que vai herdar a *minha* casa da Rue Saint-Georges — disse com amargura a sra. du Val-Noble, a qual, no modo de falar dessa casta de mulheres, se achava *a pé*.

— É provável — tornou o conde. — Du Tillet disse-me que o barão gastou lá três vezes mais do que o seu pobre Falleix.

— Vamos então vê-la? — propôs Túlia.

— Eu não — disse Marieta. — Acho-a bonita demais. Irei vê-la em casa.

— Pois eu me acho bastante em forma para me arriscar — voltou Túlia.

Esta foi pois no primeiro intervalo, renovando conhecimento com Ester, que não passou das generalidades.

— Mas donde vens tu, minha querida? — indagou a bailarina, que já não podia reprimir a curiosidade.

— Oh! Estive cinco anos num castelo dos Alpes com um inglês ciumento como um tigre, um nababo; eu chamava-lhe *nabiça*, porque era ainda mais baixo do que o baillio de Ferrette.^[200] Depois vim cair nas unhas de um banqueiro, das Caraíbas em Cila,^[201] como diz Florina. Mas, agora que estou outra vez em Paris, ando com tanta saudade de distrações que vou fazer da minha vida um Carnaval. Vou deixar a casa aberta. Quero desferrar-me de cinco anos de solidão, e já começo a refazer-me. Cinco anos de inglês é demais; de acordo com os anúncios, seis semanas bastam.

— Foi o barão que te deu essa renda?

— Nada, isto ainda são restos do nababo... Que pouca sorte a minha! O homem era amarelo como certos risos que conhecemos. Imaginei que ele não viveria mais de dez meses. Qual! Era rijo como uma torre. Desconfiemos daqueles que se dizem doentes do fígado. Não quero mais ouvir falar em fígado... Tive fé demais... nos provérbios.^[202] O nababo morreu sem testamento, e a família pôs-me na rua como se eu tivesse sarna. É por isso que digo a este hipopótamo: “Anda, paga por

dois!”. Vocês têm razão de me chamar Joana d’Arc, porque perdi a Inglaterra! E talvez morra queimada.

— De amor — disse Túlia.

— E viva — respondeu Ester, a quem essa palavra tornara cismadora.

O barão ria de todas aquelas chalaças grossas, mas nem sempre as compreendia logo, de maneira que o seu riso fazia lembrar esses foguetes encravados que rebentam depois do fogo.

Todos nós vivemos numa esfera qualquer, e os habitantes de todas as esferas são dotados de igual dose de curiosidade. No dia seguinte, na Ópera, a aventura do regresso de Ester foi a grande novidade dos bastidores. Pela manhã, das duas às quatro, toda a Paris dos Champs-Élysées havia reconhecido a Torpedo, e sabia enfim qual era o objeto da paixão do barão de Nucingen.

— Sabe — dizia Blondet a De Marsay no *foyer* da Ópera — que a Torpedo desapareceu logo em seguida àquela noite em que aqui a reconhecemos por amante de Luciano de Rubempré?

Em Paris, como na província, tudo se sabe. A polícia oficial não é tão bem-feita como a da grande roda, em que cada um se vigia sem o saber. Carlos Herrera adivinhara perfeitamente o perigo da situação de Luciano no período da Rue Taitbout e depois desse período.

X – UMA MULHER A PÉ

Não existe situação mais horrível do que aquela em que se achava a sra. du Val-Noble, situação essa que a expressão *andar a pé* traduz a primor. A despreocupação e a prodigalidade dessas mulheres não as deixam pensar no futuro. Nesse meio excepcional, muito mais cômico e espirituoso do que se pensa, as mulheres que não possuem a verdadeira beleza, a beleza quase inalterável e fácil de reconhecer, as mulheres, enfim, que não podem ser amadas a não ser por capricho são as únicas que pensam na velhice e que ajuntam fortuna: quanto mais belas, mais imprevidentes.

— Tens medo de ficar feia, para estares assim ajuntando dinheiro?

Esta pergunta que Florina dirigia a Marieta pode fazer compreender uma das causas de tal prodigalidade. No caso de um especulador que se mata, de um pródigo que se vê sem dinheiro, essas mulheres caem pois,

com medonha rapidez, de uma opulência descarada numa profunda miséria. Lançam-se então nos braços da adela, vendem joias preciosas por tuta e meia, fazem dívidas, sobretudo para conservarem um luxo aparente que lhes permita encontrar de novo aquilo que acabam de perder: um cofre donde sacar dinheiro. Esses altos e baixos da sua vida explicam suficientemente o alto preço de uma ligação quase sempre preparada, na realidade, como a de Nucingen com Ester por Ásia. Por isso aqueles que conhecem Paris sabem muito bem o que significa encontrarem nos Champs-Élysées, esse bazar movediço e tumultuoso, uma certa mulher em carro de aluguel, depois de a terem visto, um ano ou seis meses antes, numa carruagem assombrosa de luxo e admiravelmente posta.

— Quando se cai em Sainte-Pélagie, é necessário saber dar um pulo para o bois de Boulogne — dizia Florina rindo com Blondet do Viscondezinho de Portenduère.^[203]

Algumas mulheres hábeis não se expõem nunca a esse contraste. Ficam enterradas em medonhas casas de hóspedes, onde expiam seus esbanjamentos por privações como as que sofrem os viajantes perdidos num deserto qualquer; mas nem por isso lhes acode a menor ideia de economia. Vão aos bailes de máscaras, empreendem sua viagem pela província, mostram-se bem-vestidas nos bulevares quando o dia está bonito. De resto, têm umas pelas outras a dedicação das classes proscritas. Os socorros a prestar custam pouca coisa à mulher ditosa que diz de si para si: “Domingo estarei como ela está hoje”.

Contudo, a proteção mais eficaz é a da adela. Quando essa usurária se vê credora, mexe e escabicha todos os corações de velhos em benefício da sua hipoteca de borzeguins e chapéus. Assim, pois, a sra. du Val-Noble, incapaz de prever o desastre de um dos mais ricos corretores de câmbio, foi apanhada de surpresa. Gastava ela o dinheiro de Falleix em caprichos, e descansava nele para as coisas úteis e para cuidar do seu futuro.

— Quem havia de esperar isto — dizia ela a Marieta — da parte dum homem que parecia tão bom rapaz?

Em quase todas as classes da sociedade, o bom rapaz é um homem generoso que empresta alguns escudos e não os cobra, e que se porta

sempre segundo as regras de uma certa delicadeza fora da moralidade vulgar, obrigatória, corrente. Há pessoas tidas por virtuosas e honradas que, como Nucingen, arruinaram os seus benfeitores,^[204] e há gente que vem da polícia correcional e é engenhosamente honrada com as mulheres. A virtude completa, o sonho de Molière, Alceste,^[205] é raríssima; mas encontra-se em toda a parte, até em Paris. O bom rapaz é o produto de uma certa graça no carácter que nada prova. Um homem é assim da mesma forma que o pelo de um gato é macio e que o chinelo é próprio para se adaptar ao pé. Ora, Falleix, na acepção de bom rapaz para mulheres teúdas e manteúdas, devia ter prevenido a amante da falência e deixar-lhe com que viver. D'Estourny, o galante escroque, era bom rapaz; trapaceava no jogo, mas tinha posto de reserva trinta mil francos para a amante. Por isso, nas ceias de Carnaval, as mulheres respondiam aos que o acusavam:

— Tanto faz. Digam lá o que disserem, Jorge era um bom rapaz e tinha bonitas maneiras; merecia melhor sorte!

As cortesãs zombam das leis, elas adoram uma certa delicadeza; sabem vender-se, como Ester, por um belo ideal secreto, que é a sua religião.

Tendo salvado a muito custo umas joias do naufrágio, a sra. du Val-Noble sucumbia sob o peso terrível desta acusação: “Foi ela que arruinou Falleix!”. Andava pelos trinta anos, e, embora se achasse em todo o desenvolvimento de sua beleza, podia passar por velha, tanto mais que, em semelhantes crises, uma mulher tem contra si todas as suas rivais. Marieta, Florina, Túlía, davam-lhe de jantar e algum dinheiro; mas, como não conheciam a importância das suas dívidas, não ousavam sondar a profundidade de semelhante abismo. Seis anos de intervalo constituíam uma interrupção bastante longa nas flutuações do oceano parisiense, entre a Torpedo e a sra. du Val-Noble, para que a *mulher que andava a pé* se dirigisse à que andava em carruagem; mas Du Val-Noble conhecia bem a generosidade de Ester para deixar de pensar algumas vezes que esta havia, segundo sua expressão, herdado dela, e vir ter com ela num encontro que pareceria fortuito, apesar de procurado. Para conseguir tal intento, a sra. du Val-Noble, elegantemente vestida, ia todos os dias passear nos Champs-Élysées

com Teodoro Gaillard,^[206] que mais tarde casou com ela e que, naquela conjuntura, procedia muito bem em relação à sua antiga amásia, dando-lhe camarotes e fazendo-a convidar para todas as *partidas*. Tinha ela esperança de que algum dia Ester andaria por ali a passear, e se achariam ambas cara a cara.

Ester tinha por cocheiro a Paccard, pois que em cinco dias teve sua casa organizada por Ásia, por Europa e por ele, de acordo com as instruções de Carlos, de modo a tornar a casa da Rue Saint-Georges uma praça forte.

Por seu lado, Peyrade, movido pelo seu profundo ódio, pelo desejo de vingança, e especialmente pelo intuito de dar colocação a sua querida Lídia, tomou por alvo dos seus passeios os Champs-Élysées, desde que Contenson lhe disse que aparecia por lá a amante do sr. de Nucingen. Peyrade vestia-se tão bem de inglês, e falava tão bem o francês com os floreados que os ingleses introduzem nessa língua, sabia tão bem o inglês, conhecia tão a fundo as coisas da Inglaterra, onde por ordem da polícia de Paris estivera duas vezes, em 1779 e 1786, que desempenhou o seu papel de inglês em embaixadas e em Londres, sem despertar suspeitas. Peyrade, que tinha muita coisa de Musson,^[207] o famigerado mistificador, sabia disfarçar-se com tal arte que um dia Contenson não o reconheceu. Acompanhado por Contenson disfarçado de mulato, Peyrade, com esse olhar que parece distraído mas que vê tudo, examinava Ester e sua gente. Achou-se pois naturalmente na rua lateral em que, quando está bom o tempo, passeiam as pessoas que vêm de carro, no dia em que Ester se encontrou aí com a sra. du Val-Noble. Peyrade, seguido do seu mulato de libré, foi andando sem afetação e como um legítimo nababo que só pensa em si, no encalço das duas mulheres, de modo que pudesse apanhar-lhes algumas palavras.

— Bem, aparece por lá — dizia Ester à sra. du Val-Noble. — Nucingen não há de deixar assim ao desamparo a amante do seu corretor.

— Tanto mais que dizem que foi ele quem o arruinou — disse Teodoro Gaillard — e que nós bem podíamos explorá-lo um pouco.

— Ele janta comigo amanhã; vai lá, querida — disse Ester. Depois disse-lhe ao ouvido: — Faço dele o que quero; nem isto ainda conseguiu

de mim!

Pôs uma unha da mão enluvada debaixo do mais lindo de seus dentes e fez o gesto assaz conhecido, cuja enérgica significação é esta: nada!

— Então está seguro...

— Oh, filha! Até agora ele não fez outra coisa senão pagar minhas dívidas...

— Que sovina! — comentou Susana du Val-Noble.

— É que minhas dívidas — tornou Ester — fariam recuar até um ministro da Fazenda. Agora quero trinta mil francos de renda adiantados... Bom homem é ele, não tenho razão de queixa... Vai indo. Daqui a oito dias é a inauguração da casa nova, e conto contigo... Nessa manhã deverá oferecer-me o contrato da casa da Rue Saint-Georges. É claro que não se pode decentemente morar numa casa daquelas sem trinta mil francos de rendimento, para tornar a achá-los quando os ventos mudarem. Já sei o que é a miséria, e estou farta. Certas coisas não se querem repetidas.

— Como tu mudaste! Tu que dizias: “A fortuna sou eu!” — exclamou Susana.

— Foram os ares da Suíça, que fazem a gente econômica... Vai até lá, filha! Arranja por lá um suíço para marido, pois eles ainda não sabem que mulheres nós somos... Em todo o caso, vens de lá com o amor aos rendimentos lançado sobre o livro-razão, um amor honesto e delicado. Adeus.

Ester tornou a subir para a sua bela carruagem, puxada pelos mais belos cavalos alazões que então havia em Paris.

— A mulher que vai subindo para a carruagem — disse então Peyrade a Contenson em inglês — é bonita, mas eu gosto mais da que está passeando a pé; segue-a e indaga quem é.

— Quer saber o que aquele inglês disse? — perguntou Teodoro Gaillard à sra. du Val-Noble.

E traduziu-lhe a frase de Peyrade.

Antes de se arriscar a falar inglês, Peyrade dissera nessa língua uma palavra que produziu em Teodoro Gaillard um movimento fisionômico por onde se convencera de que o jornalista sabia inglês. A sra. du Val-

Noble foi então caminhando vagarosamente para a casa de hóspedes muito decente em que morava, na Rue Louis-le-Grand, olhando de soslaio para ver se o mulato a seguia. Pertencia esse estabelecimento a uma tal sra. Gérard, que a sra. du Val-Noble obsequiara nos seus tempos de esplendor, e que lhe mostrava sua gratidão dando-lhe conveniente hospedagem. Essa boa mulher, burguesa honesta e cheia de virtudes, até piedosa, aceitava a cortesã como uma mulher de ordem superior; ela a via sempre no meio do seu luxo, tomava-a por uma rainha destronada; confiava-lhe suas filhas, e, coisa mais natural do que se pensa, a cortesã era tão escrupulosa quando as levava ao espetáculo como poderia sê-lo uma mãe; as duas moças Gérard eram muito amigas dela. A digna hospedeira parecia-se com esses padres sublimes que veem ainda uma criatura por amar e por salvar nessas mulheres colocadas fora da lei. A sra. du Val-Noble respeitava essa honestidade; muitas vezes, nas suas conversas da noite, invejava-a, deplorando os seus próprios infortúnios.

— A senhora ainda está bonita, pode vir a acabar bem — dizia-lhe a sra. Gérard.

De resto, a sra. du Val-Noble só estava arruinada em parte. As *toilettes* dessa mulher, tão esbanjadora e tão elegante, ainda lhe chegavam para se mostrar, quando era preciso, como na noite da peça *Ricardo de Arlington*, em todo o seu brilho. A sra. Gérard pagava de bom grado a carruagem para ela ir jantar fora, ou para ir ao espetáculo.

— Minha querida sra. Gérard — disse ela à honesta mãe de família —, parece-me que a minha sorte vai mudar.

— Ainda bem, minha senhora; mas tenha juízo, lembre-se do futuro... Não faça mais dívidas. Eu vejo-me atrapalhada para despedir os credores que a procuram.

— Deixe lá esses cães, que ganharam todos um dinheirão comigo. Tome, aí tem um camarote das Varietés para suas filhas. Se alguém me procurar esta noite e eu ainda não tiver recolhido, mande entrar. Eu mandarei cá a minha antiga criada, Adélia.

A sra. du Val-Noble, que não tinha tia nem mãe, via-se forçada a lançar mão da sua criada de quarto (também a pé!) para representar o papel de uma De Saint-Estève com o desconhecido cuja conquista lhe ia restituir o antigo luxo. Foi jantar com Teodoro Gaillard, que tinha para

esse dia um jantar de aposta perdido por Nathan, uma dessas orgias a respeito das quais se diz aos convidados: “Haverá mulheres”.

XI – PEYRADE COMO NABABO

Peyrade tinha boas razões para se meter de corpo e alma no campo daquela intriga. De resto, sua curiosidade, como a de Corentin, estava tão vivamente excitada que, mesmo sem razão, ele se teria de bom grado envolvido naquele drama. Nesse momento a política de Carlos x tinha concluído a sua última evolução. Depois de confiar o leme dos negócios a ministros de sua escolha, o rei andava preparando a conquista de Argel^[208] para fazer essa glória servir de passaporte ao que se chamou o seu golpe de Estado. No interior, ninguém mais conspirava, Carlos x julgava não ter nenhum adversário. Em política como no mar, há calmarias enganadoras. Corentin, portanto, caíra numa inação absoluta. Em tal situação, um genuíno caçador, para não perder o costume, à falta de tordos vai caçando melros. Eis aí por que Domiciano^[209] quando lhe faltavam cristãos, matava moscas. Testemunha da prisão de Ester, Contenson, com o senso finíssimo do espião, tinha avaliado perfeitamente o caso. Como vimos, o patife não se tinha dado ao incômodo de dissimular sua opinião com o barão de Nucingen. “Em benefício de quem exploram a paixão do banqueiro?”, foi a primeira pergunta que deu que cismar aos dois amigos. Depois de haver reconhecido em Ásia uma personagem da peça, Contenson tivera esperanças de ir pelo fio ao novelo, por ela ao autor; mas a mulata safou-se-lhe das mãos como uma enguia, escondendo-se durante algum tempo na vasa de Paris; e quando a tornou a encontrar em casa de Ester, feita cozinheira, pareceu-lhe inexplicável semelhante cooperação. Pela primeira vez, os dois mestres em espionagem topavam com um texto indecifrável, em que aliás suspeitavam a existência de alguma história tenebrosa. Em três ataques sucessivos e arrojados à casa da Rue Taitbout, Contenson esbarrou no mais obstinado mutismo. Enquanto Ester lá morou, o porteiro parecia dominado por um profundo terror. Talvez Ásia tivesse ameaçado toda a família com almôndegas envenenadas em caso de indiscrição. No dia seguinte àquele em que Ester saiu da casa, Contenson achou o porteiro mais conciliador, com

muita saudade da senhora que o sustentava com os sobejos da sua mesa, dizia ele. Contenson, disfarçado de corretor de imóveis, discutia o preço da casa, e escutava as lamúrias do porteiro com ar de troça, pondo em dúvida tudo quanto ele dizia, intercalando a cada momento um “Isso é lá possível?”.

— Sim, senhor, a mulherzinha morou aqui cinco anos sem nunca sair, e a prova é que o amante, muito ciumento apesar de não ter nenhuma razão para isso, tomava mil cautelas tanto para vir aqui como para sair. De mais a mais, era um belo moço.

Luciano achava-se ainda em Marsac, em casa da irmã, sra. Séchard; mas, logo que ele regressou, Contenson mandou o porteiro ao Quai Malaquais, a perguntar ao sr. de Rubempré se queria vender a mobília da casa desocupada pela sra. van Bogseck. O porteiro reconheceu então em Luciano o amante misterioso da jovem viúva, e Contenson deu-se por satisfeito com a informação. Calcula-se facilmente o assombro profundo, conquanto reprimido, de que foram tomados Luciano e Carlos; pareciam acreditar que o porteiro estava louco e tentaram persuadi-lo disso.

Em vinte e quatro horas, foi organizada uma contrapólicia por Carlos, que fez surpreender Contenson em flagrante delito de espionagem. Contenson, disfarçado de carregador do Mercado, já duas vezes havia entrado no palacete da Rue Saint-Georges com as compras feitas no Mercado por Ásia. Por sua parte, Corentin também se mexia; porém a realidade da personagem de Carlos Herrera fê-lo estacar, pois soube prontamente que esse padre, enviado secreto de Fernando VII, tinha vindo para Paris em fins de 1823. Contudo, Corentin pôs-se a estudar as razões que levariam esse espanhol a proteger Luciano de Rubempré. Chegou logo a certificar-se de que Luciano fora durante cinco anos amante de Ester. Portanto, a substituição dela pela inglesa fora efetuada em benefício do dândi. Ora, Luciano não tinha meio de vida, não lhe queriam dar em casamento a srta. de Grandlieu, e acabava de comprar por um milhão a propriedade de Rubempré. Corentin pôs habilmente em campo o diretor-geral da Polícia do Reino, a quem o chefe de polícia comunicou, a propósito de Peyrade, que naquele negócio os queixosos eram nada menos que o conde de Sérisy e Luciano

de Rubempré.

— Atinamos com a coisa! — haviam exclamado Peyrade e Corentin.

O plano dos dois amigos foi traçado num momento.

— Essa jovem — dissera Corentin — teve ligações, tem amigas. É impossível que, entre essas amigas, alguma não esteja arruinada; um de nós tem de representar o papel de estrangeiro rico que a sustente e estabeleça camaradagem entre elas. Estas mulheres precisam sempre umas das outras para a jiga-joga dos amantes, e então estaremos no coração da praça.

Peyrade pensou naturalmente em assumir o seu papel de inglês. Sorria-lhe a vida de devassidão que teria de levar durante o tempo necessário à descoberta da tramoia de que fora vítima, ao passo que Corentin, avelhentado pelos trabalhos e de saúde precária, pouco se preocupava com o caso. Disfarçado de mulato, Contenson furtou-se imediatamente à contrapólicia de Carlos Herrera. Três dias após o encontro de Peyrade com a sra. du Val-Noble nos Champs-Élysées, o último dos agentes dos srs. de Sartine e Lenoir,^[210] munido de um passaporte perfeitamente em regra, tinha-se apeado no hotel Mirabeau, à Rue de la Paix, vindo das colônias pelo Havre numa pequena caleça, tão enlameada como se chegasse do Havre, conquanto ela apenas tivesse feito o trajeto de Saint-Denis a Paris.

Por sua parte, Carlos Herrera fez visar o seu passaporte na embaixada espanhola e dispôs tudo no Quai Malaquais para uma viagem a Madri. Dentro de poucos dias Ester ia ser proprietária do palacete da Rue Saint-Georges e devia obter uma inscrição de trinta mil francos de renda; Europa e Ásia eram suficientemente espertas para lhe fazerem vender e para entregarem secretamente o dinheiro a Luciano. Este, supostamente rico pela liberalidade da irmã, acabaria assim de pagar o preço da propriedade de Rubempré. Ninguém tinha nada que censurar naquele procedimento. Somente Ester podia ser indiscreta; mas esta preferiria morrer a deixar escapar um movimento de sobrelanceiras. Clotilde acabava de arvorar um lençinho cor-de-rosa no seu pescoço de cegonha; estava pois ganha a partida no palácio de Grandlieu. As ações dos Ônibus já valiam o triplo. Carlos, sumindo-se por alguns dias, frustrava qualquer malevolência. A prudência humana

tinha previsto tudo, nenhuma falta era possível. O falso espanhol devia partir no dia seguinte àquele em que Peyrade se encontrara com a sra. du Val-Noble nos Champs-Élysées. Ora, nessa mesma noite, às duas horas da madrugada, Ásia chegou de fiacre ao Quai Malaquais e encontrou o foguista daquela máquina a fumar no seu quarto, e entregando-se ao resumo que acaba de ser traduzido em meia dúzia de palavras, como um autor que revê as provas de seu livro em busca de algum erro. Um homem como aquele não haveria de cometer duas vezes um descuido como o do porteiro da Rue Taitbout.

— Paccard — disse Ásia ao ouvido do amo — reconheceu hoje às duas e meia da tarde, nos Champs-Élysées, Contenson disfarçado de mulato, e servindo de criado a um inglês que, há três dias, anda a passear nos Champs-Élysées para observar Ester. Paccard reconheceu o maroto pelos olhos, como eu o reconheci quando ele se disfarçou de carregador do Mercado. De volta a casa com a senhora, o nosso homem tratou de não perder de vista o tal tipo. Averiguou que Contenson está no hotel Mirabeau; mas trocou tais sinais de entendimento com o inglês que é impossível, diz Paccard, que o inglês seja inglês.

— Temos mouro na costa — disse Carlos. — Só estarei de partida depois de amanhã. Esse Contenson é por força quem nos mandou cá o porteiro da Rue Taitbout; resta saber se o fingido inglês é nosso inimigo.

Ao meio-dia, o mulato do sr. Samuel Johnson servia sisudamente o amo, que almoçava sempre muito bem, por cálculo. Peyrade queria fazer-se passar por um inglês do gênero *bebedor*; nunca se levantava da mesa senão a cambalear. Usava umas polainas pretas que lhe chegavam até os joelhos, e enchumaçadas para engrossar suas pernas; as calças eram forradas de fustão grosso; o colete, abotoado até o queixo; sua gravata azul circundava-lhe o pescoço indo quase até as bochechas; uma cabeleira ruiva tapava-lhe metade da testa; dera a si próprio umas três polegadas mais; de modo que nem o mais antigo frequentador do Café David seria capaz de o reconhecer. A casaca de abas quadradas, preta, ampla e asseada como uma casaca inglesa, revelava à primeira vista um inglês milionário. Contenson havia manifestado a insolência fria do criado de confiança de um nababo; era calado, arrogante,

desdenhoso, pouco comunicativo, tinha uns gestos extravagantes e soltava uns berros ferozes. Estava Peyrade acabando a sua segunda garrafa quando um criado do hotel introduziu sem cerimônia no aposento um homem em quem Peyrade, assim como Contenson, logo reconheceu um gendarme vestido à paisana.

— Senhor Peyrade — disse o gendarme ao ouvido do nababo —, tenho ordem para conduzi-lo à Chefatura de Polícia.

Peyrade levantou-se sem fazer a menor observação e procurou o chapéu.

— Encontrará um fiacre à porta — disse-lhe o gendarme na escada. — O chefe de polícia queria fazê-lo prender, mas limitou-se a mandar-lhe pedir explicações do seu procedimento pelo oficial de polícia que está no carro. Quer que o acompanhe? — perguntou o gendarme ao oficial depois que Peyrade tinha subido.

— Não — respondeu o funcionário. — Diga baixinho ao cocheiro que siga para a Chefatura.

Peyrade e Carlos achavam-se juntos no mesmo fiacre. O espanhol tinha um estilete ao alcance da mão. O fiacre era guiado por um cocheiro de confiança, capaz de deixar Herrera sair sem o perceber e de se admirar, quando parasse, de encontrar no seu carro um cadáver. Nunca se reclama um espião. A justiça deixa quase sempre impunes esses assassinatos que é tão difícil deslindar.

XII – UM DUELO NUM FIACRE

Peyrade lançou a sua olhadela de espião ao funcionário que o chefe de polícia lhe destacava. Carlos apresentou-lhe uns traços satisfatórios: crânio pelado, cortado de rugas na parte posterior; cabelo empoado; sobre uns olhos sensíveis, orlados de vermelho e que exigiam tratamento, um par de óculos de ouro muito leves, muito burocráticos, de vidros verdes e duplos. Esses olhos ofereciam atestados de enfermidades ignóbeis. Camisa de percal com peitilho pregueado, colete de cetim preto no fio, calças de homem da justiça, meias de cadarço preto e sapatos amarrados com fitas, comprida sobrecasaca preta, luvas pretas baratas, já com dez dias de uso, corrente de relógio de ouro. Era, sem tirar nem pôr, o magistrado subalterno, chamado por

antinomia “oficial de paz”.

— Meu caro sr. Peyrade, sinto que um homem como o senhor seja objeto de uma vigilância, e que pareça tomar a peito o justificá-la. O seu disfarce não é do gosto do chefe. Se julga escapar assim à nossa atenção, engana-se. O senhor certamente tomou o caminho da Inglaterra em Beaumont-sur-Oise!

— Em Beaumont-sur-Oise — confirmou Peyrade.

— Ou em Saint-Denis? — tornou o falso magistrado.

Peyrade perturbou-se. Aquela nova pergunta exigia uma resposta. E qualquer resposta era perigosa. Afirmar era zombaria; negar, se o homem sabia a verdade, era perder-se. “O homem é finório”, pensou ele. Tentou olhar para o funcionário policial sorrindo, e a isso limitou a sua resposta. O sorriso foi aceito sem protesto.

— Com que fim se disfarçou o senhor, tomou aposentos no hotel Mirabeau e disfarçou Contenson de mulato? — perguntou o fingido magistrado.

— O senhor chefe de polícia que faça de mim o que quiser; eu não devo conta das minhas ações senão aos meus chefes — disse Peyrade com dignidade.

— Se me quer dar a entender que trabalha por conta da Polícia Geral do Reino — disse secamente o falso agente —, vamos mudar de direção e nos encaminhemos para a Rue de Grenelle em vez de nos encaminharmos para a Rue de Jérusalem.^[211] Tenho as ordens mais positivas a seu respeito. Entretanto, acautele-se. Ninguém lhe quer mal, e num momento poderia deitar tudo a perder. Pela minha parte, não lhe quero mal nenhum... Vamos... Diga-me a verdade...

— A verdade? Ei-la — disse Peyrade, lançando um olhar fino aos olhos vermelhos do seu cérebero.

A fisionomia do pretenso funcionário ficou muda, impassível; ele fazia o seu ofício, toda verdade lhe parecia indiferente, tinha um ar de quem atribuía ao chefe algum capricho. Os chefes têm venetas.

— Apaixonei-me loucamente por uma mulher, amante desse corretor de câmbio que anda a viajar por gosto seu e para desgosto dos seus credores, Falleix.

— A sra. du Val-Noble — disse o oficial de polícia.

— Sim — respondeu Peyrade. — Para poder tê-la por minha conta durante um mês, o que não me custará mais de três mil francos, vesti-me de nababo e tomei Contenson para criado. Isto é tão certo que se o senhor quer deixar-me no carro, donde não me arredarei, palavra de antigo comissário-geral de polícia, pode subir ao hotel e interrogar Contenson. Ele não somente confirmará o que tenho a honra de lhe dizer, senão que o senhor mesmo verá chegar a criada de quarto da sra. du Val-Noble, que deve trazer-nos esta manhã o consentimento às minhas propostas ou as condições da ama. Eu sou macaco velho... Ofereci mil francos por mês e carruagem; são mil e quinhentos; com quinhentos de presentes e outro tanto em algumas partidas, em jantares, em espetáculos, já vê que não erro muito dizendo três mil francos. Um homem da minha idade pode bem gastar três mil francos na sua última fantasia.

— Então o tio Peyrade ainda é tão femeeiro que... Você quer comer-me por uma perna; sessenta anos tenho eu, e passo bem sem mulheres... Se, entretanto, as coisas são como diz, compreendo que tivesse de se fingir estrangeiro até lhe passar o capricho.

— O senhor compreende que Peyrade ou o tio Canquoëlle da Rue des Moineaux...

— Sim, é claro que nem um nem outro convinham à sra. du Val-Noble — tornou Carlos, muito contente de ficar sabendo o endereço do tio Canquoëlle. — Antes da Revolução eu tive por amásia uma mulher — disse ele — que havia vivido às custas do carrasco. Um dia no teatro, ela se pica com um alfinete e usa esta exclamação, comum na época: “Ah, carrasco!” “É uma reminiscência?”, pergunta-lhe seu vizinho. Pois, meu caro Peyrade, por causa dessa palavra ela se separou do seu homem. Compreendo que você não tenha querido expor-se a um vexame semelhante. A sra. du Val-Noble é mulher de grande tom; vi-a uma vez na Ópera e achei-a muito bonita... Mande o cocheiro voltar para a Rue de la Paix, meu caro Peyrade; eu subo com você aos seus aposentos, para ver as coisas com os meus olhos. Basta decerto um relatório verbal ao senhor chefe de polícia.

Carlos tirou do bolso uma caixa de rapé, abriu-a e ofereceu uma pitada a Peyrade com a maior bonomia do mundo. Peyrade disse

consigo: “Eis aí o que são os agentes deles! Se o sr. Lenoir ou o sr. de Sartine voltassem a este mundo, que diriam?”.

— Você contou uma parte da verdade, mas não toda, meu caro amigo — disse o falso oficial de polícia, acabando de fungar a sua pitada. — O senhor ingeriu-se nos assuntos amorosos do barão de Nucingen, e com certeza quer apanhá-lo em algum laço; como errou com a pistola, agora o ataca com artilharia. A sra. du Val-Noble é amiga da sra. de Champy...

“O diabo!”, pensou Peyrade. “Cautela! O homem é mais fino do que eu pensava, e está a fazer jogo comigo: falava em me soltar, e continua a puxar-me pela língua.”

— Então? — disse Carlos, em tom de autoridade magistral.

— É verdade. Andei mal em procurar por conta do sr. de Nucingen uma mulher por quem ele andava loucamente apaixonado. Essa é a causa do desvalimento em que me vejo; pois parece que toquei, sem saber, em interesses gravíssimos. — O magistrado subalterno ficou impassível. — Mas conheço bem a polícia depois de cinquenta e dois anos de exercício — continuou Peyrade — e me abstive de tais trabalhos, depois da sarabanda que o senhor chefe me passou, e que era justa...

— Quer então renunciar ao seu capricho, se o senhor chefe lhe pede? Acho que seria a melhor prova a dar da sinceridade do que me diz.

“Olhem aonde ele vai!”, dizia Peyrade de si para si. “Safa! Os agentes de hoje não ficam devendo nada aos do sr. Lenoir.”

— Renunciar? — disse Peyrade. — Aguardarei as ordens do senhor chefe de polícia... Mas, se quer subir, eis-nos chegados ao hotel.

— Onde é que o senhor arranja dinheiro? — perguntou-lhe Carlos com ar sagaz e à queima-roupa.

— É que tenho um amigo... — disse Peyrade.

— Ora, adeus! Dizer isso a um juiz de instrução?

Esta arrojada cena era em Carlos o resultado de uma dessas combinações cuja simplicidade não podia sair senão da cabeça de um homem de sua têmpera. Tinha mandado Luciano muito cedo à casa da condessa de Sérisy. Luciano pediu ao secretário particular do conde que fosse, da parte deste, obter do chefe de polícia informações sobre o

agente empregado pelo barão de Nucingen. O secretário voltara munido de uma nota sobre Peyrade, e que era cópia do sumário escrito sobre o seu processo:

Na polícia desde 1778, tendo vindo, dois anos antes, de Avignon para Paris.

Sem fortuna nem moralidade; depositário de segredos de Estado.

Domiciliado na Rue des Moineaux com o nome de Canquoëlle, nome da pequena propriedade que sustenta sua família no departamento de Vaucluse, família aliás honesta. Recentemente, um seu sobrinho-neto, Teodósio de la Peyrade, pediu informações suas. (Vide relatório de um agente, nº 37 dos documentos.)

— Deve ser ele o inglês a quem Contenson serve de mulato — exclamou Carlos quando Luciano lhe apresentou a nota e lhe deu outras informações verbais.

Em três horas, esse homem, de uma atividade de general em chefe, encontrava por intermédio de Paccard um cúmplice inocente, capaz de representar o papel de um gendarme à paisana, e se disfarçara de oficial de polícia. Três vezes estivera para matar Peyrade no fiacre, mas, como fizera o protesto de nunca mais cometer um assassinato por suas mãos, prometeu a si mesmo desfazer-se dele no devido tempo, fazendo-o indigitar como milionário a alguns antigos forçados.

Peyrade e seu mentor ouviram a voz de Contenson falando com a criada da sra. du Val-Noble. Peyrade fez então sinal a Carlos para ficar na sala de entrada, como que para dizer-lhe: “Irá avaliar a minha sinceridade”.

— A senhora está de inteiro acordo — dizia Adélia. — Ela acha-se agora em casa de uma amiga, a sra. de Champy, que tem ainda por um ano um apartamento mobiliado na Rue Taitbout, e que sem dúvida lho cederá. A senhora fica lá melhor para receber o sr. Johnson, pois os móveis ainda estão muito bons, e o sr. Johnson poderá comprá-los da senhora entendendo-se com a sra. de Champy.

— Pois sim, moça. Não é mau o negócio, e no fim rachamos os lucros — disse o mulato à rapariga estupefata.

— É boa! — fez Adélia. — Vá lá uma pessoa fiar-se em pretos! Se o seu nababo é nababo a valer, pode bem comprar uns móveis para minha ama. O arrendamento acaba em abril de 1830, e o seu nababo

poderá renová-lo, se se der bem.

— Fico muito contente — disse Peyrade entrando e batendo no ombro da criada.

E fez um gesto de entendimento a Carlos, que respondeu com um gesto de anuência, compreendendo que o nababo devia sustentar a nota. Mas a cena mudou subitamente com a entrada de uma personagem contra a qual nada podiam nem Carlos nem o chefe de polícia. Apareceu de repente Corentin, que tinha achado a porta aberta, e que vinha ver de passagem como o seu velho Peyrade fazia o seu papel de nababo.

XIII – CORENTIN GANHA A SEGUNDA PARTIDA

— O chefe não me larga! — disse Peyrade ao ouvido de Corentin. — Deu comigo disfarçado de nababo.

— Faremos cair o chefe — respondeu-lhe Corentin também ao ouvido.

E, depois de cumprimentar friamente, pôs-se a examinar de esguelha o funcionário.

— Espere aqui por mim, que vou à Chefatura de Polícia — disse Carlos. — Se eu não voltar, pode prosseguir na sua fantasia.

Tendo dito estas palavras ao ouvido de Peyrade para não desmanchar a personagem aos olhos da criada, Carlos saiu, pouco desejoso de se conservar sob o olhar do recém-chegado, no qual reconheceu uma dessas naturezas louras, de olhos azuis, terríveis a frio.

— É o oficial de polícia que o chefe mandou aqui — disse Peyrade a Corentin.

— Quem? Esse homem? — respondeu Corentin. — Caíste como um patinho. Esse homem traz três baralhos de cartas nos sapatos, basta ver a posição dos pés; e um oficial de polícia não tem precisão de se disfarçar!

Corentin desceu rapidamente a escada para esclarecer as suas desconfianças; Carlos ia subindo para o fiacre.

— O senhor padre!... — gritou Corentin.

Carlos voltou a cabeça, viu Corentin e meteu-se dentro do carro. Contudo, Corentin ainda teve tempo de lhe dizer pela portinhola:

— Era o que eu queria saber. Para o Quai Malaquais! — berrou Corentin para o cocheiro, pondo uma zombaria infernal no tom e no olhar.

“Essa agora!”, disse consigo Jacques Collin. “Estou frito, eles aí vêm, é preciso ganhar-lhes em presteza, e principalmente saber o que querem conosco.”

Corentin tinha visto cinco ou seis vezes o padre Herrera, e o olhar desse homem não era coisa que se esquecesse. Reconhecera-lhe primeiro a largura dos ombros, depois as empolas do rosto, e a trapaça das três polegadas obtidas por um tácio interior.

— Ah, meu velho, que te deixaste desfrutar! — disse Corentin, vendo que já não estavam no quarto senão Peyrade e Contenson.

— Mas por quem? — exclamou Peyrade, cuja voz teve uma vibração metálica. — Prometo empregar o que me resta de vida em torturar esse tal.

— Pelo padre Carlos Herrera, provavelmente o Corentin da Espanha. Agora está tudo explicado. O espanhol é um devasso de alto bordo que quis fazer a fortuna desse rapazola cunhando moeda com o travesseiro de uma rapariga bonita... Vê lá se te queres bater com um diplomata que me parece da pele do diabo. Isso é lá contigo.

— Oh! — fez Contenson. — Foi ele quem recebeu os trezentos mil francos no dia da prisão de Ester. Ele estava no fiacre. Lembro-me bem daqueles olhos, daquela testa, daquelas marcas de bexigas.

— Que dote para a minha pobre Lúdia! — exclamou Peyrade.

— Deixa-te ficar como nababo — disse Corentin. — Para não perder de vista Ester, é preciso pô-la em ligação com Du Val-Noble, porque era ela a verdadeira amante de Luciano de Rubempré.

— Já extorquiram mais de quinhentos mil francos a Nucingen — disse Contenson.

— E ainda precisam mais quinhentos — tornou Corentin. — A propriedade de Rubempré custa um milhão. — Homem — disse ele dando uma palmada no ombro de Peyrade —, podes arranjar mais de cem mil francos para casar tua filha.

— Não digas isso, Corentin. Se o teu plano falhasse, eu não sei do que seria capaz.

— Talvez os tenhas amanhã! O padre, meu caro, é finório, é um diabo superior, devemos inclinar-nos diante dele; mas tenho-o seguro, ele é esperto e há de capitular. Faze-te tolo como um nababo, e deixa correr o marfim.

A noite desse dia em que os verdadeiros adversários se tinham encontrado cara a cara e em terreno plano, Luciano foi passá-la no palácio de Grandlieu. Havia muita gente. À vista de todos, a duquesa reteve Luciano algum tempo junto de si, mostrando-se muito amável.

— Foi viajar? — perguntou-lhe ela.

— Fui, senhora duquesa. Minha irmã, desejosa de facilitar o meu casamento, fez grandes sacrifícios, e eu consegui adquirir a propriedade de Rubempré, reconstituí-la completamente. Mas tive no meu procurador de Paris um homem hábil que soube evitar as exigências que os possuidores dos bens iam suscitar quando soubessem o nome do comprador.

— Há lá um castelo? — perguntou Clotilde muito sorridente.

— Coisa parecida com isso; mas o melhor é aproveitar-lhe os materiais para construir uma casa moderna.

Os olhos de Clotilde lançavam chamas de felicidade através de seus sorrisos de contentamento.

— Esta noite o senhor fará um *rubber* com meu pai — disse-lhe ela em voz baixa. — Daqui a uns quinze dias, espero que seja convidado para jantar.

— Então, meu caro senhor — disse o duque de Grandlieu —, ouvi dizer que o senhor adquiriu a propriedade de Rubempré. Meus parabéns. É uma resposta àqueles que lhe atribuíam dívidas. Nós outros podemos, como a França ou a Inglaterra, ter uma dívida pública; mas as pessoas sem fortuna, os principiantes não podem dar-se a esse luxo...

— Ah, senhor duque! Devo ainda quinhentos mil francos da minha propriedade.

— Pois é casar com alguma jovem que lhos traga em dote; mas dificilmente encontrará partido com essa fortuna no nosso bairro, onde as famílias dão pouco dote às filhas.

— Bem lhes basta o nome — respondeu Luciano.

— Estamos apenas três parceiros para o uíste, Maufrigneuse, D'Espard e eu — disse o duque —; quer ser o quarto? — perguntou ele a Luciano mostrando-lhe a banca de jogo.

Clotilde foi ver o pai jogar.

— Ela quer que eu imagine que é por mim — disse o duque dando palmadinhas na mão da filha, e olhando de soslaio Luciano, que se conservou muito sério.

Luciano, parceiro do sr. d'Espard, perdeu vinte luíses.

— Minha querida mãe — foi Clotilde dizer à duquesa —, ele teve o bom senso de perder.

Às onze horas, depois de algumas palavras de amor trocadas com a srta. de Grandlieu, Luciano voltou para casa e deitou-se pensando no triunfo completo que devia obter dentro de um mês, pois não duvidava que seria aceito como noivo de Clotilde, e que estaria casado antes da Quaresma de 1830.

No dia seguinte, à hora em que Luciano fumava alguns cigarros depois do almoço, em companhia de Carlos, que se achava muito preocupado, vieram anunciar-lhes o sr. de Saint-Estève (que epigrama!), que desejava falar ou com o padre Carlos Herrera ou com o sr. Luciano de Rubempré.

— Disseram lá embaixo que eu tinha partido? — perguntou o padre.

— Sim, senhor — respondeu o *groom*.

— Recebe então esse homem — disse ele a Luciano —; mas não digas nem uma palavra comprometedora, não deixes escapar um gesto

de espanto, pois é o inimigo.

— Tu me ouvirás — disse Luciano.

Carlos escondeu-se num quarto contíguo, e pela fenda da porta viu entrar Corentin, a quem só reconheceu pela voz, tal o dom de transformação que possuía esse grande homem desconhecido. Naquele momento, Corentin parecia um velho chefe de repartição do Ministério da Fazenda.

— Não tenho a honra de ser conhecido do senhor — disse Corentin —, mas...

— Desculpe-me por eu interrompê-lo, senhor — disse Luciano —, mas...

— Mas trata-se do seu casamento com a srta. de Grandlieu, que não se realizará — disse vivamente Corentin.

Luciano sentou-se e não respondeu.

— O senhor está nas mãos de um homem que tem o poder, a vontade, a facilidade de provar ao duque de Grandlieu que a propriedade de Rubempré vai ser paga com o preço que um tolo deu ao senhor de sua amante, a srta. Ester — disse Corentin continuando. — Facilmente se encontrarão as minutas dos julgamentos em virtude dos quais a srta. Ester foi processada; e há meios de fazer D'Estourny falar. Serão postas a descoberto as habilíssimas manobras empregadas contra o barão de Nucingen. Neste momento pode-se acomodar tudo. Dê-me cem mil francos e ficará em paz... Isto em nada me diz respeito. Eu sou apenas um emissário daqueles que promovem esta chantagem. Eis tudo.

Corentin poderia falar uma hora a fio, Luciano fumava o seu cigarro com um ar de perfeita indiferença.

— Não quero saber quem o senhor é — respondeu ele —, porquanto quem se encarrega de semelhantes comissões não tem nome, pelo menos para mim. Deixei-o falar à vontade, porque estou em minha casa. Mas, como o senhor não me parece tolo, escute bem o meu dilema.

Fez-se uma pausa, durante a qual Luciano opôs um olhar gélido aos olhos de gato que Corentin dirigia sobre ele.

— Ou o senhor se baseia em fatos inteiramente falsos, que nenhum

cuidado me devem dar — prosseguiu Luciano —, ou tem razão; e, neste caso, dando-lhe cem mil francos, deixo-lhe o direito de tornar a pedir tantos cem mil francos quantos De Saint-Estève, o seu mandatário, possa encontrar para me enviar... Enfim, para acabar de vez com a sua estimável negociação, fique sabendo que eu, Luciano de Rubempré, não tenho medo de ninguém, uma vez que nada tenho com as patifarias de que me fala. Se a família de Grandlieu se mostrar exigente, tenho muito por onde escolher. Finalmente, para mim não é vergonha nenhuma ficar solteiro, principalmente fazendo, como o senhor diz, o tráfico das brancas com tamanhos lucros.

— Se o sr. padre Carlos Herrera...

— O sr. padre Carlos Herrera — disse Luciano interrompendo Corentin — vai neste momento a caminho de Espanha; ele nada tem que ver com o meu casamento nem com os meus interesses. Herrera é um estadista que teve a bondade de me ajudar durante muito tempo com os seus conselhos, mas que tem contas a dar a sua majestade o rei de Espanha. Se o senhor tem necessidade de conversar com ele, queira tomar o caminho de Madri.

— O sr. de Rubempré — disse terminantemente Corentin — nunca será marido de Clotilde de Grandlieu.

— Pior para ela — respondeu Luciano, empurrando com impaciência Corentin para a porta.

— Refletiu bem? — disse Corentin friamente.

— Meu caro senhor, eu não lhe reconheço nem o direito de se meter nos meus negócios nem o de me fazer perder um cigarro — disse Luciano, deitando fora o cigarro apagado.

— Então, adeus — disse Corentin. — Não nos tornaremos a ver... Mas certamente haverá na sua vida um momento em que o senhor daria metade da sua fortuna para ter tido a ideia de me chamar na escada.

Em resposta a esta ameaça, Carlos fez o gesto de quem corta uma cabeça.

— Agora, mãos à obra! — disse ele com os olhos em Luciano, que se pusera lívido ao cabo daquela terrível conferência.

Se, no restrito número dos leitores que se ocupam da parte moral e filosófica de um livro, houvesse um só capaz de acreditar na satisfação do barão de Nucingen, esse leitor provaria quanto é difícil submeter o coração duma cortesã a quaisquer máximas fisiológicas. Ester tinha resolvido fazer pagar caro ao pobre milionário o que ele chamava o seu dia de triunfo. Assim, em princípios de fevereiro de 1830, ainda não havia sido estreado o palacete.

— Mas — disse Ester confidencialmente às amigas para o irem repetir ao barão — no Carnaval abro o meu estabelecimento e quero tornar o meu homem feliz como *um galo... no gesso*.^[212]

A expressão jocosa correu mundo, mormente entre as loureiras. O barão queixava-se muito diante dos íntimos, porque, como certas pessoas casadas, ia-se tornando ridículo, e o seu descontentamento transpirava. Ester, entretanto, continuava conscienciosamente a fazer o seu papel de Pompadour^[213] do príncipe da especulação. Já tinha dado dois ou três pequenos saraus, unicamente para introduzir Luciano na sua habitação. Lousteau, Rastignac, Du Tillet, Bixiou, Nathan, o conde de Brambourg, a fina flor dos estroinas tornaram-se os frequentadores da casa. Enfim, para atrizes na peça que estava representando, Ester aceitou Túlia, Florentina, Fanny-Beaupré, Florina, duas atrizes e duas bailarinas, e depois a sra. du Val-Noble. Nada mais triste que uma casa de cortesã sem o sal da rivalidade, o jogo das *toilettes* e a diversidade das fisionomias. Em seis semanas, Ester tornou-se a mulher mais espirituosa, mais divertida, mais bela e mais elegante desses párias femininos que compõem a classe das mulheres manteúdas. Colocada no seu verdadeiro pedestal, saboreava todos os gozos de vaidade que seduzem as mulheres ordinárias, mas como mulher a quem um pensamento secreto colocava acima da sua casta. Guardava em seu coração uma imagem de si própria que a um tempo a fazia corar e que lhe era motivo de glória: a hora da sua abdicação estava sempre presente à sua consciência; de modo que ela vivia duas existências, comiserando-se de uma delas. Os seus sarcasmos se ressentiam da disposição íntima em que a mantinha o profundo desprezo que o anjo de amor, contido na cortesã, votava a esse papel infame e odioso,

representado pelo corpo em presença da alma. Simultaneamente espectador e ator, juiz e paciente, ela realizava a admirável ficção dos contos árabes, em que se encontra quase sempre um ente sublime escondido num invólucro degradado, e cujo tipo se acha, sob o nome de Nabucodonosor,^[214] no livro dos livros, a Bíblia. Tendo concedido a si própria a vida até o dia seguinte ao da infidelidade, a vítima bem podia divertir-se um pouco com o algoz. De resto, as luzes adquiridas por Ester sobre os meios secretamente vergonhosos a que o barão devia sua fortuna colossal tiraram-lhe todo o escrúpulo; e ela se comprazia em representar o papel da deusa Ate,^[215] a vingança, segundo a palavra de Carlos. Assim, ora se fazia encantadora, ora detestável para aquele milionário que só por ela vivia. Quando o barão chegava a tal grau de sofrimento que desejava largar Ester, ela o atraía de novo com uma cena de ternura.

Herrera, ostensivamente a caminho da Espanha, tinha ido até Tours. Fizera sua carruagem continuar o caminho até Bordeaux, deixando um criado dentro, encarregado de fazer o papel do amo e de esperá-lo num hotel de Bordeaux. Depois, voltando de diligência, disfarçado em caixeiro-viajante, instalara-se secretamente em casa de Ester, donde, por intermédio de Ásia, de Europa e de Paccard, dirigia com cuidado suas maquinações, vigiando tudo e particularmente Peyrade.

Uns quinze dias antes do escolhido para dar sua festa, e que devia ser o dia seguinte ao do primeiro baile da Ópera, a cortesã, que começava a ser temida em razão da fereza de suas facécias, achava-se nos Italiens,^[216] ao fundo do camarote que o barão, forçado a dar-lhe um camarote, obtivera para ela ao nível da plateia, para ocultar sua amante e não se mostrar em público com ela, a poucos passos da sra. de Nucingen. Ester tinha escolhido seu camarote de modo que pudesse ver o da sra. de Sérisy, a quem Luciano quase sempre acompanhava. A pobre cortesã punha a sua felicidade em ver Luciano às terças, quintas e sábados, junto da sra. de Sérisy. Ester viu então, por volta das nove e meia, Luciano entrar no camarote da condessa com aspecto preocupado, pálido, quase decomposto. Esses sinais de desolação interior só Ester os podia ver. O conhecimento do semblante de um homem é, para a mulher que o ama, como o do mar largo para um

marinheiro.

“Meu Deus! Que terá ele? Que lhe teria acontecido? Terá necessidade de falar àquele anjo infernal, que para ele é um anjo da guarda, e que vive escondido numa trapeira, entre a de Europa e a de Ásia?” Absorvida por pensamentos tão cruéis, Ester mal ouvia a música e muito menos o barão, que tinha uma das mãos de seu “anjo” entre as dele, falando-lhe na sua algaravia de judeu polaco.

— *Ester* — disse ele largando-lhe a mão e repelindo-a com um ligeiro movimento de mau humor —, *você non me escuta*.

— Ouça, barão, o senhor estropia o amor da mesma forma que estropia o francês.

— *Raios!*

— Não estou no meu *boudoir*, estou nos Italiens. Se o senhor não fosse um dos cofres fabricados por Huret ou por Fichet;^[217] e transformados em homem por um esforço da natureza, não faria tanto barulho no camarote de uma mulher que gosta de música. Já se vê que não o escuto! O senhor está aí a dar puxões no meu vestido como um besouro andando sobre um pedaço de papel, e me faz rir de pena. Diz-me que estou bonita, que lhe dá vontade de me roer... Velho fátuo! E se eu lhe respondesse que me desagrada hoje menos que ontem, e que vamos para casa? Pois da maneira que o vejo suspirar, porque não o escuto, mas sinto-o, percebo que jantou demais e está começando a fazer a digestão. Se quer um conselho, e não é favor nenhum pelo dinheiro que gasta comigo, olhe que não é indiferente, quando se tem digestões confusas como as tem o senhor, dizer à amante, a horas inconvenientes, que é bonita... Já um velho soldado morreu dessa fatuidade *nos braços da religião*, disse Blondet... São dez horas, o senhor jantou às nove em casa de Du Tillet com aquele pato que é o conde de Brambourg, tem milhões e trufas para digerir, apareça amanhã às dez horas!

— *Como está cruel!* — exclamou o barão, reconhecendo a profunda razão daquele argumento médico.

— Cruel? — disse Ester, sempre com os olhos em Luciano. — Pois não consultou Bianchon, Desplein, o velho Haudry?...^[218] Desde que o senhor entrevê a aurora da sua felicidade, sabe o que me lembra?

— *Que é?*

— Lembra-me um velhinho todo embrulhado em flanela, que de hora em hora se levanta da sua poltrona para ir à janela para ver se o termômetro está na temperatura dos bichos-da-seda, que é a que o seu médico lhe recomenda...

— *Você é uma ingrata!* — exclamou o barão, desesperado de ouvir uma música que os velhos apaixonados contudo ouvem muitíssimas vezes nos Italiens.

— Ingrata! — disse Ester. — E que me tem dado o senhor até hoje?... Muita maçada. Ora, veja, meu papá, se tenho razões para me orgulhar do senhor. O senhor é que anda todo ufano comigo, porque eu honro-lhe os galões e a libré. Pagou as minhas dívidas, não digo que não. Mas com os milhões que o senhor tem empalmado aos patos... (escusa de fazer caretas, porque já o confessou a mim...) não é admiração nenhuma. Esse é o seu mais belo título de glória. Cortesã e ladrão são entidades homogêneas. O senhor construiu uma gaiola magnífica para um papagaio que lhe caiu em graça... Ora, vá perguntar a uma arara do Brasil se deve gratidão àquele que a meteu numa gaiola dourada... Não olhe para mim com esses olhos, que me parece um bonzo... O senhor mostra a sua arara vermelha e branca a toda a capital, desafia todo o mundo a que tenha outra igual, tão bem-falante... Du Tillet entra e diz-lhe: “Bons dias, meu maganão”. Mas o senhor é feliz como um holandês que possui uma tulipa única, como um antigo nababo, pensionato na Ásia pela Inglaterra, a quem um caixeiro-viajante vendeu a primeira caixa de rapé suíça que toca três músicas. Quer o meu coração? Pois vou ensinar-lhe o meio de o conquistar...

— *Tica, tica! Tuto farei por você. Costo te ouvir você zompar te mi.*

— Faça-se moço, faça-se belo, faça-se como Luciano de Rubempré, que ali está no camarote de sua mulher, e terá de graça o que nunca será capaz de obter com todos os seus milhões!...

— *Vou-me empor, pois realmente você esta noite está insuportável* — disse o argentário, com uma cara de palmo e meio.

— Pois adeus — respondeu Ester. — Recomende a Jorge que lhe ponha a cabeceira bem alta e o corpo bem inclinado, porque esta noite a sua cara é de apoplexia... Não será capaz de dizer, meu caro, que não

me interesse pela sua saúde.

O barão estava em pé, com a mão na maçaneta da porta.

— Aqui, Nucingen!... — disse Ester, chamando-o com um gesto sobranceiro.

O barão inclinou-se para ela com um servilismo canino.

— Quer ver-me toda amável com o senhor e dar-lhe esta noite lá em casa copos de água com açúcar, seu monstrengo?...

— *Você me tilacera o coração...*

— Nem eu tenho outra coisa que fazer. Traze-me cá Luciano; quero convidá-lo para o nosso festim de Baltasar^[219] e ter a certeza de que não faltará. Se levores a bom termo essa negociaçãozinha, dir-te-ei com tanta habilidade que te amo que chegarás a acreditar-me.

— *Feiticeira* — disse o barão, beijando a luva de Ester. — *Non me importava te lhe ouvir inchúrias turante uma hora, se no fim viesse sempre uma carícia...*

— Vai! Se não obedeceres, eu... — disse ela ameaçando o barão com o dedo, como se faz às crianças.

O barão abanou a cabeça como um pássaro apanhado na esparrela, implorando misericórdia ao caçador.

“Meu Deus, que terá Luciano?”, pensou ela ao ficar só e já não podendo recalcar as lágrimas. “Nunca o vi tão triste!”

XV – TUDO O QUE SE PODE SOFRER NA SOLEIRA DE UMA PORTA

Eis o que nessa mesma noite sucedera a Luciano. Às nove horas saía ele, como todas as noites, no seu cupê, para ir ao palácio de Grandlieu. Reservando o seu cavalo de sela e o seu cavalo de cabriolé para durante o dia, como fazem todos os rapazes, tinha tomado um cupê para as noites de inverno, havendo escolhido na melhor cocheira de aluguel um dos mais esplêndidos, com cavalos magníficos. Tudo lhe sorria havia um mês: tinha jantado três vezes no palácio de Grandlieu, o duque mostrava-se muito amável com ele; suas ações na empresa dos ônibus, vendidas por trezentos mil francos, tinham-lhe permitido pagar mais um terço do preço da sua propriedade; Clotilde de Grandlieu, que fazia umas *toilettes* deliciosas, aparecia-lhe com a cara abarrotada de carmim quando ele entrava na sala, e confessava-se em alto e bom som

apaixonada por ele. Algumas pessoas de elevada posição falavam do casamento de Luciano com a srta. de Grandlieu como de uma coisa provável. O duque de Chaulieu, antigo embaixador na Espanha e, durante um curto espaço de tempo, ministro dos Negócios Estrangeiros, havia prometido à duquesa de Grandlieu pedir ao rei o título de marquês para Luciano. Depois de jantar com a condessa de Sérisy, Luciano fora pois, naquela noite, da Rue de la Chaussée d'Antin ao Faubourg Saint-Germain fazer a sua visita de todos os dias. Chega, o cocheiro se anuncia, abre-se o portão, e o carro para ao fundo da escadaria. Apeando-se, Luciano vê no pátio quatro carruagens. Vendo o sr. de Rubempré, um dos criados, que abria e fechava a porta do peristilo, se adianta, vem à escadaria e se põe diante da porta, como um soldado de sentinela.

— Sua Senhoria não está em casa! — diz ele.

— Mas a senhora duquesa recebe — faz observar Luciano ao criado.

— A senhora duquesa saiu — responde gravemente o criado.

— A srta. Clotilde...

— Não me parece que a senhorita receba o senhor na ausência da senhora duquesa...

— Mas há visitas — volve Luciano, fulminado.

— Não sei — responde o criado, procurando fazer-se, ao mesmo tempo, parvo e respeitoso.

Mas não há nada mais terrível que a etiqueta para aqueles que a admitem como a lei mais formidável da sociedade. Luciano adivinhou facilmente o sentido daquela cena atroz para ele: o duque e a duquesa não queriam recebê-lo. Sentiu gelar-se-lhe a medula nos ossos e um suor frio gotejar-lhe na fronte.

Aquele colóquio se realizara diante do seu próprio criado de quarto, que estava com a mão na portinhola, hesitando em fechá-la. Luciano fez-lhe sinal de que ia tornar a partir; mas, ao entrar para a carruagem, ouviu o ruído de pessoas descendo a escadaria, e o criado veio sucessivamente chamar:

— A carruagem do sr. duque de Chaulieu! A carruagem da sra. viscondessa de Grandlieu!

Luciano apenas disse ao criado:

— Para os Italiens, depressa! — Apesar da sua presteza, o pobre dândi não pôde evitar o duque de Chaulieu e seu filho, o duque de Rhétoré, a quem teve de cumprimentar, e que não lhe disseram uma palavra.

Uma grande catástrofe na Corte, a queda de um favorito temível muitas vezes se consuma à porta de um gabinete, com duas palavras dum contínuo impassível.

“Como comunicar imediatamente este desastre ao meu conselheiro?”, cismava Luciano. “Que terá acontecido?” E perdia-se em conjecturas.

Eis o que acabava de verificar-se. Nesse mesmo dia, às onze horas da manhã, o duque de Grandlieu, entrando na sala onde a família almoçava, disse a Clotilde, depois de beijá-la:

— Minha filha, até nova ordem, não penses mais no sr. de Rubempré.

Tomou depois a duquesa pela mão e levou-a para o vão de uma janela, onde lhe disse em voz baixa umas palavras que fizeram mudar de cor a pobre Clotilde; porque a mãe, a quem ela observava, mostrou no rosto uma viva surpresa.

— João — disse o duque a um criado —, vá levar este bilhete ao sr. duque de Chaulieu, e peça-lhe que responda se sim ou não.

Depois, voltando-se para sua esposa:

— Convido-o a vir jantar hoje conosco.

O almoço decorrera profundamente triste. A duquesa parecia pensativa, o duque parecia zangado consigo mesmo, e Clotilde mal conseguia represar as lágrimas.

— Minha filha, teu pai tem razão, obedece-lhe — disse ela à filha com voz enternecida. — Não te posso dizer, como ele, que não penses em Luciano. Compreendo a tua dor. — Clotilde beijou a mão da mãe. — Mas digo-te que esperes tranquilamente, que sofras em silêncio, uma vez que o amas, e que confies na solicitude de teus pais. As grandes damas, minha filha, são grandes por saber sempre cumprir o seu dever em todas as circunstâncias e com nobreza.

— De que se trata? — perguntou Clotilde, pálida como um lírio.

— De coisas muito graves para vires a sabê-las, minha flor —

respondeu a duquesa —, porque, sendo falsas, teu espírito ficaria inutilmente maculado, e, se forem verdadeiras, melhor é que as ignores.

Às seis horas, o duque de Chaulieu procurou no seu gabinete o duque de Grandlieu, que já o esperava.

— Ouve, Henrique... — Os dois duques tuteavam-se e chamavam-se pelos seus nomes. É um desses cambiantes inventados para denotar os graus de intimidade, repelir as usurpações da familiaridade francesa e humilhar as vaidades. — Ouve, Henrique. Vejo-me num embaraço tão grande que não posso aconselhar-me senão com um velho amigo que conheça bem o mundo como tu. A minha Clotilde, como sabes, ama aquele Rubempré, e quase me obrigaram a prometer-lho para marido. Eu fui sempre contrário a esse casamento; mas enfim a duquesa não soube defender-se do amor de Clotilde. Da minha parte, acabaram as objeções quando o rapaz comprou sua propriedade e pagou três quartos do preço. Mas eis que ontem à noite recebi uma carta anônima (sabes a pouca importância que se deve dar a tais cartas) na qual me afirmam que a fortuna do rapaz tem uma origem impura, e que ele nos mente quando diz que é a irmã que lhe dá os fundos necessários para essas aquisições. Intimam-me, em nome da felicidade de minha filha e da consideração da nossa família, a tirar informações, e indicam-me os meios de as tirar. Mas primeiro lê tu.

— Eu sou da tua opinião sobre as cartas anônimas, meu caro Fernando — havia dito o duque de Chaulieu depois de ler a carta —; mas, embora desprezando-as, não é mau a gente servir-se delas. Faz-se com elas o mesmo que se faz com os espões. Fecha a porta ao rapaz e vamos colher os elementos indicados. Eu sei o que te convém. Tu tens como procurador Derville, homem em quem depositamos toda a confiança; ele, que possui já os segredos de tantas famílias, pode muito bem carregar com mais este. É um homem probo, ponderado, frio, manhoso; mas tem apenas a finura dos negócios, não te debes servir dele senão para obter um testemunho em que deposites confiança. Nós temos no Ministério dos Negócios Estrangeiros, por intermédio da Polícia do Reino, um homem como não existe outro para descobrir segredos de Estado, e que muitas vezes mandamos em comissão.

Previne a Derville que vai ter neste negócio um imediato. O nosso espião é *um cavaleiro* que há de apresentar-se condecorado com a cruz da Legião de Honra, terá ares de diplomata. Esse tal será o caçador; Derville apenas assistirá à caçada. O teu procurador te dirá se a montanha dá à luz simplesmente um rato ou se deves romper com Rubempré. Dentro de oito dias fica sabendo a resolução definitiva que deverás tomar.

— O rapaz ainda não é tão marquês que se formalize por me não encontrar em casa durante oito dias — dissera o duque de Grandlieu.

— Principalmente se lhe deres a filha em casamento — havia respondido o antigo ministro. — Se a carta anônima fala a verdade, que te importa isso? Podes mandar Clotilde viajar com a minha nora Madalena,^[220] que deseja ir à Itália.

— Tiras-me de um grande embaraço — dissera o duque de Grandlieu —, mas ainda não sei se te deva agradecer.

— Aguardemos os acontecimentos.

— Ah! É verdade — havia exclamado o duque de Grandlieu —; como se chama o tal homem? Tenho de anunciá-lo a Derville. Envia-mo aqui amanhã às quatro horas; mando chamar o procurador, e apresento-os um ao outro.

— O nome verdadeiro — dissera o antigo ministro — é, creio eu, Corentin (um nome que farás de conta nunca ter ouvido), mas ele há de apresentar-se aqui enfeitado com o seu nome ministerial. Faz-se chamar sr. de Saint-Qualquer Coisa... Ah! Saint-Yves! Sainte-Valère, um ou outro. Podes confiar nele. Luís XVIII tinha-lhe absoluta confiança.

Em seguida a esta conferência, o mordomo recebeu ordem para fechar a porta ao sr. de Rubempré, e era o que acabava de ser executado.

XVI – A CENA ESTÁ NOS CAMAROTES

Luciano passeava no *foyer* dos Italiens, cambaleando como um ébrio. Via-se já a fábula de toda Paris. Tinha no duque de Rhétoré um desses inimigos implacáveis e a quem é forçoso sorrir sem poder tirar dele nenhuma vingança, porque os seus golpes são previstos e permitidos pelo código do mundo elegante. O duque de Rhétoré sabia da cena que acabava de se passar na escadaria do palácio de Grandlieu. Luciano, que

sentia a necessidade de informar daquele súbito desastre o seu atual conselheiro privado íntimo, receava comprometer-se indo à casa de Ester, onde poderia encontrar gente de fora. Não se lembrava de que Ester estava ali, tal era a confusão das suas ideias; e, em meio de tantas perplexidades, teve de conversar com Rastignac, que, ignorando ainda os acontecimentos, o felicitava pelo seu próximo casamento. Nesse instante, apareceu a Luciano o barão de Nucingen, todo risonho, e disse-lhe:

— *Quer tar-me o custo de vir ao camarote da ziniora de Champy, que tesecha convidá-lo pessoalmente para a estreia da nossa casa?*

— Será um prazer, barão — respondeu Luciano, a quem o financista apareceu como um anjo salvador.

— Deixe-nos sós — disse Ester ao sr. de Nucingen, vendo-o entrar com Luciano. — Vá ver a sra. du Val-Noble, a quem estou avistando daqui num camarote de terceira ordem com o seu nababo... A Índia é prolífica em nababos — acrescentou ela, olhando intencionalmente para Luciano.

— E aquele — disse Luciano sorrindo — parece-se imenso com o teu.

— E traga-a cá com o nababo — disse Ester fazendo a Luciano novo sinal, ao mesmo tempo que continuava a falar com o barão. — Ele tem muita vontade de conhecê-lo, e dizem que é riquíssimo. A pobre mulher já se tem queixado comigo de que o nababo é sovina; se o senhor o despojasse do seu lastro, talvez ele se tornasse mais lesto.

— *Então a ziniora chulca que zomos uns ladrans?* — disse o barão.

— Que tens tu, meu Luciano? — disse ela ao ouvido de seu amigo, roçando-lhe a orelha com os lábios mal a porta do camarote se fechara.

— Estou perdido! Acabam de vedar-me a entrada no palácio de Grandlieu, a pretexto de que não estava lá ninguém; e estavam lá o duque e a duquesa, e cinco carruagens estacionavam no pátio...

— Como! Ter-se-ia malogrado o casamento? — disse Ester com voz trêmula de emoção, porque entrevia o paraíso.

— Ainda estou para saber o que se trama contra mim.

— Para que te afliges, meu Luciano? — respondeu-lhe ela com uma voz adoravelmente meiga. — Mais tarde farás um casamento melhor...

Eu te arranjaréi duas propriedades em vez de uma...

— Dá uma ceia esta noite, para eu poder falar secretamente com Carlos, e sobretudo não te esqueças de convidar a Du Val-Noble com o falso inglês. Esse nababo é que causou a minha ruína, ele é nosso inimigo. Assim, apanhamo-lo às mãos, e... — Mas parou, fazendo um gesto de desespero.

— Que é? — perguntou a pobre rapariga, sentindo-se como que num braseiro.

— Oh! É a sra. de Sérisy que me está vendo! — disse Luciano. — E, para cúmulo de desgraça, está com ela o duque de Rhétoré, uma das testemunhas da minha desdita.

Com efeito, neste mesmo instante, o duque de Rhétoré estava brincando com a dor da condessa de Sérisy.

— Então a senhora deixa Luciano mostrar-se no camarote da srta. Ester? — dizia o jovem duque apontando para o camarote e para Luciano. — A senhora condessa, visto que se interessa por ele, devia preveni-lo de que não se faz semelhante coisa. Pode-se cear em casa daquela mulher, pode-se até... mas, na verdade, já não me admira a frieza dos Grandlieu com aquele rapaz; acabo de ver negada a entrada para ele à porta daquela família.

— Essas mulheres são bem perigosas — disse a sra. de Sérisy, que tinha o seu binóculo assestado para o camarote de Ester.

— Perigosas pelo que podem e perigosas pelo que querem — disse o duque.

— E hão de arruiná-lo — acrescentou a sra. de Sérisy —, pois, segundo me disseram, ficam tão caras quando não se fazem pagar como quando se fazem pagar.

— Não para ele! — respondeu o jovem duque, simulando espanto. — Longe de lhe custarem dinheiro, até lho davam se fosse necessário, pois são doidas por ele.

A condessa teve em redor da boca um movimentozinho nervoso que não podia ser compreendido na categoria dos seus sorrisos.

— Então — disse Ester — vem cear à meia-noite. Leva Blondet e Rastignac. Que haja ao menos duas pessoas divertidas, e que não sejamos mais de nove.

— Seria bom arranjar meio de mandar chamar Europa pelo barão, a pretexto de prevenir a cozinheira, e tu lhe dirias o que me aconteceu, para que Carlos fique informado antes de ter o nababo sob o seu poder.

— Isso se fará — disse Ester.

Assim, pois, Peyrade ia estar, sem o saber, debaixo das mesmas telhas que o seu adversário. O tigre entrava no covil do leão e de um leão acompanhado dos seus guardas.

Voltando Luciano ao camarote da sra. de Sérisy, ela, em vez de voltar a cabeça para ele, de lhe sorrir e de desviar o vestido para lhe dar lugar junto de si, fingiu não dar a mínima atenção àquele que entrava, e continuou a binocular a plateia; mas Luciano compreendeu, pela tremura do binóculo, que a condessa se achava tomada de uma dessas formidáveis agitações pelas quais se expiam as venturas ilícitas. Nem por isso ele deixou de avançar para a frente do camarote e de sentar-se no canto oposto ao dela, deixando entre ambos um pequeno espaço livre; encostou o cotovelo ao peitoril e fincou o queixo na mão enluvada; depois colocou-se de três quartos, aguardando alguma palavra.

No meio do ato, a condessa ainda não lhe havia dito nada nem sequer olhara para ele.

— Eu não sei — disse-lhe ela — para que está o senhor aqui; o seu lugar é no camarote da srta. Ester.

— Para lá vou eu — disse Luciano, saindo sem olhar para a condessa.

— Oh, minha querida! — disse a sra. du Val-Noble, entrando no camarote de Ester com Peyrade, que o barão de Nucingen não reconheceu. — Estou encantada por este ensejo de te apresentar o sr. Samuel Johnson, um grande admirador dos talentos do sr. de Nucingen.

— Será verdade? — disse Ester a Peyrade, sorrindo.

— *Yes, muito verdada* — disse Peyrade.

— Ora, aqui tem o barão um francês que se parece tanto com o seu como um ovo com um espeto. Vou-me divertir a ouvi-los tratar de finanças... Sabe o senhor nababo o que eu exijo do senhor para travar conhecimento com o meu barão? — perguntou ela, sorrindo.

— *Oh! Muito obrigada, por me trevar conhecimento com o senhor berão.*

— Pois sim — tornou ela. — Mas vai dar-me o prazer de cear

comigo... Não há nada como o lacre das garrafas para ligar os homens uns aos outros; é bom para selar todos os negócios e principalmente aqueles que nos absorvem. Apareça esta noite, que tem boa companhia. E tu, meu Frederiquinho — disse ela ao ouvido do barão —, vai à Rue Saint-Georges no fiacre e traze-me Europa, pois tenho umas recomendações a fazer-lhe para a ceia... Convidei Luciano, que leva consigo dois rapazes de espírito. Havemos de rir-nos do inglês — disse ela ao ouvido da sra. du Val-Noble.

Peyrade e o barão deixaram-nas sós.

XVII – OS DESGOSTOS DO PRAZER

— Ah, querida! Se conseguires desfrutar esse tipo, proclamo-te fina como um azougue — disse a sra. du Val-Noble.

— Em caso de necessidade, podias emprestar-mo por uns oito dias — respondeu Ester, rindo.

— Não o aturavas meio-dia — replicou a sra. du Val-Noble. — Eu como o pão que o diabo amassou. Nunca mais me torno a encarregar de fazer a felicidade de nenhum inglês... São todos uns egoístas frios, uns porcos vestidos de gente...

— Como? Nem sequer consideração? — disse Ester sorrindo.

— Qual, filha! Esse monstro nem uma só vez ainda me tratou por tu.

— Em nenhuma situação?

— O miserável trata-me sempre por “minha senhora”, e guarda o maior sangue-frio do mundo, ainda quando todos os homens são mais ou menos amáveis. Para ele o amor, Deus me perdoe, é pouco mais ou menos o mesmo que fazer a barba. Ele enxuga a navalha, guarda-a no estojo, mira-se no espelho e parece que diz consigo: “Não me cortei”. Depois, trata-me com um respeito que é mesmo para fazer uma mulher perder a cabeça. Imagina que este infame *coronel* se diverte a esconder Teodoro, coitado, e a fazê-lo estar de pé no meu toucador horas a fio. Não pensa senão em me contrariar. É sovina como Gigonnet multiplicado por Gobseck. Quando me leva a jantar fora, não paga a carruagem que me vai deixar em casa, se por acaso eu não peço a minha.

— E quanto te dá ele por esse serviço? — indagou Ester.

— Uma miséria, filha! Quinhentos francos por mês a seco e carruagem. Mas que carruagem! Dessas que os tendeiros alugam no dia do casamento para irem à pretoria, à igreja e ao Cadran Bleu.^[221] Mói-me a paciência com o respeito. Se quero mostrar-me nervosa e indisposta, ele não se zanga e me diz: *“Eu querer que milady faça sua vontade, porque no haver nada mais detestable do que dizer a uma bonita senhora que no passar de uma farda de algodão, de uma mercádoria!... Oh! A senhora estar com um membra da societi de temperença, e de antiescravatura!...”*. E o maroto fica pálido, seco, frio, fazendo-me assim compreender que me respeita como quem respeita um preto, e que não é pelo coração, mas por causa das suas opiniões de abolicionista.

— Não se pode ser mais infame — disse Ester —; mas, se fosse comigo, eu arruinava-o.

— Arruiná-lo? — disse a sra. du Val-Noble. Mas para isso era preciso que ele me amasse!... Nem tu eras capaz de te atrever a pedir-lhe o valor da cabeça de um alfinete. Ele te escutava com a maior gravidade e te diria com esse formalismo britânico, que faz achar amáveis as garras, que já não era pouco o que te dava para o pouco-caso que fazia do amor na sua pobre existência.

— E dizer-se que a gente encontra homens assim na nossa posição! — exclamou Ester.

— Tu é que tiveste sorte, filha! Trata bem o teu Nucingen.

— Mas e o teu nababo tem alguma ideia?

— Já Adélia me disse o mesmo — respondeu a sra. du Val-Noble.

— Olha que esse homem deliberou provocar o ódio de uma mulher, e quer que o despeçam de quando em quando — disse Ester.

— Ou quererá fazer negócio com Nucingen, e por isso me tomaria por conta, sabendo que estávamos relacionadas. É a opinião de Adélia — disse a sra. du Val-Noble. — Por isso to apresentei esta noite. Ah! Se eu tivesse certeza dos projetos dele, como me entenderia maravilhosamente contigo e com Nucingen!

— Tu não te arrebatas — indagou Ester —, não lhe falas às claras de vez em quando?

— Tu, que és fina, eras capaz de experimentar. Pois, apesar dos teus lindos modos, ele te esmagava com os seus sorrisos de gelo e te

responderia: “*Eu ser antiescraviste, a senhora ser livre...*”. Podias dizer-lhe as coisas mais extravagantes, que ele te respondia, com os olhos em ti: “*Very good*”, e acabarias por compreender que não passavas de um polichinelo aos olhos dele.

— E com maus modos?

— Dá na mesma. Isso para ele seria um espetáculo. Podem-lhe abrir o peito, do lado esquerdo, que lhe não fazem mal algum; as vísceras dele são de lata, forçosamente. Eu já lho disse, e ele me respondeu: “*Mim dar-se muito bem com essa física disposich...*”. É sempre delicado. Aquele diabo traz luvas na alma... Ainda continuo uns dias a sofrer este martírio para satisfazer a minha curiosidade. Senão já o tinha mandado esbofetear por Felipe, que na espada não tem rival.

— É o que eu te ia dizer, mas antes devias averiguar se ele luta boxe, porque esses ingleses velhos, filha, são uns velhacos matreiros.

— Ah! Como este não há outro!... Se tu o ouvisses pedir minhas ordens, perguntar a que horas pode apresentar-se, para vir apanhar-me de surpresa (já se vê!), e tudo com as fórmulas de respeito dos chamados *gentlemen*, havias de dizer que sou uma mulher adorada. E todas diriam o mesmo.

— E há quem nos inveje — disse Ester.

— Ora — disse a sra. du Val-Noble —, nós todas temos mais ou menos aprendido à nossa custa o pouco-caso que de nós se faz; fica certa, menina, que nunca fui tão cruelmente, nem tão profundamente, nem tão completamente desprezada pela brutalidade como o estou sendo pelo respeito deste odre de vinho do Porto. Quando está bêbado, vai-se embora para não ser desagradável, diz ele a Adélia, e para não andar entre duas potências, a mulher e o vinho. Abusa da minha carruagem, serve-se mais dela que eu. Ah! Se nós esta noite pudéssemos pô-lo completamente borracho... Mas qual! Ele bebe dez garrafas e fica apenas tocado: tem os olhos um pouco turvos e enxerga perfeitamente.

— É como essa gente que tem as janelas sujas por dentro — disse Ester — mas vê tudo quanto se passa na rua... Eu conheço essa propriedade de certos homens: Du Tillet tem-na em grau superlativo.

— Vê se convidas Du Tillet; e, se ele com Nucingen pudesse levá-lo no embrulho das suas combinações, eu ao menos ficaria vingada,

vendo-o reduzido à miséria. Ai, querida, cair nas unhas de um protestante hipócrita depois daquele pobre Falleix, que era tão divertido, tão bom rapaz, tão pândego! O que nós ríamos!... E ainda há quem diga que os corretores de fundos são estúpidos! Pois aquele só uma vez mostrou falta de finura...

— Foi quando te deixou sem vintém, para conheceres o reverso da medalha.

Europa, trazida pelo sr. de Nucingen, introduziu a cabeça viperina pela porta, e, depois de ouvir umas frases que a ama lhe disse ao ouvido, desapareceu.

XVIII – AS COBRAS SE ENTRELAÇAM

Às onze e meia da noite, havia cinco carros parados à porta da ilustre cortesã, na Rue Saint-Georges: eram o de Luciano, que viera com Rastignac, Blondet e Bixiou, o de Du Tillet, o do barão de Nucingen, o do nababo e o de Florina, convidada por Du Tillet. As janelas hermeticamente fechadas estavam encobertas pelas pregas de magníficos cortinados da China. A ceia devia ser à uma hora; as velas ardiam, a sala de visitas e a sala de jantar pompeavam na sua suntuosidade. A perspectiva era de uma dessas noites de orgia a que somente aquelas três mulheres e aqueles homens podiam resistir. Primeiro jogou-se porque havia quase duas horas de espera.

— Joga, milorde? — perguntou Du Tillet a Peyrade.

— *Oh! Eu ter jogado com O'Connell, com Pitt, com Fox, com Canning, com Lord Brougham, com Lord...*

— É melhor dizer com uma infinidade de lordes — observou-lhe Bixiou.

— *Com Lord Fitz-William, com Lord Ellenborough, com Lord Hertford.*

Bixiou pôs os olhos nos sapatos de Peyrade e abaixou-se.

— Procuras alguma coisa? — disse-lhe Blondet.

— Procura, sim. Procura a mola com que fará travar aquela máquina — disse Florina.

— Joga a vinte francos o tento? — perguntou Luciano.

— *Eu jogar tudo quanto você quisere perder...*

— Que espertalhão! — disse Ester a Luciano. — Todos o tomam por

inglês!...

Du Tillet, Nucingen, Peyrade e Rastignac sentaram-se a uma banca de uíste. Florina, a sra. du Val-Noble, Ester, Blondet e Bixiou ficaram em redor do fogo conversando. Luciano passou o tempo a folhear um esplêndido livro de gravuras.

— A ceia está servida — veio dizer Paccard, vestido com magnífica libré.

Peyrade foi colocado à esquerda de Florina, tendo ao outro lado Bixiou, a quem Ester havia recomendado que fizesse o nababo beber em excesso desafiando-o, pois Bixiou tinha a propriedade de beber indefinidamente. Nunca em sua vida Peyrade vira tamanho esplendor nem saboreara uma tal cozinha, nem vira mulheres tão lindas.

“Dou por bem empregados com esta noite os três mil francos em que já me fica Du Val-Noble”, pensou ele. “Aliás, acabo de ganhar mil ao jogo.”

— Eis aí um exemplo a seguir — disse-lhe Du Val-Noble, que se achava ao lado de Luciano apontando-lhe num gesto as magnificências da sala de jantar.

Ester havia colocado Luciano ao seu lado, e conservava-lhe um pé entre os dela por baixo da mesa.

— Ouviu? — tornou Du Val-Noble com os olhos em Peyrade, que se fazia desentendido. — Assim é que o senhor me devia dar casa. Quem vem das Índias com milhões e quer negociar com os Nucingen começa por se colocar no mesmo nível.

— *Oh! Eu ser da society de temperença...*

— Então vai beber como um odre — disse Bixiou —, pois as Índias dão muita sede, não dão, meu tio?

O chiste de Bixiou durante a ceia foi tratar Peyrade como um tio que voltava das Índias.

— *Tisse-me a ziniora tu Val-Noble que o zinior tinha certas iteias* — insinuou Nucingen examinando Peyrade.

— Ora, aí está o que eu queria ouvir — disse Du Tillet a Rastignac —; um concerto das duas algarvias.

— Verá que hão de chegar a entender-se — disse Bixiou, adivinhando o que Du Tillet acabava de dizer a Rastignac.

— *Senhor baronet, eu ter concebido uma pequena especulechon, oh! uma especulechon pequena, muito comfortable... muito rendosa, e muito vistosa...*

— Você vai ver — disse Blondet a Du Tillet — que não fala um minuto sem trazer à baila o Parlamento e o governo inglês.

— *Ser na China, com a ópia...*

— *Zi, zei* — disse logo Nucingen como quem sabia na ponta da língua todos os segredos do seu mundo comercial —; *mas o caverna inclês fez to ópio um meio de açon para entrar na China, e non nos permitiria...*

— Nucingen passou-lhe adiante com o governo — disse Du Tillet a Blondet.

— Ah! Então o senhor já negociou com ópio? — exclamou a sra. du Val-Noble. — Agora compreendo por que é tão estupefaciente; o ópio ficou-lhe na alma.

— *Vecha!* — disse o barão ao suposto negociante de ópio, indicando-lhe a sra. du Val-Noble. — *O zinior está como eu; os milionários non conseguem fazer-se amar tas mulheres.*

— *Oh! Eu amar aquela milady muito e muitas vezes* — respondeu Peyrade.

— Tudo por amor da temperança — disse Bixiou, que acabava de lhe fazer despejar a terceira garrafa de Bordeaux, e lhe fazia encetar uma garrafa de vinho do Porto.

— *Oh!* — exclamou Peyrade. — *Isto ser veri vinho de Portiugal da Inglaterra.*

Blondet, Du Tillet e Bixiou sorriram; Peyrade tinha o talento de disfarçar tudo nele, inclusive o espírito. Poucos são os ingleses que não sustentam que o ouro e a prata são melhores na Inglaterra do que nos outros países. Os frangos e os ovos da Normandia, mandados para o mercado de Londres, autorizam os ingleses a teimarem que os frangos e os ovos de Londres são superiores aos de Paris, que têm a mesma procedência.

Ester e Luciano ficaram pasmados com aquela perfeição de traje, de língua e de audácia. Bebia-se, comia-se tanto e tanto, ao mesmo tempo conversando e rindo, que se chegou até as quatro horas da madrugada.

Bixiou julgou ter obtido uma dessas vitórias tão engraçadamente contadas por Brillat-Savarin.^[222] Mas no momento em que dizia consigo, oferecendo de beber ao tio: “Venci a Inglaterra!”, Peyrade respondeu ao feroz trocista com um “*Ou não serias francês, meu jovem!*” que só Bixiou ouviu.

— Ó amigos! Ele é tão inglês como eu! O tio é gascão. Nem um tio meu podia ser outra coisa!

Bixiou estava sozinho com Peyrade, de maneira que ninguém ouviu essa revelação. Peyrade resvalou da cadeira para o chão. Paccard imediatamente o apanhou e o levou para uma trapeira, onde adormeceu profundamente. Às seis da tarde, o nababo sentiu-se acordar pela aplicação de um pano molhado com o qual o limpavam, e achou-se numa cama de lona, cara a cara com Ásia, que estava de máscara e dominó preto.

— Ora, viva, tio Peyrade, vamos às contas — disse a mulher.

— Onde estou eu?... — disse ele, olhando em redor...

— Ouça lá, para lhe passar a borracheira — respondeu Ásia. — Se não tem amor à sra. du Val-Noble, tem amor à sua filha, não é verdade?

— À minha filha? — disse Peyrade, rugindo.

— Sim, a srta. Lídia...

— E então?

— Então ela já não está na Rue des Moineaux; foi raptada.

Peyrade deixou escapar um suspiro como o dos soldados que morrem de um grande ferimento no campo de batalha.

— Enquanto você se fingia de inglês, alguém se fingia de Peyrade. A sua Lidiazinha julgou que ia com o pai. Está em lugar seguro. Fique certo de que não a encontrará jamais! Só se você remediar o mal que fez...

— Que mal?

— Vedaram ontem a entrada em casa do duque de Grandlieu ao sr. Luciano de Rubempré. Esse resultado é devido às tuas intrigas e ao homem que aqui mandaste. Nem uma palavra. Escuta — disse Ásia, vendo que Peyrade ia abrir a boca. — Não tornas a ter tua filha, pura e sem mancha — continuou ela, sublinhando as ideias com a acentuação que ia dando a cada palavra —, senão no dia seguinte àquele em que o

sr. Luciano de Rubempré sair de Saint-Thomas-d'Aquin casado com a srta. de Grandlieu. Se, dentro de dez dias, Luciano não for recebido como dantes em casa do duque de Grandlieu, morrerás de morte violenta, sem que ninguém te possa acudir, e só te darão tempo para pensar, antes de morrer, que deixas tua filha uma prostituta para o resto da vida... Apesar de teres sido bastante tolo para deixar essa presa ao alcance das nossas garras, ainda tens finura bastante para meditar sobre esta comunicação do nosso governo. Não batas portanto com a língua nos dentes, não digas nem uma palavra; vai mudar de roupa em casa de Contenson, volta a tua casa, e Katt te dirá que, com um bilhete teu, a tua Lidiazinha saiu e ninguém mais a viu. Se te queixas, se dás um passo, principia-se por onde eu te disse que se acabava com tua filha. Ela está *prometida* a De Marsay. Com o tio Canquoëlle não há meias palavras nem se calçam luvas, não achas?... Desce pois e repara que não é bom te entrometeres nos nossos negócios.

Ásia deixou Peyrade num estado de fazer dó; cada palavra fora para ele como que um golpe de marreta. O espião tinha duas lágrimas nos olhos e outras duas ao fundo das faces, reunidas por dois rastos úmidos.

— Estão à espera do sr. Johnson para jantar — disse Europa introduzindo a cabeça pela porta um instante depois.

Peyrade não respondeu; desceu, foi a uma praça de carros, correu a despir-se em casa de Contenson, a quem não disse palavra, tornou a vestir-se de tio Canquoëlle, e às oito horas estava em casa. Subiu as escadas com o coração palpitante. Quando a flamenga viu o amo chegar, perguntou-lhe tão ingenuamente pela jovem que o velho espião teve de encostar-se à parede. O golpe foi superior às suas forças. Entrou nos aposentos da filha, e acabou por desmaiar de dor encontrando-os vazios e ouvindo a narrativa de Katt, que lhe contou as circunstâncias de um rapto tão habilmente combinado como se ele próprio o tivesse inventado.

“Não há remédio senão curvar-me”, disse ele consigo; “mais tarde me vingarei. Vamos à casa de Corentin. É a primeira vez que encontramos adversários sérios. Corentin que deixe o belo rapaz casar-se até com imperatrizes, se ele quiser... Ah! Compreendo que a minha

dileta filha se apaixonasse à primeira vista... O padre espanhol é entendedor. Coragem, tio Peyrade, larga a presa!” O pobre pai não suspeitava do terrível golpe que o esperava.

Chegando à casa de Corentin, Bruno, criado de confiança que conhecia Peyrade, lhe disse:

— O patrão está fora.

— Por muito tempo?

— Por dez dias.

— Para onde?

— Não sei!...

“Eu até perco a cabeça! A perguntar-lhe para onde! Como se nós lho disséssemos”, pensou ele.

XIX – À LUZ DE BELLE-ÉTOILE

Algumas horas antes do momento em que Peyrade ia ser acordado na trapeira da Rue Saint-Georges, Corentin, vindo da sua casa de campo de Passy, apresentava-se ao duque de Grandlieu, vestido como um criado de boa casa. Via-se-lhe na casaca preta a fitinha da Legião de Honra. Caracterizara-se de velho, muito enrugado e pálido, de cabelo empoado. Cobriam-lhe os olhos uns óculos de tartaruga. Parecia enfim um velho chefe de secretaria. Tendo dito o seu nome (sr. de Saint-Denis), foi conduzido ao gabinete do duque de Grandlieu, onde encontrou Derville a ler a carta que ditara ele próprio a um de seus agentes, que estava encarregado da escrituração. O duque chamou Corentin de parte para lhe explicar tudo quanto Corentin estava farto de saber. O sr. de Saint-Denis escutou friamente, respeitosamente, entretendo-se a estudar aquele grande senhor, a penetrar no âmago encoberto de veludo daquela vida, então e para sempre ocupada com o uíste e com a consideração da casa de Grandlieu. Os grandes senhores são tão ingênuos com os seus inferiores que não foi preciso Corentin submeter humildemente muitas perguntas ao sr. de Grandlieu para lhe arrancar impertinências.

— Se aceita o meu parecer, senhor — disse Corentin a Derville, depois de lhe ser convenientemente apresentado —, partimos esta mesma noite para Angoulême na diligência de Bordeaux, que anda tão

depressa como a mala-posta, e não precisamos nos demorar lá mais de seis horas para obter as informações que o senhor duque deseja. Se bem compreendi vossa senhoria, basta saber se a irmã e o cunhado do sr. de Rubempré puderam dar-lhe um milhão e duzentos mil francos... — disse ele olhando para o duque.

— Perfeitamente — respondeu o par de França.

— Poderemos estar de volta dentro de quatro dias — tornou Corentin olhando para Derville — e assim nenhum de nós abandonará os seus negócios por tanto tempo que eles venham a ser prejudicados.

— Era a única objeção que eu tinha para fazer a sua senhoria — disse Derville. — São quatro horas. Vou a casa dizer duas palavras ao meu primeiro secretário e arrumar a maleta; e, depois de jantar, estarei às oito horas... Mas teremos lugares? — disse ele ao sr. de Saint-Denis, interrompendo-se.

— Isso fica por minha conta — disse Corentin. — Esteja às oito horas no pátio das diligências. Se não houver lugares, eu os arranjaréi, porque assim é que se serve ao sr. duque de Grandlieu.

— Senhores — disse o duque com infinita graça —, eu não lhes agradeço ainda...

Corentin e o solicitador, que tomaram essa frase por uma despedida, cumprimentaram e saíram. No momento em que Peyrade interrogava o criado de Corentin, o sr. de Saint-Denis e Derville, sentados um defronte do outro na diligência de Bordeaux, observavam-se em silêncio à saída de Paris. Na manhã seguinte, entre Orléans e Tours, Derville, enfadado, fez-se palrador, e Corentin dignou-se entretê-lo, guardando as distâncias; deixou-lhe crer que pertencia à diplomacia, e que esperava ser nomeado cônsul-geral por influência do duque de Grandlieu. Dois dias depois de saírem de Paris, Corentin e Derville apeavam-se em Mansle, com grande espanto do procurador, que julgava ir a Angoulême.

— Nesta terra — disse Corentin a Derville — vamos ter informações positivas sobre a sra. Séchard.

— Conhece-a então? — perguntou Derville, surpreendido de ver o seu companheiro tão bem informado.

— Puxei pela língua ao condutor, vendo que é de Angoulême; ele me

disse que a sra. Séchard mora em Marsac, e Marsac fica apenas a uma légua de Mansle. Calculei que ficávamos aqui muito melhor que em Angoulême para destrinçar a verdade.

“De resto”, pensou Derville, “eu não venho aqui, conforme me disse o senhor duque, senão para servir de testemunha às averiguações que este homem de confiança vai fazer.”

A estalagem de Mansle, chamada La Belle-Étoile, tinha por dono um desses homens gordos, muito gordos, que a gente receia não encontrar na volta, e que ainda dez anos depois estão na soleira da porta com o mesmo corpanzil, o mesmo barrete de algodão, o mesmo avental, a mesma faca, o mesmo cabelo gorduroso, a mesma papada, e que andam estereotipados por todos os romancistas, desde o imortal Cervantes até o imortal Walter Scott. São todos cheios de pretensões culinárias, todos têm mundos e fundos para pôr na mesa, e todos acabam por servir à gente algum frango tísico e uns legumes preparados com manteiga rançosa. Todos gabam os seus vinhos finos e obrigam os fregueses a beberem o carrascão da terra. Mas desde rapaz Corentin aprendera a tirar de um estalajadeiro coisa melhor do que pratos duvidosos e vinhos apócrifos. Deu-se pois por pessoa muito fácil de contentar e que se entregava absolutamente à descrição do melhor cozinheiro de Mansle, disse ele ao gorducho.

— Não me é difícil ser o melhor — respondeu o estalajadeiro —, porque sou o único.

— Sirva-nos na sala do lado — disse Corentin, piscando o olho a Derville — e principalmente não tenha medo de deitar fogo à lareira, porque vimos inteiriçados de frio.

— Na diligência não havia calor nenhum — disse Derville.

— Daqui a Marsac é longe? — perguntou Corentin à mulher do estalajadeiro, que desceu das regiões superiores, quando soube que a diligência tinha trazido passageiros para pernoite.

— O senhor vai a Marsac? — perguntou a estalajadeira.

— Não sei — respondeu ele com indiferença. — É grande a distância daqui a Marsac? — tornou a perguntar Corentin depois de dar tempo à mulher para ver a sua fita vermelha.

— De cabriolé vai-se em meia hora — disse a estalajadeira.

— Sabe se o sr. e a sra. Séchard passam lá o inverno?

— Decerto; vivem lá, sempre.

— São cinco horas. Às nove ainda os encontraremos de pé.

— Eles todas as noites têm visitas até as dez; o cura, o sr. Marron, o médico.

— Boa gente?

— Oh, senhor, o que pode haver de bom! — respondeu a estalajadeira. — Gente muito honrada, e sem ambições. O sr. Séchard, apesar de estar bem, podia ter milhões, ao que dizem, se não se deixasse espoliar por uma invenção que fez no fabrico de papel, e que os irmãos Cointet estão explorando...

— Os irmãos Cointet? Ah, sim! — disse Corentin.

— Vê se te calas — disse o estalajadeiro. — Que se importam estes senhores que Séchard tenha ou não direito a um privilégio de invenção para fabricar papel? Estes senhores não são negociantes de papel... Se tencionam dormir aqui — disse o estalajadeiro dirigindo-se aos dois viajantes —, eis o livro, tenham a bondade de se inscrever. Temos aqui um comissário que, como não tem que fazer, passa o tempo a molestar-nos.

— Ora essa, eu julgava os Séchard muito ricos! — disse Corentin, enquanto Derville escrevia o seu nome e a sua qualidade de procurador junto ao tribunal de primeira instância do Sena.

— Há quem diga que são milionários — respondeu o estalajadeiro —; mas como ninguém pode travar a língua do mundo... é como procurar impedir o rio de correr... O pai Séchard deixou duzentos mil francos em bens de raiz, o que não é mau para quem começou como operário. Talvez tivesse outro tanto em economias, porque chegou a fazer dez e doze mil francos de seus bens. Supondo que ele fizesse a asneira de não pôr esse dinheiro a render durante dez anos, aí está a conta! Mas ponhamos trezentos mil francos, se ele agiotou, segundo dizem, aí está toda a história. Aí estão quinhentos mil francos; para um milhão falta muito. Tivesse eu dessa diferença, não estava mais aqui.

— Como assim? — exclamou Corentin. — Então os Séchard não terão dois ou três milhões?

— É o que se atribui aos Cointet, que roubaram a David Séchard sua

invenção, dando-lhe por ela apenas vinte mil francos — explicou a mulher do estalajadeiro. — Aonde queria o senhor que eles, coitados, fossem buscar milhões? Durante a existência do pai viveram na pobreza. Se não fosse Kolb, que é o administrador, e a sra. Kolb, que lhes é tão dedicada como o marido, viveriam com dificuldade. Que coisa lhes dava a Verberie?... Três mil francos de rendimento!

Corentin chamou Derville de parte e lhe disse:

— *In vino veritas!* A verdade está debaixo das rolhas. Por minha parte, considero uma estalagem como o verdadeiro registro civil de uma terra; o próprio tabelião não sabe tanto quanto o estalajadeiro do que se passa num lugar pequeno... Veja. E como se conhecêssemos os Cointet, Kolb etc... Um estalajadeiro é o repertório vivo de todas as aventuras; faz espionagem sem o saber. Um governo não precisa sustentar mais de duzentos espiões, porque, num país como a França, há dez milhões de espiões honestos. Nós, contudo, não somos obrigados a fiar-nos deste relatório, embora já se pudesse saber neste lugarejo alguma coisa do sumiço dado a um milhão e duzentos mil francos para pagar a propriedade de Rubempré... Não nos deteremos aqui muito tempo.

— É o que espero — disse Derville.

— E o motivo é simples — prosseguiu Corentin. — Eu descobri o meio mais simples para fazer sair a verdade da boca dos esposos Séchard. Conto com o senhor para dar o apoio da sua autoridade de solicitador ao pequeno estratagema de que me vou valer para obter deles o balanço claro e terminante dos seus haveres. Depois do jantar — disse ele dirigindo-se à mulher do estalajadeiro — vamos à casa do sr. Séchard. Tenha o cuidado de nos preparar as camas, um quarto para cada um de nós.

— O jantar está na mesa, meus senhores — anunciou o estalajadeiro.

— Mas aonde diabo iria o rapaz buscar o dinheiro? — disse Derville a Corentin quando abancava para jantar. — O anônimo teria razão? Será dinheiro de alguma rapariga bonita?

— Isso é caso para outra averiguação — respondeu Corentin. — Luciano de Rubempré, segundo me contou o sr. duque de Chaulieu, vive com uma judia convertida, que se fazia passar por holandesa, chamada

Ester van Bogseck.

— Singular coincidência! — disse o procurador. — Eu ando à procura da herdeira de um holandês chamado Gobseck, o mesmo nome com uma troca de consoantes.

— Pois bem. Quando tornarmos a Paris, eu lhe darei informações sobre a filiação dela — disse Corentin.

Uma hora depois, os dois encarregados de negócios da casa de Grandlieu partiam para a Verberie, casa do sr. e da sra. Séchard.

XX – UMA DAS MIL RATOEIRAS DE CORENTIN

Nunca Luciano tinha sentido comoções tão profundas como na Verberie, ao comparar o seu destino com o de seu cunhado. Os dois parisienses iam encontrar aí o mesmo espetáculo que, dias antes, havia impressionado Luciano. Tudo ali respirava sossego e abundância. A hora em que os dois forasteiros deviam chegar, o salão da Verberie estava ocupado por um grupo de cinco pessoas: o cura de Marsac, jovem sacerdote de vinte e cinco anos que, a rogo da sra. Séchard, se fizera preceptor de seu filho Luciano; o médico da terra, chamado sr. Marron; o *maire* da comuna; e um velho coronel reformado que cultivava rosas numa pequena propriedade situada defronte da Verberie, do outro lado da estrada. Todas as noites de inverno, aquelas pessoas iam jogar um inocente *boston* a um cêntimo o tento, buscar jornais ou levar os que haviam lido. Quando os Séchard compraram a Verberie, bela casa de tufo coberta de ardósia, consistiam as suas dependências de recreio em um pequeno jardim de duas jeiras. Com o tempo, dedicando a esse fim suas economias, a bela sra. Séchard estendera seu jardim até um ribeirão, sacrificando as vinhas que comprava e convertendo-as em relvados e alegetres. Naquele tempo, a Verberie, rodeada de um parque vizinho de suas vinte jeiras e murado, passava por ser a propriedade mais importante do lugar. A casa do finado Séchard e suas dependências não serviam mais que para o amanhã de vinte e tantas jeiras de vinhas deixadas por ele, além de cinco pequenas herdades que rendiam uns seis mil francos e de dez jeiras de prados situados do outro lado do ribeiro, defronte do parque da Verberie; por isso a sra. Séchard contava incluir os prados no parque para o ano seguinte. Já na terra

chamavam castelo à Verberie, e davam a Eva Séchard o título de dama de Marsac. Satisfazendo sua vaidade, Luciano não fazia mais que imitar os campônios e os vinhateiros. Courtois, proprietário de um moinho pitorescamente situado a uns tiros de espingarda dos prados da Verberie, andava em negociações, segundo se dizia, com a sra. Séchard para a venda do moinho. Essa aquisição provável iria dar à Verberie uns ares de propriedade de primeira ordem no departamento. A sra. Séchard, que fazia muito bem à pobreza com tanta grandeza quanto discernimento, era muito respeitada e estimada. Sua formosura, agora magnífica, ia entrar no seu desenvolvimento máximo. Apesar de já ter vinte e seis anos, conservava a frescura da mocidade de quem goza o repouso e a abundância que a vida campestre dá. Sempre enamorada do marido, respeitava nele o homem de talento, com a modéstia suficiente para renunciar ao estrépito da glória; enfim, para a pintar, basta talvez dizer que, em toda a sua vida, não contava uma única palpitação de coração que não fosse inspirada pelos filhos ou pelo marido. O tributo que esse casal pagava à desgraça, adivinha-se, era o desgosto profundo que lhe causava a vida de Luciano, na qual Eva Séchard pressentia mistérios, temendo-os tanto mais que, durante a sua última visita, Luciano atalhara secamente todas as perguntas da irmã dizendo-lhe que os ambiciosos só a si próprios tinham que dar contas de seus recursos. Em seis anos, Luciano vira sua irmã três vezes, e não lhe havia escrito mais de seis cartas. Sua primeira visita à Verberie se verificara por ocasião da morte de sua mãe, e a última tivera por fim pedir o serviço daquela mentira tão necessária à sua política. Isto constituiu objeto de uma cena muito grave entre os Séchard e Luciano, que deixou dúvidas terríveis no coração dessa doce e nobre existência.

O interior da casa, transformado tanto quanto o exterior, sem apresentar luxo, era confortável. Pode-se julgá-lo por uma rápida vista d'olhos na sala onde naquele momento se achava o grupo. Um bonito tapete de Aubusson, tapeçarias de algodão cinzento enfeitadas com galões de seda verde, pinturas imitando madeira, mobília de mogno esculpido, estofada de casimira cinzenta com passamanaria verde, jardineiras cheias de flores, apesar da estação, ofereciam à vista um conjunto agradável. Os cortinados das janelas, de seda verde, a

guarnição do fogão, a moldura dos espelhos estavam isentos desse mau gosto que estraga tudo na província. Enfim, os mínimos detalhes elegantes e asseados, tudo refrigerava a alma e os olhos com essa espécie de poesia que uma mulher amorosa e inteligente pode e deve introduzir no seu lar.

A sra. Séchard, ainda de luto pelo sogro, trabalhava ao pé do fogo num bordado, ajudada pela sra. Kolb, que era a governanta, e a quem estavam entregues todos os serviços miúdos da casa. No momento em que os parisienses chegavam no seu cabriolé às primeiras casas de Marsac, a roda habitual da Verberie aumentava-se com o moleiro Courtois, viúvo, que queria deixar o negócio, e que esperava vender bem sua propriedade na qual a sra. Séchard parecia fazer tanto empenho, e o dono sabia por quê.

— Parou aí um cabriolé — disse Courtois, ouvindo rodar à porta e pelo barulho da ferragem deve ser aqui da terra.

— Há de ser Postel e sua mulher, que vêm visitar-me — disse o médico.

— Não — disse Courtois —, o cabriolé vem das bandas de Mansle.

— *Minha senhora* — veio dizer Kolb, um alsaciano enorme e gordo —, *está aí um solicitador de Paris que teseja falar com o sr. Séchard.*

— Um solicitador!... — disse Séchard. — Essa palavra dá-me cólicas.

— Muito obrigado — disse o *maire* de Marsac, chamado Cachan, solicitador durante vinte anos em Angoulême, e que há tempos havia sido encarregado de processar Séchard.

— Este meu David há de ser sempre o mesmo, um distraído! — disse Eva sorrindo.

— Um solicitador de Paris — disse Courtois —, mas então têm negócios em Paris?

— Não — respondeu Eva.

— A senhora tem lá um irmão — disse Courtois sorrindo.

— Cuidado, não seja por causa da herança do pai Séchard — observou Cachan. — O pobre homem fez uns negócios estranhos!

Entrando, Corentin e Derville, depois de cumprimentarem o grupo e dizerem seus nomes, pediram para falar em particular com a sra. Séchard e seu marido.

— Da melhor vontade — disse Séchard. — Mas é para algum negócio?

— É por causa da herança do senhor seu pai — respondeu Corentin.

— Permitam então que assista à conferência o senhor *maire*, que foi solicitador em Angoulême.

— O cavalheiro é o sr. Derville? — disse Cachan, olhando para Corentin.

— Não, senhor; é este cavalheiro — respondeu Corentin indicando o solicitador, que cumprimentou.

— Mas — disse Séchard — nós estamos em família, não temos nada oculto para os nossos vizinhos, não precisamos portanto ir para o meu gabinete, onde não há lume aceso... A nossa vida é um livro aberto.

— Mas a do senhor seu pai — disse Corentin — teve alguns mistérios que talvez o senhor não desejasse publicar.

— É então alguma coisa que nos possa envergonhar? — perguntou Eva assustada.

— Oh! Não; é um pecadilho da mocidade — disse Corentin, armando com a maior calma uma das suas mil ratoeiras. — O senhor seu pai deu-lhes um irmão mais velho.

— Ai, que velhaco! — exclamou Counois. — Ele não era seu amigo, sr. Séchard, e tinha esta guardada para o senhor... Agora compreendo a intenção dele quando me dizia: “Você há de ver que beleza quando eu estiver debaixo da terra!”.

— Oh, calma, senhor! — disse Corentin a Séchard, estudando Eva com um olhar de soslaio.

— Um irmão? — exclamou o médico. — Mas então eis sua herança repartida ao meio!

Derville fingia examinar as belas provas de gravuras que estavam expostas nos retábulos da sala.

— Sossegue, minha senhora — disse Corentin, vendo a surpresa que se estampara no belo rosto da sra. Séchard. — Trata-se apenas de um filho natural. Os direitos de um filho natural não são os mesmos de um filho legítimo. Esse filho está na maior miséria e tem direito a uma soma baseada na importância da herança. Os milhões deixados por seu pai...

À palavra *milhões* houve na sala um grito da mais completa unanimidade. Nesse momento, Derville não examinava as gravuras.

— Milhões? O pai Séchard? — disse o gordo Courtois. — Quem lhe disse tal coisa? Algum campônio.

— Olhe — disse Cachan —, como o senhor não é do fisco, podemos-lhe falar franco...

— Descanse — respondeu Corentin. — Dou-lhe a minha palavra de honra que não sou empregado do Tesouro.

Cachan, que acabava de fazer a todos um sinal para estarem calados, deixou escapar um movimento de satisfação.

— Ainda que só fosse um milhão — prosseguiu Corentin —, o quinhão do filho natural era assaz convidativo. Nós não viemos aqui para demandar; pelo contrário, viemos propor que nos deem cem mil francos, e vamo-nos embora.

— Cem mil francos! — exclamou Cachan, interrompendo Corentin. — Mas o pai Séchard, senhor, deixou vinte jeiras de vinhas, cinco pequenas herdades, dez jeiras de prados em Marsac, e nem um *liard* em dinheiro...

— Por coisa nenhuma deste mundo — acudiu David Séchard — eu consentiria em mentir, sr. Cachan, e menos ainda em matéria de interesses... Meu pai — continuou ele dirigindo-se a Corentin e a Derville — deixou-nos, além desses bens...

Por mais que Courtois e Cachan lhe fizessem sinais, ele acrescentou:

—... trezentos mil francos em dinheiro, o que eleva a importância da herança a uns quinhentos mil francos.

— Sr. Cachan — disse Eva Séchard —, qual é o quinhão que a lei dá ao filho natural?

— Minha senhora — disse Corentin —, nós não somos exploradores. Só lhe pedimos que nos jure diante destes senhores que não teve mais de mil escudos em dinheiro da herança de seu sogro, e verá como chegamos a um acordo.

— Dê o senhor primeiro a sua palavra de honra — disse o antigo solicitador de Angoulême a Derville — de que é solicitador.

— Aqui está o meu passaporte — disse Derville a Cachan, estendendo-lhe um papel dobrado em quatro. — E este senhor não é,

como o senhor poderia supor, nenhum agente fiscal. Fique tranquilo — acrescentou ele. — Nós apenas tínhamos enorme interesse em saber a verdade sobre a herança Séchard, e já a sabemos.

Derville tomou a sra. Eva pela mão e levou-a cortesmente ao fim da sala.

— Minha senhora — disse-lhe ele em voz baixa —, se a honra e o futuro da casa de Grandlieu não estivessem interessados nesta questão, eu não me teria prestado a este estratagema inventado por aquele senhor condecorado. Queira desculpá-lo; tratava-se de descobrir a mentira com que o senhor seu irmão quis surpreender a religião dessa nobre família. Guarde-se agora de deixar crer que deu um milhão e duzentos mil francos ao senhor seu irmão para comprar a propriedade de Rubempré.

— Um milhão e duzentos mil francos! — exclamou a sra. Séchard, empalidecendo. — E aonde foi esse desgraçado buscá-los?...

— Essa é a questão — disse Derville. — Receio que a origem dessa fortuna seja bem impura.

Arrasaram-se de lágrimas os olhos de Eva, e todos os vizinhos viram.

— Creio que lhe prestamos um grande serviço — disse-lhe Derville —, impedindo-a de se envolver numa mentira cujas consequências podem ser muito perigosas.

Derville deixou a sra. Séchard sentada, pálida, com as faces lavadas em pranto, e cumprimentou os presentes.

— Para Mansle! — disse Corentin ao rapazinho que conduzia o cabriolé.

A diligência de Bordeaux para Paris, que passou durante a noite, tinha um lugar; Derville pediu a Corentin que lhe deixasse tomá-lo pretextando negócios; mas, no fundo, estava desconfiado do seu companheiro de jornada, cuja habilidade diplomática e sangue-frio se lhe afiguraram ser um hábito. Corentin ficou três dias em Mansle, sem achar ocasião de partir; teve de escrever para Bordeaux reservando aí um lugar para Paris, aonde somente chegou nove dias depois da sua partida.

Entretanto, Peyrade ia todas as manhãs, quer a Passy, quer a Paris, à casa de Corentin, saber se ele já havia voltado. No oitavo dia, deixou,

tanto num domicílio como no outro, uma carta cifrada, explicando a seu amigo o gênero de morte de que estava ameaçado, o rapto de Lídia e o horroroso destino a que seus inimigos o haviam condenado.

XXI – MENE, TEQUEL, UFARSIM^[223]

Atacado como até aí atacara os outros, Peyrade, privado de Corentin, mas ajudado por Contenson, não largou o seu disfarce de nababo. Apesar de haver sido descoberto por seus invisíveis inimigos, pensava judiciosamente poder averiguar alguma coisa conservando-se no terreno da luta. Contenson tinha posto em campo todos os seus conhecidos para procurarem Lídia, na esperança de descobrir a casa em que ela se achava escondida; mas, de dia para dia, a impossibilidade cada vez mais provada de averiguar qualquer coisa aumentava o desespero de Peyrade. O velho espião rodeou-se de uma guarda de doze ou quinze agentes dos mais hábeis. Vigiavam-se as imediações da Rue des Moineaux e da Rue Taitbout, onde vivia como nababo em companhia da sra. du Val-Noble. Nos três derradeiros dias do fatal prazo concedido por Ásia para ser restituído a Luciano o acesso ao palácio de Grandlieu, Contenson não se separou do veterano da antiga intendência geral de polícia. Assim, a poesia de terror que os estratagemas das tribos inimigas em guerra derramam no seio das florestas americanas, e de que tanto se aproveitou Fenimore Cooper,^[224] andava ligada aos mínimos detalhes da vida parisiense. Os transeuntes, as lojas, os fiacres, uma pessoa em pé junto a uma janela, tudo oferecia aos homens numerados que tinham a seu cargo defender a vida do velho Peyrade, o enorme interesse que nos romances de Cooper apresenta um tronco de árvore, uma habitação de castores, uma rocha, uma pele de búfalo, uma canoa imóvel, uma folhagem à flor da água.

— Se o espanhol partiu, não tem o senhor nada que recear — dizia Contenson a Peyrade, fazendo-lhe notar a profunda tranquilidade que estavam gozando.

— E se ele não partiu? — respondia Peyrade.

— Na traseira da caleça em que ele partiu ia um dos meus homens; mas em Blois o meu homem, tendo-se visto obrigado a descer, não pôde alcançar o carro.

Cinco dias depois do regresso de Derville uma manhã, Luciano recebeu a visita de Rastignac.

— Sinto imenso, meu caro, ter de me desempenhar de uma negociação que me foi confiada em razão da nossa intimidade. O teu casamento está desmanchado de maneira definitiva. Não tornes a pôr os pés no palácio de Grandlieu. Para desposares Clotilde, terás de esperar que o pai dela morra, e ele se tornou demasiado egoísta para morrer tão cedo. Os velhos jogadores de uíste têm sete fôlegos. Clotilde vai partir para a Itália com Madalena de Lenoncourt-Chaulieu. A pobre moça te ama tanto, meu caro, que foi necessário vigiá-la; ela queria vir a tua casa, tinha feito seu planozinho de fuga... Sirva-te isso de consolação no teu infortúnio.

Luciano não respondeu; tinha os olhos em Rastignac.

— Não me parece que seja grande a desgraça — disse-lhe o seu compatriota —; facilmente encontrarás outra moça tão nobre e mais bonita que Clotilde!... A sra. de Sérisy arranja-te casamento só para se vingar; não suporta os Grandlieu, que nunca a quiseram receber; ela tem uma sobrinha, a pequena Clementina du Rouvre...[225]

— Desde a última vez que ceamos juntos, meu caro, não estou muito bem com a sra. de Sérisy; ela me viu no camarote de Ester, fez uma cena, e eu deixei-a fazer.

— Ora! Uma mulher de mais de quarenta anos não se põe de mal por muito tempo com um rapaz bonito como tu — disse Rastignac. — Eu sei o que são esses ocasos. No horizonte são dez minutos; no coração de uma mulher são dez anos.

— Há oito dias que espero uma carta dela.

— Pois visita-a!

— Agora, que remédio!

— Vais à casa de Du Val-Noble ao menos? O nababo retribui a Nucingen a ceia do outro dia.

— Eu estou convidado e vou — disse Luciano muito sério.

No dia seguinte ao da confirmação da sua desgraça, de que Carlos imediatamente foi avisado, Luciano foi com Rastignac e Nucingen à casa do falso nababo.

À meia-noite, a antiga sala de jantar de Ester reunia quase todas as

personagens desse drama cujo interesse, oculto no próprio leito daquelas existências torrenciais, só era conhecido de Ester, de Luciano, de Peyrade, do mulato Contenson e de Paccard, que viera para servir a ama. Ásia tinha sido solicitada pela sra. du Val-Noble, sem que Peyrade e Contenson o soubessem, a ir ajudar a cozinheira. Sentando-se à mesa, Peyrade, que dera quinhentos francos a Du Val-Noble para uma boa ceia, encontrou no guardanapo um papel em que se viam escritas a lápis estas palavras:

Os dez dias expiram neste momento.

Peyrade passou o papel a Contenson, que estava atrás dele, dizendo-lhe em inglês:

— Foste tu que puseste aqui o meu nome? — Contenson leu à luz das velas aquele *Mene, tequel, ufarsim* e pôs o papel no bolso, mas sabia quanto é difícil verificar uma escrita feita a lápis e principalmente uma frase traçada em letras maiúsculas, isto é, com linhas por assim dizer matemáticas, porquanto as letras capitais se compõem unicamente de curvas e retas, nas quais é impossível distinguir os hábitos da mão, como na chamada escrita cursiva.

A ceia decorreu sem alegria nenhuma. Peyrade estava visivelmente preocupado. Dos rapazes estroinas que sabiam alegrar uma ceia, só se achavam ali Luciano e Rastignac. Mas Luciano estava muito triste e pensativo. Rastignac, que acabava de perder dois mil francos antes de cear, bebia e comia com ideias de se desforrar depois da ceia. As três mulheres, impressionadas com aquela sensaboria, olhavam umas para as outras. O tédio tirava o gosto às iguarias. Acontece com as ceias o que acontece com as peças de teatro e com os livros: elas têm seus fados. No fim da ceia foram servidos uns doces congelados conhecidos por *plombières*. Toda a gente sabe que esta espécie de gelados contém frutinhas confeitadas, muito finas, colocadas à superfície do gelo, que é servido num copinho, sem tomar aí a forma piramidal. Esses gelados tinham sido encomendados por Du Val-Noble ao Tortoni,^[226] cujo célebre estabelecimento fica na esquina da Rue Taitbout e do bulevar. A cozinheira mandou chamar o mulato para pagar a nota do geleiro. Contenson, a quem a exigência do moço não pareceu natural, desceu e impôs-lhe silêncio com estas palavras: “Você nem parece do Tortoni!...”.

E voltou imediatamente para cima. Paccard, porém, tinha já aproveitado essa ausência para distribuir os gelados aos convivas. Mal o mulato chegava à porta do apartamento, um dos agentes que vigiavam a Rue des Moineaux gritou na escada:

— Número vinte e sete.

— Que há? — respondeu Contenson, que tornou a descer com rapidez até o último degrau.

— Diga a papá Peyrade que sua filha está de volta, mas em que estado, santo Deus! Que venha já, ela está à morte.

No momento em que Contenson voltou à sala de jantar, o velho Peyrade, que aliás havia bebido bastante, engolia a pequena cereja do seu gelado. Estava sendo brindada a sra. du Val-Noble, o nababo encheu seu copo do vinho dito de Constance e emborcou-o. Contenson, embora muito perturbado pela notícia que ia dar a Peyrade, ao entrar, impressionou-se com a profunda atenção com que Paccard fitava o nababo. Os dois olhos do criado da sra. de Champy pareciam duas chamas paradas. Mas essa observação, apesar da sua importância, não devia retardar o mulato, que se debruçou para o amo no momento em que ele depunha sobre a mesa o copo vazio.

— A sua Lídia está em casa — disse-lhe Contenson — e num estado bem triste.

Peyrade soltou a mais francesa de todas as pragas francesas com um acento meridional tão pronunciado que os convivas ficaram assombrados. Reparando na sua falta, Peyrade confessou seu disfarce dizendo a Contenson em bom francês:

— Arranja-me um fiacre, vou imediatamente!

Levantaram-se todos da mesa.

— Então quem é o senhor? — perguntou Luciano.

— *Zi, quem é o ziniór?* — repetiu o barão.

— Bixiou tinha-me afiançado que o senhor sabia se fazer de inglês melhor que ele, e eu não queria acreditar — disse Rastignac.

— É algum falido descoberto — disse Du Tillet em voz alta. — Eu já o suspeitava.

— Que terra esta, esta Paris! — exclamou a sra. du Val-Noble. — Um negociante qualquer abre falência no seu bairro, e aparece de nababo

ou de dândi impunemente nos Champs-Élysées!... A má sorte personificada na falência me persegue como um inseto.

— Dizem que todas as flores têm o seu — disse tranquilamente Ester. — O meu parece-se com o de Cleópatra, é uma áspide.

— Quem sou? Querem saber quem sou? — disse Peyrade à porta. — Ah! Vocês hão de vir a sabê-lo, porque, se eu morro, sairei todas as noites para puxar-lhes as pernas!...

Dizendo estas últimas palavras, tinha os olhos em Ester e Luciano; depois aproveitou o espanto geral para desaparecer com extrema agilidade, sem esperar pelo fiacre. Na rua, Ásia, que trazia uma coifa preta como a que então usavam as mulheres ao sair do baile, travou-lhe no braço quando ele desembocava o portão.

— Reza o ato de contrição, que já está na hora, papá Peyrade — disse-lhe ela com a mesma voz que já lhe havia profetizado a desgraça.

Estava ali uma carruagem, Ásia subiu para ela, e a carruagem desapareceu como se a levasse o vento. Havia ali outras cinco, de modo que os homens de Peyrade nada puderam saber.

XXII – TERRÍVEL JURAMENTO DE CORENTIN

Chegando à sua casa de campo, num dos sítios mais retirados e mais risonhos de Passy, na Rue des Vignes, Corentin, que passava por um negociante fanático por jardinagem, encontrou a carta cifrada do seu amigo Peyrade. Em vez de descansar, tornou a entrar no fiacre que o tinha trazido, e fez-se conduzir à Rue des Moineaux, onde encontrou apenas Katt. Pela flamenga soube do desaparecimento de Lídia, e ficou pasmado com a falta de providência de que Peyrade e ele tinham dado prova.

“*Eles* ainda não me conhecem”, disse de si para si. “Essa gente é capaz de tudo. É preciso saber se matarão Peyrade, porque nesse caso não me apresento.”

Quanto mais infame é sua vida, mais apego o homem lhe tem, porque então ela é um protesto, uma vingança de todos os instantes. Corentin desceu, foi à casa disfarçar-se de velhinho valetudinário, casaca esverdeada, pequena peruca, e voltou a pé, levado por sua amizade a Peyrade. Queria dar instruções aos seus agentes mais

dedicados e mais finos. Seguindo pela Rue Saint-Honoré para ir da Place Vendôme à Rue Saint-Roch, viu caminhando adiante de si uma rapariga em chinelos e vestida como quem vai para a cama. Essa rapariga, que vestia camisola branca e touca e tinha na cabeça um gorro de dormir, soltava de quando em quando um soluço, um gemido involuntário; Corentin adiantou-se alguns passos e reconheceu Lídia..

— Eu sou um amigo de seu pai, o sr. Canquoëlle — disse-lhe ele na sua voz natural.

— Ah! Até que enfim encontro uma pessoa em quem posso confiar! — disse ela.

— Finja que não me conhece — continuou Corentin — porque nos perseguem cruéis inimigos, e somos obrigados a disfarçar-nos. Mas conte-me o que lhe aconteceu.

— Ah, senhor — respondeu a pobre jovem —, não é coisa que se possa contar... Estou desonrada, perdida, e sem saber como!...

— Onde vem?

— Não sei, senhor! Fugi com tanta precipitação, andei por tantas ruas, fiz tantos rodeios julgando-me seguida... E, quando encontrava alguma pessoa de bom aspecto, perguntava o caminho dos bulevares, para alcançar a Rue de la Paix. Afinal, tendo caminhado durante... Quantas horas são, senhor?

— Onze e meia — disse Corentin.

— Fugi ao anoitecer, portanto há cinco horas que estou andando — observou Lídia.

— Bem, venha descansar; lá está a sua boa Katt...

— Ah, senhor! Para mim já não há repouso, nem eu quero outro que não seja o da sepultura; irei eu esperá-lo nalgum convento, se disso me julgarem digna...

— Coitada! Resistiu muito?

— Sim, senhor. Ah! Se o senhor soubesse a que meio abjeto me atiraram...

— Adormeceram-na certamente?

— Havia de ser isso, sim — disse a pobre Lídia. — Se as forças não me faltarem, ainda poderei chegar à casa. Sinto-me desfalecer, estou meio desnorteada... Ainda há pouco pareceu-me que estava num

jardim...

Corentin tomou-a nos braços, vendo-a perder os sentidos, e subiu com ela pela escada acima.

— Katt! — gritou ele.

Katt apareceu e pôs-se a gritar de alegria.

— Não se apresse tanto em ficar alegre — disse Corentin sentenciosamente. — A menina está bem doente.

Quando Lídia, estendida na cama, conheceu o seu quarto à luz deduas velas acesas por Katt, começou a delirar. Cantou estribilhos de canções graciosas, e de quando em quando vociferou certos palavrões que tinha ouvido. O seu belo rosto apresentava manchas roxas. Misturava as recordações da sua vida tão pura com as daqueles dez dias de infâmia. Katt chorava. Corentin passeava pelo quarto, parando a espaços a fim de examinar Lídia.

— Está pagando pelo pai — disse ele. — Haverá então uma Providência?... Como eu fiz bem em não ter família! Filhos? Um filho, já um filósofo afirmou, é um refém que se dá à desgraça...

— Oh! — exclamou a pobre criança sentando-se na cama, com os cabelos caídos. — Em vez de estar deitada aqui, Katt, eu devia estar deitada sobre a areia no fundo do Sena.

— Olhe, Katt — disse Corentin —, em lugar de estar aí chorando e a olhar para a sua menina, o que não lhe dá nenhum remédio, vá chamar um médico, o médico municipal aqui do bairro, em primeiro lugar, e depois o sr. Desplein e o sr. Bianchon... É preciso salvar esta inocente criatura...

E Corentin escreveu os endereços dos dois célebres doutores. Nesse momento, ia subindo a escada um homem a quem os degraus eram familiares, e abriu-se a porta. Peyrade, a escorrer em suor, com a cara roxa, os olhos quase ensanguentados, resfolegando, saltou da porta ao quarto de Lídia gritando: “Onde está a minha filha?”.

Viu um gesto triste de Corentin, e o olhar de Peyrade seguiu esse gesto. Só pode comparar-se o estado de Lídia com o de uma flor amavelmente cultivada por um botânico, tombada da haste e calcada pelos sapatos ferrados de um campônio. Transportai esta imagem para o próprio coração da paternidade, e compreendereis o golpe que

recebeu Peyrade, a quem os filhos se arrasaram de lágrimas.

— Estão chorando... É meu pai — disse a jovem.

Ainda reconheceu o pai; levantou-se, foi ajoelhar-se aos pés do velho no momento em que ele caía sobre uma cadeira.

— Perdão, papai!... — disse ela num tom que gelou o coração do velho, ao mesmo tempo que ele sentia no crânio como que uma forte paulada.

— Eu morro... Ah, canalhas! — foram as suas derradeiras palavras. Corentin quis acudir ao amigo, mas só lhe pôde colher o último suspiro.

“Envenenado!”, disse consigo Corentin.

— Aí está o médico! — exclamou ele, sentindo parar uma carruagem.

Contenson, que apareceu despojado de seu disfarce de mulato, ficou petrificado ouvindo Lídia dizer:

— Não me perdoas, pai?... Eu não tive culpa. — Não percebia que o pai estava morto. — Oh! Que olhos que ele me lança!... — disse a pobre louca.

— É preciso fechá-los — disse Contenson, estendendo Peyrade na cama.

— Nós cometemos uma tolice — disse Corentin —; é melhor levá-lo para o quarto dele; a filha está meio doida, e ficaria doida de todo se desse pela morte do pai, pois julga que foi ela quem o matou.

Vendo levar o pai em braços, Lídia ficou como que pasmada.

— Aí está o meu único amigo! — disse Corentin dando mostras de comovido quando viu Peyrade exposto no seu leito. — Em toda a sua vida não teve senão um pensamento de cobiça, e foi por amor da filha!... Aprende aqui, Contenson. Cada ofício tem sua honra. Peyrade andou mal em meter-se nos negócios particulares, porque nós só temos de nos ocupar dos negócios públicos. Mas, aconteça o que acontecer, eu juro — disse com uma voz, um olhar e um gesto que apavoraram Contenson — vingar o meu pobre Peyrade! Hei de descobrir os autores de sua morte e da desonra de sua filha!... E, pelo meu próprio egoísmo, pelos poucos dias que me restam e que eu vou arriscar nessa vingança, juro que todos esses infames acabarão os seus dias às quatro horas, no gozo da saúde, completamente rapados, na Place de Grève!^[227]

— E eu hei de ajudá-lo — disse Contenson, comovido.

Nada com efeito é mais comovente do que o espetáculo da paixão num homem frio, compassado, metódico, em quem, durante vinte anos, ninguém notara o menor movimento de sensibilidade. É a barra de ferro em fusão, que derrete tudo o que encontra. Assim, pois, aquele sentimento violento contagiou Contenson.

— Pobre tio Canquoëlle! — disse ele, olhando para Corentin. — Tantas vezes me obsequiou... E note, só os viciosos é que sabem fazer coisas destas, muitas vezes ele me deu dez francos para eu ir jogar...

Finda esta oração fúnebre, os dois vingadores de Peyrade foram ao quarto de Lúdia, ouvindo os passos de Katt e do médico na escada.

— Vai ao comissário de polícia — disse Corentin. — O procurador régio não encontraria nisto elementos para um processo; mas nós vamos fazer um relatório à Chefatura de Polícia, que poderá ter seu préstimo. O senhor doutor — disse Corentin ao médico municipal — vai encontrar neste quarto um homem morto, cuja morte não me parece natural; queira fazer a autópsia na presença do senhor comissário de polícia que eu vou chamar. Veja se descobre vestígios de veneno; daqui a pouco virão ajudá-los os srs. Desplein e Bianchon, a quem mandei chamar para examinarem a filha do meu melhor amigo, que está pior que o pai, apesar de morto...

— Eu não preciso de ninguém para fazer o meu dever — disse o médico municipal.

“Boa!”, pensou Corentin.

— Não estejamos a contrariar-nos, doutor — disse ele. — Em duas palavras, aqui vai a minha opinião: aqueles que mataram o pai são os mesmos que desonraram a filha.

Pela madrugada, Lúdia sucumbira enfim ao cansaço, e estava dormindo quando chegaram o ilustre cirurgião e o jovem médico. Já o médico encarregado de verificar o óbito abrira o cadáver de Peyrade e buscava as causas da morte.

— Enquanto não acordam a doente — disse Corentin aos dois célebres doutores —, querem auxiliar um colega numa verificação que os há de interessar? Seria conveniente que houvesse mais dois pareceres nos autos.

— Este seu parente morreu de uma apoplexia — disse o médico —;

há provas de uma medonha congestão cerebral...

— Examinem, meus senhores — disse Corentin —, e vejam se em toxicologia não haverá venenos que produzam o mesmo efeito.

— O estômago — disse o médico — está completamente cheio de matérias; mas, a não ser que as analisemos com aparelhos químicos, não vejo nenhum traço de veneno.

— Se os caracteres da congestão cerebral estão bem reconhecidos — disse Desplein apontando para a enorme quantidade de alimentos —, está aí uma causa suficiente de morte, atendendo à idade da vítima.

— Foi aqui que ele comeu? — perguntou Bianchon.

— Não — disse Corentin. — Veio do bulevar correndo e encontrou aqui a filha violada...

— Aí está o veneno, se ele tinha amor à filha — disse Bianchon.

— Que veneno poderia produzir este efeito? — perguntou Corentin, sem desistir da sua ideia.

— Só podia ser um — disse Desplein depois de examinar tudo com cuidado. — É um veneno do arquipélago de Java, extraído de uns arbustos ainda pouco conhecidos, da natureza dos *Strychnos*, e que servem para empeçonhar estas armas tão perigosas... os *Kris* malaios... Pelo menos é o que se diz.

Chegou o comissário de polícia. Corentin comunicou-lhe suas suspeitas, pediu-lhe que fizesse um relatório, dizendo-lhe em que casa e com que pessoas Peyrade estivera a cear; depois informou-o da conjuração tramada contra os dias de Peyrade e das causas do estado em que Lúdia se achava. Em seguida, Corentin passou ao quarto da pobre menina, onde Desplein e Bianchon a examinavam; mas encontrou-os já transpondo a porta.

— Então, senhores? — perguntou Corentin.

— Interne esta pequena numa casa de saúde; se ela não recuperar a razão ao dar à luz, admitindo todavia que ela fique grávida, acabará seus dias louca. Para a cura, só há recurso no sentimento da maternidade, dado que ele se manifeste.

Corentin deu quarenta francos em ouro a cada médico, e voltou-se para o comissário de polícia, que o puxava pela manga.

— O médico afirma que a morte é natural — disse o funcionário — e

eu não posso portanto fazer relatório nenhum, tanto mais tratando-se do tio Canquoëlle. Ele se intrometia em muitos negócios, e nós ficaríamos sem saber para onde nos encaminhamos. Gente assim muitas vezes morre *por ordem superior*...

— Eu sou Corentin — disse Corentin ao ouvido do comissário de polícia.

O comissário deixou escapar um movimento de surpresa.

— Faça portanto uma nota — continuou Corentin —, pois ela há de servir mais tarde, e expeça-a apenas a título de informação confidencial. Não se pode provar o crime, e eu sei que uma devassa teria de estacar no primeiro passo. Mas um dia eu hei de denunciar os culpados, porque os vou vigiar e apanhar em flagrante.

O comissário de polícia cumprimentou Corentin e partiu.

— Senhor — disse Katt —, a menina não faz senão cantar e dançar; que fazer?

— Sucedeu então alguma coisa de novo?

— Ela soube que seu pai acabava de morrer.

— Ponha-a num fiacre e leve-a delicadamente para Charenton; eu vou escrever um bilhete ao diretor-geral da Polícia do Reino, a fim de que ela seja decentemente internada. A filha para o hospital de doidos, o pai para a vala comum — disse Corentin. — Contenson, vai encomendar o carro dos pobres... E agora, a nós, dom Carlos Herrera...

— Carlos! — disse Contenson. — Ele está na Espanha.

— Está em Paris — disse peremptoriamente Corentin. — Ali anda o gênio espanhol do tempo de Felipe II, mas eu tenho armadilhas para todo o mundo, até para reis.

XXIII – O RATO PRESO NA RATOEIRA

Cinco dias depois da desapareição do nababo, estava a sra. du Val-Noble, às nove horas da manhã, sentada à cabeceira do leito de Ester, e chorava, porque se sentia sobre uma das vertentes da miséria.

— Ainda se eu tivesse cem luíses de rendimento! Com isso, minha querida, a gente se retira para uma cidadezinha e arranja por lá um marido.

— Eu posso arranjá-los para ti — disse Ester.

— Como? — exclamou a sra. du Val-Noble.

— Muito naturalmente. Escuta. Finge que te queres matar, representa bem essa comédia; manda chamar Ásia e oferece-lhe dez mil francos por duas contas pretas de vidro muito miúdo cheias de um veneno que mata instantaneamente; traze-mas, que eu te dou por elas cinquenta mil francos.

— Por que não lhe pedes isso tu mesma? — perguntou a sra. du Val-Noble.

— Porque não mas venderia.

— Não são para ti?

— Talvez.

— Tu! Tu que vives no meio da alegria e do luxo, e em casa própria! Na véspera de uma festa que vai dar o que falar durante dez anos! Que custará a Nucingen vinte mil francos! Dizem que serão servidos morangos em fevereiro, aspargos, uvas, melões... Nos aposentos, três mil francos de flores...

— Que dizes aí? Só nas escadarias são três mil francos de rosas.

— Dizem que tua *toilette* custa dez mil francos!

— Sim. Meu vestido é em ponto de Bruxelas, e Delfina, sua mulher, está furiosa. Mas deu-me vontade de aparecer vestida de noiva.

— Onde estão os dez mil francos? — perguntou a sra. du Val-Noble.

— É todo o dinheiro que tenho — disse Ester sorrindo. — Abre o meu toucador, estão debaixo dos meus papelotes.

— Quem fala em morrer não se mata — ponderou a sra. du Val-Noble. — Se fosse para cometer...

— Um crime? Ora, adeus! — disse Ester, terminando o pensamento da amiga, que hesitava. — Podes estar descansada — prosseguiu Ester —, não quero matar ninguém. Eu tinha uma amiga, uma mulher bem feliz; ela morreu, eu a seguirei... aí está.

— És tola!...

— Que queres? Nós o havíamos prometido uma à outra...

— Pois deixa protestar essa letra — disse a amiga, sorrindo.

— Faze o que te digo, e vai-te. Aí vem uma carruagem; é Nucingen, um homem que vai enlouquecer de felicidade! Esse, sim, me tem amor... Por que será que não amamos aqueles que nos amam, pois

enfim eles fazem tudo para nos agradecer?

— Mas isso é a história do arenque, o peixe mais intrigante que há — disse Du Val-Noble.

— Por quê?

— Isso é o que nunca se pôde saber.^[228]

— Anda, vai-te, filha! Tenho de pedir os teus cinquenta mil francos.

— Bem, adeus...

Nos últimos três dias, as maneiras de Ester com o barão de Nucingen tinham mudado completamente. A macaca fizera-se gata, e a gata tornava-se mulher. Ester derramava sobre os velhos tesouros de afeição, fazia-se encantadora. Suas falas, sem malícia nem acrimônia, cheias de insinuações ternas, tinham levado a convicção ao espírito do bronco banqueiro. Ela chamava-lhe Fritz, ele julgava-se amado.

— Meu pobre Fritz, já te provei e te atormentei bastante! — disse ela. — Tens sido de uma paciência sublime. Tu me amas, bem o vejo, e eu hei de recompensar-te. Agora gosto de ti, e nem eu sei compreender isto, mas preferia-te a um rapaz. É talvez efeito da experiência. Com o tempo acaba-se descobrindo que o prazer é a fortuna da alma; e não é mais lisonjeiro ser amado por prazer do que ser amado por dinheiro... E, depois, os rapazes são muito egoístas, pensam mais em si do que em nós; ao passo que tu não pensas senão em mim. Eu sou a tua vida. Por isso não quero de ti mais nada; quero provar-te até que ponto sou desinteressada.

— *Eu non tenio tato nata a você!* — respondeu o encantado barão. — *Amanhã é que tenciono trazer-lhe uma inscrição de trinta mil francos de renda anual. É o meu presente de noivato...*

Ester beijou Nucingen com tanta meiguice que o fez empalidecer, mesmo sem pílulas.

— Não vá imaginar que é pelos seus trinta mil francos de pensão que eu estou assim — disse ela. — É porque agora eu te amo, meu Frederiquinho.

— *Oh, meu Teus! Para que me tem atormentato tanto? Há três meses que eu podia ser tan feliz...*

— Escuta, filho, são inscrições de três por cento ou de cinco? — disse Ester, passando as mãos pelo cabelo de Nucingen e arrumando-o

segundo o seu capricho.

— *Te três... Eu tinha muitas em caixa.*

Trazia pois o barão nesse dia as inscrições; ia almoçar com a sua querida menina e receber as suas ordens para o dia seguinte, para esse famoso sábado que era o seu grande dia.

— *Aqui tem, minia mulherzinia, minia única esposa* — disse jovialmente o banqueiro, com a fisionomia radiante de felicidade. — *Aqui tem com que pacar a sua tespesa te cozinha enquanto viva for...*

Ester aceitou o papel sem o mínimo alvoroço, dobrou-o, meteu-o na gaveta do toucador.

— Até que enfim estás contente, seu monstro de iniquidade, por ver que lhe aceito alguma coisa — disse ela a Nucingen, dando-lhe uma palmadinha na face. — Já não lhe posso dizer as verdades, porque levo o quinhão no fruto do que você chama os seus trabalhos... Isto não é um presente, meu rapaz, é uma restituição... Vamos, deixa lá essa carranca de agiota. Bem sabes que te amo.

— *Minia formosa Ester, meu ancho atorato* — disse o banqueiro —, *não me torne a falar assim... Acretite. Non me importava que toto o universo me considerasse um ladron, contanto que aos seus olhos eu fosse um homem honrato... Amo-a cata vez mais.*

— É o meu plano — disse Ester. — Não torno a dizer nada que te moleste, meu elefante maroto, porque realmente estás cândido como um menino... Anda lá, meu ladrão, que tu nunca foste inocente na tua vida, e era impossível que a inocência com que vieste ao mundo não te aparecesse mais dia menos dia à flor da pele... Verdade é que a tinhas tão bem guardada que só te saiu depois dos sessenta e seis anos feitos, e ainda assim puxada pelo gancho do amor. É um fenómeno que se dá com os velhos... Aí está por que enfim te amo: porque te acho moço, muito moço... Esse Frederico só eu o conheci, só eu, porque aos quinze anos tu já eras banqueiro. Quando andavas no colégio, com certeza emprestavas uma bolinha aos companheiros com a condição de te restituírem duas... — Ela saltou para seus joelhos vendo que ele ria. — Faze lá o que quiseres! Anda, rouba aos homens, que eu te ajudarei. Também eles não merecem amor. Napoleão matava-os como quem mata moscas. Que importa aos franceses pagarem contribuições a ti ou

ao Estado? Não se faz amor com o orçamento, e por Deus... — Tenho refletido muito, e acho que tens razão. Continua depenando os patos, que isso é do Evangelho segundo Béranger...^[229] Vá! Um beijo na tua Esder... Ah, é verdade! Tens de dar à pobre da Du Val-Noble todos os móveis da Rue Taitbout. E amanhã oferece-lhe cinquenta mil francos, que te fica bem, filho. Tu deste cabo de Falleix, é o que por aí se boqueja de ti. Essa generosidade há de parecer babilônica... e todas as mulheres falarão de ti. Verás como só tu em Paris tens nobreza, porque o mundo é assim. E ninguém falará mais em Falleix. Afinal é dinheiro que pões a render juros em consideração.

— *Tens razão, meu ancho. Tu conieces o munto* — respondeu ele. — *Hei te tomar zempre o teu conselho.*

— Vê como eu penso nos negócios do meu homem, na sua consideração, na sua honra — tornou ela. — Anda, vai buscar os cinquenta mil francos.

Ela queria livrar-se do sr. de Nucingen para mandar chamar um corretor de fundos e vender nessa mesma noite a inscrição.

— *E por que havia te ser chá?* — indagou ele.

— Pois então, filho! É preciso oferecê-los numa caixinha de cetim, envolvendo um leque. Tu lhe dirás assim: “Aqui tem, minha senhora, um leque de que há de gostar, creio”. Julgam-te um Turcaret, e vais suplantar Beaujon!^[230]

— *Bravo! Bravo!* — exclamou o barão. — *Agora até vou ter espírito... Vou repetir os seus ditos...*

No momento em que a pobre Ester se assentava, cansada do esforço que havia feito para representar o seu papel, entrou Europa.

— Minha senhora, está aí um mensageiro que vem da parte de Celestino, criado do sr. Luciano.

— Que entre... Não, eu vou à sala de espera.

— Ele traz uma carta do criado para a senhora.

Ester correu à antecâmara, olhou para o homem e viu nele o genuíno moço de recados.

— *Dize-lhe* que venha cá embaixo! — disse Ester com voz fraca, deixando-se cair numa cadeira depois de ler a carta. — Luciano quer matar-se... — acrescentou ela ao ouvido de Europa. — É melhor que *lhe*

leves lá em cima a carta.

Carlos Herrera, que ainda conservava o seu traje de caixeiro-viajante, desceu imediatamente, e o seu primeiro olhar foi para o mensageiro, quando viu na sala um estranho.

— Tinhas-me dito que não havia aqui ninguém de fora — segredou ele a Europa.

E por excesso de prudência passou à sala contígua, depois de examinar o mensageiro. Engana-a-Morte ignorava que, havia algum tempo, o famoso chefe do serviço de segurança que o prendera na Casa Vauquer tinha um rival que designavam como seu futuro substituto. Esse rival era o mensageiro.

— Há razão no que dizem — disse o falso mensageiro a Contenson, que o esperava na rua. — Aquele que você me descreveu está na casa; mas não é espanhol, e eu dou um dedo da mão se debaixo daquela veste não está um freguês nosso.

— Aquilo não é nem padre nem espanhol — disse Contenson.

— Tenho certeza — confirmou o agente da brigada de segurança.

— Ah, se nós tivéssemos razão!... — disse Contenson.

Luciano estivera com efeito ausente dois dias, e tinham aproveitado sua ausência para armar aquele laço; mas voltou nessa mesma noite, e as inquietações de Ester diminuiram um pouco.

XXIV – UM ADEUS

Na manhã seguinte, à hora em que a cortesã saía do banho e tornava a meter-se na cama, chegou a sua amiga.

— Tenho aqui as duas contas! — disse Du Val-Noble.

— Vamos ver — tornou Ester levantando-se e fincando o belo cotovelo no travesseiro guarnecido de rendas.

A sra. du Val-Noble apresentou à sua amiga duas espécies de groselhas pretas. O barão tinha dado a Ester duas dessas galguinhas de uma raça célebre e que acabará trazendo o nome do grande poeta contemporâneo que as pôs em moda.^[231] A cortesã, muito soberba de as ter obtido, conservara-lhes os nomes dos avós, Romeu e Julieta. É escusado falar da galantaria, da brancura, da graça desses animais, próprios para o apartamento e cujos costumes tinham qualquer coisa

da descrição inglesa. Ester chamou Romeu, que atendeu pressuroso sobre suas patas tão flexíveis, tão delgadas e tão firmes que pareciam hastes de aço e pôs-se a olhar para sua dona. Ester fez menção de lhe atirar uma das duas contas para despertar sua atenção.

— O nome dele destina-o a morrer assim! — disse Ester atirando-lhe a conta que Romeu partiu nos dentes.

O cão não soltou um grito; deu um giro sobre si mesmo e caiu redondamente morto. Isto se deu enquanto Ester dizia a frase fúnebre.

— Oh, meu Deus! — gritou a sra. du Val-Noble.

— Tens lá embaixo um fiacre, leva o finado Romeu — disse Ester. — A morte dele provocaria um escândalo aqui. Eu direi que te dei o cão, tu o perdeste e porás um anúncio. Avia-te, que hoje de noite terás os teus cinquenta mil francos.

Falou tão tranquilamente, com tão perfeita insensibilidade de cortesã, que a sra. du Val-Noble exclamou:

— Tu és de fato a nossa rainha!

— Vem cedo e faze-te bonita...

Às cinco horas da tarde, Ester fez uma *toilette* de noiva. Pôs seu vestido de renda por cima de uma saia de cetim branco, um cinto branco, calçou sapatos de cetim branco e lançou sobre suas belas espáduas uma echarpe em ponto de Inglaterra. Adornou o cabelo com camélias brancas naturais, imitando um penteado de donzela. Ostentava sobre o peito um colar de pérolas de trinta mil francos, dado por Nucingen. Embora tivesse pronta às seis horas a sua *toilette*, fechara-se para toda a gente, inclusive para Nucingen. Europa sabia que Luciano devia ser introduzido no quarto de dormir. Ele chegou às sete horas, e Europa conseguiu fazê-lo entrar nos aposentos da ama sem ninguém perceber nada...

Dando com os olhos em Ester, Luciano disse consigo: “Não seria melhor viver com ela nas terras de Rubempré, longe do mundo, sem jamais voltar a Paris?... Tenho cinco anos garantidos de uma vida de sossego, e esta adorável criatura não me decepcionará nunca. E onde encontrar semelhante obra-prima?”.

— Meu amigo, já que fiz de ti o meu Deus — disse Ester ajoelhando numa almofada diante de Luciano —, abençoa-me...

Luciano quis erguê-la e beijá-la, dizendo-lhe:

— Que significa essa brincadeira, meu amor? — E tentou enlaçá-la pela cintura; ela porém se desembaraçou com um movimento em que transparecia o respeito e o horror.

— Eu já não sou digna de ti, Luciano — disse ela, deixando correr as lágrimas. — Abençoa-me, eu te suplico, e jura-me que estabelecerás duas camas numa enfermaria do Hôtel-Dieu.^[232] Pois, por orações à igreja, Deus não me perdoará jamais senão a mim mesma. Eu te amei demasiado, meu amigo. Enfim, dize-me que te tornei feliz e que pensarás em mim algumas vezes. Dizes?...

Luciano notou em Ester uma boa-fé tão solene que ficou pensativo.

— Tu queres matar-te! — disse ele afinal num tom de voz que denotava profunda meditação.

— Não, meu amigo; mas é que hoje morre a mulher pura, casta e amante que tiveste. E receio que o desgosto me mate.

— Pobre criança, espera mais um pouco — disse Luciano — porque nestes dois dias tenho feito grandes esforços e já consegui comunicar-me com Clotilde.

— Sempre Clotilde! — disse Ester com um tom de raiva concentrada.

— Escrevemo-nos — continuou ele. — Na terça-feira pela manhã ela parte, mas teremos um encontro na estrada para a Itália, em Fontainebleau...

— Mas para que diabo querem vocês umas mulheres assim, uns estafermos?... — disse Ester. — Ora, dize-me: se eu tivesse sete ou oito milhões, não casavas comigo?

— Criança! Eu ia te dizer que, se estiver tudo perdido, a minha única mulher és tu...

Ester curvou a cabeça para não deixar ver sua súbita palidez e as lágrimas que ela enxugou.

— É pois verdade que me amas? — disse ela, fitando Luciano com profunda dor. — Aí está então a minha bênção. Não te comprometas; sai pela porta falsa, e torna a entrar pela antecâmara como se viesses de fora. Dá-me um beijo aqui na fronte. — Tomou Luciano nos braços, apertou-o com furor de encontro ao coração e disse-lhe: — Sai, sai... senão eu vivo.

Quando a moribunda apareceu na sala, houve um grito de admiração. Os olhos de Ester refletiam o infinito em que a alma se perdia ao vê-los. O preto azulado de sua fina cabeleira fazia sobressair a alvura das camélias. Enfim, obteve todos os efeitos que procurara. Não teve rivais. Foi como que a expressão do luxo desenfreado cujas criações a rodeavam. Por outro lado, esteve lampejante de espírito. Regeu a orgia com a pujança fria e calma de que Habeneck^[233] dá provas no Conservatório, nesses concertos em que os melhores músicos da Europa atingem o sublime da execução interpretando Mozart e Beethoven. Mas observava com terror que Nucingen comia pouco, não bebia e exercia as funções de dono da casa. À meia-noite já ninguém conservava o juízo. Quebraram-se os copos para que nunca mais fossem utilizados. Rasgaram-se dois cortinados da China. Bixiou embebedou-se pela única vez na sua vida. Como ninguém pudesse manter-se em pé, e as mulheres tivessem adormecido por cima dos divãs, não foi possível realizar-se a brincadeira antecipadamente combinada entre os convivas de se conduzir Ester e Nucingen até o quarto de dormir, em duas alas, com candelabros na mão, e cantando-se o *Buona sera* do *Barbeiro de Sevilha*. Nucingen deu sozinho a mão a Ester. Apesar de ébrio, Bixiou, que os viu, ainda teve forças para dizer, como Rivarol a propósito do último casamento do duque de Richelieu:^[234]

— Devia-se prevenir a polícia... Aqui vai haver uma coisa desagradável...

Quem diria que o trocista era profeta?

XXV – AS LAMENTAÇÕES DE NUCINGEN

O sr. de Nucingen só apareceu em casa na segunda-feira, por volta do meio-dia. À uma hora o seu corretor informou-o de que Ester van Gobseck tinha, desde sexta-feira, mandado vender a inscrição de trinta mil francos de renda e que ela acabava de receber a respectiva importância.

— E saiba mais, senhor barão. O primeiro auxiliar de Derville apareceu em minha casa quando eu estava falando dessa venda, e, depois de ler o verdadeiro nome de Ester, disse-me que herdava agora uma fortuna de sete milhões.

— *Ora, ateus!*

— Sim, senhor; é ela a única herdeira do velho agiota Gobseck. Derville vai verificar os fatos. Se a mãe da amante do senhor barão é a bela holandesa, ela herda...

— *Eu zeí* — disse o banqueiro. — *Ela contou-me a sua vida... Vou escrever um pilhete a Terville...*

O barão sentou-se à sua mesa, escreveu um bilhete a Derville e mandou-o por um criado. Depois da Bolsa, às três da tarde, foi à casa de Ester.

— A senhora proibiu que a chamassem, fosse pelo que fosse. Ela está dormindo.

— *O tiapo!* — exclamou o barão. — *Ela non irá zancar-se, Europa, quando zouper que está riquíssima, herteira te sete milhons... O velho Cobseck morreu teixando essa riqueza, e a tua ama é a única herteira, porque a mãe tela era soprinha lechítima de Cobseck, que aliás fez testamento. Eu não podia supor que um milionário como ele teixasse Ester na miséria...*

— Ah, sim? Então acabou o seu reinado, velho saltimbanco! — disse-lhe Europa olhando para o barão com um descaramento digno de uma criada de Molière. — Rua, velho corvo da Alsácia!... Ela gosta tanto de você como eu gostaria de ver as minhas tripas. Santo Deus! Sete milhões!... Então ela pode casar com o amante. Oh, como ficará contente!

E Prudência Servien deixou o barão de Nucingen literalmente fulminado para ser a primeira a dar à ama a agradabilíssima notícia. O velho, ébrio de volúpias sobre-humanas, e que acreditava na sua ventura, acabava de apanhar uma ducha de água fria sobre o seu amor no momento em que este atingia o mais alto grau de incandescência.

— *Ela me traía!* — exclamou ele com lágrimas nos olhos. — *Encanava-me! Oh, Ester! Vita minia!... Louco que zou! Como ze tais flores cherminassem para os velhos... Posso comprar tuto, exceto a chuventute. Oh, meu Teus! Que será te mi. A criata cruel tem razon. Ester rica está pertita para mi. Deverei enforcar-me? Que importa a vita sem a chama tivina to prazer que provei?... Meu Teus!*

E o lobo-cerval arrancou o chinó que ultimamente misturava com os

seus cabelos grisalhos. Um grito estridente de Europa fez estremecer Nucingen até as entranhas. O pobre banqueiro levantou-se e caminhou com as pernas avinhadas pela taça da desilusão que acabava de emborcar, pois não há nada que embebede tanto como o vinho da desgraça. Da porta do quarto, viu Ester inteiriçada sobre o leito, roxa do veneno, morta!... Correu para o leito e caiu de joelhos.

— *Tens razão, ela vem me havia tido. Ela morreu por minha causa.*

Paccard, Ásia, a casa toda acudiu. Foi um espetáculo, uma surpresa, mas não uma desolação. Houve entre aquela gente uma certa incerteza. O barão voltou a ser banqueiro, teve uma suspeita, e cometeu a imprudência de perguntar pelos setecentos e cinquenta mil francos da renda. Paccard, Ásia e Europa entreolharam-se então de um modo tão estranho que o sr. de Nucingen saiu imediatamente, acreditando num roubo e num assassinato. Europa, tendo percebido debaixo do travesseiro da ama um embrulho mole, a revelar notas de banco, pôs-se a compor a morta, disse ela.

— Vai prevenir o senhor, Ásia. Morrer sem saber que tinha sete milhões! Gobseck era tio da nossa defunta ama! — disse ela.

A manobra de Europa foi surpreendida por Paccard. Mal Ásia tinha voltado as costas, Europa deslacrrou o embrulho, sobre o qual a pobre cortesã escrevera:

Para ser entregue ao sr. Luciano de Rubempré.

Setecentas e cinquenta notas de mil francos reluziram aos olhos de Prudência Servien, que exclamou:

— Com isto, não podia uma pessoa ser feliz e honrada no resto de seus dias!

Paccard não disse nada; sua natureza de ladrão foi mais forte que seu devotamento a Engana-a-Morte.

— Durut já morreu — disse agarrando o dinheiro. — Tenho o ombro ainda virgem, fujamos juntos, cada um com metade para não arriscar tudo, e casemo-nos.

— Mas onde nos havemos de esconder? — perguntou Prudência.

— Em Paris — respondeu Paccard.

Prudência e Paccard desceram imediatamente com a rapidez de duas pessoas honestas transformadas em ladras.

— Filha — disse Engana-a-Morte à malaia apenas lhe ouviu as primeiras palavras —, procura alguma carta de Ester enquanto eu vou escrever um testamento com todas as formalidades para o levares a Girard juntamente com a carta. Mas ele que se avie, porque é preciso enfiar o testamento debaixo do travesseiro de Ester antes que venham colocar aqui os selos judiciais.

E fez a seguinte minuta de testamento:

Não tendo nunca amado neste mundo outra pessoa senão o sr. Luciano Chardon de Rubempré, e tendo resolvido pôr fim aos meus dias para não tornar a cair no vício e na vida infame donde a sua caridade me tirou, dou e lego ao mencionado Luciano Chardon de Rubempré tudo quanto possuo no dia da minha morte, com a condição de estabelecer uma missa perpétua na paróquia de Saint-Roch pelo repouso daquela que tudo lhe deu, até mesmo o seu último pensamento.

ESTER VAN GOBSECK.

“Está no estilo dela”, disse consigo Engana-a-Morte.

Às sete horas da noite, o testamento, escrito e lacrado, foi posto por Ásia debaixo do travesseiro de Ester.

— Jacques — disse ela tornando a subir com precipitação —, no momento em que eu saía do quarto, chegava a justiça...

— O juiz de paz, queres tu dizer...

— Não, filho, vinha o juiz de paz, acompanhado de gendarmes. Vinha também o procurador régio e o juiz de instrução, e as portas estão guardadas.

— Esta morte fez barulho muito depressa — disse Collin.

— Europa e Paccard desapareceram. Estou com palpite que sumiram com os setecentos e cinquenta mil francos — disse Ásia.

— Ah, canalhas! — disse Engana-a-Morte. — Com esse golpe, desgraçam-nos!...

XXVI – COMEÇA A JUSTIÇA DE CORENTIN

A justiça humana e a justiça de Paris, quer dizer, a mais desconfiada, mais inteligente, mais hábil e mais instruída de todas, inteligente até demais porque interpreta a cada instante a lei, deitavam finalmente a

mão aos condutores daquela intriga. O barão de Nucingen, reconhecendo os efeitos de um envenenamento, e não encontrando os seus setecentos e cinquenta mil francos, lembrou-se de que o culpado do crime seria ou Paccard ou Ásia, qualquer das odiosas personagens com que tanto embirrava. No primeiro ímpeto de furor, correu à Chefatura de Polícia. Foi um alarme que reuniu todos os agentes numerados de Corentin. Chefatura, ministério público, comissário de polícia, juiz de paz, juiz de instrução, tudo se pôs em campo. Às nove horas da noite, três médicos procediam à autópsia da pobre Ester, e as investigações principiavam. Engana-a-Morte, avisado por Ásia, exclamou:

— Como ninguém sabe que estou aqui, posso me evaporar!

Subiu pelo postigo da sua trapeira que abria sobre o telhado e com agilidade sem igual ficou de pé em cima das telhas, pondo-se a estudar as imediações com o sangue-frio de um telhador. “Bem”, disse ele consigo, vendo, à distância de cinco casas na Rue de Provence, um jardim, “lá está o que me convém!”

— Cacei-te, Engana-a-Morte! — respondeu-lhe Contenson saindo de trás de uma chaminé. — Anda, padresco. Vai lá explicar ao sr. Camusot^[235] que missa ias rezar sobre os telhados, e principalmente por que motivo fugias...

— Porque tenho inimigos na Espanha — disse Carlos Herrera. — Pois vamos lá até a Espanha — tornou Contenson —, mas passando pela tua trapeira.

O falso espanhol fingiu ceder, mas, depois de se haver escorado no descanso do postigo, agarrou Contenson e o atirou com tamanha violência que o espião foi cair na sarjeta da Rue Saint-Georges. Contenson morreu no campo de honra. Jacques Collin tornou a entrar tranquilamente na sua trapeira, onde se meteu na cama.

— Dá-me qualquer coisa que me ponha bem doente, sem me matar — disse ele a Ásia —, pois é preciso que eu esteja agonizando para não responder nada *aos curiosos*. Não tenhas medo; sou padre, e padre continuarei a ser. Acabo de me desfazer muito naturalmente de um daqueles que me podem pôr a calva à mostra.

Na véspera, às sete horas da noite, Luciano partira no seu cabriolé de

posta com um passaporte tirado nesse mesmo dia para Fontainebleau, onde dormiu na última estalagem antes de Nemours. Pelas seis horas da manhã do dia seguinte, foi sozinho a pé pela floresta, caminhando até Bourron.

“É ali”, disse ele de si para si, sentando-se numa das rochas de onde se avista a bela paisagem de Bourron, “o lugar fatal onde Napoleão esperou realizar um esforço gigantesco, na antevéspera de sua abdicação.”

Ao alvorecer, escutou o rodar de uma carruagem de posta e viu passar um carro em que iam os criados da jovem duquesa de Lenoncourt-Chaulieu e a criada de Clotilde de Grandlieu.

“Ei-los”, disse consigo Luciano. “Representemos bem esta comédia, e estou salvo, serei genro do duque, ainda que ele não queira.”

Uma hora depois, a berlinda em que viajavam as duas senhoras fez ouvir esse rodar, tão fácil de reconhecer, de uma carruagem elegante de jornada. As duas damas tinham mandado travar o veículo na descida de Bourron, e o criado que vinha na traseira fez parar a berlinda. Nesse momento Luciano avançou.

— Clotilde! — disse ele, batendo no vidro.

— Não — disse a jovem duquesa à sua amiga —, ele não subirá para a carruagem, minha querida, nem quero que fiquemos sós com ele. Fale com ele pela última vez, não me oponho; mas isso será pelo caminho, que nós seguiremos a pé, acompanhadas por Batista... O dia está bonito, nós vamos bem enroupadas, não receamos o frio. A carruagem irá atrás.

E as duas mulheres apearam-se.

— Batista — disse a jovem duquesa —, o postilhão irá andando bem devagar; nós queremos ir um bocado a pé. Acompanhe-nos.

Madalena de Mortsauf tomou Clotilde pelo braço e deixou que Luciano falasse com ela. Foram caminhando assim, juntos, até a aldeia de Grez. Eram então oito horas; e aí Clotilde despediu Luciano.

— Meu amigo — disse ela, terminando com nobreza essa longa conversação —, não me casarei nunca a não ser com o senhor. Prefiro acreditar no senhor a acreditar em todos, em meu pai, em minha mãe... Nunca se deu tamanha prova de afeição, não é verdade?... Veja agora se

dissipa as fatais prevenções que pesam sobre sua pessoa.

Ouviu-se então o galopar de muitos cavalos, e uma força de gendarmes, com grande espanto das duas damas, cercou o pequeno grupo.

— Que querem? — disse Luciano com a arrogância de um dândi.

— É o sr. Luciano Chardon de Rubempré? — perguntou o procurador régio de Fontainebleau .

— Sim, senhor.

— Irá dormir hoje na cadeia — respondeu ele. — Trago aqui um mandado de prisão contra o senhor.

— Quem são estas damas? — perguntou o cabo.

— Ah, é verdade! Perdão, minhas senhoras; os seus passaportes? Porque o sr. Luciano, segundo minhas instruções, é relacionado com mulheres capazes de...

— O senhor toma a duquesa de Lenoncourt-Chaulieu por uma mulher de vida errada? — disse Madalena, lançando um olhar de duquesa ao procurador régio.

— A senhora é bela demais para ser isso — replicou galantemente o magistrado.

— Batista, mostre os nossos passaportes — disse sorridente a jovem duquesa.

— E de que crime é acusado este senhor? — perguntou Clotilde, a quem a duquesa queria fazer entrar no carro.

— De cumplicidade num roubo e num assassinato — respondeu o cabo.

Batista pôs na berlinda a srta. de Grandlieu completamente desmaiada.

À meia-noite, Luciano dava entrada na cadeia de Paris, la Force, prisão situada entre a Rue Payenne e a Rue des Ballets, onde foi posto no segredo. O padre Carlos Herrera já lá estava desde a véspera.

terceira parte

AONDE OS MAUS CAMINHOS VÃO DAR

I – O CESTO DE SALADA

No dia seguinte, às seis horas, dois carros puxados a quatro cavalos e a que o povo francês, na sua linguagem enérgica, dá o nome de *cestos de salada* saíram de la Force para a Conciergerie, no Palácio da Justiça.

Poucos passeantes haverá que não tenham encontrado essa prisão de rodas; mas, apesar de quase todos os livros serem escritos unicamente para os parisienses, os de fora hão de certamente gostar de encontrar aqui a descrição desse formidável aparelho da nossa justiça criminal. Quem sabe? A polícia russa, a alemã ou a austríaca, as magistraturas dos países privados de “cestos de salada” talvez lucrem com essa descrição; e em várias nações estrangeiras a imitação desse meio de transporte será certamente um benefício para os prisioneiros.

Essa ignóbil carruagem de caixa amarela, montada sobre duas rodas e chapeada de ferro, é dividida em dois compartimentos. Há na frente um banquinho forrado de couro. É a parte livre do cesto de salada, destinada a um oficial de diligências e a um gendarme. Uma sólida grade de ferro separa, em toda a altura e largura do carro, essa espécie de cabriolé do segundo compartimento, onde há dois bancos de pau, dispostos, como nos ônibus, aos lados da caixa, e nos quais os presos vão sentados; eles são introduzidos aí por meio de um estribo e por uma portinhola sem postigo, no fundo da carruagem. Para mais segurança, na previsão de algum acidente, a carruagem é seguida por um gendarme a cavalo, principalmente se conduz prisioneiros condenados à morte. Assim sendo, a evasão torna-se impossível. Chapeada de ferro, a carruagem não se deixa atacar por nenhuma ferramenta. Escrupulosamente revistados no momento da captura, os prisioneiros o mais que podem é possuir molas de relógio próprias para serrar grades, mas impotentes em superfícies planas. Por isso o cesto de salada, aperfeiçoado pelo gênio da polícia de Paris, acabou por servir de modelo ao carro celular que serve para transportar os condenados a trabalhos forçados, e que veio substituir a horrível carreta, vergonha das

civilizações precedentes, conquanto Manon Lescaut^[236] a haja ilustrado.

Em primeiro lugar, é nele que se mandam os acusados das várias prisões da capital ao Palácio da Justiça, para aí serem submetidos a interrogatório. Em gíria de prisão, chama-se *ir à instrução*. Em segundo lugar, serve para levar os réus à audiência, quando apenas se trata de justiça correcional; porque, quando se trata de crimes grandes, leva os réus primeiramente para a Conciergerie, que é o depósito judicial do departamento do Sena. Finalmente, é no cesto de salada que os condenados à morte são transportados de Bicêtre à barrière Saint-Jacques, local destinado às execuções capitais, desde a Revolução de Julho. Graças à filantropia, esses infelizes já não sofrem o suplício do antigo trajeto da Conciergerie à Place de Grève, numa carreta exatamente igual às de transportar lenha. Hoje essa carreta serve só para transporte das madeiras que formam o patíbulo. Sem essa explicação, a palavra de um ilustre condenado ao seu cúmplice: “Agora é assunto de cavalos!” quando se sobe no cesto de salada, não poderia ser entendida. É impossível ir mais comodamente para o suplício do que hoje se vai em Paris.

II – OS DOIS PACIENTIS

No momento de que falamos, os dois cestos de salada, tão cedo na rua, serviam excepcionalmente para transferir dois acusados de La Force para a Conciergerie, e cada um desses acusados ocupava sozinho o seu cesto de salada.

A maior parte dos leitores, a quase totalidade, ignora decerto as consideráveis diferenças que separam as palavras culpado, acusado, réu, prisão, casa de depósito, calabouço; ficarão portanto muito espantados quando lhes dissermos que está nisso todo o nosso direito criminal, cuja explicação clara e sucinta lhes vai ser dada já, tanto para se instruírem como para clareza do desfecho desta história. De resto, quando souberem que a primeira carroça levava Jacques Collin e a segunda, Luciano, que em poucas horas acabava de passar do fastígio das grandezas sociais para o fundo de uma masmorra, já a sua curiosidade ficará suficientemente excitada. A atitude dos dois cúmplices era característica. Luciano de Rubempré escondia-se para

evitar os olhares que os transeuntes lançavam às grades da sinistra e fatal carruagem no trajeto que ela fazia da Rue Saint-Antoine para os cais pela Rue du Martoi e pela Arcade Saint-Jean, por baixo da qual a esse tempo se passava para atravessar a place de l'Hôtel de Ville. Hoje essa arcada forma a porta de entrada da Chefatura de Polícia do Sena, no vasto palácio municipal. O atrevido grilheta ia com a cara colada às grades de seu carro, entre o oficial de diligências e o gendarme, que, fiados na segurança do seu cesto de salada, conversavam um com o outro.

Os dias de julho de 1830^[237] e sua formidável tempestade a tal ponto cobriram com seu estrépito os acontecimentos anteriores, a tal ponto o interesse político absorveu a França nos últimos seis meses desse ano que ninguém mais se lembra hoje, ou só a custo se lembrará, por estranhas que elas tenham sido, dessas extraordinárias catástrofes privadas, judiciárias, financeiras, que dão para o consumo anual da curiosidade parisiense, e que não escassearam nos seis primeiros meses desse ano. É pois necessário fazer observar quanto Paris andou então momentaneamente alvoroçada com a notícia da captura de um padre espanhol encontrado em casa de uma cortesã e com a do elegante Luciano de Rubempré, noivo da srta. de Grandlieu, preso na estrada para a Itália, junto da aldeia de Grez, acusados ambos de um assassinato que lhes renderia sete milhões; pois o escândalo desse processo sobrepujou durante alguns dias o prodigioso interesse das últimas eleições feitas no tempo de Carlos x.

Primeiramente, esse processo-crime era devido em parte a uma queixa do barão de Nucingen. Depois, Luciano, em vésperas de ser nomeado secretário particular do primeiro-ministro, pertencia à melhor roda de Paris. Em todos os salões de Paris, mais de um jovem se lembrou de ter invejado Luciano quando ele era distinguido pela bela duquesa de Maufrigneuse; e todas as mulheres sabiam que ele era então o favorito da sra. de Sérisy, esposa de uma das primeiras figuras do Estado. Finalmente, a formosura da vítima gozava duma celebridade singular nas várias esferas de Paris: na grande roda, no mundo financeiro, no das cortesãs, na roda dos rapazes, na roda literária. Havia portanto dois dias que em Paris não se falava de outra coisa. O juiz de

instrução a quem era afeto o processo, sr. Camusot, viu nisso um título para a sua promoção; e, para proceder com toda a vivacidade possível, ordenara que os dois acusados fossem transferidos de La Force para a Conciergerie, logo que Luciano de Rubempré chegasse de Fontainebleau. Tendo o padre Carlos ficado em La Force doze horas, e Luciano apenas seis, é escusado descrever essa prisão, agora inteiramente modificada; quanto às particularidades da entrada na prisão, seria uma repetição do que devia passar-se na Conciergerie.

III – O DIREITO CRIMINAL POSTO AO ALCANCE DAS PESSOAS DA SOCIEDADE

Antes, porém, de entrarmos no drama terrível de uma instrução criminal, é indispensável, como se acaba de dizer, explicar a marcha normal de um processo deste gênero; primeiro suas diversas fases serão mais bem compreendidas tanto na França como no estrangeiro; depois os que a ignoram apreciarão a economia do direito criminal, tal como o conceberam os legisladores ao tempo de Napoleão. Tanto mais importante é isto porque esta grande e bela obra está, neste momento, ameaçada de destruição pelo sistema dito penitenciário.

Comete-se um crime: se foi flagrante, os *indiciados* são conduzidos à delegacia próxima e metidos no xadrez, que o povo chama de *violão*, sem dúvida porque aí se ouve música: grita-se e chora-se. Daí os réus são levados à presença do comissário de polícia, que procede a um começo de instrução e que pode soltá-los, se há erro; finalmente, os *indiciados* são transportados ao calabouço da Chefatura, onde a polícia os conserva à disposição do procurador régio e do juiz de instrução, que, segundo a gravidade dos casos, e avisados com maior ou menor prontidão, chegam e interrogam as pessoas provisoriamente encarceradas. Conforme a natureza das presunções, o juiz de instrução lavra alvará de prisão e manda meter os *indiciados* no cárcere preventivo. Paris tem três prisões preventivas: Sainte-Pélagie, La Force e as Madelonnettes.

Reparai nesta expressão de *indiciados*. O nosso código criou três distinções essenciais na criminalidade: a inculpação, a prevenção e a

acusação. Enquanto não é assinado o alvará de prisão, os presumidos autores do crime ou delito grave são réus, e ficam sendo pura e simplesmente réus enquanto a instrução segue o seu curso.

Terminada a instrução, e uma vez que o tribunal estatuiu que os réus devem ser entregues à justiça, passam eles ao estado de acusados se o tribunal, a requerimento do procurador-geral, entendeu que há motivos suficientes para os levar ao tribunal criminal. Assim, pois, os suspeitos de um crime passam por três estados diferentes, por três crivos antes de comparecerem perante a chamada justiça do país. No primeiro estado, os inocentes dispõem de um sem-número de meios de justificação: o público, a guarda, a polícia. No segundo estado, acham-se perante um magistrado, acareados com as testemunhas, julgados por uma vara de justiça em Paris ou por um tribunal inteiro nos departamentos. No terceiro, comparecem perante doze conselheiros, e a sentença de entrega ao tribunal criminal, em caso de erro ou por defeito de formalidade, pode ser levada pelos acusados ao supremo tribunal. Não imagina o júri quantas autoridades populares, administrativas e judiciárias esbofeteia quando absolve um réu. Assim, a nosso ver, em Paris (não falamos de outras alçadas), é muito difícil que um inocente venha a sentar-se no banco dos réus.

O preso é o condenado. O nosso direito criminal criou casas de detenção, calabouços e cárceres, diferenças jurídicas que correspondem às designações de acusado, réu e condenado. A prisão comporta uma pena ligeira, é a punição de um delito mínimo; mas a encarceração é uma pena aflitiva e, em certos casos, infamante. Aqueles que hoje propõem o sistema penitenciário subvertem, portanto, um admirável direito criminal, em que as penas eram superiormente graduadas, e chegarão a punir os pecadilhos quase tão severamente como os grandes crimes. De resto, podem-se comparar nas *Cenas da vida política*^[238] as curiosas diferenças que existiram entre o direito criminal do código de Brumário ano IV e o do código Napoleão que o substituiu.

Na maior parte dos grandes processos, como neste, os *indiciados* tornam-se imediatamente réus. A justiça expede incontinentemente a ordem de encarceração. Com efeito, na maioria dos casos, os culpados ou

andam foragidos ou têm de ser apanhados de surpresa. Assim, como se viu, a polícia, que apenas serve como meio de execução, e a justiça tinham caído com a rapidez do raio no domicílio de Ester. Ainda que não houvesse motivos de vingança insuflados por Corentin aos ouvidos da polícia judiciária, havia denúncia de um roubo de setecentos e cinquenta mil francos, feita pelo barão de Nucingen.

IV – O MAQUIAVEL DA GRILHETA

No momento em que a primeira carruagem, aquela em que vinha Jacques Collin, chegava à Arcade Saint-Jean, passagem estreita e sombria, uma confusão obrigou o cocheiro a parar debaixo da arcada. Os olhos do detento brilhavam através das grades como dois carbúnculos, apesar da máscara de moribundo que na véspera fizera crer ao diretor de La Force que era indispensável chamar o médico. Livres nesse momento, porque nem o oficial nem o gendarme se voltavam para vigiar o seu prisioneiro, esses olhos chamejantes falavam uma linguagem tão clara que um juiz de instrução hábil como, por exemplo o sr. Popinot,^[239] teria reconhecido o grilheta no sacrílego. Com efeito, Jacques Collin, desde que o cesto de salada atravessara a porta de La Force, examinava tudo na sua passagem. Apesar da rapidez da marcha, abarcava com um olhar ávido e completo as casas desde o último andar até o rés do chão. Via todos os transeuntes e os analisava. Nem o próprio Deus abrange melhor a sua criação nos seus meios e nos seus fins do que aquele homem abrangia as mínimas diferenças na massa das coisas e dos transeuntes. Armado de uma esperança como o derradeiro Horácio o foi do seu gládio, esperava auxílio. A qualquer outro que não fosse aquele Maquiavel das galés, essa esperança parecia tão impossível de realizar que ele se deixaria conduzir maquinalmente, o que todos os culpados fazem. Nenhum deles pensa em resistir na situação em que a justiça e a polícia de Paris colocam os réus, sobretudo os que são postos incomunicáveis, como Luciano e Jacques Collin. Não se imagina o súbito isolamento em que se vê um réu: os gendarmes que o prendem, o comissário que o interroga, aqueles que o metem na cadeia, os guardas que o conduzem à masmorra, aqueles que o pegam por baixo dos braços para o fazer entrar no cesto de salada, todos os

seres que desde a sua captura o cercam são mudos ou tomam nota das suas palavras para as repetirem à polícia ou ao juiz. Esta absoluta separação, com tanta singeleza obtida entre o mundo inteiro e o réu, causa um transtorno completo nas suas faculdades, uma prodigiosa prostração do espírito, mormente quando não é um homem familiarizado pelos seus antecedentes com a ação da justiça. O duelo entre o criminoso e o juiz é, pois, tanto mais terrível quanto a justiça conta como auxiliares com o silêncio das muralhas e a incorruptível indiferença de seus agentes.

Contudo, Jacques Collin ou Carlos Herrera (é necessário dar-lhe um ou outro destes nomes conforme as necessidades da situação) conhecia de longa data os costumes da polícia, da cadeia e da justiça. Por isso esse colosso de velhacaria e de corrupção tinha empregado as forças do seu espírito e os recursos da sua mímica em simular a surpresa, a ingenuidade de um inocente, ao mesmo tempo que representava para os magistrados a comédia da sua agonia. Como se viu, Ásia, essa esperta Locusta,^[240] fizera-o tomar um veneno mitigado de modo que produzisse o arremedo de uma doença mortal. A ação do sr. Camusot, a do comissário de polícia, a interrogadora atividade do procurador régio tinham, portanto, sido anuladas pela ação e pela atividade de uma apoplexia fulminante.

— Esse homem envenenou-se — disse o sr. Camusot, assombrado com os sofrimentos do fingido padre quando o haviam descido da trapeira tomado de horríveis convulsões.

Quatro agentes a muito custo tinham podido transportar o padre Carlos pelas escadas até o quarto de Ester, onde todos os magistrados e gendarmes estavam reunidos.

— É o melhor que ele tinha a fazer se é culpado — observou o procurador régio.

— Acredita então que ele esteja doente?... — perguntara o comissário de polícia.

A polícia duvida sempre de tudo. Os três magistrados então, como é de supor, tinham-se comunicado em segredo; mas Jacques Collin adivinhara nas suas fisionomias o assunto dessas confidências e aproveitara-se disso para tornar impossível ou completamente

inexpressivo o interrogatório sumário que se faz no momento de uma captura: havia balbuciado frases em que o espanhol e o francês se combinavam de modo que apenas apresentavam disparates.

Em *La Force*, essa comédia obtivera a princípio um êxito ainda mais completo porque o chefe de *la Sûreté* (abreviatura de “chefe da brigada da polícia de segurança”), Bibi-Lupin, que outrora havia prendido Jacques Collin na pensão burguesa da sra. Vauquer, andava em serviço na província, estava sendo substituído por um agente designado como sucessor de Bibi-Lupin, e de quem o grilheta era desconhecido.

Bibi-Lupin, antigo forçado, companheiro de Jacques Collin nas galés, era seu inimigo pessoal. Essa inimizade tinha sua origem nas disputas em que Jacques Collin saíra sempre vencedor e na supremacia por ele exercida sobre seus companheiros. Finalmente Jacques Collin fora durante dez anos a Providência dos forçados soltos, seu chefe, seu conselheiro em Paris, seu depositário e por conseguinte o antagonista de Bibi-Lupin.

V – O “SEGREDO” VENCIDO

Portanto, embora posto no segredo, contava com a dedicação inteligente e absoluta de Ásia, seu braço direito, e talvez com Paccard, seu braço esquerdo, que ele imaginava ter de novo às suas ordens, uma vez que o diligente factótum pusesse a bom recato os setecentos e cinquenta mil francos roubados. Tal era o motivo da atenção sobre-humana com que ele tudo abarcava pelo caminho. Coisa estranha! Essa esperança ia ser plenamente satisfeita.

As duas grossas muralhas da Arcade Saint-Jean eram revestidas até seis pés de altura de uma permanente camada de lama, produzida pelos salpicos da sarjeta; porque os transeuntes não tinham a esse tempo, para se resguardarem da passagem incessante das carruagens e das carroças, senão uns marcos de pedra, escavados havia muito pelos cubos das rodas. Mais de uma vez algum distraído havia sido esmagado por alguma carreta de pedra. Assim foi Paris durante muito tempo e em muitos bairros. Este detalhe pode dar ideia da estreiteza da Arcade Saint-Jean e de como era fácil atulhá-la. Se viesse a entrar um fiacre pela Place de Grève, enquanto alguma vendedeira de hortaliça empurrasse

pela Rue du Martroi o seu carrinho de mão, cheio de maçãs, a terceira carruagem que sobreviesse ocasionava então um embarço. Os peões fugiam aterrados, procurando algum marco que os pudesse preservar dos antigos cubos, cujo comprimento era tão desmedido que só à força de leis foi possível encurtá-los.

Quando o cesto de salada chegou, a arcada estava tomada por uma dessas vendedeiras, cujo tipo é bastante curioso porque ainda há exemplares dele em Paris, apesar do número crescente das tendas de frutas. Era uma vendedeira de hortaliça tão genuína que, se ao tempo houvesse fiscais, haviam de deixá-la circular sem lhe pedirem a licença, apesar da fisionomia sinistra que tresandava a crime. A cabeça, coberta com um lenço ordinário de algodão quadriculado em farrapos, eriçava-se de madeixas rebeldes que denunciavam uns cabelos semelhantes a cerdas de javali. O pescoço vermelho e engelhado causava horror, e o fichu não dissimulava inteiramente a pele curtida pelo sol, pela poeira e pela lama. O vestido parecia uma tapeçaria. Os sapatos faziam cada careta que pareciam estar troçando da cara tão rota como o vestido. E que corpete! Um emplastro não seria tão imundo... A dez passos, aquele trapo ambulante havia de bulir com o olfato das pessoas delicadas. As mãos nunca em sua vida tinham visto água. Aquela mulher ou vinha de alguma assembleia noturna de bruxas ou de algum asilo de mendicidade. Mas que olhar, que inteligência ousada, que vida reprimida quando os raios magnéticos de seus olhos e os de Jacques Collin se encontraram para trocar uma ideia!

— Arreda, piolhenta! — berrou o cocheiro com voz rouca.

— Vê lá se me atropelas, seu empregado da guilhotina — disse ela.
— Olha que a tua mercadoria não vale a minha.

E, tratando de se apertar entre dois marcos para dar passagem, a vendedeira atravancou o caminho durante o tempo necessário para efetivar o seu plano.

“Ó Ásia!”, disse consigo Jacques Collin, reconhecendo imediatamente a sua cúmplice. “Tudo vai bem.”

O cocheiro continuava a trocar amabilidades com a vendedeira, e entretanto as carruagens iam-se acumulando na Rue du Martroi.

— *Ahé... peccairé fermati. Souni là. Vedrem!...* — gritou a velha com

essas inflexões selvagens, peculiares às vendedeiras de rua, que estropiam tão bem suas palavras que elas ficam sendo onomatopeias só entendidas dos parisienses.

No tumulto da rua e entre os gritos de todos os cocheiros que se ajuntaram, ninguém podia reparar naquele clamor selvagem que bem podia ser o pregão da vendedeira. Mas esse clamor, distinto para Jacques Collin, dizia-lhe numa algaravia convencional, feita de provençal e de italiano corrompidos, esta frase terrível:

— *O teu pobre pequeno foi apanhado; mas eu aqui estou para olhar por vós. Tu me tornarás a ver...*

No meio da infinita alegria que lhe causava o seu triunfo sobre a justiça, porquanto tinha esperanças de poder comunicar-se com o exterior, Jacques Collin sofreu um abalo suficiente para matar qualquer outro homem. “Luciano preso!”, disse ele de si para si. E quase desmaiou. Essa notícia era pior para ele do que lhe rejeitarem o recurso se fosse condenado à morte.

VI – HISTÓRIA HISTÓRICA, ARQUEOLÓGICA, ANEDÓTICA E FISIOLÓGICA DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

Agora que os dois cestos de salada rodam nos cais, o interesse desta história exige algumas palavras sobre a Conciergerie durante o tempo que gastarem até chegar lá. A Conciergerie, nome histórico, palavra terrível, coisa ainda mais terrível, anda envolvida nas revoluções da França, e sobretudo nas de Paris. Viu a maior parte dos grandes criminosos. Se é o mais interessante de todos os monumentos de Paris, é também o menos conhecido... das pessoas que pertencem às classes superiores da sociedade; mas, a despeito do imenso interesse desta digressão histórica, ela vai ser tão rápida como a corrida dos dois cestos de salada.

Qual é o parisiense, o estrangeiro ou o provinciano que, por dois dias que tenha estado em Paris, não tenha reparado nas muralhas negras, flanqueadas de três grossas torres, duas quase a par, que fazem o adorno sombrio e misterioso do chamado Quai des Lunettes? Esse cais começa no fim da Pont au Change e vai até a Pont-Neuf. Uma torre quadrada, chamada a Tour de l’Horloge, de onde foi dado o sinal da

noite de São Bartolomeu,^[241] torre quase tão alta quanto a de Saint-Jacques-la-Boucherie, indica o Palácio da Justiça e forma a esquina do cais. Estas quatro torres, estas muralhas são revestidas do escuro sudário que tomam em Paris todas as fronteiras voltadas para o norte. A meio do cais, numa arcada deserta, começam as construções privadas que o estabelecimento da Pont-Neuf determinou em tempos de Henrique IV. A place Royale foi a réplica da Place Dauphine. É o mesmo sistema de arquitetura, tijolos e cantaria. Essa arcada e a Rue de Harlay indicam os limites do palácio a oeste. Dantes a Chefatura de Polícia, palácio dos primeiros presidentes do Parlamento, dependia do palácio. O tribunal de contas e o desembargo completavam ali a justiça suprema, quer dizer, a justiça do soberano. Como se vê, antes da Revolução, o Palácio da Justiça gozava desse isolamento que hoje se procura criar.

Esse quadrado, essa ilha de prédios e de monumentos, onde se acha a Sainte-Chapelle, a joia mais magnífica do eskrinio de são Luís, é o santuário de Paris, o seu local sagrado, a sua arca santa. E, em primeiro lugar, esse espaço constituía todo o primitivo burgo, pois que o local da Place Dauphine era um prado dependente do domínio real, onde havia um moinho de cunhar moeda. Daí o nome de Rue de la Monnaie, posto à rua que se dirige para a Pont-Neuf. Daí também o nome de uma das três torres redondas, a segunda, que se chama Tour d'Argent, e que parece demonstrar que primitivamente se cunhou ali dinheiro. O famoso moinho que se vê nos antigos planos de Paris seria, com grande probabilidade, posterior ao tempo em que se cunhava moeda no próprio palácio, e devido sem dúvida a um aperfeiçoamento na arte monetária. A primeira torre quase encostada à d'Argent chama-se Tour de Montgommery. A terceira, que é a menor mas a mais bem conservada das três, pois ainda mantém as ameias, chama-se Tour Bonbec. A Sainte-Chapelle e essas quatro torres (compreendendo a Tour de l'Horloge) determinam perfeitamente o recinto ou perímetro do palácio, desde os Merovíngios até a primeira casa de Valois; mas para nós, e como resultado de suas transformações, esse palácio representa mais especialmente a época de são Luís.

Carlos V foi quem primeiro abandonou o palácio ao Parlamento,

instituição recentemente criada, e foi, debaixo da proteção da Bastilha habitar o famoso palácio Saint-Pol, ao qual mais tarde se acrescentou o palácio das Tournelles. Depois, com os últimos Valois, a realeza voltou da Bastilha para o Louvre, que havia sido a sua primeira bastilha. A primeira residência dos reis de França, o palácio de São Luís, que conservou apenas o nome de palácio para significar o palácio por excelência, está todo inteiro soterrado debaixo do Palácio da Justiça, de que forma os subterrâneos, pois era construído no Sena, como a catedral, e tão cuidadosamente construído que as maiores cheias mal lhe cobrem os primeiros degraus. O Quai de l'Horloge enterra a uns vinte pés essas construções dez vezes seculares. As carruagens rodam à altura do capitel das fortes colunas dessas três torres, cuja elevação outrora devia estar em harmonia com a elegância do palácio, e de um efeito pitoresco sobre a água, pois que ainda hoje elas disputam a altura aos mais elevados monumentos de Paris. Quando se contempla esta vasta capital do alto do mirante do Panteão, o palácio com a Sainte-Chapelle é ainda o que se afigura mais monumental entre tantos monumentos. Esse solar dos nossos reis, por cima do qual uma pessoa anda quando pisa o chão da sala imensa dos Passos Perdidos, era uma maravilha de arquitetura, e ainda o é aos olhos inteligentes do poeta que vem estudá-la examinando a Conciergerie. Infelizmente a Conciergerie invadiu o palácio dos reis. Sangra o coração ao ver como se abriram masmorras, redutos, corredores, alojamentos, salas sem ar nem luz naquela magnífica composição onde a arte bizantina, a romana, a gótica, essas três faces da arte antiga, foram amalgamadas pela arquitetura do século XII. Este palácio é para a história monumental da França dos primeiros tempos o que o castelo de Blois é para a história monumental dos segundos tempos. Assim como em Blois^[242] pode o viajante admirar, num só pátio, o castelo dos condes de Blois, o de Luís XII, o de Francisco I, o de Gastão, da mesma forma na Conciergerie, e num mesmo recinto, é dado encontrar o caráter das primeiras raças, e na Sainte-Chapelle, a arquitetura de São Luís.

Conselho municipal, se despendes milhões, põe ao lado dos arquitetos um ou dois poetas, se queres salvar o berço de Paris, o berço dos reis, dotando Paris e o soberano tribunal de um palácio digno da

França! É uma questão a ser estudada durante alguns anos antes de se dar início a qualquer outra coisa. Mais uma ou duas prisões como a da Roquette, e está salvo o palácio de são Luís.

VII – CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUNTO

Muitas chagas afligem hoje esse gigantesco monumento, enterrado por baixo do palácio e do cais, como um desses animais antediluvianos nos gessos de Montmartre; mas a maior chaga é ser ele a Conciergerie. Nos primeiros tempos da Monarquia, os grandes culpados, pois que os vilões e os burgueses pertencentes a jurisdições urbanas ou senhoriais, os possuidores de grandes ou pequenos feudos eram conduzidos à presença do rei e guardados na Conciergerie. Como poucos desses grandes culpados se capturavam, a Conciergerie bastava para a justiça do rei. É difícil saber ao certo o local da primitiva Conciergerie. Todavia, como ainda existem as cozinhas de são Luís, formando o que hoje se chama a Ratoeira, *la Souricière*, é de presumir que a Conciergerie primitiva devia ficar onde, antes de 1825, era a Conciergerie judiciária do Parlamento, debaixo da arcada à direita da grande escadaria exterior que conduz ao tribunal real. Dali, até 1825, saíram os condenados à morte para a execução final. Dali saíram todos os grandes criminosos, todas as vítimas da política, a marechala de Ancre e a rainha de França, Semblançay e Malesherbes, Damiens e Danton, Desrues e Castaing. O gabinete de Fouquier-Tinville,^[243] o mesmo que o atual do procurador régio, ficava situado de modo que se podiam ver partir nas suas carretas as pessoas que o tribunal revolucionário acabava de condenar. Aquele homem feito cutelo podia dar uma última vista d' olhos às suas fornadas.

A partir de 1825, no ministério do sr. de Peyronnet, houve grande mudança no palácio. A velha portaria da Conciergerie, onde se realizavam as cerimônias do auto de encarceramento e da *toilette* fatal, foi fechada e mudada para onde está hoje, entre a Tour de l'Horloge e a Tour de Montgommery, num pátio interior indicado por uma arcada. A esquerda fica a Ratoeira, *la Souricière*; à direita, a portaria. Os cestos de salada entram para esse pátio bastante irregular, e aí se podem conservar ou girar com facilidade e ser protegidos, num caso de motim,

contra qualquer tentativa pelas sólidas grades da arcada; ao passo que dantes não tinham a menor facilidade para manobrar no estreito espaço que separa a grande escadaria exterior da ala direita do palácio. Hoje a Conciergerie, apenas suficiente para os acusados (seria necessário lugar para trezentas pessoas, entre homens e mulheres), já não recolhe réus nem presos, exceto em circunstâncias raras, como a que fazia conduzir para lá Jacques Collin e Luciano. Os prisioneiros da Conciergerie são todos destinados a comparecer em audiência de júri. Por exceção, a magistratura tolera aí os culpados da alta sociedade que, já suficientemente desonrados por uma sentença do tribunal criminal, seriam desmarcadamente punidos se fossem cumprir pena em Melun ou em Poissy. Ouvrard^[244] preferiu ficar na Conciergerie a ir para Sainte-Pélagie. Agora mesmo o tabelião Lehon e o príncipe de Bergues^[245] lá estão a cumprir sentença por um ato de tolerância, arbitrário, sim, mas cheio de humanidade.

VIII – MODO DE USAR TUDO ISSO

Geralmente os réus, tanto para irem ao interrogatório como para comparecerem em audiência de Polícia Correccional, são diretamente lançados do cesto de salada à Ratoeira. A Ratoeira, que fica defronte da portaria, compõe-se de um certo número de celas praticadas nas cozinhas de São Luís, e onde os réus tirados de suas prisões aguardam a hora da sessão do tribunal ou a chegada do juiz de instrução.

A Ratoeira é limitada ao norte pelo cais, a leste pelo corpo de guarda da guarda municipal, a oeste pelo pátio da Conciergerie e ao sul por uma imensa sala abobadada (certamente a antiga sala dos festins), ainda sem destino. Por cima da Ratoeira fica um corpo de guarda interior, com vista por uma janela para o pátio da Conciergerie; é ocupado por gendarmes do departamento, vindo dar aí a escadaria. Quando soa a hora do julgamento, os oficiais de diligências vêm fazer a chamada dos réus, descem tantos gendarmes quantos são os presos, cada gendarme toma pelo braço um réu, e, assim emparceirados, sobem todos a escadaria, atravessam o corpo de guarda e chegam por corredores a uma peça contígua à sala onde funciona a famosa Sexta Vara do tribunal, que tem a seu cargo as audiências de Polícia

Correcional. E o mesmo caminho que tomam os acusados para irem da Conciergerie à audiência e para de lá voltarem.

Na sala dos Passos Perdidos, entre a porta da primeira câmara do tribunal de primeira instância e a escadaria que conduz à sexta, nota-se, logo ao passar-se aí pela primeira vez, uma entrada sem porta, sem nenhum enfeite arquitetônico, um buraco quadrado, verdadeiramente ignóbil. E por onde juízes e advogados penetram nesses corredores e no corpo de guarda, ou descem à Ratoeira e à portaria da Conciergerie. Todos os gabinetes dos juízes de instrução ficam em andares diversos nessa parte do palácio. Chega-se lá por escadarias medonhas, um labirinto no qual se perdem quase sempre aqueles que não conhecem o palácio. As janelas desses gabinetes dão umas para o cais, outras para o pátio da Conciergerie. Em 1830, alguns gabinetes de juízes de instrução abriam para a Rue de la Barillerie.

Assim, quando algum cesto de salada dá volta à esquerda no pátio da Conciergerie, é porque traz acusados para a Ratoeira; quando dá volta à direita, é porque traz acusados para a Conciergerie. Foi portanto para este lado que se dirigiu o carro onde vinha Jacques Collin, para o entregar à portaria.

Nada mais formidável existe. Criminosos ou visitantes dão com os olhos em duas grades de ferro forjado, separadas por um espaço de uns seis pés, abrindo sempre uma depois da outra, e através das quais tudo é observado tão escrupulosamente que as pessoas munidas de *licença para visitar* passam por essa peça através da grade, antes de a chave ranger na fechadura. Os magistrados instrutores, e mesmo os juízes, não entram sem primeiro ser reconhecidos. Vão lá falar agora na possibilidade de se comunicar ou de se evadir algum preso... O diretor da Conciergerie terá logo nos lábios um sorriso de gelar a dúvida do mais temerário romancista nas suas empresas contra a verossimilhança. Nos anais da Conciergerie só se conhece a evasão de Lavalette;^[246] mas a certeza de uma augusta convivência, hoje provada, diminuiu, se não a dedicação da esposa, pelo menos o perigo de um insucesso. Avaliando presencialmente a natureza dos obstáculos, as pessoas mais amigas do maravilhoso hão de reconhecer que em qualquer tempo esses obstáculos foram o que ainda hoje são:

invencíveis.

Nenhuma expressão consegue pintar a espessura das paredes e das abóbadas; é mister vê-las. Apesar de ser inferior ao cais o chão do pátio, quando se atravessa a portaria, ainda é preciso descer vários degraus para se chegar a uma imensa sala abobadada cujos grossos paredões são adornados de magníficas colunas e flanqueados pela Tour de Montgommery, que hoje faz parte do alojamento do diretor da Conciergerie, e pela Tour d'Argent, que serve de dormitório aos guardas, carcereiros ou chaveiros, como lhes queiram chamar. O número desses empregados não é tão grande como imaginam talvez; são vinte. O dormitório deles, bem como as camas, não difere do chamado de *Pistola*. Este nome sem dúvida vem de que antigamente os presos davam semanalmente um desses escudos espanhóis por esse alojamento cuja nudez faz lembrar as frias trapeiras que os homens sem dinheiro começam por habitar em Paris. À esquerda, nesta vasta sala de entrada, fica a secretaria da Conciergerie, espécie de escritório formado por vidraças onde estão o diretor e o seu escrivão, onde se acham os registros de encarceramento. Aí os réus são inscritos, descritos e revistados. Aí se decide a questão do alojamento, cuja solução depende da bolsa do paciente. Em frente à portaria dessa sala, avista-se a porta envidraçada de um locutório onde os parentes e os advogados se comunicam com os réus por um postigo com duas grades de madeira. Esse locutório recebe luz do pátio que serve de passeio interno aos acusados, onde eles respiram o ar livre e fazem exercício em horas determinadas.

Essa grande sala, alumiada pela duvidosa claridade desses dois postigos, porquanto a única janela que dá para o pátio de entrada é inteiramente tomada pela secretaria, apresenta uma atmosfera e uma luz em harmonia com as imagens preconcebidas pela imaginação. É coisa tanto mais horrorosa quanto, paralelamente às torres de Montgommery e d'Argent, dá-se com os olhos nessas criptas misteriosas, abobadadas, formidáveis, sem luz, que conduzem à masmorra da rainha, da sra. Elisabeth^[247] e às celas chamadas *segredos*. Esse labirinto de cantaria tornou-se o subterrâneo do Palácio da Justiça depois de ter visto as festas da realeza.

De 1825 a 1832, era nessa imensa sala, entre um grande fogão que aquece e a primeira das duas grades, que se fazia a operação da *toilette*. Ainda hoje não se passa sem tremer por cima dessas lajes que receberam o choque e as confidências de tantos derradeiros olhares.

IX – COMO SE FAZ A INSCRIÇÃO NOS

REGISTROS DA CONCIERGERIE

Para sair da sua horrenda carruagem, o moribundo precisou do auxílio de dois gendarmes, que o tomaram nos braços, o ampararam e levaram quase desmaiado à secretaria. Assim arrastado, o moribundo erguia os olhos ao céu de maneira a lembrar o Salvador descido da cruz. Em nenhum quadro Jesus oferece fisionomia mais cadavérica, mais decomposta que a do fingido espanhol, que parecia prestes a soltar o último suspiro. Quando, na secretaria, o sentaram, repetiu com voz sumida as palavras que a toda a gente dizia desde que fora preso:

— Apelo para sua excelência o embaixador da Espanha...

— O senhor dirá isso — respondeu o diretor — ao senhor juiz de instrução...

— Oh, meu Deus! — replicou Jacques Collin suspirando. — Se pudessem arranjar-me um breviário... E um médico? Não tenho duas horas de vida.

Como Carlos Herrera tivesse de ser posto no segredo, foi ocioso perguntar-lhe se reclamava o benefício da *Pistola*, isto é, o direito de habitar algum desses quartos onde se goza o único conforto permitido pela justiça. Esses quartos ficam no extremo do pátio coberto de que mais tarde se falará. O oficial de diligências e o escrivão preencheram pavorosamente as formalidades do encarceramento.

— Senhor diretor — disse Jacques Collin escorchando o francês —, eu estou moribundo, como vê. Se pode ser, diga o mais breve possível ao senhor juiz que solicito como um favor o que um criminoso devia recluir mais, que é comparecer na sua presença logo que ele chegue; porque os meus sofrimentos são verdadeiramente intoleráveis, e, assim que eu lhe falar, cessará este equívoco...

Por via de regra, todos os criminosos falam em equívoco. Ide às

galés, interrogai os condenados, e vereis que quase todos são vítimas de um erro da justiça. Assim sendo, esta palavra faz sorrir imperceptivelmente todos aqueles que estão em contato com réus ou condenados.

— Eu posso apresentar a sua reclamação ao juiz de instrução — respondeu o diretor.

— Abençoado seja, senhor!... — replicou o espanhol, erguendo os olhos ao céu.

Apenas inscrito, Carlos Herrera, tomado em braços por dois guardas municipais, acompanhados de um guarda a quem o diretor designou o segredo onde devia ser encerrado o preso, foi conduzido pelo dédalo subterrâneo da Conciergerie a um quarto muito salubre, apesar do que possam dizer certos filantropos, mas sem comunicações possíveis.

Tendo ele desaparecido, os guardas, o diretor da cadeia, o seu escrivão, o próprio oficial de diligências, os gendarmes olharam uns para os outros como quem pede as opiniões recíprocas, e em todas as fisionomias se pintou a dúvida; mas, ao aspecto do outro acusado, todos os espectadores voltaram à sua incerteza habitual, dissimulada sob um ar de indiferença. A menos que se deem circunstâncias extraordinárias, os empregados da Conciergerie são pouco curiosos; os criminosos são para eles o mesmo que os fregueses são para os cabeleireiros. Assim é que todas essas formalidades com que tanto se aterra a imaginação ali se executam com mais simplicidade do que as operações de dinheiro num banco, e às vezes com mais cortesia.

Luciano apresentou a máscara do culpado abatido, pois se entregava à discrição, abandonando-se como uma máquina. Desde Fontainebleau, o poeta contemplava sua ruína, e considerava chegada a hora das expiações. Pálido, decomposto, ignorando tudo quanto se passara durante sua ausência em casa de Ester, sabia contudo que era o companheiro íntimo de um grilheta evadido. Bastava esta situação para lhe fazer antever catástrofes piores que a morte. Todos os pensamentos que a sua imaginação concebia se reduziam ao suicídio. Queria escapar a todo custo às ignomínias que entrevia como num pesadelo.

Jacques Collin foi metido, como o mais perigoso dos dois réus, numa masmorra toda de cantaria, com luz de um desses pátios internos

que há no recinto do palácio, e situado na ala em que o procurador-geral tem o seu gabinete. Esse pequeno pátio serve de passeio à repartição das mulheres. Luciano foi conduzido pelo mesmo caminho, pois, de acordo com as ordens dadas pelo juiz de instrução, o diretor usou de consideração para com ele, indo parar afinal num calabouço contíguo às *Pistolas*.

X – COMO SE AGUENTAM OS DOIS RÉUS

Em geral as pessoas que nunca terão embaraços com a justiça concebem as ideias mais negras a respeito da incomunicabilidade de um preso no segredo. A ideia de justiça criminal não se separa das velhas ideias sobre a tortura antiga, sobre a insalubridade das prisões, sobre a frialdade das muralhas de pedra donde ressumbram lágrimas, sobre a grosseria dos carcereiros e a péssima qualidade da comida, acessórios obrigatórios dos dramas; mas não é inútil dizer aqui que esses exageros não existem senão no teatro e fazem sorrir os magistrados, os advogados e aqueles que, por curiosidade, visitam as prisões ou vão observá-las. Durante muito tempo foi realmente uma coisa terrível. É certo que, sob o antigo Parlamento, nos séculos de Luís XIII e Luís XIV, os acusados eram lançados aos montes numa espécie de sobreloja por cima da antiga portaria. As prisões foram um dos crimes da Revolução de 1789, e basta ver a masmorra da rainha e a da sra. Elisabeth para conceber um profundo horror às antigas formas judiciárias. Hoje, porém, se a filantropia tem feito à sociedade males incalculáveis, tem produzido algum benefício para os indivíduos. Devemos a Napoleão o nosso código criminal, que, mais ainda que o código civil, cuja reforma em certos pontos é urgente, será um dos grandes monumentos desse reinado tão curto. Esse novo direito criminal fechou todo um abismo de sofrimentos. Por isso pode-se afirmar que, pondo de parte as horrendas torturas morais a que as pessoas das classes superiores se veem entregues quando se acham sob a mão da justiça, a ação deste poder é de uma brandura e de uma simplicidade tanto maiores quanto é certo que são inesperadas. O acusado, o réu certamente não estão alojados tão bem como em sua casa; mas nas prisões de Paris há o necessário. De resto, a gravidade dos

sentimentos a que o prisioneiro se entrega tira aos acessórios da vida sua significação habitual. Não é nunca o corpo que sofre. O espírito acha-se num estado tão violento que toda a espécie de mal-estar ou de brutalidade, a darem-se num tal meio, facilmente se tolerariam. É forçoso admitir, principalmente em Paris, que o inocente não tarda a ser posto em liberdade.

Entrando para a sua cela, Luciano encontrou pois a fiel imagem do primeiro quarto que havia ocupado em Paris, no Hotel de Cluny. Um catre como os das mais pobres casas de hóspedes do Quartier Latin, cadeiras com assento de palhinha, uma banca e uns poucos utensílios compunham a mobília de um desses quartos, onde muitas vezes são reunidos dois acusados quando seus costumes são brandos e seus crimes de fraca categoria, como falsificações e bancarrotas. Esta semelhança entre o seu ponto de partida, cheio de inocência, e o seu ponto de chegada, último grau da vergonha e do aviltamento, foi tão bem compreendida por um esforço da sua fibra de poeta que o inditoso desatou a chorar. Chorou quatro horas seguidas, insensível na aparência como uma figura de pedra, mas sofrendo com todas as suas esperanças derrubadas, ferido em todas as suas vaidades sociais esmagadas, no seu orgulho aniquilado, em todos os *eus* que o ambicioso, o apaixonado, o feliz, o dândi, o parisiense, o poeta, o voluptuoso e o privilegiado apresentam. Tudo nele se despedaçara naquela queda de Ícaro.^[248]

Quanto a Carlos Herrera, assim que ficou sozinho, pôs-se na sua masmorra a andar de um lado para outro, como um urso na sua jaula. Examinou minuciosamente a porta e certificou-se de que, a não ser o olhete, nenhum outro orifício tinha. Sondou todas as paredes. Olhou para a fresta, donde vinha uma tênue claridade, e disse consigo: “Estou em segurança!”. Foi sentar-se a um canto, onde não podia vê-lo qualquer guarda que aplicasse a vista ao olhete. Depois tirou a peruca e desgrudou rapidamente um papel que lhe guarnecia o fundo. O lado desse papel em comunicação com a cabeça estava tão sujo que parecia ser o tegumento da peruca. Nem Bibi-Lupin, caso se lembrasse de arrancar essa cabeleira para reconhecer a identidade do espanhol com Jacques Collin, seria capaz de desconfiar desse papel a tal ponto ele

parecia fazer parte da obra do cabeleireiro. O outro lado do papel estava ainda suficientemente branco e limpo para receber algumas linhas. A difícil e minuciosa operação do desgrudamento tinha sido começada em La Force, havendo consumido várias horas na véspera. O acusado começou por aparar esse precioso papel de modo a obter uma fita de quatro a cinco linhas de largura e cortou-a em vários pedaços; em seguida tornou a introduzir nesse singular armazém sua provisão de papel depois de umedecer-lhe a camada de goma-arábica, com auxílio da qual podia restabelecer sua aderência. Procurou numa estriga de cabelos um desses lápis, finos como hastes de alfinete, cuja fabricação devida a Susse^[249] era recente, e que ali estava seguro com cola, e tirou um pedacinho bastante comprido para escrever e suficientemente pequeno para caber dentro da orelha. Terminados esses preparativos com a rapidez, a segurança de execução peculiar aos velhos forçados que são hábeis como macacos, Jacques Collin sentou-se na beira da cama e pôs-se a meditar nas instruções que daria a Ásia, com a certeza de encontrá-la no seu caminho, tal a confiança que depositava no gênio dessa mulher.

“No meu interrogatório sumário”, dizia ele de si para si, “fingi-me de espanhol falando mal o francês, apelando para o seu embaixador, alegando os privilégios diplomáticos e não compreendendo nada do que lhe perguntavam, tudo bem escondido por desfalecimentos, por suspensões, por suspiros, enfim por todas as repetições fastidiosas de um moribundo. Conservemo-nos nesse terreno. Meus papéis estão em regra. Eu e Ásia podemos muito bem intrujar o sr. Camusot, que não é grande coisa. Pensemos pois em Luciano, em refazer-lhe o moral; é necessário a todo custo chegar até ele, traçar-lhe uma norma de ação, do contrário ele se entrega, me trai e deita tudo a perder. É preciso ensinar-lhe a lição antes do interrogatório. E depois necessito de testemunhas que sustentem o meu lado de padre.”

Tal era a situação moral e física dos dois réus cuja sorte nesse momento dependia do sr. Camusot, juiz de instrução no tribunal de primeira instância do Sena, árbitro soberano durante o período que lhe conferia o código criminal, dos mínimos detalhes da existência deles; porquanto só ele podia permitir que o capelão, o médico da

Conciergerie, fosse quem fosse, enfim, se comunicassem com eles.

XI – O QUE É UM JUIZ DE INSTRUÇÃO, PARA AQUELES QUE NÃO O TÊM

Nenhum poder humano, nem o rei, nem o ministro da Justiça, nem o presidente do Conselho podem invadir os poderes do juiz de instrução; nada pode fazê-lo parar nem dar-lhe ordens. É um soberano sujeito unicamente à sua consciência e à lei. Neste momento em que filósofos, filantropos e publicistas andam constantemente atarefados em diminuir todos os poderes sociais, o direito conferido por nossas leis aos juizes de instrução tem sido alvo de ataques tanto mais terríveis quanto é certo serem quase justificados por tal direito que, na verdade, é exorbitante. Não obstante, para todo homem sensato, esse poder deve conservar-se intangível; pode-se, em certos casos, suavizar seu exercício por um largo emprego da fiança; mas a sociedade, já tão abalada pela pouca inteligência e pela fraqueza do júri (magistratura augusta e suprema que só devia ser confiada a gente muito fina), ficaria ameaçada de ruína se se partisse essa coluna que aguenta todo o nosso direito criminal. A prisão preventiva é uma dessas faculdades terríveis, necessárias, em que o perigo social é compensado por sua própria grandeza. Por outro lado, desconfiar da magistratura é um começo de dissolução social. Derrube-se a instituição e torne-se a construí-la sobre outras bases; peçam-se, como antes da Revolução, imensas garantias de fortuna à magistratura; mas não se faça dela a imagem da sociedade para insultá-la. Hoje o magistrado, pago como um funcionário, pobre quase sempre, substituiu sua dignidade de outros tempos por uma arrogância que se afigura intolerável a todos os iguais que lhe foram postos a par; porque a arrogância é uma dignidade sem pontos de apoio. Aí é que reside o vício da instituição atual. Se a França estivesse dividida em dez jurisdições, podia-se reabilitar a magistratura exigindo dela grandes fortunas, o que é impossível com vinte e seis jurisdições. O único melhoramento real a reclamar no exercício do poder confiado ao juiz de instrução é a reabilitação do cárcere. A prisão preventiva não devia causar nenhuma mudança nos hábitos dos indivíduos.

As casas de detenção deviam, em Paris, ser construídas, mobiliadas e dispostas de modo que modificassem profundamente as ideias do

público sobre a situação dos acusados. A lei é boa, é necessária; mas sua execução é má, e os costumes julgam as leis conforme elas se executam. A opinião pública na França condena os réus e reabilita os acusados por uma inexplicável contradição. Resultado talvez do espírito essencialmente crítico do francês. Esta inconsequência do público parisiense foi um dos motivos que contribuíram para a catástrofe deste drama; foi mesmo, como se vai ver, um dos motivos mais fortes. Para estar bem a par das cenas terríveis que se representam no gabinete de um juiz de instrução, para conhecer bem a situação respectiva das duas partes beligerantes, os acusados e a justiça cuja luta tem por objeto o segredo guardado por aqueles contra a curiosidade do juiz, com tanta justeza chamado *o curioso* na gíria das prisões, nunca se deve esquecer que os réus incomunicáveis ignoram tudo quanto dizem os sete ou oito públicos que formam o público, tudo quanto sabem a polícia e a justiça e o pouco que os jornais publicam das circunstâncias do crime. Assim, dar a acusados um aviso como aquele que Jacques Collin acabava de receber de Ásia sobre a captura de Luciano é lançar uma corda a um homem que se afoga. Vai-se ver malograr-se por essa razão uma tentativa que certamente, não fosse tal comunicação, deitaria a perder o forçado. Bem estabelecidos estes termos, as pessoas mais difíceis de se comover vão ficar amedrontadas com o que estas três causas de terror produzem: o sequestro, o silêncio e o remorso.

XII – O JUIZ DE INSTRUÇÃO EM APUROS

O sr. Camusot, genro de um dos camareiros do gabinete do rei, e cujas alianças e posição é escusado explicar por conhecermos-lo demasiadamente, achava-se nesse momento numa perplexidade quase igual à de Carlos Herrera, relativamente à instrução que lhe estava confiada. Ex-presidente de um tribunal da província, fora tirado desta posição e chamado para juiz em Paris, um dos lugares mais invejados na magistratura, pela proteção da célebre duquesa de Maufrigneuse, cujo marido, gentil-homem do delfim e coronel de um dos regimentos de cavalaria da guarda real, era tão influente junto ao rei como ela o era junto de madame.^[250] Por um serviço insignificante, mas para a duquesa importantíssimo, a propósito do processo de falsificação intentado

contra o jovem conde d'Esgrignon por um banqueiro de Alençon,^[251] de simples juiz na província ele fora promovido a presidente, e de presidente a juiz de instrução em Paris. Havia dezoito meses que funcionava no tribunal mais importante do reino, e pudera já, a pedido da duquesa de Maufrigneuse, prestar-se aos intentos de uma fidalga não menos influente, a marquesa d'Espard; mas fizera má figura.^[252] Luciano, como se disse no princípio desta história, para se vingar da sra. d'Espard, que queria fazer interditar seu marido, conseguiu restabelecer os fatos aos olhos do procurador-geral e do conde de Sérisy. Uma vez reunidas essas duas altas influências aos amigos do marquês d'Espard, a mulher só por clemência do marido escapara à censura do tribunal. Na véspera, ao saber da captura de Luciano, a marquesa d'Espard enviara seu cunhado, o cavaleiro d'Espard, à casa da sra. Camusot. Esta fora imediatamente fazer uma visita à ilustre marquesa. À hora do jantar, de volta à casa, a sra. Camusot chamara de parte o marido ao quarto de dormir.

— Se consegues enviar esse vaidoso Luciano de Rubempré ao banco dos réus, de modo que ele seja condenado — segredou-lhe ela —, tu serás conselheiro do régio tribunal...

— Mas como?

— A marquesa d'Espard queria ver cair a cabeça do pobre rapaz. Até senti calafrios na espinha ao ouvir falar aquele rancor de mulher bonita.

— Não te metas em coisas do tribunal — respondeu Camusot à mulher.

— Eu não me meto em nada — tornou ela. — Qualquer pessoa que nos ouvisse não podia saber de que se tratava. Eu e a marquesa fomos tão deliciosamente hipócritas como tu agora estás sendo comigo. Ela queria me agradecer os teus serviços no processo dela, mostrando-se muito grata, apesar de se ter saído mal na sua pretensão. Falou-me da terrível missão que a lei confere aos juízes de instrução. “Ter de mandar um homem para o patíbulo é horrível, mas mandar aquele é fazer justiça! etc.” Deplorou que um rapaz tão belo, trazido para Paris por sua prima, a sra. du Châtelet, não desse boa coisa. “Aí está”, dizia ela, “aonde as más mulheres, como uma Corália, uma Ester, levam os rapazes que têm corrupção bastante para compartilhar com elas os seus

ignóbeis lucros!” E cada sermão sobre a caridade, sobre a religião! A sra. du Châtelet tinha-lhe dito que Luciano merecia mil mortes porque quase ia dando cabo da irmã e da mãe... Falou de uma vaga no régio tribunal, e que conhecia o ministro da Justiça. “O seu marido, minha senhora, tem uma bela ocasião de se distinguir!”, disse ela em conclusão. Aí está.

— Nós nos distinguimos todos os dias cumprindo o nosso dever — disse Camusot.

— Tu irás longe se assim fores magistrado em toda a parte, mesmo com tua mulher — volveu a sra. Camusot. — Eu julgava-te parvo, mas hoje te admiro...

O magistrado teve nos lábios um desses sorrisos que só aos magistrados pertencem, como o das bailarinas é só delas.

— Posso entrar, minha senhora? — perguntou a criada.

— Que me quer? — disse a ama.

— Veio cá, na sua ausência, a primeira criada da sra. duquesa de Maufrigneuse, pedir-lhe, da parte de sua ama que a senhora vá imediatamente ao palácio de Cadignan.

— Atrasem o jantar — disse a mulher do juiz, pensando que ainda estava à espera da paga o cocheiro do fiacre que a tinha trazido.

Tornou a pôr o chapéu, subiu de novo ao fiacre, e em vinte minutos estava no palácio de Cadignan. A sra. Camusot, introduzida por uma entrada particular, ficou dez minutos sozinha num toucador contíguo ao quarto de dormir da duquesa, que se mostrou resplandecente, porque estava de partida para Saint-Cloud, aonde a chamava um convite da Corte.

— Minha filha, entre nós, duas palavras bastam.

— Sim, senhora duquesa.

— Luciano de Rubempré acha-se preso, seu marido está encarregado do sumário, e eu garanto a inocência do pobre rapaz; é preciso que ele esteja livre dentro de vinte e quatro horas. Mais ainda. Há uma pessoa que amanhã quer falar secretamente com Luciano na prisão; seu marido pode estar presente, se quiser, contanto que não se mostre... Já sabe que sou fiel a quem me serve. O rei conta com a coragem dos seus magistrados nas circunstâncias graves em que em

breve se vai encontrar; eu recomendarei seu marido como homem dedicado ao rei, ainda quando tivesse de arriscar a cabeça. O nosso Camusot será primeiramente conselheiro, depois primeiro presidente em qualquer parte... Adeus, que estão à minha espera. Desculpe-me, sim? Não obsequia só o procurador-geral, que neste negócio não pode pronunciar-se; salva também a vida à sra. de Sérisy, que morre de desgosto. Já vê que não lhe faltará apoio. Vê também como confio na sua pessoa. Não tenho necessidade de lhe fazer recomendações.

Pôs um dedo nos lábios e desapareceu.

“E eu que nem lhe pude dizer que a marquesa d’Espard quer ver Luciano no cadafalso!...”, pensava a mulher do magistrado, tornando a tomar o fiacre.

Chegou em casa numa ansiedade tal que o juiz, ao vê-la, perguntou-lhe:

— Que tens, Amélia?

— Estamos entre a cruz e a caldeirinha...

Contou sua entrevista com a duquesa, falando ao ouvido do marido, com medo de que a criada escutasse à porta.

— Qual delas terá mais influência? — disse ela ao terminar. — A marquesa ia-te comprometendo no processo idiota de interdição do marido, ao passo que devemos tudo à duquesa. Uma fez-me promessas vagas, enquanto a outra disse: “O seu marido será primeiramente conselheiro, depois primeiro presidente”. Deus me livre de te dar conselhos, pois nunca hei de envolver-me em negócios da justiça, mas devo referir-te fielmente o que se diz e o que se prepara na Corte...

— Nem tu imaginas, Amélia, o que o chefe de polícia me mandou esta manhã! E por quem? Por um dos homens mais importantes da Polícia Geral do Reino, o Bibi-Lupin da polícia, que me disse que o Estado tinha interesses secretos neste processo. Jantemos e vamos às Variétés.^[253] Esta noite falaremos de tudo isto no silêncio do gabinete, porque preciso da tua inteligência; talvez não baste a do juiz...

XIII – EM QUE SE VÊ QUE OS QUARTOS DE DORMIR SÃO MUITAS VEZES SALAS DE DELIBERAÇÃO

Os nove décimos dos magistrados negarão a influência da mulher sobre

o marido em semelhante ocorrência; e, contudo, se esta é uma das mais salientes exceções sociais, pode-se fazer notar que ela é verdadeira, conquanto accidental. O magistrado é como o padre, sobretudo em Paris, onde reside a nata da magistratura; é raro ele falar de negócios do tribunal, senão quando tenham passado em julgado. As mulheres de magistrados não só afetam ignorar tudo mas têm também bastante senso das conveniências para adivinharem que prejudicariam seus maridos se, quando sabem algum segredo, o deixassem transparecer. Sem embargo, nas grandes ocasiões em que se trata de promoção em consequência deste ou daquele partido tomado, muitas mulheres têm assistido, como Amélia, à deliberação do magistrado. Enfim, estas exceções, tanto mais fáceis de negar por serem sempre desconhecidas, dependem inteiramente da maneira como a luta entre dois caracteres se trava no seio de um casal. Ora, a sra. Camusot dominava completamente o marido. Quando tudo em casa estava dormindo, o magistrado e sua mulher sentaram-se à escrivaninha sobre a qual o juiz já havia posto por ordem as peças do processo.

— Aqui estão as notas que o chefe de polícia, aliás a meu pedido, me mandou entregar — disse Camusot.

O PADRE CARLOS HERRERA

Este indivíduo é certamente um tal Jacques Collin, chamado Engana-a-Morte, cuja última captura data de 1819 e foi levada a efeito em casa de uma sra. Vauquer, com casa de hóspedes na Rue Neuve-Sainte-Genève, e onde ele morava, escondido sob o nome de Vautrin.

À margem, escrito pelo próprio punho do chefe de polícia, lia-se o seguinte:

Transmitiu-se ordem telegráfica^[254] a Bibi-Lupin, chefe da Sûreté, para voltar imediatamente a fim de auxiliar a acareação, pois ele conhece pessoalmente Jacques Collin, a quem fez prender em 1819 com o concurso de uma tal srta. Michonneau.

Ainda existem os hóspedes que moravam na Casa Vauquer, e podem ser citados para estabelecerem a identidade.

O pretenso Carlos Herrera é amigo íntimo e conselheiro do sr. Luciano de Rubempré, a quem durante três anos tem fornecido somas consideráveis,

evidentemente oriundas de roubos.

Esta solidariedade, se se estabelecer a identidade do suposto espanhol e de Jacques Collin, será a condenação de Luciano de Rubempré.

A morte súbita do agente Peyrade é devida a um envenenamento consumado por Jacques Collin, por Luciano ou por cúmplices seus. A razão desse assassinato é que o agente andava de há muito na cola dos dois hábeis criminosos.

À margem o magistrado indicou esta frase escrita pelo próprio chefe de polícia:

Sei de ciência pessoal e com absoluta certeza que o sr. Luciano de Rubempré ludibriou indignamente sua senhoria, o conde de Sérisy e o senhor procurador-geral.

— Que dizes a isto, Amélia?

— É horrível!... — respondeu a mulher do juiz. — Mas anda, acaba!

A substituição do padre espanhol ao grilheta Collin é o resultado de algum crime cometido com mais habilidade do que aquele pelo qual Cogniard se fez Conde de Santa Helena.^[255]

LUCIANO DE RUBEMPRÉ

Luciano Chardon, filho de um boticário de Angoulême casado com uma moça De Rubempré, deve a uma carta régia o direito de usar o nome De Rubempré. Essa concessão foi feita a pedido da sra. duquesa de Maufrigneuse e do sr. conde de Sérisy.

Em 182... veio esse rapaz para Paris sem nenhum meio de vida, acompanhando a sra. condessa Sisto du Châtelet, então sra. de Bargeton, prima da sra. d'Espard.

Ingrato para com a sra. de Bargeton, viveu amasiado com uma tal Corália, hoje falecida, atriz do Gymnase, que por ele deixou o sr. Camusot, negociante de sedas na Rue des Bourdonnais.

Caindo logo na miséria pela insuficiência dos recursos que a atriz lhe dava, comprometera gravemente o cunhado, homem muito digno, impressor em Angoulême, emitindo umas letras falsas, por cujo pagamento David Séchard esteve preso durante uma curta estada do sobredito Luciano em Angoulême.

Este caso determinou a fuga de Rubempré, que subitamente reapareceu em Paris com o padre Carlos Herrera.

Sem meios de vida conhecido, Luciano gastou, em média, durante os três primeiros anos da sua permanência em Paris, uns trezentos mil francos, que só

lhe podiam provir do suposto padre Carlos Herrera, mas a que título?

Além disso, empregou ultimamente mais de um milhão na compra da propriedade de Rubempré para obedecer a uma condição imposta ao seu casamento com a srta. Clotilde de Grandlieu. A ruptura desse casamento deve-se a que a família Grandlieu, à qual o sr. Luciano dissera virem-lhe aquelas somas do cunhado e da irmã, fez tirar informações junto do respeitável casal Séchard, principalmente por intermédio do procurador Derville; e os Séchard não só ignoravam tais aquisições mas até julgavam Luciano muitíssimo endividado.

De resto, a herança recolhida pelos cônjuges Séchard consiste em bens de raiz; e o dinheiro de contado, segundo suas declarações, eleva-se a duzentos mil francos.

Luciano vivia secretamente com Ester van Gobseck; é certo, portanto, que todas as profusões do barão de Nucingen, protetor dessa mulher, eram entregues ao mencionado Luciano.

Luciano e o seu companheiro, o forçado, puderam-se aguentar em cena mais tempo que Cogniard tirando seus recursos da prostituição da dita Ester, anteriormente meretriz registrada na polícia.

XIV – DA POLÍCIA E DE SUAS FICHAS

Apesar das repetições que estas notas produzem na narrativa do drama, era necessário pô-las aqui textualmente para mostrar o papel da polícia em Paris. A polícia, como o leitor já teve ocasião de ver na nota sobre Peyrade, possui apontamentos, quase sempre exatos, sobre todas as famílias e sobre todos os indivíduos cuja vida é suspeita, cujas ações são repreensíveis. Não ignora nenhuma anormalidade. Essa carteira de notas universal, esse cadastro das consciências, é tão bem organizada como o arquivo do Banco de França sobre as fortunas. Assim como o Banco aponta os mais ligeiros atrasos de pagamento, avalia todos os créditos, todos os capitalistas e segue as suas operações, assim a polícia procede com a honestidade dos cidadãos. Nisto, como nos tribunais, a inocência nada tem que recear, pois que essa ação apenas se exerce sobre as faltas. Por mais alto que esteja colocada uma família, ela não pode garantir-se contra essa providência social. Aliás, a descrição corre parilha com a extensão desse poder. Essa imensa quantidade de autos dos comissários de polícia, de relatórios, de notas, de processos, esse oceano de informações dorme imóvel, profundo e tranquilo como o

mar. Se rebenta algum incidente, se é cometido um crime, a justiça recorre logo à polícia; e, se existe alguma nota sobre os acusados, o juiz toma imediatamente conhecimento dela. Essas notas, nas quais se analisam os antecedentes, são apenas informações que morrem entre as quatro paredes do tribunal; a justiça não pode fazer delas nenhum uso legal, porque só lhe servem para esclarecimento. São de certo modo o avesso da tapeçaria dos crimes, as suas causas primárias e quase sempre inéditas. Nenhum júri lhes daria crédito; o país inteiro se revoltaria de indignação se elas aparecessem no processo oral da audiência. É a verdade, enfim, condenada a estar sempre no seu poço. Não há magistrado, com doze anos de prática em Paris, que não saiba que a audiência de júri e a Polícia Correccional ocultam metade dessas infâmias, que são como que o leito em que esteve a chocar o crime, e que não confesse que a justiça não chega a punir metade dos atentados cometidos. Se o público soubesse até onde vai a descrição dos empregados da polícia que têm memória, havia de reverenciar esses bravos como a uns Cheverus.^[256] Julga-se que a polícia é astuciosa, maquiavélica; e, afinal, ela é de uma benignidade excessiva. Apenas escuta as paixões em paroxismo; recebe as suas denúncias e conserva todos os seus apontamentos. Só de um lado ela mete medo. O que faz em benefício da justiça, também o faz em benefício da política. Em política, porém, ela é tão cruel e tão parcial como a extinta Inquisição.

— Deixemos isto, que é segredo entre a polícia e a justiça — disse o juiz tornando a guardar os apontamentos. — O juiz verá que importância isto tem; mas o sr. Camusot e sua mulher nada sabem a tal respeito.

— Não precisavas me dizer tal coisa — disse a sra. Camusot.

— Luciano é culpado — continuou o juiz —, mas de quê?

— Um homem amado pela duquesa de Maufrigneuse, pela condessa de Sérisy, por Clotilde de Grandlieu não pode ser culpado — respondeu Amélia —; o *outro* é que fez tudo.

— Mas Luciano é cúmplice — observou Camusot.

— Faze o que digo — tornou Amélia. — Restitui o padre à diplomacia, de que é o mais belo ornamento, dá como inocente o rapaz e procura outros culpados...

— Oh, que pressa! — respondeu o juiz sorrindo. — As mulheres vão direitas ao seu alvo passando por cima das leis, como as aves a quem nada detém no ar.

— Mas o padre Carlos —olveu Amélia —, ou seja diplomata ou seja grilheta, te indicará alguém para se desvencilhar deste negócio.

— Quem manda és tu; eu *sou* o braço que executa — disse Camusot à mulher.

— Bem. Está encerrada a sessão, vem cá dar um abraço na tua Amélia, que já é uma hora.

E a sra. Camusot foi deitar-se, deixando o marido a pôr os papéis e as ideias em ordem para os interrogatórios a que no dia seguinte tinha de submeter os dois acusados.

XV – UM PRODUTO DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

Enquanto, pois, os cestos de salada transportavam Jacques Collin e Luciano à Conciergerie, o juiz de instrução, já almoçado, atravessava Paris a pé, segundo a singeleza de costumes adotada pelos magistrados parisienses, a caminho do seu gabinete, aonde já tinham chegado os documentos do processo. Eis como isso se verificara.

Todos os juizes de instrução têm um escrivão, espécie de secretário juramentado, cuja raça se perpetua sem galardões nem estímulos, e que produz sempre excelentes homens, de um mutismo natural e absoluto. Ignora-se no Palácio da Justiça, desde a origem dos parlamentos até hoje, o exemplo de uma indiscrição de tais funcionários. Gentil vendeu o recibo passado a Semblançay por Luísa de Saboia; um amanuense da Secretaria da Guerra vendeu a Czernicheff o plano da campanha da Rússia;^[257] todos esses traidores eram mais ou menos ricos. A perspectiva de um cargo no tribunal, a perspectiva de um lugar de escrivão, a consciência do ofício bastam para tornar esse empregado o rival feliz do túmulo, porque o túmulo, com os progressos da química, tornou-se indiscreto. Esse empregado é a pena do juiz. Muita gente compreenderá que se possa ser o eixo da máquina, e indagará como se possa continuar a ser simples parafuso; contudo, o parafuso resigna-se com a sua sorte; será por medo à máquina? O escrivão de Camusot, moço de vinte e dois anos, chamado Coquart, tinha pela manhã ido

buscar todos os documentos e notas do juiz, e tinha já tudo preparado no gabinete, quando o magistrado seguia pelos cais adiante, a olhar para as curiosidades expostas nos estabelecimentos e perguntando a si mesmo: “Suponhamos que seja Jacques Collin! Como hei de haver-me com um bicho assim? Se o chefe da segurança o reconhecer, eu não tenho remédio senão aparentar que faço o meu dever, ao menos para a polícia. Vejo tantas impossibilidades que o melhor seria informar a marquesa e a duquesa, mostrando-lhes os apontamentos da polícia; e eu assim vingarei meu pai, a quem Luciano tirou Corália.^[258] Se descubro uns celerados tão vis, a minha habilidade será proclamada e Luciano será renegado por todos os seus amigos. O interrogatório decidirá”.

Entrou numa loja de curiosidades, atraído por um relógio de Boulle.
^[259]

XVI – UMA INFLUÊNCIA

“Não mentir à minha consciência e servir as duas grandes damas, eis uma obra-prima de habilidade”, pensava ele.

— Oh! O senhor procurador-geral aqui! — disse Camusot em voz alta. — Anda a procurar medalhas?

— É a mania de quase todos os funcionários da justiça — respondeu rindo o conde de Granville. — É por causa do reverso.^[260]

E depois de mais um lance de olhos pela loja, como se estivesse a concluir o seu exame, levou Camusot pelo cais, sem que o juiz pudesse imaginar que ali havia alguma coisa mais do que um acaso.

— O senhor vai interrogar hoje o sr. de Rubempré — disse o procurador-geral. — Coitado! Eu era amigo dele...

— Há muitas acusações contra ele — disse Camusot.

— É verdade. Eu vi as notas da polícia, mas olhe que elas são devidas em parte a um agente que não depende da Prefeitura, ao famoso Corentin, homem que tem feito cortar a cabeça a mais inocentes do que o senhor há de mandar de culpados para o cadafalso... É um maroto que está fora do nosso alcance. Sem querer influir na consciência de um magistrado como o senhor, não posso deixar de lhe fazer observar que, se o senhor adquirir a convicção da ignorância de Luciano

relativamente ao testamento da rapariga, daí resultará que ele não tinha nenhum interesse na sua morte, pois que ela lhe dava um dinheirão.

— Estamos certos da sua ausência durante o envenenamento da tal Ester — disse Camusot. — A esse tempo estava ele em Fontainebleau aguardando a passagem da srta. de Grandlieu e da duquesa de Lenoncourt.

— Oh! — tornou o procurador-geral. — Ele tinha tanta esperança de se casar com a srta. de Grandlieu (sei isso pela própria duquesa) que não é possível supor que um rapaz tão fino vá comprometer tudo com um crime inútil.

— Sim — disse Camusot —, principalmente se Ester lhe dava tudo quanto ganhava...

— Dizem Derville e Nucingen que ela morreu sem saber da herança que há longo tempo lhe pertencia — acrescentou o procurador-geral.

— Que acha então? — perguntou Camusot. — Porque enfim aqui há alguma coisa.

— Algum crime cometido pelos criados — disse o procurador-geral.

— Infelizmente — fez observar Camusot — está bem nos hábitos de Jacques Collin, porque o padre espanhol com certeza é o galé evadido, apossar-se dos setecentos mil francos provenientes da venda da inscrição das rendas em três por cento dada por Nucingen.

— Pese tudo bem, meu caro Camusot, seja prudente. O padre Carlos Herrera pertence à diplomacia... mas um embaixador que praticasse um crime não estaria a coberto da lei. É ele ou não o padre Carlos Herrera? Eis a questão mais importante.

E o sr. de Granville cumprimentou como quem não quer ouvir resposta.

“Quererá também este salvar Luciano?”, pensou Camusot seguindo pelo Quai des Lunettes, enquanto o procurador-geral entrava no Palácio da Justiça pelo pátio de Harlay.

XVII – UMA ARMADILHA PARA GALÉS

Chegando ao pátio da Conciergerie, Camusot entrou no alojamento do diretor da prisão e levou-o para o meio da calçada, longe de ouvidos alheios.

— Meu caro senhor, faça-me a fineza de ir a La Force indagar do seu colega se porventura tem lá alguns grilhetas que tenham estado nas galés de Toulon de 1810 a 1815; e veja o senhor se também os há aqui. Os de La Force serão transferidos para aqui por uns dias, e o senhor me dirá se o pretenso padre espanhol é reconhecido por eles como Jacques Collin, dito Engana-a-Morte.

— Pois sim, sr. Camusot; mas Bibi-Lupin já veio.

— Ah! Já? — exclamou o juiz.

— Estava em Melun. Logo que lhe disseram que se tratava de Engana-a-Morte, até se riu de contente; e está às suas ordens.

— Mande-o cá.

O diretor da Conciergerie pôde então apresentar ao juiz o pedido de Jacques Collin, descrevendo o deplorável estado em que ele se achava.

— Eu tencionava interrogá-lo em primeiro lugar — respondeu o magistrado —, mas não por causa da sua saúde. Ainda esta manhã recebi informações do diretor de la Force. Ora, o maganão, que diz estar agonizante há vinte e quatro horas, dormiu tão bem que entraram na sua enxovia sem ele ouvir o médico que o diretor mandara chamar. O médico nem sequer lhe tomou o pulso, deixou-o dormir; o que parece provar que o homem está tão bem de consciência como de saúde. Mas eu vou fingir que acredito na doença para estudar o meu homem — acrescentou o sr. Camusot, sorrindo.

— Todos os dias vai-se aprendendo alguma coisa com os réus e os acusados — ponderou o diretor da Conciergerie.

A Chefatura de Polícia comunica com a Conciergerie, e os magistrados, bem como o diretor da prisão, conhecendo estas passagens subterrâneas, podem lá entrar com facilidade. Assim se explica a milagrosa simplicidade com que o ministério público e os presidentes de audiência criminal podem, ainda em sessão, obter certos dados úteis. Por isso o sr. Camusot, chegando ao cimo da escadaria que levava ao seu gabinete, já lá encontrou Bibi-Lupin, que tinha vindo pela sala dos Passos Perdidos.

— Que zelo! — disse-lhe o juiz, sorrindo.

— É que, se for *ele* — respondeu o chefe da segurança —, o senhor verá no pátio uma tropelia ainda que sejam muito poucos os forçados

que se encontrem por aí.

— E por quê?

— Porque Engana-a-Morte fugiu com o santo e com a esmola, e eu sei que *eles* juraram dar cabo do homem.

Eles eram os grillhetas, cujo tesouro, entregue a Engana-a-Morte havia vinte anos, fora dissipado em favor de Luciano, como é sabido.

— Pode arranjar testemunhas da sua última captura?

— Dê-me o senhor juiz duas citações de testemunhas, que eu as trago aqui hoje.

— Coquart — disse o juiz descansando as luvas e pondo a bengala e o chapéu a um canto —, preencha aí duas citações de acordo com os dados do senhor agente.

Mirou-se no espelho da lareira, sobre a pedra do qual, em vez de relógio, havia uma bacia e um jarro. A um lado, uma garrafa com água e um copo; ao outro, um candeeiro. O juiz tocou a campainha. Apareceu pouco depois o contínuo.

— Há aí alguém? — perguntou ele ao contínuo encarregado de receber as testemunhas, de verificar as suas citações e de colocá-las por ordem de chegada.

— Sim, senhor juiz.

— Tome o nome de todos e traga-me a lista.

Os juízes de instrução, avaros do seu tempo, são às vezes obrigados a levantar muitos sumários simultaneamente. É esse o motivo das grandes demoras das testemunhas na sala dos contínuos, donde se ouve o som das campainhas dos juízes de instrução.

— Depois — disse Camusot ao contínuo —, vá chamar o padre Carlos Herrera.

— Ah! Ele se apresenta como espanhol, como padre, segundo me disseram. Quer renovar o papel de Collet,^[261] senhor juiz — disse o chefe da segurança.

— Neste mundo não há nada de novo —olveu Camusot.

E o juiz assinou duas dessas formidáveis citações que perturbam toda a gente, ainda mesmo as mais inocentes testemunhas que a justiça intima assim a comparecer sob penas graves.

Nesse momento Jacques Collin tinha terminado, havia uma meia hora, sua profunda deliberação e estava armado. Não há nada que pinte melhor essa figura do povo revoltado contra as leis como as linhas que ele tinha traçado nos seus papéis imundos.

O sentido do primeiro era isto, pois que o bilhete era escrito na linguagem convencionada entre ele e Ásia, a gíria da gíria, a cifra aplicada à ideia:

Vai à duquesa de Maufrigneuse ou à sra. de Sérisy, qualquer delas que fale com Luciano antes do interrogatório, e lhe dê a ler o papel incluso. Também é preciso descobrir os dois larápios, Europa e Paccard, para ficarem à minha disposição e decididos a fazerem o papel que eu lhes indicar.

Corre à casa de Rastignac e dize-lhe, da parte daquele que o encontrou no baile da Ópera, que venha atestar que o padre Carlos Herrera em nada se parece com o Jacques Collin preso em casa da Vauquer.

Obter a mesma coisa do dr. Bianchon.

Fazer trabalhar as duas *mulheres de Luciano* para esse fim.

No papel incluso estava escrito em francês claro:

Luciano, não confesses nada a meu respeito. Eu sou para ti o padre Carlos Herrera. É a tua justificação, em primeiro lugar; em segundo lugar, um pouco de garbo e tens sete milhões e mais a honra salva.

Estes dois papéis colados do lado escrito, de modo a fazerem crer que eram um só fragmento da mesma folha, foram enrolados com a arte peculiar àqueles que, nas galés, sonharam com o modo de readquirir a liberdade. O todo tomou a forma e a consistência de uma bola de sujidade do tamanho dessas cabeças de cera que as mulheres econômicas adaptam às agulhas de fundo quebrado, para as transformarem em alfinetes.

“Se sou eu o primeiro a ser interrogado, estamos salvos; mas se é o rapaz está tudo perdido”, disse ele consigo, aguardando os acontecimentos.

Era tão cruel esse momento que aquele homem tão enérgico teve o semblante alagado em suor frio. Assim, esse homem prodigioso

adivinhou certo na sua esfera de crime, como Molière na esfera da sua poesia dramática, como Cuvier^[262] com as criações extintas. O gênio é em tudo uma intuição. Abaixo de tal fenômeno, o resto das obras notáveis deve-se ao talento. Nisto consiste a diferença que separa os indivíduos de primeira dos de segunda ordem. O crime tem seus homens de gênio. Jacques Collin, no maior apuro, se encontrava com a ambiciosa sra. Camusot e com a sra. de Sérisy, cujo amor despertara sob o golpe da terrível catástrofe na qual Luciano se abismava. Tal era o supremo esforço da inteligência humana contra a armadura de aço da justiça.

Ouvindo ranger a pesada ferragem de fechadura e dos ferrolhos da sua porta, Jacques Collin reassumiu a sua máscara de moribundo, no que foi ajudado pela inebriante sensação de prazer que lhe causaram as passadas do guarda no corredor. Ignorava por que meios Ásia se poria em comunicação com ele; mas contava vê-la na passagem, principalmente depois da sua promessa feita na Arcade Saint-Jean.

XIX – ÁSIA EM AÇÃO

Depois desse feliz encontro, Ásia descera à Place de Grève. Antes de 1830, o nome da Grève tinha um sentido hoje perdido. Toda a parte do cais, desde a Pont d'Arcole até a Pont Louis Philippe, era então como a natureza a tinha feito, excetuando a calçada, que aliás era disposta em taludes. Assim, quando havia cheias, podia-se andar em barco ao longo das casas e nas ruas ladeirantas que desciam até o rio. Nesse cais, os pavimentos térreos eram quase todos elevados de alguns degraus. Quando a água chegava às casas, as carruagens iam pela espantosa Rue de la Mortellerie, hoje toda demolida para alargamento da casa da câmara. Foi portanto fácil à fingida vendedeira empurrar rapidamente o seu carrinho até o fundo do cais e escondê-lo até que a sua verdadeira dona, que estava bebendo o preço de sua venda em globo numa tasca abjeta da Rue de la Mortellerie, o fosse buscar no lugar combinado. Andava-se então terminando o alargamento do Quai Pelletier, a entrada das obras era guardada por um inválido, e o carrinho confiado aos seus cuidados não corria nenhum risco.

Ásia tomou imediatamente um fiacre na Place de l'Hôtel de Ville e

disse ao cocheiro:

— Para o Temple! E depressa, que ganha boa gorjeta.

Uma mulher vestida como o estava Ásia podia, sem excitar a mínima curiosidade, perder-se naquele vasto mercado onde se amontoam todos os trapos de Paris, onde fervilham mil bufarinheiros, onde papagueiam duzentas adelas. Mal os dois réus haviam sido encarcerados, já ela se fazia vestir numa sobreloja, úmida e baixa, por cima de uma dessas lojas horríveis onde se vendem todos os retalhos de panos roubados pelas costureiras ou pelos alfaiates, e dirigida por uma solteirona velha a quem chamavam Romette. A Romette era para as damas ditas de bom-tom, em ocasião de aperto, uma usurária a cem por cento.

— Minha filha — disse-lhe Ásia —, é preciso embonecar-me. Preciso ficar pelo menos como uma baronesa do Faubourg Saint-Germain. E vamos a isto com alma, pois estou sobre brasas! Já sabes os vestidos que me ficam bem. Venha de lá o carmim, venham as rendas catitas. E bugigangas bonitas, hein?... Manda a pequena chamar um fiacre e que espere à porta dos fundos.

— Sim, minha senhora — respondeu a velha com uma submissão e uma solicitude de criada em presença da ama.

Se alguma testemunha tivesse visto esta cena, logo reconhecia que a mulher disfarçada com o nome de Ásia estava em sua própria casa.

— Vieram-me oferecer uns diamantes — disse a Romette enquanto ia penteando Ásia.

— Roubados?

— Creio que sim.

— Pois, por maior que seja o lucro, é preciso privar-se dele, minha filha. Durante algum tempo deve-se ter cuidado com a polícia.

Compreende-se agora como foi que Ásia pôde achar-se na sala dos Passos Perdidos do Palácio da Justiça, com uma citação na mão, fazendo-se guiar pelos corredores e escadas que conduzem aos juízes de instrução, e perguntando pelo sr. Camusot, mais ou menos um quarto de hora antes da chegada do juiz.

XX – UMA VISTA DO SALÃO DOS PASSOS PERDIDOS

Ásia parecia outra. Depois de lavar, como uma atriz, a sua cara de velha

e de pôr carmim e alvaiade, cobrira a cabeça com uma admirável cabeleira loura. Trajando perfeitamente como uma dama do Faubourg Saint-Germain que anda em busca do seu cão perdido, mostrava ter quarenta anos, porque trazia o rosto escondido por um magnífico véu de renda preta. Adelgaçava-lhe o corpanzil de cozinheira um espartilho fortemente apertado. Muito bem enluvada, com algum exagero nas anquinhas, exalava um cheiro acre de pó de arroz. Brincando com uma grande bolsa de fechos de ouro, ia repartindo a atenção entre as paredes do tribunal onde entrava evidentemente pela primeira vez e a trela de um bonito *king's dog*. Uma dama assim foi logo notada pelas pessoas togadas da sala dos Passos Perdidos.

Além dos advogados sem causas que andam varrendo essa sala com as suas togas e que tratam os grandes advogados pelos seus nomes de pia, à maneira dos grandes senhores entre si, para fazerem crer que pertencem à aristocracia da classe, veem-se muitas vezes rapazes pacientes, à disposição dos procuradores, esperando muito tempo em pé a propósito de alguma causa que fique para o fim e suscetível de lhes caber em sorte se acaso os advogados das causas marcadas para o princípio se atrasarem. Seria uma curiosa pintura a das diferenças entre cada uma das togas pretas que passeiam nessa imensa sala três a três, às vezes quatro a quatro, produzindo com suas conversas o imenso burburinho que ressoa naquela sala de nome tão bem cabido, porque o andar não gasta menos os advogados do que as prodigalidades da palavra. Ásia tinha contado com os ociosos do palácio; ria à socapa de alguns gracejos que ouvia e acabou por atrair a atenção de Massol, jovem advogado a quem dava mais que fazer *La Gazette des Tribunaux* do que seus clientes, e que, risonho, pôs os seus serviços à disposição de uma mulher tão bem perfumada e tão ricamente vestida.

Ásia tomou uma voz de falsete para explicar ao obsequioso cavalheiro que ia à citação de um juiz chamado Camusot.

— Ah, sim! O caso Rubempré.

O processo já tinha seu nome!

— A citada não sou eu, é a minha criada, uma rapariga chamada Europa, que tive durante vinte e quatro horas e que fugiu quando viu o porteiro entregar-me este papel timbrado.

Depois, como todas as velhas cuja vida se passa em mexericos ao canto do fogo, ela, estimulada por Massol, abriu parênteses, narrou os seus infortúnios com seu primeiro marido, um dos três diretores da caixa territorial. Consultou o jovem advogado sobre a questão de saber se devia intentar uma demanda com seu genro, o conde de Gross-Narp, que tratava muito mal sua filha, e se a lei lhe permitia dispor da sua fortuna. Apesar dos seus esforços, Massol não conseguia perceber se a citação era feita à ama ou à criada. No primeiro momento, limitara-se a lançar os olhos a essa peça judiciária, cujo tipo é bem conhecido, porque, para maior rapidez, ela é impressa, e os escrivães dos juizes de instrução não têm mais que preencher os espaços que ficam em branco para os nomes e a morada das testemunhas, hora de comparecimento etc. Ásia pedia explicações sobre o palácio que ela conhecia melhor que o próprio advogado; afinal, perguntou-lhe a que horas vinha o sr. Camusot.

— Geralmente os juizes de instrução começam os seus interrogatórios por volta das dez horas.

— São dez menos um quarto — disse ela consultando um bonito relógiozinho, verdadeiro primor de bijuteria, que fez Massol pensar: “Em que mãos a riqueza vai cair!...”

XXI – MASSOL SONHA COM UM CASAMENTO

Nesse momento, Ásia havia chegado à sala escura que dá para o pátio da Conciergerie onde estacionam os contínuos. Vendo pela janela a portaria, perguntou:

— Que paredões são aqueles além?

— É a Conciergerie.

— Ah! A Conciergerie onde a nossa pobre rainha... Eu gostaria bem de ver o seu calabouço...

— É impossível, senhora baronesa — respondeu o advogado, que dava o braço à fidalga —; só com uma autorização que dificilmente se obtém...

— Ouvi dizer — tornou ela — que Luís XVIII tinha feito ele próprio a inscrição latina que se acha no calabouço de Maria Antonieta.

— É verdade, senhora baronesa.

— Eu quisera saber latim para estudar as palavras dessa inscrição — replicou ela. — Acha que o sr. Camusot me daria autorização...

— Isso não é da competência dele; mas enfim pode acompanhá-la...

— Mas e os seus interrogatórios? — disse ela.

— Ora — tornou Massol —, os réus que esperem.

— É verdade, eles são réus — disse Ásia ingenuamente. — Mas eu conheço o sr. de Granville, vosso procurador-geral...

Esta declaração produziu um efeito mágico nos contínuos e no advogado.

— Ah! Conhece o senhor procurador-geral? — disse Massol, que já pensava em perguntar o nome e o endereço da *cliente* que o acaso lhe mandava.

— Encontro-o muito em casa do sr. de Sérisy, seu amigo. A sra. de Sérisy é minha parenta por parte dos Ronquerolles.

— Se a senhora quer descer à Conciergerie — disse um contínuo —, pode...

— Sim — disse Massol.

E os contínuos deixaram descer o advogado e a baronesa, que logo se acharam no pequeno corpo da guarda onde vai ter a escadaria da Ratoeira, local bem conhecido de Ásia, e que forma, como ficou dito, entre a Ratoeira e a Sexta Vara, como que um posto de observação por onde toda a gente é obrigada a passar.

— Pergunte a estes homens se o sr. Camusot já veio — disse ela observando os gendarmes que estavam jogando cartas.

— Já, sim, minha senhora; acaba de subir da Ratoeira...

— Da Ratoeira! — disse ela. — O que vem a ser a Ratoeira?... Tola que eu fui em não ir diretamente à casa do conde de Granville... Mas agora não tenho tempo... Leve-me, senhor advogado, ao sr. Camusot, para que eu lhe fale antes que ele esteja ocupado.

— Oh! A senhora tem muito tempo para falar com o sr. Camusot — disse Massol. — Mandando-lhe o seu cartão, ele evita-lhe o incômodo de estar à espera com as testemunhas... No tribunal sempre há certa consideração para mulheres como a senhora. Traz cartões de visita certamente, não é?

Nesse momento Ásia e o advogado se achavam precisamente diante da janela do corpo da guarda, donde os gendarmes podem ver o movimento da portaria da Conciergerie. Os gendarmes, criados no respeito devido aos defensores da viúva e do órfão, conhecendo além disto os privilégios da toga, toleraram por alguns momentos a presença duma baronesa acompanhada de um advogado. Ásia escutava religiosamente todos os horrores que um advogado ainda novo pode contar de cadeias. Não queria acreditar que se fizesse a *toilette* dos condenados à morte por trás das grades que lhe indicavam; mas o cabo lho confirmou.

— Quem me dera ver isso!... — disse ela.

E ficou ali a cavaquear com o cabo e com o advogado, até que viu Jacques Collin, amparado por dois gendarmes e precedido pelo contínuo do sr. Camusot, saindo da portaria.

— Ah! É o capelão da cadeia que certamente vem preparar algum infeliz...

— Não, senhora baronesa — respondeu o gendarme —, é um acusado que vem a interrogatório.

— E de que é ele acusado afinal?

— Está comprometido nesse caso de envenenamento...

— Ah! Eu quisera vê-lo...

— A senhora não pode ficar aqui — disse o cabo — porque ele está incomunicável e vai atravessar o nosso corpo da guarda. Olhe, minha senhora, esta porta dá para a escada.

— Agradecida, senhor oficial — disse a baronesa dirigindo-se para a porta e daí precipitando-se para a escada onde disse:

— Mas onde estou?

Este grito chegou aos ouvidos de Jacques Collin, que ela queria assim prevenir da sua presença. O cabo correu atrás da senhora baronesa, agarrou-a pelo meio do corpo e transportou-a como se fosse uma pena para o meio de cinco gendarmes que se empertigaram como um só homem; porque, naquele corpo da guarda, desconfia-se de tudo. Era uma arbitrariedade, mas uma arbitrariedade necessária. O próprio advogado exclamara duas vezes, com receio de se comprometer:

— Minha senhora! Minha senhora! O padre Carlos Herrera, quase desmaiado, teve de sentar-se numa cadeira no corpo da guarda.

— Pobre homem! — disse a baronesa. — Será mesmo um criminoso?

Estas palavras, ainda que ditas ao ouvido do jovem advogado, foram ouvidas por todo o mundo porque reinava naquela sala um silêncio de morte. Algumas pessoas privilegiadas obtêm às vezes licença para verem os criminosos célebres quando eles passam pelo corpo da guarda ou pelos corredores, de sorte que o contínuo e os gendarmes encarregados de conduzir o padre Carlos Herrera não fizeram nenhuma observação. De resto, havia entre o preso incomunicável e as pessoas de fora, graças à dedicação do cabo que tinha agarrado a baronesa para impedir qualquer comunicação, um espaço bastante tranquilizador.

— Vamos! — disse Jacques Collin, fazendo um esforço para se levantar.

Nesse momento caiu-lhe da manga a bolinha, e o lugar onde ela parou foi notado pela baronesa, a quem seu véu deixava a liberdade de ver tudo. Úmida e gordurenta, a bolinha não havia rolado, porque todas essas bagatelas aparentemente indiferentes estavam calculadas por Jacques Collin para um completo êxito. Quando conduziam o réu pela escada acima, Ásia deixou muito naturalmente cair sua bolsa e apanhou-a com rapidez, mas ao abaixar-se apanhou a bola em que ninguém reparava porque sua cor a confundia com a poeira e com a lama do soalho.

— Ai! — disse ela. — Até me confrangeu o coração... O homem está moribundo.

— Ou parece — replicou o cabo.

— Senhor — disse Ásia ao advogado —, peço-lhe que me leve prontamente à presença do sr. Camusot; eu venho por causa deste processo, e talvez até ele fique muito satisfeito de me ver antes de interrogar esse pobre padre.

O advogado e a baronesa deixaram o corpo da guarda de paredes oleosas e fuliginosas; mas chegando ao alto da escada, Ásia soltou uma exclamação:

— E o meu cão?... Ai, senhor! O meu pobre cão!

E como uma doida deitou a correr pela sala dos Passos Perdidos, indagando pelo seu cão a toda a gente. Tendo chegado a uma galeria, lançou-se pela escada abaixo dizendo:

— Lá está ele!

Era a escada que conduz ao pátio de Harlay, por onde, representada a sua comédia, foi meter-se num dos fiacres que estacionam no Quai des Orfèvres, desaparecendo com a citação expedida contra Europa, cujos verdadeiros nomes eram ainda ignorados da polícia e da justiça.

XXIII – ÁSIA AMIGA DE UMA DUQUESA

— Rue Neuve-Saint-Marc! — gritou ela ao cocheiro.

Ásia podia contar com a inviolável discrição de uma adela chamada sra. Nourrisson, também conhecida pelo nome de sra. de Saint-Estève, que lhe emprestava não somente sua individualidade mas ainda seu estabelecimento, onde Nucingen havia negociado a compra de Ester. Ásia estava ali como em sua casa, porque ocupava um quarto nos aposentos da sra. Nourrisson. Pagou o fiacre e subiu, depois de cumprimentar a sra. Nourrisson de modo a fazer-lhe compreender que não tinha tempo para conversa.

Longe de qualquer espionagem, Ásia pôs-se a desenrolar os papéis com o cuidado de um sábio desdobrando palimpsestos. Depois de ler as instruções, achou necessário copiar em papel de carta as linhas destinadas a Luciano; depois desceu aos aposentos da sra. Nourrisson, com quem puxou conversa, enquanto uma caixeirazinha ia buscar um fiacre no Boulevard des Italiens. Ásia obteve assim os endereços da duquesa de Maufrigneuse e da sra. de Sérisy, que a sra. Nourrisson conhecia por intermédio das criadas.

Estas caminhadas, estas ocupações minuciosas tomaram mais de duas horas. A sra. duquesa de Maufrigneuse, que morava no alto do Faubourg Saint-Honoré, fez a sra. de Saint-Estève esperar uma hora, apesar de que a criada lhe fizesse passar pela porta do toucador, depois de bater, um cartão da sra. de Saint-Estève no qual Ásia escrevera:

Para negócio urgente, relativo a Luciano.

Ao primeiro olhar que lançou à fisionomia da duquesa, Ásia compreendeu o quanto a sua visita era intempestiva, e desculpou-se de

ter vindo perturbar *o repouso* da senhora duquesa, alegando o perigo em que Luciano se achava.

— Quem é a senhora? — perguntou a duquesa sem nenhuma fórmula de cortesia, medindo de alto a baixo Ásia, que podia muito bem passar por uma baronesa aos olhos de Massol na sala dos Passos Perdidos, mas que, sobre o tapete da sala do palácio de Cadignan, fazia o efeito de uma nódoa de gordura num vestido de cetim branco.

— Eu sou adela, senhora duquesa; porque, em conjunturas destas, as pessoas se dirigem a mulheres cuja profissão repousa sobre uma discrição absoluta. Eu nunca traí ninguém, e Deus sabe quantas grandes damas me têm confiado os seus diamantes por um mês, pedindo-me adornos falsos absolutamente parecidos com os verdadeiros...

— Tem algum outro nome? — disse a duquesa, sorrindo de uma reminiscência que nela provocava esta resposta.

— Tenho, senhora duquesa; eu sou a sra. de Saint-Estève nas grandes ocasiões, mas no comércio eu me chamo madame Nourrisson.

— Bem, bem — respondeu vivamente a duquesa, mudando de tom.

— Eu posso — continuou Ásia — prestar grandes serviços, porque nós outras possuímos tanto os segredos dos maridos como os das mulheres. Eu tenho tido muitos negócios com o sr. de Marsay, a quem a senhora duquesa...

— Basta! Basta! — exclamou a duquesa. — Falemos de Luciano.

— Se a senhora duquesa o quer salvar, tenha a coragem de não perder tempo em vestir-se; aliás, a senhora duquesa não pode fazer-se mais bela do que está neste momento. Está linda como os amores, palavra de honra de uma velha! Enfim, não mande atrelar carruagem, senhora duquesa; venha comigo no fiacre. Acompanhe-me à casa da sra. de Sérisy, se quer evitar desgraças maiores do que seria a da morte daquele anjo...

— Bom, já vou — disse então a duquesa após um momento de hesitação. — Sempre conseguiremos nós duas animar Leontina...

XXIV – UMA BELA DOR

Apesar da atividade verdadeiramente infernal daquela Dorina^[263] das

galés, davam três horas quando ela entrou com a duquesa de Maufrigneuse em casa da sra. de Sérisy, que morava na Rue de la Chaussée- -d'Antin. Mas aí, graças à duquesa, não se perdeu um minuto. Foram ambas logo introduzidas à presença da condessa, que encontraram deitada sobre um divã num chalé em miniatura, no centro de um jardim perfumado pelas flores mais raras.

— Bem — disse Ásia olhando em roda —, ninguém nos poderá escutar.

— Ai, querida, eu morro! Tu que me fizeste, Diana? Dize! — exclamou a condessa, erguendo-se de chofre, abraçando a duquesa e derramando abundantes lágrimas.

— Vamos, Leontina. Há ocasiões em que as mulheres como nós não devem chorar, mas agir — disse a duquesa obrigando a condessa a sentar-se com ela no canapé.

Ásia estudou a condessa com esse olhar próprio das velhas manhosas com que elas revolvem a alma de uma mulher tão rapidamente como os bisturis da cirurgia retalhando uma chaga. A companheira de Jacques Collin reconheceu então vestígios do sentimento mais raro que há numa senhora da sociedade, vestígios de uma verdadeira dor, dessa dor que deixa sulcos indeléveis no coração e no semblante. Não se lhe notava no traje a menor garridice! A condessa contava então quarenta e cinco anos, e o seu penhoar, de musselina estampada, amarrotado, deixava ver o corpo sem nenhum preparo, sem espartilho sequer!... As olheiras, as faces estriadas atestavam a passagem de lágrimas amargas. Não tinha cinto. Os bordados da saia de baixo e da camisa estavam amarfanhados. O cabelo metido numa touca de renda, ignorando os cuidados do pente havia vinte e quatro horas, deixava ver em toda a sua pobreza uma trancinha delgada e curta. Leontina até se esquecera de pôr suas tranças postiças.

— É a primeira vez na sua vida que a senhora ama — disse-lhe Ásia sentenciosamente.

Leontina reparou então em Ásia, e fez um movimento de terror.

— Quem é esta, minha querida Diana? — perguntou ela à duquesa de Maufrigneuse.

— Quem havia eu de trazer aqui a não ser alguma mulher dedicada a

XXV – UM TIPO DE PARISIENSE

Ásia tinha adivinhado a verdade. A sra. de Sérisy, que passava por ser uma das mais levianas senhoras da alta-roda, tivera ao marquês d'Aiglemont^[264] uma afeição de dez anos. Depois da partida do marquês para as colônias, apaixonara-se por Luciano e furtara-o à duquesa de Maufrigneuse, ignorando, aliás como toda a capital, o amor de Luciano por Ester. Na alta-roda, uma afeição constatada prejudica mais a reputação de uma mulher que dez aventuras secretas; com mais razão duas afeições. Todavia, como ninguém contava com a sra. de Sérisy, o historiador não podia garantir a sua virtude já afetada com duas mossas. Era uma loura de mediana estatura, bem conservada como as louras bem conservadas, isto é, aparentando apenas trinta anos, franzina sem ser propriamente magra, branca, de cabelo cinzento; pés, mãos, corpo de uma delicadeza aristocrática; espirituosa como uma Ronquerolles, e por conseguinte tão má para as mulheres como era boa para os homens. Sua grande riqueza, a elevada posição do marido, a de seu irmão, o marquês de Ronquerolles, haviam-na preservado dos dissabores que sem dúvida pesariam sobre qualquer outra mulher que não fosse ela. Tinha um grande mérito: era franca na sua depravação, confessava o seu culto pelos costumes da Regência.^[265] Ora, aos quarenta e dois anos, essa mulher, para quem os homens até então haviam sido uns brinquedos agradáveis e a quem — caso estranho! — tinha concedido muita coisa não vendo no amor senão sacrifícios a fazer para os dominar, sentira ao ver Luciano um amor semelhante ao do barão de Nucingen por Ester. Amara então, como Ásia acabava de lhe dizer, pela primeira vez na vida. Essas transposições de mocidade são mais frequentes do que se pensa nas parisienses, nas grandes damas, e causam as quedas inexplicáveis de algumas mulheres virtuosas no momento em que chegam à casa dos quarenta. A duquesa de Maufrigneuse era a única confidente dessa paixão terrível e completa, cujos prazeres, desde as sensações infantis do primeiro amor até as gigantescas loucuras da volúpia, tornavam Leontina louca e insaciável.

O verdadeiro amor é, como se sabe, implacável. A descoberta de

Ester fora seguida de uma dessas rupturas coléricas nas quais a raiva das mulheres vai até o assassinato; viera depois o período das capitulações a que o amor sincero se entrega com tanta delícia. Por isso, no último mês, a condessa daria de bom grado dez anos de sua vida para tornar a ver Luciano durante oito dias. Chegara enfim a aceitar a rivalidade de Ester no momento em que, nesse paroxismo de ternura, rebentara, como a trombeta do Dia do Juízo, a notícia da prisão do bem-amado. A condessa ia quase morrendo; seu marido a pusera ele mesmo na cama, receando as revelações do delírio; e nas últimas vinte e quatro horas ela vivia com um punhal no coração. No auge da febre dizia ao marido: “Salva Luciano, que eu doravante só para ti viverei!”.

XXVI – ÁSIA NO PAPEL DO CAMPONÊS DO DANÚBIO^[266]

— Deixemo-nos de lamúrias, como a senhora duquesa dá a entender — disse a terrível Ásia, sacudindo a condessa pelo braço. — Se quer salvá-lo, não tem um minuto a perder. Ele é inocente, juro-o pela memória de minha mãe!

— Pois não é verdade que está inocente? — gritou a condessa, olhando com bondade para a horrível megera.

— Mas se o sr. Camusot o interroga mal — continuou Ásia — pode com duas palavras fazer dele um culpado; e, se a senhora tem poderes para entrar na Conciergerie e falar-lhe, vá imediatamente e dê-lhe este papel... Garanto-lhe que amanhã ele estará livre... Tire-o de lá, pois foi a senhora que lá o meteu...

— Eu!...

— Sim, a senhora!... Vós outras, grandes damas, estais sempre a tinir, ainda quando sois milionárias. No tempo em que eu me dava ao luxo de ter meus amiguinhos, eles andavam sempre com os bolsos cheios de ouro, e eu me divertia vendo o prazer deles. É tão bom ser ao mesmo tempo mãe e amante! Mas vós outras deixais estourar de fome os homens que amais, sem quererdes saber dos seus negócios. Ester é que não estava para palavreados; à custa do seu corpo e da sua alma, arranjou o milhão que exigiam de Luciano, e eis aí o que o pôs na situação em que se acha.

— Pobre rapariga! Ela fez isso?... Até fico gostando dela! — disse

Leontina.

— Ah! Agora? — disse Ásia com uma ironia glacial.

— Ela era muito bonita, mas agora, meu anjo, tu és bem mais bonita que ela... e o casamento de Luciano com Clotilde está desmanchado de uma vez — disse baixinho a duquesa a Leontina.

Foi tal o efeito desta reflexão e deste cálculo sobre a condessa que lhe mitigou todos os sofrimentos: ela passou as mãos pela fronte e como que rejuvenesceu.

— Vamos, meu bem, vamos a isto!... — disse Ásia, que viu aquela metamorfose e lhe adivinhou a força.

— Mas — disse a sra. de Maufrigneuse —, se é preciso, antes de mais nada, impedir que o sr. Camusot interrogue Luciano, isso se consegue mandando-se o teu criado ao tribunal com um bilhete, Leontina.

— Vamos então ao meu quarto — disse a sra. de Sérisy.

XXVII – OBSERVAÇÃO

Eis o que se passava no tribunal enquanto as protetoras de Luciano obedeciam às ordens traçadas por Jacques Collin.

Os gendarmes transportaram o moribundo para uma cadeira colocada defronte de uma janela no gabinete do sr. Camusot, que estava sentado à sua escrivaninha. Coquart, com a pena na mão, ocupava uma pequena banca a pouca distância do juiz.

A situação dos gabinetes dos juízes de instrução não é indiferente, e, se não foi escolhida de propósito, devemos confessar que o acaso se mostrou amigo da justiça. Esses magistrados são como os pintores; precisam da luz igual e pura que vem do norte, porquanto o semblante dos seus criminosos é um quadro cujo estudo deve ser constante. Assim, quase todos os juízes de instrução colocam suas mesas como estava a de Camusot de modo que deixem exposta à luz a fisionomia daqueles que estão interrogando. Nenhum deles, ao cabo de seis meses de exercício, deixa de assumir um ar distraído, indiferente, quando não usa óculos, enquanto dura um interrogatório. Foi a uma súbita mudança de fisionomia, observada por esse meio e causada por uma pergunta à queima-roupa, que se deveu a descoberta do crime de Castaing, no momento em que, depois de uma longa consulta com o

procurador-geral, ia o juiz devolver esse criminoso à sociedade, por falta de provas. Este pequeno detalhe pode indicar aos menos perspicazes quanto é viva, interessante, curiosa, dramática e terrível a luta de uma instrução criminal, luta sem testemunhas, mas sempre escrita. Deus sabe o que fica no papel da cena mais glacialmente ardente, em que os olhos, o tom de voz, um estremecimento facial, o mais ligeiro toque de colorido acrescentado por um sentimento, tudo foi perigoso como entre selvagens que se observam para se descobrirem e se matarem. O auto não é mais que as cinzas de um incêndio.

— Qual é o seu verdadeiro nome? — perguntou Camusot a Jacques Collin.

— Dom Carlos Herrera, cônego do real cabido de Toledo, enviado secreto de sua majestade el-Rey dom Fernando VII.

Observemos aqui que Jacques Collin lanhava terrivelmente o francês, engrolando as palavras de modo a tornar as suas respostas quase ininteligíveis e a fazer com que lhas mandassem repetir. Prejudicaríamos a rapidez de um desenlace se fôssemos reproduzir aqui a algaravia do homem.

XXVIII – EM QUE O GRILHETA DEMONSTRA SER UM HOMEM NOTÁVEL

— Possui documentos que atestem o que afirma? — perguntou o juiz.

— Sim, senhor, um passaporte, uma carta de sua majestade católica autorizando minha missão... Mande enfim o senhor juiz à embaixada de Espanha um bilhete que eu vou escrever à sua vista, e verá que sou imediatamente reclamado. Se precisa de outras provas, escrevo a Sua Eminência o senhor capelão-mor do paço, e ele mandará aqui no mesmo instante o seu secretário particular.

— Ainda diz que está moribundo? — perguntou Camusot.

— Se o senhor tivesse efetivamente sentido os sofrimentos de que se queixa desde a sua captura, já a esta hora devia estar morto — tornou o juiz com ironia.

— Oh! Isso é processar a coragem de um inocente e a força do seu temperamento! — respondeu com brandura o acusado.

— Coquart, toque a campainha. Mande chamar o médico da Conciergerie e um enfermeiro. Vamos ser obrigados a tirar-lhe a

sobrecasaca e a proceder à verificação da marca no seu ombro... —
volveu Camusot.

— Senhor, estou nas suas mãos.

O réu perguntou-lhe se tinha a bondade de lhe explicar o que vinha a ser essa marca e por que lha procurava no ombro. O juiz já esperava por essa pergunta.

— Há suspeitas de que o senhor seja Jacques Collin, grilheta evadido, cuja audácia não recua diante de coisa alguma, nem sequer diante do sacrilégio — disse vivamente o juiz, cravando os olhos no réu.

Jacques Collin não estremeceu, não corou; manteve-se calmo e tomou um ar ingenuamente curioso, olhando para Camusot.

— Eu, senhor, um grilheta?... Que Deus lhe perdoe o equívoco, e mais a ordem a que pertenço! Diga-me o que deverei fazer para lhe evitar que o senhor persista num insulto tão grave ao direito das gentes, à Igreja e ao rei meu senhor.

O juiz explicou ao acusado, sem responder, que, se ele havia sofrido o estigma infligido então pela lei aos condenados a trabalhos forçados, as letras tornariam a aparecer aplicando-se-lhe no ombro umas pancadinhas.

— Ah, senhor! — disse Jacques Collin. — Que desgraça se a minha dedicação à causa realista me fosse funesta!

— Explique-se — disse o juiz. — O senhor não está aqui para outra coisa.

— É que eu, senhor, devo ter muitas cicatrizes pelo corpo, por ter sido fuzilado de costas, como traidor ao país, sendo eu fiel ao meu rei, pelos constitucionais que me deixaram por morto.

— Foi fuzilado e está vivo!... — disse Camusot.

— Eu tinha certos entendimentos secretos com os soldados, aos quais pessoas tementes a Deus haviam dado algum dinheiro; e então eles me colocaram tão longe que apenas recebi balas já quase sem força. É um fato que sua excelência o senhor embaixador poderá atestar.

“O diabo do homem tem resposta para tudo. Melhor!”, dizia consigo Camusot, que só se mostrava severo para satisfazer as exigências da justiça e da polícia.

— Como é que um homem com o seu carácter é encontrado em casa da amante do barão de Nucingen, e que amante! Uma antiga meretriz!

— Eu lhe explico, senhor — respondeu Jacques Collin. — Mas antes disso deixe-me dizer-lhe que, ao pôr o pé no primeiro degrau da escada dessa casa, invadiu-me subitamente esta doença, de modo que nem tive tempo de falar com a tal mulher. Eu tivera conhecimento da intenção em que ela estava de se matar; e como se tratava dos interesses de Luciano de Rubempré, por quem eu tenho uma afeição particular, cujos motivos são sagrados, ia ver se demovia a pobre criatura do caminho a que a conduzia o desespero; queria dizer-lhe que Luciano ia ser vencido na última tentativa junto da srta. Clotilde; e, informando-a de que ia ser herdeira de sete milhões, esperava incutir-lhe a coragem de viver. Tenho certeza, senhor juiz, de que fui vítima dos segredos que me foram confiados. Pela maneira como fui fulminado, parece-me que me haviam envenenado nessa mesma manhã; o que me valeu foi a força do meu temperamento. Sei que há muito tempo me persegue um agente da Polícia Política, tentando envolver-me em alguma trama... Se, quando fui preso, o senhor tivesse mandado chamar o médico que eu pedi, obteria a prova do que lhe estou dizendo sobre o estado da minha saúde. Creia o senhor juiz que pessoas acima de nós têm o maior interesse em confundir-me com algum celerado para ter o direito de se descartar de mim. Nem tudo é lucro no serviço dos reis, eles têm suas fraquezas; perfeita, só a Igreja.

É impossível descrever o jogo de fisionomia de Jacques Collin, que intencionalmente levou dez minutos a fazer estas revelações, frase por frase; era tudo tão verossímil, especialmente a alusão a Corentin, que o juiz ficou perplexo.

— Pode-me confiar as causas do seu afeto a Luciano de Rubempré?

— Pois não as adivinha? Eu tenho sessenta anos, senhor... Rogo-lhe não escreva o que lhe vou dizer... Mas será absolutamente necessário dizê-lo?

— É do seu interesse e sobretudo do interesse de Luciano de Rubempré — respondeu o juiz.

— Pois bem! Luciano... Ó meu Deus!... Luciano... é meu filho! —

murmurou ele.

E desfaleceu.

— Não escreva isso, Coquart — disse Camusot em voz baixa.

Coquart levantou-se para ir buscar um frasquinho de sais.

“Se é Jacques Collin, é um grande ator!...”, dizia consigo Camusot. Coquart chegava o frasco de sais às ventas do velho forçado, que o juiz examinava com uma perspicácia de lince e de magistrado.

XXX – DE DOIS ESPERTOS QUAL SERÁ O MAIS FORTE?

— É preciso tirar-lhe a cabeleira — disse Camusot, aguardando que Jacques Collin voltasse a si. O velho grilheta ouviu a frase e ficou em tremuras, pois sabia que expressão abjeta a sua fisionomia ia tomar.

— Não se acha com forças para tirar a peruca? — disse o juiz.

— Tire-o, Coquart.

Jacques Collin avançou a cabeça para o escrivão com uma resignação admirável, mas então, despojada desse ornato, sua cabeça ficou medonha, como o seu verdadeiro caráter. Esse espetáculo mergulhou Camusot numa grande incerteza. Enquanto não chegavam o médico e um enfermeiro, entrou a examinar e a pôr em ordem todos os papéis e objetos apreendidos no domicílio de Luciano. Tendo dado busca na Rue Saint-Georges, em casa de Ester, a justiça fora também ao Quai Malaquais.

— O senhor está com as mãos em cima das cartas da sra. condessa de Sérisy — disse Carlos Herrera —, mas não sei por que motivo tem em seu poder *quase* todos os papéis de Luciano — acrescentou com um sorriso fulminante de ironia para o juiz.

Notando esse sorriso, Camusot compreendeu o alcance da palavra *quase*.

— Luciano de Rubempré, suspeito de ser seu cúmplice, está preso — respondeu o juiz, querendo ver que efeito essa notícia produziria no acusado.

— O senhor fez uma grande desgraça, porque ele é tão inocente quanto eu — retorquiu o falso espanhol sem mostrar a mínima emoção.

— Veremos; ainda estamos apenas verificando sua identidade — Camusot, surpreendido com a tranquilidade do réu. — Se o senhor é

realmente o padre Carlos Herrera, este fato mudaria imediatamente a situação de Luciano Chardon.

— É verdade, era mesmo a srta. de Rubempré, sra. Chardon! — murmurou Carlos. — É uma das maiores faltas da minha vida.

Ergueu os olhos ao céu, e, pelo modo de mover os lábios, pareceu rezar alguma fervorosa oração.

— Mas se o senhor é Jacques Collin, se ele cientemente foi o companheiro de um forçado evadido, de um sacrílego, todos os crimes que a justiça suspeita se tornam mais que prováveis.

Carlos Herrera foi de bronze ao escutar esta frase habilmente dita pelo juiz; e, como única resposta às palavras *cientemente, forçado evadido*, levantava as mãos num gesto nobremente doloroso.

— Se o senhor é dom Carlos Herrera — voltou o juiz com extrema delicadeza —, há de perdoar-nos tudo quanto somos obrigados a fazer para bem da justiça e da verdade.

Jacques Collin adivinhou a armadilha na voz do juiz e ficou-se como se nada fosse com ele. Camusot esperava algum movimento de alegria que seria como que um primeiro indício da qualidade de grilheta pelo contentamento infável do criminoso que engana ao seu juiz; mas o magistrado encontrou aquele herói da grilheta envolvido na mais maquiavélica dissimulação.

— Eu sou diplomata e pertenço a uma ordem em que se fazem votos bem austeros — respondeu Jacques Collin com apostólica mansidão —; compreendo tudo e estou habituado a sofrer. Eu já podia estar livre se o senhor houvesse descoberto em minha casa o esconderijo onde se acham os meus documentos, porque vejo que apenas apreendeu uns papéis insignificantes...

Foi para Camusot o grande golpe. Jacques Collin tinha já contrabalançado, por sua presença de espírito e sua simplicidade, todas as suspeitas que o aspecto da sua cabeça fizera nascer.

— Onde estão os seus papéis?...

— Indico-lhe o lugar se consente em fazer acompanhar o seu delegado por um secretário da embaixada de Espanha, que os receberá e pelo qual o senhor se responsabilize, pois se trata do meu Estado, de peças diplomáticas que comprometem o falecido rei Luís XVIII. Ah,

senhor! Melhor seria... Enfim, o senhor é magistrado... E, de resto, apelo para o embaixador, que tudo apreciará.

XXXI – A MARCA DESAPARECEU

Nesse momento entraram o médico e o enfermeiro depois de serem anunciados pelo meirinho.

— Bom dia, dr. Lebrun — disse Camusot ao médico —, mandei chamá-lo para verificar o estado em que se acha o acusado aqui presente. Diz ele que foi envenenado e que está à morte desde anteontem. Veja se haverá perigo em despi-lo e em proceder à verificação da marca...

O dr. Lebrun tomou o pulso a Jacques Collin, mandou-lhe mostrar a língua, examinou-o muito atentamente. Esta inspeção durou uns dez minutos.

— O acusado — declarou o facultativo — sofreu muito, mas neste momento está em pleno vigor.

— Vigor fictício, senhor, devido à excitação nervosa que me causa a minha estranha situação — respondeu Jacques Collin com a dignidade de um bispo.

— É possível — tornou o médico.

A um sinal do juiz, o acusado foi despido da cintura para cima; pôde-se então admirar um tronco peludo, de uma pujança ciclópica. Era o Hércules Farnésio^[267] de Nápoles, sem a sua exageração colossal.

— Para que destina a natureza homens com tal constituição... — disse o médico a Camusot.

O aguazil entrou, com essa maça de ébano que, desde tempos imemoriais, é a insígnia da sua função, e com ela deu várias pancadinhas no sítio em que o algoz devia ter aplicado as letras fatais. Apareceram então dezessete buracos, caprichosamente distribuídos; mas, apesar do cuidado com que se examinaram, não foi possível vislumbrar qualquer feitiço de letras. Apenas o oficial fez notar que a risca do T estava indicada por dois buracos cujo intervalo tinha o comprimento dessa risca entre as duas vírgulas que a terminam, e que um outro buraco marcava a base da letra.

— Mas isso é muito vago — disse Camusot, vendo pintada a dúvida

no rosto do médico. Carlos pediu que se fizesse a mesma operação no outro membro e no meio das costas. Apareceram mais umas quinze cicatrizes que o médico observou a pedido do espanhol, e declarou que as costas tinham sido a tal ponto cosidas de ferimentos que não era possível aparecer a marca, ainda quando o executor a tivesse imprimido.

XXXII – CUTILADAS DADAS E PARADAS

Nesse momento entrou um moço da Chefatura de Polícia, entregou um ofício ao sr. Camusot e pediu resposta. O magistrado, depois de ler, foi falar com o seu escrivão, mas tanto em segredo que ninguém conseguiu perceber uma palavra. Mas, por um olhar do juiz, Jacques Collin adivinhou que o chefe de polícia acabava de transmitir algum esclarecimento a seu respeito.

“O tal amigo de Peyrade não me larga”, pensou Jacques Collin. “Se eu soubesse quem era ele, desfazia-me dele como de Contenson. Poderei ainda tornar a ver Ásia?...”

Tendo assinado um papel que Coquart escreveu, o juiz fechou-o num envelope e entregou ao mensageiro da repartição das delegações.

A repartição das delegações é um auxiliar indispensável à justiça. Essa repartição, presidida por um comissário de polícia *ad hoc*, compõe-se de oficiais ditos de paz que executam, com a ajuda dos comissários de polícia de cada bairro, os mandados de busca e até de captura em casa das pessoas suspeitas de cumplicidade nos crimes e contravenções. Esses delegados da autoridade judiciária poupam assim um tempo precioso aos magistrados encarregados de uma instrução.

A um sinal do juiz, o acusado foi então vestido pelo dr. Lebrun e pelo enfermeiro, que se retiraram, bem como o aguazil. Camusot sentou-se à sua escrivaninha e ficou brincando com a pena.

— O senhor tem uma tia — disse bruscamente Camusot a Jacques Collin.

— Tia? — respondeu com espanto dom Carlos Herrera. — Eu, senhor, não tenho parentes, sou filho não reconhecido do finado duque de Ossuna.

E dizia consigo mesmo: “*Quente, quente!*”, como no conhecido jogo

de prendas, que é, de resto, uma imagem infantil da luta terrível entre a justiça e o criminoso.

— Ora, vamos! — disse Camusot. — O senhor tem uma tia, Jacqueline Collin, que pôs a servir em casa de Ester, com o nome extravagante de Ásia.

Jacques Collin fez um gesto displicente de ombros, em inteira harmonia com o ar de curiosidade com que escutava as palavras do juiz, que o examinava com astuta curiosidade.

— Tenha cuidado — disse Camusot. — Ouça o que lhe digo.

— Estou ouvindo, senhor juiz.

XXXIII – FOLHA CORRIDA DE ÁSIA

— A sua tia é adela no Temple, e tem como gerente do estabelecimento uma tal Paccard, irmã de um condenado, rapariga aliás muito honesta, por alcunha a Romette. A justiça anda na pegada da sua tia, e em poucas horas vamos ter provas positivas. Essa mulher lhe é muito dedicada...

— Continue, senhor juiz — disse tranquilamente Jacques Collin em resposta a uma pausa de Camusot. — Estou ouvindo.

— A sua tia, que tem mais cinco anos que o senhor, foi amante de Marat,^[268] de odiosa memória. É dessa origem sangrenta que lhe veio o núcleo de fortuna que ela possui. Pelas informações que tenho, é uma receptadora habilíssima, pois ainda não se conseguiu prova alguma contra ela. Depois da morte de Marat, parece que pertenceu a um químico condenado à morte no ano XII, por crime de moeda falsa. Serviu de testemunha no processo. É nessa intimidade que ela teria adquirido conhecimentos em toxicologia. Do ano XII a 1810 foi adela. Esteve presa duas vezes, em 1812 e em 1816, por induzir menores à devassidão. O senhor era a esse tempo perseguido como falsificador, havia deixado a casa bancária onde sua tia o empregara como caixeiro, graças à educação que o senhor tinha recebido e às proteções que sua tia gozava de pessoas a cuja depravação ela entregava vítimas... Tudo isto, senhor acusado, se pareceria pouco com a grandeza dos duques de Ossuna... Ainda persiste nas suas negativas?...

Jacques Collin escutava o sr. Camusot, pensando na sua infância feliz, no colégio dos Oratorianos onde estudara, meditação que lhe dava um ar de verdadeiro assombro. A despeito da habilidade da sua dicção interrogativa, Camusot não arrancou nem um movimento àquela fisionomia plácida.

— Se foi fielmente escrita a explicação que lhe dei no começo, queira relê-la — respondeu Jacques Collin —, porque eu não tenho nada a mudar-lhe. Se eu não fui à casa dessa mulher, como hei de saber quem era sua cozinheira? Sou completamente estranho às pessoas de quem me fala.

— Apesar das suas negativas, nós vamos proceder a certas

acareações que talvez diminuam a sua tranquilidade.

— Um homem já fuzilado uma vez está habituado a tudo — respondeu Jacques Collin com brandura.

Camusot voltou a examinar os papéis apreendidos, aguardando a volta do chefe da segurança, que não se demorou, porque, sendo onze horas e meia, e tendo o interrogatório começado por volta das dez e meia, o oficial de justiça veio anunciar ao juiz em voz baixa a chegada de Bibi-Lupin.

— Mande-o entrar! — respondeu o sr. Camusot.

XXXIV – CONHECIDOS RECONHECIDOS

Entrando, Bibi-Lupin, de quem se esperava um: “É ele mesmo!...”, ficou surpreso. Ele não mais reconhecia a cara de um *freguês* naquele rosto picado das bexigas. Essa hesitação impressionou o juiz.

— A estatura é a mesma, a corpulência também — disse o agente. — Ah, és tu, Jacques Collin! — continuou ele examinando-lhe os olhos, o feitio da testa e das orelhas. — Há coisas que se não podem disfarçar. É ele tal qual, sr. Camusot. Jacques tem a cicatriz de uma facada no braço esquerdo; mande-o tirar a sobrecasaca e verá...

Novamente Jacques Collin teve de tirar a sobrecasaca. Bibi-Lupin arregaçou-lhe a manga da camisa e mostrou a cicatriz indicada.

— É uma bala — respondeu dom Carlos Herrera.

— Há aqui outras cicatrizes.

— É a voz dele! — exclamou Bibi-Lupin.

— A sua certeza — disse o juiz — é um simples esclarecimento; não é uma prova.

— Bem sei — respondeu humildemente Bibi-Lupin —, mas eu arranjarei testemunhas. Está aí uma das pensionistas da Casa Vauquer... — disse ele com os olhos em Collin.

A fisionomia plácida de Collin não vacilou sequer.

— Mande-a entrar — disse peremptoriamente o sr. Camusot, cujo descontentamento foi visível através da sua aparente indiferença.

Esse movimento foi notado por Collin, que contava pouco com a simpatia do seu juiz de instrução, e caiu numa apatia causada pela violenta meditação a que se entregou para lhe descobrir o motivo. O

meirinho introduziu a sra. Poiret, cuja vista inopinada ocasionou ao forçado um ligeiro tremor; esse tremor, porém, não foi observado pelo juiz, cujo partido parecia tomado.

— Como se chama? — perguntou o juiz, procedendo à execução das formalidades que marcam o início de todos os depoimentos e de todos os interrogatórios.

A sra. Poiret, uma velhinha branca e muito encarquilhada, vestida de seda azul, declarou chamar-se Cristina Micaela Michonneau, casada com o sr. Poiret, ter cinquenta e um anos, ser natural de Paris, morar na Rue des Poules, esquina da Rue des Postes, e viver de alugar quartos a hóspedes.

— A senhora — perguntou o juiz — morou em 1818 e 1819 numa casa de hóspedes da sra. Vauquer?

— Sim, senhor; foi lá que eu conheci o sr. Poiret, empregado aposentado, com quem casei, e que está de cama há um ano, coitado!... Acha-se bem doente. Por isso não me posso demorar muito fora de casa...

— Vivia então nessa casa de hóspedes um certo Vautrin?.. — indagou o juiz.

— Ah, meu senhor! É uma longa história. Era um medonho grilheta...

— A senhora colaborou na sua captura.

— Isso é falso, senhor...

— Olhe que está perante a justiça, tenha cuidado! — disse severamente o sr. Camusot.

A sra. Poiret guardou silêncio.

— Recorde-se bem — tornou Camusot. — Tem alguma ideia desse homem? Reconhecia-o se o visse?

— Creio que sim.

— Será este homem? — perguntou o juiz.

A sra. Poiret pôs os óculos e olhou para o padre Carlos Herrera.

— Tem a mesma largura de ombros, a mesma estatura, mas... se pudesse ver o peito dele, reconhecia-o logo.^[269]

O juiz e o escrivão não puderam conter o riso, apesar da gravidade de suas funções. Jacques Collin riu também, mas com moderação. Ainda o

acusado não tinha tornado a vestir a sobrecasaca que Bibi-Lupin acabava de tirar-lhe, e, a um sinal do juiz, abriu complacentemente a camisa.

— Oh! Exatamente a mesma couraça de pelos, com a diferença de que está grisalha, hein, sr. Vautrin? — exclamou a sra. Poiret.

XXXV – AUDÁCIA DO RÉU

— Que responde o senhor a isto? — perguntou o juiz.

— Que é uma doida! — disse Jacques Collin.

— Ah! Se eu ainda tivesse dúvidas, porque a fisionomia mudou, bastava-me a voz. Foi ele mesmo que me ameaçou... É o mesmo olhar.

— O agente da Polícia Judiciária e esta mulher — disse o juiz dirigindo-se a Jacques Collin — decerto não estavam combinados para dizer do senhor as mesmas coisas, porque nem se tinham visto. Como explica isto?

— A justiça cometeu erros ainda mais graves do que aquele a que dariam lugar o depoimento de uma mulher que reconhece um homem pelo cabelo do peito e as suspeitas de um agente de polícia — respondeu Jacques Collin. — Encontram-me semelhanças de voz, de olhar, de estatura com um grande criminoso; isso já é vago. Quanto à reminiscência que provaria entre esta senhora e o meu sócia certas relações de que ela não se envergonha, até o senhor se riu. Quer o senhor juiz, para bem da verdade, que eu mais do que ninguém desejo demonstrar, ter a bondade de perguntar à senhora... Foi...

— Poiret...

— Poiret. Perdão! Eu sou espanhol. Se ela se lembra das pessoas que viviam nessa... Como se chama a casa?...

— Uma casa de hóspedes — respondeu a sra. Poiret.

— Não sei o que é — tornou Jacques Collin.

— É uma casa onde se almoça e janta por assinatura.

— Tem razão — concordou Camusot, que fez um aceno de cabeça favorável a Jacques Collin, tanto o impressionou a aparente boa-fé com que ele lhe oferecia os meios de chegar a um resultado. — Veja se se lembra dos hóspedes da casa por ocasião da captura de Jacques Collin.

— Havia o sr. de Rastignac, o dr. Bianchon, o pai Goriot, a srta.

Taillefer...

— Bem — disse o juiz, que não cessara de observar Jacques Collin, cujo semblante se conservou impassível. — Esse pai Goriot...

— É falecido — disse a sra. Poiret.

— Senhor juiz — disse Jacques Collin —, eu me encontrei várias vezes em casa de Luciano com um sr. de Rastignac, muito íntimo, segundo creio, da sra. de Nucingen; e, se é dele que se trata, posso afirmar que nunca me tomou pelo forçado com quem me querem confundir...

— O sr. de Rastignac e o dr. Bianchon — disse o juiz — ocupam ambos posições sociais de tal ordem que o depoimento deles, a ser-lhe favorável, bastaria para pô-lo em liberdade. Coquart, prepare as respectivas intimações.

Em breves minutos, terminadas as formalidades do depoimento da sra. Poiret, Coquart leu-lhe a ata do interrogatório que acabava de realizar-se, e ela assinou-a; porém o acusado recusou assinar fundando-se na ignorância em que se achava das fórmulas da justiça francesa.

XXXVI – UM INCIDENTE

— Basta por hoje — disse o sr. Camusot. — O senhor há de estar precisando alimentar-se; vou mandá-lo conduzir à Conciergerie.

— Oh! Sofro tanto que me é impossível comer — disse Jacques Collin.

Camusot tencionava fazer coincidir o momento da volta de Jacques Collin com a hora do passeio dos acusados no pátio da Conciergerie, mas queria obter do diretor da Conciergerie uma resposta à ordem que pela manhã lhe dera, e tocou a campainha para mandar lá o seu meirinho. Este entrou e disse-lhe que a zeladora da casa do Quai Malaquais tinha para entregar-lhe uma peça importante com relação ao sr. Luciano de Rubempré. Este incidente era tão grave que fez esquecer o seu plano ao sr. Camusot.

— Mande-a entrar — disse o juiz.

— Perdão, meu senhor, desculpe — disse a zeladora cumprimentando ora o juiz, ora o padre. — Eu e meu marido ficamos tão atrapalhados com a justiça nas duas vezes que lá estive em casa que

nem nos lembrou que tínhamos na cômoda uma carta com o endereço do sr. Luciano que, por ser muito pesada, nos custou dez *sous* de porte, apesar de vir de Paris. Se fizessem o favor de nos reembolsar esse dinheirinho... Sabe Deus quando tornaremos a ver os nossos inquilinos!

— Esta carta foi-lhe entregue pelo carteiro? — perguntou Camusot, depois de examinar com muita atenção o envelope.

— Sim, senhor.

— Coquart, lavre um ato dessa declaração. Pode ir-se embora, mulherzinha. Deixe o seu nome e profissão...

Camusot fez a porteira prestar juramento, depois ditou o auto.

Enquanto se cumpriam essas formalidades, verificava ele o carimbo do correio que trazia os dados das horas de coleta e de distribuição, bem como a marca do dia. Ora, essa carta, entregue em casa de Luciano no dia seguinte ao da morte de Ester, fora evidentemente escrita e lançada na caixa no dia da catástrofe.

Imagine-se a estupefação do sr. Camusot ao ler essa carta, escrita e assinada por aquela que a justiça considerava vítima de um crime!

XXXVII – CHEGA!

ESTER A LUCIANO

Segunda-feira, 13 de maio de 1830.

(Meu último dia, às dez horas da manhã.)

Meu Luciano, não tenho uma hora de vida. Às onze horas estarei morta, e morrerei sem dor nenhuma. Dei cinquenta mil francos por uma groselhazinha negra contendo um veneno que mata com a rapidez do raio. Assim, filho, poderás dizer contigo que a tua Esterzinha não sofreu... É verdade; sofro apenas ao escrever-te estas linhas.

Esse monstro que tão caro me comprou, sabendo que eu morreria logo depois de lhe pertencer, Nucingen, enfim, acaba de sair, ébrio de prazer. Pela primeira e última vez na minha vida, me foi dado comparar a minha antiga profissão de meretriz com a vida do amor, sobrepor a ternura que se expande no infinito ao horror do dever que quisera aniquilar-se a ponto de não deixar espaço para um beijo. Foi necessário este nojo para achar adorável a morte... Tomei um banho; desejaria mandar chamar o confessor do convento onde recebi o

batismo, para me confessar e lavar minha alma. Mas basta de prostituição; isto seria profanar um sacramento, e por outro lado sinto-me banhada nas águas de um arrependimento sincero. Deus disponha de mim como quiser.

Deixemos estas pieguices; quero ser para ti a tua Ester até o derradeiro instante e não te aborrecer com a minha morte, com o futuro, com a ideia do bom Deus, que não seria bondoso se me castigasse no outro mundo, a mim que neste tantas dores curti...

Tenho diante de mim o teu delicioso retrato feito pela sra. de Mirbel.^[270] Esta lasca de marfim me consolava da tua ausência; fitam-na os meus olhos embevecidos, ao mesmo tempo que te escrevo estes meus últimos pensamentos e te pinto as derradeiras pulsações do meu coração. Vou envolver o teu retrato nesta carta, porque não quero que o roubem ou o vendam. Só a ideia de saber que o que fez a minha alegria irá confundir-se nos mostruários de um negociante com damas e oficiais do Império, ou com bugigangas chinesas, me dá calafrios. Apaga esse retrato, meu amor; não o dês a ninguém... salvo se esse presente pode render-te o coração dessa tábua que anda e usa vestidos, dessa Clotilde de Grandlieu, e que te há de fazer contusões quando estiver dormindo contigo, tão pontudos tem ela os ossos. Nisso consinto eu, porque mesmo depois de morta quero servir para alguma coisa. Ah! Para te dar gosto, ou para te fazer rir, eu era capaz de me pôr diante de um braseiro com uma maçã na boca para cozê-la para ti. Ainda nisso te será útil a minha morte, não fosse eu perturbar o teu lar... Não compreendo essa Clotilde! Poder ser tua mulher, usar o teu nome, não te deixar nem de dia nem de noite, ser tua, e está ainda com cerimônias! É preciso mesmo ser do Faubourg Saint-Germain! E não ter dez arráteis de carne em cima dos ossos...

Pobre Luciano, querido ambicioso imperfeito, eu penso no teu futuro. Mais de uma vez sentirás falta do teu pobre cão fiel, dessa pobre rapariga que roubava para ti, que era capaz de se deixar arrastar até o banco dos réus para assegurar a tua felicidade, cuja única ocupação era pensar nos teus prazeres e inventá-los, que para ti era toda amor, que durante seis anos só em ti pensou, que foi tua como uma emanção da tua alma, assim como a luz é uma emanção do sol. Mas, enfim, à falta de dinheiro e de honra, não posso ser tua mulher... Olhei sempre ao teu futuro dando-te quanto tenho... Vem logo que recebas esta carta, e tira o que encontrares debaixo do meu travesseiro, porque desconfio do pessoal da casa.

Quero ser bela depois de morta; vou deitar-me, estender-me ao comprido, fazer pose, enfim. Esmagarei depois a groselha de encontro ao céu da boca, e não ficarei desfigurada nem por convulsões nem por alguma postura ridícula.

Sei que a sra. de Sérisy se pôs de mal contigo por minha causa; mas, quando

souber que eu morri, ela te perdoará. Cultiva-lhe a amizade, ela te arranjará um bom casamento, se os Grandlieu insistirem na sua recusa.

Eu não quero, filho, que tu exales muitos queixumes quando souberes da minha morte. Em primeiro lugar, devo dizer-te que às onze horas de segunda-feira, 13 de maio, marcam apenas o termo de uma longa doença que começou no dia em que, em uma calçada do Saint-Germain, me empurraram para a minha antiga carreira. Sofre-se da alma como se sofre do corpo. A diferença é que a alma não fica sofrendo tolamente como o corpo, o corpo não ampara a alma como a alma ampara o corpo, e a alma tem o meio de se curar na reflexão que faz recorrer à mancheia de carvão das costureiras. Anteontem deste-me a vida dizendo-me que casarias comigo se Clotilde tornasse a recusar-te. Seria para nós ambos uma grande desgraça; eu ficaria por assim dizer meio morta, porque há mortes mais ou menos amargas. Nunca a sociedade nos aceitaria.

Tenho pensado em muita coisa nestes dois meses. Uma pobre rapariga está na lama, como eu antes de entrar para o convento; os homens acham-na bela, aproveitam-na para os seus prazeres sem lhe guardarem respeito, mandam-na embora a pé depois que a foram buscar de carruagem e se não lhe escarram na cara é porque a formosura a livra de tal ultraje; mas moralmente fazem pior. Se, entretanto, essa rapariga herda cinco ou seis milhões, será requestada por príncipes, será saudada com respeito quando passar na sua carruagem, poderá escolher entre os mais antigos brasões da França e de Navarra. Esta mesma sociedade que nos havia de repetir, quando nos visse unidos e felizes, saudou sempre a sra. de Staël^[271] apesar das suas escapadas, porque tinha duzentos mil francos de rendimento. O mundo, que se curva perante o dinheiro e a glória, não quer curvar-se diante da felicidade nem diante da virtude; porque eu havia de fazer todo o bem que pudesse... Quantas lágrimas eu teria enxugado! Parece-me que tantas quantas derramei... Quisera viver só para ti e para a caridade.

Eis as reflexões que me tornam agradável a morte. Não te aflijas pois, meu bem. Lembra-te sempre de que houve duas boas raparigas, duas belas criaturas que morreram por ti, sem te quererem mal, adorando-te; eleva no teu coração uma memória a Corália e a Ester, e vai vivendo. Lembra-te do dia em que me mostraste velha, encarquilhada, de chapéu verde-claro e romeira cor de castanha com nódoas de gordura, a amante de um poeta de antes da Revolução, a aquecer-se ao sol nas Tuileries, e toda atarefada com um reles cãozinho? Uma mulher que tinha tido lacaios, carruagens e palácio! Eu disse-te então: “Mais vale morrer com trinta anos!” Nesse dia achaste-me pensativa, fizeste loucuras para me distrair, e, no intervalo de dois beijos, eu ainda te disse: “Todos os dias as mulheres bonitas saem do espetáculo antes do fim!”. Ora pois, eu não quis ver a última peça. Aí está.

Hás de me achar tagarela, mas, enfim, como é pela última vez... Escrevo-te como te falava, e quero-te falar alegremente. Sempre me causaram horror as costureiras que se lamentam; bem sabes que já uma vez eu soube morrer decentemente, de volta daquele fatal baile da Ópera, onde te disseram que eu havia sido meretriz.

Nunca dês esse retrato, filho; se soubesses com que ondas de amor eu acabo de me abismar nos teus olhos, fitando-os com embriaguez durante uma pausa que fiz, havias de pensar que ali ficou incrustada no marfim a alma da tua amada.

Não achas cômico isto, uma defunta a pedir esmola? Ora, vamos! É preciso a gente ficar sossegada no túmulo.

Tu não sabes quanto a minha morte havia de parecer heroica aos imbecis se eles soubessem que esta noite Nucingen me ofereceu dois milhões para eu amá-lo como te amava. Ele se sentirá roubado quando souber que cumpri minha palavra, morrendo dele. Tudo tentei para continuar a respirar o ar que tu respiras. Cheguei a dizer a esse grande ladrão: “Quer ser amado como pede? Comprometo-me até a não tornar a ver Luciano...”. “Que é preciso fazer?”, perguntou Nucingen. “Dê-me dois milhões para ele.” Oh! Se visses a cara que ele fez! Eu até me riria se o caso não fosse tão trágico para mim. “Vejo”, disse-lhe eu, “que o senhor tem mais apego a dois milhões do que a mim. Sempre é bom uma mulher saber quanto vale.” E voltei-lhe as costas.

O patife não tardará a saber que eu não estava brincando.

Quem te abrirá daqui por diante a risca do cabelo? Ora! Não quero pensar em mais nada desta vida. Os cinco minutos que ainda tenho de meu, dou-os a Deus; não tenhas ciúme Dele, meu anjo querido, pois eu quero falar-Lhe de ti, pedir-Lhe a tua felicidade a preço da minha morte e dos meus castigos no outro mundo. Tenho muita pena de ir para o Inferno; queria ver os anjos para saber se são parecidos contigo...

Adeus, meu amor, adeus! Abençoo-te com todo o meu infortúnio. Até no túmulo eu serei a tua

ESTER.

São onze horas. Fiz a minha última oração, vou-me deitar para morrer. Ainda uma vez, adeus! Quisera que o calor da minha mão deixasse aqui a minha alma, assim como deixo aqui um derradeiro beijo; e quero uma vez mais chamar-te meu anjo, embora sejas tu a causa da morte da tua

ESTER.

Um movimento de ciúme confrangeu o coração do juiz ao terminar a leitura da única carta de suicida que ele tinha visto escrita com tal alegria, conquanto fosse uma alegria febril e o derradeiro esforço de uma ternura cega.

“Mas que terá ele de particular para ser assim amado?...”, pesou o juiz, repetindo aquilo que dizem todos os homens que não têm o dom de agradar às mulheres.

— Se o senhor pode provar não somente que não é Jacques Collin, galé evadido, mas sim é realmente dom Carlos Herrera, cônego de Toledo, enviado secreto do rei Fernando VII — disse o juiz a Jacques Collin —, será posto em liberdade, porquanto a imparcialidade que o meu ministério exige obriga-me a dizer-lhe que acabo de receber uma carta de Ester van Gobseck na qual ela confessa a intenção de se matar e emite sobre seus criados certas suspeitas que parecem designá-los como autores do roubo dos setecentos e cinquenta mil francos.

Enquanto falava, o sr. Camusot ia comparando a letra da carta com a do testamento, e pareceu-lhe evidente que a carta era escrita pela mesma pessoa que havia feito o testamento.

— O senhor juiz teve demasiada pressa em acreditar num crime; não se apresse agora em acreditar num roubo.

— Ah! — disse Camusot, deitando um olhar de juiz ao réu.

— Não julgue o senhor que me comprometo dizendo-lhe que se pode encontrar esse dinheiro — tornou Jacques Collin, dando a entender ao juiz que compreendia a sua suspeita. — Essa pobre rapariga era muito estimada pelos seus criados; e, se eu estivesse livre, encarregava-me de procurar um dinheiro que agora pertence ao ente que eu mais amo neste mundo, a Luciano... Tem a bondade de me deixar ler essa carta? Ela é a prova da inocência do meu querido filho, o senhor não iria rezear que eu a destruía ou que a divulgue, pois estou incomunicável.

— Incomunicável! — exclamou o magistrado. — Não o estará mais. Sou eu que lhe peço que estabeleça o mais depressa possível a sua identidade; recorra ao seu embaixador, se quer...

E entregou a carta a Jacques Collin. Camusot sentia-se feliz vendo-se

livre de tal aperto e por poder satisfazer o procurador-geral e as sras. de Maufrigneuse e de Sérisy. Contudo, examinou fria e curiosamente a fisionomia do acusado enquanto este ia lendo a carta da cortesã; e, apesar da sinceridade dos sentimentos estampados naqueles traços, dizia consigo: “Para mim este homem tem cara de grilheta”.

— Eis aí como se ama! — disse Jacques Collin restituindo a carta. E mostrou a Camusot o rosto banhado em lágrimas. — Se o senhor o conhecesse... — continuou ele. — É uma alma tão jovem, tão fresca, uma beleza tão magnífica, uma criança, um poeta... A gente experimenta irresistivelmente a necessidade de sacrificar-se por ele, de satisfazer seus menores desejos. Esse bom Luciano tem tanta graça com a sua meiguice...

— Vamos — disse o magistrado fazendo ainda um esforço para descobrir a verdade. — O senhor não pode ser Jacques Collin...

— Não, senhor... — respondeu o forçado.

E Jacques Collin se fez mais que nunca dom Carlos Herrera. No seu desejo de completar a sua obra, caminhou para o juiz, chamou-o para o vão da janela e assumiu uns modos de príncipe da Igreja, tomando o tom das confidências.

— Tenho uma amizade tal a essa criança, senhor juiz, que, se fosse necessário ser eu o criminoso que o senhor imagina para evitar um dissabor a esse ídolo do meu coração, eu seria capaz de me acusar — disse ele em voz baixa. — Eu imitaria essa pobre rapariga que se matou para o bem dele. Por isso peço-lhe um favor, senhor juiz: que ponha imediatamente Luciano em liberdade.

— Meu dever a isso se opõe — disse com bom modo Camusot —, mas, se há sempre um modo de conciliar as coisas, a justiça sabe ter considerações, e se o senhor pode apresentar-me boas razões... Fale, que o que me disser não será escrito.

— Pois bem — disse Jacques Collin, deixando-se iludir pela condescendência de Camusot. — Eu sei tudo quanto o pobre rapaz sofre neste momento, ele é capaz de atentar contra a sua vida vendo-se na prisão.

— Oh! Lá por isso... — voltou Camusot com certo movimento de desdém.

— O senhor não sabe a quem obsequia obsequiando-me — acrescentou Jacques Collin, tentando dedilhar outras cordas. — É um serviço que presta a uma ordem mais poderosa que a condessa de Sérisy e a duquesa de Maufrigneuse, que nunca lhe perdoarão o ter tido em seu gabinete cartas delas — disse ele, apontando para os dois maços perfumados. — A minha ordem tem boa memória.

— Basta, senhor — disse Camusot. — Procure outras razões. As minhas obrigações não são somente com o réu; elas se referem também à vindita pública.

— Pois acredite em mim que conheço Luciano. Ele é uma alma de mulher, de poeta e de meridional, sem consistência nem vontade — tornou Jacques Collin, julgando ter afinal adivinhado que o juiz estava do seu lado. — O senhor está certo da inocência desse moço, portanto não o apoquente, não o interrogue; entregue-lhe essa carta, anuncie-lhe que é o herdeiro de Ester e restitua-lhe a liberdade. Se não fizer assim, passará por um grande desgosto; ao passo que, se o solta simplesmente, eu lhe explicarei amanhã ou esta noite (pode conservar-me no segredo) tudo quanto possa afigurar-se-lhe misterioso neste negócio e as razões da encarniçada perseguição de que sou objeto; ainda que esteja arriscando a vida, pois há cinco anos que minha cabeça anda a prêmio. Livre Luciano, rico e casado com Clotilde de Grandlieu, minha tarefa neste mundo estará preenchida, e não defenderei mais minha pele... O meu perseguidor é um espião do último rei de França.

— Ah! Corentin!

— Chama-se Corentin? Agradeço a informação. Então promete-me o senhor juiz fazer o que eu lhe pedir?

— Um juiz não pode nem deve prometer nada. Coquart, diga ao aguazil e aos gendarmes que reconduzam o acusado à Conciergerie. Vou dar ordens para o senhor ficar esta noite nos quartos da pistola — acrescentou ele com bom modo, fazendo um ligeiro cumprimento de cabeça ao acusado.

XXXIX – O JUIZ VOLTA A TOMAR A DIANTEIRA

Impressionado com o pedido que Jacques Collin acabava de lhe fazer, e lembrando-se da insistência com que ele quisera ser interrogado em

primeiro lugar, alegando seu estado de saúde, Camusot recuperou toda a sua desconfiança. Enquanto assim dava ouvidos às suas suspeitas indeterminadas, via o pretenso moribundo caminhar como um Hércules, sem fazer nenhuma das momices tão bem representadas que haviam assinalado sua entrada.

— Senhor!

Jacques Collin voltou-se.

— O escrivão, apesar da sua recusa em assinar, vai-lhe ler o auto do interrogatório.

O acusado gozava uma saúde invejável; o movimento com que ele se sentou ao pé do escrivão foi o último raio de luz para o juiz.

— Curou-se muito depressa — disse Camusot.

“Estou apanhado”, pensou Jacques Collin.

E respondeu em voz alta:

— A alegria, senhor juiz, é a única panaceia que existe. Essa carta, a prova de uma inocência de que eu não duvidava... eis o grande remédio.

O juiz seguiu o acusado com um olhar pensativo, quando o aguazil e os gendarmes o rodearam; depois fez o movimento de um homem que acorda, e atirou a carta de Ester para cima da mesa do seu escrivão.

— Coquart, copie essa carta.

XL – MELANCOLIA PECULIAR DOS JUÍZES DE INSTRUÇÃO

Se está na natureza do homem desconfiar do que lhe pedem, que faça quando a coisa pedida é contra os seus interesses ou contra o seu dever, muitas vezes, até mesmo quando ela lhe é indiferente, esse sentimento é a lei do juiz de instrução. Quanto mais o réu, cujo estado não se achava ainda bem definido, contribuiu para que se percebessem nuvens no horizonte se Luciano fosse interrogado, mais esse interrogatório pareceu necessário a Camusot. Ainda que essa formalidade não fosse exigida pelo Código e pelas praxes, bastava a questão da identidade do padre Carlos para exigi-la. Em todas as carreiras, existe uma consciência própria da profissão. Mesmo que não fosse por curiosidade, Camusot havia de interrogar Luciano pela sua honra de magistrado, como acabava de interrogar Jacques Collin, pondo em prática as manhas que o magistrado mais íntegro não hesita em

empregar. O serviço a prestar, a sua promoção, tudo em Camusot era inferior ao seu desejo de saber a verdade, de adivinhá-la, ainda que tivesse de calar. Tamborilava na vidraça, abandonando-se à corrente das suas conjecturas; o pensamento, em tais circunstâncias, é como um rio que percorre mil regiões. Amantes da verdade, os magistrados são como as mulheres ciumentas; entregam-se a mil suposições e as revolvem com o punhal da suspeita como o sacrificador antigo estripava as vítimas: e, quando param, não é no verdadeiro mas no provável, acabando por entrever a verdade. Uma mulher interroga um homem amado da mesma maneira que um juiz interroga um criminoso. Em tais disposições, um lampejo, uma palavra, uma inflexão de voz, uma hesitação bastam para indicar o fato, a traição, o crime oculto.

“A maneira pela qual ele acaba de descrever a sua dedicação ao filho (se é que é filho) faz-me crer que ele tenha estado em casa da rapariga para prevenir qualquer dúvida; e, na certeza de que o travesseiro da morta ocultava um testamento, ter-se-á apoderado, para os dar ao filho, dos setecentos e cinquenta mil francos. Foi uma antecipação. Eis a razão pela qual ele promete desencantar o dinheiro. O sr. de Rubempré, por amor-próprio e também no interesse da justiça, deve esclarecer o estado civil de seu pai. E prometer-me a proteção da sua ordem (qual ordem?) se eu não interrogar Luciano!...”

Fixou-se nesta ideia. Como se acaba de ver, um magistrado instrutor dirige o seu interrogatório como lhe parece. O caso está em ser ou não ser fino. Um interrogatório não é nada e é tudo. O favoritismo está aí. Camusot tocou a campainha, entrou o oficial. Deu ordem para ir buscar o sr. Luciano de Rubempré, mas recomendando que não se comunicasse com ninguém durante o trajeto. Eram duas horas da tarde.

“Aqui há um segredo”, disse consigo o juiz, “e segredo que deve ser bem importante. O raciocínio do meu anfíbio, que não é nem padre, nem secular, nem grilheta, nem espanhol, mas que não quer deixar sair da boca do seu protegido alguma palavra terrível, é este: ‘O poeta é fraco, é uma mulher; não é como eu, que sou o Hércules da diplomacia, e você facilmente lhe arranca o nosso segredo’. Pois vamos saber tudo desse inocente.”

E continuou a bater na borda da mesa com a faca de marfim, enquanto o escrivão copiava a carta de Ester. Quantas extravagâncias no uso de nossas faculdades! Camusot supunha todos os crimes possíveis, e passava por cima do único que o acusado havia cometido, o testamento falso em proveito de Luciano. Que os invejosos da posição dos magistrados pensem nessa vida passada entre suspeitas contínuas, nessas torturas impostas por tais homens a seu espírito, pois que os negócios civis não são menos tortuosos que as instruções criminais, e talvez cheguem à conclusão de que o padre e o magistrado têm um arnês igualmente pesado, igualmente guarnecido de pontas por dentro. Aliás, toda profissão tem o seu cilício e os seus quebra-cabeças.

XLI – PERIGOS A QUE A INOCÊNCIA É EXPOSTA NO PALÁCIO DA JUSTIÇA

Por volta das duas horas, o sr. Camusot viu entrar Luciano de Rubempré, pálido, transtornado, com os olhos vermelhos e inchados de chorar, enfim num abatimento tal que lhe permitiu comparar a natureza com a arte, o verdadeiro moribundo com o moribundo de teatro. O trajeto da Conciergerie ao gabinete do juiz, entre dois gendarmes precedidos por um oficial de justiça, havia verdadeiramente consternado Luciano. É próprio do espírito do poeta preferir um suplício a um julgamento. Vendo aquela natureza inteiramente desprovida da coragem moral que faz o juiz e que acabava de se manifestar tão poderosamente no outro acusado, o sr. Camusot teve pena dessa fácil vitória, e esse desprezo lhe permitiu vibrar golpes decisivos, deixando-lhe no terreno a terrível liberdade de espírito que distingue o atirador quando se trata de acertar num simples manequim.

— Sossegue, sr. de Rubempré. O senhor está na presença de um magistrado desejoso de reparar o mal que a justiça faz involuntariamente com uma prisão preventiva, quando é feita sem fundamento. Eu creio que o senhor é inocente, e por isso vai ser posto em liberdade imediatamente. Eis aqui a prova da sua inocência: uma carta guardada pela sua porteira na sua ausência, e que ela acaba de trazer. Na perturbação causada pelas buscas da justiça e pela notícia da sua captura em Fontainebleau, a mulher esqueceu-se desta carta, que é

de Ester van Gobseck. Leia.

Luciano tomou a carta, leu-a e desatou a chorar, soluçando e sem poder proferir uma palavra. No fim de um quarto de hora, tempo que mal chegou a Luciano para tornar a si, o escrivão apresentou-lhe a cópia da carta e lhe pediu que atestasse que estava conforme, comprometendo-se a apresentar o original à primeira requisição enquanto durasse a instrução do processo. O escrivão ofereceu-se para conferi-la, mas Luciano confiou na palavra de Coquart quanto à exatidão.

— Apesar de tudo — disse bondosamente o juiz —, é difícil restituí-lo à liberdade sem preenchermos as nossas formalidades e sem lhe fazermos algumas perguntas. É quase como testemunha que lhe peço que responda. A um homem como o senhor, acho quase inútil observar que o juramento de dizer toda a verdade não é aqui somente um apelo à sua consciência, mas também uma necessidade da sua posição, ambígua momentaneamente. A verdade, seja ela qual for, não lhe pode fazer mal nenhum, mas a mentira o levaria ao banco dos réus, forçando-me a devolvê-lo à Conciergerie; enquanto, respondendo francamente às minhas perguntas, dormirá esta noite em sua casa e ficará reabilitado com esta notícia que os jornais publicarão: “O sr. de Rubempré, preso ontem em Fontainebleau, foi posto imediatamente em liberdade após um curto interrogatório”.

Este discurso produziu viva impressão em Luciano, e o juiz, vendo as disposições do réu, acrescentou:

— Repito-lhe: o senhor era suspeito de cumplicidade no envenenamento de Ester van Gobseck; temos provas do seu suicídio, e tudo está dito; mas foi subtraída uma soma de setecentos e cinquenta mil francos que faz parte da herança, e o senhor é o herdeiro. Aí está um crime, infelizmente. Esse crime foi anterior à descoberta do testamento. Ora, a justiça tem razões para acreditar que uma pessoa tão sua afeiçoada quanto Ester praticou esse crime em benefício do senhor... Não me interrompa — disse Camusot, impondo com um gesto silêncio a Luciano, que queria falar —; eu ainda não o estou interrogando. Quero fazer-lhe compreender quanto a sua honra está interessada nesta questão. Abandone o falso e miserável ponto de

honra que liga os cúmplices entre si e diga toda a verdade.

Já deve ter sido notada a excessiva desproporção das armas nesta luta entre os acusados e os juízes de instrução. Sem dúvida a negativa habilmente manejada tem por si o absoluto da sua forma e basta para defesa do criminoso; mas é de certo modo uma panóplia que se torna esmagadora quando o estilete do interrogatório lhe encontra alguma fenda. Assim que a negativa é insuficiente contra certos fatos evidentes, o acusado acha-se inteiramente à discrição do juiz. Suponha-se agora um meio criminoso, como Luciano, que, salvo de um primeiro naufrágio da sua virtude, poderia emendar-se e vir a ser útil ao seu país; apesar disso, sucumbirá nas armadilhas da instrução. O juiz redige um auto muito seco, uma análise fiel das perguntas e das respostas; mas dos seus discursos insidiosamente paternais, das suas admoestações capciosas no gênero desta, nada fica. Os juízes da jurisdição superior e os jurados veem os resultados sem conhecerem os meios. Assim, no entender de bons espíritos, o júri seria excelente, como na Inglaterra, para se proceder à instrução. A França se aproveitou algum tempo desse sistema. No código de brumário do ano IV, essa instituição chamava-se o júri de acusação para distingui-lo do júri de julgamento. Quanto ao processo definitivo, se voltássemos aos júris de acusação, devia ele ser entregue aos tribunais, sem intervenção de jurados.

XLII – EM QUE TODOS OS QUE COMETERAM FALTAS TEMERÃO COMPARECER PERANTE QUALQUER TRIBUNAL

— Agora — disse Camusot no fim de uma pausa — como se chama? Sr. Coquart, atenção! — disse ele ao escrivão.

— Luciano Chardon de Rubempré.

— Onde nasceu?

— Em Angoulême.

E disse o dia, mês e ano.

— Não teve patrimônio?

— Nenhum.

— Todavia, na sua primeira estada em Paris, o senhor fez despesas consideráveis relativamente aos seus poucos haveres.

— É verdade, mas nessa época tive em Corália uma amiga

extremamente dedicada e que passei pelo desgosto de perder. A mágoa causada por essa morte foi que me fez voltar para minha terra.

— Muito bem — disse Camusot. — Louvo sua franqueza, que será bem apreciada.

Como se vê, Luciano entrava no caminho de uma confissão geral.

— Voltando de Angoulême para Paris — continuou Camusot —, o senhor fez despesas ainda mais consideráveis; viveu como quem tivesse cerca de sessenta mil francos de renda.

— Sim, senhor.

— Quem lhe fornecia esse dinheiro?

— O meu protetor, o padre Carlos Herrera.

— Onde travou conhecimento com ele?

— Numa estrada, no momento em que eu ia pôr termo à vida, suicidando-me.

— Nunca ouviu falar nele no seio de sua família? Por sua mãe?

— Nunca.

— Sua mãe nunca lhe disse que havia encontrado um espanhol?

— Nunca.

— Lembra-se do mês, do ano em que travou relações com Ester van Gobseck?

— Em fins de 1823, num teatro do bulevar.

— Ela a princípio custou-lhe dinheiro?

— Sim, senhor.

— Ultimamente, desejando casar com a srta. de Grandlieu, comprou os restos do castelo de Rubempré, acrescentando-lhe propriedades no valor de um milhão, e disse à família de Grandlieu que sua irmã e seu cunhado acabavam de receber uma herança considerável e que o senhor devia essas somas à liberalidade deles... Não disse isto à família Grandlieu?

— Disse, sim, senhor.

— Ignora a causa da ruptura do seu casamento?

— Inteiramente.

— Pois bem. A família de Grandlieu mandou à casa do seu cunhado um dos mais respeitáveis procuradores de Paris para colher informações. Em Angoulême, o procurador, segundo as próprias

declarações de sua irmã e de seu cunhado, averiguou que não só eles lhe tinham emprestado uma insignificância, mas até que a herança se compunha de bens imóveis, de certa importância, é certo, porém a soma dos capitais se elevava apenas a duzentos mil francos... Não deve o senhor estranhar que uma família como a de Grandlieu recue diante de uma fortuna cuja origem não se justifica. Eis, sr. Luciano, onde o levou uma mentira.

Luciano ficou gelado com tal revelação, e a pouca energia que conservava abandonou-o.

— A polícia e a justiça sabem tudo quanto querem saber — disse Camusot. — Pense nisso. Agora — continuou ele, pensando na qualidade de pai que Jacques Collin a si próprio atribuíra — sabe quem é esse pretense Carlos Herrera?

— Sim, senhor; mas soube-o demasiado tarde.

— Como demasiado tarde? Explique-se.

— Ele não é nem padre nem espanhol. É...

— Um forçado evadido — disse vivamente o juiz.

— Sim — respondeu Luciano. — Quando o fatal segredo me foi revelado, eu devia-lhe favores, e julgava ter-me ligado a um eclesiástico respeitável...

— Jacques Collin... — disse o juiz, começando uma frase.

— Justamente, Jacques Collin — repetiu Luciano — é o nome dele.

— Bem. Jacques Collin — prosseguiu o sr. Camusot — ainda há pouco foi reconhecido por uma pessoa, e, se ainda nega a sua identidade, é, creio eu, no interesse do sr. de Rubempré. Perguntava-lhe eu, porém, se sabia quem era esse homem para demonstrar outra impostura de Jacques Collin.

Ouvindo aquela aterradora observação, Luciano sentiu como que um ferro em brasa nas entranhas.

— Ignora o senhor — continuou o juiz — que ele se inculca seu pai para justificar o extraordinário afeto que lhe dedica?

— Ele, meu pai!... Oh, senhor! Ele disse isso?

— Suspeita donde vinham as somas que ele lhe entregava? Porque, a acreditar na carta que o senhor aí tem nas mãos, Ester, essa pobre jovem, prestou-lhe mais tarde os mesmos serviços que a atriz Corália;

mas o senhor, como acaba de dizer, viveu alguns anos splendidamente, sem nada receber dela.

— Ao senhor é que eu pergunto — disse Luciano — onde é que os forçados vão buscar dinheiro!... Um Jacques Collin, meu pai! Oh, minha pobre mãe!

E desatou a chorar.

— Escrivão, leia ao réu a parte do interrogatório do pretendido Carlos Herrera na qual ele se diz pai de Luciano de Rubempré.

O poeta escutou essa leitura num silêncio e numa atitude de causar pena.

— Estou perdido! — exclamou ele.

— Ninguém se perde no caminho da honra e da verdade — disse o juiz.

— Mas o senhor levará Jacques Collin ao banco dos réus? — perguntou Luciano.

— Certamente — respondeu Camusot, que queria continuar a fazer Luciano falar. — Acabe o seu pensamento.

XLIII – AS DUAS ÉTICAS

Mas, apesar dos esforços e advertências do juiz, Luciano não mais respondeu. Viera-lhe demasiado tarde a reflexão, como a todos os homens que são escravos da sensação. Aí reside a diferença entre o poeta e o homem de ação: um entrega-se ao sentimento para o reproduzir em imagens vivas, e só depois julga, enquanto o outro sente e julga ao mesmo tempo. Luciano ficou tristonho, pálido; via-se no fundo do precipício para onde o fizera resvalar o juiz de instrução, tendo-se deixado iludir, ele poeta, pela lhaneza do magistrado. Acabava de trair não o seu benfeitor, mas o seu cúmplice, o qual, por sua parte, se defendera com a coragem de um leão, com uma habilidade inteiriça. Lá onde Jacques Collin tudo salvara por sua audácia, Luciano, o homem de espírito, tudo perdera por sua inteligência e falta de reflexão. Aquela mentira infame que tanto o indignava servia de capa a uma verdade ainda mais infame. Confundido pela sutileza do juiz, amedrontado pela sua cruel destreza, pela rapidez dos golpes que ele lhe desfechava servindo-se das faltas de uma vida posta a descoberto como de ganchos

para remexer na sua consciência, Luciano estava ali como um animal que houvesse escapado do cepo no açougue. Livre e inocente ao entrar no gabinete, num instante achava-se criminoso por sua própria confissão. Finalmente, derradeira zombaria séria, o juiz, calmo e frio, fazia observar a Luciano que as suas revelações eram fruto de um equívoco. Camusot pensava na qualidade de pai tomada por Jacques Collin, ao passo que Luciano, inteiramente entregue ao receio de ver tornar-se pública a sua aliança com um forçado evadido, tinha imitado a célebre inadvertência dos assassinos de Íbico.^[272]

Uma das glórias de Royer-Collard^[273] é ter proclamado o triunfo constante dos sentimentos naturais sobre os sentimentos impostos, ter sustentado a causa da anterioridade dos juramentos alegando que a lei da hospitalidade, por exemplo, devia ligar até o ponto de anular a virtude do juramento judiciário. Ele confessou essa teoria à face do mundo, na tribuna francesa; elogiou corajosamente os conspiradores, mostrou que era mais humano obedecer à amizade que a leis tirânicas tiradas do arsenal social para esta ou aquela circunstância. Finalmente, o direito natural tem leis que nunca foram promulgadas e que são mais eficazes, mais conhecidas do que as forjadas pela sociedade. Luciano acabava de postergar, e em seu prejuízo, a lei de solidariedade que o obrigava a calar-se e a deixar Jacques Collin defender-se; mais ainda, tinha-o acusado. No seu próprio interesse, esse homem devia ser sempre para ele Carlos Herrera.

O sr. Camusot gozava o seu triunfo; tinha seguros dois culpados; curvara sob a mão da justiça um dos favoritos da moda e encontrara o misterioso Jacques Collin. Ia ser proclamado um dos mais hábeis juízes de instrução. Por isso deixava em paz o réu; mas estudava esse silêncio de consternação, vendo as camarinhas de suor aumentarem sempre naquela fisionomia deformada, engrossarem-se e enfim caírem de envolta com duas torrentes de lágrimas.

— Por que chora, sr. de Rubempré? O senhor é, como já lhe disse, o herdeiro de Ester van Gobseck, que não tem herdeiros colaterais nem diretos, e a herança eleva-se a perto de oito milhões, se aparecerem os setecentos e cinquenta mil francos extraviados.

Foi o derradeiro golpe. Se Luciano se mantivesse digno durante dez minutos, como dizia Jacques Collin no seu bilhete, realizava todos os seus desejos. Saldava contas com Jacques Collin, largava-o, ficava rico, casava com a srta. de Grandlieu. Nada mostra mais eloquentemente do que esta cena o poder de que se acham armados os juízes de instrução pelo isolamento ou pela separação dos réus, e o valor de uma comunicação como a que Ásia fizera a Jacques Collin.

— Ah, senhor — respondeu Luciano com a amargura irônica de um homem que faz pedestal do seu infortúnio —, bem se diz na vossa linguagem dos tribunais: *sofrer um interrogatório!*... Entre a tortura física de outrora e a tortura moral de hoje, eu não hesitaria em preferir os sofrimentos que o algoz infligia. Que mais quer de mim? — disse ele com altivez.

— Aqui, senhor — voltou o magistrado fazendo-se arrogante para retribuir o orgulho do poeta —, aqui só eu tenho o direito de fazer perguntas.

— E eu tinha o direito de não responder — murmurou o pobre Luciano, a quem sua inteligência voltara em toda a sua clareza.

— Escrivão, leia ao réu o seu interrogatório...

— Agora torno a ser réu! — disse consigo Luciano.

Enquanto o escrivão lia, Luciano tomou uma resolução que o obrigava a afagar o sr. Camusot. Quando cessou o murmúrio da voz de Coquart, o poeta teve o estremecimento de um homem que dorme durante um rumor a que seus órgãos se acostumaram e que o silêncio então surpreende.

— O senhor tem de assinar o auto do seu interrogatório — disse o juiz.

— E põe-me em liberdade? — perguntou Luciano irônico.

— Ainda não — respondeu Camusot —; mas amanhã, depois de ser acareado com Jacques Collin, decerto será solto. A justiça deve agora averiguar se o senhor é ou não cúmplice dos crimes que esse indivíduo possa ter cometido desde a sua evasão, que data de 1820. Contudo, já não estará no segredo. Vou mandar ordem ao diretor para lhe dar o melhor quarto da Pistola.

— Terei lá o necessário para escrever?

— Lá lhe fornecerão o que pedir, que eu mando ordem pelo oficial de justiça que o levar.

Luciano assinou maquinalmente o auto e rubricou as chamadas, obedecendo às indicações de Coquart com uma doçura de vítima resignada. Um só detalhe dirá mais sobre o estado em que ele se achava do que uma pintura minuciosa. O anúncio da sua acareação com Jacques Collin secara-lhe no rosto as bagas de suor; os seus olhos enxutos despediam um fulgor insuportável. Enfim, ele se tornou, num momento rápido como o relâmpago, o que era Jacques Collin, um homem de bronze.

Nos homens de caráter parecido com o de Luciano, e que Jacques Collin tão bem analisara, essas passagens súbitas de um estado de abatimento completo a um estado quase metálico, tal a tensão que se verifica nas forças humanas, são os mais brilhantes fenômenos da vida das ideias. A vontade volta como a água desaparecida de uma fonte introduzindo-se no aparelho preparado para o funcionamento da sua desconhecida substância constitutiva; e então o cadáver se faz homem, e o homem se lança, cheio de força, a lutas supremas.

Luciano pôs a carta de Ester sobre o coração com o retrato que ela lhe devolvera. Depois saudou desdenhosamente o sr. Camusot e marchou com passo firme pelo corredor afora, entre dois gendarmes.

— É um grande celerado — disse o juiz ao seu escrivão para se vingar do desprezo esmagador que o poeta acabava de lhe manifestar. — Julgou salvar-se entregando o cúmplice.

— Dos dois — disse Coquan timidamente —, o grilheta é o mais forte.

XLV – O JUIZ NA TORTURA

— Por hoje está livre, Coquart — disse o juiz. — Também já chega. Mande embora as pessoas que estiverem esperando e diga-lhes que voltem amanhã. Ah! É verdade. Vá imediatamente ver se o senhor procurador-geral está ainda no seu gabinete; se estiver, peça-lhe um minuto de audiência para mim. Ele há de lá estar — continuou o juiz, olhando para um relógio ordinário de madeira pintada de verde e com

filetes dourados. — São três horas e um quarto.

Esses interrogatórios que, depois de inteiramente escritos, se leem tão depressa, gastam muitíssimo tempo. É essa uma das causas da demora das instruções criminais e da duração das detenções preventivas. Para os pequenos é a ruína; para os ricos, a vergonha; porque para eles um livramento imediato repara, tanto quanto possível, a desgraça de uma captura. Eis aí por que as duas cenas que acabam de ser fielmente reproduzidas tinham exigido todo o tempo gasto por Ásia em decifrar as ordens do amo, em fazer sair uma duquesa do seu toucador e em comunicar energia à sra. de Sérisy.

Naquele momento, Camusot, que pensava em tirar partido da sua habilidade, tomou os dois interrogatórios, releu-os e formou tenção de ir mostrá-los ao procurador-geral, pedindo-lhe o seu parecer.

Enquanto assim refletia, veio o oficial dizer-lhe que o criado de quarto da condessa de Sérisy queria por força falar-lhe. A um sinal de Camusot, um criado vestido como um grande figurão entrou, olhou alternadamente para o aguazil e para o magistrado e disse:

— É com efeito ao sr. Camusot que tenho a honra...

— Justamente — responderam o juiz e o aguazil.

Camusot pegou numa carta que o criado lhe entregava e leu o seguinte:

Por interesse que deve compreender, meu caro Camusot, não interrogue o sr. de Rubempré; nós lhe levaremos as provas da sua inocência, para que ele seja imediatamente posto em liberdade.

D. DE MAUFRIGNEUSE, L. DE SÉRISY

P.S. — QUEIME ESTA CARTA.

Camusot compreendeu que havia cometido uma grande falta armando laços a Luciano, e começou por obedecer às duas grandes damas. Acendeu uma vela e destruiu a carta escrita pela duquesa. O criado saudou respeitosamente.

— A sra. de Sérisy vem aí? — perguntou o juiz.

— Quando eu saí, estavam atrelando os cavalos — respondeu o criado.

Nesse momento entrou Coquart e disse que o senhor procurador-

geral estava esperando o sr. Camusot.

Sob o peso do erro que havia cometido contra a sua ambição e em favor da justiça, o juiz, em quem sete anos de exercício tinham desenvolvido a finura de que é munido todo homem que, quando estudante, se mediu com *grisettes*, quis munir-se de armas contra o ressentimento das duas fidalgas. Como ainda estivesse acesa a vela em que queimara a carta, aproveitou-a para lacrar os trinta bilhetes da duquesa de Maufrigneuse a Luciano e a volumosa correspondência da sra. de Sérisy. Depois se dirigiu ao gabinete do procurador-geral.

XLVI – O SENHOR PROCURADOR-GERAL

O Palácio da Justiça é um aglomerado confuso de edificações umas postas em cima das outras, ora cheias de grandeza, ora acanhadas, e que mutuamente se prejudicam pela falta de unidade. A sala dos Passos Perdidos é a maior que há; mas a sua nudez infunde horror e aflige a vista. Essa vasta catedral da chicana esmaga o tribunal régio. Finalmente, a chamada Galerie Marchande conduz a duas cloacas. Nota-se nessa galeria uma escadaria dupla, um pouco maior que a da Polícia Correccional, e por baixo da qual se abre uma grande porta de dois batentes. A escada conduz ao tribunal do crime, e a porta inferior, a outro tribunal. Em certos anos, os crimes cometidos no departamento do Sena exigem duas sessões. É para essas bandas que se encontra o gabinete do procurador-geral, a câmara dos advogados com sua biblioteca, os gabinetes dos advogados-gerais e os dos substitutos do procurador-geral. Todos esses recintos são ligados por escadinhas, por uns corredores escuros que são a vergonha da arquitetura tanto da cidade de Paris como da França. Nos seus interiores, a primeira das nossas justiças soberanas suplanta as prisões no que elas têm de mais hediondo. O pintor de costumes recuaria ante a necessidade de descrever o ignóbil corredor de um metro de largura, onde permanecem as testemunhas do tribunal do crime superior. Quanto à estufa que serve para aquecer a sala das sessões, esta desonraria um café do Boulevard Montparnasse.

O gabinete do procurador-geral fica num pavilhão octogonal que flanqueia o corpo da Galerie Marchande, e foi arranjado recentemente,

em comparação com a antiguidade do palácio, no terreno do pátio contíguo à divisão das mulheres. Toda essa parte do Palácio da Justiça é ensombrada pelas altas e imponentes construções da Sainte-Chapelle. É um lugar sombrio e silencioso.

O sr. de Granville, digno sucessor dos grandes magistrados do velho Parlamento, não tinha querido sair do palácio sem uma solução no processo de Luciano. Aguardava notícias de Camusot, e o recado do juiz mergulhou-o nessa meditação involuntária que a expectativa causa aos espíritos mais firmes. Estava sentado no vão da janela do seu gabinete; levantou-se, começou a passear de um lado para outro, vagamente inquieto e apoquentado, porque nessa manhã tinha achado pouco compreensivo o juiz, em cujo caminho ele se colocara. A dignidade das suas funções vedava-lhe atentar contra a independência absoluta do magistrado inferior, e nesse processo tratava-se da honra e da consideração do seu melhor amigo, de um dos seus mais calorosos protetores, o conde de Sérisy, ministro de Estado, membro do Conselho privado, vice-presidente do Conselho de Estado, futuro chanceler de França, caso morresse o nobre velho que desempenhava essas augustas funções. O sr. de Sérisy tinha a desgraça de adorar sua mulher *apesar dos pesares*^[274] e cobria-a sempre com a sua proteção. Ora, o procurador-geral bem previa o barulho que havia de fazer, tanto na grande roda como na Corte, a culpabilidade de um homem cujo nome tantas vezes tinha andado malignamente ligado ao da condessa. “Ah”, pensava ele cruzando os braços, “dantes o poder tinha o recurso das evocações...”^[275] A nossa mania de igualdade há de matar o tempo que vai correndo...”

O digno magistrado bem sabia o que são a força e a desgraça das ligações ilícitas. Ester e Luciano tinham tomado, como se viu, o apartamento onde o conde de Granville vivera maritalmente e em segredo com a srta. de Bellefeuille, donde ela um dia fugira, raptada por um miserável.^[276]

No momento em que o procurador-geral dizia consigo “Camusot terá feito alguma tolice!”, o juiz de instrução deu duas pancadas na porta do gabinete.

— Então, meu caro Camusot, como vai o processo em que lhe falei esta manhã?

— Mal, senhor conde. Queira ler e avaliar por si mesmo.

Entregou os dois autos dos interrogatórios ao sr. de Granville, que pegou na luneta e foi ler no vão da janela. Foi uma leitura rápida.

— Fez o seu dever — disse o procurador-geral com voz comovida. — Não há mais que dizer; a justiça que siga o seu curso. O senhor deu tais provas de habilidade que não é possível privarmo-nos jamais de um juiz de instrução como o senhor.

Se o sr. de Granville dissesse a Camusot que ficaria toda a vida no mesmo posto, não seria mais explícito que com a sua frase elogiosa... Camusot sentiu frio nas entranhas.

— A sra. duquesa de Maufrigneuse, a quem muito devo, tinha-me pedido...

— Ah, é verdade, a duquesa de Maufrigneuse — disse o sr. de Granville, interrompendo o juiz — é a amiga da sra. de Sérisy. O senhor não cedeu, já vejo, a nenhuma influência. Fez muito bem. O senhor será um grande magistrado.

XLVII – É MESMO TARDE DEMAIS?

Nesse momento, o conde Otávio de Bauvan abriu a porta sem bater e disse ao conde de Granville:

— Trago-te aqui, meu caro, uma formosa dama que não sabia orientar-se no meio deste nosso labirinto.

E o conde Otávio trazia pela mão a condessa de Sérisy, que, há um quarto de hora, vagava pelo Palácio da Justiça.

— A senhora condessa aqui — exclamou o procurador-geral chegando para ela a sua própria poltrona —, e em que momento! Aqui está o sr. Camusot — acrescentou ele, indicando o juiz. — Bauvan — disse ele, dirigindo-se ao ilustre orador ministerial da Restauração —, espera-me no gabinete do primeiro presidente, que ainda não saiu; eu lá irei ter contigo.

O conde Otávio de Bauvan compreendeu que não só ele era demais ali mas também que o procurador-geral queria ter uma razão para sair do gabinete.

A sra. de Sérisy não tinha cometido o erro de vir ao palácio no seu magnífico cupê de capota azul armoriada, com seu cocheiro agaloado e

seus dois criados de calção curto e meias de seda branca. No momento de partir, Ásia tinha feito compreender às duas grandes damas a necessidade de irem no fiacre em que ela viera com a duquesa; enfim ela havia igualmente imposto à amante de Luciano aquela *toilette* que, para as mulheres, é aquilo que em outros tempos era para os homens a capa parda. A condessa vestia um casaco escuro, um velho xale preto e um chapéu de veludo, cujas flores arrancadas tinham sido substituídas por um véu de renda preta muito espesso.

— Recebeu a nossa carta? — disse ela a Camusot, cujo ar aparvalhado foi por ela levado à conta de uma prova de respeito admirativo.

— Recebi, mas já tarde, infelizmente, senhora condessa — respondeu o juiz, que só tinha tato e espírito no seu gabinete contra os seus réus.

— Como, já tarde?

E, olhando para o sr. de Granville, viu pintada no seu rosto a consternação.

— Não pode, não deve ser tarde demais — acrescentou ela com uma entonação de déspota.

XLVIII – TUDO O QUE AS MULHERES FAZEM EM PARIS

As mulheres bonitas, na situação da sra. de Sérisy, são as crianças mimadas da civilização francesa. Se as mulheres dos outros países soubessem o que é em Paris uma mulher da moda, rica e titular, haviam de querer vir gozar esta realeza magnífica. As mulheres votadas exclusivamente aos laços do seu bem-estar, àquela coleção de pequenas leis a que se poderia chamar o Código Fêmea, riem-se das leis que os homens fizeram. Elas dizem tudo, não recuam diante de nenhuma falta nem de nenhuma tolice; porque todas elas compreenderam admiravelmente que de nada são responsáveis, a não ser da sua honra feminina e dos seus filhos. Dizem rindo as maiores enormidades. A propósito de tudo repetem a frase da formosa sra. de Bauvan, nos primeiros tempos de casada, a seu marido, que ela fora buscar no tribunal: “Apressa-te de sentenciar e vem comigo!”.

— Minha senhora — disse o procurador-geral —, o sr. Luciano de

Rubempré não é culpado nem de roubo nem de envenenamento; mas o sr. Camusot levou-o a confessar um crime ainda maior....

— Como? — indagou ela.

— Luciano confessou-se — disse-lhe o procurador-geral ao ouvido — amigo e pupilo de um forçado evadido. O padre Carlos Herrera, esse espanhol que vivia com ele há sete anos, seria o nosso famigerado Jacques Collin.

A sra. de Sérisy recebia tantos golpes de uma barra de ferro quantas palavras o magistrado dizia; mas este nome célebre foi o golpe de misericórdia..

— E a moral disto? — disse ela com uma voz que era um sopro.

— Vem a ser — tornou o sr. de Granville continuando a frase da condessa e falando em voz baixa — que o forçado terá de ir ao banco dos réus, e que, se Luciano não comparecer a seu lado como tendo cientemente se aproveitado dos roubos desse homem, comparecerá como testemunha gravemente comprometida.

— Oh! Isso nunca — disse ela bem alto, com incrível firmeza. — Pela minha parte, não hesitaria entre a morte e a perspectiva de ver um homem que o mundo considerou como meu melhor amigo declarado judicialmente companheiro de um grilheta. O rei é muito amigo de meu marido...

— Minha senhora — disse o procurador-geral em voz alta e sorrindo —, o rei não tem o mínimo poder sobre o menor juiz de instrução do seu reino nem sobre os debates de um tribunal. Aí está a grandeza das nossas instituições novas. Eu mesmo acabo de felicitar o sr. Camusot pela sua habilidade...

— Pela sua inépcia — emendou com vivacidade a condessa, a quem as relações de Luciano com um bandido inquietavam bem menos que a sua ligação com Ester.

— Se a senhora lesse os interrogatórios a que o sr. Camusot submeteu os dois acusados, veria que tudo depende dele...

Depois desta frase, a única que o procurador-geral podia arriscar-se a dizer, e depois de um olhar finamente feminino ou, se quiserem, judiciário, encaminhou-se para a porta do seu gabinete. E no limiar acrescentou, voltando-se:

— Perdão, minha senhora, tenho de dizer duas palavras a Bauvan...

Isto, na linguagem da grande roda, significava para a condessa: “Não quero ser testemunha do que se vai passar entre a senhora e Camusot”.

XLIX – TUDO O QUE AS MULHERES PODEM FAZER EM PARIS

— Que vêm a ser esses interrogatórios? — disse então Leontina com doçura a Camusot, muito acanhado diante da mulher de uma das mais altas figuras do Estado.

— Minha senhora, um escrivão escreve — respondeu Camusot — as perguntas do juiz e as respostas dos acusados, o auto é assinado pelo escrivão, pelo juiz e pelos acusados. Estes autos são os elementos do processo, eles determinam a acusação e a entrega dos acusados ao tribunal.

— E se tais interrogatórios fossem suprimidos?

— Ah, minha senhora, isso seria um crime, que nenhum magistrado pode cometer, um crime social!

— É um crime bem maior contra mim tê-los escrito; mas, neste momento, é a única prova que existe contra Luciano. Vamos, leia-me seu interrogatório para ver se haverá algum meio de nos salvarmos todos. Não se trata apenas de mim, que me mataria com a maior frieza, trata-se também da felicidade do sr. de Sérisy.

— Não creia a senhora — disse Camusot — que eu tenha esquecido a consideração que lhe devia e esteja certa de que, se o sr. Popinot, por exemplo, tivesse sido encarregado desta instrução, muito pior haveriam corrido as coisas, pois ele não teria vindo consultar o procurador-geral. Não se teria conhecimento de nada. Veja, minha senhora, foi tudo apreendido em casa de Luciano, até as cartas da senhora...

— As minhas cartas!

— Ei-las, lacradas — disse o magistrado.

Na sua perturbação, a condessa tocou a campainha como se estivesse em sua casa, e entrou o servente do gabinete do procurador-geral.

— Traga-me luz — disse ela.

O servente acendeu uma vela e pô-la sobre a lareira, enquanto a condessa reconhecia suas cartas, as contava, as amarrotava e as atirava

na lareira. Em seguida deitou fogo ao monte de papel, servindo-se da última carta enrolada como de um archote. Camusot, com cara de parvo, contemplava a queima dos papéis, segurando na mão os seus dois autos. A condessa, que parecia unicamente ocupada em aniquilar as provas da sua ternura, observava o juiz de soslaio. Tomou tempo, calculou seus movimentos e, com uma agilidade de gata, agarrou os dois interrogatórios e os lançou ao lume; Camusot, porém, apanhou-os ali, a condessa atirou-se ao juiz e tornou a apoderar-se dos papéis em chamas. Seguiu-se uma luta durante a qual Camusot clamava:

— Senhora! Minha senhora! Mas isso é um atentado!...

De repente entrou um homem no gabinete, e a condessa não pôde conter um grito reconhecendo o conde de Sérisy seguido dos srs. de Granville e de Bauvan. Contudo, Leontina, que a todo o custo queria salvar Luciano, não largava os terríveis papéis timbrados que ela segurava como se fosse numas tenazes, conquanto as chamas já tivessem produzido na sua pele delicada o efeito de um cautério. Afinal, Camusot, que também tinha os dedos queimados, pareceu envergonhar-se de tal situação e largou os papéis; apenas haviam sido poupados pelo fogo os pedaços que os dois contendores apertavam nas mãos. Esta cena se verificara num lapso de tempo menos considerável que o momento necessário para ler a respectiva narrativa.

L – UMA BRINCADEIRA

— Que podia haver aqui entre o senhor juiz e a sra. de Sérisy? — perguntou o ministro de Estado a Camusot.

Antes que o juiz pudesse responder, a condessa levou os papéis até a vela e os lançou sobre os fragmentos de suas cartas que o fogo ainda não havia consumido inteiramente.

— É o caso de me queixar da senhora condessa — disse Camusot.

— Que fez ela? — perguntou o procurador-geral, olhando alternadamente para a condessa e para o juiz.

— Queimei os interrogatórios — respondeu rindo a mulher da moda, tão contente com o seu capricho que nem ainda sentia as queimaduras. — Se isto é crime, o cavalheiro que recomece as suas horrendas garatujas.

— Justamente — respondeu Camusot, tentando recuperar a sua dignidade.

— Ainda bem! — disse o procurador-geral. — Mas, cara condessa, não tome muitas vezes dessas liberdades com a magistratura, que ela poderia esquecer-se de quem a senhora é.

— Uma vez que o sr. Camusot resistiu corajosamente a uma senhora a quem nada resiste, está salva a honra da toga! — disse rindo o conde de Bauvan.

— Ah! O sr. Camusot resistiu? — disse rindo o procurador-geral. — Então é muito forte, eu não ousaria resistir à condessa.

Nesse momento, aquele grave atentado tornou-se um gracejo de mulher bonita, de que até Camusot se ria.

O procurador-geral percebeu então um homem que não ria. Justamente assustado com a atitude e a fisionomia do conde de Sérisy, o sr. de Granville o chamou de parte.

— Meu amigo — disse-lhe ao ouvido —, tua dor me decide a transigir pela primeira e única vez da minha vida com o dever.

O magistrado tocou a campainha, e o servente do gabinete entrou.

— Peça ao sr. de Chargebœuf que venha falar comigo. — O sr. de Chargebœuf, jovem advogado estagiário, era o secretário do procurador-geral. — Meu caro — tornou o procurador-geral chamando Camusot para o vão de uma janela —, vá ao seu gabinete e refaça com um escrivão qualquer o interrogatório do padre Carlos Herrera; não há inconveniente algum nisso, porque esse interrogatório não estava assinado. Amanhã acareie esse diplomata espanhol com os srs. de Rastignac e Bianchon, que não reconhecerão nele o nosso Jacques Collin. Sabendo com certeza que será posto em liberdade, esse homem não recusará assinar os interrogatórios. Quanto a Luciano de Rubempré, ponha-o hoje mesmo em liberdade, pois não será ele quem irá falar do interrogatório cujo processo verbal é suprimido, sobretudo depois da admoestação que vou fazer-lhe. *La Gazette des Tribunaux* anunciará amanhã que o rapaz está livre. Agora vejamos se a justiça sofre com essas medidas. Se o espanhol é o forçado, temos mil meios de tornar a apanhá-lo e de lhe instaurar o respectivo processo, pois vamos averiguar por vias diplomáticas o seu comportamento na Espanha.

Corentin, o chefe da contra-polícia, no-lo guardará, e nós tampouco o perderemos de vista; por isso trate-o bem, tire-o do segredo e mande pô-lo na pistola por essa noite. Havíamos de ir matar o conde, a condessa de Sérisy, Luciano, por um roubo de setecentos e cinquenta mil francos, ainda assim hipotético e cometido em prejuízo de Luciano? Não será melhor deixá-lo perder esse dinheiro do que a reputação?... Tanto mais arrastando ele na sua queda um ministro de Estado, a mulher de um ministro de Estado e a duquesa de Maufrigneuse... Esse rapaz é uma laranja passada, não a faça apodrecer. É negócio para uma meia hora. Então vá, que ficamos à sua espera. São três e meia, ainda tem juízes para o despacho de despronúncia, avise-me logo que o obtenha... Senão, Luciano que espere até amanhã pela manhã.

Camusot saiu depois de cumprimentar; mas a sra. de Sérisy, que sentia então vivamente o efeito das queimaduras, não lhe retribuiu o cumprimento. O sr. de Sérisy, que saíra apressadamente do gabinete enquanto o procurador-geral falava com o juiz, voltou então com um pote de cera virgem e começou a pensar os ferimentos de sua mulher, dizendo-lhe baixinho:

— Leontina, por que veio aqui sem me prevenir?

— Meu pobre amigo! — respondeu-lhe ela também baixinho. — Perdoe-me, não sei onde estava com a cabeça; mas tratava-se de nós ambos.

— Ame esse rapaz, uma vez que a fatalidade assim o quer, mas não mostre tanto a todo o mundo a sua paixão — disse o pobre marido.

— Bem, querida condessa — disse o sr. de Granville, depois de haver conversado algum tempo com o conde Otávio —, espero que ainda hoje a senhora possa levar o sr. de Rubempré a jantar em sua casa.

Esta quase promessa produziu tamanha reação na sra. de Sérisy que ela desatou a chorar.

— Eu julgava não ter mais lágrimas — disse ela sorrindo. — Não lhe seria possível — continuou ela — fazer esperar aqui o sr. de Rubempré?

— Vou ver se encontro aguazis que o tragam aqui para evitar que ele seja acompanhado de gendarmes — respondeu o sr. de Granville.

— O senhor é bondoso como Deus! — disse ela ao procurador-geral com uma efusão que tornou sua voz uma música divina.

“Mulheres assim”, pensou o conde Otávio, “são sempre deliciosas, irresistíveis!...” E teve um acesso de melancolia pensando em sua mulher.^[277]

LI – EM QUE O DÂNDI E O POETA REAPARECEM

Enquanto mulheres bonitas, ministros, magistrados conspiravam todos para salvar Luciano, eis o que se passava na Conciergerie. Ao atravessar a portaria, o poeta disse na secretaria que o sr. Camusot lhe dava licença para escrever, e pediu penas, tinta e papel, que um guarda recebeu imediatamente ordem para lhe levar, depois de umas palavras segredadas pelo oficial do juiz ao diretor da cadeia. Durante o pouco tempo que o guarda consumiu em ir buscar e levar a Luciano o que este esperava, o pobre moço, a quem a ideia de uma acareação com Jacques Collin era insuportável, abismou-se numa dessas meditações fatais em que a ideia do suicídio, à qual ele já cedera sem poder realizá-la, chega a ser mania. Segundo alguns grandes médicos *alienistas*, o suicídio, para certas organizações, é o fim de uma alienação mental; ora, desde a sua captura, Luciano fizera dele um pensamento fixo. A carta de Ester, relida várias vezes, aumentou a intensidade do seu desejo de morrer, trazendo-lhe à memória o desfecho de Romeu indo juntar-se a Julieta. Eis o que ele escreveu.

ISTO É O MEU TESTAMENTO

Conciergerie, 15 de maio de 1830.

Eu abaixo assinado, lego aos filhos de minha irmã, Eva Chardon, e de seu marido, David Séchard, antigo impressor em Angoulême, todos os bens móveis e imóveis que no dia do meu falecimento me pertencerem, deduzidos os pagamentos e legados que deixo a cargo do meu testamenteiro.

Suplico ao sr. de Sérisy que aceite o encargo de ser meu testamenteiro.

Quero que se pague: 1º ao sr. padre Carlos Herrera a quantia de trezentos mil francos; 2º ao sr. barão de Nucingen a quantia de um milhão e quatrocentos mil francos, da qual serão subtraídos setecentos e cinquenta mil francos, se forem encontradas as somas desaparecidas da casa de Ester van Gobseck.

Como herdeiro de Ester van Gobseck, lego a quantia de setecentos e sessenta mil francos aos hospícios de Paris para ser fundado um asilo especialmente

destinado às meretrizes que quizerem abandonar a sua carreira de vício e de perdição.

Além disso, lego aos hospícios a quantia necessária para a compra de uma inscrição de rendas de trinta mil francos a cinco por cento. Os juros anuais serão empregados, cada semestre, em dar a liberdade a prisioneiros por dívidas que não excedam a dois mil francos. Os administradores dos hospícios escolherão os mais dignos entre os presos por dívidas.

Peço ao sr. de Sérisy que consagre quarenta mil francos a um monumento a erigir-se no cemitério de l'Est à memória de Ester van Gobseck, e desejo ser enterrado junto dela. Esse monumento será quadrado e do feitio dos antigos túmulos, com as nossas estátuas jacentes de mármore branco sobre a campa, as cabeças reclinadas sobre almofadas e as mãos postas e voltadas para o céu. O túmulo não terá inscrição alguma.

Peço ao sr. conde de Sérisy que entregue ao sr. Eugênio de Rastignac, como recordação minha, o estojo de ouro para toucador que tenho em minha casa.

Igualmente como recordação, peço ao meu testamenteiro que aceite a oferta que lhe faço da minha biblioteca.

LUCIANO CHARDON DE RUBEMPRÉ

Este testamento foi posto numa carta endereçada ao sr. conde de Granville, procurador-geral, e assim redigida:

Senhor conde,

Confio-lhe o meu testamento. Quando o senhor abrir esta carta, eu já não existirei. Com o desejo de recuperar minha liberdade, respondi tão covardemente às capciosas interrogações do sr. Camusot que, apesar da minha inocência, posso ver-me envolvido num processo infame. Ainda supondo-me absolvido sem qualquer nódoa, a vida seria impossível para mim, dadas as suscetibilidades do mundo.

Peço-lhe que entregue ao padre Carlos Herrera a carta inclusa, sem abri-la, e que faça chegar às mãos do sr. Camusot a retratação em forma que também vai inclusa.

Penso que ninguém ousa violar uma carta que é destinada ao senhor. Nesta persuasão, digo-lhe adeus, apresentando-lhe pela última vez os meus respeitos e pedindo-lhe que acredite que, escrevendo-lhe, eu lhe dou um testemunho do meu reconhecimento por todas as bondades de que o senhor cumulou o seu defunto servidor,

LUCIANO DE R.

Meu caro padre,

Do senhor somente recebi benefícios, e o traí. Esta ingratidão involuntária me mata, e, quando o senhor ler estas linhas, eu não existirei mais; o senhor tampouco estará em condições de me salvar.

O senhor me deu pleno direito de desgraçá-lo quando me conviesse, atirando-o à terra como se faz com uma ponta de charuto; mas eu dispus da sua pessoa tolamente. Para me livrar de um apuro, seduzido por uma pergunta capciosa do juiz de instrução, o seu filho espiritual, aquele que o senhor havia adotado, colocou-se do lado daqueles que querem assassiná-lo a todo custo, desejando fazer acreditar numa identidade impossível entre o senhor e um certo celerado francês. Está dito tudo.

Entre um homem da sua força e mim, de quem o senhor quis fazer uma figura maior do que eu podia ser, não se hão de trocar pieguices no momento de uma separação suprema. O senhor quis fazer-me poderoso e grande, e apenas me precipitou nos abismos do suicídio. Muito tempo há que eu via aproximar-se de mim a vertigem.

Existem as posteridades de Caim e de Abel, como o senhor às vezes dizia. No grande drama da humanidade, Caim é a oposição. O senhor descende de Adão por aquela linha em que o diabo continuou a soprar o fogo cuja primeira faísca fora lançada sobre Eva. Entre os demônios dessa filiação, aparecem, de vez em quando, alguns terríveis, de organizações vastas, que resumem todas as forças humanas, semelhantes a esses febris animais do deserto cuja vida exige espaços imensos. Esses homens são perigosos na sociedade, como o seriam leões em plena Normandia; como precisam de pasto, devoram os homens vulgares e roem o dinheiro dos tolos; os seus brinquedos são tais que eles acabam por matar o humilde cão de que haviam feito um companheiro, um ídolo. Quando Deus quer, esses seres misteriosos são Moisés, Átila, Carlos Magno, Maomé ou Napoleão; mas, quando Ele deixa enferrujar no fundo do oceano de uma geração esses instrumentos gigantescos, eles não são mais que Pugatcheff, Louvel, Robespierre e o padre Carlos Herrera.^[278] Dotados de um imenso poder sobre as almas ternas, eles as atraem e trituram. No gênero, é grande e é belo. É a planta venenosa de cores ricas que fascina as crianças nos bosques. É a poesia do mal. Homens assim devem morar em antros e não sair deles. Tu me fizeste viver essa vida gigantesca, eu vivi o que devia viver. Posso pois retirar minha cabeça dos nós górdios da tua política para a entregar ao nó corredio da minha gravata.

Para reparar o meu erro, transmito ao procurador-geral uma retratação do

meu interrogatório; tire o partido que puder dessa peça.

Por disposição de um testamento em boa forma, vão-lhe entregar, senhor padre, as somas pertencentes à sua ordem e de que tão imprudentemente o senhor dispôs a meu favor pela paternal ternura que me consagrava.

Adeus, pois, adeus, grandiosa estátua do mal e da corrupção! Adeus, homem que, no bom caminho, seria mais que Ximenes e mais que Richelieu.^[279] O senhor cumpriu o prometido: cá estou outra vez à beira do Charente,^[280] depois de lhe dever o encantamento de um sonho; infelizmente, porém, já não é o rio da minha terra, onde eu ia afogar os pecadilhos da mocidade; é o Sena, e o meu buraco é uma masmorra da Conciergerie.

Não tenha saudade de mim; o meu desprezo pelo senhor era tão grande quanto a minha admiração.

LUCIANO

DECLARAÇÃO

Eu abaixo assinado declaro retratar inteiramente o que está contido no interrogatório a que hoje me submeteu o sr. Camusot.

O padre Carlos Herrera costumava dizer-se meu pai espiritual, e certamente eu me iludi com essa expressão tomada noutro sentido pelo juiz, sem dúvida por erro.

Sei que, por motivos políticos e para aniquilar segredos respeitantes aos gabinetes de Espanha e de França, obscuros agentes da diplomacia se esforçam por fazer passar o padre Carlos Herrera por um grilheta chamado Jacques Collin; mas o padre Carlos Herrera nunca me fez outras confidências a tal respeito que não fossem as dos seus esforços para obter as provas do óbito ou da existência desse Jacques Collin.

Conciergerie, 15 de maio de 1830.

LUCIANO DE RUBEMPRÉ

LII – DIFICULDADES DO SUICÍDIO NA PRISÃO

A febre do suicídio comunicava a Luciano uma grande lucidez de ideias e essa atividade de mão bem conhecida dos autores tomados da febre de escrever. Foi tamanha nele tal febre que aqueles quatro documentos foram escritos em meia hora. Fez deles um maço, fechou-o com obreias, marcou-lhe, com a força do delírio, o cunho de um sinete de armas que trazia num anel e colocou-o bem à vista no meio do chão. Sem dúvida era difícil ser mais digno na situação falsa em que tanta infâmia havia

mergulhado Luciano: ele salvava sua memória de todo opróbrio e reparava o mal feito a seu cúmplice, tanto quanto o espírito do dândi podia anular os efeitos da confiança do poeta.

Se Luciano estivesse encerrado em alguma das enxovias dos segredos, esbarraria na impossibilidade de realizar aí o seu intento, porque essas caixas de pedra de cantaria apenas têm por mobiliário uma espécie de cama de campanha e uma selha destinada a necessidades imperiosas. Não há aí um prego, uma cadeira, um tamborete sequer. A cama de campanha acha-se tão solidamente chumbada que é impossível removê-la sem chamar a atenção do guarda, porque o postigo de ferro está sempre aberto. Finalmente, quando o acusado inspira receios, é vigiado por um gendarme ou por um policial. Nos quadros da Pistola, e na cela onde havia sido posto Luciano por deferência do juiz para com um jovem da alta sociedade parisiense, o catre móvel, a mesa e a cadeira podem portanto servir para a execução de um suicídio, sem entretanto torná-lo fácil. Luciano usava uma comprida gravata de seda azul; e, ao voltar do interrogatório, ia pensando na maneira como Pichegru,^[281] mais ou menos voluntariamente, se havia matado. Mas para enforcar-se é preciso achar um ponto de apoio e um certo espaço bem considerável entre o corpo e o chão, para que os pés não encontrem nenhum suporte. Ora, a janela de sua cela que dava para o pátio não tinha ferrolho, e os varões chumbados por fora, estando separados de Luciano pela espessura da parede, não lhe permitiam ter aí um ponto de apoio.

Eis o plano que a sua faculdade de invenção rapidamente lhe sugeriu para consumir seu suicídio. Se a portada da claraboia tirava a Luciano a vista do pátio, também por outro lado impedia os guardas de verem o que se passava na sua cela; ora, se na parte inferior da janela os vidros tinham sido substituídos por duas grossas tábuas, a parte superior conservava em cada metade uns pequenos vidros, separados e fixados pelos caixilhos. Subindo à mesa, Luciano podia alcançar a parte envidraçada da janela, arrancar ou quebrar dois vidros e obter no caixilho um ponto de apoio sólido. Tencionava atravessar aí a sua gravata, fazer sobre si mesmo um giro para apertá-la em torno do pescoço, depois de tê-la fortemente amarrado, e empurrar para bem

longe a mesa com um pontapé.

Aproximou pois a mesa da janela sem fazer barulho, tirou a sobrecasaca e o colete, depois trepou na mesa sem nenhuma hesitação para arrancar os vidros. Estando em cima da mesa, pôde então lançar os olhos ao pátio, espetáculo mágico que entreviu pela primeira vez. O diretor da cadeia, tendo ordem de Camusot para usar de toda a consideração com Luciano, fizera-o conduzir, como se viu, pelas comunicações internas da Conciergerie, para onde se entra pelo subterrâneo escuro que fica defronte da Tour d'Argent, evitando assim mostrar um jovem elegante à multidão dos acusados que andam a passear pelo pátio. Veja o leitor se o aspecto desse passeio era ou não para impressionar uma alma de poeta.

LIII – UMA ALUCINAÇÃO

O pátio da Conciergerie é limitado ao cais pela Tour d'Argent e pela Tour Bonbec; ora, o espaço que as separa indica perfeitamente do lado de fora a largura do pátio. A galeria chamada de *são Luís*, que da Galerie Marchande conduz à Relação e à Tour Bonbec, onde se encontra ainda, ao que dizem, o gabinete de *são Luís*, pode dar aos curiosos a medida do comprimento do pátio, pois é da mesma dimensão. Os segredos e as pistolas ficam portanto por baixo da Galerie Marchande. De modo que a rainha Maria Antonieta, cuja masmorra fica por baixo dos segredos atuais, era conduzida ao tribunal revolucionário, que celebrava suas sessões na casa das audiências da Relação, por uma formidável escadaria aberta na espessura das paredes que aguentam a Galerie Marchande, e que hoje está tapada. Um dos lados do pátio, aquele cujo primeiro andar é ocupado pela galeria de *são Luís*, apresenta aos olhos uma enfiada de colunas góticas, entre as quais os arquitetos de não sei que época praticaram dois andares de masmorras para alojar o maior número possível de acusados, cobrindo com argamassa e com grades os capitéis, ogivas e fustes dessa esplêndida galeria. Por baixo do gabinete dito de *são Luís*, na Tour Bonbec, há uma escada de caracol que conduz a essas masmorras. É de um efeito hediondo esta prostituição das mais grandiosas recordações da França.

Da altura em que se achava, Luciano via de esguelha essa galeria e os

detalhes do corpo do edifício que liga a Tour d'Argent à Tour Bonbec. Via os tetos pontiagudos das duas torres. Ficou assombrado, a admiração retardou-lhe um pouco o suicídio. Os fenômenos da alucinação acham-se hoje tão bem admitidos pela ciência que já ninguém contesta essa miragem dos nossos sentidos, essa estranha faculdade do nosso espírito. O homem, sob a pressão de um sentimento que chega ao ponto de ser uma monomania por causa da sua intensidade, acha-se amiúde na situação em que o engolfam o ópio, o haxixe e o protóxido de azoto. Aparecem então os espectros, os fantasmas, os sonhos tomam corpo, as coisas destruídas revivem nas suas condições primitivas. O que no cérebro não era mais que uma ideia torna-se uma criatura animada ou uma criação viva. A ciência está hoje quase a crer que, sob o esforço das paixões no seu paroxismo, o cérebro se injeta de sangue, e que essa congestão produz os jogos medonhos do sonho em estado de vigília,^[282] tanto repugna considerar o pensamento como uma força viva e geradora. Luciano viu o Palácio da Justiça em toda a sua beleza primitiva. A colunata fez-se esbelta, juvenil, fresca. A moradia de são Luís apareceu-lhe tal qual fora, deixando-o admirar suas proporções babilônicas e suas fantasias orientais. Ele aceitou essa vista sublime como um poético adeus da criação civilizada. Tomando suas medidas para morrer, indagava de si mesmo como era possível existir em Paris aquela maravilha desconhecida. Sentia-se dois num só: um Luciano poeta passeando em plena Idade Média e um Luciano preparando seu suicídio.

LIV – UM DRAMA NA VIDA DE UMA DAMA DA MODA

No momento em que o sr. de Granville saía do seu gabinete, o diretor da Conciergerie entrava; e era tal a expressão da fisionomia deste que o procurador-geral teve o pressentimento de uma desgraça.

— Encontrou o sr. Camusot? — disse-lhe ele.

— Não, senhor — respondeu o diretor. — Seu escrivão Coquart disse-me que o padre Carlos podia sair do segredo e que o sr. de Rubempré ia ser posto em liberdade, porém é demasiado tarde...

— Meu Deus! Que aconteceu?

— Eis aqui, senhor — disse o diretor —, um maço de cartas para o

senhor que lhe explicará a catástrofe. O guarda do pátio ouviu um tinir de vidros quebrados na Pistola, e o vizinho de Luciano pôs-se a gritar, porque ouvia os arrancos do pobre moço. O guarda voltou pálido do espetáculo que se oferecera aos seus olhos, vendo o preso enforcado na janela por meio da sua gravata.

Embora o diretor falasse em voz baixa, um grito terrível da sra. de Sérisy provou que, nas circunstâncias supremas, os nossos órgãos têm uma força incalculável. A condessa ouviu ou adivinhou; mas, antes que o sr. de Granville se voltasse, e sem que o sr. de Sérisy nem o sr. de Bauvan pudessem opor-se a movimentos tão rápidos, escapou pela porta fora como um raio e alcançou a Galerie Marchande, onde deitou a correr até a escada que desce para a Rue de la Barillerie.

Estava um advogado colocando a sua toga à porta de uma das lojas que durante tanto tempo atravancaram essa galeria, onde se vendiam calçados e se alugavam becas e gorros de advogado. A condessa perguntou o caminho da Conciergerie.

— Desça e volte à esquerda, a entrada é pelo Quai de l'Horloge primeira arcada.

— Esta mulher está doida... — disse a adela. — Era bom segui-la.

Mas ninguém podia seguir Leontina, que voava. Talvez algum médico pudesse explicar como essas mulheres da alta sociedade, sempre com as forças inertes, descobrem nas crises da vida semelhantes recursos. A condessa correu pela arcada à portaria com tanta velocidade que nem o gendarme de sentinela a viu entrar, e foi cair como uma pena tocada pelo vento aos pés da grade, puxando-lhe com tamanho furor as barras de ferro que arrancou aquela a que se agarrara. Fincou os dois pedaços no peito, donde esguichou o sangue, e caiu, gritando com uma voz que aterrou os guardas:

— Abram! Abram!

O chaveiro acudiu.

— Abra! O procurador-geral me enviou aqui *para salvar o morto*.

Enquanto a condessa dava a volta pela Rue de la Barillerie e pelo Quai de l'Horloge, o sr. de Granville e o sr. de Sérisy desciam à Conciergerie pelo interior do edifício, adivinhando a intenção da condessa; mas, apesar da diligência empregada, chegaram no

momento em que ela caía desfalecida junto à primeira grade e era levantada pelos gendarmes que haviam descido do seu corpo da guarda. Ao verem o diretor da Conciergerie, abriram a portaria e transportaram a condessa para a secretaria; ela, porém, levantou-se e tornou a cair de joelhos, com as mãos postas.

— Vê-lo!... Vê-lo!... Oh, senhores! Eu não farei mal nenhum! Mas, se não me querem ver morrer aqui, deixem-me contemplar Luciano, morto ou vivo... Ah, tu estás aí, meu amigo, escolhe entre minha morte ou... — Sucumbiu. — Tu és bom — continuou ela. — Eu hei de amar-te!...

— Levamo-la? — indagou o conde de Bauvan.

— Não, vamos à cela de Luciano — respondeu o sr. de Granville, lendo nos olhos desvairados do sr. de Sérisy as suas intenções.

E tomou a condessa por um braço, enquanto o sr. de Bauvan a tomava pelo outro.

— Senhor — disse o conde de Sérisy ao diretor —, nem uma palavra sobre tudo isto.

— Fique tranquilo — respondeu o diretor. — O senhor fez bem, porque esta senhora...

— É minha mulher.

— Ah, perdão, senhor! Pois ela com certeza perderá os sentidos ao ver o moço e será fácil levá-la para um carro durante o desmaio.

— Foi o que pensei — tornou o conde. — Mande algum dos seus empregados ao pátio de Harley chamar a minha carruagem; lá não há outra.

— Ainda poderemos salvá-lo — dizia a condessa, caminhando com uma coragem e uma força que surpreenderam seus companheiros. — Existem meios de restituí-lo à vida.

E arrastava consigo os dois magistrados, dizendo ao guarda:

— Ande mais depressa, que um segundo vale a vida de três pessoas!

Aberta a porta da cela, a condessa, vendo o corpo de Luciano suspenso como um traje num cabide, primeiro deu um salto como para abraçá-lo e agarrá-lo; mas caiu desamparada no chão da cela, soltando gritos abafados por uma espécie de estertor.

Cinco minutos depois, era levada na carruagem do conde para o seu

palácio, estendida sobre uma almofada, com o marido de joelhos diante dela. O conde de Bauvan tinha ido procurar um médico para levar os primeiros socorros à condessa.

LV – COMO ACABA TUDO

O diretor da cadeia examinava a grade exterior da portaria e dizia a seu escrivão:

— Nada se poupou! Os varões de ferro são forjados e foram experimentados; custaram bom dinheiro, e logo este teria uma falha?...

O procurador-geral, de volta ao gabinete, foi obrigado a dar novas instruções a seu secretário. Felizmente Massol não chegara ainda.

Alguns minutos depois da saída do sr. de Granville, que se dirigiu às pressas para a casa do sr. de Sérisy, Massol veio ter com seu colega Chargebœuf ao gabinete do procurador-geral.

— Meu caro — disse-lhe o jovem secretário —, se quiser-me prestar um favor, publique em sua *Gazette* de amanhã o que lhe vou ditar, no mesmo local em que costuma dar as notícias forenses. Faça o cabeçalho ao artigo. Escreva.

E ditou o seguinte:

Verificou-se que a morte de Ester van Gobseck foi devida a um suicídio.

O álibi bem provado do sr. Luciano de Rubempré e sua inocência fizeram com que se deplorasse ainda mais a sua captura, porque, no momento em que o juiz de instrução mandou lavrar o respectivo alvará de soltura, o jovem morreu subitamente.

— Não preciso, meu caro — disse o jovem estagiário a Massol —, pedir-lhe o máximo de discrição sobre o pequeno serviço que lhe solicito.

— Uma vez que o senhor me faz a honra de confiar em mim, tomarei a liberdade — respondeu Massol — de lhe apresentar uma observação. Essa nota vai inspirar comentários injuriosos sobre a justiça.

— A Justiça tem força bastante para suportá-los — replicou o jovem secretário com o orgulho de um futuro magistrado educado pelo sr. de Granville.

— Perdão, meu confrade, mas pode-se evitar essa desgraça com duas frases.

E o advogado escreveu:

As formalidades judiciárias são completamente alheias a esse funesto acontecimento. A autópsia, a que imediatamente se procedeu, demonstrou que a morte fora devida à ruptura de um aneurisma no seu último período. Se o sr. Luciano de Rubempré houvesse sofrido algum abalo com a sua captura, sua morte teria sucedido muito antes. Ora, nós cremos poder afirmar que, longe de se afligir com a sua prisão, o pranteado moço se ria e dizia aos que o acompanharam de Fontainebleau a Paris que, mal comparecesse perante o magistrado, sua inocência seria reconhecida.

— Salva-se assim tudo, não acha? — perguntou o advogado e jornalista.

— O senhor tem razão — respondeu o procurador-geral.

— O procurador-geral agradecer-lhe-á isso amanhã — replicou Massol com finura.

Eis como os maiores acontecimentos da vida passam a constituir assunto de pequenos fatos do dia mais ou menos verdadeiros. É o caso de muitas ocorrências bem mais augustas do que essa.

Agora, aos olhos da maioria assim como aos das pessoas da elite, talvez este estudo não pareça inteiramente concluído com as mortes de Ester e de Luciano; talvez Jacques Collin, Ásia, Europa e Paccard, apesar da infâmia de suas existências, interessem bastante para que se deseje saber que fim levaram. Este último ato do drama pode, aliás, completar a pintura de costumes que comporta este estudo, dando a solução dos diversos interesses em suspenso que a vida de Luciano emaranhara de maneira tão singular ao misturar algumas das figuras ignóbeis dos galés à existência das personagens mais altas...

quarta parte

A ÚLTIMA ENCARNAÇÃO DE VAUTRIN

I – TOGA E SAIA

— Que há, Madalena? — perguntou a sra. Camusot vendo entrar sua criada de quarto com o ar que todos sabem tomar nas circunstâncias críticas.

— O sr. Camusot — respondeu Madalena — acaba de voltar do tribunal; mas tem o semblante tão transtornado e se acha em tal estado que talvez fosse melhor a senhora ir vê-lo no gabinete.

— Disse ele alguma coisa? — perguntou a sra. Camusot.

— Não, minha senhora; mas é que nunca vimos o senhor com uma cara assim; parece que vai cair de cama, está todo amarelo, parece que foi vítima...

Sem esperar pelo fim da frase, a sra. Camusot correu ao gabinete do marido. Encontrou o juiz de instrução numa cadeira, com as pernas estendidas e a cabeça encostada ao espaldar, as mãos caídas, o rosto pálido, os olhos desvairados, precisamente como se estivesse para desmaiar.

— Que tens, filho? — perguntou ela, assustada.

— Ah, minha pobre Amélia, que desgraça aconteceu!... Ainda estou numa tremura. Imagina tu que o procurador-geral... Não! Imagina que a sra. de Sérisy... que... Olha! Nem eu sei por onde principiar...

— Principia pelo fim — disse a sra. Camusot.

— Ouve, pois. No momento em que o sr. Popinot, no tribunal de primeira instância, e baseando-se no meu relatório, punha a assinatura na sentença de despronúncia que restituía Luciano de Rubempré à liberdade... Tudo acabado, enfim! Eu ia me ver livre daquele negócio... Eis que o presidente do tribunal entra e examina a sentença: “O senhor vai soltar um defunto”, diz-me ele com um ar friamente zombeteiro. “Esse rapaz, segundo a expressão do sr. de Bonald,^[283] acaba de comparecer perante o seu juiz natural. Sucumbiu a uma apoplexia fulminante...” Eu respirava, julgando tratar-se de um acidente. “Quer-me parecer”, disse o sr. Popinot, “que se trata então da apoplexia de

Pichegru...”^[284] “Fiquem sabendo, meus senhores”, tornou o presidente com o seu modo grave, “fiquem sabendo que, para todo o mundo, o jovem Luciano de Rubempré morreu da ruptura de um aneurisma.” Olhamos uns para os outros. “Altas personagens acham-se envolvidas neste caso deplorável”, continuou o presidente. “Oxalá, sr. Camusot, que, conquanto o senhor não tenha feito mais que o seu dever, a sra. de Sérisy não fique doida para sempre com o golpe que recebeu! Levaram-na como morta. Ainda agora encontrei o nosso procurador-geral num estado de desespero que até me fez mal. O senhor cometeu um erro, meu caro Camusot”, acrescentou ele, falando-me ao ouvido. Ah, minha querida, quando saí de lá, quase nem sabia caminhar. Minhas pernas tremiam tanto que não me atrevi a sair à rua, e fui descansar no meu gabinete. Coquart, que estava pondo em ordem os papéis do infeliz processo, contou-me que uma formosa dama havia tomado de assalto a Conciergerie, que tinha querido salvar a vida a Luciano, por quem estava louca, e que desmaiara ao encontrá-lo enforcado. A ideia de que a maneira pela qual eu interroguei esse pobre moço, que aliás, aqui para nós, era mais que culpado, foi a causa do seu suicídio persegue-me desde que saí do tribunal, e não me sinto nada bem, nada bem...

— Ora, vê agora se começa a imaginar que és um assassino, lá porque um acusado se enforca justamente quando tu o vais soltar — observou a sra. Camusot. — Num caso desses, um juiz de instrução é como um general que vê seu cavalo morrer debaixo dele! Aí está.

— Essas comparações, minha querida, são boas para gracejar, e o gracejo vem fora de propósito. Aqui é o caso de se dizer que o morto mata o vivo. Com o caixão desse rapaz lá se vão nossas esperanças.

— Deveras? — disse a sra. Camusot num tom profundamente irônico.

— Decerto. Minha carreira é uma carreira finda. Ficarei sendo sempre simples juiz do tribunal do Sena. Já antes desse fatal desenlace o sr. de Granville não estava nada contente com a feição que o caso ia tomando; mas o que ele disse ao nosso presidente me prova que, enquanto o sr. de Granville for procurador-geral, eu não obterei promoção!

Promoção! Eis a palavra terrível, a ideia que nos nossos dias

transforma o juiz em funcionário.

Dantes, o magistrado era de uma vez o que tinha de ser. As três ou quatro presidências bastavam para as ambições de cada divisão judicial. Um cargo de conselheiro contentava um De Brosses^[285] como um Molé,^[286] tanto em Dijon como em Paris. Esse cargo, já de si uma fortuna, só com uma grande fortuna se podia desempenhar. Em Paris, excetuando o Parlamento, os homens de toga só podiam aspirar a três existências superiores: a fiscalização geral, o Ministério da Justiça ou a beca de chanceler. Abaixo dos parlamentos, na esfera inferior, um lugar-tenente de tribunal de primeira instância considerava-se já figura assaz elevada, contentando-se com ficar toda a vida no mesmo cargo. Compare-se a posição de um conselheiro real de Paris, que em 1829 não têm de seu senão o ordenado, com a de um conselheiro do Parlamento em 1729. Que diferença! Hoje, que se faz do dinheiro a garantia social universal, os magistrados estão dispensados de possuir, como outrora, grandes fortunas; e aí estão eles deputados, pares do reino, acumulando magistratura em cima de magistratura, ao mesmo tempo juizes e legisladores, indo pedir prestígio a posições diversas daquela donde lhes devia provir todo o brilho.

Enfim, os magistrados pensam em se distinguir para serem promovidos, como se é promovido no Exército ou na administração.

Este pensamento, se não altera a independência do magistrado, é muito conhecido e muito natural, e seus efeitos são tais e tantos que é impossível não perder a magistratura alguma coisa da sua majestade na opinião pública. O ordenado pago pelo Estado faz do padre e do juiz verdadeiros funcionários. Os postos a ganhar desenvolvem a ambição; a ambição gera a condescendência para com o poder; depois a igualdade coloca o julgador e o julgado na mesma plana. Assim, as duas colunas de toda a ordem social, a religião e a justiça, enfraqueceram no século XIX, no qual tanto se blasona de progresso em tudo.

— E por que não havias de ser promovido? — indagou Amélia Camusot.

Fitou o marido com ar de troça, sentindo a necessidade de incutir energia ao homem que formava a base da sua ambição, e que ela manejava como um instrumento.

— Por que desesperar? — continuou ela, com um gesto que bem pintava sua indiferença em relação à morte do acusado. — Esse suicídio vai tornar felizes as duas inimigas de Luciano, a sra. d'Espard e sua prima, a condessa du Châtelet. A sra. d'Espard está em excelentes relações com o ministro da Justiça; e por intermédio dela podes obter uma audiência do ministro, a quem contarás o segredo do negócio. Ora, se o ministro ficar do teu lado, que tens que recear do teu presidente e do procurador-geral?

— Mas e o sr. e a sra. de Sérisy?... — exclamou o pobre juiz. — A condessa, torno a dizer-te, está doida, e doida por minha culpa, dizem!

— Se a mulher está doida, juiz sem juízo — disse rindo a sra. Camusot —, ela não te pode fazer mal! Vamos, conta-me tudo o que aconteceu durante o dia.

— Ah! Meu Deus! Quando eu acabava de conseguir do pobre jovem a declaração de que o pretenso padre espanhol é com efeito Jacques Collin, a duquesa de Maufrigneuse e a sra. de Sérisy mandaram-me por um criado um bilhete no qual me pediam que não o interrogasse. Estava tudo consumado...

— Mas então tu perdeste a cabeça! — disse Amélia. — Pois, confiando como confias no teu escrivão, podias mandar chamar de novo Luciano, tranquilizá-lo com habilidade e corrigir teu interrogatório!

— Tu fazes como a sra. de Sérisy, brincas com a justiça! — disse Camusot, incapaz de um gracejo relativo à sua profissão. — A condessa agarrou nos autos e deitou-os ao fogo!

— Gosto de uma mulher assim. Bravo! — exclamou Amélia.

— Chegou a dizer-me que, para não deixar que arrastassem ao banco dos réus, na companhia de um grilheta, um rapaz que fora da sua intimidade e da intimidade da duquesa de Maufrigneuse, era capaz de fazer ir o tribunal pelos ares!

— Mas então — disse Amélia, sem poder reprimir um sorriso de superioridade — estás numa posição magnífica.

— Já se vê!

— Fizeste o teu dever...

— Sim; mas infelizmente, e apesar da advertência jesuítica do sr. de

Granville, com quem me encontrei no Quai Malaquais...

— Esta manhã?

— Esta manhã.

— A que horas?

— Às nove.

— Oh, Camusot! — disse Amélia torcendo as mãos. — E eu que não cesso de te dizer que tenhas cuidado com tudo... Meu Deus! Isto não é um homem, é um trambolho que eu trago à perna... Pois não vês, Camusot, que o procurador estava à tua espera para te fazer recomendações?

— Sim, é verdade.

— E não o compreendeste! Se és surdo, ficas toda a vida juiz de instrução sem instrução nenhuma. Ouve-me ao menos! — prosseguiu ela, fazendo calar o marido, que queria responder. — Julgas que o processo está findo?

II – PROJETOS DE AMÉLIA

Camusot olhou para a mulher com o ar palerma dos campônios diante de um charlatão.

— Se a duquesa de Maufrigneuse e a condessa de Sérisy estão comprometidas, tu debes tê-las como protetoras — continuou Amélia. — Escuta. A sra. d'Espard arranja-te uma audiência do ministro da Justiça, a quem contarás o segredo do negócio; o ministro conta-o ao rei, porque todos os soberanos gostam de conhecer o avesso das coisas e de conhecer os verdadeiros motivos dos acontecimentos, que o público presencia embasbacado. Aí ficam o procurador-geral e o conde de Sérisy reduzidos à impotência....

— És uma joia de mulher! — exclamou o juiz, recuperando coragem. — Afinal, o certo é que desencantei Jacques Collin, vou mandá-lo para o banco dos réus e desvendar seus crimes. Não deixa de ser uma vitória na carreira de um juiz de instrução um processo assim...

— Camusot — disse Amélia vendo com prazer o marido restabelecido da prostração moral e física em que o lançara o suicídio de Luciano —, olha que o presidente te disse há pouco que havias cometido um erro, mas agora acertas demais. Não tornes a ir pelo

caminho errado, meu amigo!

O juiz encarou a mulher com uma espécie de estupefação.

— O rei e o ministro podem ficar muito satisfeitos de saber o segredo do caso, e ao mesmo tempo muito zangados por verem advogados da opinião liberal arrastarem ao pelourinho da opinião e aos tribunais personagens tão importantes como os Sérisy, os Maufrigneuse e os Grandlieu, todos aqueles, enfim, que direta ou indiretamente andam envolvidos neste processo.

— Comprometidos todos eles estão. Tenho-os seguros! — disse Camusot. O juiz, que se levantara, pôs-se a passear pelo gabinete, à maneira de Sganarello^[287] no teatro quando quer sair de alguma entalção.

— Ouve, Amélia! — voltou ele, pondo-se diante de sua mulher. — Agora me lembra uma circunstância, aparentemente insignificante, mas que, na minha situação, é de capital interesse. Imagina, filha, que esse Jacques Collin é um colosso de manha, de velhacaria e dissimulação... profundo... um Cromwell^[288] da grilhetta, enfim! Nunca encontrei um celerado igual, ia me intrujando! Mas nisto de investigação criminal vai-se por um quase nada de fio a um novelo com que se corre o labirinto das consciências mais tenebrosas ou dos fatos mais obscuros. Quando Jacques Collin me viu folhear as cartas apreendidas em casa de Luciano de Rubempré, lançou-me uma olhadura como de quem queria ver se lá estava algum outro pacote e deixou escapar um movimento de visível satisfação. Esse olhar de ladrão avaliando um tesouro, esse gesto de acusado que diz consigo: “Tenho minhas armas” fizeram-me compreender muita coisa. Só vós, as mulheres, podeis, como nós e os réus, pôr, numa simples troca de olhares, cenas inteiras em que se revelam embustes complicados como fechaduras de segurança. Há volumes de suspeitas que se dizem num segundo. É medonho: é a vida ou a morte num abrir e fechar de olhos. “O patife tem outras cartas em seu poder!”, disse eu comigo. Depois, preocuparam-me os outros mil pormenores do caso. Desprezei esse incidente, porque esperava acarear os homens e poder esclarecer mais tarde esse ponto. Mas podemos estar certos de que Jacques Collin pôs em segurança, como é costume desses miseráveis, as cartas mais

comprometedoras desse belo mancebo adorado por tantas...

— E ainda tremes, Camusot! Hás de ser presidente da câmara no tribunal real, muito mais cedo que julgavas!... — exclamou a sra. Camusot com a fisionomia radiante. — Porta-te de modo que satisfaças a todos, porque o caso vai tornar-se tão grave que até nos pode ser *roubado!*... Não tiraram das mãos de Popinot, para to confiarem, o processo de interdição intentado pela sra. d'Espard contra o marido? — continuou ela, respondendo a um gesto de espanto do juiz. — Pois não pode o procurador-geral, que tanto se interessa por Sérisy, fazer evocar o processo ao tribunal real e entregá-lo a algum juiz de sua dependência para o instruir de novo?

— Ó filha! Onde estudaste direito criminal? — exclamou Camusot. — Tu sabes tudo, sabes mais do que eu...

— Pois achas que amanhã pela manhã o sr. de Granville não vai assustar-se com a defesa provável de algum advogado liberal que Jacques Collin saberá achar? Acredita: hão de oferecer-lhe dinheiro para o defenderem... As fidalgas conhecem o perigo em que se acham, tão bem ou melhor do que tu; hão de falar ao procurador-geral, que já está a ver essas famílias arrastadas para bem perto do banco dos réus, em consequência do contubérnio do grilheta com Luciano de Rubempré, noivo da srta. de Grandlieu, com Luciano amante de Ester, antigo amante da duquesa de Maufrigneuse e querido da sra. de Sérisy. Deves pois manobrar de tal maneira que concilies a afeição do procurador-geral, o reconhecimento do sr. de Sérisy, da marquesa d'Espard e da condessa du Châtelet e a proteção da sra. de Maufrigneuse por intermédio da casa de Grandlieu e que obtenhas cumprimentos do teu presidente. Pela minha parte, encarrego-me das sras. d'Espard, de Maufrigneuse e de Grandlieu. Amanhã pela manhã irás à casa do procurador-geral. O sr. de Granville é um homem que não vive com sua mulher, tendo vivido uns dez anos amancebado com uma tal Bellefeuille,^[289] de quem tem filhos... Não é, pois, nenhum santo; é um homem como outro qualquer, que se deixará seduzir, porque há de ter o seu fraco; a questão é descobrir esse fraco e lisonjeá-lo. Pede-lhe conselhos, mostra-lhe o perigo do caso; trata enfim de comprometê-lo contigo e serás...

— Eu devia beijar o lugar onde pões os pés — disse Camusot interrompendo sua mulher, tomando-a pela cintura e cingindo-a ao peito. — És a minha salvação!

— Fui eu que te reboquei de Alençon para Mantes, e de Mantes para o tribunal do Sena — respondeu Amélia. — Portanto, descansa. Quero dentro de cinco anos ser mulher de um presidente; mas, antes de tomares qualquer resolução, é preciso que penses bem. Isto de ser juiz não é o mesmo que ser bombeiro; o fogo não anda nos vossos papéis, tendes tempo de refletir; e por isso, nos vossos lugares, as tolices são indesculpáveis...

— Toda a força da minha posição está na identidade do fingido padre espanhol com Jacques Collin — tornou o juiz no fim de uma longa pausa. — Uma vez que fique bem provada essa identidade, ainda no caso de a Relação chamar a si o processo, não haverá magistrado, juiz ou conselheiro que possa pô-la de parte. Nisso eu terei imitado as crianças que amarram um ferro velho ao rabo de um gato; corra onde correr, o processo há de fazer tinir a grilheta de Jacques Collin.

— Bravo! — disse Amélia.

— E o procurador-geral preferirá entender-se comigo, única pessoa que pode retirar essa espada de Dâmocles^[290] suspensa sobre o coração do Faubourg Saint-Germain, a entender-se com qualquer outro. Mas não imaginas quanto é difícil obter esse belo resultado! O procurador-geral e eu, ainda há pouco, concordamos em aceitar Collin por aquilo que ele diz ser, por um cônego da sé de Toledo, por Carlos Herrera; combinamos admitir sua qualidade de enviado diplomático e deixá-lo reclamar pela embaixada da Espanha. Como consequência desse plano foi que eu fiz o relatório pondo em liberdade Luciano de Rubempré, e que recomecei os interrogatórios dos meus réus, pondo-os alvos como a neve. Amanhã, Rastignac, Bianchon e não sei quem mais devem ser acareados com o pretendido cônego do cabido real de Toledo e não reconhecerão nele Jacques Collin, cuja prisão foi efetuada na presença deles, há dez anos, numa casa de hóspedes onde eles o conheceram pelo nome de Vautrin.

Reinou um momento de silêncio, durante o qual a sra. Camusot refletia.

— Tens certeza de que o teu acusado é Jacques Collin? — perguntou ela.

— Tenho — respondeu o juiz —, e o procurador-geral também.

— Pois então, sem mostrares as unhas, trata de promover um escândalo no Palácio da Justiça. Se o teu homem ainda está no segredo, vai imediatamente ao diretor da cadeia e faze que o grilheta seja publicamente reconhecido. Em vez de imitar as crianças, imita os ministros da polícia nos países absolutos, que inventam conspirações contra o soberano para arrogarem a si o mérito de as desmanchar e para se tornarem necessários; põe três famílias em perigo para teres a glória de salvá-las.

— Que sorte! — exclamou Camusot. — Ando com a cabeça tão transtornada que nem dessa circunstância me lembrava. Coquart levou ao sr. Gault, diretor da Conciergerie, uma ordem para transferir Jacques Collin para um dos quartos particulares; e por iniciativa de Bibi-Lupin, inimigo de Jacques Collin, transferiram-se de La Force para a Conciergerie três criminosos que o conhecem. Se Collin amanhã pela manhã desce ao pátio, esperam-se cenas terríveis...

— Por quê?

— Jacques Collin, filha, é o depositário dos haveres dos forçados e que se elevam a somas consideráveis; ora, segundo dizem, ele dissipou-as para sustentar o luxo do finado Luciano, e vão pedir-lhe contas. Pelo que me disse Bibi-Lupin, vai ser uma chacina, tornando-se necessária a intervenção dos guardas; e assim descobre-se o segredo. Vai nisso a vida de Jacques Collin. Portanto, indo cedo para o tribunal, posso lavar um auto de identidade.

— Ah, se os seus comitentes te desembaraçassem dele, serias tido por uma capacidade! Não vás à casa do sr. de Granville, espera-o no tribunal com essa arma formidável. É um canhão carregado sobre as três maiores famílias da Corte e do pariato. Sê atrevido, propõe ao sr. de Granville que vos livre de Jacques Collin transferindo-o para La Force, onde os galés sabem desembaraçar-se dos seus denunciadores. Eu vou à casa da duquesa de Maufrigneuse, que me levará aos Grandlieu; e talvez fale também com o sr. de Sérisy. Descansa em mim, que tocarei a rebate por todos os cantos. Mas não te esqueças de me mandar um

bilhetinho para eu saber se Jacques Collin está judicialmente reconhecido. Vê se saís do tribunal às duas horas, eu hei de já ter obtido para ti uma audiência do ministro; talvez ele esteja em casa da marquesa d'Espard.

Camusot nem se movia, imobilizado por uma admiração que fez sorrir a esperta Amélia.

— Bem, vamos jantar, e fica alegre — disse ela terminando. — Repara que estamos em Paris apenas há dois anos, e eis-te a caminho de seres desembargador antes do fim do ano. Daí, filho, a presidente do tribunal é questão de mais algum serviço prestado em qualquer questão política.

Esta deliberação secreta mostra até que ponto os atos e as menores palavras de Jacques Collin, última personagem do presente estudo, interessavam à honra das famílias, no seio das quais ele introduzira o seu falecido pupilo.

III – OBSERVAÇÃO MAGNÉTICA

A morte de Luciano e a irrupção da condessa na Conciergerie tinham causado tal balbúrdia na engrenagem da máquina que o diretor se esquecera de mandar tirar o falso padre espanhol do segredo.

Embora haja disso mais de um exemplo nos anais judiciários, a morte de um acusado antes da pronúncia é acontecimento bastante raro para que diretor, escrivão e guardas saiam do sossego no qual exercem suas funções. Contudo, para eles, o grande caso não era a morte brutal daquele belo moço, mas sim a ruptura da barra de ferro forjado da portaria pelas delicadas mãos de uma mulher elegante. Diretor, escrivão e guardas, assim que o procurador-geral e o conde Otávio de Bauvan partiram na carruagem do sr. de Sérisy, levando a condessa desmaiada, agruparam-se na portaria acompanhando o dr. Lebrun, médico da prisão, chamado para verificar o óbito de Luciano e para se entender com o perito municipal do distrito em que morava o pobre rapaz, facultativo que tem a seu cargo verificar os óbitos e examinar as suas causas.

Com a rápida penetração que o distinguia, o sr. de Granville julgava necessário, para a honra das famílias comprometidas, fazer lavar a

certidão de óbito de Luciano no distrito do Quai Malaquais, onde morava o falecido, e conduzi-lo à igreja de Saint-Germain-des-Prés, onde se realizariam as exéquias. O sr. de Chargebœuf, seu secretário, foi encarregado de cumprir as suas ordens. A trasladação de Luciano devia ser feita à noite. O jovem secretário tinha de se entender com o distrito, com a paróquia e com a repartição dos funerais. Assim, para o mundo, Luciano tinha morrido livre e em sua casa, seu enterro partiria de sua casa, e era para sua casa que seus amigos eram convidados.

Portanto, no momento em que Camusot, com o espírito tranquilo, ia para a mesa com a sua ambiciosa cara-metade, o diretor da Conciergerie e o dr. Lebrun, médico da prisão, estavam de fora da portaria, deplorando a fragilidade do ferro e a força das mulheres apaixonadas.

— Não se imagina — dizia o médico, ao partir, falando com o sr. Gault — quanta força nervosa há no homem sobre-excitado pela paixão! A dinâmica e as matemáticas não dispõem de sinais e cálculos para verificar tamanha força. Ainda ontem presenciei uma experiência magnética que me deu tremuras e que mostra o terrível poder físico de que há pouco deu prova essa senhora.

— Conte-me lá isso — disse o sr. Gault. — Eu não creio no magnetismo, mas tenho a franqueza de me interessar por ele.

— Um médico magnetizador, pois há entre nós quem creia no magnetismo — disse o dr. Lebrun —, propôs-me experimentar sobre mim mesmo um fenômeno que me descreveu e de que eu duvidava. Curioso de ver uma das extravagantes crises nervosas com que se prova a existência do magnetismo, acedi. Eis o fato. Sempre queria saber o que havia de dizer a nossa Academia de Medicina se os seus membros, um depois do outro, fossem submetidos a essa ação que nenhuma evasiva deixa à incredulidade. O meu velho amigo... Esse médico — disse o dr. Lebrun abrindo um parêntese — é um velho que a Faculdade persegue por causa de suas opiniões, desde Mesmer;^[291] tem setenta ou setenta e dois anos, e chama-se Bouvard.^[292] É hoje o patriarca da doutrina do magnetismo animal. Eu sou para ele como um filho, e devolho a posição que ocupo. Ora, o velho e respeitável Bouvard queria me provar que a força nervosa posta em ação pelo magnetizador não era

infinita, porque o homem está sujeito a leis inflexíveis, mas que procedia como as forças da natureza, cujos princípios absolutos escapam aos nossos cálculos. “Assim”, disse-me ele, “se tu quiseses entregar o pulso à mão de uma sonâmbula que em estado de vigília não to apertaria além de uma certa força apreciável, reconhecerás que, no estado tão tolamente chamado sonambúlico, seus dedos terão a faculdade de trabalhar como torqueses manobradas por um serralheiro.” Pois, senhor, quando entreguei o pulso à mulher, não *adormecida*, porque Bouvard reprova tal expressão, mas *isolada*, e depois que o velho deu ordem para ela mo apertar com toda a força, tive de pedir misericórdia, porque me ia esguichar o sangue pelas unhas. Veja o bracelete que eu usarei durante mais de três meses!

— Safa! — exclamou o sr. Gault, vendo uma equimose circular que parecia resultado de uma queimadura.

— Meu caro diretor — tornou o médico —, se um serralheiro me introduzisse no pulso um aro de ferro e o apertasse com um parafuso, não o sentiria tão duramente como senti os dedos daquela mulher; aquilo era como aço inflexível e estou certo de que me podia partir os ossos e separar a mão do pulso. A pressão, primeiro insensível, progrediu sempre; um torniquete, enfim, não faria mais do que fez aquela mão transformada em aparelho de tortura. Parece-me pois provado que, sob o império da paixão, que é a vontade fixada num ponto e atingindo quantidades incalculáveis de força animal, como o são todas as diferentes espécies de forças elétricas, o homem pode fazer acudir toda a sua vitalidade, para o ataque ou para a resistência, a este ou àquele órgão... Aquela mulher, sob a pressão do desespero, tinha chamado aos pulsos toda a sua potência vital.

— Era realmente necessário ter muita para partir uma barra de ferro forjado! — disse o chefe dos guardas, abanando a cabeça.

— A barra tinha uma falha — observou o diretor.

— Eu — retrucou o médico — não ousou marcar limites à força nervosa. É assim que as mães, para salvarem os filhos, magnetizam leões, metem-se num incêndio, caminham ao longo de cornijas onde um gato mal se aguentaria e suportam as torturas de certos partos. É o segredo das tentativas dos prisioneiros e dos grilhetas para

recuperarem a liberdade... Ainda não se conhece o alcance das forças vitais que dependem do próprio poder da natureza, e que nós tiramos de reservatórios desconhecidos.

— Senhor — veio dizer baixinho um guarda ao ouvido do diretor, que acompanhava o médico à grade exterior Conciergerie —, o *segredo número dois* diz que está doente e reclama o médico; afirma que está à morte — acrescentou o guarda.

— Deveras? — disse o diretor.

— Ele está aos arrancos — replicou o guarda.

— São cinco horas — respondeu o médico —, ainda não jantei... Mas, enfim, como aqui estou, vamos lá...

IV – O INCOMUNICÁVEL

— O *segredo número dois* é justamente o padre espanhol suspeito de ser Jacques Collin — disse o diretor ao médico — e um dos réus no processo em que aquele rapaz estava implicado.

— Eu já o vi hoje de manhã — respondeu o médico. — O sr. Camusot chamou-me para certificar o estado sanitário desse latagão que, aqui para nós, goza uma saúde de ferro, e que podia fazer uma fortuna representando Hércules nas companhias de saltimbancos.

— Ele pode querer matar-se também — disse o diretor. — Vamos nós dois até o *segredo*, pois tenho de ir lá, ainda que não seja senão para transferi-lo para um quarto particular. O sr. Camusot levantou o *segredo* a esse singular anônimo.

Jacques Collin, conhecido por Engana-a-Morte no mundo dos galés, e a quem doravante não devemos dar outro nome senão o que lhe pertence, achava-se desde a sua reintegração no *segredo*, por ordem de Camusot, entregue a uma ansiedade que jamais conhecera durante a sua vida assinalada por tantos crimes, por três evasões dos trabalhos forçados e por duas condenações em audiência de júri. Esse homem, em quem se resumem a vida, as forças, o espírito, as paixões da vida das galés, apresentando dela a mais alta expressão, não será monstruosamente belo pela sua afeição canina àquele de quem se fez amigo? Condenável, infame e horrível por tantos lados, essa dedicação absoluta ao seu ídolo torna-o tão interessante que este estudo, já de si

tão prolongado, havia de parecer incompleto, se o desenlace dessa vida criminosa não acompanhasse o fim de Luciano. Morto o cãozinho, quer-se saber se o terrível companheiro, se o leão continuará vivo.

Na vida real, na sociedade, os fatos se encadeiam tão fatalmente com outros fatos que não podem andar uns sem os outros. A água do rio forma uma espécie de soalho líquido; não há onda, por mais rebelde que seja, a qualquer altura que se erga, cujo pujante jato não se confunda com a massa das águas, mais forte pela rapidez da sua corrente do que as rebeliões dos pegos que com ela marcham. Assim como se vê correr a água refletindo imagens confusas, talvez o leitor deseje medir a pressão do poder social sobre esse redemoinho, chamado Vautrin; ver a que distância se irá abismar a onda rebelde; como acabará o destino deste homem verdadeiramente diabólico, mas ligado à humanidade pelo amor, tão dificilmente esse princípio celeste perece nos corações mais gangrenados.

O abjeto forçado, materializando o poema acariciado por tantos poetas, por Moore, por Maturin, por Lord Byron, por Canalis^[293] (um demônio possuindo um anjo atraído ao seu inferno para refrigerá-lo como um rocio arrebatado ao paraíso), Jacques Collin, se é que alguém penetrou bem fundo nesse coração de bronze, renunciara a si próprio havia sete anos. Suas poderosas faculdades, absorvidas em Luciano, só para Luciano se desenvolviam; gozava com seus progressos, com seus amores, com sua ambição. Para ele, Luciano era a sua alma visível.

Engana-a-Morte jantava em casa dos Grandlieu, insinuava-se no toucador das grandes damas, amava Ester por procuração. Finalmente, via em Luciano um Jacques Collin belo, moço, fidalgo, conquistando um lugar de embaixador.

Engana-a-Morte tinha realizado a superstição alemã do Duplo^[294] por um fenômeno de paternidade moral que será bem do conhecimento das mulheres que na sua vida tenham amado verdadeiramente, que tenham sentido a alma transferida para a do homem amado, que tenham vivido a sua vida, nobre e infame, feliz ou desgraçada, obscura ou gloriosa, que tenham sentido, apesar das distâncias, uma dor na perna se ele se feria na perna, que tenham adivinhado se ele se batia em duelo, e que, para dizer tudo numa

palavra, não tivessem necessidade de averiguar uma infidelidade para a saberem.

Reconduzido à sua masmorra, Jacques Collin ia dizendo consigo: “Vão interrogar o pequeno!”. E tremia, ele que matava um homem como quem bebe um copo de água.

“As amantes teriam falado com ele?”, cismava o grilheta. “Minha tia haveria encontrado essas malditas fêmeas? Essas duquesas, essas condessas ter-se-ão mexido, terão impedido o interrogatório?... Luciano teria recebido minhas instruções?... E, se por fatalidade o interrogarem, como se portará ele? Pobre menino! Fui eu que o trouxe a este ponto. Foi aquele bandido do Paccard e aquela cadela da Europa que causaram toda esta embrulhada surrupiando os setecentos e cinquenta mil francos da inscrição dada por Nucingen a Ester. Esses dois marotos fizeram-nos tropeçar no último passo; mas não de pagá-lo caro! Um dia mais, e Luciano estava rico, casava-se com Clotilde de Grandlieu. Eu ficava livre de Ester. Luciano amava demasiado essa rapariga, ao passo que nunca amou essa tábua de salvação, essa Clotilde... Então era todo meu o rapaz! E dizer que a nossa sorte depende de um olhar, de uma vermelhidão de Luciano diante desse Camusot, que vê tudo, que não deixa de ter a finura dos juízes! Porque nós, quando ele me mostrou as cartas, trocamos um olhar pelo qual nos sondamos mutuamente, e ele adivinhou que eu posso especular com as amantes de Luciano!...”

Este monólogo durou três horas. A angústia foi tal que subjugou aquela organização de ferro e de vitríolo. Jacques Collin, com o cérebro como que incendiado pela loucura, teve uma sede tão devoradora que esgotou, sem o perceber, toda a provisão de água contida numa das duas selhas, que, com o catre de pau, formam toda a mobília de um *segredo*...

“Se ele perde a cabeça, que será dele? Por que enfim o pobre rapaz não tem o topete de Teodoro...”, pensou Vautrin, deitando-se na sua cama de campanha, semelhante à de um corpo da guarda.

Uma palavra sobre esse Teodoro, de quem Jacques Collin se lembrava naquele momento supremo. Teodoro Calvi, jovem corso, condenado à prisão perpétua por causa de onze homicídios cometidos com a idade de dezoito anos, graças a certas proteções compradas a

peso de ouro, tinha sido companheiro de grilheta de Jacques Collin, de 1819 a 1820. A última evasão de Jacques Collin, uma de suas mais belas combinações (ele saíra disfarçado de gendarme, conduzindo a seu lado Teodoro, como se o estivesse levando ao comissário), essa soberba evasão se efetuara no porto de Rochefort, onde os forçados caem como tordos, e onde se esperava ver morrer também esses dois perigosos facínoras. Havendo fugido juntos, tinham sido obrigados a separarem-se devido aos azares de sua fuga. Teodoro, recapturado, havia voltado às galés. Depois de alcançar a Espanha e de se transformar em Carlos Herrera, Jacques Collin vinha buscar o seu curso em Rochefort, quando encontrou Luciano nas margens do Charente. O herói dos bandidos e dos *maquis*,^[295] a quem Engana-a-Morte devia o que sabia de italiano, foi naturalmente sacrificado ao novo ídolo.

A vida com Luciano, rapaz puro de qualquer condenação, e que só podia acusar-se de pecadilhos, raiava bela e magnífica como o sol de um dia de verão; ao passo que, com Teodoro, Jacques Collin não via outro desfecho senão o cadafalso, ao cabo de uma série de crimes indispensáveis.

A ideia de alguma desgraça causada pela fraqueza de Luciano, a quem o regime do *segredo* devia fazer perder a cabeça, tomou proporções enormes no espírito de Jacques Collin; e, supondo a possibilidade de uma catástrofe, o desgraçado sentiu os olhos arrasarem-se de lágrimas, fenômeno que desde a infância não se verificara nele nem uma só vez.

“Devo estar com um febrão”, disse ele consigo, “e talvez, mandando chamar o médico e propondo-lhe uma soma considerável, ele me ponha em comunicação com Luciano.”

Nesse momento entrou o guarda com o jantar do preso.

— É inútil, meu caro, eu não posso comer. Diga ao senhor diretor que mande cá o médico. Sinto-me tão mal que julgo chegada a minha última hora.

Ouvindo os sons guturais do estertor com que o grilheta acompanhou a sua frase, o guarda inclinou a cabeça e partiu. Jacques Collin agarrou-se furiosamente a essa esperança; mas, quando viu entrar o médico com o diretor, considerou malograda a sua tentativa, e

aguardou friamente o efeito da visita, estendendo o pulso ao médico.

— Este senhor tem febre — disse o médico ao diretor —, mas é a febre que nós encontramos em todos os acusados, e que para mim — acrescentou ele ao ouvido do fingido espanhol — é sempre prova de uma criminalidade qualquer.

Nesse momento, o diretor, a quem o procurador-geral tinha dado a carta de Luciano a Jacques Collin para lhe entregar, deixou o médico e o preso com o guarda e foi buscar a carta.

— Senhor — disse Jacques Collin ao médico, vendo o guarda à porta e sem compreender a ausência do diretor —, não se me dava de gastar trinta mil francos para fazer chegar cinco linhas às mãos de Luciano de Rubempré.

— Não lhe quero roubar o seu dinheiro — disse o dr. Lebrun. — Ninguém mais neste mundo pode comunicar com ele...

— Ninguém? — disse o grilheta estupefato. — E por quê?

— Porque ele se enforcou...

Nunca um tigre, vendo-se roubado dos seus filhos, atroou os juncais da Índia com um grito tão espantoso como o de Jacques Collin, que num salto se pôs de pé como uma fera e lançou ao médico um olhar ardente como um raio que fulmina, depois caiu sobre sua cama de campanha, dizendo:

— Oh, meu filho!

— Pobre homem! — exclamou o médico, comovido com aquele terrível esforço da natureza... Com efeito, essa explosão foi seguida de uma fraqueza tão completa que aquelas palavras “oh, meu filho!” soaram como um murmúrio.

— Não vá também este pregar-nos uma peça! — disse o guarda.

— Não, isto não é possível! — exclamou Jacques Collin levantando-se e fitando as duas testemunhas daquela cena com um olhar sem chama nem calor. — Enganam-se, não foi ele! Não viram bem. Ninguém pode enforcar-se no *segredo*. Senão vejam, como poderia eu enforcar-me aqui? Paris inteira responde-me por essa vida! Deus ma deve!

O guarda e o médico estavam estupefatos por sua vez, eles a quem, havia muito tempo, nada podia espantar. O diretor entrou, com a carta de Luciano na mão. Vendo o diretor, Jacques Collin, abatido sob a

própria violência dessa explosão de dor, pareceu acalmar-se.

— Aqui está uma carta que o senhor procurador-geral me encarregou de lhe dar, autorizando-o a recebê-la fechada — disse o diretor.

— É de Luciano... — disse Jacques Collin.

— Sim, senhor.

— Esse moço...

— Morreu — atalhou o diretor. — Ainda mesmo que o senhor doutor estivesse aqui, infelizmente não lhe poderia acudir... Morreu ali adiante... num dos quartos da Pistola.

— Poderei vê-lo? — perguntou Jacques Collin. — Consentirão que um pai vá chorar o seu filho?

— Se quer, até pode ficar com o quarto dele, porque tenho ordem de lhe dar um quarto particular. O seu segredo está levantado.

Os olhos do preso, sem calor e sem vida, iam lentamente do diretor para o médico; Jacques Collin examinava-os, receoso de alguma armadilha, e hesitava em sair.

— Se quer ver o corpo — observou o médico —, não tem tempo a perder, porque o levam esta noite...

— Se têm filhos — disse Jacques Collin —, os senhores hão de compreender a minha estupidez. Eu não percebo nada. Para mim este golpe é mais que a morte; mas nem os senhores podem saber... Os senhores não são pais, ainda que o sejam, senão de uma forma... Eu sou mãe também!... Estou doido, sinto-me doido!...

V – A DESPEDIDA

Atravessando corredores cujas portas inflexíveis só se abrem diante do diretor, é possível em pouco tempo ir dos segredos aos quartos particulares chamados da Pistola. Essas duas fileiras de habitações são separadas por um corredor subterrâneo formado de dois paredões que sustentam a abóbada sobre a qual repousa a chamada Galerie Marchande. Assim, Jacques Collin, acompanhado pelo guarda que lhe tomou o braço, precedido pelo diretor e seguido pelo médico, em poucos minutos chegou à cela onde jazia Luciano, que tinham posto sobre a cama.

A esse aspecto, caiu sobre o corpo e colou-se a ele num abraço desesperado, cuja força e movimento apaixonados causaram calafrios aos espectadores da cena.

— Aí tem — disse o médico ao diretor — um exemplo do que eu lhe falava. Veja. Este homem vai fazer daquele cadáver o que quiser; o senhor não imagina o que é um cadáver, é uma pedra...

— Deixem-me ficar!... — disse Jacques Collin com a voz abafada. — O tempo é pouco para eu vê-lo. Vão tirar-mo para...

Mas estacou antes da palavra *enterrar*.

— Permitam-me que guarde alguma coisa do meu querido filho!... O senhor mesmo — disse ele dirigindo-se ao dr. Lebrun — tenha a bondade de me cortar algumas madeixas do cabelo dele, porque eu não posso...

— Era mesmo filho dele! — disse o médico.

— Acha? — fez o diretor com um ar profundo, que lançou o médico num curto devaneio.

O diretor disse ao guarda que deixasse ficar o preso naquela cela e que cortasse do cadáver alguns cabelos para o pretendido pai antes que viessem buscar o corpo.

As cinco e meia, em maio, pode-se facilmente ler uma carta na Conciergerie, apesar das grades e redes de ferro que tapam as janelas. Jacques Collin soletrou a terrível carta, segurando a mão de Luciano.

Não há ninguém que possa conservar durante dez minutos um pedaço de gelo, apertando-o nas mãos com força. A frialdade comunica-se às fontes da vida com uma rapidez mortal. Porém o efeito desse frio terrível, semelhante à ação de um veneno, mal se pode comparar ao que produz na alma a mão rígida e gélida de um morto, assim apertada. A Morte fala então à Vida, revelando segredos negros que matam muitos sentimentos: pois, quando se fala em sentimento, mudar não é o mesmo que morrer?

Se relermos com Jacques Collin a carta de Luciano, esta mensagem derradeira parecer-nos-á o que foi para esse homem uma taça de veneno:

Meu caro padre,

Do senhor somente recebi benefícios, e o traí. Esta ingratidão involuntária me mata, e, quando o senhor ler estas linhas, eu não existirei mais; o senhor tampouco estará em condições de me salvar.

O senhor me deu pleno direito de desgraçá-lo quando me conviesse, atirando-o à terra como se faz com uma ponta de charuto; mas eu dispus da sua pessoa tolamente. Para me livrar de um apuro, seduzido por uma pergunta capciosa do juiz de instrução, o seu filho espiritual, aquele que o senhor havia adotado, colocou-se do lado daqueles que querem assassiná-lo a todo custo, desejando fazer acreditar numa identidade impossível entre o senhor e um certo celerado francês. Está dito tudo.

Entre um homem da sua força e mim, de quem o senhor quis fazer uma figura maior do que eu podia ser, não se hão de trocar pieguices no momento de uma separação suprema. O senhor quis fazer-me poderoso e grande, e apenas me precipitou nos abismos do suicídio. Muito tempo há que eu via aproximar-se de mim a vertigem.

Existem as posteridades de Caim e de Abel, como o senhor às vezes dizia. No grande drama da humanidade, Caim é a oposição. O senhor descende de Adão por aquela linha em que o diabo continuou a soprar o fogo cuja primeira faísca fora lançada sobre Eva. Entre os demônios dessa filiação, aparecem, de vez em quando, alguns terríveis, de organizações vastas, que resumem todas as forças humanas, semelhantes a esses febris animais do deserto cuja vida exige espaços imensos. Esses homens são perigosos na sociedade, como o seriam leões em plena Normandia; como precisam de pasto, devoram os homens vulgares e roem o dinheiro dos tolos; os seus brinquedos são tais que eles acabam por matar o humilde cão de que haviam feito um companheiro, um ídolo. Quando Deus quer, esses seres misteriosos são Moisés, Átila, Carlos Magno, Maomé ou Napoleão; mas, quando Ele deixa enferrujar no fundo do oceano de uma geração esses instrumentos gigantescos, eles não são mais que Pugatcheff, Louvel, Robespierre e o padre Carlos Herrera. Dotados de um imenso poder sobre as almas ternas, eles as atraem e trituram. No gênero, é grande e é belo. É a planta venenosa de cores ricas que fascina as crianças nos bosques. É a poesia do mal. Homens assim devem morar em antros e não sair deles. Tu me fizeste viver essa vida gigantesca, eu vivi o que devia viver. Posso pois retirar minha cabeça dos nós górdios da tua política para a entregar ao nó corredio da minha gravata.

Para reparar o meu erro, transmito ao procurador-geral uma retratação do meu interrogatório; tire o partido que puder dessa peça.

Por disposição de um testamento em boa forma, vão-lhe entregar, senhor

padre, as somas pertencentes à sua ordem e de que tão imprudentemente o senhor dispôs a meu favor pela paternal ternura que me consagrava.

Adeus, pois, adeus, grandiosa estátua do mal e da corrupção! Adeus, homem que, no bom caminho, seria mais que Ximenes e mais que Richelieu. O senhor cumpriu o prometido: cá estou outra vez à beira do Charente, depois de lhe dever o encantamento de um sonho; infelizmente, porém, já não é o rio da minha terra, onde eu ia afogar os pecadinhos da mocidade; é o Sena, e o meu buraco é uma masmorra da Conciergerie.

Não tenha saudade de mim; o meu desprezo pelo senhor era tão grande quanto a minha admiração.

LUCIANO

Antes da uma hora da madrugada, quando foram buscar o corpo, acharam Jacques Collin ajoelhado diante do leito com a carta caída por terra, abandonada como o suicida abandona a pistola que o matou; mas o desgraçado, rezando, tinha ainda entre as mãos juntas a mão hirta daquele a quem tanto amara.

Vendo esse homem, os gatos-pingados pararam um momento, porque ele parecia uma dessas figuras de pedra ajoelhadas para toda a eternidade sobre os túmulos da Idade Média, obra do gênio dos escultores de imagens. O falso padre, com olhos claros como os dos tigres e inteiriçado por uma imobilidade sobrenatural, causou tamanha impressão naqueles homens que eles pediram com brandura que se levantasse.

— Para quê? — perguntou ele timidamente.

O atrevido Engana-a-Morte tornara-se fraco como uma criança.

O diretor mostrou esse espetáculo ao sr. de Chargebœuf, que, tomado de respeito por uma dor assim, e crente na qualidade de pai que Jacques Collin se atribuía, explicou as ordens do sr. de Granville relativas ao funeral e enterro de Luciano, cujo corpo devia ser trasladado para o seu domicílio do Quai Malaquais, onde os padres o esperavam para o velar durante o resto da noite.

— Aí se vê a grande alma desse magistrado — disse com voz triste o grilheta. — Diga-lhe, senhor, que pode contar com o meu reconhecimento... Sim, eu estou em condições de lhe prestar grandes serviços. Não esqueça esta frase, que é para ele da máxima importância.

Ah, senhor! Operam-se extraordinárias mudanças no coração de um homem que esteve sete horas a chorar um filho como este. E nunca mais o verei!...

Depois de lançar a Luciano um terno olhar de mãe a quem arrancam o corpo de seu filho, Jacques Collin sucumbiu. Vendo levantar o corpo, soltou um gemido que fez apressar os homens.

O secretário do procurador-geral e o diretor da prisão já se haviam esquivado a esse espetáculo.

Que era feito dessa natureza de bronze, na qual a rapidez da decisão igualava a da apreciação, em que o pensamento e a ação brotavam do mesmo relâmpago, e cujos nervos, aguerridos por três evasões e por estadas nas galés, haviam alcançado a solidez metálica dos nervos do selvagem? O ferro cede a certos graus de percussão ou de pressão reiterada; suas impenetráveis moléculas, purificadas pelo homem e tornadas homogêneas, desagregam-se; e, ainda sem estar em fusão, o metal perde a sua virtude de resistência. Os ferreiros, os serralheiros, os cutedeiros, todos os operários que lidam constantemente com ferro exprimem então esse estado pela seguinte expressão: *Está macerado o ferro!* dizem eles, apropriando-se de uma expressão consagrada ao cânhamo, cuja desorganização se obtém pelo maceramento. Assim a alma humana, ou, se o preferem, a tríplice energia do corpo, do coração e do espírito, acha-se numa situação análoga à do ferro e à do cânhamo depois de certos choques repetidos. Sucede então aos homens como ao ferro: ficam macerados. A ciência, a justiça, o público buscam mil causas para as terríveis catástrofes causadas nas estradas de ferro pela ruptura de uma barra de ferro, e de que o exemplo de Bellevue^[296] é o mais horroroso; mas ninguém consultou os verdadeiros peritos na matéria, os ferreiros, que disseram todos a mesma coisa: “O ferro estava macerado!”. É um perigo que não se pode prever. O metal que se torna mole e o metal que fica resistente oferecem a mesma aparência.

É nesse estado que os confessores e os juizes de instrução muitas vezes encontram os grandes criminosos. As sensações terríveis do tribunal determinam quase sempre, ainda nas naturezas mais valentes, essa deslocação do aparelho nervoso. As confissões escapam das bocas mais violentamente fechadas; os corações mais duros então se

despedaçam; e isso — caso extraordinário! — se dá no momento em que as confissões são inúteis, quando essa fraqueza suprema arranca ao homem a máscara de inocência debaixo da qual ele tanto inquietava a justiça, sempre inquieta quando o condenado morre sem confessar o seu crime.

Napoleão conheceu essa dissolução de todas as forças humanas no campo de batalha de Waterloo!^[297]

VI – O PÁTIO DA CONCIERGERIE

Às oito horas da manhã, quando o guarda entrou no quarto para onde Jacques Collin fora transferido, viu-o pálido e calmo, como um homem que volta a ser forte por um violento esforço de vontade.

— São horas de passear no pátio — disse o guarda. — Há três dias que está preso. Se quer passear e tomar ar, pode ir!

Jacques Collin, todo absorto nos seus pensamentos, sem interesse nenhum em si, considerando-se um corpo sem alma, um trapo, não suspeitou do laço que Bibi-Lupin lhe armava nem da importância da sua ida ao pátio. O infeliz, saindo maquinalmente, enfiou pelo corredor das masmorras praticadas nas cornijas das magníficas arcadas do palácio dos reis de França, e sobre as quais se apoia a galeria dita de São Luís, por onde agora se vai às diversas dependências do tribunal superior. Esse corredor liga-se com o dos quartos particulares; e circunstância digna de observação é que o quarto onde esteve Louvel,^[298] um dos mais famosos regicidas, fica no ângulo reto formado pelo encontro dos dois corredores. Por baixo do bonito gabinete que ocupa a Tour Bonbec acha-se uma escada em caracol a que vai dar esse corredor sombrio e por onde os presos dos quartos particulares ou das masmorras vão ou vêm do pátio.

Todos os presos, os acusados que têm de comparecer na audiência ou que já compareceram, os réus que já não estão comunicáveis, todos os prisioneiros da Conciergerie, enfim, passeiam nesse estreito espaço inteiramente calçado, durante algumas horas do dia, principalmente de manhã cedo no verão. Esse pátio, antecâmara do cadafalso ou das galés, vai dar ao corredor por um lado, e pelo outro comunica com a sociedade pelo gendarme, pelo gabinete do juiz de

instrução ou pelo tribunal criminal. Por isso causa mais calafrios que o patíbulo. O patíbulo pode se tornar um pedestal para subir ao céu; mas o pátio são todas as infâmias da Terra reunidas e sem saída.

Quer seja o pátio de La Force, quer o de Poissy, o de Melun ou de Sainte-Pélagie, o pátio é sempre o mesmo. Reproduzem-se identicamente nele os mesmos fatos, tirante a cor dos muros, a altura ou o espaço. Assim, estes *Estudos de costumes* mentiriam a si mesmos se não fizessem a mais exata descrição de tal *pandemônio* parisiense.

Sob as possantes abóbadas que sustentam a sala das audiências do tribunal de segunda instância, existe na quarta arcada uma pedra que, segundo dizem, servia a São Luís para distribuir as suas esmolas, e que em nossos dias serve de banca para vender alguns comestíveis aos presos. Por isso, desde que o pátio se abre para os prisioneiros, todos se juntam em roda dessa banca cheia de gulodices de presos, como a aguardente, o rum etc.

As duas primeiras arcadas desse lado do pátio, que defronta com a esplêndida galeria bizantina, único vestígio da elegância do palácio de São Luís, são tomadas por um locutório onde os advogados conferenciam com os acusados, e onde os prisioneiros entram por uma grade formidável, dupla, de varões enormes, compreendida no espaço da terceira arcada. Esse duplo caminho parece-se com as passagens provisoriamente criadas à porta dos teatros por barreiras para conterem a multidão nas noites de grandes sucessos. O locutório, situado no extremo da imensa sala da portaria atual da Conciergerie, com vista para o pátio por uma fresta, foi agora alumiado com vidraças do lado da portaria, de forma que se podem observar os advogados em conferência com os seus clientes. Esta inovação foi reclamada por certas seduições demasiado fortes que algumas mulheres bonitas exerciam sobre os seus defensores. Onde irá parar a moral?... Estas precauções fazem lembrar os exames de consciência já prontos em que as imaginações puras se depravam, refletindo em monstruosidades ignoradas. Também é nessa sala que se realizam as entrevistas dos parentes e dos amigos a quem a polícia permite ver os presos.

Compreende-se agora o que é o pátio para os duzentos prisioneiros da Conciergerie; é o seu jardim, um jardim sem árvores nem terra nem

flores, um pátio enfim. Os anexos do locutório e da pedra de são Luís, sobre a qual se distribuem os comestíveis e os líquidos autorizados, constituem a única comunicação possível com o mundo exterior. Os momentos passados no pátio são os únicos durante os quais o prisioneiro se acha ao ar livre e em companhia de outrem; contudo, nas outras prisões, os presos reúnem-se nas oficinas de trabalho; mas, na Conciergerie, só quem estiver nos quartos particulares pode entregar-se a alguma ocupação. De resto, aí o drama do tribunal preocupa todos os espíritos, porque a Conciergerie não serve senão de passagem para se ir para a instrução ou para o julgamento. Este tribunal apresenta um espetáculo horrendo; não é possível imaginá-lo, é preciso vê-lo ou tê-lo visto.

O ajuntamento, num espaço de quarenta metros de comprimento por trinta de largo, de uns cem presos já de si não forma a nata da sociedade. Esses miseráveis, que pela maior parte pertencem às classes mais baixas, são mal vestidos; têm fisionomia hedionda ou abjeta; pois que um criminoso vindo das altas esferas sociais é uma exceção felizmente muito rara. A concussão, as falsificações ou a falência fraudulenta, únicos crimes que ali podem conduzir pessoas das classes mais decentes, têm o privilégio do quarto particular, e o acusado então quase nunca sai da sua cela.

Esse lugar de passeio, emoldurado por belos e formidáveis paredões enegrecidos, por uma colunata repartida em masmorras, por uma fortificação do lado do cais, pelas celas gradeadas dos quartos particulares ao norte, guardado por empregados vigilantes, ocupado por uma manada de criminosos ignóbeis e desconfiados uns dos outros, entristece já pelas disposições locais; mas amedronta imediatamente a quem se vê no centro de todos aqueles olhares cheios de ódio, curiosidade e desespero, em face de tantas criaturas desonradas. Alegria nenhuma! Tudo ali é sombrio, o lugar e os homens. Tudo é mudo, as paredes e as consciências. Tudo é perigo para aqueles desgraçados; excetuando alguma amizade, sinistra como a grilheta que a produz, não ousam fiar-se uns nos outros. A polícia, que paira sobre eles, empeçonha-lhes a atmosfera e corrompe tudo, até mesmo o aperto de mão de dois culpados íntimos. Um criminoso que encontra ali o seu

melhor camarada ignora se este se arrependeu ou se fez confissões com o fim de salvar a pele. Essa falta de segurança, esse receio de ser traído estraga a liberdade já tão ilusória do pátio. O traidor é um espião que parece estar sob o peso de um grande crime, e cuja habilidade consiste em se inculcar “amigo”, o que na gíria das prisões significa ladrão emérito, ladrão consumado, que há muito rompeu com a sociedade, que quer ser ladrão toda a vida, e que apesar de tudo se conservou fiel às leis da ladroeira.

O crime e a loucura têm suas parecenças. Ver os presos da Conciergerie no pátio ou ver doidos no jardim de uma casa de saúde é a mesma coisa. Presos e doidos passeiam evitando-se, lançando uns aos outros olhares estranhos ou atrozés, conforme seus pensamentos, nunca sérios nem alegres; porque se conhecem ou se temem. A expectativa de uma condenação, os remorsos, as ansiedades dão aos passeantes do pátio o ar inquieto e esgazeado dos doidos. Só os criminosos consumados têm um aprumo que semelha a tranquilidade de uma vida honesta, a sinceridade de uma consciência pura.

Sendo ali exceção o homem das classes médias, e retendo a vergonha nas suas celas aqueles que o crime manda para lá, os frequentadores do pátio andam geralmente vestidos como os homens da classe operária. A blusa de trabalho, a jaqueta de veludo são as peças de vestuário que mais se veem. Esses trajes grosseiros ou sujos, em harmonia com as fisionomias vulgares ou sinistras, com as maneiras brutais, ainda que um pouco domadas pelos pensamentos tristes que invadem os presos, tudo, até o silêncio do local, contribui para inspirar terror ou repugnância ao raro visitante, a quem altas proteções outorgaram o privilégio pouco prodigalizado de estudar a Conciergerie.

Assim como o espetáculo de um gabinete de anatomia, onde as enfermidades infames estão apresentadas em cera, torna casto o rapaz que o visita, inspirando-lhe santos e nobres amores, assim o espetáculo da Conciergerie e o aspecto do pátio, cheio daqueles hóspedes destinados às galés, ao cadafalso, a uma pena infamante qualquer, inspiram o receio da justiça humana àqueles que poderiam não temer a justiça divina, cuja voz fala tão alto na consciência; e saem dali pessoas honestas para muito tempo.

Devendo os passeantes que andavam no pátio, quando Jacques Collin desceu, ser os atores de uma cena capital na vida de Engana-a-Morte, não é indiferente pintar algumas das principais figuras dessa terrível assembleia. Ali, como em toda a parte onde há homens reunidos, como nos colégios, reinam a força física e a força moral. Lá, pois, como nos trabalhos forçados, a aristocracia é a criminalidade. Aquele cuja cabeça corre risco está acima de todos os outros. O pátio, como é de supor, é uma escola de direito criminal, onde se aprende muito melhor que na Place du Panthéon.^[299] A brincadeira periódica consiste em repetir o drama do tribunal, com presidente, júri, ministério público e advogado, e em julgar o processo. Esta horrível farsa representa-se quase sempre por ocasião dos crimes célebres. Por essa época estava na ordem do dia dos tribunais uma grande causa criminal, o horrendo assassinato cometido nas pessoas do sr. e da sra. Crottat, antigos rendeiros pai e mãe do tabelião,^[300] que tinham em casa, como esse desgraçado processo demonstrou, oitocentos mil francos em ouro. Um dos autores desse duplo crime era o célebre Dannepont, chamado La Pouraille, grilheta liberto, que durante cinco anos tinha escapado às mais ativas investigações policiais mercê de sete ou oito nomes diferentes. Os disfarces desse celerado eram tão perfeitos que ele havia chegado a cumprir dois anos de prisão com o nome de Delsouq, um de seus discípulos, ladrão célebre que nunca excedia, nos seus empreendimentos, a alçada do tribunal correcional. Desde que saíra das galés, já estava La Pouraille no seu terceiro assassinato. A certeza de uma condenação à morte tornava esse acusado, não menos que sua suposta fortuna, objeto do terror e da admiração dos presos; pois não aparecia nem um *liard*^[301] do dinheiro roubado. Apesar dos acontecimentos de julho de 1830, muitos ainda se lembram do terror que em Paris causou essa ousada proeza, comparada com o roubo das medalhas da Biblioteca^[302] por sua importância, porque a desgraçada tendência do nosso tempo para reduzir tudo a algarismos torna um assassinato tanto mais notável quanto mais considerável é a soma roubada.

La Pouraille, homúnculo seco e magro, de focinho aguçado, com quarenta e cinco anos, uma das celebridades das três galés que sucessivamente habitara desde os dezenove anos, conhecia intimamente Jacques Collin, e já vamos saber como e por quê. Transferidos de La Force para a Conciergerie, havia vinte e quatro horas, com La Pouraille, outros dois forçados tinham imediatamente reconhecido e dado a reconhecer ao pátio essa realza sinistra do “amigo” destinado ao cadafalso. Um desses forçados, liberto chamado Sélérrier, por alcunha Auvergnat, tio Ralleau, Rolante, e que, na roda da malandragem, tinha por nome Fio-de-Seda, alcunha devida à destreza com que escapava aos perigos do ofício, era um dos antigos fiéis de Engana-a-Morte.

Engana-a-Morte suspeitava a tal ponto que Fio-de-Seda representasse dois papéis, sendo a um tempo da grande roda da ladroagem e um dos pensionistas da polícia, que até lhe havia atribuído sua captura na Casa Vauquer, em 1819.^[303] Sélérrier, que é necessário chamar Fio-de-Seda, assim como Dannepont será chamado La Pouraille, já com a pecha de foragido, achava-se envolvido em roubos com agravantes, mas sem derramamento de uma gota de sangue, que lhe deviam valer pelo menos vinte anos de galés. O outro grilheta, chamado Riganson, formava com sua concubina, chamada a Biffe, um dos mais temíveis casais da ladroagem. Riganson, de mal com a justiça desde os mais tenros anos, tinha por alcunha o Biffon. O Biffon era o macho da Biffe, pois para aquela canalha não há nada sagrado. Esses selvagens não respeitam nem a lei nem a religião, nada, nem sequer a história natural, cuja santa nomenclatura, como se vê, eles parodiam.

Faz-se necessária aqui uma digressão;^[304] porquanto a entrada de Jacques Collin no pátio, sua aparição no meio de seus inimigos, tão bem preparada por Bibi-Lupin e pelo juiz de instrução, as cenas curiosas que se deviam seguir, tudo seria inadmissível e incompreensível sem algumas explicações sobre o mundo dos ladrões e das galés, suas leis, seus costumes e sobretudo sua linguagem cuja terrível poesia é indispensável nesta parte da narrativa. Antes de mais nada, portanto, uma palavra sobre a língua dos batoteiros, dos gatunos, dos ladrões e dos assassinos, chamada gíria, e que a literatura tem,

nestes últimos tempos, empregado com tanto êxito que mais de uma palavra desse estranho vocabulário passou para os róseos lábios das moças, vai ressoando em grandes salas e alegrou príncipes, alguns dos quais se confessam *intrujados*. Digamo-lo, talvez para assombro de muita gente, não há língua mais enérgica nem mais colorida que a desse mundo subterrâneo, que desde a origem dos impérios à capital se agita nos porões, nas sentinas, para empregar uma expressão viva e sedutora da arte dramática. O mundo não é um teatro? O terceiro subsolo é o último porão sob o tablado da Ópera, para ocultar as máquinas, maquinistas, a rampa, as aparições, os diabos azuis que vomitam o inferno etc.

Cada palavra dessa língua é uma imagem brutal, engenhosa ou terrível. Tudo nesse idioma é feroz. As sílabas que começam ou que acabam, as palavras são ásperas e espantam de uma maneira singular. Mas que poesia nelas! A gíria caminha sempre, acompanhando a civilização, enriquecendo-se com expressões novas a cada novo invento. É necessário reconhecer a alta antiguidade da gíria; ela contém um décimo de palavras da língua românica e outro décimo da velha língua gaulesa de Rabelais. Pelo menos cem palavras da gíria pertencem à língua de Panurge, que na obra rabelaisiana simboliza o povo, pois esse nome é composto de duas palavras gregas que significam *aquele que faz tudo*.

A prostituição e o roubo são dois protestos vivos, macho e fêmea, do *estado natural* contra o estado social. Por isso os filósofos, os inovadores atuais, os humanitários que levam na cauda os comunistas e os fourieristas^[305] chegam inconscientemente a estas duas conclusões: a prostituição e o roubo. O ladrão não se põe a discutir em livros sofisticados a propriedade, a hereditariedade, as garantias sociais; ele as suprime decididamente. Para ele, roubar é apossar-se do que é seu. Não discute o casamento, não o acusa, não pede em utopias impressas esse consentimento mútuo, essa aliança estreita das almas, que é impossível generalizar; ele se acasala com uma violência cujos elos têm de ser incessantemente reapertados pelo martelo da necessidade. Os inovadores modernos escrevem teorias indigestas, difusas e nebulosas, ou romances filantrópicos; mas o ladrão vai logo à prática; ele é claro

como um fato, lógico como um murro. E que estilo!...

Outra observação. O mundo das meretrizes, dos ladrões e dos assassinos, as galés e as prisões comportam uma população de cerca de sessenta a oitenta mil indivíduos, machos e fêmeas. Esse mundo não podia ser desdenhado na pintura dos nossos costumes, na reprodução literal do nosso estado social. Não será estranho constatar que a justiça, os gendarmes e a polícia ofereçam um número de pessoal quase correspondente? Esse antagonismo de gente que se procura e que reciprocamente se evita constitui um imenso duelo, eminentemente dramático, esboçado no presente estudo. Com o roubo e o meretrício sucede o mesmo que com o teatro, a polícia, o sacerdócio e a gendarmaria. Nessas seis condições, o indivíduo toma um caráter indelével. Não pode mais ser o que é. Os estigmas do divino sacerdócio são imutáveis, tanto como os do militar. O mesmo se passa com os outros estados que são fortes oposições, *opostos* ou *antônimos* na civilização. Esses diagnósticos violentos, estranhos, singulares, *sui generis* tornam a prostituta e o ladrão, o assassino e o liberto tão fáceis de reconhecer que eles são para os seus inimigos, o espião e o gendarme, o que é a caça para o caçador: eles têm um certo modo de andar, umas maneiras, uma cor, uns olhares, um certo cheiro, enfim *propriedades* suas, infalíveis. Daí essa ciência profunda do disfarce nas celebridades das galés.

VIII – OS GRANDS FANANDELS

Ainda uma palavra sobre a constituição desse mundo, que a abolição da marca, o abrandamento das penalidades e a estúpida indulgência do júri tornam tão ameaçador. Com efeito, dentro de vinte anos, Paris será cercada por um exército de quarenta mil forçados libertos. Sendo o departamento do Sena, com o seu cento e cinquenta mil habitantes, o único ponto da França onde esses desgraçados se podem esconder, Paris é para eles o que a floresta virgem é para as feras.

A alta-rodada da ladroagem, que é para esse mundo o seu Faubourg Saint-Germain, a sua aristocracia, tinha-se resumido, em 1816, à busca de uma paz que punha em risco tantas existências,^[306] numa associação chamada dos Grands Fanandels, onde se reuniram os mais célebres

capitães de quadrilha e alguns afoitos, então sem nenhum meio de vida. A palavra *fanandels* significa ao mesmo tempo irmãos, amigos, camaradas. Durante vinte e tantos anos, foram eles o tribunal superior, o instituto, a câmara dos pares desse povo. Tiveram todos a sua fortuna particular — capitais em comum e costumes à parte. Deviam-se ajuda e socorro mútuo em caso de necessidade, conheciam-se. De resto, superiores todos aos estratégias e seduções da polícia, tiveram sua constituição particular, seu santo e senha, seu xibolete.

Esses duques e pares da grillheta, de 1815 a 1819, tinham formado a famigerada sociedade dos Dez Mil,^[307] assim chamada pela convenção em virtude da qual não se podia nunca tentar uma empresa onde houvesse menos de *dez mil* francos a empolgar. Mesmo em 1829 e 1830, publicavam-se memórias em que o estado das forças dessa sociedade, os nomes dos seus membros eram indicados por uma das celebridades da Polícia Judiciária.^[308] Aí se via com assombro um exército de capacidades, tanto em homens como em mulheres; mas tão formidável, tão hábil, tão frequentemente feliz que certos ladrões, como os Lévy, os Pastourel, os Collonge, os Chimaux, de cinquenta e sessenta anos, lá vêm indicados como em luta com a sociedade desde a infância!... Que confissão de impotência para a justiça a existência de ladrões tão velhos!

Jacques Collin era o tesoureiro não somente da sociedade dos Dez Mil mas ainda dos Grands Fanandels, os heróis da grillheta. Segundo declaração das autoridades competentes, as galés sempre tiveram capitais. Concebe-se esta extravagância. Não se descobre roubo algum, exceto em casos extraordinários. Os condenados, como não podem levar nada consigo para a grillheta, são obrigados a recorrer à confiança, à capacidade alheia, a confiar seus fundos, como na sociedade se confiam a uma casa bancária.

Primitivamente, Bibi-Lupin, chefe da polícia de segurança havia dez anos, tinha feito parte da aristocracia dos Grands Fanandels. Sua traição provinha de uma ofensa à sua vaidade; vira preferirem-lhe constantemente a elevada inteligência e a força prodigiosa de Engana-a-Morte. Daí a constante sanha desse famoso chefe da polícia de segurança contra Jacques Collin. Daí provinham também certos

compromissos entre Bibi-Lupin e seus antigos camaradas, compromissos esses que começavam a preocupar os magistrados.

Assim pois, no seu desejo de vingança, a que o juiz tinha dado pleno impulso pela necessidade de estabelecer a identidade de Jacques Collin, o chefe tinha escolhido muito habilmente os seus auxiliares, açulando contra o fingido espanhol La Pouraille, Fio-de-Seda e o Biffon, pois que La Pouraille pertencia aos Dez Mil, assim como Fio-de-Seda, e o Biffon era um dos Grands Fanandels.

A Biffe, essa temível mulher do Biffon, que ainda se furta a todas as investigações da polícia, graças aos seus disfarces de grande dama, andava solta. Essa mulher, que sabe admiravelmente fingir-se de marquesa, de baronesa, de condessa, tem carruagem e criados. Essa espécie de Jacques Collin de saia é a única mulher comparável com Ásia, braço direito de Jacques Collin. Cada herói da grilheta, com efeito, tem sua mulher dedicada. Os fastos judiciais, a crônica secreta do tribunal o atestam; nenhuma paixão de mulher honesta, nem sequer a de uma devota pelo seu confessor, pode exceder o apego da amante que compartilha os perigos dos grandes criminosos.

Nessa gente a paixão é quase sempre a razão primitiva das suas ousadas empresas, dos seus assassinatos. O amor excessivo que as arrasta, constitucionalmente, segundo dizem os médicos, para a mulher, emprega todas as forças morais e físicas desses homens enérgicos. Daí a ociosidade que devora os dias; porque os excessos do amor demandam repouso e refeições reparadoras. Daí esse ódio ao trabalho que os obriga a recorrerem a meios rápidos para obter dinheiro. Todavia, a necessidade de viver, e de viver bem, já de si tão violenta, é pouca coisa comparada com as prodigalidades inspiradas pela meretriz a quem esses generosos Medoros^[309] querem dar joias, vestidos, e que, sempre comilona, gosta de bons pitéus. A meretriz deseja um xale, o amante rouba-o, e a mulher vê nisso uma prova de amor. É assim que se cai no roubo, que, se se quiser examinar o coração humano ao microscópio, será reconhecido por um sentimento quase natural no homem. O roubo conduz ao assassinato, e o assassinato conduz de degrau em degrau ao cadafalso.

O amor físico e desregrado desses homens seria pois, a darmos

crédito aos médicos, a origem de sete décimos dos crimes. Aliás, lá está a prova, sempre palpável e frisante, na autópsia do homem executado. Assim a adoração de suas amásias acompanha sempre esses monstruosos amantes, espantalhos da sociedade. E essa dedicação fêmea fielmente agachada à porta das prisões, sempre ocupada em frustrar os estratagemas da instrução, guarda incorruptível dos mais negros segredos, que torna tantos processos obscuros, impenetráveis. Aí residem a força e também a fraqueza do criminoso. Em linguagem de meretrizes, *ter probidade* é não faltar a nenhuma das leis dessa afeição, é dar todo o seu dinheiro ao homem preso, é olhar pelo seu bem-estar, guardar-lhe fidelidade, empreender tudo por amor dele. A mais cruel injúria que uma meretriz pode atirar à cara de outra é acusá-la de infiel para com um amante preso. Em tal caso, uma meretriz é considerada como mulher sem coração!...

La Pouraille era apaixonado por certa mulher, como vamos ver. Fio-de-Seda, filósofo egoísta, que roubava para juntar pecúlio, parecia-se muito com Paccard, o Seid^[310] de Jacques Collin, que havia fugido com Prudência Servien, e com setecentos e cinquenta mil francos. Não tinha nenhuma afeição, desprezava todas as mulheres e só era amigo de si próprio. Quanto ao Biffon, tirava, como já sabemos, sua alcunha da sua amizade à Biffe. Ora, essas três ilustrações da alta ladroeira tinham contas que pedir a Jacques Collin, e contas muito difíceis de prestar.

Só o tesoureiro sabia quantos sócios ainda estavam vivos, quais eram os haveres de cada um. A mortalidade peculiar aos seus constituintes havia entrado nos cálculos de Engana-a-Morte, quando ele resolveu sair com o santo e com a esmola em benefício de Luciano. Furtando-se à atenção dos camaradas e da polícia durante nove anos, Jacques Collin tinha a quase certeza de herdar, nos termos da constituição da sociedade, os dois terços dos haveres dos seus constituintes. E, depois, não podia ele alegar pagamentos feitos aos sócios guilhotinados? Nenhuma fiscalização podia intrometer-se com tal chefe. Confiavam absolutamente nele por necessidade, porque a vida de fera que os forçados levam implicava, entre os figurões daquele mundo selvagem, a mais alta delicadeza. Dos trezentos mil francos recebidos, Jacques Collin podia talvez livrar-se então com uns cem mil. Naquela ocasião,

como se vê, La Pouraille, um dos credores de Jacques Collin, não tinha mais que uns três meses de vida. De resto, munido de uma soma certamente bem superior à que o seu chefe guardava para ele, La Pouraille devia ser bastante acomodaticio.

Um dos diagnósticos infalíveis por onde os diretores de cadeias, os seus agentes, a polícia e até mesmo os magistrados instrutores reconhecem os fregueses, quer dizer, aqueles que já comeram na grilheta os feijões do Estado, é o seu hábito da prisão, cujos usos naturalmente conhecem, estando pois como em sua casa, sem de nada se admirarem.

Por isso Jacques Collin, de sobreaviso consigo próprio, tinha até ali representado admiravelmente o seu papel de inocente e de estrangeiro, tanto em La Force como na Conciergerie. Abatido porém pela dor, esmagado pela sua dupla morte, pois naquela noite fatal era como se tivesse morrido duas vezes, voltou a ser Jacques Collin. O guarda ficou espantado de não ter de ensinar àquele padre espanhol o caminho do pátio. Esse ator tão perfeito esqueceu o seu papel e desceu o caracol da Tour Bonbec como um velho habitante da Conciergerie.

“Bibi-Lupin tem razão”, disse o guarda consigo, “é um freguês, é Jacques Collin.”

IX – A ENTRADA DO JAVALI

No momento em que Engana-a-Morte se mostrou naquela espécie de moldura que lhe fez a porta do torreão, os presos, tendo todos concluído as suas aquisições à mesa de pedra dita de são Luís, dispersaram-se pelo pátio, sempre estreito para eles; de maneira que o novo preso foi logo visto por todos a um tempo, tanto mais rapidamente que nada iguala a precisão do olhar dos prisioneiros, colocados num pátio como a aranha no centro da sua teia. Esta comparação é de uma exatidão matemática, porque o olhar, limitado de todos os lados por muros altos e negros, alcança sempre, ainda sem o querer, a porta por onde entram os guardas, as janelas do locutório e da escadaria da Tour Bonbec, únicas saídas do pátio. No profundo isolamento em que se acha, tudo para o preso é um acontecimento, tudo o preocupa; o seu tédio, comparável com o do tigre numa jaula, multiplica-lhe a força de

atenção. Não é indiferente fazer observar que Jacques Collin, vestido como um eclesiástico que não observa à risca o traje, trazia calça preta, meias pretas, sapatos com fivelas de prata, colete preto e uma certa sobrecasaca de um castanho-escuro, cujo feitio denuncia o padre apesar de tudo, principalmente quando o corte característico do cabelo completa esses indícios. Jacques Collin usava um chinó superlativamente eclesiástico e deliciosamente natural.

— Mau sinal! — disse La Pouraille ao Biffon. — Um sotaina aqui! Como diabo veio ele cá parar?

— Isto é manha, algum espião — respondeu Fio-de-Seda. — Algum antigo polícia disfarçado que vem fazer negócio.

Para terminar a pintura do pátio, será bom descrever em poucas palavras os outros dois facínoras. Sélérier, por alcunha Auvergnat, tio Ralleau, Rolante, Fio-de-Seda enfim (ele tinha trinta nomes e outros tantos passaportes), será daqui em diante designado apenas por esta última alcunha, única que os colegas lhe davam. Esse profundo filósofo, que via um gendarme no falso padre, era um latagão alto, de músculos muito salientes. Faiscavam-lhe na enorme cabeça uns olhinhos pequenos, cobertos, como os das aves de presa, por uma pálpebra escura, sem brilho. A primeira vista, parecia um lobo pela largura das mandíbulas vigorosamente pronunciadas; mas tudo o que essa semelhança implicava de crueldade, e até de ferocidade, era contrabalançado pela velhacaria, pela vivacidade das feições, embora picadas de bexigas. O bordo de cada cicatriz, cortado a prumo, chegava a ter graça. Era como se aí se lessem outros tantos escárnios. A vida dos criminosos, que implica fomes e sedes, noites ao relento no bivaque dos cais, das ribanceiras, das pontes e das ruas, orgias de bebidas fortes com que se festejam os triunfos, tinha posto sobre aquele rosto como que uma camada de verniz. A trinta passos, se Fio-de-Seda se apresentasse tal como era ao natural, um agente de polícia ou um gendarme reconheceriam imediatamente o freguês; mas ele ombreava com Jacques Collin na arte de se caracterizar e vestir. Naquele momento, Fio-de-Seda, desmazelado como os grandes atores que só no teatro cuidam de si, trazia uma espécie de jaquetão de caça sem botões e com as casas esgarçadas, uns chinelos verdes, umas calças pretas

inteiramente ruças, tendo na cabeça um barrete sem pala, donde saíam as pontas de um velho lenço de seda todo esfarrapado.

Ao lado de Fio-de-Seda, o Biffon formava um perfeito contraste. Esse ladrão célebre, de pequena estatura, gordo e atarracado, ágil, sem cor, de olhos pretos encovados, vestido como um cozinheiro, com as pernas muito arqueadas, metia medo com aquela sua fisionomia em que predominavam todos os sintomas da organização peculiar aos animais carnívoros.

Fio-de-Seda e o Biffon cortejavam La Pouraille, que não conservava nenhuma esperança. Esse assassino reincidente sabia que ia ser julgado, condenado e executado dentro de quatro meses. Compreendesse facilmente por que Fio-de-Seda e o Biffon mimavam tanto La Pouraille. É que este tinha enterrado duzentos e cinquenta mil francos em ouro, o seu quinhão no roubo aos Crottat. Que magnífica herança para deixar a dois amigos, conquanto os dois antigos forçados tivessem de voltar em breve para as galés! Biffon e Fio-de-Seda iam ser condenados por roubos com circunstâncias agravantes a quinze anos que não se confundiriam com dez anos de uma condenação precedente que eles tinham tomado a liberdade de interromper. De maneira que, apesar de terem um vinte e dois e outro vinte e seis anos de trabalhos forçados a cumprir, ambos esperavam evadir-se e ir buscar o tesouro de La Pouraille. Mas o Dez Mil guardava o seu segredo, parecendo-lhe inútil entregá-lo enquanto não fosse condenado. Pertencendo à alta aristocracia das galés, nada havia revelado sobre os seus cúmplices. Seu carácter era conhecido; o sr. Popinot, instrutor desse espantoso processo, dele nada obtivera.

Esse terrível triunvirato estacionava no cimo do pátio, isto é, por baixo dos quartos particulares. Fio-de-Seda estava terminando a instrução de um rapaz que ainda agora ia no primeiro crime, e que, certo de uma condenação a dez anos de trabalhos forçados, tomava informações sobre os diversos “pátios”.

— Pois, menino — dizia-lhe sentenciosamente Fio-de-Seda no momento em que Jacques Collin apareceu —, a diferença que existe entre Brest, Toulon e Rochefort é esta.

— Em que consiste, meu veterano? — perguntou o rapaz, com a

curiosidade de um novato. Esse acusado, um rapaz de família acusado de uma falsificação, tinha descido de um quarto particular contíguo ao de Luciano.

— Consiste nisto, meu rapaz: em Brest, à terceira colherada da gamela do rancho, pode-se ter a certeza de apanhar feijões, e em Toulon, só à quinta, e em Rochefort, os feijões são só para os veteranos.

Dito isto, o profundo filósofo foi ter com La Pouraille e com o Biffon, que, muito curiosos por causa do padreco, começaram a descer o pátio, enquanto Jacques Collin, absorvido na sua dor, o subia. Todo embebido nos seus terríveis pensamentos, pensamentos de imperador destronado, Engana-a-Morte não se imaginava alvo de todos os olhares, objeto da atenção geral, e caminhava lentamente, com os olhos na fatal janela em que Luciano se enforcara. Nenhum prisioneiro sabia do acontecido, porque o vizinho de Luciano, o jovem falsário, por motivos que em breve iremos conhecer, não tinha dito nada. Os três facínoras trataram de pôr-se no caminho do padre.

— Não é padre — disse La Pouraille a Fio-de-Seda —; é um freguês da casa. Olha como ele puxa da direita!

É necessário explicar aqui, já que nem todos os leitores tiveram ainda o capricho de visitar uma prisão de grilhetas, que cada galé anda emparelhado com outro (sempre um velho com um jovem) por uma cadeia. O peso dessa cadeia, soldada a uma argola por cima do tornozelo, é tal que ao cabo de um ano dá um eterno vício de marcha ao galé. Obrigado a empregar numa perna mais força que na outra para puxar a cadeia, o condenado contrai invencivelmente o hábito desse esforço. Mais tarde, quando já não traz cadeia, sucede-lhe como às pernas cortadas de que o amputado sofre sempre; o galé sente sempre a sua grilheta, não pode desfazer-se desse vício de marcha. Puxa pela direita, enfim. Esse diagnóstico, conhecido dos forçados tanto quanto dos agentes de polícia, se não auxilia o reconhecimento de um camarada, pelo menos o completa.

Em Engana-a-Morte, evadido havia oito anos, esse movimento estava muito enfraquecido; mas, por efeito da sua absorvente meditação, caminhava com passo tão lento e tão solene que esse defeito, por fraco que fosse, havia de impressionar uns olhos entendidos como os de La

Pouraille. Por outro lado, compreende-se muito bem que os forçados, sempre uns com os outros nos trabalhos, não tendo mais ninguém que observar, tenham a tal ponto estudado as fisionomias dos seus companheiros que cheguem a conhecer certos hábitos que devem escapar a seus inimigos sistemáticos: os espiões, os gendarmes e os comissários de polícia. Assim, foi a uma certa contração dos músculos maxilares da face esquerda, reconhecida por um galé enviado a uma revista da legião do Sena, que se deveu à captura do tenente-coronel desse corpo, o famoso Coignard, pois, apesar da certeza de Bibi-Lupin, a polícia não ousava crer na identidade do conde Pontis de Sainte-Hélène e de Coignard.

X – SUA MAJESTADE O DAB

— É o nosso *dab*!^[311] — disse Fio-de-Seda, ao receber de Jacques Collin esse olhar distraído do homem abismado no desespero que lhe inspira tudo o que o rodeia.

— É verdade, é Engana-a-Morte — disse o Biffon esfregando as mãos. — A mesma altura, o mesmo corpanzil; mas que teria ele feito? Nem já parece o mesmo.

— Ah, já sei! — exclamou Fio-de-Seda. — É plano! Quer tornar a ver o amigalhaço, que vai ser executado.

Para dar uma vaga ideia da personagem que os presos, os guardas e os policiais chamavam um amigalhaço, basta lembrar a seguinte frase do diretor de uma das prisões centrais ao falecido lord Durham,^[312] que visitou todas as prisões quando esteve em Paris. O lorde, curioso de observar todos os detalhes da justiça francesa, chegou a fazer montar a guilhotina pelo finado Sanson,^[313] o carrasco, e pediu a execução de um bezerro vivo para compreender bem o funcionamento da máquina que a Revolução Francesa ilustrou.

O diretor, depois de haver mostrado toda a prisão, os pátios, as oficinas, as masmorras etc., apontou com o dedo para um certo ponto com um gesto de nojo...

— Não o levo ali vossa senhoria — disse ele — porque é a seção dos *amigalhaços*...

— Oh! — exclamou lord Durham. — E que vem a ser isso?

— Vem a ser o terceiro sexo, milorde.

— Vão guilhotinar Teodoro! — disse La Pouraille. — Belo rapaz! Que mão! E que arrojo! Que perda para a sociedade!

— É verdade, Teodoro Calvi está por pouco — disse o Biffon. — Suas amiguinhas vão chorar que nem Madalenas, pois era muito amado, esse pequeno vagabundo!

— Olá, meu velho — disse La Pouraille a Jacques Collin.

E, de combinação com os seus dois acólitos, com quem ia de braço dado, pôs-se no caminho do recém-vindo.

— Então tu, *dab*, fizeste-te padrego? — acrescentou La Pouraille.

— Dizem por aí que devoraste nossa grana — continuou ameaçador o Biffon.

— Tu dás dinheiro pra gente? — perguntou Fio-de-Seda.

Estas três perguntas partiram como três tiros de pistola.

— Não zombe de um pobre padre metido aqui por engano — disse maquinalmente Jacques Collin, que reconheceu imediatamente os seus três camaradas.

— A voz é a mesma, apesar de ser outra a lata — disse La Pouraille, pondo a mão no ombro de Jacques Collin.

Este gesto, o aspecto dos seus três camaradas tiraram violentamente o *dab* da sua prostração, restituindo-o ao sentimento da vida real; pois, durante aquela noite fatal, ele resvalara para os mundos espirituais e infinitos dos sentimentos, a rebuscar algum novo caminho que seguisse.

— Não acirres as desconfianças sobre o teu *dab*! — disse baixinho Jacques Collin numa voz cava e ameaçadora que parecia o surdo rosnar de um leão. — Anda por aí a polícia, deixa-a dar com as ventas num sedeiro. Eu estou aqui representando uma farsa para salvar um camarada em perigo.

Isto foi dito com a unção de um sacerdote que tenta converter miseráveis, e acompanhado de um olhar com que abarcou o pátio, viu os guardas debaixo das arcadas, mostrando-os zombeteiramente aos seus três companheiros.

— Não andarão por aí espias? Olho vivo e atenção! Finjam que não me conhecem, tomemos as nossas precauções, e tratem-me como

padre, senão dou cabo de vocês, do seu dinheiro e das suas mulheres.

— Então desconfias de nós? — perguntou Fio-de-Seda. — Vens salvar o amigalhaço?

— O Madalena está pronto para a guilhotina — disse La Pouraille.

— Teodoro! — exclamou Jacques Collin, reprimindo um pulo e um grito. Foi o último golpe de tortura daquele colosso derruído.

— Qualquer dia é executado — repetiu La Pouraille —, há dois meses que ele está condenado.

Jacques Collin, desfalecido, com as pernas alquebradas, foi amparado pelos seus três companheiros, mas ainda teve a presença de espírito de pôr as mãos, tomando um ar compungido. La Pouraille e o Biffon ampararam respeitosamente o sacrílego, Engana-a-Morte, enquanto Fio-de-Seda corria ao guarda de sentinela à porta que dá para o locutório.

— Aquele venerável sacerdote precisa se sentar, dê-me uma cadeira para ele.

Assim, falhava o laço armado por Bibi-Lupin. Engana-a-Morte, tal como Napoleão reconhecido por seus soldados, obtinha submissão e respeito dos três forçados. Duas palavras haviam sido suficientes. Essas duas palavras eram: *mulheres* e *dinheiro*, o resumo de todas as afeições verdadeiras do homem. Essa ameaça foi para os três forçados o indício do supremo poder. O *dab* tinha ainda nas mãos os seus haveres. Sempre poderoso lá fora, o *dab* não havia traído ninguém como alguns falsos irmãos diziam. A colossal reputação de destreza e habilidade de seu chefe, por outro lado, estimulou a curiosidade dos três forçados; porque na prisão a curiosidade torna-se o único incitamento daquelas almas envilecidas. Aliás, a audácia do disfarce de Jacques Collin, conservado até debaixo dos ferrolhos da Conciergerie, atordoava os três facínoras.

— Achando-me há quatro dias incomunicável, não sabia que Teodoro estava tão perto da guilhotina — disse Jacques Collin. — Eu tinha vindo para salvar um pobre rapaz que ontem se enforcou ali, às quatro horas, e eis-me diante de outra desgraça. Já não tenho sorte no meu jogo!

— Pobre *dab*! — comentou Fio-de-Seda.

— Estou abandonado do diabo! — disse Jacques Collin, arrancando-

se dos braços dos seus dois camaradas e pondo-se em pé com um aprumo formidável. — Chega um momento em que o mundo pode mais do que nós. A justiça acaba sempre por nos agarrar.

O diretor da cadeia, prevenido do desmaio do sacerdote espanhol, veio em pessoa ao pátio para o espionar, e fê-lo sentar numa cadeira ao sol, examinando tudo com essa temível perspicácia que de dia para dia aumenta no exercício de tais funções e que se oculta sob uma aparente indiferença.

— Oh, meu Deus — disse Jacques Collin —, ver-me confundido com esta gente, com o refugio da sociedade, com criminosos e assassinos!... Mas Deus não há de abandonar o seu servo. Senhor diretor, deixarei memória da minha passagem aqui por atos de caridade cuja recordação fique! Quero converter estes desgraçados, ensinar-lhes que têm uma alma, que os espera a vida eterna, e que, se tudo perderam na terra, têm ainda o céu a conquistar, o céu que lhes pertence em troca de um verdadeiro e sincero arrependimento.

Vinte ou trinta presos, agrupados por trás dos três temíveis forçados, cuja olhadura feroz tinha conservado três pés de distância entre eles e os curiosos, ouviram esta alocução pronunciada com unção evangélica.

— A um assim, senhor diretor — disse o formidável La Pouraille —, nós gostaríamos de escutar...

— Disseram-me — tornou Jacques Collin dirigindo-se ao diretor, que estava perto — que havia nesta cadeia um condenado à morte...

— Estão lendo para ele neste momento a recusa de seu recurso — disse o diretor.

— Não sei o que é — observou ingenuamente Jacques Collin, olhando em torno.

— Que simplório! — disse o rapazinho que, há pouco, estivera consultando Fio-de-Seda sobre os feijões.

— Quer dizer que o *foiçam* hoje ou amanhã — informou um preso.

— Que o *foiçam*? — perguntou Jacques Collin, cujo ar de inocência e de ignorância encheu de admiração seus três camaradas.

— Na linguagem desta gente — respondeu o diretor — quer dizer guilhotinar. Se o escrivão está lendo a recusa do recurso, decerto o executor vai receber ordem para a execução. O desgraçado recusou

constantemente os socorros da religião.

— Ah, senhor diretor, é uma alma para salvar!... — exclamou Jacques Collin...

E o sacrílego pôs as mãos com uma expressão mística de desespero, que ao diretor atento se afigurou efeito de um fervor divino.

— Ah, senhor! — continuou Engana-a-Morte. — Deixe-me provar-lhe o que sou e o que posso, permitindo-me que faça desabrochar o arrependimento nesse coração endurecido! Deus me concedeu a faculdade de dizer certas palavras que produzem grandes mudanças. Eu parto os corações e os abro... Que receia? Faça-me acompanhar por gendarmes, por guardas, por quem quiser.

— Vou ver se o capelão da casa consente que o senhor o substitua — disse o diretor.

E retirou-se, impressionado com o modo completamente indiferente, apesar de curioso, com que os forçados e os prisioneiros encaravam aquele padre, cuja voz evangélica dava encanto à sua algaravia misturada de francês e de espanhol.

XI – MANHA CONTRA MANHA

— Como veio parar aqui, senhor padre? — perguntou o jovem interlocutor de Fio-de-Seda a Jacques Collin.

— Por engano — respondeu Jacques Collin, medindo de alto a baixo o rapaz de família. — Encontraram-me em casa de uma cortesã que acabava de ser roubada depois de morta. Reconheceu-se que ela se havia suicidado; e os autores do roubo, que foram provavelmente os criados, ainda não estão presos.

— Então foi por causa desse roubo que aquele rapaz se enforcou?

— O pobre moço naturalmente não pôde suportar a ideia de se ver desonrado por uma prisão injusta — respondeu Engana-a-Morte, erguendo os olhos ao céu.

— É verdade — disse o rapaz —, iam-no soltar quando ele se matou. Que sorte!

— Só os inocentes se deixam impressionar tanto — disse Jacques Collin. — Note que o roubo era contra ele.

— E quanto era? — indagou o profundo e fino Fio-de-Seda.

— Setecentos e cinquenta mil francos — respondeu brandamente Jacques Collin.

Os três forçados olharam uns para os outros e se retiraram do grupo que todos os presos formavam em torno do suposto eclesiástico.

— Foi ele que fez a limpeza! — disse Fio-de-Seda ao ouvido do Biffon. — Queriam meter-nos medo por causa do nosso dinheiro.

— Há de ser sempre o *dab* cá da gente — respondeu La Pouraille. — A nossa chelpa está em boas mãos.

La Pouraille, que buscava um homem em quem confiar, tinha interesse em achar honrado Jacques Collin. E, se há alguma parte onde se acredita o que se deseja, é na cadeia!

— Aposto que ele intruja o procurador-geral e que salva o amigalhaço — disse Fio-de-Seda.

— Se ele o consegue, não o tomarei por nenhum Deus — disse o Biffon — mas fico acreditando que fala com o diabo à meia-noite.

— Não lhe ouviste dizer que o diabo o abandonava? — observou Fio-de-Seda.

— Ah! — exclamou La Pouraille. — Se ele me quisesse salvar, que arranjozinho que eu tinha com o meu quinhão e com o dinheiro que escondi!

— Faze o que ele mandar — disse Fio-de-Seda.

— Estás caçoando? — tornou La Pouraille olhando para o companheiro.

— Forte pateta! Podes estar certo que te condenam à morte — replicou-lhe o Biffon. — Não tens portanto outro caminho a seguir.

— Está dito — tornou o facínora. — Nenhum de nós atraiçoa o *dab*, ou então eu me encarrego de fazê-lo ir comigo para o cutelo.

— E é capaz disso! — exclamou Fio-de-Seda.

As pessoas menos suscetíveis de simpatia por esta sociedade estranha podem imaginar a situação de espírito de Jacques Collin, que se achava entre o cadáver do ídolo que adorara durante cinco horas da noite e a morte próxima do seu antigo companheiro de grilheta, o futuro cadáver do corso Teodoro. Ainda que não fosse senão para ver esse desgraçado, precisava desenvolver uma habilidade pouco comum; mas salvá-lo era um milagre! E já pensava nisso.

Para compreensão do que Jacques Collin ia tentar, é necessário notar que os assassinos, os ladrões, todos quantos povoam as galés não são tanto para temer como se julga. Com raras exceções, são todos eles uns covardes, decerto devido ao medo perpétuo que lhes comprime o coração. Com as faculdades constantemente apontadas ao roubo, com a execução das suas proezas exigindo o emprego de todas as forças da vida, uma agilidade de espírito igual à aptidão do corpo, uma atenção que abusa do moral, tornam-se estúpidos, menos nesses esforços violentos de sua vontade, pela mesma razão que uma cantora ou um bailarino caem exaustos no fim de um passo fatigante ou de algum desses formidáveis duetos que os compositores modernos infligem ao público. Os malfeitores são com efeito tão falhos de razão ou tão oprimidos pelo medo que se tornam perfeitas crianças. Crédulos ao último ponto, a mais simples manha os colhe no seu visco. Ao cabo do êxito de uma empresa, ficam numa prostração tal que, entregando-se imediatamente aos indispensáveis excessos, embriagam-se com vinho, com licores, e atiram-se com furor aos braços das suas mulheres, para recobrar a calma perdendo todas as suas forças, e buscam o esquecimento do crime no esquecimento da razão. Em tal estado, ficam à mercê da polícia. Uma vez presos, ficam cegos, perdem a cabeça e precisam tanto de esperança que acreditam em tudo, de modo que é possível impingir-lhes qualquer absurdo. Um exemplo ilustrará até que ponto chega a toleima do criminoso engaiolado. Bibi-Lupin havia recentemente obtido as declarações de um assassino de dezenove anos, convencendo-o de que os menores nunca eram executados. Quando transferiram o rapaz para a Conciergerie a fim de ser submetido a julgamento, o terrível agente foi vê-lo depois de confirmada a sentença.

— Estás bem certo de que ainda não tens vinte anos? — perguntou-lhe.

— Sim. Tenho dezenove anos e meio — respondeu o assassino, perfeitamente tranquilo.

— Bem — voltou Bibi-Lupin —, podes estar descansado que não chegarás a fazer os vinte.

— Por quê?

— Porque dentro de três dias te cortarão a sinagoga — disse o chefe

da segurança.

O assassino, que, ainda depois do julgamento, estava crente de que não se executavam menores, caiu redondamente no chão.

Esses homens, tão cruéis pela necessidade de suprimir testemunhas, pois que só assassinam para se desfazer de provas (é uma das razões alegadas por aqueles que pedem a supressão da pena de morte); esses colossos de destreza e habilidade, nos quais a ação da mão, a rapidez do olhar e os sentidos andam exercitados como entre os selvagens, não se tornam heróis de crime senão no teatro das suas façanhas. Cometido o crime, não somente começam os embaraços, porque eles ficam tão atarantados com a necessidade de esconder os produtos do seu roubo, como estavam oprimidos pela miséria; mas ainda ficam esfalfados como parturientes que acabam de dar à luz. Enérgicos a ponto de assustar pelas suas concepções, são como crianças depois da vitória. Numa palavra, é o natural das feras, fáceis de matar quando estão fartas. Na prisão esses homens singulares são homens pela dissimulação e por sua discrição, que não cede senão no último instante, depois de ralados e moídos pela duração do encarceramento.

Compreende-se agora como os três forçados, em vez de desgraçarem o seu chefe, o quiseram auxiliar; admiraram-no, supondo-o dono dos setecentos e cinquenta mil francos roubados, vendo-o calmo entre os muros da prisão, e julgando-o capaz de os proteger.

XII – A CELA DE UM CONDENADO À MORTE

O diretor da Conciergerie, tendo deixado o falso espanhol, voltou à secretaria a encontrar-se com Bibi-Lupin, que durante vinte minutos vinha observando Jacques Collin no pátio, através do postigo de uma janela.

— Nenhum deles o reconheceu — disse o sr. Gault —, e Napolitas, que estava de atalaia, não ouviu nada. O pobre padre, na sua aflição desta noite, não deixou escapar uma palavra por onde se possa inferir que sua batina esconde Jacques Collin.

— Isto prova que ele conhece bem as prisões — respondeu o chefe da polícia de segurança.

Napolitas, secretário de Bibi-Lupin, desconhecido de todos os presos, atualmente na Conciergerie, era aquele que representava o papel de rapaz de família acusado de falsário.

— E finalmente pediu permissão para confessar o condenado à morte! — tornou o diretor.

— Aí está o nosso último recurso! — exclamou Bibi-Lupin. — Nem eu me lembrava. Esse corso, Teodoro Calvi, foi companheiro de grilheta de Jacques Collin; este, segundo me contaram, lhe fazia chumaços de uma cana.

Referia-se a uns chumaços que os forçados metem entre a argola de ferro e a carne, para abrandar o peso do ferro.

— Quem está de guarda ao condenado? — perguntou Bibi-Lupin.

— É Coeur-la-Viole.

— Bem, eu vou-me disfarçar de gendarme, para estar lá à escuta; respondendo por tudo.

— E se for Jacques Collin, não receia que ele o reconheça e o engane? — perguntou o diretor.

— Eu levo o meu sabre de gendarme — respondeu o chefe. — De resto, se for Jacques Collin, não é possível que ele faça alguma coisa que lhe ponha em perigo a cabeça; se for padre, estou seguro.

— Não há tempo a perder — disse então o sr. Gault, o diretor. — São oito e meia; o pai Sauteloup acaba de ler a recusa do recurso e o carrasco há de estar à espera na sala.

— Sim, a execução é hoje — disse Bibi-Lupin. — Mas é natural que o procurador-geral hesite, pois o rapaz afirmou sempre que estava inocente, e a meu ver não houve provas convincentes contra ele.

— É um verdadeiro corso — tornou o sr. Gault. — Não disse uma palavra e resistiu a tudo.

A última palavra do diretor da cadeia ao chefe da polícia de segurança continha a sombria história dos condenados à morte. O homem que a justiça riscou do rol dos vivos pertence ao tribunal. O tribunal é soberano; de ninguém depende, senão da sua própria consciência. A prisão pertence ao tribunal, seu absoluto senhor. A poesia já se apoderou deste assunto social, eminentemente próprio para impressionar as imaginações, o *condenado à morte*!^[314] A poesia foi

sublime, a prosa não tem outro recurso senão o real; mas o real é bastante terrível para poder lutar com o lirismo. A vida do condenado à morte que não confessou os seus crimes ou os nomes de seus cúmplices fica entregue a horribéis torturas. Não se trata aqui de borzeguins que despedaçam os pés, nem de água que ingurgita o estômago, nem da distensão dos membros por meio de máquinas sinistras; mas de uma tortura dissimulada e por assim dizer negativa. O tribunal entrega o condenado a si próprio e deixa-o às escuras, no silêncio, com um espião de que tem de desconfiar.

Julga a amável filantropia moderna ter adivinhado o atroz suplício do isolamento, e engana-se. Depois da abolição da tortura, os tribunais, no desejo bem natural de tranquilizar as consciências já tão melindrosas dos jurados, tinham adivinhado os terríveis recursos que a solidão presta à justiça contra o remorso. A solidão é o vazio; e a natureza humana tem-na em tanto horror como a natureza física. A solidão só é habitável para o homem de gênio que a enche com as suas ideias, filhas do mundo espiritual, ou para o contemplador das obras divinas que a acha iluminada pela luz do céu, animada pelo bafo e pela voz de Deus. Excetuando esses dois homens, tão vizinhos do paraíso, a solidão está para a tortura como o moral está para o físico. Entre a solidão e a tortura vai toda a diferença que medeia entre a enfermidade nervosa e a enfermidade cirúrgica. É o sofrimento multiplicado pelo infinito. O corpo confina com o infinito pelo sistema nervoso, como o espírito penetra no infinito pelo pensamento. Por isso nos anais do tribunal de Paris podem-se contar os criminosos que não confessam.

Essa sinistra situação, que assume proporções enormes em certos casos, por exemplo, em política, quando se trata de uma dinastia ou do Estado, terá a sua história em *A comédia humana*. Aqui, porém, a descrição da caixa de pedra em que, ao tempo da Restauração, o tribunal guardava o condenado à morte bastará para mostrar o horror dos derradeiros dias de um condenado.

Antes da Revolução de Julho, existia na Conciergerie, e existe ainda, o *quarto do condenado à morte*. Esse quarto, pegado à secretaria, é separado dela por uma grossa parede de pedra de cantaria e flanqueado do outro lado pelo paredão de sete a oito pés de espessura que sustenta

uma boa parte da imensa sala dos Passos Perdidos. Entra-se aí pela primeira porta do extenso corredor sombrio em que o olhar mergulha quando se está no centro da grande sala abobadada da secretaria. Esse quarto sinistro recebe luz de um respiradouro armado de uma grade formidável que mal se vê quando se entra na Conciergerie, porque é aberto no pequeno espaço que fica entre a janela da secretaria, ao lado da grade da portaria, e o alojamento do escrivão da cadeia, que o arquiteto abriu como um armário ao fundo do pátio de entrada. Esta situação explica como esse quarto entalado entre quatro paredes espessas foi ao tempo da restauração da Conciergerie destinado ao seu sinistro e fúnebre uso. Dali qualquer evasão é impossível. O corredor que conduz aos segredos e à seção das mulheres vai desembocar defronte do fogão, onde gendarmes e guardas estão sempre agrupados. O respiradouro, única saída exterior situada a nove pés acima das lajes, abre para o primeiro pátio guardado pelos gendarmes de sentinela à porta externa da Conciergerie. Nenhuma força humana pode atacar as grossas paredes. De resto, o criminoso condenado à morte veste logo a camisola de força que anula, como é sabido, a ação das mãos; depois fica amarrado por um pé à sua cama de campanha; finalmente, tem para o servir e guardar um espião. O chão desse quarto é de grossas pedras, e a luz tão fraca que mal alumia.

É impossível uma pessoa não se sentir enregelada até a medula quando ali entra, ainda hoje, embora o quarto há dezesseis anos esteja vago, em consequência das mudanças introduzidas em Paris na execução das sentenças. Imagine-se o criminoso ali, em companhia dos seus remorsos, no silêncio e nas trevas, duas fontes de horror, e se verá se não é para endoidecer. Que organização aquela cuja têmpera resiste a semelhante regime, que a camisola agrava pela imobilidade e pela inação!

Teodoro Calvi, esse corso que então contava vinte e sete anos, encolhido numa discrição absoluta, resistia, contudo, havia dois meses, à ação da enxovia e à tagarelice capciosa do guarda. Eis o singular processo criminal em que o corso lucrara a sua condenação à morte. Essa análise, conquanto muitíssimo curiosa, será assaz rápida.

É impossível fazer uma longa digressão no desfecho de uma cena já

tão extensa, e que não oferece outro interesse senão aquele que rodeia Jacques Collin, espécie de coluna vertebral que por sua horrível influência liga por assim dizer *O pai Goriot* a *Ilusões perdidas* e *Ilusões perdidas* a este Estudo. A imaginação do leitor desenvolverá este tema obscuro, que naquela ocasião tanto inquietava os jurados da audiência à qual Teodoro Calvi comparecera. Desde o dia em que a segunda instância confirmara a sentença, o sr. de Granville estudava o processo, e de dia para dia protelava a ordem de execução, tal era o seu empenho em tranquilizar os jurados quando pudesse tornar público que o condenado, às portas da morte, havia confessado o seu crime.

XIII – UM SINGULAR PROCESSO CRIMINAL

Uma pobre viúva de Nanterre que vivia isolada numa casa dessa comuna, situada, como é sabido, no meio da estéril planície entre o Mont Valérin, Saint-Germain, as colinas de Sartrouville e de Argenteuil, tinha sido assassinada e roubada dias depois de receber o seu quinhão de uma herança inesperada. Esse quinhão era de três mil francos, uma dúzia de talheres, uma corrente com relógio de ouro e roupa branca. Em vez de pôr o dinheiro a render, como aconselhara o tabelião do falecido negociante de vinhos que deixara a herança, a velha guardara-o consigo. A princípio, vendo-se com uma grande quantia que nunca tivera de sua, cobrara desconfiança de toda a gente em toda a espécie de negócios, como é vulgar no povo e nos campônios. Ao cabo de sérias conferências com um vinhateiro de Nanterre, seu parente e parente do vinhateiro falecido, a viúva resolveu pôr o dinheiro a render-lhe uma pensão vitalícia, vendendo sua casa de Nanterre e indo viver dos seus rendimentos em Saint-Germain.

A casa onde ela morava, com um grande jardim mal vedado, era dessas casas ignóbeis que os pequenos lavradores dos arredores de Paris edificam para si. A argamassa e a alvenaria, muito abundantes em Nanterre, cujo território é coberto de pedreiras exploradas às claras, tinham sido, como geralmente se vê em volta de Paris, empregadas a esmo e sem nenhuma ideia arquitetural. É quase sempre a cabana do selvagem civilizado. A casa constava de loja e primeiro andar, com suas águas-furtadas.

O marido da velha, que era cavouqueiro e que fora o construtor da habitação, pusera sólidas grades de ferro em todas as janelas. A porta de entrada era de uma solidez notável. Bem sabia ele que vivia isolado no meio do campo; e de que campo! Como fornecia pedra aos principais mestres de obras de Paris, tinha trazido os mais importantes materiais de sua casa, construída a quinhentos passos da pedreira, nas suas carroças que voltavam vazias. Nas demolições de Paris escolhia, por ínfimo preço, o que lhe convinha. Assim, janelas, grades, portas e outras obras de madeira provinham de depredações autorizadas, de presentes dos fregueses, e presentes bem escolhidos. Quando tinha de escolher entre dois caixilhos, levava o melhor. A casa, que tinha à frente um grande pátio onde ficavam as cavalariças, era separada do caminho por muros. Uma grade sólida servia de porta. Os cães de guarda ficavam na cavalariça, e um cãozinho passava a noite na casa. Por trás dela havia um jardim de cerca de um hectare.

Enviuvando e não tendo filhos, a mulher do cavouqueiro morava na casa apenas com uma criada. O valor da pedreira vendida chegara para pagar as dívidas do cavouqueiro falecido dois anos antes. Os únicos haveres da viúva ficaram sendo a casa deserta, onde criava galinhas e vacas, indo vender os ovos e o leite em Nanterre. Não tendo mais moço de cavalariça, nem carroceiros, nem cavouqueiros, que o finado fazia trabalhar em tudo, a viúva já não cultivava o jardim e cortava aí as poucas ervas e legumes que nasciam nesse chão ingrato.

Podendo o preço da casa e o dinheiro da herança render uns sete a oito mil francos, a mulher via-se muito feliz em Saint-Germain, com setecentos ou oitocentos francos de renda vitalícia que contava poder tirar dos seus oito mil francos. Já tivera várias conferências com o tabelião de Saint-Germain, pois se recusava a dar seu dinheiro a juros vitalícios ao negociante de vinhos de Nanterre que lho pedia. Em tais circunstâncias, um dia ninguém viu mais a viúva Pigeau e a criada. A grade do pátio, a porta de entrada da casa, as portas das janelas, tudo estava fechado. Ao cabo de três dias, a justiça, informada desse estado de coisas, foi lá dar uma busca. Veio de Paris o sr. Popinot, juiz de instrução, acompanhado do procurador régio, e eis o que se encontrou.

Nem a grade do pátio nem a porta de entrada da casa apresentavam

sinais de arrombamento. A chave estava na fechadura da porta de entrada, do lado de dentro. Nenhum varão de ferro havia sido violado. Fechaduras, portas de janelas, tudo estava intato.

As paredes não ofereciam nenhum sinal que pudesse denunciar a passagem de malfeitores. As chaminés de louça de barro, não oferecendo saída praticável, não podiam ter servido de caminho a ninguém. O telhado não denunciava qualquer vestígio de violação. Penetrando nos quartos do primeiro andar, os magistrados, os gendarmes e Bibi-Lupin encontraram a viúva Pigeau estrangulada no seu leito e a criada estrangulada no dela, com seus lenços de seda usados à noite. Os três mil francos haviam desaparecido, bem como os talheres e as joias. Os dois corpos estavam em putrefação, bem como os do cãozinho e de um grande cão de guarda. As vedações do jardim foram examinadas, e nada estava partido. No jardim, as ruas não ofereciam nenhum vestígio de passagem. Pareceu provável ao juiz de instrução que o assassino tivesse caminhado por cima da grama para não deixar a marca dos pés, se porventura por ali se introduzira; mas como havia podido penetrar na casa? Do lado do jardim, a porta tinha um postigo com três barras de ferro intatas. Também aí a chave estava na fechadura, como na porta de entrada do lado do pátio.

Verificadas essas impossibilidades pelo sr. Popinot, por Bibi-Lupin, que andou lá um dia inteiro em observação, pelo próprio procurador régio e pelo cabo do posto de Nanterre, esse assassinato tornou-se um terrível problema, no qual a polícia e a justiça deviam ficar vencidas.

Este drama, publicado pela *La Gazette des Tribunaux*, verificara-se no inverno de 1828 para 1829. Deus sabe que interesse de curiosidade tal aventura suscitou em Paris; mas Paris, que cada dia tem um novo drama a devorar, tudo esquece. A polícia é que não esquece nada. Três meses depois dessas infrutíferas pesquisas, uma meretriz, que os agentes de Bibi-Lupin traziam de olho pelas suas despesas, e vigiada pelas suas relações com certos gatunos, quis fazer empenhar por uma amiga doze talheres, um relógio e uma corrente de ouro. A amiga não concordou. Isto chegou aos ouvidos de Bibi-Lupin, que se lembrou logo dos objetos roubados em Nanterre. Foram imediatamente avisados todos os agentes do Monte de Socorro, todos os receptadores, e Bibi-Lupin

submeteu Manon Loura a uma espionagem formidável.

Soube-se que Manon era apaixonada por um rapaz que ninguém via, pois passava por ser indiferente a todas as provas de amor da rapariga. Mistério sobre mistério. O rapaz, submetido à atenção dos espões, foi visto e pouco depois reconhecido como sendo um galé evadido, o famoso herói das *vendetas* da Córsega, Teodoro Calvi, dito o Madalena.

Lançaram sobre Teodoro um receptador de duas caras, desses que servem ao mesmo tempo os ladrões e a polícia, e ele prometeu ao rapaz comprar-lhe os talheres, o relógio e a corrente de ouro. No momento em que Teodoro, vestido de mulher, recebia do espadachim do pátio de Saint Guillaume o dinheiro, às dez e meia da noite, a polícia caiu-lhe em cima, deu voz de prisão ao galé e apreendeu os objetos.

O processo foi instaurado sem perda de tempo. Com tão fracos elementos, era impossível chegar a uma condenação capital. Calvi nunca se desmentiu. Jamais se contradisse: alegou que uma camponesa lhe tinha vendido aqueles objetos em Argenteuil, e que, depois de lhos haver comprado, percebera o perigo de possuí-los em virtude da notícia do assassinato cometido em Nanterre. Finalmente, forçado pela miséria a vendê-los, dizia ele, quisera desfazer-se deles por intermédio de uma pessoa não comprometida.

Não se pôde obter mais do grilheta liberto, que pelo seu silêncio e pela sua firmeza soube fazer crer à justiça que era o negociante de vinhos de Nanterre quem havia cometido o crime, e que era a mulher dele quem lhe vendera os objetos. O infeliz parente da viúva Pigeau e sua mulher foram presos; mas, ao cabo de oito dias de detenção e de um inquérito meticoloso, ficou provado que nem o marido nem a mulher haviam saído do seu estabelecimento na época do crime. Por outro lado, Calvi não reconheceu na esposa do negociante de vinhos a mulher que, segundo ele, lhe teria vendido as pratas e as joias.

Como ficou provado que a concubina de Calvi, implicada no processo, havia gasto mil francos desde a época do crime, essa prova pareceu suficiente para fazer sentar no banco dos réus o forçado com a amiga. No seu décimo oitavo assassinato,^[315] pois que pareceu ser ele o autor desse crime tão habilmente cometido, o moço foi condenado à morte. Ele não reconheceu a mulher de Nanterre, mas a mulher e o

marido reconheceram-no a ele. A instrução havia demonstrado, por numerosos depoimentos, a estada de Teodoro em Nanterre durante cerca de um mês, trabalhando como servente de pedreiro, com a cara suja de cal e mal vestido. Todos em Nanterre davam dezoito anos ao rapaz, que devia ter andado um mês a premeditar o crime.

O tribunal desconfiava da existência de cúmplices. Mediu-se a largura das chaminés com o fim de adaptá-la ao corpo de Manon, para ver se ela poderia ter entrado por lá; mas nem uma criança de seis anos cabia nesses tubos de louça que a arquitetura moderna emprega em lugar das vastas chaminés de outrora. Se não fosse esse irritante e singular mistério, já Teodoro estaria executado há uma semana. Como ficou dito, o capelão da cadeia nada havia conseguido.

Este processo e o nome de Calvi tinham escapado à atenção de Jacques Collin, então preocupado pelo seu duelo com Contenson, Corentin e Peyrade. O que então queria Engana-a-Morte era esquecer os “amigos” e tudo o que dizia respeito à justiça. Tremia de qualquer encontro que o pusesse cara a cara com algum camarada que lhe pedisse contas, impossíveis de prestar.

XIV – CHARLOT

O diretor da Conciergerie foi imediatamente ao gabinete do procurador-geral, onde encontrou o primeiro advogado-geral conversando com o sr. de Granville e tendo a ordem de execução na mão. O sr. de Granville, que havia passado toda a noite no palácio de Sérisy, embora moído de fadiga e de mágoa, porquanto os médicos não ousavam ainda afirmar que a condessa voltaria ao seu juízo perfeito, via-se obrigado, por essa execução importante, a conceder algumas horas às suas funções. Tendo conversado um momento com o diretor, o sr. de Granville pediu a ordem que estava com o seu advogado e entregou-a ao diretor.

— Faça-se a execução — disse ele — a não ser que sobrevenham circunstâncias extraordinárias. Confio na sua prudência. Pode-se demorar a montagem do cadafalso até as dez e meia; o senhor tem portanto uma hora. Num dia assim as horas valem séculos, e num século passa-se muita coisa. Não deixe que acreditem numa suspensão.

Se for preciso, façam a *toilette* do condenado, e, se não houver nenhuma revelação, entregue a ordem a Sanson às nove e meia. Ele que espere!

No momento em que o diretor da prisão saía do gabinete do procurador-geral, encontrou debaixo da abóbada da passagem que vai desembocar na galeria o sr. Camusot, que para lá se dirigia. Teve uma conversa rápida com o juiz; e, depois de informá-lo do que se passava na Conciergerie com relação a Jacques Collin, desceu a fazer a acareação de Engana-a-Morte com o Madalena, mas só deixou o suposto eclesiástico falar com o condenado quando Bibi-Lupin, admiravelmente disfarçado de gendarme, ficou substituindo o espião que Vigiava o Jovem corso.

Não se imagina o profundo assombro dos três forçados ao verem um guarda vir chamar Jacques Collin para o levar ao quarto do condenado à morte. Num pulo simultâneo, chegaram-se para a cadeira em que Jacques Collin estava sentado.

— Então é hoje, sr. Julião? — perguntou Fio-de-Seda ao guarda.

— É. Charlot já chegou — respondeu com perfeita indiferença o guarda.

O povo e o mundo das prisões chamam assim ao carrasco. A alcunha data da Revolução de 1789. Este nome impressionou imensamente. Todos os presos olharam uns para os outros.

— Negócio decidido — prosseguiu o guarda. — O senhor diretor já recebeu a ordem de execução, e a sentença acaba de ser lida.

— Visto isso — observou La Pouraille —, o Madalena está com todos os sacramentos! — E respirou profundamente.

— Pobre Teodoro! É um bonito rapaz! — exclamou o Biffon. — Esticar a canela naquela idade... É pena!

Já o guarda se dirigia para a portaria, julgando-se seguido de Jacques Collin; mas o espanhol caminhava devagar, e, quando se viu a dez passos de Julião, pareceu desfalecer e com um gesto pediu o amparo de La Pouraille.

— É um assassino! — disse Napolitas ao padre apontando para La Pouraille e oferecendo-lhe seu braço.

— Para mim é apenas um desgraçado!... — respondeu Engana-a-Morte com a presença de espírito e a unção do arcebispo de Cambraia.

E separou-se de Napolitas, que desde logo lhe havia parecido muito suspeito.

— O rapaz está no caminho do patíbulo, mas eu sou ladino. Vocês vão ver como eu intrigo o procurador-geral. Quero tirar-lhe das unhas aquela cabeça.

— Sim, bem sei — disse Fio-de-Seda, sorrindo.

— Quero ofertar aquela alma ao céu! — disse compungido Jacques Collin, vendo-se rodeado de prisioneiros.

E reuniu-se a guarda na portaria.

— Nós logo vimos, veio cá para salvar o Madalena — disse Fio-de-Seda. — Isto é que é um *dab*!

— Mas como?... Até já chegou a cavalaria... Nem sequer conseguirá falar com ele — retrucou o Biffon.

— O diabo é por ele! — exclamou La Pouraille. — Ora, e dizerem que aquele nos chupou o nosso dinheiro!... com a amizade que tem aos amigos!... e precisando de nós!... Queriam que nós o atraioássemos, mas nós não somos uns tansos. Se ele salva o Madalena, revelo-lhe o meu segredo.

Esta última frase deu em resultado aumentar a dedicação dos três forçados pelo seu deus; porque nesse momento o *dab* tornou-se a sua derradeira esperança.

Apesar do perigo em que se encontrava o Madalena, Jacques Collin não mentiu ao seu papel. Esse homem, que conhecia a Conciergerie tão bem quanto as três galés, enganou-se tão naturalmente no caminho que a todo momento o guarda tinha de lho ensinar, até que chegaram à secretaria. Aí Jacques Collin viu, logo de relance, encostado ao fogão, um homem alto e gordo, de certa distinção no rosto vermelho e comprido, e reconheceu Sanson.

— É o senhor capelão? — disse ele, encaminhando-se para ele com afabilidade.

Este erro foi tão terrível que enregelou os espectadores.

— Não, senhor — respondeu Sanson —, as minhas funções são outras.

Sanson, pai do último executor deste nome, pois foi demitido recentemente, era filho daquele que executou Luís XVI.

Ao cabo de quatrocentos anos de exercício de tal cargo, o herdeiro de tantos algozes tentara repudiar esse fardo hereditário. Os Sanson, carrascos em Rouen durante dois séculos, antes de serem investidos no primeiro cargo do reino, executavam de pai para filho as sentenças capitais desde o século XIII. Existem poucas famílias que possam oferecer o exemplo de um ofício ou de uma nobreza conservada de pai para filho durante seis séculos. No momento em que esse moço, já capitão de cavalaria, se via no ponto de seguir uma bela carreira militar, o pai exigiu que ele o fosse ajudar na execução do rei. Depois fez dele seu imediato, quando em 1793 houve dois cadafalsos permanentes, um na barrière du Trône, outro na Place de Grève. Com uns sessenta anos àquele tempo, o terrível funcionário fazia-se notar por um excelente porte, por suas maneiras brandas e pautadas e por um grande desprezo por Bibi-Lupin e seus acólitos, os fornecedores da máquina. O único indício que naquele homem traía o sangue dos velhos carrascos da Idade Média era uma largura e espessura formidável nas mãos. Bastante instruído, muito afeiçoado à sua qualidade de cidadão e de eleitor, apaixonado, dizem, pela jardinagem, esse homem alto e gordo, falando baixo, de modos pacatos, muito calado, de frente ampla e calva, parecia muito mais um membro da aristocracia inglesa do que um verdugo. Era natural, pois, que um cônego espanhol cometesse o erro voluntariamente cometido por Jacques Collin.

— Não é um grilheta — disse o chefe dos guardas ao diretor.

“É o que eu também começo a crer”, pensou o diretor, fazendo um aceno de cabeça ao seu interlocutor.

XV – A CONFISSÃO

Jacques Collin foi introduzido na espécie de caverna onde Teodoro Calvi, com a sua camisola de força, estava sentado na beirada da horrível cama de campanha daquele cubículo. Engana-a-Morte, momentaneamente alumiado pela claridade do corredor, reconheceu logo Bibi-Lupin no gendarme que estava em pé, apoiado no seu sabre.

— *Io sono Gaba-Morto! Parla nostro italiano* — disse vivamente Jacques Collin. — *Vengo ti salvar.*^[316] (Eu sou Engana-a-Morte! Falemos italiano. Venho salvar-te.)

Tudo o que os dois amigos iam dizer havia de ficar ininteligível para o falso gendarme, e, como Bibi-Lupin simulava estar guardando o prisioneiro, não podia abandonar o seu posto. Por isso é indescritível a raiva que assaltou o chefe da polícia de segurança.

Teodoro Calvi, moço descorado e moreno, de cabelo louro, olhos encovados e de um azul turvo, muito bem-proporcionado, de uma prodigiosa força muscular escondida sob a aparência linfática que por vezes apresentam os meridionais, possuiria traços encantadores se não fossem as sobrancelhas arqueadas, a fronte deprimida, que lhe davam qualquer coisa de sinistro, os beiços vermelhos de uma crueldade selvagem e um movimento de músculos que denota a faculdade de irritação peculiar aos corsos, e que os torna tão prontos para o assassinato numa disputa súbita.

Transido de espanto ao ouvir aquela voz, Teodoro ergueu bruscamente a cabeça, crendo em alguma alucinação; mas, como estava familiarizado pelo hábito de dois meses com a profunda escuridão daquela caixa de pedra de cantaria, olhou para o fingido eclesiástico e suspirou profundamente. Não reconheceu Jacques Collin, cujo rosto demudado pela ação do ácido sulfúrico não lhe parecia ser o do seu *dab*.

— Sou efetivamente o teu Jacques, vestido de padre, e venho salvar-te. Não caias na asneira de me reconhecer, e finge que te confessas.

Isto foi dito com rapidez.

— Este jovem está muito abatido com o medo de morrer, e vai confessar tudo — disse Jacques Collin ao gendarme.

— Dize-me alguma coisa que me prove que tu és ele, porque só te reconheço pela voz.

— O pobre desgraçado está me dizendo que não tem culpa nenhuma — tornou Jacques Collin, dirigindo-se ao gendarme. Bibi-Lupin não se atreveu a falar, com medo de ser reconhecido.

— *Sempre mi!* — disse Jacques Collin voltando a Teodoro e segredando-lhe essa palavra convencional.

— *Sempre ti!* — voltou o rapaz, dando a resposta da senha. — É efetivamente o meu *dab*.

— Foste tu que praticaste o crime?

— Fui.

— Conta-me tudo para eu ver o que poderei fazer para te salvar. Não é sem tempo, pois já está aqui o carrasco.

Imediatamente o corso ajoelhou como para se confessar. Bibi-Lupin não sabia o que fazer, pois aquela conversa foi tão rápida que mal consumiu o tempo que se gasta para lê-la. Teodoro contou prontamente as circunstâncias conhecidas do seu crime, e que Jacques Collin ignorava.

— Os jurados condenaram-me sem provas — disse ele terminando.

— Criança, tu discutes quando te vão cortar o cabelo!...

— Mas eu podia muito bem ter sido somente encarregado de pôr as joias no prego! Aí está como se julga em Paris!...

— Mas como fizeste a coisa? — perguntou Engana-a-Morte.

— Depois que te perdi de vista, fiz conhecimento com uma rapariga da minha terra que encontrei em Paris.

— Os homens que caem na tolice de amar uma mulher — exclamou Jacques Collin — acabam sempre assim!... São uns tigres em liberdade, uns tigres que dão à língua e que se miram em espelhos... Não tiveste juízo!

— Mas...

— De que te serviu essa maldita pécora?

— Coitadinha! Tão fina como uma enguia, ágil como um macaco, foi ela que se introduziu pela chaminé do forno e me abriu a porta da casa. Os cães já haviam sido envenenados. “Esfriei” as duas mulheres, e, depois de embolsar o dinheiro, a Ginetta tornou a fechar a porta e saiu pela chaminé.

— Uma invenção dessas merece a vida — disse Jacques Collin admirando o método usado no crime, como um escultor admira o modelo de uma estátua.

— Cometi a tolice de empregar tanto talento por três mil francos!...

— Não. Por uma mulher! — respondeu Jacques Collin. — Bem te dizia eu que as mulheres nos fazem perder a inteligência!...

E Jacques Collin lançou a Teodoro um olhar flamejante de desdém.

— Não mais estavas lá — tornou o corso —, eu me vi ao desamparo.

— E gostas da rapariga? — indagou Jacques Collin, sensível ao

reproche que essa resposta continha.

— Oh! Agora, se tenho vontade de viver, é mais por ti do que por ela.

— Sossega! Não é sem motivo que eu me chamo Engana-a-Morte. Tomo-te à minha conta!

— O quê! Viver!... — exclamou o jovem corso, levantando os braços manietados para a abóbada úmida da masmorra.

— Prepara-te para ires por toda a vida para a grilheta — tornou Jacques Collin. — Conta com isso, bem deves supor que não te vão coroar de rosas! Se eles nos mandaram para Rochefort, é porque queriam descartar-se de nós. Mas eu farei com que te mandem para Toulon, tu fugirás e voltarás para Paris, onde te arranjarei uma vidinha bem regalada...

Um suspiro exalado pela felicidade da libertação, suspiro que raramente terá ecoado debaixo daquelas abóbadas lôbregas, veio ferir os ouvidos do estupefato Bibi-Lupin.

— É o efeito da absolvição que acabo de lhe prometer por causa das suas revelações — disse Jacques Collin ao chefe da polícia de segurança. — Estes corsos, senhor gendarme, são cheios de fé. Mas este é inocente como o Menino Jesus, e eu vou tentar salvá-lo.

— Deus esteja convosco, senhor padre!... — disse Teodoro em francês.

Engana-a-Morte, mais Carlos Herrera, mais cônego que nunca, saiu do quarto do condenado, correu para o corredor e fingiu-se horrorizado ao apresentar-se ao diretor da cadeia.

— Senhor diretor, esse rapaz é inocente e revelou-me o nome do culpado!... Ia morrer por um falso melindre... É um corso, enfim. Peça cinco minutos de audiência para mim ao senhor procurador-geral. O sr. de Granville não se recusará a ouvir imediatamente um padre espanhol que tanto está sofrendo com os erros da justiça francesa!

— Vou já — respondeu o diretor, com grande admiração de todos os espectadores dessa extraordinária cena.

— Mas, entretanto — tornou Jacques Collin —, faça-me conduzir de novo àquele pátio em que estive, para concluir a conversão de um criminoso que lá deixei já bem impressionado... Estes homens também têm coração!

Esta allocução causou alvoroço entre todas as pessoas presentes. Os gendarmes, o escrivão, o carrasco e seu ajudante, os guardas, todos quantos aguardavam a ordem para se montar a guilhotina, e que são refratários a emoções, ficaram agitados por uma curiosidade fácil de conceber.

XVI – EM QUE A SRTA. COLLIN ENTRA EM CENA

Nesse momento ouviu-se o ruído de uma carruagem de cavalos finos que parava à porta da Conciergerie, no cais, de um modo significativo. Aberta a portinhola, o estribo foi descido com tamanha rapidez que todos acreditaram na chegada de alguma alta personagem. Imediatamente uma dama, agitando um papel azul, se apresentou, seguida de um laçao, à portaria. Toda vestida de preto e com magnificência, chapéu coberto por um véu, enxugava as lágrimas com um grande lenço bordado.

Jacques Collin reconheceu logo Ásia, ou, para restituir seu verdadeiro nome a essa mulher, sua tia Jacqueline Collin. A horrenda velha, digna do sobrinho, cujos pensamentos estavam todos concentrados no prisioneiro, e que o defendia com uma inteligência, uma perspicácia pelo menos iguais às da justiça, trazia uma licença, dada na véspera em nome da criada de quarto da duquesa de Maufrigneuse, a pedido do sr. de Sérisy, para falar com Luciano e com o padre Carlos Herrera, logo que ele saísse do segredo, e na qual o chefe de divisão encarregado das prisões havia escrito algumas palavras. O papel já na cor implicava altas recomendações; porque aquelas licenças, como os convites nos teatros, diferem de forma e de aspecto.

O chaveiro abriu logo a porta, tanto mais ao ver aquele batedor emplumado, cujo uniforme verde e ouro, brilhante como o de um general russo, anunciava uma visitante aristocrática e um brasão quase régio.

— Ai, meu querido padre! — exclamou a fingida fidalga, derramando uma torrente de lágrimas ao ver o eclesiástico. — Como foi possível porem aqui um tão santo homem, ainda que por um momento?

O diretor pegou na licença e leu: *Recomendado pelo sr. conde de Sérisy.*

— Ah, sra. marquesa de San-Esteban! Que formosa dedicação a sua!

— disse Carlos Herrera.

— Minha senhora, não é permitido comunicar assim — observou o diretor.

E ele mesmo conteve na passagem aquele montão de sedas e de rendas.

— Mas a uma tal distância — retrucou Jacques Collin — e diante de todos?... — acrescentou ele, circunvagando o olhar pelo grupo.

A tia, cujo vestuário era de assombrar empregados, diretor, guardas e gendarmes, tresandava a almíscar. Ela trazia, além de rendas no valor de três mil francos, um *cashmere* de seis mil francos. Finalmente o batedor se pavoneava no pátio da Conciergerie com a insolência de um laçao que sabe que é indispensável a uma princesa exigente. Não falava ao laçao parado junto à grade do cais, sempre aberta durante o dia.

— Que queres tu? Que devo fazer? — perguntou a sra. de San-Esteban na linguagem convencionada entre tia e sobrinho.

Consistia essa linguagem em acrescentar terminações em *ar* ou em *or*, em *al* ou em *i*, desfigurando assim as palavras tanto da língua comum como da gíria, tornando-as mais compridas. Era uma espécie de cifra diplomática aplicada à língua.

— Põe todas as cartas em lugar seguro, pega nas mais comprometedoras para as fidalgas, volta aqui muito mal vestida e fica na sala dos Passos Perdidos à espera das minhas ordens.

Ásia ou Jacqueline ajoelhou como para receber a bênção, e o falso abade abençoou sua tia com unção evangélica.

— *Addio, marchesa!* — disse ele em voz alta. E acrescentou na sua linguagem convencional: — Procura Europa e Paccard com os setecentos e cinquenta mil francos que bifaram, porque nos são precisos.

— Paccard está ali — respondeu a piedosa marquesa mostrando o batedor com lágrimas nos olhos.

Aquela rapidez de compreensão arrancou não só um sorriso mas ainda um movimento de surpresa àquele homem a quem somente sua tia podia causar espanto. A falsa marquesa voltou-se para as testemunhas daquela cena, como mulher que está habituada a fazer figura.

— Coitado! Está aflito por não poder ir às exéquias de seu filho — disse ela em mau francês —, já que este horrível engano da justiça fez conhecer o segredo do santo homem! Eu vou daqui para a missa mortuária. Tome, senhor — disse ela ao sr. Gault, dando-lhe uma bolsa cheia de ouro —, aceite isto para aliviar os pobres prisioneiros.

— Que luxo! — disse-lhe ao ouvido o sobrinho satisfeito.

Jacques Collin seguiu o guarda que o conduzia ao pátio.

Bibi-Lupin, desesperado, conseguiu afinal chamar um verdadeiro gendarme a quem desde a partida de Jacques Collin dirigia significativos “hem! hem!” e que o foi render no quarto do condenado. Mas o inimigo de Engana-a-Morte não pôde chegar a tempo de ver a grande dama, que desapareceu na sua carruagem de espanto, e cuja voz, conquanto disfarçada, trazia a seus ouvidos uns sons suspeitos.

— Trezentos francos para os presos!... — dizia o chefe dos guardas mostrando a Bibi-Lupin a bolsa, que o diretor tinha entregado ao escrivão.

— Deixe ver, sr. Jacomety — disse Bibi-Lupin.

O chefe da polícia secreta tomou a bolsa, despejou-a na mão e examinou atentamente o ouro.

— É ouro legítimo... — disse ele. — E a bolsa tem brasão de armas! Ah, que patife! Não lhe escapa nada! É um finório! A cada momento nos bigodeia. Merecia que o abatessem a tiros como um cão.

— Que há? — perguntou o escrivão, recebendo a bolsa.

— O que há é que essa mulher deve ser *uma ladra*! — exclamou Bibi-Lupin com raiva, batendo o pé nas lajes.

Estas palavras produziram viva sensação entre os espectadores, agrupados a certa distância do sr. Sanson, sempre em pé e de costas para o fogão no meio da vasta sala de abóbada, aguardando a ordem de vestir o criminoso e de montar o patíbulo.

XVII – UMA SEDUÇÃO

De volta ao pátio, Jacques Collin dirigiu-se para os “amigos” com o andar que devia ter um frequentador do local.

— Que tens tu às costas? — perguntou ele a La Pouraille.

— Eu cá estou pronto — respondeu o assassino, que Jacques Collin

tinha levado para um canto. — O que agora preciso é um *amigo seguro*.

— Para quê? Depois de contar todos os seus crimes ao chefe, mas em gíria, La Pouraille explicou-lhe por miúdo o assassinato e o roubo cometidos em casa dos esposos Crottat.

— Tens a minha estima — disse-lhe Jacques Collin. — Foi bom trabalho. Mas pareces-me culpado de um erro.

— Qual?

— Feita a coisa, devias arranjar um passaporte russo, disfarçar-te de príncipe russo, comprar uma bela carruagem com brasão, ir afoitamente depositar o dinheiro numa casa bancária, pedir uma carta de crédito para Hamburgo, meter-te na mala-posta com um criado, uma criada e a sua amiga vestida de princesa e de Hamburgo embarcar para o México. Com duzentos e oitenta mil francos em ouro, um sujeito de espírito deve fazer o que quiser e ir para onde lhe apetercer, meu palerma!

— Isso é bom para ti, que és o *dab*; nunca perdes a cabeça. Mas eu...

— Enfim, na tua posição, um bom conselho serve-te tanto quanto um caldo a um defunto — tornou Jacques Collin, lançando um olhar fascinador ao camarada.

— É verdade — disse com ar de dúvida o facínora. — Mas dá-me o teu caldo. Se me não sustentar, sempre me servirá para lavar os pés.

— Foste pego pela justiça, com cinco roubos com agravantes, três homicídios, sendo que o mais recente é de dois burgueses ricos... Os jurados não gostam que se matem burgueses... Cortam-te o gasnete, não tens a mínima esperança.

— É o que todos me dizem — disse desconsolado La Pouraille.

— Minha tia Jacqueline, que esteve agora mesmo falando comigo na secretaria, à vista de todos, e que é uma finória, como sabes, disse-me que a justiça quer desfazer-se de ti, tal o medo que lhe inspiras.

— Mas se eu agora estou rico — disse La Pouraille com uma ingenuidade que prova quanto os ladrões estão compenetrados do *direito natural* de roubar — que receia de mim a justiça?

— Não temos tempo para filosofar — disse Jacques Collin. — Voltemos à sua situação...

— Que queres de mim? — perguntou o celerado interrompendo o

dab.

— Vais ver. Um cão morto ainda serve para alguma coisa.

— Serve para os outros.

— Tomo-te à minha conta — disse Jacques Collin.

— Já é alguma coisa! E depois?

— Não te pergunto onde tens o dinheiro, mas o que queres fazer com ele.

La Pouraille fitou os olhos impenetráveis do *dab*, que continuou friamente:

— Gostas de alguma fêmea? Tens algum filho ou algum camarada que desejes proteger? Dentro de uma hora estou na rua, e posso fazer tudo em benefício daqueles a quem queres bem.

O criminoso ainda hesitava. Jacques Collin apresentou então um último argumento:

— O teu quinhão no nosso cofre é de trinta mil francos; queres dá-lo a alguém? O teu quinhão está em segurança, posso ainda hoje entregá-lo a quem quiseses.

O assassino deixou escapar um movimento de prazer.

“Estás na unha!”, disse consigo Jacques Collin.

— Mas deixemo-nos de fantasias, reflete, anda! — continuou ele, falando ao ouvido de La Pouraille. — Não temos nem dez minutos ao nosso dispor, meu velho... Daqui a pouco o procurador-geral manda-me chamar, pois vou ter uma conferência com ele. O procurador é meu, e posso torcer o pescoço à justiça. Estou certo de salvar o Madalena.

— Se salvares o Madalena, meu bom *dab*, podes me...

— Não percamos tempo com palavras — disse Jacques Collin secamente. — Faze testamento.

— Pois eu queria dar o dinheiro à Gonore — respondeu La Pouraille com ar de desconsolo.

— Boa!... Tu vives com a viúva de Moisés, esse judeu que andava na pista dos vagabundos do Sul? — inquiriu Jacques Collin.

Como os grandes generais, Engana-a-Morte conhecia admiravelmente bem o pessoal de todas as tropas.

— Justamente — respondeu La Pouraille, muito lisonjeado.

— Bonita mulher! — disse Jacques Collin, que era perito em manear

aquelas máquinas terríveis. — A pécora é fina! Tem grandes conhecimentos e muita probidade! É uma ladra perfeita! Com que, então, foste criar forças com a Gonore? É preciso ser parvo para deixar cortar o gasnete com uma amiga assim. O que devias ter feito era estabelecer um comérciozinho qualquer e ir vivendo. E ela em que se ocupa?

— Ela está estabelecida na Rue Sainte-Barbe, dirigindo uma casa...

— Queres então que seja tua herdeira? Aí tens tu, filho, aonde nos conduzem esses estafermos quando caímos na tolice de amá-los.

— Pois sim; mas não lhe dê nada senão depois que eu for executado.

— Será feito — disse Jacques Collin muito sério. — E para os camaradas, nada?

— Não, que me traíram — respondeu com ódio o assassino.

— Quem te vendeu? Queres que te vingue? — perguntou vivamente Jacques Collin, querendo despertar o derradeiro sentimento capaz de fazer vibrar aqueles corações no momento supremo. — Quem sabe, camarada, se eu, vingando-te, não poderia reconciliar-te com a justiça?

O assassino olhou para o *dab* com um ar de felicidade ingênua.

— Mas olha que agora — respondeu o *dab* a esse jogo expressivo de fisionomia — eu não estou aqui senão para acudir a Teodoro. Depois de vencer esta batalha, sim, sou capaz de tudo para valer a um amigo como tu.

— Basta que te veja fazer adiar a execução do pobre rapaz para eu fazer tudo quanto quiseses.

— Isso já está conseguido, tenho certeza de arrancar aquela cabeça ao gume da guilhotina. Meu caro, quem quiser salvar-se tem de dar a mão aos outros... Sozinho ninguém faz nada.

— É verdade — concordou o assassino.

XVIII – ÚLTIMA ENCARNAÇÃO

Tão bem estabelecida estava a confiança que La Pouraille, tomado de fanatismo pelo *dab*, não mais hesitou e entregou o segredo dos seus cúmplices, até ali tão bem guardado. Era tudo quanto Jacques Collin queria saber.

— No negócio, iam de sociedade comigo Godet e Ruffard, agente de Bibi-Lupin...

— Arrachelaine? — disse Jacques Collin dando a Ruffard seu nome de ladrão.

— Exatamente. Os patifes venderam-me, porque eu sabia do esconderijo deles e eles não sabiam do meu.

— Tu prestas-me um grande serviço, filho — disse Jacques Collin.

— Como?

— Aí tens — respondeu o *dab* — o que se lucra depositando confiança em mim. Agora a tua vingança é um ponto da partida que eu estou jogando!... Não te peço que me indiques o teu esconderijo, porque tu mo dirás à última hora; mas dize-me tudo o que se refere a Ruffard e a Godet.

— Tu és e serás sempre o nosso *dab*, não tenho segredos para ti — replicou La Pouraille. — O meu dinheiro está no subterrâneo da casa da Gonore.

— E não desconfias da mulher?

— Ela nada sabe dos meus negócios pouco limpos — volveu o facínora. — Embriaguei-a, conquanto ela seja incapaz de me trair, ainda que lhe ponham a faca ao pescoço. Mas era dinheiro demais!

— Sim, é coisa capaz de transtornar a consciência mais pura! — comentou Jacques Collin.

— Trabalhei portanto sem nenhum lúzio em cima de mim. Estava tudo dormindo. O dinheiro está enterrado a três pés de profundidade, atrás das garrafas de vinho. Por cima pus uma camada de cascalho e argamassa.

— Bom! — fez Jacques Collin. — E os esconderijos dos outros?

— Ruffard tem seu pecúlio em casa da Gonore, no quarto da pobre mulher, para tê-la assim segura como receptora, sob ameaça de ir acabar os seus dias em Saint-Lazaire.

— Que patife! Da polícia sai cada ladrão! — disse Jacques.

— Godet guardou o seu em casa da irmã, engomadeira, moça honesta que pode apanhar os seus cinco anos de cadeia sem saber por quê. O maroto meteu o busilhão debaixo do soalho e safou-se.

— Sabe o que eu quero de ti? — disse então Jacques Collin, dirigindo

a La Pouraille um olhar magnético.

— Que é?

— Que assumas a responsabilidade do crime do Madalena...

La Pouraille teve um estremecimento singular, porém voltou prontamente à atitude de obediência sob o olhar fixo do *dab*.

— Já estás tu a recalcitrar e a querer saber mais do que eu. Ora, quatro assassinatos ou três não é a mesma coisa?

— Talvez.

— Com a breca! Então não tens sangue nas veias. E eu que pensava em te salvar!...

— Mas como?

— Imbecil! Prometendo restituir o dinheiro à família, contentam-se com mandar-te para as galés. Se eles tivessem o dinheiro nas mãos, eu não dava um caracol pela tua pele; mas neste momento, imbecil, vales setecentos mil francos!

— Oh, *dab, dab*! — exclamou La Pouraille no auge da ventura.

— Não contando — prosseguiu Jacques Collin — que atiramos os assassinatos para as costas de Ruffard. Desta vez Bibi-Lupin fica arrasado... Está nas minhas mãos!

La Pouraille ficou estupefato com aquela ideia, arregalou os olhos, tomou uma postura de estátua. Preso havia três meses, em vésperas de comparecer perante o júri, aconselhado por seus amigos de La Force, aos quais não tinha falado dos cúmplices, andava tão desesperançado de tudo que tal plano escapara a todas aquelas inteligências mais ou menos brancas. Por isso aquele vislumbre de esperança o tornou quase imbecil.

— Ruffard e Godet já têm feito tomar ar às moedinhas de ouro? Já se terão metido em pândegas? — perguntou Jacques Collin.

— Não se atrevem — respondeu La Pouraille. — Os patifes estão à espera de que me cortem o pescoço. Foi o que a minha rapariga me mandou dizer pela Biffe, quando ela veio ver o Biffon.

— Bem. Dentro de vinte e quatro horas, temos o dinheiro na mão — disse Jacques Collin. — Os patifes não poderão restituir como tu, de maneira que ficas imaculado como um arminho e eles se verão cobertos de vergonha. Por minha intercessão, transformas-te num pobre rapaz

desencaminhado por eles. O teu quinhão do tesouro comum me servirá para te defender nos outros processos, e assim que estiveres nas galés, pois para lá voltas, tratarás de fugir. É má vida, mas enfim é ainda a vida.

Os olhos de La Pouraille denunciavam um delírio interior.

— Com setecentos mil francos, meu velho, faz-se muita coisa — dizia Jacques Collin, embebedando de esperança o camarada.

— Ah, *dab*, *dab*!

— Atordoarei o ministro da Justiça; Ruffard estatela-se é um traste para se demolir! Quanto a Bibi-Lupin, está frito!

— Pois está dito! — exclamou La Pouraille com uma alegria selvagem. — Ordenas e serás obedecido.

E apertou Jacques Collin nos braços, com os olhos arrasados de lágrimas de puro gozo, convencido como estava de poder salvar a cabeça.

— Outra coisa — disse Jacques Collin. — A justiça é insaciável, principalmente quando lhe aparecem revelações de circunstâncias novas em processo. Trata-se agora de acusar falsamente uma mulher.

— E como? Para quê? — perguntou o assassino.

— Vais ver. Ajuda-me! — disse Engana-a-Morte.

E revelou sucintamente ao camarada o segredo do crime cometido em Nanterre, mostrando-lhe a necessidade de haver uma mulher que consentisse em fazer o papel da Ginetta. Dirigiu-se depois para o Biffon com La Pouraille, muito alegre.

— Eu sei que tu gostas da Biffe... — começou ele.

O olhar do Biffon traduziu um poema horrível.

— Que fará ela enquanto tu estiveres na grilheta?

Uma lágrima bailou nos olhos ferozes do Biffon.

— Que dizes se eu a catrafilasse na cadeia durante um ano, o tempo de seres julgado, de partires e de te pores ao fresco?

— Não podes fazer esse milagre, porque ela é inocente — observou o amante da Biffe.

— Ó filho! O *dab* pode mais que Deus! — disse La Pouraille.

— Qual é a tua senha com ela? — perguntou Jacques Collin ao Biffon com o aprumo de um senhor que está certo da anuência.

— *Noite em Paris*. Com estas palavras, ela sabe que vêm da minha

parte, e para ela te obedecer mostra-lhe uma moeda de cinco francos, dizendo: *Tondif!*

— Ela vai ser condenada como cúmplice de La Pouraille e agraciada pelas revelações que irá fazer, depois de estar um ano à sombra — disse sentenciosamente Jacques Collin olhando para La Pouraille.

La Pouraille compreendeu o plano de seu *dab* e num lance de olhos prometeu-lhe catequizar o Biffon a colaborar, obtendo da Biffe aquela fingida cumplicidade no crime que ele ia tomar a seu cargo.

— Adeus, filhos. Vocês verão que salvei o meu pequeno das unhas do Charlot — disse Engana-a-Morte. — É sim, Charlot já estava na secretaria com os ajudantes para fazer a *toilette* ao Madalena. Aí me vêm chamar da parte do procurador-geral.

Com efeito, um guarda vindo da portaria fez sinal àquele homem extraordinário, a quem o perigo do jovem corso restituíra a selvagem pujança com que tão bem sabia lutar contra a sociedade.

Não será fora de propósito fazer notar que, ao ser-lhe arrebatado o corpo de Luciano, Jacques Collin tomara a resolução suprema de tentar uma última encarnação, mas desta vez numa coisa, e não numa criatura. Tomara enfim a decisão fatal que Napoleão tomou na chalupa que o conduziu para o *Bellérophon*.^[317] Por um extravagante concurso de circunstâncias, tudo ajudou na sua empresa aquele gênio do mal e da corrupção.

Assim, ainda quando o desenlace inesperado dessa vida criminosa perdesse um pouco desse maravilhoso que em nossos dias não se obtém senão à força de inverossimilhanças inaceitáveis, é preciso, antes de entrarmos com Jacques Collin no gabinete do procurador-geral, acompanhar a sra. Camusot à casa das pessoas aonde ela foi, enquanto todos aqueles acontecimentos se verificavam na Conciergerie. Uma das obrigações a que o historiador de costumes nunca deve faltar é a de não estragar a verdade com arranjos aparentemente dramáticos, sobretudo quando a verdade já de si é romanesca. A natureza social, mormente em Paris, comporta acasos tais e tais emaranhamentos de conjecturas tão caprichosas que a cada passo é sobrepujada a imaginação dos inventores. A audácia da verdade eleva-se a combinações vedadas à arte, tão inverossímeis ou pouco decentes elas se apresentam, a não ser que

o escritor as abrande ou mutile.

XIX – PRIMEIRA VISITA DA SRA. CAMUSOT

A sra. Camusot tratou de vestir-se com bom gosto, empresa difícil para a mulher de um juiz que, durante seis anos ininterruptos, morara na província. Tratava-se de não correr o risco de ser criticada nem em casa da marquesa d'Espard nem em casa da duquesa de Maufrigneuse, indo procurá-las das oito para as nove horas da manhã. Amélia Cecília Camusot, apesar de pertencer propriamente à família Thirion, apressemo-nos em dizê-lo, só o conseguiu pela metade. Não será isto, em matéria de *toilette*, errar duas vezes?

Não se calcula de que utilidade são as mulheres de Paris para os ambiciosos de toda a casta; são tão necessárias na alta-roda como no mundo dos ladrões, onde, como acabamos de ver, desempenham papel importante. Suponha-se um homem obrigado a falar dentro de certo prazo, sob pena de ficar para trás na arena, com essa figura, imensa ao tempo da Restauração, que se chama ministro da Justiça. Tome-se um homem nas condições mais favoráveis, um juiz, isto é, um familiar da casa. O magistrado tem de ir procurar um chefe de divisão, ou o secretário-geral, ou o secretário particular, e de lhes provar a necessidade de obter uma audiência imediata. E quando é que um ministro da Justiça está visível de momento? Ao meio-dia, se não está na Câmara, acha-se no conselho de ministros, ou está a despachar, ou a dar audiência. Pela manhã dorme, ninguém sabe onde. À noite, tem suas obrigações públicas e pessoais. Se todos os juízes pudessem reclamar minutos de audiência, sob qualquer pretexto, o chefe da justiça seria assaltado. O objeto da audiência, particular, imediata, é pois submetido à apreciação de uma dessas potências intermediárias que se tornam um obstáculo, uma porta por abrir, quando ela não está já ocupada por algum competidor. Mas uma mulher vai procurar outra mulher; ela sim, pode entrar no quarto de dormir imediatamente, despertando a curiosidade da ama ou da criada, máxime quando a ama se encontra sob o aguilhão de um grande interesse ou de uma necessidade premente. Suponha-se que essa potência feminina é a marquesa d'Espard, de quem um ministro dependia; essa mulher

escreve um bilhete perfumado que o seu criado vai levar ao criado do ministro. O ministro é apanhado pelo bilhete no momento de acordar e imediatamente o lê. Se o ministro tem negócios, o homem fica encantado por ter de fazer uma visita a uma das rainhas de Paris, uma potência do Faubourg Saint-Germain, uma das favoritas de qualquer princesa ou do rei. Casimir Perier,^[318] o único primeiro-ministro verdadeiro que a Revolução de Julho teve, largava tudo para ir à casa de um antigo primeiro gentil-homem da Câmara do rei Carlos x.

Esta teoria explica o poder das seguintes palavras, ditas à marquesa d'Espard pela sua criada, que a supunha acordada:

— Senhora marquesa, está aí a sra. Camusot por causa de um negócio que a senhora marquesa sabe.

E a marquesa mandou logo entrar Amélia. A mulher do juiz foi ouvida com bom modo, quando começou por estas palavras:

— Senhora marquesa, estamos perdidos por a termos vingado...

— O quê, menina?... — respondeu a marquesa, examinando a sra. Camusot na penumbra da porta entreaberta. — Como vem linda hoje com esse chapeuzinho! Onde foi descobrir o modelo?

— São favores da senhora marquesa... Mas já sabe a senhora que a maneira pela qual Camusot interrogou Luciano de Rubempré levou o rapaz ao desespero, e que ele se enforcou na prisão...

— Que será agora da sra. de Sérisy? — disse a marquesa fingindo-se ingênua para lhe contarem tudo de novo.

— Dizem que está doida... — tornou Amélia. — Se a senhora pudesse obter do ministro que mandasse chamar meu marido ao tribunal por um correio, o ministro ficaria sabendo de estranhos mistérios para contar ao rei... E então os inimigos de Camusot seriam reduzidos ao silêncio.

— Quem são os inimigos de Camusot? — indagou a marquesa.

— O procurador-geral e agora o sr. de Sérisy...

— Basta, filha — replicou a sra. d'Espard, que devia aos srs. de Granville e de Sérisy sua derrota no ignóbil processo intentado por ela para interditar o marido. — Eu a defenderei. Nunca esqueço os meus amigos nem os meus inimigos.

Chamou a criada, mandou abrir as cortinas, a claridade entrou a

flux; pediu sua banca e a criada a trouxe. A marquesa rabiscou rapidamente um bilheteinho.

— Que Godard monte a cavalo e leve este bilhete à chancelaria; não tem resposta — disse ela à criada.

A criada saiu, mas, apesar da ordem recebida, ficou um bocado escutando à porta.

— Então há grandes mistérios? — perguntou a sra. d'Espard. — Conte lá isso, menina. Clotilde de Grandlieu não anda envolvida no caso?

— A senhora marquesa saberá tudo pelo ministro, pois meu marido não me contou nada; só me avisou do perigo. Para nós, mais valia que a sra. de Sérisy morresse do que ficasse louca.

— Pobre mulher! Mas ela já não era louca?

As mulheres da grande roda, nas suas cem maneiras de pronunciar a mesma frase, demonstram aos observadores atentos a infinita extensão dos tons da música. A alma passa toda inteira na voz como no olhar, imprime-se na luz como no ar, elementos que se relacionam com os olhos e com a laringe. Na acentuação daquelas duas palavras *pobre mulher!* a marquesa deixou adivinhar o gozo do ódio satisfeito, a alegria do triunfo. Quantas desgraças não desejava ela à protetora de Luciano! A vingança que sobrevive à morte do objeto odiado, e que nunca se dá por saciada, causa um sombrio terror. Por isso a sra. Camusot, a despeito da sua natureza ferrenha, rancorosa e birrenta, viu-se aturdida; e, como não acertasse com a resposta, preferiu calar-se.

— Diana contou-me, com efeito, que Leontina tinha ido à prisão — prosseguiu a sra. d'Espard. — A querida duquesa está aflita com esse escândalo, porque tem a fraqueza de ser muito amiga da sra. de Sérisy, mas percebe-se bem a razão: adoraram o idiota do Luciano quase ao mesmo tempo, e nada une ou desune mais duas mulheres do que fazerem suas devoções no mesmo altar. Passou ontem duas horas no quarto de Leontina. Parece que a pobre condessa diz coisas horrorosas; afiançaram-me que mete nojo! Uma senhora da boa roda não devia estar sujeita a semelhantes acessos. Horrível! Trata-se de uma paixão puramente física. A duquesa veio aqui pálida como uma defunta. Que coragem ela teve! Há neste negócio coisas monstruosas...

— Meu marido contará tudo ao ministro para se justificar, pois queriam salvar Luciano, e ele, senhora marquesa, cumpriu o seu dever. Um juiz de instrução deve sempre interrogar os acusados incomunicáveis dentro do prazo marcado pela lei. Não havia remédio senão perguntar alguma coisa àquele desgraçado, que não compreendeu que o interrogavam por formalidade e foi logo confessando tudo...

— Era um tolo e um insolente! — disse secamente a marquesa.

A mulher do juiz guardou silêncio, ao ouvir aquela sentença.

— Se nós sucumbimos na interdição de meu marido, a culpa não foi de Camusot, hei de lembrar-me sempre! — continuou a marquesa no fim de uma pausa. — Quem nos fez perder o processo foram Luciano, os srs. de Sérisy, de Bauvan e de Granville. Com o tempo, Deus será por mim, e todos esses homens serão uns desgraçados. Descanse, que eu vou mandar o cavaleiro d'Espard ao ministro para ele chamar imediatamente seu marido, se for conveniente.

— Ah! Senhora marquesa!

— Escute! — disse a marquesa. — Prometo-lhe a condecoração da Legião de Honra para já, para amanhã, como um brilhante testemunho de satisfação pelo seu procedimento neste negócio. E sempre será mais uma condenação para Luciano, provando sua culpa. É raro uma pessoa enforcar-se por gosto. Bem, adeus, minha flor!

XX – SEGUNDA VISITA DA SRA. CAMUSOT

Dez minutos depois, a sra. Camusot entrava no quarto da bela Diana de Maufrigneuse, que, tendo-se deitado à uma hora da madrugada, ainda não pregara olho, apesar de serem nove.

Por insensíveis que as duquesas sejam, essas mulheres de coração de estuque não veem uma de suas amigas vítimas da loucura sem que tal espetáculo lhes cause uma impressão profunda.

Depois, as ligações de Diana com Luciano, ainda que rompidas havia dezoito meses, haviam deixado no espírito da duquesa bastantes recordações para que a funesta morte do moço lhe vibrasse também terríveis golpes. Toda a noite Diana vira esse belo rapaz, tão encantador, tão poético, e que sabia amar tão bem, enforcado como Leontina o

descrevia nos acessos e com os gestos da febre. Ela guardava de Luciano cartas eloquentes, inebriantes, como as de Mirabeau a Sophie,^[319] mas mais literárias, mais apuradas, porquanto essas cartas tinham sido ditadas pela mais violenta das paixões — a vaidade. Possuir a mais arrebatadora das duquesas, vê-la fazer loucuras por ele, loucuras secretas, bem entendido, era uma felicidade que tinha virado a cabeça de Luciano. O orgulho do amante havia inspirado bem o poeta. Por isso a duquesa conservava essas cartas comoventes, como certos velhos conservam gravuras obscenas, por causa dos elogios hiperbólicos dados àquilo que ela em si tinha de menos ducal.

— E morreu numa prisão! — cismava ela guardando com terror as cartas, quando ouviu a criada bater devagarinho à porta.

— Está aí a sra. Camusot, para um negócio da maior gravidade que diz respeito à senhora duquesa — disse a criada.

A duquesa pôs-se de pé, aterrada.

— Oh! — disse ela fitando Amélia, que adotara uma fisionomia adequada. — Adivinho tudo! Trata-se das minhas cartas... Ah, minhas cartas! Minhas cartas...

E caiu sobre uma *causeuse*. Lembrou-se então de ter, no excesso de sua paixão, respondido no mesmo tom a Luciano, de ter celebrado a poesia do homem como ele cantava as glórias da mulher, e com que ditirambos!

— É verdade, senhora duquesa; venho salvar-lhe mais que a vida, pois que se trata da sua honra... Acalme-se, vista-se, vamos à casa da duquesa de Grandlieu; pois, felizmente para a senhora, há mais alguém comprometido.

— Mas disseram-me que Leontina ontem queimou no tribunal todas as cartas apreendidas em casa do nosso pobre Luciano.

— É que Luciano tinha ao seu lado Jacques Collin — ponderou a mulher do juiz. — A senhora sempre esquece essa medonha camaradagem, que é sem dúvida a única causa da morte do pobre moço. Ora, esse Maquiavel^[320] da grilheta é que nunca perde a cabeça. Camusot tem certeza de que o monstro pôs em lugar seguro as cartas mais comprometedoras das amantes do seu...

— Do seu amigo — disse com vivacidade a duquesa. — Tem razão, menina; é preciso irmos conferenciar com os Grandlieu. Todos nós estamos interessados nesse negócio, e felizmente Sérisy nos dará a mão.

O perigo extremo tem, como se viu nas cenas da Conciergerie, sobre a alma uma virtude tão terrível como a dos reagentes fortes sobre o corpo. É uma pilha de Volta moral.^[321] Porventura não está longe o dia em que se compreenda o modo como o sentimento se condensa quimicamente num fluido, talvez igual ao da eletricidade.

Deu-se com o forçado e com a duquesa o mesmo fenômeno. Aquela mulher abatida, moribunda, e que não havia dormido, aquela duquesa, tão difícil de vestir, recuperou a força de uma leoa acossada e a presença de espírito de um general no meio do fogo. Ela mesma escolheu os seus vestidos e improvisou a sua *toilette* com a rapidez de uma costureira que não tem criada para vesti-la. Foi uma coisa tão maravilhosa que a criada ficou um momento imóvel, na surpresa de ver a ama em camisa, mostrando talvez com prazer à mulher do juiz, através do claro nevoeiro do linho, um corpo branco e perfeito como o da Vênus de Canova. Era como que uma joia embrulhada em papel de seda. Diana adivinhara subitamente onde estava o seu espartilho de guerra, esse espartilho que se acolcheta na frente, evitando às mulheres apressadas a fadiga e o tempo tão mal empregado que os atacadores consomem. Ela já havia pregado as rendas da camisa e arrumado convenientemente as belezas

do busto, quando a criada lhe trouxe a saia de baixo e o vestido. Enquanto Amélia, a um sinal da criada, apertava o vestido por trás e ajudava a duquesa, a criada foi buscar umas meias de fio de Escócia, uns sapatinhos de veludo, um xale e um chapéu. Amélia e a criada calçaram cada qual um pé à duquesa.

— Nunca vi mulher tão bonita! — disse Amélia habilmente, beijando com alvoroço o joelho fino e polido de Diana.

— Não há outra como a senhora duquesa — disse a criada.

— Cala-te, Josette — replicou a duquesa. — Trouxe carruagem? — perguntou ela à sra. Camusot. — Vamos lá, menina; pelo caminho conversaremos.

E a duquesa desceu correndo a escadaria do palácio de Cadignan, a calçar as luvas, coisa que nunca se tinha visto.

— Ao palácio de Grandlieu, e depressa! — disse ela a um de seus criados, fazendo-lhe sinal para subir à traseira.

O criado hesitou, porque a carruagem era um fiacre.

— A senhora duquesa não me havia dito que aquele moço tinha cartas suas, pois, se o soubesse, meu marido teria procedido de outro modo...

— Preocupou-me tanto a situação de Leontina que me esqueci inteiramente de mim — disse ela. — A pobre mulher estava já quase louca anteontem; imagine o desarranjo que lhe devia ter causado o fatal acontecimento! Se soubesse, menina, que dia nós ontem passamos... É de fazer renunciar ao amor. Ontem, Leontina e eu, arrastadas por uma velha horrenda, uma adela, uma espertalhona, a essa sentina fétida e sangrenta que se chama o tribunal, dizia-lhe eu que era para cair de joelhos e clamar, como a sra. de Nucingen quando sofreu uma dessas medonhas tempestades do Mediterrâneo a caminho de Nápoles: “Salvai-me, Deus meu, que noutra não torno a cair!”. Nunca me hão de esquecer estes dois dias. Que estupidez pôr o preto no branco!... Mas quem ama, quem recebe cartas que escaldam o coração pelos olhos perde a prudência, e responde, e...

— De que vale responder quando se pode agir? — disse a sra. Camusot.

— É tão belo a gente perder-se! — retrucou orgulhosamente a

duquesa. — É a volúpia da alma.

— As mulheres bonitas — tornou modestamente a sra. Camusot — são desculpáveis, pois têm muito mais ocasiões de sucumbir do que nós.

A duquesa sorriu.

— Nós somos sempre generosas demais — disse Diana de Maufrigneuse. — Daqui por diante vou fazer como aquela infame sra. d’Espard.

— Que faz ela?

— Tem escrito mil cartas de amor...

— Ih! Tanta carta!... — atalhou a mulher do juiz.

— E em nenhuma delas é possível encontrar uma frase que a comprometa.

— A senhora seria incapaz de conservar essa frialdade, esta atenção — respondeu a sra. Camusot. — A senhora é mulher, é desses anjos que não sabem resistir ao demônio...

— Fiz protesto de nunca mais escrever. Em toda a minha vida nunca escrevi senão a esse pobre Luciano... Hei de conservar até a morte as cartas dele. São de fogo, menina, e a gente às vezes precisa...

— Se as achassem? — fez a sra. Camusot com um gesto pudico.

— Oh! Eu diria que são cartas de um romance começado. Pois copiei tudo, menina, e queimei os originais.

— Oh! Senhora duquesa, para me recompensar, permita que eu as leia...

— Talvez — disse a duquesa. — E verá então, minha cara, que ele não escreveu iguais a Leontina.

Esta última frase resumiu a mulher, a mulher de todos os tempos e de todos os países.

XXI – UMA GRANDE PERSONAGEM DESTINADA AO ESQUECIMENTO

Semelhante à [rã^{\[322\]}](#) da fábula de La Fontaine, a sra. Camusot quase estourava na sua pele com o prazer de entrar em casa dos Grandlieu em companhia da formosa Diana de Maufrigneuse. Ela ia nessa manhã travar uma dessas relações tão necessárias à ambição. Já via o marido presidente. Sentia o gozo inefável de vencer obstáculos imensos,

principalmente a incapacidade do marido, ainda secreta, mas que ela bem conhecia. Levar aos pináculos da grandeza um homem medíocre é para a mulher, como para os reis, fruir o prazer que tanto seduz os grandes atores, e que consiste em representar cem vezes uma peça má. É a embriaguez do egoísmo. É de certo modo a orgia do poder. O poder não prova a si mesmo a sua força senão com o singular abuso de coroar algum absurdo com os louros do triunfo, insultando o gênio, única força que o poder absoluto não pode ferir. A promoção do cavalo de Calígula,^[323] essa farsa imperial, teve e terá sempre um grande número de representações.

Em breves minutos, Diana e Amélia passaram da elegante desordem em que estava o quarto de dormir da bela Diana para a correção de um luxo grandioso e severo, em casa da duquesa de Grandlieu.

A devota portuguesa levanta-se sempre às oito horas para ir ouvir missa na capela de Sainte-Valère, sucursal de Saint-Thomas-d'Aquin, então situada na esplanade des Invalides. Essa capela, hoje demolida, foi depois localizada na Rue de Bourgogne, enquanto não se edifica a igreja gótica que, segundo se diz, vai ser consagrada a santa Clotilde.

As primeiras palavras ditas ao ouvido da duquesa por Diana, a piedosa senhora foi imediatamente chamar o duque. Este dirigiu a Amélia um desses rápidos olhares com que os grandes senhores analisam uma existência inteira e muitas vezes uma alma. O modo de trajar da sra. Camusot muito contribuiu para que o duque adivinhasse aquela vida burguesa de Alençon até Mantes e de Mantes a Paris.

Ah, que se a mulher do juiz pudesse conhecer esse dom dos duques, ela não teria podido aguentar graciosamente aquele olhar cortesmente irônico, em que ela só viu a polidez. A ignorância participa dos privilégios da finura...

— É a sra. Camusot, filha de Thirion, um dos camareiros *del-Rey* — disse a duquesa ao marido.

O duque cumprimentou com grande polidez, e seu semblante perdeu um pouco da sua gravidade. O criado do duque, chamado pelo amo, apresentou-se.

— Vá num carro à Rue Honoré-Chevalier e bata à porta do número 10. Diga ao criado que lhe aparecer que eu peço ao seu amo para vir

aqui, e traga-o no carro se ele lá estiver. Com o meu nome, todas as dificuldades se lhe aplanarão. Veja se não gasta mais de um quarto de hora para ir e voltar.

Logo depois de partir o criado do duque, apareceu o da duquesa.

— Vá de minha parte à casa do duque de Chaulieu e peça que lhe entreguem este cartão.

O duque deu-lhe um cartão seu, dobrado de um certo modo.

Quando os dois íntimos precisavam se falar imediatamente para algum negócio misterioso e urgente que não convinha pôr por escrito, assim se avisavam um ao outro.

Como se vê, em todas as esferas sociais os usos se parecem, diferindo apenas nas maneiras, em certos cambiantes. A alta-roda tem também a sua gíria; mas chama-se-lhe *estilo*.

— Está bem certa, minha senhora, da existência das supostas cartas escritas pela srta. Clotilde de Grandlieu a esse jovem? — disse o duque de Grandlieu.

E lançou à sra. Camusot um olhar como um marujo lança a sonda.

— Eu não as vi, mas receia-se que existam — respondeu ela tremendo.

— Minha filha era incapaz de escrever coisas que não se pudessem ler! — exclamou a duquesa.

“Pobre duquesa!”, pensou Diana, dirigindo ao duque um olhar que o fez tremer.

— Que te parece, minha querida Diana? — segredou o duque à duquesa de Maufrigneuse, levando-a para o vão de uma janela.

— Clotilde estava tão apaixonada por Luciano, meu caro, que até lhe havia marcado uma entrevista antes de partir. Se não fosse a jovem Lenoncourt, sua filha era capaz de fugir com ele na floresta de Fontainebleau! Eu sei que Luciano escrevia a Clotilde cartas de fazer perder a cabeça a uma santa. Somos três filhas de Eva em que a serpente da correspondência se enroscou...

O duque voltou com Diana para junto da duquesa, que falava em voz baixa com a sra. Camusot. Seguindo os conselhos da duquesa de Maufrigneuse, Amélia fingia-se beata para ganhar o coração da altiva portuguesa.

— Estamos à mercê de um vil grillheta evadido! — disse o duque com um certo movimento de ombro. — Aí está o que se lucra recebendo gente que não se conhece direito! Antes de se admitir alguém, é necessário conhecer-lhe os haveres, a família, os antecedentes...

Esta frase é a moral da presente história, do ponto de vista aristocrático.

— Bem. Não há remédio — comentou a duquesa de Maufrigneuse. — Mas pensemos em salvar a pobre sra. de Sérisy, a Clotilde e a mim...

— O recurso é esperarmos por Henrique; eu já o mandei chamar. Mas tudo está nas mãos da pessoa que eu mandei chamar por Gentil. Deus queira que esse homem esteja em Paris! Minha senhora — disse ele dirigindo-se à sra. Camusot —, agradecemos-lhe o ter pensado em nós...

Aquilo era o mesmo que despedir a sra. Camusot. A filha do camareiro do paço, bastante fina para compreender o duque, levantou-se; mas a duquesa de Maufrigneuse, com a graça adorável que lhe conquistava tanta discrição e tantas amizades, tomou Amélia pela mão e mostrou-a de uma certa maneira aos duques.

— Por minha conta, e como se ela não se tivesse levantado logo de manhãzinha para nos salvar a todos, peço-lhes que se não esqueçam da minha querida sra. Camusot. Em primeiro lugar, já me tem prestado desses serviços de que sempre se recorda; em segundo lugar, é-nos muito dedicada, tanto ela como o marido. Eu prometi ajudar o sr. Camusot a subir, e peço-lhes que o protejam por amor de mim.

— Não era necessária tal recomendação — disse o duque à sra. Camusot. — Os Grandlieu nunca se esquecem dos serviços que lhes prestam. Os afeiçoados do rei vão em breve ter ensejo de se distinguir, porque lhes hão de reclamar devotamento; fique certa de que seu marido será colocado na brecha...

A sra. Camusot retirou-se toda orgulhosa e contente, e voltou para casa triunfante, admirando a si própria e rindo da inimizade do procurador-geral. Dizia consigo: “E se derrotássemos o sr. de Granville?”.

Era tempo que a sra. Camusot se retirasse. O duque de Chaulieu, um dos favoritos do rei, encontrou-se na escada com essa burguesa.

— Henrique! — exclamou o duque de Grandlieu, ouvindo anunciar a presença do seu amigo. — Corre ao paço, é o que te peço, e procura falar com o rei. Trata-se do seguinte.

E levou o duque para a mesma janela onde já estivera a conversar com a frívola e graciosa Diana...

De espaço a espaço o duque de Chaulieu olhava de soslaio para a duquesa leviana, que lhe correspondia, ao mesmo tempo que conversava com a duquesa devota e se deixava catequizar por ela.

— Minha querida filha — disse enfim o duque de Grandlieu, terminando a sua conversa reservada —, veja se toma juízo. Saiba guardar as conveniências — acrescentou ele, tomando as mãos de Diana — e não se comprometa. Não escreva nunca. Isto de cartas, minha querida, tem causado desgraças tanto particulares como públicas... E o que seria perdoável numa moça como Clotilde, amando pela primeira vez, não tem desculpa...

— Num velho granadeiro que viu o fogo! — disse a duquesa fazendo tromba ao duque.

Este movimento de fisionomia e o gracejo trouxeram o sorriso às caras aflitas dos dois duques e até mesmo da piedosa duquesa.

— Há quatro anos que eu não escrevo cartas de amor!... Estamos salvas? — perguntou Diana, que ocultava suas ansiedades com suas criancices.

— Ainda não — disse o duque de Chaulieu —, pois não imagina quanto os atos arbitrários são difíceis de cometer. São, para um rei constitucional, o mesmo que uma infidelidade para uma mulher casada. São o adultério dos reis.

— Seu pecado venial! — disse o duque de Grandlieu.

— O fruto proibido! — acrescentou Diana sorridente. — Quem me dera ser governo! É fruto que já não tenho... comi-o todo.

— Oh, menina! Oh! — exclamou a devota duquesa. — Já é ir longe demais.

Os dois duques, ouvindo uma carruagem parar com o tropel próprio de cavalos a galope, deixaram as duas senhoras depois de as

cumprimentarem e dirigiram-se para o gabinete do duque de Grandlieu, onde fora introduzido o homem da Rue Honoré-Chevalier, que não era outro senão o chefe da contrapólicia do paço, da polícia política, o obscuro e poderoso Corentin.

— Entre — disse o duque de Grandlieu —, entre, sr. de Saint-Denis.

Corentin, surpreendido de ver tanta memória no duque, entrou em primeiro lugar, depois de haver cumprimentado profundamente os dois titulares.

— Trata-se ainda da mesma personagem, meu caro senhor — disse o duque de Grandlieu. — Por causa dela...

— Mas essa morreu — disse Corentin.

— Ainda resta um companheiro — observou o duque de Chaulieu —, e companheiro respeitável.

— O forçado, Jacques Collin! — replicou Corentin.

— Fala tu, Fernando — disse o duque de Chaulieu ao antigo embaixador.

— Esse miserável é para temer — tornou o duque de Grandlieu — porque se apossou, com ideias de resgate, das cartas que as sras. de Sérisy e de Maufrigneuse escreveram ao tal Luciano Chardon, criatura sua. Parece que o rapaz tinha por sistema arrancar cartas apaixonadas em troca das suas, pois a srta. de Grandlieu, ao que dizem, lhe escreveu algumas; pelo menos receia-se que isso tenha acontecido, e não o podemos saber ao certo, porque ela está fora, em viagem.

— O rapaz — ponderou Corentin — era incapaz de fazer tais provisões. Trata-se de uma precaução tomada pelo padre Carlos Herrera.

Corentin fincou o cotovelo no braço da poltrona em que estava sentado e pôs a cabeça na mão, refletindo.

— Dinheiro!... Esse homem tem mais do que nós — disse ele.

— Ester van Gobseck serviu-lhe de isca para pescar cerca de dois milhões naquele tanque de moedas chamado Nucingen... Meus senhores, obtenham-me plenos poderes de quem nos pode dar, e eu os livro desse homem.

— E... das cartas? — perguntou o duque de Grandlieu a Corentin.

— Escutem, meus senhores — voltou Corentin levantando-se e

mostrando o focinho de fuinha em estado de ebulição.

Enfiou as mãos nos bolsos das calças de baetilha preta. Esse grande ator do drama histórico do nosso tempo havia enfiado apenas um colete e uma sobrecasaca, conservando as mesmas calças que usava em casa pela manhã, sabendo muito bem quanto os grandes se mostram reconhecidos pela prontidão em certas circunstâncias. Pôs-se a passear familiarmente pelo gabinete discutindo em voz alta, como se estivesse só.

— É um forçado! Pode-se mandá-lo, sem processo, para o segredo, em Bicêtre, sem comunicações possíveis e deixá-lo apodrecer por lá... A questão é que ele pode ter dado instruções aos seus adeptos, prevendo este caso!

— Mas no segredo esteve ele, logo que o prenderam inopinadamente em casa daquela rapariga — disse o duque de Grandlieu.

— Há lá segredos para esse finório? — respondeu Corentin. Ele é tão duro quanto... tanto quanto eu!

— Que fazer? — disseram num olhar os dois duques.

— Nós podemos imediatamente ferrar com o mariola em Rochefort, onde ele morrerá dentro de seis meses! Oh! Sem crimes — acrescentou, respondendo a um gesto do duque de Grandlieu. — Que quer? Um grilheta não suporta mais de seis meses um verão quente quando o obrigam a trabalhar a sério no meio dos miasmas do Charente. Mas isto só é bom se ele não tiver tomado precauções com referência às cartas. Se o maroto desconfiou dos adversários, o que é provável, é preciso descobrir que precauções ele tomou. Se o possuidor das cartas for pobre, pode-se comprá-lo. Trata-se pois de fazer falar Jacques Collin, e, nesse duelo eu serei vencido. O melhor seria comprar essas cartas com outras... com cartas de indulto, e passar esse homem para o meu lugar. Jacques Collin é o único homem capaz de me suceder, uma vez que o pobre Contenson e o pobre Peyrade morreram. Parece até que Jacques Collin me deu cabo desses dois incomparáveis espiões para arranjar um lugar para si. Já veem, meus senhores, que preciso carta branca. Jacques Collin está na Conciergerie. Vou procurar o sr. de Granville no tribunal. Portanto, mandem lá ter comigo alguma pessoa de confiança, porque

necessito de uma carta de recomendação para o sr. de Granville, que não me conhece, carta que eu aliás entregarei ao presidente do Conselho, ou de algum apresentante de influência... Os senhores têm meia hora, tempo necessário para eu vestir-me, isto é, para fazer-me o que devo aos olhos do senhor procurador-geral.

— Eu conheço a sua imensa habilidade — disse o duque de Chaulieu — e por isso não lhe peço mais que um sim ou um não. Responde pelo êxito da missão?

— Respondo, se me deixarem fazer o que quero e se me dão sua palavra de que nunca me farão interrogar a tal respeito. O meu plano está pronto.

Esta resposta sinistra provocou nos dois fidalgos um ligeiro estremecimento.

— Pois vá, senhor — disse o duque de Chaulieu. — Lance este negócio à conta dos que habitualmente lhe são cometidos.

Corentin saudou os dois titulares e partiu.

Henrique de Lenoncourt, para quem Fernando de Grandlieu tinha mandado pôr uma carruagem, foi imediatamente falar com o rei, a quem podia falar a toda hora, por privilégio do seu cargo.

Assim, os diversos interesses ligados, desde o alto até o fundo da sociedade, deviam encontrar-se todos no gabinete do procurador-geral, trazidos todos pela necessidade, representados por três homens: a justiça pelo sr. de Granville, a família por Corentin, defronte desse terrível adversário, Jacques Collin, que representava o mal social na sua selvagem energia.

Que duelo o da justiça e do arbítrio, reunidos contra as galés e a sua velhacaria! As galés, esse símbolo da audácia que suprime o cálculo e a reflexão, para quem todos os meios são bons, que não tem a hipocrisia do arbítrio, que simboliza horrendamente o interesse da barriga esfomeada, o sangrento e rápido protesto da fome! Não era o ataque e a defesa, o roubo e a propriedade, a terrível questão do estado social e do estado natural, resolvida no menor espaço possível? Era, enfim, uma terrível e viva imagem desses compromissos antissociais, que os pusilânimes representantes do poder estabelecem com agitadores selvagens.

Quando anunciaram o sr. Camusot ao procurador-geral, este mandou-o entrar. O sr. de Granville, que pressentia essa visita, quis entender-se com o juiz sobre a maneira de encerrar o processo Rubempré. A conclusão já não podia ser aquela que ele combinara com Camusot na véspera, antes da morte do pobre poeta.

— Sente-se, sr. Camusot — disse o sr. de Granville, caindo sobre a sua poltrona.

A sós com o juiz, o magistrado não escondeu a aflição em que se achava. Camusot observou o sr. de Granville e viu naquele semblante tão firme uma palidez quase lívida e uma fadiga suprema, uma prostração completa que denunciavam sofrimentos talvez mais cruéis que os do condenado à morte a quem o escrivão acabara de ler a confirmação da sentença. E, contudo, essa leitura, nos usos da justiça, quer dizer: prepare-se. São estes os seus derradeiros momentos.

— O caso é urgente — disse Camusot —, mas eu voltarei mais tarde, senhor conde.

— Fique — respondeu o procurador-geral com dignidade. — Os verdadeiros magistrados, senhor, devem aceitar suas angústias e saber ocultá-las. Procedi mal se deixei notar em mim alguma perturbação.

Camusot fez um gesto.

— Livre-o Deus, sr. Camusot, de conhecer estas necessidades extremas da nossa vida. Sucumbe-se, e não admira. Passei a noite com um dos meus mais íntimos amigos e não tenho senão dois amigos, o conde Otávio de Bauvan e o conde de Sérisy. Todos os três, desde as seis horas da tarde de ontem até as seis da manhã de hoje, fomo-nos revezando ao pé do leito da condessa, receando de cada vez ir dar com ela ou morta ou louca para toda a vida. Desplein, Bianchon, Sinard^[324] não saíram do quarto com duas enfermeiras. O conde adora sua mulher. Imagine que noite a minha entre uma mulher louca de amor e o meu amigo louco de desespero. Um homem de Estado não se desespera como um imbecil qualquer. Sérisy, calmo como no seu assento do Conselho de Estado, torcia-se na sua poltrona para nos mostrar uma fisionomia tranquila. E o suor coroava aquela fronte vergada por tantos trabalhos. Dormi das cinco às sete horas e meia,

vencido pelo sono, e às oito e meia tinha de estar aqui para ordenar uma execução. Creia-me, sr. Camusot, quando um magistrado perambulou toda uma noite nos abismos da dor, sentindo a mão de Deus carregar sobre as coisas humanas e ferir em cheio nobres corações, bem difícil lhe é sentar-se diante de sua mesa e dizer friamente: “Cortem aquela cabeça, às quatro horas! Aniquilem uma criatura de Deus, cheia de vida, de força e de saúde!”. E contudo tal é o meu dever. Transido de dor, tenho de dar ordem para se erguer o patíbulo... O condenado não sabe que o magistrado experimenta angústias iguais às suas. Neste momento, ligados um ao outro por uma folha de papel, eu, a sociedade que se vinga, ele, crime que deve ser expiado, somos o mesmo dever com duas faces, duas existências, cosidas momentaneamente pelo cutelo da lei. Essas dores tão fundas do magistrado, quem as lamenta? Quem as consola? A nossa glória é enterrá-las no fundo dos nossos corações. O padre, com a sua vida consagrada a Deus, o soldado, com as suas mil mortes oferecidas em holocausto à pátria, afiguram-se-me mais felizes que o magistrado com as suas dúvidas, os seus receios, a sua terrível responsabilidade. Sabe quem vão executar? — continuou o procurador-geral. — Um moço de vinte e sete anos, belo como o nosso morto de ontem, louro como ele, e que fizemos condenar contra a nossa expectativa, pois que contra ele só tinha as provas do receptor. Depois de condenado, o rapaz não confessou nada. Há setenta dias vem resistindo a todas as provas dizendo-se sempre inocente. Em dois meses tenho sobre os meus ombros duas cabeças. Oh! Pela confissão dele eu daria um ano da minha vida, pois é preciso tranquilizar os jurados. Imagine que golpe na justiça se um dia se descobrisse que o crime pelo qual ele vai morrer foi cometido por outro! Em Paris, tudo toma uma gravidade terrível, os mais pequenos incidentes judiciais tornam-se políticos. O júri, essa instituição que os legisladores revolucionários julgaram tão forte, é um elemento de ruína social, porque falta à sua missão, não protege suficientemente a sociedade. O júri brinca com suas funções. Os jurados dividem-se em dois campos, um dos quais não quer a pena de morte, resultando daí a ruína total da igualdade perante a lei. O parricídio, um crime horrível, obtém num departamento um veredicto de não culpabilidade,^[325] ao passo que

noutro departamento um crime ordinário, por assim dizer, é punido de morte. O que não iria aí se em Paris se executasse um inocente?

— Trata-se de um grilheta evadido — observou timidamente o sr. Camusot.

— Nas mãos da oposição e da imprensa o executado se tornaria um cordeiro pascal! — exclamou o sr. de Granville.

— E a oposição timbraria em mostrá-lo branco como a neve, porque é um corso fanático pelas ideias do seu país; os seus assassínios são feitos da *vendetta*!... Naquela ilha, cada qual pode matar seu inimigo e continua sendo muito boa pessoa. Ah! Como são infelizes os verdadeiros magistrados! Deviam até viver separados de toda a sociedade, como outrora os pontífices. O mundo só os veria ao saírem das suas celas a horas fixas, graves, velhos, veneráveis, julgando à maneira dos grandes sacerdotes nas sociedades antigas, que reuniam em si o poder judiciário e o poder sacerdotal... Ninguém os encontraria senão nas suas cadeiras... Hoje em dia todos nos veem sofrendo ou divertindo-nos como os demais. Veem-nos nas salas, em família, cidadãos como os outros, com as nossas paixões; e arriscamo-nos a ser grotescos em vez de sermos terríveis...

Este grito supremo, cortado de pausas e de interjeições, acompanhado de gestos que o tornavam de uma eloquência dificilmente traduzível no papel, fez estremecer Camusot.

XXIV – QUE FAZER?

— Eu, senhor conde — disse Camusot —, comecei ontem também a aprendizagem dos sofrimentos da nossa profissão!... A morte daquele jovem ia me matando; ele não compreendeu a minha parcialidade, e comprometeu-se a si mesmo...

— Oh! Não o interrogasse! — exclamou o sr. de Granville. — É tão fácil prestar serviço com uma abstenção!...

— E a lei? — obtemperou Camusot. — Ele já estava preso há dois dias!

— Enfim, está consumada a desgraça — tornou o procurador-geral. — Reparei o melhor que pude o que é irreparável. Lá foram os meus criados com a minha carruagem ao enterro do pobre poeta. Sérisy fez

como eu, e, mais ainda, aceita o encargo que lhe deixou o infeliz mancebo, será seu executor testamentário. Com essa promessa, obteve de sua mulher um olhar onde brilhava o bom senso. E, finalmente, o conde Otávio assiste em pessoa aos funerais.

— Pois bem — disse Camusot —, completemos a nossa obra, senhor conde. Resta-nos um acusado bem perigoso. É Jacques Collin, como o senhor sabe tanto quanto eu. Esse miserável vai ser reconhecido por aquilo que é.

— Estamos perdidos! — exclamou o sr. de Granville.

— Ele está neste momento com o condenado à morte, que outrora foi para ele nas galés o que Luciano era em Paris... o seu protegido! Bibi-Lupin disfarçou-se de gendarme para assistir à entrevista.

— Mas que tem com isso a Polícia Judiciária? — disse o procurador-geral. — Ela só deve obedecer às minhas ordens.

— Toda a Conciergerie vai saber que agarramos Jacques Collin. E eu vinha dizer-lhe que esse grande e atrevido facínora deve possuir as cartas mais perigosas da correspondência da sra. de Sérisy, da duquesa de Maufrigneuse e da srta. Clotilde de Grandlieu.

— Tem certeza disso? — perguntou o sr. de Granville, mostrando no semblante dolorosa surpresa.

— Veja o senhor conde se eu terei motivos para recear tal desgraça. Quando desembulhei o pacote das cartas apreendidas em casa do pobre rapaz, Jacques Collin deitou-lhe um olhar incisivo, deixou escapar um sorriso de contentamento, cuja significação não podia fugir a um juiz de instrução. Um celerado da marca de Jacques Collin nunca se desfaz de tais armas. Que me diz desses documentos nas mãos de um defensor escolhido pelo patife entre os inimigos do governo e da aristocracia? Minha mulher, que deve favores à duquesa de Maufrigneuse, foi preveni-la e, neste momento, devem as duas estar em casa dos Grandlieu, em conferência.

— É impossível processar esse homem! — exclamou o procurador-geral levantando-se e andando pelo gabinete a largas passadas. — Ele há de ter os papéis em lugar seguro.

— Eu sei onde — disse Camusot.

Com estas simples palavras, o juiz destruiu todas as prevenções que

o procurador-geral tinha concebido contra ele.

— Onde? — disse o conde sentando-se.

— Vindo de casa para aqui, refleti muito neste infeliz negócio. Jacques Collin tem uma tia, tia verdadeira, a cujo respeito a polícia política ministrou informações à prefeitura. Ele é o discípulo e o deus dessa mulher, irmã de seu pai, e que se chama Jacqueline Collin. A desavergonhada tem loja de adela e, graças às relações que obtém com o seu negócio, penetra em muitos segredos de família. Se Jacques Collin confiou a alguém a guarda dos seus papéis, foi a essa mulher; prendamo-la...

O procurador-geral lançou a Camusot um olhar de finura que queria dizer: “Este homem não é tão tolo como eu ontem julgava; mas ainda é novo, não sabe governar o carro da justiça”.

— Mas para vencer — continuou Camusot — é preciso mudar todas as medidas que tomamos ontem, e eu vinha pedir os seus conselhos, as suas ordens.

O procurador-geral pegou na sua faca de cortar papel e com ela bateu devagar na beira da mesa, com o jeito familiar a todos os pensadores quando se entregam inteiramente à reflexão.

— Três grandes famílias em perigo! — disse ele. — Não se há de cometer nem um só erro!... Tem razão; antes de mais nada, sigamos o axioma de Fouché:^[326] *Prender sempre!* É necessário pôr novamente incomunicável Jacques Collin, e sem perda de tempo.

— Mas assim declaramo-lo forçado! E isso é arruinar a memória de Luciano...

— Que processo horroroso! — disse o sr. de Granville. — São perigos por todos os lados.

Nesse momento entrou o diretor da Conciergerie, depois de bater; mas um gabinete como o do procurador-geral é tão bem guardado que somente os familiares do tribunal podem bater à porta.

— Senhor conde — disse o sr. Gault —, o preso que usa o nome de Carlos Herrera pede para lhe falar.

— Ele comunicou com alguém?

— Com os presos, pois anda no pátio desde as sete e meia. Falou com o condenado à morte, o qual, ao que parece, se abriu com ele.

O sr. de Granville, a uma frase do sr. Camusot, que lhe acudiu como um raio de luz, enxergou todo o partido que se podia tirar, para obter a entrega das cartas, de uma confissão da intimidade de Jacques Collin com Teodoro Calvi.

XXV – UM LANCE TEATRAL

Contente por lhe aparecer um motivo para adiar a execução, o procurador-geral chamou o diretor da cadeia para perto de si.

— Minha intenção — disse-lhe ele — é adiar para amanhã a execução; mas que ninguém na cadeia de tal suspeite. Silêncio absoluto. O executor dê mostras de estar cuidando dos preparativos. Mande-me cá bem escoltado esse padre espanhol, pois a embaixada o reclama. Os gendarmes que o tragam pela escada particular, para ele não poder ver ninguém. Previna-os de que o tragam pelos braços e que só à porta do meu gabinete o deixem. O senhor está bem certo de que esse perigoso estrangeiro não pode comunicar com outrem a não ser os prisioneiros?

— Ah! No momento em que ele saía do quarto do condenado, apresentou-se uma senhora que lhe queria falar.

Aqui os dois magistrados trocaram um olhar, e que olhar!

— Que senhora? — perguntou Camusot.

— Uma de suas confessadas... uma marquesa — respondeu o sr. Gault.

— Pior! — disse o sr. de Granville, olhando para o juiz.

— Por sinal que ela deu dor de cabeça aos gendarmes e aos guardas — tornou o sr. Gault atarantado.

— Nas suas funções, senhor, nada é indiferente — disse severamente o procurador-geral. — Não é sem motivo que a Conciergerie é murada. Como entrou essa senhora?

— Com uma licença em regra, senhor conde — replicou o diretor. — Apresentou-se perfeitamente vestida, com batedor e laçao, de carruagem, para falar com o seu confessor antes de ir ao enterro daquele pobre moço.

— Traga-me a licença da Chefatura de Polícia, disse o sr. Granville.

— Tem nota de ser dada a pedido do sr. conde de Sérisy.

— Que figura tinha tal senhora? — perguntou o procurador-geral.

— Deu-nos a impressão de ser uma senhora da boa roda.

— Viu-lhe o rosto?

— Ela trazia véu preto.

— E que disseram eles?

— Oh, uma beata com o seu livro de rezas!... Que podia ela dizer?

Pedi a bênção do padre, ajoelhou...

— Estiveram muito tempo a falar?

— Nem cinco minutos; mas nenhum de nós percebeu palavra; provavelmente falavam espanhol..

— Diga tudo — insistiu o procurador-geral. — O mínimo detalhe é para nós de um interesse capital. Sirva-lhe isto de exemplo!

— Ela estava chorando, senhor.

— Mas chorando de verdade?

— Não pudemos ver, porque tinha o lenço na cara. Deixou trezentos francos em ouro para os presos.

— Então não era ela! — comentou Camusot.

— Bibi-Lupin — continuou o diretor — disse logo: “*É uma ladra*”.

— Se ele diz é porque o sabe — disse o sr. de Granville. — Sr. Camusot, já o mandado de prisão, e tudo selado em casa dela! Mas como teria ela obtido a recomendação do sr. de Sérisy?... Traga-me a autorização da Chefatura de Polícia, avie-se, senhor diretor. Mande-me imediatamente o padre. Enquanto o tivermos aqui, não se agrava o perigo. E em duas horas de conversação anda-se muito caminho na alma de um homem.

— Principalmente um procurador-geral como o senhor — disse com finura Camusot.

— Seremos dois — respondeu cortesmente o procurador-geral. E recaiu nas suas reflexões.

— Devia-se criar em todos os locutórios das cadeias um lugar de vigilante, com bom ordenado. Esse lugar seria conferido a título de aposentadoria aos mais hábeis e mais dedicados agentes de polícia — disse ele, após uma longa pausa. — Era aí que Bibi-Lupin devia ir acabar os seus dias. Assim teríamos uns olhos e um par de ouvidos num local que exige vigilância mais hábil do que a que se tem. O diretor não nos

pode dizer nada de decisivo.

— Com tantas ocupações — comentou Camusot. — Mas existe entre nós e os segredos uma lacuna que não devia haver. Para virmos da Conciergerie aos nossos gabinetes, tem-se que passar por corredores, pátios e escadas. A atenção dos nossos agentes não é perpétua, enquanto o prisioneiro pensa sempre no seu caso.

— Disseram-me que já na passagem de Jacques Collin, quando ele saía do segredo para ser interrogado, apareceu uma senhora que foi até a sala da guarda dos gendarmes. Soube-o pelos oficiais de justiça, e ralhei com os gendarmes por causa disto.

— Oh! Os tribunais precisam ser reconstruídos — disse o sr. de Granville —, mas seria uma despesa de vinte a trinta milhões... Vão lá pedir trinta milhões às câmaras para as conveniências da justiça.

Foram ouvidos passos de muitas pessoas e ruído de armas. Devia ser Jacques Collin.

O procurador-geral afivelou uma máscara de gravidade debaixo da qual o homem desapareceu. Camusot imitou o seu chefe.

Com efeito, o contínuo do gabinete abriu a porta, e surgiu Jacques Collin, calmo, sem mostrar espanto.

— O senhor quis falar-me — disse o magistrado —; aqui estou para ouvi-lo.

— Senhor conde, eu sou Jacques Collin, eu me rendo!

Camusot estremeceu, o procurador-geral ficou tranquilo.

XXVI – O CRIME E A JUSTIÇA, UM EM FACE DO OUTRO

— Deve calcular que tenho motivos para assim proceder — continuou Jacques Collin, envolvendo os dois magistrados no mesmo olhar zombeteiro. Os senhores devem estar muito atrapalhados comigo; porque, continuando a ser padre espanhol, os senhores mandavam-me acompanhar pelos gendarmes até a fronteira, e para lá de Bayonne as baionetas espanholas os desembaraçariam de mim!

Os dois magistrados ficaram impassíveis e silenciosos.

— As razões que assim me fazem proceder, senhor conde — continuou o forçado —, são ainda mais graves que essas, conquanto elas me sejam totalmente pessoais; mas eu só as posso dizer ao senhor.

Se por acaso tiver medo...

— Medo de quem? De quê? — disse o conde de Granville. A atitude, a fisionomia, o porte de cabeça, o gesto, o olhar fizeram, naquele momento, do procurador-geral uma imagem viva da magistratura, que deve oferecer os mais belos exemplos de coragem cívica. Nesse momento tão fugaz, o conde levantou-se à altura dos velhos magistrados do antigo Parlamento, no tempo das guerras civis em que os presidentes se encontravam cara a cara com a morte, ficando então de mármore como as estátuas que lhes erguiam.

— Medo de ficar só com um grilheta evadido.

— Deixe-nos sós, sr. Camusot — disse vivamente o procurador-geral.

— Eu tencionava propor-lhe que me mandasse amarrar de mãos e pés — voltou com frieza Jacques Collin, envolvendo os dois magistrados com um olhar formidável. Fez uma pausa e continuou gravemente: — Senhor conde, o senhor tinha apenas a minha estima, mas neste momento tem também a minha admiração.

— Então julga-se temível? — perguntou o magistrado com ar de desdém.

— Julgar-me temível, eu! Para quê? — disse o grilheta. — *Sou* temível, e sei que o sou.

Puxou uma cadeira e sentou-se com o desembaraço de um homem que sabe que está à altura do seu adversário numa entrevista na qual trata de potência para potência.

Nesse momento, o sr. Camusot, que se achava sobre a soleira da porta que ia fechar, tornou a entrar, foi ter com o sr. de Granville e entregou-lhe dois papéis dobrados.

— Veja — disse o juiz ao procurador mostrando-lhe um deles.

— Chame o diretor da prisão — gritou o sr. de Granville assim que leu o nome da criada da duquesa de Maufrigneuse, que ele bem conhecia.

O diretor da Conciergerie entrou.

— Descreva-nos — disse-lhe ao ouvido o procurador-geral — a mulher que veio ver o preso.

— Baixa, forte, gorda, atarracada — respondeu o diretor.

— A pessoa a quem a autorização foi dada é alta e magra — disse o

sr. de Granville. — E a idade?

— Sessenta anos.

— É de mim que se trata, senhores? — perguntou Jacques Collin. — Vamos ver — prosseguiu ele com bonomia. — Não procurem. Essa pessoa é minha tia, uma tia autêntica, uma velha. Posso evitar-lhes muitos embaraços... Só encontrarão minha tia se eu quiser. Se vamos assim a patinhar, não avançamos um passo.

— O senhor padre já não fala francês espanholado — disse o sr. Gault. — Não mais gagueja.

— É porque as coisas estão muito embrulhadas, querido sr. Gault — respondeu Jacques Collin com um sorriso amargo.

Nesse momento o sr. Gault correu para o procurador-geral e disse-lhe ao ouvido:

— Senhor conde, acautele-se, que este homem está furioso!

O sr. de Granville fitou lentamente Jacques Collin e achou-o calmo; mas reconheceu daí a pouco a exatidão do que o diretor lhe dizia. Aquela enganadora atitude ocultava a fria e terrível irritação dos nervos do selvagem. Jacques Collin tinha os punhos cerrados, seus olhos incubavam uma erupção vulcânica. Era o tigre que prepara o salto para se atirar sobre uma presa.

— Deixem-nos sós — tornou com modo grave o procurador-geral dirigindo-se ao diretor da Conciergerie e ao juiz.

— Foi bom que o senhor mandasse sair o assassino de Luciano! — disse Jacques Collin, sem se importar se Camusot ouviria ou não. — Eu já não me podia ter, e estava quase a estrangulá-lo.

O sr. de Granville teve um calafrio. Nunca tinha visto tanto sangue nos olhos de um homem, tanta palidez num rosto, tanto suor numa fronte, tamanha contração de músculos.

— De que lhe serviria esse assassinato? — perguntou tranquilamente o conde.

— Todos os dias o senhor vinga ou julga vingar a sociedade, e ainda me pergunta a razão de uma vingança!... Nunca sentiu então correrem-lhe nas veias as ondas da vingança... Ignora então que foi esse juiz imbecil quem matou o nosso Luciano? Pois sei que o senhor era amigo dele, como ele era amigo do senhor. Se o sei! O pobre rapaz me contava

tudo quando à noite voltava para casa; era eu que lhe compunha a roupa da cama, como as amas fazem aos seus pequerruchos, e lhe fazia falar. Confiava-me tudo, até mesmo suas menores sensações. Ah! Nunca uma boa mãe amou seu filho único como eu amava aquele anjo. Se o senhor soubesse! O bem nascia naquele coração como as flores brotam nos prados. Ele era fraco, era esse o seu único defeito, fraco como as cordas de uma lira, tão fortes quando se puxam... São as mais belas naturezas, essas em que a fraqueza é ao mesmo tempo a ternura, a admiração, a faculdade de desabrochar ao sol da arte, do amor, do belo que Deus fez para o homem sob mil formas. Enfim, Luciano era uma alma de mulher. Ah! Não ter eu dito a esse alarve que acaba de sair... Eu, senhor conde, na minha esfera de acusado perante um juiz, fiz o que Deus faria para salvar seu filho, se Deus, para o salvar, o tivesse acompanhado à presença de Pilatos!...

XXVII – A INOCÊNCIA DE TEODORO

Um rio de lágrimas jorrou nos olhos claros e amarelos do forçado, que ainda há pouco fuzilavam como os de um lobo esfaimado por seis meses de neve em plena Ucrânia. E o grilheta continuou:

— O bruto a nada se moveu, e deitou a perder aquela criança! Senhor, eu lavei o cadáver do pequeno com as minhas lágrimas, pedindo socorro àquele que eu não conheço e que está acima de nós! Eu que não creio em Deus!... (Se eu não fosse materialista, não seria quem sou.) Numa palavra eu lhe disse tudo, senhor conde. O senhor não sabe, nenhum homem sabe o que é a dor; só eu a conheço. O fogo da dor absorvia tão bem as minhas lágrimas que esta noite eu não pude chorar. Agora choro porque sinto que o senhor me compreende. Vi-o há pouco, senhor conde, em atitude de justiça... Aí, senhor! Deus o defenda (começo a crer nele!), Deus o defenda de se ver como eu me vejo... Aquele maldito juiz me arrancou minha alma. Senhor, senhor! Estão enterrando nesta hora a minha vida, a minha beleza, a minha virtude, a minha consciência, toda a minha força! Imagine um cão a quem um químico extrai o sangue... assim sou eu! É por isso que lhe venho dizer: “Eu sou Jacques Collin, eu me rendo!...”. Já esta manhã tinha resolvido isso, quando me vieram arrancar esse corpo que eu amava como um

insensato, como uma mãe, como a Virgem beijando Jesus no sepulcro. Queria me colocar a serviço da justiça sem condições... Mas agora devo pôr condições, e o senhor vai saber por quê...

— Está falando ao sr. de Granville ou ao procurador-geral? — disse o magistrado.

Aqueles dois homens, o *Crime* e a *Justiça*, encararam-se. O forçado tinha comovido profundamente o magistrado, que se encheu de uma piedade divina por aquele infeliz, adivinhando sua vida e seus sentimentos. Enfim, o magistrado (porque um magistrado nunca deixa de o ser), a quem o procedimento de Jacques Collin era desconhecido a partir da sua evasão, pensou que podia assenhorear-se daquele criminoso, unicamente culpado de falsário. E quis experimentar a generosidade sobre aquela natureza composta de bem e de mal, como o bronze é composto de diversos metais. Depois, o sr. de Granville, chegado aos cinquenta e três anos sem nunca ter podido inspirar uma afeição, admirava as naturezas ternas, como todos os homens que não foram amados. Talvez esse desespero, destino de tantos homens a quem as mulheres não concedem senão a sua estima ou a sua amizade, fosse o laço secreto da intimidade profunda dos srs. de Bauvan, de Granville e de Sérisy; porque uma desgraça comum, bem como uma felicidade mútua, coloca as almas no mesmo diapasão.

— O senhor tem um futuro! — disse o procurador-geral, lançando um olhar de inquisidor àquele celerado abatido.

O homem fez um gesto com que exprimia a mais profunda indiferença de si mesmo.

— Luciano deixa-lhe em testamento trezentos mil francos.

— Pobre criança! Pobre criança! — exclamou Jacques Collin. — Sempre honesto demais! Eu reunia em mim todos os sentimentos maus; ele era o bom, o nobre, o belo, o sublime! Almas assim não se transformam. E ele, senhor, não tinha tomado de mim senão o meu dinheiro!

Esse abandono profundo, completo da personalidade que o magistrado não podia reanimar provava tão bem as terríveis palavras desse homem que o sr. de Granville passou-se para o lado do criminoso. Mas restava o procurador-geral!

— Se nada mais o interessa — perguntou o sr. de Granville —, que veio então dizer-me?

— E entregar-me é pouco? Andavam quase a agarrar-me, mas não me haviam agarrado. E, depois, eu era-lhes um embaraço...

“Que adversário!”, pensou o procurador-geral.

— O senhor procurador-geral ia fazer cortar a cabeça a um inocente, e eu descobri o culpado — prosseguiu gravemente Jacques Collin, enxugando as lágrimas. — Não estou aqui por causa deles, mas por sua causa. Eu vinha tirar-lhe um remorso da consciência, porque estimo todos aqueles que de qualquer modo se interessaram por Luciano, assim como perseguirei com o meu ódio todos aqueles ou aquelas que o impediram de viver... Que me importa a mim um forçado? — continuou depois de ligeira pausa. — A meus olhos um forçado vale tanto para mim quanto vale para o senhor uma formiga. Eu sou como os salteadores da Itália, grande gente! Logo que o viajante lhes rende alguma coisa mais que o preço do tiro, matam-no! Só pensei no senhor. Confessei aquele moço, que só em mim se podia fiar, pois que era o meu companheiro de grilheta! Teodoro é uma boa natureza; entendeu que obsequiava uma amante encarregando-se de vender ou de empenhar uns objetos roubados; mas é tão culpado do crime de Nanterre como o senhor. Ele é corso, e vingar-se é o costume dos corsos, matarem-se uns aos outros como quem mata moscas. Na Itália e na Espanha não se tem o respeito da vida humana, e é bem simples. Nesses países julgam-nos possuidores de uma alma, de qualquer coisa, de uma imagem de nós que nos sobrevive, que vive eternamente. Vão lá dizer uma destas aos nossos analistas! São os países ateus ou filósofos que fazem pagar caro a vida humana àqueles que a perturbam; e têm razão, porque não acreditam senão na matéria, no presente. Se Calvi tivesse indicado a mulher de quem provinham os objetos roubados, o senhor achava não o verdadeiro culpado, pois que já o tem nas mãos, mas um cúmplice que o pobre Teodoro não quer arruinar, porque é uma mulher... Que quer? Cada profissão tem o seu ponto de honra, os galés e os gatunos têm o seu. Conheço agora o assassino das duas mulheres e os autores dessa empresa ousada, singular, extravagante, porque me contaram tudo pelo miúdo. Suspenda a execução de Calvi, e saberá

tudo; mas dê-me sua palavra de que o reintegrará nos trabalhos forçados, fazendo comutar-lhe a pena. Na dor em que estou, bem sabe, não vale a pena mentir. O que lhe digo é a verdade...

— Com o sr. Jacques Collin, e ainda que isso seja rebaixar a justiça, que não deve fazer semelhantes acordos, creio poder afrouxar o rigor das minhas funções e apelar para instâncias superiores.

— Concede-me então essa vida?

— É possível...

— Dê-me a sua palavra; ela me basta.

O sr. de Granville fez um gesto de orgulho ofendido.

XXVIII – OS ANTECEDENTES DAS SENHORAS DA ALTA-RODA

— Eu tenho na mão a honra de três grandes famílias, e o senhor conde só tem a vida de três forçados — continuou Jacques Collin. — Estou por cima.

— Se tornarem a pô-lo incomunicável, que irá fazer?

— Ah! Estamos jogando? — disse Jacques Collin. — Eu estava falando franco com o sr. de Granville; mas, uma vez que tenho pela frente o procurador-geral, torno a pegar nas cartas e calo-me. E dizer-se que, se o senhor me desse a sua palavra, eu entregava-lhe as cartas de Clotilde de Grandlieu a Luciano!

Estas palavras foram ditas com um tom, uma calma e um olhar que revelaram ao sr. de Granville um adversário com o qual a menor falta, era perigosa.

— E só isso que pede? — disse o procurador-geral.

— Vou falar por mim — disse Jacques Collin. — A honra da família Grandlieu paga a comutação da pena de Teodoro: é dar muito e receber pouco. Que vem a ser um grilheta condenado por toda vida? Se ele foge, é tão fácil dar cabo dele! É uma letra de câmbio sobre a guilhotina! Mas, como o tinham metido em Rochefort com intenções pouco agradáveis, prometa-me mandá-lo para Toulon, com recomendação de que será bem tratado. Agora, eu quero mais; tenho em meu poder as cartas da sra. de Sérisy e as da duquesa de Maufrigneuse, e que cartas!... Veja o senhor conde: as meretrizes, quando escrevem, têm estilo e bons sentimentos; pois as grandes damas, que levam o dia a ter estilo e bons

sentimentos, escrevem exatamente o que escrevem as meretrizes. Os filósofos que atinem com a razão dessa troca, porque eu não faço empenho em procurá-la. A mulher é um ser inferior; obedece demasiado aos seus órgãos. Para mim a mulher só é bela quando se assemelha a um homem! Pois essas duquesas, tão varonis pela cabeça, escreveram genuínas obras-primas. Tudo tão belo de fio a pavio, como a famosa ode de Piron...^[327]

— Realmente?

— Quer vê-las? — disse Jacques Collin sorrindo.

O magistrado envergonhou-se.

— Posso deixar-lhas ler; mas jogo franco, e nada de graças!... Há de restituir-me as cartas e proibir que seja espionada a pessoa que as trouxe.

— Isto demoraria muito?

— Não; são nove e meia — disse Jacques Collin olhando para o relógio. — Em quatro minutos teremos uma carta de cada uma das duas damas; e, depois de as ter lido, há de mandar suspender a execução. Se isso não fosse o que é, o senhor não me veria aqui tão tranquilo. Aliás, as damas já estão prevenidas...

O sr. de Granville fez um gesto de surpresa.

— A esta hora andam elas num corrupio, a procurar o ministro da Justiça, quem sabe mesmo se o rei... Dá-me a sua palavra de ignorar a pessoa que vier e de não fazê-la seguir durante uma hora?

— Prometo!

— Estou certo de que não quererá enganar um galé evadido. O senhor, como é da massa dos Turenne,^[328] há de cumprir sua palavra dada a ladrões... Pois bem! Na sala dos Passos Perdidos, exatamente no centro dela, anda a esta hora uma mendiga esfarrapada, uma velha. Ela deve estar falando com qualquer escrivão público acerca de alguma demanda de paredes-meias; mande o seu contínuo chamá-la, dizendo estas palavras: *Dabor ti mandana*. Ela virá... Mas não seja cruel inutilmente!... Ou aceita as minhas propostas, ou não faça acordos com um grilheta. Repare que eu não passo de um falsário! Pois bem! Não deixe Calvi na horrível expectativa dos preparativos finais...

— A execução já está suspensa... Não quero — disse o conde — que a

justiça fique abaixo do senhor!

Jacques Collin olhou para o procurador-geral com uma espécie de assombro e viu-o puxar o cordão da campainha.

— Não quererá fugir? Basta-me sua palavra. Vá chamar a mulher.

Apresentou-se o contínuo.

— Dispense os gendarmes — disse o sr. de Granville.

Jacques Collin estava vencido.

Nesse duelo com o magistrado, ele queria ser o maior, o mais forte, o mais generoso; e o magistrado o esmagava. Todavia o forçado sentiu-se muito superior, porque enganava a justiça, porque a persuadia de que o culpado era inocente e porque disputava vitoriosamente uma cabeça; mas essa superioridade devia ser surda, secreta, oculta, enquanto a justiça o suplantava à luz do dia, majestosamente.

XXIX – ESTREIA DE JACQUES COLLIN NA COMÉDIA

No momento em que Jacques Collin saía do gabinete do sr. de Granville, apresentava-se o secretário da presidência do Conselho, o conde des Lupeaulx, acompanhado de um velhote valetudinário. Este último, embrulhado em agasalhos como se ainda fosse inverno, com o cabelo empoadado, o rosto lívido e frio, caminhava como um gotoso, pouco firme nos pés engrossados por uns sapatos de couro de Orléans, apoiado numa bengala de castão de ouro, de cabeça descoberta e chapéu na mão, e com a botoeira ornada de uma correntezinha com sete cruzes.

— Que temos, meu caro Des Lupeaulx? — perguntou o procurador-geral.

— Venho a mandado do príncipe — disse-lhe ele ao ouvido. — O senhor tem carta branca para obter a correspondência da sra. de Sérisy, da sra. de Maufrigneuse e da srta. de Grandlieu. Pode entender-se com este senhor...

— Quem é? — perguntou o conde ao ouvido de Des Lupeaulx.

— Eu não tenho segredos para o meu caro procurador-geral, é o famoso Corentin. Sua majestade manda dizer que lhe vá pessoalmente contar todas as circunstâncias do negócio e as condições do sucesso.

— Faça-me o favor — respondeu o procurador-geral ao ouvido de Des Lupeaulx — de ir dizer ao príncipe que está tudo terminado e que

não precisarei deste senhor — acrescentou, designando Corentin. — Eu irei receber as ordens de sua majestade quanto à conclusão do negócio, que é com o ministro da Justiça, pois há dois indultos a outorgar.

— Andou bem em agir sem perda de tempo — disse Des Lupeaulx apertando a mão do procurador-geral. — O rei não quer, em vésperas de tentar uma grande empresa, ver o pariatto e as grandes famílias arrastadas pela rua da amargura... Isto deixa de ser um vil processo criminal para se tornar um negócio de Estado...

— Mas diga ao príncipe que, quando o senhor chegou, já tudo estava pronto.

— Deveras?

— Creio que sim.

— Então será ministro da Justiça quando o atual ministro for chanceler, meu caro...

— Eu não tenho ambições...

Des Lupeaulx saiu rindo.

— Peça ao príncipe que solicite do rei dez minutos de audiência para mim, aí pelas duas e meia — acrescentou o sr. de Granville, acompanhando à porta o conde des Lupeaulx.

— E diz que não é ambicioso! — observou Des Lupeaulx lançando um fino olhar ao sr. de Granville. — Ora, o senhor tem dois filhos, quer ao menos ser par de França...

— Se o senhor procurador-geral tem as cartas em seu poder, torna-se inútil a minha intervenção — disse Corentin ficando só com o sr. de Granville, que o examinava com uma curiosidade bem compreensível.

— Um homem como o senhor nunca é demais num negócio tão melindroso — respondeu o procurador-geral, vendo que Corentin tinha compreendido ou ouvido tudo.

Corentin saudou com um aceno de cabeça quase protetor.

— Conhece o homem de quem se trata?

— Conheço, senhor conde; é Jacques Collin, chefe da associação dos Dez Mil, o banqueiro das três galés, um forçado que há cinco anos soube ocultar-se sob a sotaina do padre Carlos Herrera. Como foi ele encarregado de uma missão do rei da Espanha para o falecido rei? Nenhum de nós o pode compreender. Estou à espera de uma resposta

de Madri, para onde mandei umas notas e um homem. Este forçado possui o segredo de dois monarcas...

— É um homem de grande têmpera! Não temos senão duas alternativas: ou chamá-lo a nós ou descartar-nos dele.

— Tivemos ambos a mesma ideia, o que para mim é uma grande honra — disse Corentin. — Vejo-me obrigado a ter tantas ideias e em nome de tanta gente que por força alguma vez hei de coincidir com um homem de talento.

Estas palavras foram ditas de um modo tão seco e num tom tão frio que o procurador-geral guardou silêncio e se pôs a despachar alguns papéis urgentes.

Quando Jacques Collin se apresentou na sala dos Passos Perdidos, não se imagina o espanto da tia, que ficou embasbacada, de mãos nos quadris, com o seu jeito de vendedeira de hortalça. Apesar de habituada às proezas do sobrinho, aquela excedia tudo.

— Se continuas a olhar para mim como se eu fosse algum urso — disse-lhe Jacques Collin, travando-lhe do braço e levando-a para fora da sala —, acabarão tomando-nos por duas curiosidades, talvez nos prendam, e perdemos tempo.

E desceu a escada da Galerie Marchande, que conduz à Rue de la Barillerie.

— Onde está Paccard? — perguntou.

— Espera-me em casa da Ruiva, e anda passeando no Quai aux Fleurs.

— E Prudência?

— Está em casa, como minha afilhada. Vamos lá. E repara se nos seguem...

XXX – HISTÓRIA DA RUIVA

A Ruiva, estabelecida com negócio de quinquilharias no Quais aux Fleurs, era viúva de um célebre assassino, um dos Dez Mil. Em 1819, Jacques Collin havia fielmente entregado vinte e tantos mil francos a essa mulher, da parte do amante, depois da execução. Somente Engana-a-Morte conhecia a intimidade dessa rapariga, então modista, com o tal camarada.

— Eu sou o *dab* do teu homem — dissera então o pensionista da sra. Vauquer à modista, mandando-a chamar ao Jardin des Plantes. — Ele deve ter falado contigo a meu respeito, menina. Quem me atraiçoa morre no prazo de um ano! Quem me é fiel nunca tem nada que recear de mim. Eu sou homem para morrer sem dizer uma palavra que comprometa aqueles a quem estimo. Sê minha como uma alma pode ser do diabo, porque tens tudo a ganhar. Eu prometi que serias feliz ao teu pobre Augusto, que te queria ver rica e que por tua causa teve a cabeça cortada. Não chores e ouve. Ninguém senão eu sabe que eras a amante de um forçado, de um assassino que foi para as malvas no sábado; mas eu nunca direi nada a esse respeito. Tens vinte e dois anos, és bonita e possuis vinte e seis mil francos; esquece Augusto, casa-te, faze-te mulher honesta se podes. Em troca desse descanso peço-te que me sirvas, a mim e a quem eu te mandar, mas sem hesitações. Nunca te pedirei nada de comprometedor, nem para ti, nem para os teus filhos, nem para o teu marido, se o tiveres, nem para a tua família. Na vida que eu levo, preciso muitas vezes de um lugar seguro para conversar, para me esconder. Preciso de uma mulher discreta para ir levar uma carta, para dar um recado. Tu serás uma das minhas caixas de correio, um dos meus emissários, nem mais nem menos. Como és muito loura, eu e Augusto te chamávamos *a Ruiva*, e conservarás esse nome. Minha tia, a adela, a quem te apresentarei, é a única pessoa no mundo a quem deverás obedecer; dize-lhe tudo o que te acontecer; ela arranja-te casamento e verás que te há de ser muito útil.

Assim foi que se concluiu um desses pactos diabólicos no gênero daquele que, durante tanto tempo, ligara a ele Prudência Servien, e que aquele homem nunca deixava de cimentar, porque tinha, como o demônio, a paixão do proselitismo.

Em 1821, Jacqueline Collin casara a Ruiva com o primeiro caixeiro de um rico negociante de quinquilharias por atacado. Esse primeiro caixeiro, tendo ficado com a casa do patrão, achava-se então no caminho da prosperidade, pai de dois filhos e adjunto do *maire* do seu bairro. Nunca a Ruiva, que agora era a sra. Prélard, tivera o mais leve motivo de queixa nem de Jacques Collin nem da tia deste; mas, a cada serviço que lhe pediam, a sra. Prélard tremia em todos os seus

membros. Por isso, ao ver entrar na loja as duas terríveis personagens, ficou branca como cal.

— Temos uns negócios a tratar, minha senhora — disse-lhe Jacques Collin.

— Meu marido está aí — voltou ela.

— Bem. Nós não temos no momento muita urgência da senhora; eu não gosto de incomodar ninguém inutilmente.

— Mande buscar um fiacre — disse Jacqueline Collin — e diga à minha afilhada que venha cá; espero colocá-la como criada de quarto de uma fidalga, e o intendente da casa quer levá-la.

Paccard, que parecia um gendarme à paisana, estava nesse momento falando com o sr. Prélard de um importante fornecimento de arame para uma ponte.

Um caixeiro foi chamar um fiacre, e poucos minutos depois Europa, ou antes Prudência Servien, Paccard, Jacques Collin e sua tia estavam, com grande contentamento da Ruiva, reunidos num fiacre, ao qual Engana-a-Morte deu ordem de marchar para a barrière d' Ivry.

Prudência Servien e Paccard, trêmulos diante do *dab*, pareciam almas culpadas em presença de Deus.

— Onde estão os setecentos e *cinquenta* mil francos? — perguntou-lhes o *dab*, pondo neles um desses olhares fixos e claros que de tal modo perturbavam o sangue daquelas almas danadas, quando estavam em falta, que se julgavam com tantos alfinetes quanto cabelos na cabeça.

— Os setecentos e *trinta* mil francos — respondeu a tia — estão em lugar seguro; entreguei-os esta manhã a Romette, num embrulho lacrado.

— Se vocês não os tivessem entregado a Jacqueline — disse Engana-a-Morte —, iam parar ali... — acrescentou, mostrando a Place de Grève, diante da qual se achava o carro.

Prudência benzeu-se, à moda da sua terra, como se visse cair um raio.

— Perdoo-lhes — continuou o *dab* — com a condição de não tornarem a cometer faltas semelhantes e de serem para mim, de hoje em diante, o mesmo que estes dois dedos da minha mão direita — disse

ele mostrando o indicador e o médio — porque o polegar é esta! — E bateu no ombro da tia. — Ouçam. De hoje em diante, tu, Paccard, nada tens que temer, e podes andar por Paris à vontade. Podes casar com Prudência.

XXXI – INSTALAÇÃO DE PACCARD E DE PRUDÊNCIA

Paccard tomou-lhe a mão e beijou-a respeitosamente.

— Que me cumpre fazer? — perguntou ele.

— Nada, e terás dinheiro e mulheres, não contando a tua, porque tu és um mulherengo, meu velho! Nem para outra coisa serve o ser um latagão como tu és!

Paccard corou, ouvindo aquele elogio trocista do seu sultão.

— Tu, Prudência — continuou Jacques —, precisas de uma ocupação, um futuro, ficando porém ao meu serviço. Escuta. Existe na Rue Sainte-Barbe uma boa casa pertencente a essa sra. de Saint-Estève, que às vezes cede o nome à minha tia... É casa bem afreguesada, que deixa quinze ou vinte mil francos por ano. A Saint-Estève tem como gerente da casa a...

— A Gonore — atalhou Jacqueline.

— A mulher do pobre La Pouraille — disse Paccard. — Foi lá que eu me meti com Europa no dia da morte da pobre sra. van Bogseck, nossa ama...

— Então falo eu, ou chia algum carro? — disse Jacques Collin.

Fez-se o mais profundo silêncio no fiacre. Prudência e Paccard não ousaram mais olhar um para o outro.

— A casa é pois dirigida pela Gonore — prosseguiu Jacques Collin. — Se foste esconder-te lá com Prudência, já vejo, Paccard, que tiveste finura para iludir a polícia, mas que não foste capaz de intrujar cá a patroa — disse ele passando a mão pelo queixo da tia. — Percebo agora como foi que ela te apanhou... Vem a calhar. Vocês voltam para casa da Gonore. Jacqueline vai negociar com a sra. Nourrisson o trespasse do seu estabelecimento da Rue Sainte-Barbe, e tu, pequena, com juízo, podes lá fazer fortuna — disse ele, olhando para Prudência. — Abadessa nessa idade, hein? É o feito de uma rapariga da França — acrescentou em tom escarninho.

Prudência saltou ao pescoço de Engana-a-Morte e beijou-o, mas, com um golpe seco que denotava a sua força extraordinária, o *dab* repeliu-a tão vivamente que, se não fosse Paccard, a rapariga partiria o vidro do fiacre com a cabeça.

— Abaixo as patas! Não gosto dessas maneiras! — disse secamente o mestre. — É faltar-me ao respeito.

— Ele tem razão, filha — disse Paccard. — É o mesmo que o *dab* dar-te cem mil francos. A loja vale isso. É no bulevar, defronte do Gymnase. Há a saída do espetáculo...

— Faço mais, comprarei também o prédio — disse Engana-a-Morte.

— E estamos milionários em seis anos! — exclamou Paccard.

Farto de ver que o interrompiam, Engana-a-Morte atirou um tremendo pontapé à canela de Paccard; mas Paccard tinha nervos de borracha e ossos de lata.

— Não é preciso mais, *dab*! Ficaremos calados — disse Paccard.

— Você imagina que estou a dizer patranhas? — tornou Engana-a-Morte, reparando então que Paccard estava um pouco entrado. — Ouçam. Há no subterrâneo da casa duzentos e cinquenta mil francos em ouro.

De novo reinou no fiacre o mais profundo silêncio.

— Esse ouro está bem enterrado... Trata-se de desenterrá-lo, e vocês só têm três noites para isso. Jacqueline vai ajudá-los. Cem mil francos são para o trespasse do estabelecimento, cinquenta mil para a compra da casa e deixam o resto.

— Onde?

— No subterrâneo! — disse Prudência.

— Silêncio! — ordenou Jacqueline.

— Sim, mas, para a transmissão do negócio, é preciso o consentimento da polícia — disse Paccard.

— Arranja-se — disse secamente Engana-a-Morte. — Que tens tu com isso?

Jacqueline olhou para o sobrinho, ficando impressionada com a alteração daquele rosto através da máscara impassível debaixo da qual aquele homem tão forte ocultava habitualmente suas emoções.

— Filha — disse Jacques Collin a Prudência Servien —, minha tia vai

entregar-te os setecentos e cinquenta mil francos.

— Setecentos e trinta — emendou Paccard.

— Pois seja, setecentos e trinta — voltou Jacques Collin. — Esta noite, volta com um pretexto qualquer a casa da sra. Luciano, entra pela trapeira do telhado, desce pela chaminé ao quarto de dormir de tua falecida ama e põe dentro do colchão o embrulho que ele havia feito.

— Por que não hei de entrar pela porta? — perguntou Prudência.

— Com os selos postos, idiota? — replicou Jacques Collin. — O inventário vai ser feito dentro de poucos dias, e vocês ficam inocentes do roubo...

— Viva o *dab*! — exclamou Paccard. — Que bondade de homem!

— Cocheiro, para! — berrou com sua voz forte Jacques Collin.

Estavam diante da praça de fiacres do Jardin des Plantes.

— Vão-se embora, filhos — disse o grilheta —, e não façam tolices! Estejam às cinco horas da tarde na pont des Arts; lá minha tia lhes irá dizer se há contraordem. Convém prever tudo — acrescentou ele em voz baixa para a tia. — Jacqueline lhes explicará amanhã — prosseguiu — como se conseguirá tirar, sem perigo, o dinheiro do subterrâneo. É trabalho muito melindroso...

Prudência e Paccard saltaram para a calçada, felizes como ladrões indultados.

— Ah, que bom homem é o *dab*! — disse Paccard.

— Para ser o rei dos homens, só lhe falta não desprezar tanto as mulheres!

— Mas tem muito bom modo! — tornou Paccard. — Reparaste que pontapé ele me deu? Nós o que merecíamos era ir para a forca, porque, enfim, fomos nós que o metemos no aperto.

— Não vá ele — disse a espirituosa Prudência — envolver-nos em algum crime para pregar conosco nas galés...

— Quem? Ele! Se o quisesse fazer, o diria, tu ainda não o conheces! E que rico futuro ele te dá! Estamos uns burgueses. Que sorte! Oh! Este homem, quando é amigo, não tem igual.

XXXII – A CAÇA VIRA CAÇADOR

— Minha rica! — disse Jacques Collin a sua tia. — Toma conta da

Gonore; é preciso fazê-la adormecer. Daqui a cinco dias ela será presa, e encontram-lhe no quarto cinquenta mil francos em ouro, resto de um quinhão no assassinato dos velhos Crottat, pai e mãe do tabelião.

— São cinco anos de cadeia — disse Jacqueline.

— Pouco mais ou menos — confirmou Jacques Collin. — Mais uma razão para Nourrisson se desfazer da casa, porque não poderá geri-la, e gerentes não aparecem quando se quer. Podes muito bem arranjar esse negócio. Sempre é um posto de atalaia... Mas todas estas três negociações estão dependentes da que eu acabo de encetar relativamente às cartas. Anda, pois, descose o vestido e passa-me as amostras da mercadoria. Onde estão os três maços?

— Em casa da Ruiva, já se vê.

— Cocheiro! — gritou Jacques Collin. — Depressa para o tribunal!... Prometi ser ligeiro e já ando fora há meia hora, o que é demasiado. Fica em casa da Ruiva e entrega os maços lacrados a um rapaz de escritório que lá aparecer perguntando pela sra. *de Saint-Estève*. O *de* é a senha. Além disso, ele há de te dizer: “Minha senhora, venho da parte do senhor procurador-geral para o que a senhora sabe”. Espera diante da porta da Ruiva examinando o que se passa no mercado das flores, para não despertares a atenção de Prélard. Assim que entregares as cartas, podes pôr a trabalhar Paccard e Prudência.

— Percebo-te — disse Jacqueline. — Tu queres substituir Bibi-Lupin. A morte de Luciano deu-te volta ao miolo!

— E Teodoro, a quem iam cortar a cabeça às quatro horas? — disse Jacques Collin.

— Afinal, é uma ideia como qualquer outra. Iremos acabar os nossos dias honradamente numa bela propriedade, em qualquer terra salubre da Touraine.

— Que havia eu de fazer? Luciano levou consigo a minha felicidade e a minha alma; vejo diante de mim trinta anos de vida aborrecida, e estou sem coração. Em vez de ser o *dab* dos galés, serei o Fígaro^[329] da justiça e vingo o meu Luciano. Só lá dentro da polícia é que poderei escangalhar Corentin. Ter um homem a escangalhar é ainda viver. As profissões do mundo são meras aparências; a realidade é a ideia! — acrescentou, com uma palmada na testa. — Que tens tu agora em cofre?

— Nada — disse a tia, assustada com as maneiras do sobrinho. — Dei-te tudo para o teu pequeno. Romette não tem mais de vinte mil francos para o giro do seu negócio. Pedi a Nourrisson quanto ela possuía, uns sessenta mil francos, se tanto. Não renovamos a nossa roupa há um ano. O pequeno devorou o cofre dos Dez Mil, o nosso tesouro e tudo quanto Nourrisson possuía.

— Em quanto importava tudo?

— Em quinhentos e sessenta mil...

— Então temos cento e cinquenta em ouro que Paccard e Prudência nos ficaram devendo. Já te digo onde vais arranjar mais duzentos mil... O resto virá da herança de Ester. É preciso recompensar Nourrisson. Com Teodoro, Paccard, Prudência, Nourrisson e contigo, terei formado num instante o batalhão sagrado que preciso... Estamos chegando...

— Aqui estão as três cartas — disse Jacqueline, que acabava de dar a última tesourada ao forro do vestido.

— Bem — respondeu Jacques Collin, recebendo os três preciosos autógrafos, três papéis velinos ainda perfumados. — Foi Teodoro quem cometeu o crime de Nanterre.

— Ah! Foi ele?

— Cala-te, que o tempo é precioso. Foi para sustentar uma compatriota chamada Ginetta. Põe Nourrisson a procurá-la, eu te transmitirei as informações necessárias numa carta que o diretor da Conciergerie te entregará. Daqui a duas horas vai à portaria da cadeia. É preciso pôr a pequena em casa de uma engomadeira, irmã de Godet... Godet e Ruffard são cúmplices de La Pouraille no roubo e assassinato dos Crottat. Os quatrocentos e cinquenta mil francos estão intatos: um terço no subterrâneo da Gonore, é o quinhão de La Pouraille; outro terço no quarto da Gonore, é o de Ruffard; e o terceiro escondido em casa da irmã de Godet. Começaremos por tirar cento e cinquenta mil francos do quinhão de La Pouraille, depois cem mil de Godet e cem mil de Ruffard. Catrafilados Ruffard e Godet, já se vê que foram eles que puseram de parte o que faltar. Farei acreditar a Godet que fomos nós que pusemos de parte cem mil francos para ele e aos outros dois que foi a Gonore quem lhes salvou a massa. Prudência e Paccard vão trabalhar em casa da Gonore. Tu e Ginetta, que me parece ser uma finória,

manobrareis em casa da irmã de Godet. Para me estreiar no papel cômico, faço a polícia descobrir quatrocentos mil francos do roubo Crottat e os culpados. Estarei com o jeito de quem vai desvendar o assassinato de Nanterre. Éramos a caça, e ficamos sendo os caçadores; aí está! Dá três francos ao cocheiro.

O fiacre estava em frente ao tribunal. Jacqueline, estupefata, pagou. Engana-a-Morte subiu a escada para ir ao gabinete do procurador-geral.

XXXIII – SENHORES INGLESES, ATIREM PRIMEIRO^[330]

Uma mudança total de vida é uma crise tão violenta que, apesar da sua decisão, Jacques Collin subia lentamente os degraus da escada que da Rue de la Barillerie conduz à Galerie Marchande. Um processo político ocasionara uma espécie de ajuntamento ao pé da dupla escada que leva às audiências do crime, de sorte que o forçado, absorto nas suas reflexões, ficou um momento retido pela multidão. À esquerda dessa escada dupla, encontra-se um dos contrafortes do palácio, e nessa mole enxerga-se uma pequena porta. Esta dá para uma escada caracol que serve de comunicação à Conciergerie. É por aí que o procurador-geral, o diretor da prisão, os presidentes das audiências criminais, os advogados gerais e o chefe da polícia de segurança vão e vêm. É por uma ramificação dessa escada, hoje tapada, que Maria Antonieta, rainha da França, comparecia perante o tribunal revolucionário, que celebrava as suas sessões, como é sabido, na grande sala das audiências solenes do tribunal da segunda instância.

Ao aspecto dessa espantosa escada, o coração se confrange quando se pensa que passava por ali a filha de Maria Teresa, aquela mesma que tomava de lado a lado a escadaria principal de Versailles com a sua comitiva, o seu penteado, as suas anquinhas! Era talvez a expiação do crime de sua mãe, a Polônia hediondamente repartida. Os soberanos que praticam tais crimes não pensam evidentemente no resgate que a Providência deles exige.

No momento em que Jacques Collin entrava debaixo da abóbada da escada para se encaminhar ao gabinete do procurador-geral, Bibi-Lupin saiu pela tal porta escondida na parede.

O chefe da polícia de segurança vinha da Conciergerie e também se

dirigia ao gabinete do sr. de Granville. Pode-se fazer uma ideia do assombro de Bibi-Lupin ao ver diante de si a sobrecasaca de Carlos Herrera, que ele tanto estudara naquela manhã; correu para lhe passar à frente. Jacques Collin voltou-se. Os dois inimigos acharam-se cara a cara. Ficaram ambos imóveis, com o mesmo raio a fuzilar-lhes nos olhos, tão diferentes, como duas pistolas que, num duelo, são disparadas ao mesmo tempo.

— Desta vez apanho-te, bandido! — disse o chefe da polícia de segurança.

— Olá! — fez Jacques Collin com ironia.

Pensou rapidamente que o sr. de Granville o teria mandado seguir e, coisa estranha, teve pena de ver aquele homem menor do que ele o imaginava.

Bibi-Lupin atirou-se corajosamente ao gasganete de Jacques Collin, que, sem desfitar os olhos do adversário, lhe deu um soco atirando-o a três passos de distância, estatelado; depois Engana-a-Morte caminhou pausadamente para Bibi-Lupin e estendeu-lhe a mão para ajudá-lo a levantar-se, exatamente como um boxeador inglês que, cômico da sua força, está pronto para voltar à carga. Bibi-Lupin era rijo demais para se pôr a gritar; mas aprumou-se, correu à entrada do corredor e fez sinal a um gendarme para se postar aí de sentinela. Depois, com a rapidez do relâmpago, voltou ao seu adversário, que observava tranquilamente o que o outro fazia. Jacques Collin tomara a sua decisão: ou o procurador-geral lhe faltara à palavra, ou não confiara coisa nenhuma a Bibi-Lupin. Era necessário esclarecer sua situação.

— Queres prender-me? — perguntou Jacques Collin a seu inimigo.
— Di-lo sem bater no púlpito. Eu bem sei que cá dentro és mais forte. Eu podia dar cabo de ti, mas não podia fazer o mesmo com os gendarmes. Nada de barulho; aonde me queres conduzir?

— Ao gabinete do sr. Camusot.

— Pois vamos lá. Mas por que não havíamos de ir antes ao gabinete do procurador-geral, que fica mais perto?

Bibi-Lupin, que sabia que estava desacreditado nas altas regiões do poder judiciário e suspeito de ter juntado fortuna à custa dos criminosos e das suas vítimas, não achou mau apresentar-se ao

procurador com aquele prisioneiro.

— Pois seja — disse ele —, convém-me! Mas, uma vez que te rendes, deixa que eu te arrume, pois tenho medo dos teus gatázios. — E tirou do bolso os anjinhos.

Jacques Collin estendeu as mãos, Bibi-Lupin apertou-lhe os polegares.

— Já que estás tão bonzinho, dize lá como saíste da Conciergerie.

— Por onde tu saíste, pela escada particular.

— Pregaste então aos gendarmes alguma peça original.

— Não. O sr. de Granville me deixou livre sob palavra.

— Estás brincando!

— Vais ver. A ti é que vão pôr talvez os anjinhos nas mãos.

XXXIV – UM CONHECIDO ANTIGO

Nesse momento, Corentin dizia ao procurador-geral:

— Há justamente uma hora, senhor conde, que o nosso homem saiu; não receia que ele o enganasse?... Talvez a esta hora esteja a caminho da Espanha, e não mais o acharemos, porque a Espanha é um país fantástico.

— Ou eu não sou entendido em homens, ou ele volta, mesmo para seu bem; se ele tem alguma coisa que me dar, muito mais tem que receber de mim.

Nesse momento Bibi-Lupin apareceu.

— Senhor conde — disse ele —, tenho uma boa notícia para lhe dar: Jacques Collin, que havia fugido, foi outra vez agarrado.

— Aí está — disse Jacques Collin — como o senhor conde cumpriu a sua palavra! Pergunte ao seu agente de duas caras onde me encontrou.

— Onde? — perguntou o procurador-geral.

— A dois passos deste gabinete, debaixo da abóbada — respondeu Bibi-Lupin.

— Tire-lhe os cordéis — ordenou severamente o sr. de Granville. — Saiba que, enquanto lhe não derem ordem para tornar a prender este homem, poderá deixá-lo andar em liberdade... E saia!... O senhor está acostumado a proceder como se fosse a justiça e a polícia ao mesmo tempo.

E o procurador-geral voltou as costas ao chefe da polícia de segurança, que empalideceu tanto mais ao receber de Jacques Collin um olhar em que pressentiu a sua queda.

— Eu não saí do meu gabinete — disse o sr. de Granville a Jacques Collin. — Estava à sua espera, e o senhor não pode duvidar de que cumpri a minha palavra como o senhor cumpriu a sua.

— No primeiro momento duvidei do senhor conde, e talvez que, no meu lugar, o senhor pensaria como eu; mas a reflexão me provou que eu era injusto. Trago-lhe mais do que recebo; o senhor não tinha interesse em me enganar...

O magistrado trocou subitamente um olhar com Corentin. Esse olhar, que não pôde escapar a Engana-a-Morte, cuja atenção estava dirigida sobre o sr. de Granville, fez-lhe perceber o velhinho excêntrico, sentado em sua poltrona a um canto. Advertido imediatamente por esse instinto tão vivo e tão rápido que denuncia a presença de um inimigo, Jacques Collin examinou aquela personagem; viu no primeiro relance que os olhos não tinham a idade acusada pelo traje e reconheceu um disfarce. Foi a desforra instantânea tomada por Jacques Collin sobre Corentin, da celeridade de observação com que Corentin o tinha desmascarado em casa de Peyrade.

— Não estamos sós!... — disse Jacques Collin ao sr. de Granville.

— Não — replicou secamente o procurador-geral.

— E este senhor — tornou o galé — é, se não me engano, um dos meus melhores conhecidos...

Deu um passo e reconheceu Corentin, o autor real e declarado da queda de Luciano. Jacques Collin, cujo rosto era habitualmente rubicundo, tornou-se pálido e quase branco durante um rápido e imperceptível instante; afluíu-lhe ao coração todo o seu sangue, tão ardente e frenética foi sua vontade de atirar-se àquela fera perigosa e de a esmagar; mas reprimiu esse desejo brutal com a energia que o tornava tão terrível. Tomou um ar amável, um tom de obsequiosa delicadeza, a que estava acostumado desde que representava o papel de um alto eclesiástico, e cumprimentou o velhinho.

— Sr. Corentin — disse ele —, é ao acaso que devo o prazer de encontrá-lo, ou terei porventura a fortuna de ser o objeto da sua vinda

ao tribunal?

O espanto do procurador-geral chegou ao seu auge, e ele não pôde evitar de examinar aqueles dois homens postos em presença um do outro. Os movimentos de Jacques Collin e o tom das suas palavras denunciavam uma crise, e o procurador-geral sentiu-se curioso de lhe penetrar as causas. Aquele súbito e miraculoso reconhecimento de sua pessoa, Corentin pôs-se de pé, como uma serpente à qual pisam a cauda.

— Sou eu, sim, meu caro padre Carlos Herrera.

— Vem interpor-se entre o senhor procurador-geral e mim? — disse-lhe Engana-a-Morte. — Teria eu o gosto de ser o alvo de alguma dessas negociações nas quais tanto brilha o seu talento? Senhor conde — tornou o grilheta, voltando-se para o magistrado —, para não fazê-lo perder o seu tempo precioso, aqui tem uma amostra da minha mercadoria. — E apresentou ao sr. de Granville as três cartas, que tirou da algibeira lateral da sobrecasaca. — Enquanto o senhor toma conhecimento dela, vou conversando com este cavalheiro, se dá licença.

XXXV – PERSPECTIVA DE UMA POSIÇÃO

— É para mim muita honra — respondeu Corentin, que não pôde reprimir um arrepio.

— O senhor obteve um completo triunfo no nosso negócio — disse Jacques Collin. — Fui derrotado... — acrescentou ele negligentemente e à maneira de um jogador que perdeu o seu dinheiro — mas o senhor deixou alguns homens no campo... Foi uma vitória cara.

— É verdade — respondeu Corentin, aceitando o gracejo —; o senhor perdeu a sua rainha, mas eu perdi as minhas duas torres.

— Ora! Contenson não passava de um peão — replicou zombeteiramente Jacques Collin. — Substitui-se. O senhor, permita-me este elogio de frente, é um homem prodigioso, *palavra de honra!*

— Qual! Eu é que me curvo perante a sua superioridade — replicou Corentin, com ares de trocista de profissão. — Eu disponho de tudo, e o senhor é por assim dizer sozinho...

— Ora! Ora! — disse Jacques Collin.

— E ainda o senhor quase ia vencendo — disse Corentin, reparando

na exclamação. — O senhor é o homem mais extraordinário que já encontrei na minha vida, e note que tenho visto muitos extraordinários, porque todos aqueles com quem me bato são notáveis pela audácia, pela ousadia das concepções. Por minha desgraça, fui muito íntimo do sr. duque de Otranto; trabalhei para Luís XVIII quando ele reinava e, quando estava exilado, para o imperador e para o diretório... O senhor tem a têmpera de Louvel, o mais belo instrumento político que eu tenho conhecido; mas o senhor tem a maleabilidade do príncipe dos diplomatas. E que auxiliares!... Quantas cabeças eu não daria à guilhotina para ter ao meu serviço a cozinheira daquela pobre Ester! Onde vai o senhor desencantar mulheres tão lindas como a que substituiu a judia durante algum tempo para o sr. de Nucingen? Eu não sei onde hei de ir buscá-las quando delas preciso...

— Ah! O sr. Corentin me envaidece — disse Jacques Collin. — Da sua parte, esses elogios são para fazer perder a cabeça...

— São merecidos. Pois enganou Peyrade a ponto de ele o tomar por um oficial da polícia! Esteja certo, se o senhor não tivesse a defender aquele pobre palerma, derrotava-nos a todos...

— Oh! É que já não se lembra de Contenson feito mulato e de Peyrade disfarçado de inglês. Os atores têm os recursos do teatro; mas ser assim perfeito à luz do dia, a toda hora, só o senhor e os seus...

— Pois bem — disse Corentin. — Ambos estamos persuadidos do nosso valor, dos nossos méritos. Aqui estamos os dois sós; eu sem o meu velho amigo, o senhor sem o seu jovem protegido. No momento eu sou o mais forte; por que não havíamos de fazer como no *Albergue dos Adrets*?^[331] Eu estendo-lhe a mão, dizendo: “Abracemo-nos, acabe-se tudo”. Aqui, perante o senhor procurador-geral, ofereço-lhe indulto pleno e completo, e fica o senhor sendo um dos meus, o primeiro depois de mim, talvez o meu sucessor.

— É então uma posição que me oferece?... — disse Jacques Collin. — Bonita posição! De caça para o caçador...

— O senhor estará numa esfera onde os seus talentos serão bem apreciados, bem recompensados, e onde trabalhará à vontade. A polícia política e a governamental têm seus perigos. Aqui onde me vê já estive preso duas vezes... nem por isso tenho pior saúde. Viaja-se, a gente é o

que quer ser... Passa-se a ser o maquinista dos dramas políticos, somos tratados com delicadeza pelos grandes senhores... Então, meu caro Jacques Collin, isto lhe serve?

— Tem alguma ordem a esse respeito? — perguntou o grilheta.

— Tenho plenos poderes — respondeu Corentin, muito satisfeito com a sua inspiração.

— O senhor graceja; com o seu poderio, deve compreender que se possa desconfiar do senhor. O senhor tem vendido mais de um homem amarrando-o num saco depois de tê-lo feito entrar aí por espontânea vontade. Eu conheço as suas belas batalhas, o caso Montauran, o caso Simeuse...^[332] São as batalhas de Marengo^[333] da espionagem.

— Ora, diga-me — tornou Corentin —, não é verdade que o senhor estima o senhor procurador-geral?

— Decerto — disse Jacques Collin, inclinando-se com respeito. — Admiro o seu belo caráter, sua firmeza, sua fidalguia, e daria a minha vida para que ele fosse feliz. Começo até fazendo cessar o estado perigoso em que se acha a sra. de Sérisy.

O procurador-geral deixou escapar um gesto de desafogo.

— Pois então pergunte-lhe — disse Corentin — se eu não tenho plenos poderes para arrancá-lo do estado vergonhoso em que se encontra e para ligá-lo à minha pessoa.

— É verdade — disse o sr. de Granville observando o forçado.

— Sim? Será então verdade que terei a absolvição do meu passado e a promessa de lhe suceder, dando provas da minha habilidade?

— Entre homens como nós, não podem existir equívocos — disse Corentin com uma grandeza d'alma capaz de comover qualquer pessoa.

— E naturalmente o preço dessa transação — tornou Jacques Collin — é a entrega das três correspondências?...

— Parecia-me inútil dizer-lhe isto...

XXXVI – DECEPÇÃO

— Meu caro sr. Corentin — disse Engana-a-Morte com uma ironia digna daquela que constituiu o triunfo de Talma no papel de Nicomedes^[334] —, agradeço-lhe o fazer-me saber quanto valho e a importância que se liga ao privar-me dessas armas... Nunca esquecerei isto... Sempre e em

qualquer ocasião estarei ao seu serviço; e, em vez de dizer como Robert Macaire: “Abracemo-nos”, abraço-o eu.

Agarrou tão rapidamente Corentin pela cintura que este não se pôde livrar do abraço; apertou-o ao coração como a uma boneca, beijou-o em ambas as faces, ergueu-o ao ar como uma pena, abriu a porta e pô-lo fora do gabinete, todo machucado daquela atacação.

— Adeus, meu caro — disse-lhe ele baixinho. — Estamos separados um do outro por três comprimentos de cadáveres; medimos as nossas espadas e vimos que são da mesma têmpera, da mesma dimensão... Respeitemo-nos um ao outro; eu quero ser seu igual, não seu subordinado... Armado como o senhor ficava, parece-me um general perigoso demais para o seu lugar-tenente. Ponhamos entre nós um fosso. Ai do senhor se entra no meu território!... O senhor chama a si próprio o Estado, da mesma forma que os lacaios adotam o nome dos seus amos; e eu quero chamar-me a Justiça. Havemos de encontrar-nos muitas vezes; continuemos a tratar-nos com muita dignidade, mesmo porque seremos sempre... uns grandes canalhas — disse-lhe ele ao ouvido. — Acabo de lhe dar o exemplo abraçando-o.

Pela primeira vez na vida Corentin viu-se aparvalhado, e deixou o seu terrível adversário sacudir-lhe a mão...

— Sendo assim — disse ele —, creio que temos mútuo interesse em ficar *amigos*...

— Sim, para ficarmos mais fortes, mas também mais perigosos — acrescentou Jacques Collin em voz baixa. — Há de por isso permitir-me que amanhã lhe peça as arras do nosso convênio.

— Pois bem — disse Corentin com afabilidade —, o senhor tira das minhas mãos o seu negócio para o entregar ao procurador-geral, e vai ser causa da sua promoção; mas não posso deixar de lhe declarar que fez bem... Bibi-Lupin está muito conhecido, deu o que tinha de dar. Se o senhor o substituir, viverá na única condição que lhe convém; gosto de vê-lo nela, palavra de honra...

— Pois sim, até a vista — disse Jacques Collin.

Ao voltar-se, Engana-a-Morte encontrou o procurador-geral sentado à sua mesa, com a cabeça nas mãos.

— Então é certo que poderia impedir a condessa de Sérisy de ficar

louca? — perguntou o sr. de Granville.

— Em cinco minutos — replicou Jacques Collin.

— E pode entregar-me todas as cartas dessas senhoras?

— Leu as três?

— Li — disse vivamente o procurador-geral —, e envergonha-me a pouca-vergonha daquelas que as escreveram.

— Pois bem. Como estamos *sós*, queira dar ordem para ninguém entrar, e combinemos — disse Jacques Collin.

— Perdão! A justiça deve primeiro que tudo cumprir o seu dever, e o sr. Camusot tem ordem para mandar prender sua tia.

— Ele não a encontrará nunca — declarou Jacques Collin.

— Vai-se dar uma busca no Temple, em casa de uma tal Paccard que está dirigindo o estabelecimento dela.

— Encontrarão lá apenas trapos, vestidos, diamantes, uniformes. Contudo, é preciso pôr um termo ao zelo do sr. Camusot.

O sr. de Granville chamou um contínuo e mandou-o dizer ao sr. Camusot que lhe viesse falar.

— Então — disse ele a Jacques Collin — acabemos com isto!

— Estou morto por conhecer a sua receita para curar a condessa.

XXXVII – EM QUE JACQUES COLLIN ABDICA A SUA MAJESTADE DE CHEFÃO

— Senhor procurador-geral — disse Jacques Collin com gravidade —, eu fui, como sabe, condenado a cinco anos de trabalhos forçados por falsário. Adoro a liberdade!... Esse amor, como todos os amores, foi diretamente ao alvo; porque os amantes, quando se querem adorar demais, amuam-se. Evadindo-me, sendo outra vez agarrado, cumpri assim sete anos de sentença. Não tem pois que indultar-me senão pelas agravações de pena que eu apanhei nas galés. Na realidade, eu cumpri minha pena; e enquanto não acharem em mim alguma nova culpa, do que desafio a justiça e até o próprio Corentin, devia ser restabelecido nos meus direitos de cidadão francês. Excluído de Paris e submetido à vigilância da polícia, será isso viver? Para onde posso eu ir? Que posso fazer? O senhor conhece as minhas capacidades. Viu Corentin, esse repositório de estratégias e de traições, lívido de medo diante de mim fazendo justiça ao meu talento... Esse homem me tirou tudo, pois foi

ele, só ele, que, não sei por que meio e com que interesse, derrubou o edifício da fortuna de Luciano... Corentin e Camusot é que fizeram tudo...

— Não recrimine — disse o conde — e vamos ao que importa.

— Pois bem. O que importa é isto. Esta noite, com a mão álgida do pobre morto na minha mão, prometi a mim mesmo renunciar à luta insensata que há vinte anos venho sustentando contra a sociedade em peso. Decerto o senhor não me julga suscetível de carolices, depois do que lhe disse a respeito das minhas opiniões religiosas... Pois bem! Em vinte anos, eu tenho visto o mundo do avesso, por baixo, e reconhecido que há na marcha das coisas uma força, a que o senhor conde chama a *Providência*, e que eu chamava o *acaso*, e a que os meus companheiros dão o nome de *sorte*. Toda ação má é castigada por uma vingança qualquer, por mais rapidamente que lhe queira fugir. Neste ofício de lutador, com excelente jogo na mão, com a primazia em tudo, cai a vela por terra, ardem as cartas, ou o jogador morre de uma apoplexia!... É a história de Luciano. Esse rapaz, um anjo, não cometeu nem sombra de crime; deixou correr as coisas, deixou-se levar. Ia casar com a srta. de Grandlieu, ia ser marquês, tinha uma fortuna; no entanto, uma rapariga ingere veneno, esconde o produto da venda de umas inscrições, e lá se vai por água abaixo o edifício tão penosamente construído dessa bela fortuna. E quem é que nos dá a primeira estocada? Um homem crivado de infâmias secretas, um monstro com tantos crimes na esfera dos interesses que cada uma das moedas do seu montão está salpicada de lágrimas de uma família, um barão de Nucingen que tem sido Jacques Collin à sombra da lei e no mundo do dinheiro. Enfim o senhor conhece tão bem quanto eu as liquidações, as bandalhices desse homem. A minha grilheta há de estigmatizar sempre todas as minhas ações, ainda as mais virtuosas. Andar à deriva, de Herodes para Pilatos, entre as galés e a polícia, é uma vida em que o triunfo é um labor sem fim, em que o sossego se me afigura impossível. Jacques Collin, senhor conde, está a esta hora no mesmo caixão em que vai Luciano, que estão aspergindo de água benta, a caminho do cemitério. Mas o que preciso é ter para onde ir, não viver, mas morrer... No estado atual das coisas, o senhor, a justiça, não quis saber do estado civil e social do forçado liberto. Ainda

depois de satisfeita a lei, a sociedade não o está: conserva-se de pé atrás, fazendo quanto pode para justificar a seus próprios olhos a sua desconfiança; torna o forçado liberto um ente impossível; ela tem de lhe restituir todos os seus direitos, mas veda-lhe o viver numa certa zona. Diz a sociedade a esse miserável: “Paris, o único lugar onde te podes esconder, e os seus arredores em tal e tal extensão não te pertencem!...”. E ainda submete o forçado liberto à vigilância da polícia. Acha o senhor que seja possível viver em tais condições? Para viver é preciso trabalhar, pois ninguém sai das galés com rendimentos. Dispõem tudo de tal maneira que o forçado seja claramente designado, reconhecido, encurralado, depois julgam que os cidadãos irão ter confiança nele, quando a sociedade, a justiça, o mundo que o rodeia não têm nenhuma. Condenam-no à fome ou ao crime. Ele não encontra trabalho, é fatalmente impelido a recomeçar o seu antigo ofício que o levará ao cadafalso. Assim, apesar de querer renunciar a uma luta com a lei, não acertei com um lugar ao sol para mim. Um só me convém, que é fazer-me o servidor desse poder que sobre nós pesa; e, quando essa ideia me acudiu, a força em que há pouco lhe falei manifestou-se claramente em torno de mim. Tenho três grandes famílias nas mãos. Não vai imaginar que eu queira explorá-las. A chantagem é um dos assassinatos mais covardes, crime de mais profunda infâmia, a meu ver, que o homicídio. O assassino tem necessidade de uma coragem atroz. Assumo a responsabilidade da minha opinião, porque as cartas que fazem a minha segurança, que me permitem falar-lhe assim, que me põem neste momento ao nível do senhor conde, numa igualdade entre o crime e a justiça, estas cartas estão ao seu dispor... O seu contínuo pode ir buscá-las por sua ordem, que lhe serão entregues... Por elas não peço resgate, não as vendo! Ai, senhor procurador-geral! Quando eu as punha de reserva, não era em mim que pensava, era no perigo que um dia Luciano podia correr. Se o senhor não aceder ao meu pedido, eu tenho mais coragem e mais tédio da vida do que o necessário para dar um tiro nos miolos e livrá-lo de mim... Posso com um passaporte ir para a América e viver na solidão; tenho todas as condições que formam o selvagem... tais são os pensamentos em que eu estava esta noite. O seu secretário deve ter-lhe repetido umas palavras que eu o encarreguei de

lhe dizer... Vendo as precauções que está tomando para salvar a memória de Luciano de toda a infâmia, ofereci ao senhor a minha vida, pobre oferta! Eu já não lhe tinha apego; via-a impossível sem a luz que a iluminava, sem a felicidade que a animava, sem o pensamento que tinha por fito, sem a prosperidade desse jovem poeta que era o meu sol e queria entregar-lhe esses três maços de cartas...

O sr. de Granville inclinou a cabeça.

XXXVIII – CONSEQUÊNCIAS DA ABDICAÇÃO

— Descendo ao pátio, encontrei os autores do crime cometido em Nanterre, estando o meu jovem companheiro de grilheta a pique de ser executado por uma involuntária participação em tal crime — continuou Jacques Collin. — Averiguei que Bibi-Lupin anda a enganar a justiça, que um dos seus agentes é o assassino dos Crottat; não era, como o senhor diz, providencial? Enxerguei pois a possibilidade de fazer o bem, de empregar ao serviço da sociedade as qualidades de que sou dotado, os tristes conhecimentos que tenho adquirido, de ser útil em vez de ser nocivo, e ousei contar com a sua inteligência, com a sua bondade.

O ar de ingenuidade, a simplicidade daquele homem confessando-se sem acrimônia em tais termos, sem essa filosofia do vício que até então tornava terríveis as suas falas, faziam crer numa transformação. Ele parecia outro.

— Eu creio tanto no senhor que quero estar completamente à sua disposição — prosseguiu ele com a humildade de um penitente. — Aqui me vê o senhor entre três caminhos: o suicídio, a América e a Chefatura. Bibi-Lupin está rico, deu o que tinha de dar; é uma sentinela de duas caras, e, se o senhor me permitisse agir contra ele, dentro de oito dias eu o apanhava em flagrante. Se me der o lugar desse tratante, presta o maior serviço à sociedade. Eu prometo ser honrado. Tenho todas as qualidades requeridas para o cargo. Tenho a mais que Bibi-Lupin a instrução; estudei os preparatórios até retórica; não serei tão tolo como ele, tenho boas maneiras quando quero. Não tenho outra ambição do que ser um elemento de ordem e de repressão em vez de ser a corrupção. Não alistarei mais ninguém no grande exército do vício. Quando na guerra se aprisiona um general inimigo, senhor conde, não

se fuzila: restitui-se-lhe a espada, e dá-se-lhe por menagem uma cidade; pois bem! Eu sou o general das galés e rendo-me... Não foi a justiça, foi a morte que me subjugou... A esfera em que quero agir e viver é a única que me convém, e onde eu posso desenvolver as forças com que me sinto... Decida!

E Jacques Collin manteve-se numa atitude submissa e modesta.

— Pôs as cartas ao meu dispor? — perguntou o procurador-geral.

— Pode mandar buscá-las, serão entregues a quem o senhor enviar.

— E como?

Jacques Collin leu no íntimo do procurador-geral e continuou o mesmo jogo.

— O senhor me prometeu a comutação da pena de morte de Calvi na de vinte anos de trabalhos forçados. Oh! Não lembro isto para estabelecer um tratado — disse ele vivamente, vendo o procurador-geral fazer um gesto —; mas é que essa vida deve ser salva por outros motivos: o rapaz é inocente...

— Como posso eu obter as cartas? — perguntou o procurador-geral.
— Tenho o direito e a obrigação de saber se o senhor é o homem que diz ser. Quero-o sem condições...

— Mande um homem de confiança ao Quai aux Fleurs; ele verá nos degraus de uma loja de quinquilharias, com a tabuleta do *Bouctier d'Achille*...

— A casa do *Escudo*...

— Aí mesmo — disse Jacques Collin com um sorriso amargo. — É aí o meu escudo. O seu enviado encontrará lá uma velha vestida, segundo eu lhe dizia, como peixeira rica, de brincos nas orelhas, bem trajada; perguntará se é a sra. *de Saint-Estève*. Que não se esqueça do *de*! E dirá assim: “Venho da parte do senhor procurador-geral buscar o que a senhora sabe...” Receberá no mesmo instante três pacotes lacrados...

— Com todas as cartas? — perguntou o sr. de Granville.

— O senhor conde é fino, merecia bem o seu lugar — disse Jacques Collin sorrindo. — Vejo que me acha capaz de o experimentar e de lhe passar para as mãos uns papéis em branco... O senhor não me conhece! Eu confio no senhor como um filho em seu pai.

— O senhor vai ser reconduzido à Conciergerie — disse o

procurador-geral — e lá esperará que se decida a sua sorte.

O procurador tocou a campainha, entrou o contínuo, e ele lhe disse:
— Diga ao sr. Garnery que venha cá, se estiver no tribunal.

Além dos quarenta e oito comissários de polícia que velam sobre Paris como quarenta e oito providências subalternas, sem contar a polícia de segurança, há dois comissários adidos simultaneamente à polícia e à justiça para executarem as missões delicadas e substituírem os juízes de instrução em muitos casos. A repartição desses dois magistrados, porque eles o são, chama-se a repartição das delegações, visto serem com efeito delegados para cada caso de *per si* e regularmente chamados para executarem buscas ou capturas. Esses lugares exigem homens maduros, de capacidade provada, de grande moralidade, de uma discrição absoluta; e é um dos milagres que a Providência faz em benefício de Paris a possibilidade de ter sempre naturezas dessa espécie. A descrição do Palácio da Justiça ficaria inexata sem a menção dessas magistraturas *preventivas*, por assim dizer, que são os mais poderosos auxiliares da justiça; pois se a justiça tem, pela força das coisas, perdido algum tanto da sua antiga pompa e da sua velha riqueza, é preciso concordar em que tem lucrado materialmente. Em Paris, sobretudo, o mecanismo judiciário tem-se aperfeiçoado de um modo admirável.

O sr. de Granville tinha mandado o sr. de Chargebœuf, seu secretário, ao enterro de Luciano; era necessário substituí-lo naquela missão por um homem seguro, e o sr. Garnery era um dos comissários delegados.

XXXIX – O ENTERRO

— Senhor procurador-geral — disse Jacques Collin —, já lhe dei provas de que tenho o meu ponto de honra... O senhor deixou-me em liberdade e eu voltei... Vão dar onze horas, está acabando a missa fúnebre de Luciano, ele vai partir para o cemitério... Em vez de me mandar para a Conciergerie, permita-me que acompanhe o corpo à sua última morada; eu volto a entregar-me à prisão...

— Pode ir — disse o sr. de Granville com uma inflexão de voz cheia de bondade.

— Ainda uma palavra, senhor procurador-geral. O dinheiro daquela rapariga, da amante de Luciano, não foi roubado. Nos poucos momentos de liberdade que o senhor me concedeu, pude interrogar os criados... Confio neles como o senhor confia nos seus dois comissários delegados. Encontrarão, pois, a importância dos fundos vendidos por Ester van Gobseck no seu próprio quarto, quando quebrarem os selos. A criada fez-me observar que a defunta era muito desconfiada, e que havia de ter escondido o dinheiro na cama. Rebusquem a cama com atenção, desarmem-na, abram os colchões e os travesseiros, que lá estarão as cédulas bancárias.

— Está certo disso?...

— Estou certo da probidade relativa daqueles meus patifes; eles nunca brincam comigo... Eu tenho direito de vida e de morte sobre eles, julgo e condeno, e executo as minhas sentenças sem essas formalidades da justiça. Bem está vendo os efeitos do meu poder. Hei de descobrir-lhe as somas roubadas aos Crottat e filar um dos agentes de Bibi-Lupin, seu braço direito; hei de dar-lhe o segredo do crime cometido em Nanterre... Tudo isso são arras!... Se o senhor me colocar agora ao serviço da justiça da polícia, num ano há de louvar-se da minha revelação, eu serei francamente o que devo ser, e saberei triunfar em todas as empresas que me forem confiadas.

— Não lhe posso prometer mais que a minha benevolência. O que o senhor me pede não depende apenas de mim. Somente ao rei, após o relatório do ministro da Justiça, pertence o direito de perdoar; e a posição que o senhor quer assumir é de nomeação do senhor chefe de polícia.

— O sr. Garnery — anunciou o contínuo.

A um gesto do procurador-geral, o comissário delegado entrou, dirigiu a Jacques Collin um olhar de conhecedor e reprimiu seu espanto quando ouviu o sr. de Granville dizer ao grilheta:

— *Pode ir!*

— Permita-me — respondeu Jacques Collin — que não saia enquanto o sr. Garnery não trouxer aquilo que constitui toda a minha força. Desejo levar do senhor conde um testemunho de satisfação.

Esta humildade, esta completa boa-fé comoveram o procurador-

geral.

— Pode ir — disse o magistrado. — Confio no senhor.

Jacques Collin saudou profundamente e com a inteira submissão do inferior diante do superior. Dez minutos depois, o sr. de Granville tinha em seu poder as cartas todas, contidas em três maços lacrados e intatos. Mas a importância daquele negócio, a espécie de confissão de Jacques Collin lhe haviam feito esquecer a promessa de cura da sra. de Sérisy.

Vendo-se na rua, Jacques Collin experimentou um sentimento incrível de bem-estar. Sentiu-se livre e nascido para uma vida nova; caminhou rapidamente do tribunal para a igreja de Saint-Germain-des-Prés, onde a missa estava acabada. Lançava-se a absolvição final, e ele chegou a tempo de dar esse adeus cristão aos restos mortais do pobre moço tão ternamente amado; meteu-se depois numa carruagem e acompanhou o corpo ao cemitério.

Nos enterros de Paris, a não se darem circunstâncias extraordinárias, ou a não ser nos casos bem raros do falecimento natural de alguma celebridade, a multidão que acode à igreja vai diminuindo à medida que o cemitério se aproxima. Para uma demonstração na igreja há tempo, mas cada qual tem os seus negócios, e vai tratar deles logo que pode. Assim, das dez carruagens do funeral, apenas quatro iam ocupadas. Quando o enterro chegou ao Père-Lachaise, havia apenas umas doze pessoas, achando-se entre elas Rastignac.

— É bonito ser-lhe fiel — disse Jacques Collin ao seu antigo conhecido.

Encontrando ali Vautrin, Rastignac fez um movimento de surpresa.

— Descanse — disse-lhe o antigo hóspede da sra. Vauquer. — Tem em mim um escravo, só pelo fato de o encontrar aqui. Não é para desdenhar o meu apoio, porque sou ou vou ser mais poderoso do que nunca. O sr. de Rastignac tem caminhado, tem sido muito hábil; mas talvez venha a precisar de mim, e eu estarei sempre às suas ordens.

— Que vai então ser?

— Em vez de inquilino das galés, fornecedor — respondeu Jacques Collin.

Rastignac fez um movimento de repulsão.

— Eu desejava vê-lo se um dia lhe fizessem algum roubo...

Rastignac estugou o passo para se afastar.

— Olhe que não sabe em que circunstâncias um dia poderá encontrar-se.

Haviam chegado à cova aberta ao lado da de Ester.

— Duas criaturas que se amavam e que eram felizes! — disse Jacques Collin. — Aí estão reunidas. Não deixa de ser uma felicidade apodrecer acompanhado. Cá hei de vir também parar.

Quando desceram o corpo de Luciano à cova, Jacques Collin caiu redondo, num desmaio. Aquele homem tão forte não pôde aguentar o ligeiro baque das pazadas de terra que os coveiros deitam sobre o caixão antes de virem pedir a gorjeta. Neste momento, apresentaram-se dois agentes da brigada de segurança, reconheceram Jacques Collin, agarraram-no e o levaram a um fiacre...

— E o que foi agora?... — perguntou Jacques Collin voltando a si e olhando para todos os cantos do fiacre.

XL – ARRANJO DEFINITIVO DE ENGANA-A-MORTE COM A JUSTIÇA

Via-se entre dois agentes de polícia, um dos quais era precisamente Ruffard; lançou-lhe então um olhar que sondou a alma do assassino até o segredo da Gonore.

— Agora o procurador-geral o chama — respondeu Ruffard —, e andamos a procurá-lo por toda parte e só o encontramos no cemitério, onde você quase ia dando um mergulho na cova daquele rapaz.

Jacques Collin guardou silêncio.

— Foi Bibi-Lupin quem me mandou procurar? — perguntou ele ao outro agente. — Não. Foi o sr. Garnery que nos requisitou.

— Ele não lhes disse nada?

Os dois agentes olharam um para o outro, consultando-se por uma mímica expressiva.

— Vejamos. Como foi que ele lhes deu a ordem?

— Deu-nos ordem para o procurarmos imediatamente — respondeu Ruffard — dizendo-nos que você havia de estar na igreja de Saint-Germain-des-Prés e que, se o acompanhamento já tivesse partido, havia de estar no cemitério.

— O procurador-geral me chamava?

— Talvez.

— Há de ser isso — replicou Jacques Collin. — Ele precisa de mim.

E tornou a guardar silêncio, o que muito inquietou os dois agentes. Por volta das duas e meia, Jacques Collin entrou no gabinete do sr. de Granville, onde encontrou uma nova personagem, o predecessor do sr. de Granville, o conde Otávio de Bauvan, um dos presidentes do tribunal de segunda instância.

— O senhor se esqueceu do perigo em que está a sra. de Sérisy, que o senhor me prometeu salvar.

— Queira o senhor procurador-geral informar-se — disse Jacques Collin, fazendo aos dois agentes sinal para entrarem — do estado em que estes dois malandros me foram encontrar.

— Sem sentidos, senhor procurador-geral, à beira da cova em que estavam a fazer o enterramento.

— Salve a sra. de Sérisy — disse o sr. de Bauvan — e terá tudo o que pede!

— Eu não peço nada — respondeu Jacques Collin. — Rendi-me à discrição, e o senhor procurador-geral deve ter recebido...

— Todas as cartas! — completou o conde. — Mas o senhor prometeu salvar a razão da sra. de Sérisy. Pode fazê-lo, ou será uma bravata?

— Espero consegui-lo — respondeu Jacques Collin com modéstia.

— Pois então venha comigo — disse o conde de Bauvan.

— Não, senhor — acudiu Jacques Collin. — Não devo ir na mesma carruagem com o senhor conde... Eu sou ainda um grilheta. Se tenho o desejo de servir a justiça, não devo começar desonrando-a. Vá para a casa da senhora condessa, que eu lá estarei pouco depois. Anuncie-lhe o melhor amigo de Luciano, o padre Carlos Herrera... Necessariamente a expectativa da minha visita fará impressão sobre ela, favorecendo a crise. Perdoem-me tomar ainda uma vez o caráter falso de cônego espanhol; é para prestar um serviço tão importante!

— Esperá-lo-ei lá às quatro horas — disse o sr. de Granville — porque tenho de ir com o ministro da Justiça à presença do rei.

Jacques Collin foi procurar sua tia, que o esperava no Quai aux Fleurs.

— Então — disse ela — tu te entregaste à justiça?

— É verdade.

— Não deixa de ser arriscado!

— É que eu tinha de salvar o pobre do Teodoro, e ele vai ser indultado.

— E tu?

— Eu fico sendo o que devo ser. Farei sempre tremer a nossa gente! Mas vamos à obra! Vai dizer a Paccard que tem de agir, e depressa, e a Europa que execute as minhas ordens.

— Não é preciso, eu já sei como é necessário fazer com a Gonore!... — disse a terrível Jacqueline. — Eu não perdi meu tempo olhando para onde correm as nuvens.

— É preciso que Ginetta, a rapariga corsa, seja encontrada amanhã — disse Jacques Collin sorrindo para a tia.

— Por onde averiguar o rastro dela?

— Pela Manon Loura — respondeu Jacques.

— Então, esta noite — replicou a tia. — Estás todo açodado! É coisa de interesse, hein?

— Quero, logo nas primeiras empresas em que me meto, deitar a barra mais longe que Bibi-Lupin. Tive uma conversinha com o monstro que me matou Luciano e não vivo senão para me vingar dele. Graças às nossas duas posições, temos armas e proteções iguais. Preciso de muitos anos para pilhar esse miserável; mas, quando o pilhar, há de ser de uma vez.

— Ele também deve ter prometido fazer a tua cama — disse a tia. — Como sabes, ele levou para casa a filha de Peyrade, aquela pequena vendida à sra. Nourrisson.

— Nosso primeiro passo será dar-lhe um criado.

— Coisa difícil! Ele há de ser entendido! — fez Jacqueline.

— Oh! O ódio dá vida! É trabalhar!

Jacques Collin tomou um fiacre e foi dali ao Quai Malaquais, ao pequeno quarto onde dormia, e que era independente dos aposentos de Luciano. O porteiro, espantado de vê-lo, quis falar-lhe de tudo o que se tinha passado...

— Já sei — disse-lhe o padre. — Estive comprometido, apesar do

meu caráter sagrado; mas, graças à intervenção do embaixador da Espanha, fui posto em liberdade.

E subiu rapidamente ao seu quarto, onde tirou a capa do breviário uma carta que Luciano escrevera à sra. de Sérisy quando esta se indispusera com ele por vê-lo com Ester nos Italiens.

XLI – O MÉDICO

No seu desespero, Luciano, julgando-se irremediavelmente perdido, abstivera-se de mandar essa carta ao seu destino; porém Jacques Collin lera essa obra-prima e, como tudo o que Luciano escrevia era sagrado para ele, guardara a carta no breviário, por causa das expressões poéticas desse amor de vaidade. Quando o sr. de Granville lhe falou do estado em que a sra. de Sérisy se achava, esse homem tão profundo pensara, e pensara bem, que o desespero e a loucura da condessa deviam ser motivados pelo arrufo que ela deixara subsistir com Luciano. Ele conhecia as mulheres como os magistrados conhecem os criminosos, adivinhava-lhes os mais secretos movimentos do coração, e pensou imediatamente que a condessa atribuiria em parte a morte de Luciano ao seu rigor, tendo disso grande remorso. Era claro que um homem por ela amado não havia de querer morrer. E podia restituir-lhe a razão o saber que continuara a ser amada, apesar do seu rigor.

Se Jacques Collin era um grande general para os forçados; era também, devemos confessá-lo, um grande médico das almas. Foi ao mesmo tempo uma vergonha e uma esperança a entrada desse homem nos aposentos do palácio de Sérisy. Estavam várias pessoas, o conde e os médicos, na saleta anterior ao quarto de dormir da condessa; mas, para evitar nódoas na honra da sua alma, o conde de Bauvan mandou sair toda a gente e ficou só com o seu amigo. Já o ver entrar aquela sombria e sinistra personagem foi um golpe sensível para o vice-presidente do Conselho de Estado, para um membro do Conselho privado.

Jacques Collin tinha mudado de traje. Vestia calça e sobrecasaca de pano preto, e seus modos, seus olhares, seus gestos, tudo foi da mais perfeita correção. Cumprimentou os dois estadistas e perguntou se podia entrar no quarto da condessa.

— Ela espera-o impaciente — disse o sr. de Bauvan.

— Impaciente?... Então está salva — disse o terrível fascinador.

Com efeito, ao cabo de meia hora de conferência, Jacques Collin abriu a porta e disse:

— Entre, senhor conde, já não tem nenhuma fatalidade a recear.

A condessa tinha a carta sobre o coração; estava calma, e parecia reconciliada consigo mesma. A tal vista, o conde deixou escapar um gesto de alegria.

“Aí estão, pois, esses homens que decidem dos nossos destinos e dos destinos dos povos!”, pensou Jacques Collin, encolhendo os ombros depois que os dois amigos entraram. “Basta o suspiro de uma fêmea para lhes virar a inteligência do avesso. Por um olhar perdem a cabeça! Por causa de uma saia mais arregaçada ou menos arregaçada percorrem Paris desesperados! As fantasias de uma mulher reagem sobre todos os negócios do Estado! Ah! Que força adquire um homem quando se subtrai, como eu, a esta tirania infantil, a estas proibidades derrubadas pela paixão, a estas maldades cheias de candura, a estes estratagemas de selvagem! A mulher com o seu gênio de algoz, com o seu talento para a tortura, é e será sempre a desgraça do homem. Procurador-geral, ministro, ei-los todos obcecados, torcendo tudo por causa de umas cartas de duquesa ou de menina solteira, ou por causa de uma mulher que será mais maluca com o seu juízo do que o era sem ele. É”, disse ele consigo todo soberbo e sorridente, “acreditam em mim, obedecem às minhas revelações e deixam-me ficar no meu lugar. Continuarei a reinar sobre este mundo que há vinte e cinco anos me obedece...”

Jacques Collin tinha usado esse poder supremo que outrora exercera sobre a pobre Ester; porque possuía, como várias vezes se viu, a palavra, o olhar, o gesto que subjugam os loucos, e tinha mostrado Luciano como levando consigo a imagem da condessa no coração.

Não há mulher que resista à ideia de ser amada com exclusividade.

— A senhora condessa já não tem rivais! — foi a última frase do frio trocista.

E deixou-se ficar uma hora inteira naquela sala, esquecido. O sr. de Granville veio encontrá-lo tristonho, de pé, perdido num devaneio como o que devem ter todos aqueles que em sua vida alcançam qualquer vitória estrondosa.

O procurador-geral chegou um momento à porta do quarto da condessa, depois aproximou-se de Jacques Collin e lhe disse:

— Persiste nas suas intenções?

— Sim, senhor.

— Bem! Irá substituir Bibi-Lupin, e o condenado Calvi será indultado.

— Não irá para Rochefort?

— Nem mesmo para Toulon; pode empregá-lo no seu serviço. Mas essas graças e a sua nomeação dependem do seu procedimento durante seis meses que vai ficar adjunto a Bibi-Lupin.

CONCLUSÃO

Em oito dias, o adjunto de Bibi-Lupin fez recuperar quatrocentos mil francos à família Crottat e entregou à justiça Ruffard e Godet.

O produto dos fundos vendidos por Ester van Gobseck foi encontrado no leito da cortesã, e o sr. de Sérisy fez adjudicar a Jacques Collin os trezentos mil francos que lhe eram legados pelo testamento de Luciano de Rubempré.

O monumento cuja ereção fora ordenada por Luciano, para si e para Ester, passa por ser um dos mais belos do Père-Lachaise, e o terreno que lhe fica inferior pertence a Jacques Collin.

Depois de exercer suas funções durante uns quinze anos, Jacques Collin aposentou-se por volta de 1845.

**OS SEGREDOS
DA PRINCESA
DE CADIGNAN**

TRADUÇÃO DE VIDAL DE OLIVEIRA

Ao terminar *Os segredos da princesa de Cadignan* (em francês: *Les Secrets de la princesse de Cadignan*), Balzac escrevia à condessa Hanska: “Acabo de dar o *último olhar à Princesa parisiense* (foi este, o primeiro título da novela): é a maior comédia moral que existe. É o amontoado de mentiras pelas quais uma mulher de trinta anos, a duquesa de Maufrigneuse, tornada por sucessão princesa de Cadignan, chega a fazer-se passar por uma santa, uma virtuosa, uma pudica moça aos olhos de seu décimo quarto admirador; é, afinal, o *último degrau da depravação nos sentimentos*: ‘A obra-prima consiste em haver feito ver as mentiras como justas, necessárias, e havê-las justificado pelo amor’”.

Não se poderia resumir melhor o sentido desta pequena comédia que mais de uma vez beira o drama, A figura de Diana d’Uxelles, princesa de Cadignan, é uma das criações mais ousadas de Balzac, mas, ao mesmo tempo, uma das mais matizadas, das mais vivas. Dir-se-ia que o escritor enfrentou o assunto para vencer uma aposta, e efetivamente a venceu.

Aos leitores balzaquistas esta novela, além da finura da análise, oferecerá mais um prazer, evocando muitas páginas anteriormente lidas de *A comédia humana* e a que uma observação aguda da princesa de Cadignan ou um chiste mordaz de sua melhor amiga e mais ativa inimiga, a marquesa d’Espard, dão repentinamente uma luz nova. Essas voltas de caminho de *A comédia humana*, onde antigos amantes se encontram muitos anos após a morte de sua paixão, onde os protagonistas de aventuras, com o coração já resfriado, comentam suas loucuras de outrora, onde o que fora romance e sangue vem a se cristalizar numa frase de duas linhas, a se transformar em sentença mundana — essas voltas de caminho é que dão à obra de Balzac a impressão de profundidade, de consistência, que reforça no leitor a sensação do real.

D’Arthez, a última conquista da princesa de Cadignan, nossos leitores já o sabem, é uma das encarnações do próprio Balzac, a sua encarnação feliz. É como o escritor gostaria de ser, como queria que os outros o vissem: seu retrato deve ser contemplado como um autorretrato idealizado.

Mas também já sabemos, por havermos lido *Alberto Savarus*, que Balzac nunca se pinta tão bem como aos outros. A grandeza de D'Arthez, como a de Savarus, é mais afirmada do que representada em ação.

Existe entre esta novela e a de *A duquesa de Langeais* a ligação que haveria entre uma comédia e uma tragédia de assunto comum. São as duas vinganças de Balzac, amante desapontado, contra a sra. de Castries, que o fizera sofrer.

Como o baile em *História da grandeza e decadência de César Birotteau*, a representação da Ópera em *Ilusões perdidas* ou o jantar em *A Casa Nucingen*, o toucador de *A princesa de Cadignan* é uma das encruzilhadas onde desfilam num redemoinho as inúmeras personagens desse mundo alucinado que é *A comédia humana*. É num dos cantos quase que vemos o criador de tantos seres fictícios a contemplá-los orgulhoso e ao mesmo tempo subjogado, primeira vítima da ilusão que criou.

“Os conhecedores da vida de Balzac, de sua ambição de *parvenu*, de suas tentativas de ascensão social que culminaram em seu casamento com a condessa Hanska (sonho de dezessete anos e realidade apenas nos três últimos meses de sua existência) poderiam pensar que esta novela é apenas uma charge baseada em exageros cômicos. O ficcionista estar-se-ia vingando da sociedade aristocrática (que tanto custara a abrir-lhe as suas portas), inventando uma *socialite* possuída de inextinguível fome sexual e no entanto recebida e admirada em todos os salões. Na verdade, esta novela é a transposição fiel de uma realidade só levemente alterada, que a incansável curiosidade dos balzacólogos conseguiu desvendar: os segredos da princesa de Cadignan eram os da condessa Cordélia de Castellane e o namoro dela com Daniel d'Arthez reflete a ligação desta última com o conde de Molé, seu último amante.” (Anne-Marie Meininger, na introdução à novela na edição da Pléiade.)

PAULO RÓNAI

Após os desastres da Revolução de Julho,^[337] a qual destruiu várias fortunas aristocráticas sustentadas pela Corte, a sra. princesa de Cadignan teve a habilidade de fazer correr por conta dos acontecimentos políticos a ruína completa a que a levava sua prodigalidade. O príncipe saíra da França com a família real, tendo deixado a princesa em Paris, inviolável pelo fato de sua ausência, porque as dívidas, para cujo pagamento a venda das propriedades vendíveis não bastava, pesavam exclusivamente sobre ele. As rendas do morgadio tinham sido sequestradas. Enfim, os negócios dessa grande família estavam em tão más condições como os do ramo primogênito dos Bourbon.

Essa mulher, tão célebre sob o seu primeiro nome de duquesa de Maufrigneuse, tomou então sensatamente o partido de viver num retiro perfeito e quis fazer-se esquecer. Paris foi arrastada por uma corrente de acontecimentos tão vertiginosos que, dentro em pouco, a duquesa de Maufrigneuse, enterrada na princesa de Cadignan, mutação de nome desconhecida para a maioria dos novos atores da sociedade trazidos à cena pela Revolução de Julho, tornou-se como que uma estranha.

Em França, o título de duque prima entre todos os demais, levando a palma mesmo ao de príncipe, embora em tese heráldica pura de qualquer sofisma os títulos não signifiquem absolutamente nada, havendo uma igualdade perfeita entre os nobres. Essa admirável igualdade foi outrora cuidadosamente mantida pela casa de França; e, nos nossos dias, ainda o é, ao menos nominalmente, pelo cuidado que têm os reis de dar aos filhos o simples título de conde. Foi em virtude desse sistema que Francisco I esmagou o esplendor dos títulos que a si mesmo dava o pomposo Carlos V, assinando numa resposta: Francisco, senhor de Vanves. Luís XI ainda fizera melhor, casando sua filha com um gentil-homem sem títulos, Pierre de Beaujeu. O sistema feudal foi tão bem espatifado por Luís XIV que o título de duque, no seu reinado, tornou-se a suprema honra da aristocracia, e a mais desejada. Não obstante, há duas ou três famílias, em França, nas quais o principado, outrora ricamente aquinhoad, é posto acima do ducado. A casa de

Cadignan, que possui o título de duque de Maufrigneuse para os filhos primogênitos, ao passo que os outros são designados simplesmente por cavaleiros de Cadignan, é uma dessas famílias excepcionais. Como outrora dois príncipes da casa de Rohan, os príncipes de Cadignan tinham direito a um trono nos seus domínios; podiam ter pajens e gentis-homens ao seu serviço. Esta explicação é necessária, tanto para evitar as críticas tolas daqueles que nada sabem como para constatar as grandes coisas de um mundo que, segundo dizem, se vai, e que tanta gente empurra sem compreendê-lo. Os Cadignan levam em *campo de ouro cinco fuselas de sable ligadas em faixa horizontal média*, com a palavra MEMINI^[338] como lema e a coroa fechada, sem tenentes nem lambrequins. Hoje, a grande quantidade de estrangeiros que afluem a Paris e uma ignorância quase geral da ciência heráldica começam a pôr em moda o título de príncipe. Só são príncipes verdadeiros aqueles que têm domínios e direito ao tratamento de alteza. O desdém da nobreza francesa pelo título de príncipe e os motivos que tinha Luís XIV para dar supremacia ao título de duque impediram a França de reclamar o tratamento de alteza para os poucos príncipes que existem no país, salvo os de Napoleão. Tal é a razão pela qual os príncipes de Cadignan se acham numa posição inferior, nominalmente falando, em relação aos outros príncipes do continente.

As pessoas da sociedade dita do Faubourg Saint-Germain protegem a princesa por meio de uma discrição respeitosa, devido ao seu nome, o qual é daqueles aos quais sempre se prestarão homenagens às suas desgraças, que não mais se discutiam, e à sua beleza, única coisa que conservara de sua extinta opulência. A sociedade da qual foi ornamento era-lhe grata por ter ela, por assim dizer, tomado o véu, encerrando-se em casa. Esse bom gosto, para ela, mais do que para qualquer outra mulher, era um imenso sacrifício. As grandes coisas são sempre tão vivamente sentidas em França que a princesa reconquistou, por sua reclusão, tudo o que tinha podido perder na opinião pública durante seu esplendor. Não via mais senão uma das suas antigas amigas, a marquesa d'Espard;^[339] e mesmo assim não frequentava suas grandes reuniões nem suas festas. A princesa e a marquesa visitavam-se nas primeiras horas da manhã, e como que secretamente. Quando a

princesa vinha jantar em casa de sua amiga, esta fechava sua porta. A sra. d'Espard foi admirável para com a princesa: trocou de camarote nos Italiens,^[340] deixando o seu, de primeira ordem, por uma frisa, de modo que a sra. de Cadignan podia ir ao teatro sem ser vista e dele sair incógnita. Poucas mulheres teriam sido capazes de uma delicadeza que as privava do prazer de arrastar na sua esteira uma antiga rival decaída e de se intitular sua benfeitora. Poupada, por essa forma, de fazer *toilettes* ruinosas, a princesa ia secretamente na carruagem da marquesa, coisa que não teria aceitado publicamente. Nunca ninguém soube dos motivos que levaram a sra. d'Espard a proceder assim com a princesa de Cadignan; mas seu procedimento foi sublime e, durante muito tempo, incluiu um mundo de pequeninas coisas que, vistas uma a uma, parecem nada, mas que, consideradas em conjunto, atingem ao gigantesco.

Em 1832, três anos haviam atirado seus montes de neve sobre as aventuras da duquesa de Maufrigneuse, e tinham-na tão bem branqueado que se tornavam necessários grandes esforços de memória para recordar as circunstâncias graves de sua vida passada. Daquela rainha adorada por tantos cortesãos e cujas leviandades podiam formar o entrecho de vários romances restava uma mulher ainda deliciosamente bela, de trinta e seis anos de idade, mas autorizada a não se atribuir mais de trinta, embora fosse mãe do duque Jorge de Maufrigneuse, jovem rapaz de dezenove anos, belo como Antínoo,^[341] pobre como Jó, que devia alcançar os maiores triunfos, e que a mãe queria, antes de tudo, casar ricamente. Talvez fosse esse projeto o segredo da intimidade na qual ela se mantinha com a marquesa, cujo salão passava por ser o primeiro de Paris, e onde ela poderia, um dia, escolher entre as herdeiras uma esposa para Jorge. A princesa via ainda cinco anos entre o momento presente e a época do casamento do filho; anos desertos e solitários, porquanto para conseguir um bom casamento sua conduta devia ter o cunho da sensatez.

A princesa morava na Rue Miromesnil, num pequeno palacete, num andar térreo de preço módico, onde ela tirara partido dos restos da sua magnificência. Respirava-se nele ainda a sua elegância de grande dama. Vivia cercada das coisas belas que revelam uma existência superior. Via-

se na sua lareira uma miniatura magnífica, o retrato de Carlos x, pela sra. de Mirbel,^[342] sob o qual estavam gravadas estas palavras: *Dado pelo rei* e, fazendo jogo com ele, o retrato de Madame, que foi tão particularmente excelente para com ela. Sobre uma mesa brilhava um álbum do mais alto valor, que nenhuma das burguesas que atualmente pompeiam na nossa sociedade industrial e irrequieta ousaria exhibir. Essa audácia pintava admiravelmente a mulher. O álbum continha retratos, entre os quais havia uns trinta de amigos íntimos que o mundo chamara de amantes dela. Esse número era uma calúnia; mas, relativamente a uma dezena, seria talvez, no dizer da marquesa d'Espard, apenas uma bela e boa maledicência. Os retratos de Máximo de Trailles, de De Marsay, de Rastignac, do marquês d'Esgrignon, do general de Montriveau, dos marqueses de Ronquerolles e d'Ajuda Pinto, do príncipe Galathionne, dos jovens duques de Grandlieu, de Rhétoré, do belo Luciano de Rubempré^[343] tinham, aliás, sido tratados com grande faceirice de pincel pelos mais célebres artistas. Como a princesa não recebia mais de duas ou três pessoas daquela coleção, ela denominava graciosamente o livro de compêndio dos seus erros.

O infortúnio tornara aquela mulher uma boa mãe. Durante os quinze anos da Restauração^[344] ela se divertira demais para pensar no filho; mas, ao refugiar-se na obscuridade, aquela ilustre egoísta achou que o sentimento materno levado ao extremo se tornaria para a sua vida passada uma absolvição, que as pessoas sensíveis, que tudo perdoam a uma mãe excelente, confirmariam. Quis tanto mais ao filho por não ter outra coisa a amar. Jorge de Maufrigneuse era, de resto, um desses filhos que podem lisonjear todas as vaidades de uma mãe, pelo que a princesa lhe fez toda espécie de sacrifício; para Jorge ela instalou uma estrebaria e uma cocheira, por sobre a qual ele residia num pequeno entressolo que dava para a rua, composto de três peças deliciosamente mobiliadas; impusera-se múltiplas privações para conservar-lhe um cavalo de montar, um cavalo para o cabriolé e um pequeno lacaio. Ela tinha somente sua criada de quarto e, como cozinheira, uma das antigas ajudantes da cozinha. O tigre do duque tinha então um trabalho um tanto rude. Toby, o antigo tigre do finado Beaudenord,^[345] pois que tal foi o gracejo da alta-roda a respeito daquele elegante arruinado, esse

jovem tigre que, aos vinte e cinco anos, continuava apontado como tendo somente catorze, devia bastar para cuidar dos cavalos, limpar o cabriolé ou o tîlburi, acompanhar o patrão, arrumar o apartamento e achar-se na antecâmara da princesa para anunciar, se por acaso ela tinha de receber a visita de alguma personagem. Quando se pensa no que foi durante a Restauração a bela duquesa de Maufrigneuse, uma das rainhas de Paris, uma rainha deslumbrante, cuja luxuosa existência talvez sobrepujasse a das mais ricas mulheres da moda, de Londres, havia um não sei que de comovente ao vê-la na sua humilde concha da Rue Miromesnil, a poucos passos do seu imenso palácio que nenhuma fortuna podia habitar e que o martelo dos especuladores demoliu.

A mulher a quem trinta criados mal davam para servir convenientemente, que possuía os mais belos salões de recepção de Paris, os mais lindos aposentos, que ali dava tão belas festas, vivia num apartamento de cinco peças: uma antecâmara, uma sala de jantar, um salão, um quarto de dormir e um de vestir, com duas mulheres por toda criadagem.

— Ah! Ela é admirável para o filho — dizia essa fina raposa que era a marquesa d'Espard — e, admirável sem ênfase, ela é feliz. Jamais se teria podido acreditar que aquela mulher tão frívola fosse capaz de resoluções continuadas com tanta persistência; por isso o nosso bom arcebispo encorajou-a, mostrou-se perfeito para com ela e acaba de decidir a velha condessa de Cinq-Cygne^[346] a visitá-la.

De resto, confessemos-lo: é preciso ser rainha para saber abdicar e nobremente descer de uma posição elevada, que nunca está inteiramente perdida. Somente os que têm consciência de nada ser por si mesmos manifestam pesar ao cair ou murmuram e relembram um passado que jamais voltará, percebendo claramente que não se triunfa duas vezes. Forçada a desistir das flores raras entre as quais se acostumara a viver, e que tão bem realçavam sua personalidade, pois era impossível não compará-la a uma flor, a princesa escolhera com tino seu rés-do-chão; ela ali gozava de um bonito jardimzinho, cheio de arbustos e cuja grama sempre verde alegrava seu tranquilo retiro. Ela teria cerca de doze mil francos de renda, e ainda assim esse rendimento módico era composto por um auxílio anual dado pela velha duquesa de

Navarreins, tia paterna do jovem duque, auxílio esse que devia ser continuado até o dia do casamento dele, e de outro auxílio mandado pela duquesa d'Uxelles, lá dos fundões de sua propriedade, onde ela economizava como sabem economizar as velhas duquesas, perto das quais Harpagão^[347] é um aprendiz. O príncipe vivia no estrangeiro, constantemente às ordens de seus senhores exilados, partilhando sua má fortuna e servindo-os com um devotamento sem cálculo, sendo talvez o mais inteligente de quantos os cercavam. A posição do Príncipe de Cadignan protegia ainda sua esposa em Paris. Foi em casa da princesa que o marechal a quem devemos a conquista da África^[348] teve, por ocasião da tentativa de Madame na Vendeia,^[349] conferências com os principais chefes da corrente legitimista, tão grande era a obscuridade da princesa, tão pouco sua miséria excitava as desconfianças do governo atual!

Ao ver chegar a terrível falência do amor, essa idade dos quarenta anos, para além da qual tão pouca coisa resta para a mulher, a princesa lançara-se no reino da filosofia. Lia, ela que durante dezesseis anos manifestara o maior horror pelas coisas graves. A literatura e a política são hoje para as mulheres o que outrora era a devoção, o último asilo das suas pretensões. Nas rodas elegantes, dizia-se que Diana queria escrever um livro. Desde que, de bonita, de bela mulher, a princesa passara a ser mulher espiritual, enquanto não passava de todo, ela fizera da recepção em sua casa uma honra suprema que distinguia prodigiosamente a pessoa favorecida. Abrigada por essas ocupações, ela pôde enganar um dos seus primeiros amantes, De Marsay, a mais influente personagem da política burguesa entronizada em julho de 1830; recebeu-o algumas vezes à noite, enquanto o marechal e vários legitimistas discutiam em voz baixa, no seu quarto de dormir, a conquista do reino, que não se podia fazer sem o concurso das ideias, o único elemento de triunfo que os conspiradores esqueceram. Foi uma bonita vingança de mulher bonita, essa de ludibriar o primeiro-ministro, fazendo-o servir de biombo a uma conspiração contra o seu próprio governo. Essa aventura, digna dos melhores dias da Fronda,^[350] foi o texto da mais espirituosa carta do mundo, na qual a princesa relatou a Madame as negociações. O duque de Maufrigneuse foi à

Vendeia e pôde regressar de lá secretamente, sem se ter comprometido, mas não sem ter tomado parte nos perigos de Madame, que, desgraçadamente, o mandou embora, quando tudo pareceu estar perdido. É bem possível que a vigilância apaixonada do rapaz tivesse frustrado a traição. Por maiores que fossem as culpas da duquesa de Maufrigneuse aos olhos da sociedade burguesa, o procedimento de seu filho certamente apagou-as aos olhos da sociedade aristocrática. Houve nobreza e grandeza em arriscar, por aquela forma, o filho único e o herdeiro de uma casa histórica. Há certas pessoas, ditas hábeis, que reparam os erros da vida privada pelos serviços da vida política, e reciprocamente; mas na princesa de Cadignan não houve cálculo nenhum. Talvez tampouco o haja em quantos têm um procedimento desses. Os acontecimentos participam da metade nesses contrassensos.

Num dos primeiros belos dias de maio de 1833, a marquesa d'Espard e a princesa davam voltas, não se podia dizer que passeavam, na única alameda que cercava o gramado do jardim, cerca das duas horas da tarde. Os raios refletidos pelos muros produziam um ambiente aquecido naquele pequeno espaço que as flores, presente da marquesa, perfumavam.

— Em breve perderemos De Marsay — dizia a sra. d'Espard à princesa —, e com ele se irá sua última esperança de carreira para o duque de Maufrigneuse; porquanto, depois que tão bem o ludibriou, esse grande político tornou a se lhe afeiçoar.

— Meu filho jamais capitulará com o ramo secundogênito — disse a princesa —, mesmo que tivesse de morrer de fome, mesmo que eu tivesse de trabalhar para ele. Mas Berta de Cinq-Cygne não o odeia.

— Os filhos — disse a sra. d'Espard — não têm os mesmos compromissos que os pais...

— Não falemos nisso — disse a princesa. — Já basta, se não consigo amansar a marquesa de Cinq-Cygne, casar meu filho com alguma filha de ferreiro, como aquele pequeno D'Esgrignon fez!^[351]

— Amou-o? — perguntou a marquesa.

— Não — disse gravemente a princesa. — A ingenuidade de D'Esgrignon era uma espécie de toleima departamental da qual me

apercebi um pouco tarde, ou cedo demais, se quisesse.

— E De Marsay?

— De Marsay divertiu-se comigo como com uma boneca. Eu era tão moça! Nunca amamos os homens que se fazem nossos preceptores, porque eles ferem bastante as nossas pequenas vaidades.

— E aquele jovem miserável que se enforcou?

— Luciano? *Era um Antínoo e um grande poeta*, eu o adorei conscienciosamente, poderia ter sido feliz. Ele, porém, amava uma rapariga e eu o cedi à sra. de Sérisy...^[352] Se ele me tivesse querido amar, crê que eu o cederia?

— Que coisa estranha! Esbarrar contra uma Ester!

— Ela era mais bela do que eu — disse a princesa. — Breve fará três anos que vivo numa solidão completa — continuou ela após uma pausa —; pois bem, esta calma nada teve de penoso. Somente a você eu me atreverei a dizer que aqui fui feliz. Estava farta de adoração, cansada sem prazer, comovida na superfície sem que a emoção me atravessasse o coração. Achei todos os homens que conheci pequenos, mesquinhos, superficiais; nenhum deles me causou a menor surpresa, todos eram sem inocência, sem grandeza, sem delicadeza. Meu desejo seria encontrar um que me inspirasse respeito e admiração.

— Será você como eu, minha querida — perguntou a marquesa —, não terá encontrado nunca o amor, ao tentar amar?

— Nunca — respondeu a princesa interrompendo a marquesa e pondo-lhe a mão sobre o braço.

As duas foram sentar-se num banco de madeira rústica, sob um maciço de jasmim florescido. Ambas haviam dito uma dessas palavras solenes para mulheres chegadas à sua idade.

— Como você — disse a princesa —, talvez eu tenha sido mais amada do que o são as outras mulheres; mas, através de tantas aventuras, sinto-o, não conheci a felicidade. Fiz muitas loucuras, mas tinham uma finalidade, e essa finalidade recuava, à medida que eu avançava! No meu coração envelhecido, sinto uma inocência que não foi tocada. Sim, sob tanta experiência jaz um primeiro amor do qual poderiam abusar; do mesmo modo que, apesar de tantas fadigas e decepções, eu me sinto jovem e bela. Podemos amar sem ser felizes,

podemos ser felizes e não amar; mas amar e ser feliz, reunir esses dois imensos gozos humanos, é um prodígio. Esse prodígio, para mim, não se realizou.

— Nem para mim — disse a sra. d'Espard.

— Persegue-me no meu retiro um horrível remordimento; diverte-me, mas não amei.

— Que segredo incrível! — exclamou a marquesa.

— Ah! Minha cara — respondeu a princesa —, esses segredos nós só os podemos confiar a nós mesmas; ninguém, em Paris, nos acreditaria.

— E — replicou a marquesa —, se as duas não tivéssemos ultrapassado os trinta e seis anos, talvez não fizéssemos essa confissão.

— Sim, quando moças temos fatuidades bem estúpidas! — disse a princesa. — Assemelhamo-nos por vezes a esses pobres rapazes que brincam com um palito para fazer crer que jantaram bem.

— Enfim, aqui estamos — respondeu com graciosa faceirice a sra. d'Espard, fazendo um gesto encantador de inocência instruída —, e ainda estamos, parece-me, bastante vivas para tomar uma desforra.

— Quando me disse, faz dias, que Beatriz fugiu com Conti,^[353] pensei nisso durante toda a noite — replicou a princesa após uma pausa. — É preciso ser bem feliz para sacrificar desse modo a sua posição, seu futuro e renunciar ao mundo para sempre.

— É uma tolinha — disse gravemente a sra. d'Espard. — A srta. des Touches^[354] ficou encantada por ser desembaraçada de Conti. Beatriz não percebeu quanto aquele abandono, feito por uma mulher superior, que nem por um instante defendeu sua suposta felicidade, atestava a nulidade de Conti.

— Ela será então infeliz?

— Ela já o é — replicou a sra. d'Espard. — Para que deixar o marido? Não é isso, numa mulher, uma confissão de impotência?

— Assim, pois, acredita que a sra. de Rochefide^[355] não foi levada pelo desejo de gozar em paz de um verdadeiro amor, desse amor cujos gozos são ainda um sonho para nós duas?

— Não, ela macaqueou a sra. de Beauséant^[356] e a sra. de Langeais,^[357] que, seja dito entre nós, num século menos vulgar do que o nosso teriam sido, como, aliás, você, figuras tão grandes como as La Vallière,

as Montespan, as Diane de Poitiers, as duquesas de Étampes e de Châteauroux.^[358]

— Oh! Menos o rei, querida. Ah! Eu quisera poder evocar essas mulheres e perguntar-lhes...

— Mas — disse a marquesa interrompendo a sra. de Cadignan — não é necessário fazer os mortos falarem, nós conhecemos mulheres vivas que são felizes. Faz mais de vinte vezes que entabulo uma conversação inteira sobre esses assuntos com a condessa de Montcornet,^[359] a qual, de há quinze anos para cá, é a mulher mais feliz do mundo com o pequeno Emílio Blondet;^[360] nem uma infidelidade, nem um pensamento desviado; estão hoje como no primeiro dia; mas nós sempre fomos importunadas, interrompidas no momento mais interessante. Essas longas ligações, como a de Rastignac com a sra. de Nucingen, da sra. de Camps, sua prima, com o seu Otávio,^[361] possuem um segredo, e esse segredo, querida, nós o ignoramos. O mundo faz-nos a extrema honra de nos tomar por libertinas dignas da Corte do Regente,^[362] e nós somos inocentes como duas pequenas alunas internas.

— Essa inocência ainda me faria feliz — exclamou sarcasticamente a princesa —, mas a nossa é pior, é de nos humilhar. Que quer? Oferecemos essa mortificação a Deus, como expiação de nossas pesquisas infrutuosas; porque, minha querida, não é provável que encontremos no outono a bela flor que nos faltou durante a primavera e o verão.

— A questão não é essa — replicou a marquesa após uma pausa cheia de meditações retrospectivas. — Ainda somos suficientemente bonitas para inspirar uma paixão; mas jamais convenceremos a quem quer que seja da nossa inocência e da nossa virtude.

— Se fosse uma mentira, ela seria logo ornada de comentários, servida com as bonitas preparações que a tornam crível e devorada como um fruto delicioso; mas fazer crer numa verdade! Ah! Os maiores homens aí fracassaram — acrescentou a princesa com um desses finos sorrisos que somente o pincel de Leonardo da Vinci soube reproduzir.

— Os tolos às vezes amam bem — disse a marquesa.

— Mas — observou a princesa — para isto os próprios tolos não têm

suficiente credulidade.

— Tem razão — disse a marquesa rindo. — Mas não é nem um bobo nem mesmo um homem de talento que deveríamos procurar. Para resolver semelhante problema, necessitamos de um homem de gênio. Só o gênio tem a fé da infância, a religião do amor e se deixa de bom grado vender os olhos. Veja Canalis e a duquesa de Chaulieu.^[363] Se você e eu encontramos homens de gênio, eles deviam estar talvez demasiado longe de nós, muito ocupados, e nós éramos demasiado frívolas, demasiado mundanas, demasiado absorvidas.

— Ah! Eu não quisera, entretanto, deixar este mundo sem ter conhecido os prazeres do verdadeiro amor — exclamou a princesa.

— Não basta inspirá-lo — disse a sra. d'Espard —, trata-se de senti-lo. Vejo muitas mulheres nada mais serem do que os pretextos de uma paixão, em vez de serem ao mesmo tempo a causa e o efeito dela.

— A última paixão que eu inspirei era uma coisa santa e bela — disse a princesa —; tinha futuro. O acaso, dessa vez, enviara-me esse homem de gênio a que temos direito, e que é tão difícil de prender, pois há mais mulheres bonitas do que homens de gênio. Mas o diabo interveio na aventura.

— Conte-me isso, querida, que para mim é uma novidade completa.

— Não me dei conta dessa bela paixão senão no meio do inverno de 1829. Todas as sextas-feiras, na Ópera, eu via, nas primeiras filas da plateia, um rapaz de cerca de trinta anos que ali ia por minha causa, sempre na mesma poltrona, olhando-me com olhos de fogo, mas com frequência entristecido pela distância que ele achava haver entre nós ou, talvez, também pela impossibilidade de triunfar.

— Pobre rapaz! Quando se ama, fica-se atoleimado — disse a marquesa.

— Durante os entreatos ele vinha para o corredor — disse a princesa, sorrindo do amistoso epigrama com que a interrompera a marquesa —; depois, uma ou duas vezes, para ver-me, ou para se fazer ver, ele punha o nariz no vidro de um camarote em frente ao meu. Se recebia uma visita, eu o via colado à minha porta, e era-lhe então possível dirigir-me um olhar furtivo; ele acabara conhecendo as pessoas de minha companhia, seguia-as, quando elas se dirigiam para o meu camarote, a

fim de adjudicar-se os benefícios da abertura da minha porta. O pobre rapaz sem dúvida deve ter sabido logo quem eu era, porque conhecia de vista o sr. de Maufrigneuse e meu sogro. Desde então eu encontrava meu misterioso desconhecido nos Italiens, numa poltrona, de onde ele me admirava de frente, num êxtase ingênuo; chegava a ser lindo. A saída da Ópera, como era dos Bouffons,^[364] eu o via plantado entre a multidão, imóvel, de pé; podiam dar-lhe encontrões, não o abalavam. Seus olhos tornavam-se menos brilhantes quando me via dando o braço a algum favorito. De resto, nem uma só palavra nem uma carta nem uma demonstração. Confesse que era de bom gosto. Algumas vezes, ao chegar em casa pela manhã, eu encontrava o meu rapaz sentado num marco do portão da entrada. Esse adorador tinha olhos bem bonitos, uma barba cerrada e em forma de leque, uma pera, bigodes e suíças; viam-se-lhe apenas as maçãs do rosto, alvas, e uma bonita fronte, enfim, uma verdadeira cabeça antiga. Como sabe, o príncipe defendeu as Tuileries do lado do cais, nas jornadas de julho. Voltou à noite para Saint-Cloud quando viu tudo perdido. “Minha querida”, disse-me, “escapei de ser morto, ali pelas quatro horas. Um dos insurretos me estava apontando, quando um rapaz de barba comprida, que julgo ter visto nos Italiens e que dirigia o ataque, desviou o cano da espingarda.” O tiro alcançou não sei quem, um quartel-mestre do regimento, que estava a dois passos do meu marido. Esse rapaz devia ser, pois, um republicano. Em 1831, quando vim instalar-me aqui, encontrei-o encostado na parede desta casa; parecia estar contente com as minhas desgraças, que talvez se lhe afigurassem aproximar-nos, mas desde os acontecimentos de Saint-Merri^[365] não mais o tornei a ver: deve ter morrido lá. Na véspera dos funerais do general Lamarque, saí a pé com meu filho, e meu republicano nos seguiu ora atrás, ora adiante de nós, desde a Madeleine até a Passage des Panoramas, para onde eu ia.

— E é tudo? — indagou a marquesa.

— Tudo! — respondeu a princesa. — Ah! Na manhã da tomada de Saint-Merri um garoto quis falar comigo mesma, e entregou-me uma carta escrita em papel comum, com a assinatura do desconhecido.

— Mostre-ma — pediu a marquesa.

— Não, minha querida. Esse amor foi muito grande e muito santo

naquele coração de homem para que eu viole seu segredo. Essa carta, curta e terrível, agita-me ainda o coração quando penso nela. Esse homem morto causa-me mais emoção do que todos os vivos a quem distingui; volta-me sempre ao pensamento.

— Como era o nome dele? — perguntou a marquesa.

— Oh! Um nome bem vulgar, Miguel Chrestien.

— Fez bem em dizer-mo — replicou vivamente a sra. d'Espard —, ouvi muitas vezes falar nele. Esse Miguel Chrestien era amigo de um homem célebre, que você já quis conhecer, de Daniel d'Arthez,^[366] que vem cada inverno, uma ou duas vezes à minha casa. Esse Chrestien, que morreu efetivamente em Saint-Merri, não carecia de amigos. Ouvi dizer que era um desses grandes políticos aos quais, como a De Marsay, não falta senão o impulso das circunstâncias para se tornarem subitamente o que devem ser.

— É melhor então que ele tenha morrido — disse a princesa com um ar melancólico sob o qual ocultou seus pensamentos.

— Quer encontrar-se uma tarde com D'Arthez em minha casa? — perguntou a marquesa. — Poderão falar a respeito do seu fantasma.

— De bom grado, querida.

Alguns dias depois desta conversação, Blondet e Rastignac, que conheciam D'Arthez, prometeram à sra. d'Espard decidi-lo a ir jantar em casa dela. Essa promessa, certamente, teria sido imprudente sem o nome da princesa, cujo encontro não podia ser indiferente ao grande escritor.

Daniel d'Arthez, um dos raros homens que em nossos dias reúnem a um belo caráter um belo talento, já obtivera, se não toda a popularidade que lhe deviam merecer suas obras, pelo menos uma estima respeitosa à qual as almas de escol nada podiam acrescentar. Sua reputação ainda aumentará, certamente, mas havia então atingido todo o seu desenvolvimento aos olhos dos entendidos; era um desses autores que, cedo ou tarde, são colocados no seu verdadeiro lugar, e que daí não saem mais. Gentil-homem pobre, compreendera sua época, tudo pedindo a uma ilustração pessoal. Lutara durante muito tempo na arena parisiense, contra a vontade de um tio rico, o qual, por uma contradição que a vaidade se encarrega de justificar, depois de o ter

deixado entregue à mais rigorosa miséria, legara ao homem célebre a fortuna implacavelmente negada ao escritor desconhecido. Essa súbita mudança não modificou os hábitos de Daniel d'Arthez; continuou seus trabalhos com uma simplicidade digna dos antigos tempos, e a si mesmo impôs outros aceitando uma cadeira na Câmara dos Deputados, onde tomou assento à direita. Depois de sua ascensão à glória, fora algumas vezes aos salões sociais. Um dos seus velhos amigos, grande médico, Horácio Bianchon,^[367] fizera-o travar relações com o barão de Rastignac, subsecretário de Estado num ministério e amigo de De Marsay. Esses dois homens políticos nobremente se prestaram a que Daniel, Horácio e alguns íntimos de Miguel Chrestien retirassem o corpo daquele republicano para levá-lo à igreja de Saint-Merri e lhe pudessem prestar honras fúnebres. A gratidão por um serviço que contrastava com os rigores administrativos desenvolvidos naquela época em que as paixões políticas se desencadeavam tão violentamente ligara, por assim dizer, D'Arthez a Rastignac. O subsecretário de Estado e o ilustre ministro eram demasiado hábeis para não aproveitar aquela circunstância: por isso conquistaram alguns amigos de Miguel Chrestien, os quais, de resto, não partilhavam suas opiniões e que então aderiram ao novo governo. Um deles, Leão Giraud, nomeado a princípio referendário, veio mais tarde a ser conselheiro de Estado. A existência de Daniel d'Arthez era inteiramente consagrada ao trabalho, não frequentava a sociedade a não ser por intervalos, ela era para ele como que um sonho. Sua casa era um convento, onde ele levava a vida de um beneditino; a mesma sobriedade no regime, a mesma regularidade nas ocupações. Seus amigos sabiam que até então a mulher fora para ele um acidente sempre temido; observara-a demais para não receá-la; mas, à força de estudá-la, acabou por não mais conhecê-la, parecendo-se nisso com aqueles tácticos profundos que sempre seriam batidos em terrenos imprevistos, onde seus axiomas científicos são modificados e contrariados; permaneceu a mais cândida das crianças, mostrando-se o mais instruído dos observadores. Esse contraste, impossível na aparência, é muito explicável para aqueles que puderam medir a profundidade que separa as faculdades dos sentimentos; umas procedem da cabeça, os outros do coração. Pode-se ser um grande

homem e ao mesmo tempo um malvado, como se pode ser um tolo e um amante sublime. D'Arthez era um desses seres privilegiados nos quais a finura do espírito e a extensão das qualidades do cérebro não excluem nem a força nem a grandeza dos sentimentos. Por um raro privilégio, ele era ao mesmo tempo homem de ação e homem de pensamento. Sua vida privada era nobre e pura. Se até então ele fugira cuidadosamente do amor, conhecia perfeitamente a si mesmo, sabia de antemão qual seria o domínio de uma paixão sobre ele. Durante muito tempo, os trabalhos esmagadores por meio dos quais preparou o sólido terreno de suas gloriosas obras, e o frio da miséria, foram-lhe um maravilhoso preservativo. Quando a abastança chegou, ele teve a mais vulgar e mais incompreensível das ligações com uma mulher bastante bela, mas que pertencia à classe inferior, sem nenhuma instrução, sem boas maneiras e cuidadosamente oculta a todos os olhares. Miguel Chrestien atribuía aos homens de gênio o poder de transformar as mais maciças criaturas em sílfides, as tolas em mulheres de espírito, as campônias em marquesas; quanto mais perfeita fosse uma mulher, mais perdia aos olhos deles; porque, na sua opinião, a imaginação deles nada tinha ali a fazer. Segundo pensava, o amor, simples necessidade dos sentidos para os seres inferiores, era para os seres superiores a mais extraordinária e a mais empolgante das criações morais. Para justificar D'Arthez ele se valia do exemplo de Rafael e da Fornarina.^[368] Teria podido oferecer a si mesmo como um modelo no gênero, ele que via um anjo na duquesa de Maufrigneuse. A estranha fantasia de D'Arthez podia, aliás, justificar-se por muitos modos, talvez a princípio ele tivesse desesperado de encontrar aqui embaixo uma mulher que correspondesse à deliciosa quimera que todo homem de espírito sonha e afaga; talvez tivesse um coração muito suscetível, delicado demais, para entregá-lo a uma mulher da alta sociedade; talvez preferisse dar à natureza o seu quinhão e conservar as suas ilusões, cultivando o seu ideal; talvez tivesse afastado o amor como incompatível com os seus trabalhos, com a regularidade de uma vida monacal, em que a paixão tudo desorganizaria. Fazia alguns meses D'Arthez era objeto dos gracejos de Blondet e Rastignac, que lhe censuravam o não conhecer nem a sociedade nem as mulheres.

A dar-lhes ouvido, suas obras eram bastante numerosas e bastante avançadas para que ele se permitisse alguma distração; tinha uma bela fortuna e vivia como um estudante; não gozava de nada, nem do seu ouro nem da sua glória; ignorava os finíssimos gozos da paixão nobre e delicada que algumas mulheres de alto nascimento e bem-educadas inspiravam ou sentiam; pois não era uma coisa indigna dele só ter conhecido o lado grosseiro do amor? O amor, reduzido ao que a natureza o fazia, era aos olhos deles a coisa mais tola do mundo. Uma das glórias da sociedade é a de ter criado a *mulher* onde a natureza criou uma fêmea, é a de ter criado a perpetuidade do desejo onde a natureza não pensou senão na perpetuidade da espécie; enfim, a de ter inventado o amor, a mais bela religião humana. D'Arthez nada sabia das encantadoras delicadezas de linguagem, nada das provas de afeição dadas incessantemente pela alma e pelo espírito, nada desses desejos enobrecidos pelas maneiras, nada dessas formas angelicais atribuídas às coisas mais grosseiras pela mulher de distinção. Talvez conhecesse a mulher, mas ignorava a divindade. Para amar bem, uma mulher tinha a necessidade prodigiosa de arte e de numerosas belas *toilettes* de alma e de corpo. Finalmente, gabando as deliciosas depravações de pensamento que constituem o coquetismo parisiense, aqueles dois corruptores lamentavam D'Arthez, que vivia de um alimento são e sem nenhum condimento, por não haver saboreado as delícias da alta cozinha parisiense, e estimulavam vivamente a sua curiosidade. O dr. Bianchon, a quem D'Arthez fazia as suas confidências, sabia que aquela curiosidade finalmente despertara. A longa ligação daquele grande escritor com uma mulher vulgar, longe de lhe ser agradável pelo hábito, tornara-se-lhe insuportável; mas detinha-o a excessiva timidez que se apodera de todos os homens solitários.

— Como — dizia Rastignac —, quando se leva *fendido de goles e de ouro a um besante e uma arruela de um em outro*, não se faz esse velho escudo picardo brilhar numa carruagem? O senhor tem trinta mil francos de renda e o produto de sua pena, o senhor já justificou seu emblema, que forma o calembur tão apreciado pelos nossos antepassados: *ARS THESAURUSQUE VIRTUS*, e não o passeia pelo bois de Boulogne! Estamos num século em que a virtude deve exhibir-se.

— Se o senhor lesse as suas obras a essa espécie de Laforêt^[369] gorda, que faz as suas delícias, eu o perdoaria por conservá-la — disse Blondet.

— Mas, meu caro, se você está a pão seco, materialmente falando, no que diz respeito ao espírito, nem sequer tem pão...

Essa amistosa guerrilha já durava, fazia alguns meses, entre Daniel e seus amigos, quando a sra. d'Espard pediu a Rastignac e a Blondet para que resolvessem D'Arthez a ir jantar à casa dela, dizendo-lhes que a princesa de Cadignan tinha um desejo imenso de conhecer aquele homem célebre. Curiosidades dessa espécie são, para certas mulheres, o que a lanterna mágica é para as crianças, um prazer para os olhos, aliás, bem pobre e cheio de desencantos. Quanto mais um homem de espírito, à distância, excita os sentimentos, tanto menos, de perto, ele os satisfaz; quanto mais brilhante o terão sonhado, tanto mais apagado ele será. Sob esse ponto de vista, a curiosidade decepcionada vai muitas vezes até a injustiça. Nem Blondet nem Rastignac podiam enganar D'Arthez, mas disseram-lhe rindo que se apresentava para ele a mais sedutora oportunidade para lavar o coração e conhecer as supremas delícias que o amor de uma grande dama parisiense podia dar. A princesa, positivamente, estava seduzida por ele; portanto, ele nada tinha a temer, tinha tudo a ganhar nessa entrevista; ser-lhe-ia impossível baixar do pedestal a que o tinha erguido a sra. de Cadignan. Nem Blondet nem Rastignac viram qualquer inconveniente em atribuir esse amor à princesa — bem podia carregar essa calúnia quem, como ela, tinha um passado que dera lugar a tantas anedotas. Um e outro puseram-se a contar a D'Arthez as aventuras da duquesa de Maufrigneuse; suas primeiras leviandades com De Marsay, suas segundas inconseqüências com D'Ajuda, que ela afastara da mulher vingando por essa forma a sra. de Beauséant; sua terceira ligação com o jovem D'Esgrignon, que a acompanhara à Itália e se comprometera horivelmente por ela; depois, como fora infeliz com um embaixador célebre, feliz com um general russo; como fora a Egéria^[370] de dois ministros dos Negócios Estrangeiros etc. D'Arthez disse-lhes que soubera a respeito dela mais do que o que eles lhe poderiam contar, por seu pobre amigo Miguel Chrestien, que a adorara em segredo durante quatro anos e quase enlouquecera por isso.

— Acompanhei muitas vezes meu amigo aos Italiens e à Ópera — disse Daniel. — O infeliz corria comigo pelas ruas, indo tão depressa como os cavalos da carruagem dela e admirando a princesa através dos vidros do cupê. Foi a esse amor que o príncipe de Cadignan deveu a vida; Miguel impediu que um garoto o matasse.

— Pois aí está, o senhor terá um tema já preparado — disse Blondet sorrindo. — É justamente essa a mulher de que precisa, ela não será arisca senão por delicadeza e o iniciará muito graciosamente nos mistérios da elegância; mas tome cuidado! Ela desbaratou muitas fortunas! A bela Diana é uma dessas dissipadoras que não custam um centimo, e pela qual se gastam milhões. Dê-se de corpo e alma; mas conserve na mão seu dinheiro, como o velho do *Dilúvio* de Girodet.^[371]

Depois dessa conversa a princesa tinha a profundidade de um abismo, a graça de uma rainha, a corrupção dos diplomatas, o mistério de uma iniciação, o perigo de uma sereia. Esses dois homens de espírito, incapazes de prever o desenlace daquele gracejo, tinham acabado por fazer de Diana d'Uxelles a mais monstruosa das parisienses, a mais hábil coquete, a mais embriagadora cortesã do mundo. Embora tivessem razão, a mulher a quem tratavam tão levemente era santa e sagrada para D'Arthez, cuja curiosidade não precisava ser excitada; consentiu em ir, logo ao primeiro convite, e os dois amigos não queriam outra coisa dele.

A sra. d'Espard foi ver a princesa assim que teve a resposta.

— Minha querida, sente-se em estado de beleza, em estado de coquetismo? — disse-lhe ela. — Venha dentro de alguns dias jantar comigo, que lhe servirei D'Arthez. Nosso homem de gênio é de uma natureza inexcelsivelmente selvagem, teme as mulheres, e nunca amou. Faça seu tema sobre isso. Ele é excessivamente espiritual, de uma simplicidade que ilude, suprimindo qualquer desconfiança. Sua penetração, toda retrospectiva, age tardiamente e atrapalha todos os cálculos. Hoje você o surpreende, amanhã ele não é mais logrado por ninguém.

— Ah! — disse a princesa. — Se eu só tivesse trinta anos, como me iria divertir! O que me faltou até hoje foi um homem de espírito a quem enredasse. Tive apenas parceiros e nunca adversários. O amor era um

brinquedo em vez de ser um combate.

— Querida princesa, confesse que eu sou bem generosa, porque, enfim... caridade bem entendida...^[372]

As duas mulheres olharam-se rindo e se deram as mãos, apertando-as com amizade. Certamente tinham ambas segredos importantes uma para a outra, no que não se incluía um homem ou um serviço a prestar; pois, para que se formem amizades sinceras e duráveis entre mulheres, é preciso que tenham sido cimentadas por pequenos crimes. Quando duas amigas podem matar-se reciprocamente e têm na mão um punhal envenenado, apresentam o espetáculo tocante de uma harmonia que não se perturba a não ser no momento em que uma delas, por descuido, solta sua arma.

Portanto, dali a oito dias, houve em casa da marquesa um desses serões chamados *petits jours*, reservados para os íntimos, a que não vai ninguém senão com convite verbal, e durante os quais a porta é fechada. Esse serão era dado para cinco pessoas: Emílio Blondet e a sra. de Montcornet, Daniel d' Arthez, Rastignac e a princesa de Cadignan. Contando-se a dona da casa, havia tantos homens quantas mulheres.

Jamais o acaso se permitira preparações mais sábias do que para o encontro de D'Arthez com a princesa de Cadignan. A princesa passa ainda hoje por ser uma das mulheres mais competentes em assuntos de *toilette*, que para elas é a primeira das artes. Pusera um vestido de veludo azul de grandes mangas brancas que arrastavam e corpete justo; um desses véus de tule levemente franzidos e bordados de azul, subindo até a quatro dedos do pescoço e cobrindo os ombros, como se vê em alguns retratos de Rafael. Sua criada de quarto tinha-a penteado colocando habilmente alguns ramúsculos de urze nos seus cachos de cabelos louros, uma das belezas a que devia sua celebridade. Evidentemente Diana não parecia ter mais de vinte e cinco anos. Quatro anos de solidão e de repouso tinham restituído viço à sua tez. Ademais, não há momentos em que o desejo de agradar dá um acréscimo de beleza às mulheres? A vontade não deixa de ter influência sobre as variações do rosto. Se as emoções violentas têm o poder de amarelecer os tons brancos nas pessoas de temperamento sanguíneo e melancólico, de esverdear os rostos linfáticos, não se deverá reconhecer

ao desejo, à alegria, à esperança a faculdade de iluminar a tez, de dourar o olhar de um vivo brilho, de animar a beleza por um clarão excitante como o de uma bela manhã? A alvura tão célebre da princesa adquirira uma tonalidade amadurecida que lhe dava um ar augusto. Naquele momento de sua vida, impressionada com as frequentes análises de si mesma e por pensamentos sérios, sua fronte sonhadora e sublime harmonizava-se admiravelmente com seus olhos azuis, de olhares lentos e majestosos. Era impossível ao mais hábil fisionomista imaginar cálculos e decisão sob aquela inaudita delicadeza de feições. Existem rostos de mulheres que enganam a ciência e desconcertam a observação, por sua calma e sua sutileza; seria preciso examiná-los quando falam as paixões, o que é difícil, ou quando já falaram, o que então já de nada serve por estarem velhas e não dissimularem mais. A princesa era uma dessas criaturas impenetráveis que podia fazer de si o que queria ser: folgazã, criança, desesperadamente inocente ou, se não fina, séria e profunda a ponto de causar inquietação.

Foi à casa da marquesa com a intenção de ser uma mulher meiga e simples, que conhecia a vida somente através das suas decepções, uma mulher de muita alma e caluniada, porém resignada; enfim, um anjo magoado. Chegou cedo a fim de que a achassem sentada na conversadeira, junto ao fogo, perto da sra. d'Espard, como queria ser vista, numa dessas atitudes em que a ciência se oculta sob uma deliciosa naturalidade, uma dessas poses estudadas, buscadas, que punham em relevo aquela bela linha serpentina que partindo do pé subia graciosamente até o quadril e se continuava por admiráveis curvas até as espáduas, oferecendo ao olhar todo o perfil do corpo. Uma mulher nua seria menos perigosa do que uma saia tão sapientemente disposta, que, cobrindo tudo, põe ao mesmo tempo tudo em evidência. Por um refinamento que muitas mulheres não teriam sido capazes de inventar, Diana, com grande estupefação da marquesa, fizera-se acompanhar pelo duque de Maufrigneuse. Após um momento de reflexão, a sra. d'Espard apertou a mão da duquesa com ar de entendimento.

— Compreendo-a! Fazendo com que D'Arthez aceite todas as dificuldades da primeira vez, não terá de vencê-lo mais tarde.

A condessa de Montcornet veio com Blondet. Rastignac trouxe D'Arthez. A princesa não fez ao homem célebre nenhum desses cumprimentos com que costumavam acabrunhá-lo as pessoas vulgares, mas teve dessas atenções cheias de gentileza e respeito que deviam ser o último termo das suas concessões. Assim procedia certamente com o rei de França e com os príncipes. Pareceu feliz ao ver aquele grande homem e contente por tê-lo procurado. As pessoas de gosto aprimorado, como a princesa, distinguem-se sobretudo pelo seu modo de ouvir, por uma afabilidade sem zombaria, que está para a polidez como a prática para a virtude. Quando o homem célebre falava, ela tomava uma atitude atenta, mil vezes mais lisonjeira do que os mais rebuscados cumprimentos. Essa apresentação mútua foi feita sem ênfase e convenientemente pela marquesa. Ao jantar, D'Arthez foi colocado ao lado da princesa, a qual, longe de imitar os exageros dietéticos que as melindrosas se permitem, comeu com bastante apetite e fez questão de se mostrar como uma mulher natural, sem nenhum modo estranho. Entre um prato e outro, ela aproveitou um momento em que se estabelecia uma conversação geral para tomar D'Arthez à parte.

— O segredo do prazer que me proporcionei ao ver-me junto ao senhor — disse ela — é o desejo de saber alguma coisa de um infeliz amigo seu, morto por outra causa que não a nossa, a quem devi grandes obrigações sem as ter podido reconhecer e pagar. O príncipe de Cadignan partilhou meu pesar. Eu soube que o senhor era um dos melhores amigos desse pobre rapaz. A mútua amizade, pura e inalterada, entre o senhor e ele constituía um título a meus olhos. Não achará portanto extraordinário que eu desejasse saber tudo o que o senhor me poderia dizer dessa criatura que tão cara lhe era. Se sou adicta à família exilada e obrigada a ter opiniões monárquicas, não pertenço ao número daqueles que julgam impossível ser ao mesmo tempo republicano e ter um nobre coração. A Monarquia e a República são as duas únicas formas de governo que não abafam os belos sentimentos.

— Miguel Chrestien, senhora, era um anjo. — respondeu Daniel com voz comovida. — Não conheço, entre os heróis da antiguidade, um

homem que lhe fosse superior. Nem por sonhos o considere um desses republicanos de ideias estreitas que quisessem renovar a Convenção e as gentilezas do Comitê de Salvação Pública;^[373] não. Miguel sonhava com a aplicação a toda a Europa da federação suíça. Confessemos aqui entre nós que, depois do magnífico governo de um só, o qual, creio, convém mais particularmente ao nosso país, o sistema de Miguel é a supressão da guerra no velho mundo e sua reconstituição sobre outras bases que não as da conquista que outrora o feudalizara. Os republicanos eram, sob esse ponto de vista, os mais próximos às suas ideias; foi esse o motivo pelo qual lhes deu o apoio de seu braço em julho e em Saint-Merri. Embora inteiramente divorciadas as nossas opiniões, permanecemos estreitamente unidos.

— É esse o mais belo elogio dos vossos caracteres — disse timidamente a princesa de Cadignan.

— Nos quatro últimos anos de sua vida — continuou Daniel — fez a mim, exclusivamente, a confidência do seu amor pela senhora, e essa confidência estreitou os laços já bem fortes de nossa amizade fraternal. Só ele a terá amado como a senhora o deveria ser. Quantas vezes suportei eu a chuva acompanhando sua carruagem até sua casa, senhora, num desafio de velocidade com os seus cavalos, para nos mantermos num mesmo ponto, numa linha paralela, a fim de vê-la... de admirá-la.

— Mas, senhor — disse a princesa —, impõe-se-me a obrigação de indenizá-lo... — Como lamento não estar Miguel aqui — respondeu Daniel com acento saturado de melancolia.

— Ele não me teria amado muito tempo — disse a princesa movendo a cabeça num gesto impregnado de tristeza. — Os republicanos são ainda mais absolutos nas suas ideias do que nós outros absolutistas, que pecamos pela indulgência. Ele deve ter-me sem dúvida idealizado perfeita, e teria sido cruelmente desenganado. Nós, mulheres, somos perseguidas por tantas calúnias quantas as que os senhores têm de suportar na vida literária, e não nos podemos defender nem pela glória nem por nossas obras. Não nos julgam o que somos e sim o que fizeram de nós. Não tardariam em ocultar-lhe a mulher desconhecida que existe em mim, sob o falso retrato da mulher imaginária, que é a verdadeira

para a sociedade. Ele ter-me-ia julgado indigna dos sentimentos nobres que me tributava e incapaz de compreendê-lo.

Nesse ponto a princesa meneou a cabeça agitando seus belos cachos louros cheios de urzes, num gesto sublime. Era indizível o que ela exprimia de dúvidas desoladas, de misérias ocultas. Daniel compreendeu tudo e olhou a princesa com viva emoção.

— Entretanto, no dia em que tornei a vê-lo, muito tempo depois da revolta de julho — disse ela —, estive a ponto de sucumbir ao desejo que tinha de tomar-lhe a mão e apertá-la diante de todos, sob o peristilo do Théâtre des Italiens, dando-lhe o meu ramo. Achei que essa demonstração de gratidão seria mal interpretada, como tantas outras coisas nobres que passam hoje por loucuras da sra. de Maufrigneuse, e que jamais poderei explicar, pois somente meu filho e Deus me conhecerão um dia.

Essas palavras, sussurradas à orelha do ouvinte de modo a escaparem ao conhecimento dos convivas, e com um acento digno da mais hábil comediante, deviam ir direto ao coração; por isso atingiram o de D'Arthez. Não se tratava do célebre escritor, aquela mulher procurava reabilitar-se em favor de um morto. Ela podia ter sido caluniada, queria saber se nada a havia diminuído aos olhos daquele que a amava. Morrera ele com todas as suas ilusões?

— Miguel — respondeu D'Arthez — era um desses homens que amam de um modo absoluto e que, se escolhem mal, podem sofrer com isso, sem jamais renunciar àquela que escolheram.

— E eu era amada assim? — exclamou ela com ar de exaltada beatitude.

— Sim, senhora.

— Fiz então a felicidade dele?

— Durante quatro anos.

— Uma mulher nunca pode vir a saber de uma coisa dessas sem sentir uma orgulhosa satisfação — disse ela virando seu meigo e nobre rosto para D'Arthez num movimento de pudica confusão.

Uma das mais sábias manobras dessas comediantes é a de velarem suas maneiras quando as palavras são bem expressivas e de fazerem os olhos falarem quando o discurso é restrito. Essas hábeis dissonâncias,

insinuadas na música de seu amor, verdadeiro ou falso, causam seduções irresistíveis.

— Não é — continuou ela baixando mais a voz e depois de ter-se assegurado de que produzira o efeito buscado —, não é ter realizado o próprio destino o ter tornado feliz, e sem crime, um grande homem?

— Ele não lho escreveu?

— Sim, mas eu queria ter uma certeza absoluta disso porque, creia-me, senhor, colocando-me tão alto, ele não se enganou.

As mulheres sabem dar às suas palavras uma santidade particular, comunicam-lhes não sei que de vibrante, que amplia o sentido das ideias e lhes confere profundez; se mais tarde seu auditor enfeitado não se dá conta do que elas disseram, o alvo foi completamente atingido, o que é o característico da eloquência. Se a princesa naquele momento cingisse o diadema da França, sua fronte não estaria mais imponente do que estava sob o belo diadema dos seus cachos erguidos em massa como uma torre e enfeitados com as suas bonitas urzes. Aquela mulher parecia caminhar por sobre as ondas da calúnia, como o Salvador por sobre as águas do lago de Tiberíade,^[374] envolta no sudário daquele amor, como um anjo no seu nimbo. Nada havia ali que desse a impressão nem da necessidade de ela ser assim nem do desejo de parecer grande ou amante: tudo foi calmo e simples. Um homem vivo jamais poderia prestar à princesa os serviços que ela obtinha daquele morto. D'Arthez, trabalhador solitário, para quem a prática da sociedade era estranha, e a quem o estudo envolvera com seus véus protetores, foi ludibriado por aquelas palavras e por aquele acento. Viu-se sob a sedução daquelas maneiras distintas, admirou aquela beleza perfeita, amadurecida pelo infortúnio, repousada no recolhimento; adorou a reunião tão rara de um espírito fino e de uma bela alma. Finalmente, desejou recolher a sucessão de Miguel Chrestien.

O começo dessa paixão foi, como para a maioria dos pensadores profundos, uma ideia. Ao ver a princesa, ao estudar a forma da sua cabeça, o arranjo das suas feições, tão meigas, seu busto, seus pés, suas mãos tão finamente modeladas, de mais perto do que o fizera ao acompanhar o amigo nas suas alouçadas excursões, ele notou o surpreendente fenômeno da vidência moral que o homem exaltado

pelo amor encontra em si próprio. Com que lucidez Miguel Chrestien lera naquele coração, naquela alma, iluminada pelas chamas do amor? O federalista teria sido, pois, compreendido, ele também? Houvera sido feliz, sem dúvida. Assim, a princesa tinha uma grande sedução aos olhos de D'Arthez, estava cercada de uma auréola de poesia. Durante o jantar, o escritor recordou as confidências desesperadas do republicano e suas esperanças, quando se julgara amado; os belos poemas que um sentimento verdadeiro dita foram cantados somente para ele, D'Arthez, a propósito daquela mulher. Sem o saber, Daniel ia aproveitar aquelas preparações devidas ao acaso. É raro que um homem passe sem remorsos da situação de confidente para a de rival, e D'Arthez podia fazê-lo, então, sem crime. Num momento ele entreviu as diferenças enormes que existem entre as mulheres distintas, as flores da alta sociedade, e as mulheres vulgares que, entretanto, ele conhecia somente através de um exemplar; foi pois aprisionado pelos mais acessíveis e mais ternos ângulos de sua alma e de seu gênio. Levado por sua ingenuidade, pela impetuosidade de suas ideias a apoderar-se daquela mulher, sentiu-se contido pela sociedade e pela barreira que as maneiras, digamos o termo, que a majestade da princesa punha entre ela e ele. Por isso, para esse homem habituado a não respeitar a mulher a quem amava, houve ali não sei que de irritante, uma isca tanto mais poderosa por ter sido ele obrigado a devorá-la e conservar os ferimentos dela provenientes sem se trair. A conversação, que até a sobremesa girou sobre Miguel Chrestien, foi um pretexto admirável para Daniel, como para a princesa, de falarem em voz baixa, amor, simpatia, revelação; para ela de se apresentar como uma mulher incompreendida, caluniada; para ele de meter os pés nos sapatos do republicano morto. É bem possível que esse homem, todo ingenuidade, se surpreendesse a lamentar menos a falta do amigo. No momento em que as maravilhas da sobremesa brilharam em cima da mesa, ao fogo dos candelabros, ao abrigo das flores naturais que separavam os convivas por uma sebe brilhante, ricamente colorida de frutos e doces, a princesa resolveu encerrar aquela série de confidências com uma palavra deliciosa, acompanhada por um desses olhares com auxílio dos quais as mulheres louras parecem ser morenas, e no qual ela exprimiu

finalmente essa ideia: que Daniel e Miguel eram duas almas gêmeas. D'Arthez, a partir desse momento, tomou parte na conversação geral, levando para ela uma alegria de criança e um arzinho enfatuado digno de um colegial. A princesa, do modo mais simples, tomou o braço de D'Arthez a fim de ir para o pequeno salão da marquesa. Enquanto atravessava o grande salão, ela caminhou lentamente; e, quando se viu separada da marquesa, a quem Blondet dava o braço, por um intervalo razoável, ela deteve D'Arthez.

— Não quero ser inacessível para o amigo desse pobre republicano — disse-lhe ela. — E, conquanto me tenha imposto a lei de não receber ninguém, somente o senhor no mundo poderá entrar em minha casa. Não julgue ser isso um favor. O favor nunca existe a não ser para os estranhos, e parece-me que somos velhos amigos: quero ver no senhor o irmão de Miguel.

D'Arthez nada pôde fazer senão premer o braço da princesa, pois nada achou para responder. Depois de servido o café, Diana de Cadignan envolveu-se, com um gesto sedutor, num grande xale e levantou-se. Blondet e Rastignac eram homens de alta política e muito habituados à sociedade para proferir qualquer exclamação burguesa e tentar reter a princesa; mas a sra. d'Espard fez a amiga sentar-se novamente, segurando-lhe a mão e dizendo-lhe ao ouvido:

— Espere que os criados acabem de jantar, o carro ainda não está pronto.

E fez um sinal ao lacaios que levava a bandeja do café. A sra. de Montcornet percebeu que a princesa e a sra. d'Espard tinham alguma coisa a dizer uma à outra e por isso chamou para perto de si D'Arthez, Rastignac e Blondet, distraíndo-os com um desses aloucados ataques paradoxais em que as parisienses são exímias.

— E então — disse a marquesa a Diana —, como o acha?

— Mas é uma criança adorável, acaba de sair dos cueiros! Realmente, ainda desta vez, haverá, como sempre, um triunfo sem luta.

— É desesperador — disse a sra. d'Espard —, mas há um recurso.

— Qual?

— Deixe-me ser sua rival.

— Como quiser — respondeu a princesa —; já me conformei. O

gênio é um modo de ser do cérebro, não sei o que o coração lucra com isso. Falaremos mais tarde a respeito.

Ao ouvir esta última frase, que foi impenetrável, a sra. d'Espard atirou-se na conversação geral e não se mostrou ferida com o *como quizer* nem curiosa de saber no que resultaria aquela entrevista. A princesa ficou durante uma hora mais ou menos sentada na conversadeira junto ao fogo, na atitude negligente e de abandono que Guérin deu a Dido,^[375] ouvindo com a atenção de uma pessoa absorta e olhando de quando em quando para Daniel, sem disfarçar uma admiração que, aliás, não ultrapassava os limites. Esquivou-se quando veio o carro, depois de trocar um aperto de mão com a marquesa e uma inclinação da cabeça com a sra. de Montcornet.

O serão terminou sem que se tratasse da princesa. Aproveitaram a espécie de exaltação em que se achava D'Arthez, o qual exibiu os tesouros do seu espírito. Ele tinha, certamente, em Rastignac e Blondet dois acólitos de primeira qualidade, com sutileza de espírito e alcance de inteligência. Quanto às duas mulheres, ambas eram consideradas, de há muito, entre as mulheres de mais espírito da alta sociedade. Foi, pois, uma parada num oásis, uma felicidade rara e bem apreciada para aquelas personagens habitualmente tolhidas pela etiqueta da sociedade, dos salões e da política.

Existem seres que têm o privilégio de ser entre os homens como astros benfazejos, cuja luz ilumina os espíritos, cujos raios aquecem os corações. D'Arthez era uma dessas belas almas. Um escritor que se eleva à altura em que ele se achava habitua-se a pensar em tudo e esquece, por vezes, em sociedade, que não se deve dizer tudo; é-lhe impossível conservar a reserva das pessoas que vivem continuamente nela; mas, como esses desvios são quase sempre assinalados por um cunho de originalidade, ninguém se queixa. Esse sabor tão raro nos talentos, essa juventude tão flexível que tornaram D'Arthez tão nobremente original fizeram daquele serão um momento delicioso. Ele saiu com o barão de Rastignac, o qual, ao reconduzi-lo à sua casa, falou naturalmente da princesa, perguntando-lhe que impressão tivera dela.

— Miguel tinha razão em amá-la — respondeu D'Arthez —, é uma mulher extraordinária.

— Bem extraordinária — replicou Rastignac zombeteiramente. — Pelo tom da sua resposta vejo que já a ama; antes de três dias estará em casa dela e sou um velho parisiense para não saber o que se vai passar entre ambos. Pois bem, meu caro Daniel, suplico-lhe que não se deixe levar à menor confusão de interesses. Ame a princesa, se sente em seu coração amor por ela; mas pense na sua fortuna. Ela nunca tomou nem pediu dois reais a quem quer que seja, para isso é toda uma D'Uxelles e Cadignan; mas, pelo que sei, além da sua fortuna própria, que era considerável, ela fez dissipar vários milhões. Como? Por quê? Por que meios? Ninguém o sabe, e tampouco ela mesma. Via-a engolir, faz treze anos, a fortuna de um rapaz encantador e a de um velho tabelião em vinte meses.

— Faz treze anos! — disse D'Arthez. — Mas então que idade tem ela?

— Não viu — respondeu Rastignac rindo — o filho dela, o duque de Maufrigneuse, à mesa? Um moço de dezenove anos? Ora, dezenove e dezessete fazem...

— Trinta e seis! — exclamou o escritor, surpreso. — Eu lhe dava vinte anos.

— Ela os aceitará — disse Rastignac —; mas não se preocupe a esse respeito, para você ela nunca terá mais de vinte anos. Você vai entrar no mais fantástico dos mundos. Boa noite; está em casa — disse o barão ao ver seu carro entrar na rue de Bellefond, onde morava D'Arthez, numa bonita casa de sua propriedade —; nós nos veremos esta semana em casa da srta. des Touches.

D'Arthez deixou o amor penetrar-lhe o coração ao modo do nosso tio Toby,^[376] sem lhe opor a menor resistência; procedeu pela adoração sem crítica, pela admiração exclusiva. A princesa, essa bela criatura, uma das mais notáveis criações dessa monstruosa Paris, onde tudo é possível, quer o bem, quer o mal, tornou-se, por mais vulgar que a desgraça do tempo tenha feito esse nome, o anjo sonhado. Para bem compreender a súbita transformação daquele ilustre autor, seria preciso conhecer a soma de inocência que a solidão e o trabalho constante deixam ao coração; saber todos os desejos e fantasias que o amor, reduzido ao indispensável e tornado penoso junto a uma mulher ignóbil, proporciona; ter ideia de todos os pesares que excita e de todos

os sentimentos divinos que faz nascer nas mais altas regiões da alma. D'Arthez era bem a criança, o colegial que o tato da princesa reconheceu imediatamente.

Uma iluminação quase semelhante realizara-se na bela Diana. Por fim encontrara esse homem superior que todas as mulheres desejam, quando mais não seja para ludibriá-lo; essa potência à qual consentem em obedecer, embora apenas para ter o prazer de dominá-la; achava afinal as grandezas da inteligência unidas à ingenuidade do coração, às novidades da paixão; e, ademais, via, por uma sorte inaudita, todas essas riquezas contidas numa forma que lhe agradava.

D'Arthez parecia-lhe belo, e talvez o fosse. Conquanto estivesse beirando a idade grave do homem, pois tinha trinta e oito anos, ele conservava plena mocidade devido à existência sóbria e casta que levava, e, como todos os homens de gabinete, como os homens de Estado, ele alcançara uma corpulência respeitável. Quando muito moço, apresentara uma ligeira semelhança com Bonaparte quando general. Essa semelhança persistia ainda, tanto quanto um homem de olhos pretos, de cabeleira basta e escura pode assemelhar-se a um soberano de olhos azuis e cabelos castanhos; mas tudo o que houvera outrora de nobre e ardente ambição nos olhos de D'Arthez fora como que ameigado pelo triunfo. Os pensamentos que lhe pesavam na fronte tinham florescido, as linhas encovadas de seu rosto se haviam enchido. O bem-estar espalhava tonalidades douradas nos lugares em que, na sua mocidade, a miséria misturara os tons amarelados dos temperamentos cujas forças se retesam para sustentar lutas esmagadoras e contínuas. Se observarem com cuidado os belos semblantes dos filósofos antigos, neles verão sempre os desvios do tipo perfeito do rosto humano, aos quais cada fisionomia deve sua originalidade, retificados pelo hábito da meditação, pela calma constante necessária aos trabalhos intelectuais. Os rostos mais atormentados, como o de Sócrates, tornam-se com o tempo de uma serenidade quase divina. A essa nobre simplicidade que embelezava sua cabeça imperial D'Arthez juntava uma expressão ingênua, a naturalidade das crianças, uma benevolência comovedora. Não tinha essa polidez impregnada de falsidade pela qual, neste mundo, as mais

bem-educadas pessoas, assim como as mais amáveis, simulam qualidades que com frequência lhes faltam, e que ferem aqueles que reconhecem ter sido enganados. Ele poderia desrespeitar algumas leis mundanas, devido ao seu isolamento; mas, como nunca era áspero, esse perfume de selvageria tornava mais graciosa ainda a afabilidade peculiar aos homens de grande talento, que sabem deixar em casa sua superioridade a fim de se colocar ao nível social, para, à maneira de Henrique IV, emprestarem seu dorso às crianças e seu espírito aos tolos.

Ao voltar para casa, a princesa não discutiu consigo mesma, assim como D'Arthez não se defendeu contra o encantamento que ela atirara sobre ele. Para ela tudo estava dito: amava com sua ciência e com sua ignorância. Se se interrogou, foi para perguntar a si mesma se merecia uma tão grande felicidade e o que poderia ter feito ao céu para que ele lhe mandasse um tal anjo. Queria ser digna daquele amor, perpetuá-lo, apropriar-se dele para sempre e terminar mansamente sua vida de mulher bonita no paraíso que entrevia. Quanto a resistir, a negacear, a coquetear, foi coisa que não lhe ocorreu. Tinha mais em que pensar! Compreendera a grandeza dos homens de gênio, percebera que eles não submetem as mulheres superiores às leis ordinárias. Por isso, numa dessas visões rápidas, peculiares aos grandes espíritos femininos, a si mesma prometeu ceder ao primeiro desejo. De acordo com o conhecimento que adquiriu, numa única entrevista, do caráter de D'Arthez, suspeitou que esse desejo não seria manifestado tão cedo que não lhe desse tempo de se mostrar o que queria, o que devia ser, aos olhos daquele amante sublime.

Aqui se inicia uma dessas comédias ignoradas, representadas no foro íntimo da consciência, entre dois seres, um dos quais será logrado pelo outro, e que recuam os marcos da perversidade, um desses dramas negros e cômicos, perto dos quais o drama de Tartufo^[377] é uma ninharia, mas que não são do domínio cênico e que, para que neles tudo seja extraordinário, são naturais, concebíveis e justificados pela necessidade, um drama horrível que se deveria chamar o avesso do vício.

A princesa começou por mandar buscar as obras de D'Arthez, das quais não lera a primeira linha; e, apesar disso, sustentara, durante

vinte minutos, discussões elogiosas com ele, sem quiproquó! Leu tudo. Depois, quis comparar esses livros com o que a literatura contemporânea produzira de melhor. Estava com uma indigestão de espírito, quando D'Arthez foi visitá-la. Esperando essa visita, todos os dias ela fizera uma *toilette* de ordem superior, uma dessas *toilettes* que exprimem uma ideia e a fazem aceitar pelos olhos, sem que se saiba nem como nem por quê. Apresentou ao olhar uma harmoniosa combinação de cores cinzentas, uma espécie de meio-luto, uma graça cheia de abandono, o vestuário de uma mulher que não se sentia mais presa à vida, senão por alguns laços naturais, seu filho talvez, e que nela se entediava. Demonstrava um enjoo elegante que, entretanto, não chegava ao suicídio; terminava seu tempo no cárcere terrestre. Recebeu D'Arthez como uma mulher que o esperava e como se ele já tivesse ido cem vezes à sua casa; fez-lhe a honra de tratá-lo como um velho conhecido, deixou-o à vontade com um único gesto, mostrando-lhe uma conversadeira para que se sentasse, enquanto ela terminava uma carta começada.

A conversação iniciou-se do modo mais vulgar; o tempo, o ministério, a doença de De Marsay, as esperanças da legitimidade. D'Arthez era absolutista; a princesa não podia ignorar as opiniões de um homem que na Câmara se sentava entre quinze ou vinte pessoas que representavam o partido legitimista. Achou meio de contar-lhe como ela tinha embaído De Marsay; depois, por uma transição que lhe foi fornecida pelo devotamento do príncipe de Cadignan à família real e a Madame, ela levou a atenção de D'Arthez para o príncipe.

— Ele tem pelo menos a virtude de amar seus senhores e de lhes ser devotado — disse ela. — Seu caráter público consola-me de todos os sofrimentos que seu caráter privado me causou. Por que — perguntou ela, deixando habilmente o príncipe de lado — não tem reparado, o senhor que tudo sabe, que os homens têm dois caracteres: um para sua casa, para a esposa, para sua vida íntima e que é o verdadeiro; aí não há mais máscara, nada de dissimulações, não se dão o trabalho de fingir, são o que são, e com frequência são horríveis; depois a sociedade, os outros, os salões, a Corte, o soberano, a política os veem grandes, nobres, generosos, de vestes bordadas de virtudes, ornados de um belo

linguajar, cheios de primorosas qualidades. Que horrível pilhéria! E há quem se admire às vezes do sorriso de certas mulheres, de seu ar de superioridade para com os maridos, de sua indiferença...

Deixou cair a mão ao longo do braço da poltrona, sem terminar, mas esse gesto completava admiravelmente suas palavras. Como visse D'Arthez ocupado em examinar seu talhe flexível, que tão bem acomodado estava no fundo de sua fofa poltrona, ocupado com os movimentos de seu vestido e com um bonito franzido que brincava no corpete — uma dessas ousadias de *toilette* que não sentam senão nos talhes tão delgados que nada podem perder —, ela retomou o curso de seus pensamentos como se falasse consigo mesma.

— Não continuo. Os senhores, escritores, acabaram por tornar ridículas as mulheres que se dizem incompreendidas, que são mal casadas, que se mostram dramáticas, interessantes, o que me parece ser do mais extremado burguesismo. Curvamo-nos e tudo está dito, ou então resistimos, e nos divertimos. Nos dois casos, devemos calar-nos. É verdade que eu não soube nem curvar-me completamente nem resistir de todo; mas isso, entretanto, era um motivo mais grave ainda para conservar-me silenciosa. Queixar-se! Que grande tolice das mulheres! Se não foram as mais fortes, é que lhes faltou espírito, tato, finura, e merecem sua sorte. Não são elas as rainhas da França? Elas os logram como querem, quando querem e tanto quanto querem.

Fez dançar sua caçoila com um gesto maravilhoso de impertinência feminina e de alegria sarcástica.

— Muitas vezes ouvi miseráveis pequenas criaturas lamentarem-se por ser mulheres, quererem ser homens; sempre as olhei apiedada — disse-lhe continuando. — Se eu tivesse de optar, preferiria ainda ser mulher. Grande vantagem a de dever seus triunfos à força, a todos os poderes que lhes dão as leis feitas pelos senhores! Mas quando os vemos aos nossos pés, dizendo e fazendo asneiras, não é uma felicidade embriagadora o sentir em nós a fraqueza que triunfa? Quando alcançamos nossos fins, devemos portanto ficar caladas sob pena de perdermos nosso domínio. Vencidas, as mulheres devem também conservar-se silenciosas por orgulho. O silêncio do escravo apavora o senhor.

Essa tagarelice foi sibilada com voz tão suavemente zombeteira, tão mimosa, com meneios de cabeça tão faceiros que D'Arthez, para quem aquela espécie de mulher era totalmente desconhecida, ficou exatamente como a perdiz fascinada pelo cão de caça.

— Peço-lhe, senhora — disse ele por fim —, que me explique como um homem pode fazê-la sofrer, e fique certa de que, onde todas as mulheres seriam vulgares, a senhora seria distinta, mesmo que não tivesse esse modo de dizer as coisas que tornaria interessante um livro de cozinha.

— O senhor vai depressa em amizade — disse ela com um tom de voz grave, que deixou D'Arthez sério e inquieto.

A conversação mudou de rumo; as horas avançavam. O pobre homem de gênio foi-se contrito por ter-se mostrado curioso, por ter ferido aquele coração, e acreditando que aquela mulher havia sofrido estranhamente. Ela passara a vida divertindo-se, era um verdadeiro dom-juan feminino, com apenas esta diferença, que não seria para uma ceia que ela convidaria a estátua, e que certamente teria domado a estátua.

É impossível continuar esta narrativa sem dizer algumas palavras sobre o príncipe de Cadignan, mais conhecido pelo nome de duque de Maufrigneuse; de outra forma, o sal das invenções milagrosas da princesa desapareceria, e os estranhos nada compreenderiam da espantosa comédia parisiense que ela ia representar para um homem.

O sr. duque de Maufrigneuse, como verdadeiro filho do príncipe de Cadignan, era um homem alto e magro, da maior elegância de formas, de grande gentileza, dizendo coisas encantadoras, feito coronel pela graça de Deus e feito bom militar por acaso; de resto, valente como um polonês, em qualquer circunstância, sem discernimento, e ocultando o vazio de seu espírito sob a gíria da boa sociedade. Desde a idade de trinta e seis anos, ele era, por força, de uma tão perfeita indiferença pelo sexo quanto o rei Carlos x, seu senhor; punido como este por ter, como ele, agradado demais na juventude. Ídolo do Faubourg Saint-Germain durante dezoito anos, ele tinha, como todos os filhos de família, levado uma vida dissipada, cheia somente de prazeres. Seu pai, arruinado pela Revolução, na volta dos Bourbon, recuperara seu cargo, o governo de

um castelo real, ordenados e pensões; mas essa fortuna fictícia o velho príncipe devorou-a muito bem, conservando-se o grão-senhor que era antes da Revolução, de modo que, quando veio a lei das indenizações, as quantias que recebeu foram absorvidas pelo luxo que ostentou no seu imenso palácio, o único bem que reouve, e a maior parte do qual era ocupado por sua nora. O príncipe de Cadignan morreu pouco tempo antes da Revolução de Julho, com a idade de oitenta e sete anos. Tinha arruinado a esposa, e esteve durante muito tempo de relações tensas com o duque de Navarreins, que desposara sua filha em primeiras núpcias, e ao qual dificilmente prestou contas. O duque de Maufrigneuse tivera relações amorosas com a duquesa d'Uxelles. Em 1814, no momento em que o sr. de Maufrigneuse fez trinta e seis anos, a duquesa, sabendo-o pobre, mas muito bem-visto na Corte, deu-lhe sua filha, que possuía cerca de cinquenta ou sessenta mil francos de renda, afora o que devia esperar dela. A srta. d'Uxelles tornava-se assim duquesa, e sua mãe sabia que muito verossimilmente ela gozaria da mais ampla liberdade.

Depois de ter tido a felicidade inesperada de se dar um herdeiro, o duque deixou a mulher inteiramente senhora de seus atos, e foi divertir-se de guarnição em guarnição, passando os invernos em Paris, fazendo dívidas que o pai sempre pagava, professando a mais completa indulgência conjugal, avisando a duquesa, com oito dias de antecedência, de seu regresso a Paris, adorado pelo seu regimento, querido pelo delfim, cortesão hábil, um pouco jogador, aliás sem nenhuma afetação; a duquesa jamais pôde convencê-lo a exhibir uma artista da Ópera, por decoro e em atenção a ela, dizia graciosamente. O duque, que tinha a sucessão do cargo do pai, soube agradar aos dois reis, Luís XVIII e Carlos X, o que prova que ele sabia tirar partido da sua nulidade; mas aquele procedimento, aquela vida, tudo estava recoberto com o mais belo verniz; linguagem, nobreza de maneiras, atitudes apresentavam-se nele com perfeição; enfim, os liberais o apreciavam. Foi-lhe possível continuar os Cadignan, os quais, segundo o velho príncipe, eram conhecidos por arruinar suas mulheres, porquanto a duquesa devorou ela própria a sua fortuna. Essas particularidades tornaram-se tão públicas no mundo da Corte e no Faubourg Saint-

Germain que, durante os últimos cinco anos da Restauração, seria zombado quem quer que falasse nisso como se quisesse contar a morte de Turenne ou a de Henrique IV. Por isso, nenhuma mulher falava daquele encantador duque sem lhe fazer o elogio: fora perfeito para com a esposa, era difícil para um homem mostrar-se tão cavalheiro como Maufrigneuse para com a duquesa, ele deixara-lhe a livre disposição da sua fortuna, defendera-a e apoiara-a em toda e qualquer circunstância. Fosse por orgulho, ou por bondade, ou por cavalheirismo, o sr. de Maufrigneuse salvara a duquesa em múltiplas ocasiões, nas quais qualquer outra mulher teria perecido, apesar do meio em que se movia, apesar do prestígio da velha duquesa d'Uxelles, do duque de Navarreins, do seu sogro e da tia do seu marido. Hoje, o príncipe de Cadignan passa por ser um dos mais belos caracteres da aristocracia. Talvez a fidelidade na desdita seja uma das mais belas vitórias que os cortesãos possam alcançar sobre si mesmos.

A duquesa d'Uxelles tinha quarenta e cinco anos quando casou a filha com o duque de Maufrigneuse; assistia pois, fazia muito, sem ciúme e mesmo com interesse, aos êxitos de seu antigo amigo. No momento do casamento do duque e da filha, ela manteve um procedimento de grande nobreza e que salvou a imoralidade dessa combinação. Não obstante, a maldade da gente da Corte achou motivo para motejos e chegou a insinuar que aquele belo procedimento não custava grande coisa à duquesa, embora há cinco anos ela se tivesse entregado à devoção e ao arrependimento das mulheres que têm muito a se fazer perdoar.

Durante vários dias a duquesa mostrou-se cada vez mais notável em seus conhecimentos literários. Abordava com extremada ousadia as mais árduas questões, graças a leituras diurnas e noturnas, realizadas com uma intrepidez digna dos maiores elogios. D'Arthez, estupefato e incapaz de suspeitar que Diana d'Uxelles repetia à noite o que lera pela manhã, como fazem muitos escritores, tinha-a na conta de mulher superior. Essas conversações afastavam Diana do alvo. Ela tentou voltar ao terreno das confidências de onde seu apaixonado prudentemente se retirara; mas não lhe foi muito fácil fazer com que para aí voltasse um homem daquela têmpera, uma vez assustado. Entretanto, após um mês

de campanhas literárias e de belos discursos platônicos, D'Arthez tomou coragem e veio todos os dias às três horas. Retirava-se às seis e voltava à noite, às nove horas, para ficar até meia-noite ou uma hora da madrugada, com a regularidade de um amante cheio de impaciência. A princesa estava vestida com mais ou menos apuro à hora em que D'Arthez se apresentava. Essa mútua fidelidade, os cuidados que tinham consigo, tudo neles exprimia sentimentos que não ousavam confessar-se, porque a princesa adivinhava maravilhosamente bem que aquela criança grande tinha tanto medo de um debate quanto ela o desejava. Não obstante, D'Arthez, nas suas constantes e mudas declarações, punha um respeito que agradava infinitamente à princesa. Os dois se sentiam dia a dia tanto mais unidos porque nada de convencional ou peremptório os detinha na marcha das suas ideias, como acontece quando, entre amantes, há de um lado pedidos formais e do outro uma defesa sincera ou coquete. Como todos os homens mais moços do que a sua idade, D'Arthez era presa dessas comoventes irresoluções causadas pelo poder dos desejos e pelo terror de desagradar, situação que uma mulher jovem não entende, quando a partilha, mas que a princesa muitíssimas vezes fizera nascer para não lhe saborear agora o prazer. Assim é que Diana gozava essas deliciosas criancices com tanto mais encantamento por saber perfeitamente como fazê-las cessar. Ela se assemelhava a um grande artista comprazendo-se nas linhas indecisas de um esboço, certo de terminar, numa hora de inspiração, a obra-prima ainda flutuante nos limbos da criação. Quantas vezes, ao ver D'Arthez pronto a adiantar-se, não se comprouve ela em detê-lo por um ar imponente! Ela represava as secretas tormentas daquele jovem coração, ela as desencadeava, acalmava-as com um olhar, dando a mão a beijar, ou com palavras insignificantes, ditas com voz comovida e enternecida. Esse manejo, friamente combinado mas divinamente executado, gravava a imagem dela sempre mais fundo na alma daquele escritor espirituoso, que ela se comprazia em tornar criança, confiante, simples e quase tolo perto dela; mas tinha também suas introspecções e era-lhe então impossível não admirar tanta grandeza mesclada a tanta inocência. Essas manobras de grande coquete prendiam-na insensivelmente ao seu

escravo. Por fim, Diana impacientou-se contra aquele apaixonado Epicteto^[378] e, quando o julgou preparado para a mais completa credulidade, dispôs-se a aplicar-lhe sobre os olhos a mais espessa venda.

Uma noite, Daniel encontrou a princesa pensativa, com um cotovelo apoiado numa pequena mesa e sua bela cabeça loura banhada de luz pela lâmpada; estava brincando com uma carta que fazia bailar sobre o pano da mesa. Quando D'Arthez viu bem aquele papel, ela o dobrou e guardou-o no cinto.

— Que tem? — perguntou D'Arthez. — Parece inquieta.

— Recebi uma carta do sr. de Cadignan — respondeu ela. — Por mais graves que sejam suas culpas para comigo, eu estava pensando, depois de ler sua carta, que ele está exilado, sem família e sem o filho a quem tanto quer.

Essas palavras, proferidas com uma voz em que transbordava a alma, revelavam uma sensibilidade angelical. D'Arthez ficou comovido no mais alto grau. A curiosidade do amante tornou-se, por assim dizer, uma curiosidade quase psicológica e literária. Quis saber até que ponto ia a grandeza daquela mulher, sobre que injúrias se estendia seu perdão, como essas mulheres da alta sociedade, acusadas de frivolidade, de dureza de coração, de egoísmo, podiam ser anjos. Recordando-se de já ter sido repellido quando quisesa conhecer aquele coração celeste, sentiu como que um tremor na voz quando, ao segurar aquela mão transparente, fina, de dedos modelados em fuso, da bela Diana, lhe disse:

— Seremos agora suficientemente amigos para que me diga o que tem sofrido? Seus antigos pesares devem concorrer com algo para o seu devaneio.

— Sim — disse ela silvando essa sílaba como a nota mais doce que jamais houvesse suspirado a flauta de Tulou.^[379]

Ela recaiu na sua cisma, e seus olhos velaram-se. Daniel permaneceu numa espera cheia de ansiedade, invadido pela solenidade do momento. Sua imaginação de poeta fazia-lhe ver como que nuvens que se dissipavam lentamente, descobrindo-lhe o santuário onde ia ver aos pés de Deus o cordeiro ferido.

— E então? — disse ele com voz meiga e calma.

Diana contemplou o terno solicitante; depois baixou lentamente os olhos descendo suas pálpebras num movimento que indicava o mais nobre pudor. Somente um monstro teria sido capaz de imaginar qualquer hipocrisia na ondulação cheia de graça com que a maliciosa princesa reergueu sua linda cabecinha para mergulhar ainda um olhar nos olhos ávidos daquele grande homem.

— Posso fazê-lo? Devo fazê-lo? — disse ela deixando escapar um gesto de hesitação, ao olhar para D'Arthez com uma sublime expressão de ternura sonhadora. — Os homens têm tão pouca fé para essa espécie de coisas! Julgam-se tão pouco obrigados à discrição!

— Ah! Se desconfia de mim, por que estou eu aqui? — exclamou D'Arthez...

— Ora! Meu amigo — respondeu ela dando à sua exclamação a graça de uma confissão involuntária —, quando uma mulher se prende para toda a vida, ela calcula? Não se trata de minha recusa (que posso eu recusar-lhe?), mas da ideia que fará de mim, se falo. Eu poderia confiar-lhe a estranha situação em que me encontro na minha idade, mas que pensaria o senhor de uma mulher que descobrisse as chagas secretas do casamento, que traísse os segredos de um outro? Turenne^[380] mantinha sua palavra para com os ladrões; não devo eu aos meus algozes a probidade de Turenne?

— Deu sua palavra a alguém?

— O sr. de Cadignan não julgou necessário pedir-me segredo. O senhor quer, pois, mais ainda do que minha alma? Tirano! Quer que eu sepute em si a minha probidade? — disse ela lançando sobre D'Arthez um olhar pelo qual dava mais valor a essa falsa confidência do que a toda sua pessoa.

— A senhora julga-me um homem muito vulgar, se teme de mim seja lá o que for de mau — disse ele com amargura mal disfarçada.

— Perdão, meu amigo — disse ela segurando-lhe a mão, olhando-a, apertando-a nas suas e acariciando-a ao passar por sobre ela os dedos num movimento de excessiva doçura. — Sei tudo quanto vale. O senhor contou-me toda a sua vida; ela é nobre, é bela, é sublime, é digna do seu nome; devo-lhe, talvez, em troca a minha, não? Mas receio neste

momento decair no seu conceito, referindo-lhe segredos que não são exclusivamente meus. Ademais, talvez não acredite, o senhor que é homem da solidão e da poesia, nos horrores do mundo. Ah! O senhor não sabe que, ao inventar seus dramas, eles são superados pelos que se representam nas famílias em aparência mais unidas. O senhor ignora a extensão de certos infortúnios dourados.

— Eu sei tudo! — exclamou ele.

— Não — replicou ela —, o senhor nada sabe. Deverá uma filha jamais denunciar sua mãe?

Ao ouvir essas palavras D'Arthez sentiu-se como um homem perdido por uma noite escura, nos Alpes, e que, aos primeiros clarões da manhã, vê que está a ponto de precipitar-se num abismo sem fundo. Olhou para a princesa, atônito, sentindo frio nas costas. Diana julgou que aquele homem de gênio era um espírito fraco, mas viu-lhe nos olhos um brilho que a tranquilizou.

— Afinal, o senhor tornou-se para mim quase que um juiz — disse ela com ar desesperado. — Posso falar, em virtude do direito que tem todo ser caluniado de se mostrar na sua inocência. Fui e ainda sou (se é que alguém se lembra de uma pobre reclusa forçada pelo mundo a renunciar ao mundo!) acusada de tanta leviandade, de tanta coisa má que me pode ser permitido abrigar-me no coração onde acho um asilo, de modo a não ser dele expulsa. Sempre vi na justificação uma forte ofensa à inocência, pelo que sempre desdenhei falar. A quem, aliás, podia eu dirigir a palavra? Não devemos confiar essas coisas cruéis senão a Deus, ou a alguém que nos pareça estar bem próximo a ele, um padre, ou um outro nós mesmos. Pois bem, se os meus segredos não estão aí — disse ela apoiando a mão sobre o coração de D' Arthez — como eles estavam aqui — ela fez enrugar sob suas mãos o alto de seu corpete —, o senhor não será o grande D'Arthez, e eu me terei enganado!

Uma lágrima umedeceu os olhos de D'Arthez, e Diana devorou essa lágrima com um olhar de esguelha que não fez vacilar nem suas pupilas nem suas pálpebras. Foi rápido e preciso como um gesto de gata que caçasse um camundongo. Pela primeira vez, após sessenta dias repletos de protocolos, D'Arthez se atreveu a pegar aquela mão morna e

perfumada; levou-a aos lábios, nela depôs um demorado beijo que se arrastou desde o pulso até as unhas com uma tão delicada voluptuosidade que a princesa inclinou a cabeça augurando muito bem da literatura. Ela achou que os homens de gênio deviam amar com muito mais perfeição do que os fátuos, os mundanos, os diplomatas e até mesmo os militares, os quais entretanto nada mais têm a fazer. Era conhecedora, e sabia que o caráter amoroso se revela, de algum modo, por nadas. Uma mulher instruída pode ler seu futuro num simples gesto, como Cuvier^[381] sabia dizer ao ver o fragmento de uma pata: “Isto pertence a um animal de tais dimensões, com ou sem cornos, carnívoro, herbívoro, anfíbio etc., com tantos mil anos”. Certa de encontrar em D’Arthez tanta imaginação no amor quanto ele punha no seu estilo, julgou necessário fazê-lo chegar ao mais alto grau da paixão e da crença. Retirou a mão vivamente, num magnífico recuo cheio de emoção. Se tivesse dito: “Acabe, vai fazer-me morrer!”, teria falado menos energicamente. Permaneceu durante um momento com os olhos postos nos olhos de D’Arthez, exprimindo ao mesmo tempo felicidade, acanhamento, temor, confiança, languidez, um vago desejo e o pudor de uma virgem. Naquele momento tinha vinte anos! Lembrem-se, porém, de que ela se havia preparado para aquele instante de cômica mentira com uma arte inaudita na sua *toilette*; estava sentada na sua poltrona como uma flor que vai desabrochar ao primeiro beijo de sol.

Enganadora ou sincera, ela inebriava Daniel.

Se é permitido arriscar uma opinião individual, confessemos que seria delicioso ser assim enganado durante muito tempo. Certamente, Talma^[382] muitas vezes, em cena, esteve muito acima da natureza. Mas não era a princesa de Cadignan a maior comediante daquele tempo? Para aquela mulher, faltava somente uma plateia atenta. Infelizmente, nas épocas convulsionadas pelas tormentas políticas, as mulheres desaparecem como os lírios das águas, os quais, para florescerem e se exibirem aos nossos olhos maravilhados, precisam de um céu puro e dos mais cálidos zéfiros.

Era chegada a hora. Diana ia enredar aquele grande homem nos cipoais inextricáveis de um romance preparado de longa data, e que ele

ia ouvir como um neófito dos belos dias da fé cristã ouvia a epístola de um apóstolo.

— Meu amigo, minha mãe, que vive ainda em Uxelles, casou-me quando eu tinha dezessete anos, em 1814 (como vê, sou bem velha!), com o sr. de Maufrigneuse, não por amor de mim, e sim por amor dele. Ela saldava, com o único homem a quem jamais amou, a dívida de toda a felicidade que recebera dele. Oh! Não se admire dessa horrível combinação, realiza-se com frequência. Muitas mulheres são mais amantes do que mães, como a maioria são melhores mães do que esposas. Esses dois sentimentos, o amor e a maternidade, desenvolvidos como estão pelos nossos costumes, muitas vezes lutam entre si no coração das mulheres; necessariamente um dos dois sucumbe, quando não são de igual força, o que faz de algumas mulheres excepcionais a glória do nosso sexo. Um homem do seu talento deve compreender essas coisas, que causam admiração aos tolos, mas que por isso não são menos reais, e, irei mais longe, que são justificáveis pela diferença de caracteres, de temperamento, de ligações e de situações. Eu, por exemplo, neste momento, depois de vinte anos de desventuras, de decepções, de calúnias suportadas, de pesados aborrecimentos, de prazeres ociosos, não estaria disposta a me prosternar aos pés de um homem que me amasse sinceramente e para sempre? Mas não seria condenada pelo mundo? E, entretanto, vinte anos de sofrimento não desculpariam uma dúzia de anos que me restam a viver ainda bonita, dedicados a um santo e puro amor? Isso não acontecerá, pois não sou tola para diminuir meus méritos aos olhos de Deus. Carreguei o peso do dia e do calor até a noite, terminarei minha jornada e ganharei assim minha recompensa...

“Que anjo!”, pensou D’Arthez.

— Enfim, nunca quis mal à Duquesa d’Uxelles por ter amado mais o sr. de Maufrigneuse do que a pobre Diana que aqui está. Minha mãe vira-me muito pouco, esquecera-me; mas portou-se mal comigo, de mulher para mulher, de modo que o que é mau de mulher para mulher é horrível de mãe para filha. As mães que levam uma vida como a duquesa d’Uxelles conservam as filhas longe delas, por isso fiz minha entrada na sociedade quinze dias antes de meu casamento. Faça uma

ideia da minha inocência! Eu não sabia nada, era incapaz de adivinhar o segredo desse matrimônio. Eu tinha uma bela fortuna: sessenta mil francos de renda em florestas que a Revolução esquecera de vender, no Nivernais, ou que não pudera vender e que dependiam do belo castelo de Anzy. O sr. de Maufrigneuse estava crivado de dívidas; se mais tarde fiquei sabendo o que é ter dívidas, no momento eu ignorava tão completamente a vida que não o podia suspeitar. As economias feitas sobre a minha fortuna serviram para pacificar os negócios de meu marido. O sr. de Maufrigneuse tinha trinta e oito anos quando o desposi, mas esses anos eram como os das campanhas militares, deviam ser contados em dobro. Ah! Ele tinha mais de setenta e seis anos. Aos quarenta anos, minha mãe ainda tinha pretensões, e me vi metida entre dois ciúmes. Que vida levei eu durante dez anos!... Ah! Se soubessem o quanto sofria aquela pobre mulherzinha tão suspeitada! Ser vigiada por uma mãe com ciúme da filha! Deus!... Os senhores que fazem dramas nunca inventarão um que seja tão negro, tão cruel como esse. Ordinariamente, segundo o pouco que sei da literatura, um drama é uma sucessão de ações, de discursos, de movimentos que se precipitam para uma catástrofe; mas isso de que lhe falo é a mais horrível catástrofe em ação! É a avalanche que, tendo caído sobre alguém pela manhã, torna a cair à noite, e voltará a cair no dia seguinte. Sinto frio neste momento em que lhe falo, e em que lhe ilumino a caverna sem saída, fria e sombria em que vivi. Se lhe devo dizer tudo, o nascimento de meu pobre filho, que, de resto, é todo eu... deve ter notado sua parecença comigo... tem os meus cabelos, os meus olhos, o desenho de meu rosto, a minha boca, o meu sorriso, o meu queixo, os meus dentes... pois bem, seu nascimento é um acaso ou o resultado de uma convenção entre minha mãe e meu marido. Permaneci donzela muito tempo depois de meu casamento, quase abandonada no dia seguinte, mãe sem ter sido mulher. A duquesa comprazia-se em prolongar minha ignorância, e, para alcançar esse fim, uma mãe tem sobre a filha vantagens horríveis. Eu, pobre pequena, educada num convento como uma rosa mística, nada sabendo do matrimônio, muito tardiamente desenvolvida, sentia-me muito feliz; gozava do bom entendimento e da harmonia da minha família. Enfim, via-me

completamente desviada de pensar em meu marido, o qual não me agradava nada e nada fazia para mostrar-se amável pelas primeiras alegrias da maternidade: estas foram tanto mais vivas por não suspeitar eu da existência de outras. Tinham-me atordoado tanto os ouvidos com o respeito que uma mãe devia a si mesma! E, além disso, uma moça gosta tanto de *brincar de mamãe*! Na idade em que me achava, uma criança substitui a boneca. Sentia-me tão orgulhosa de ter aquela bela flor, porque Jorge era belo... uma maravilha! Como pensar na sociedade quando se tem a felicidade de amamentar e de se desvelar por um anjinho! Adoro as crianças, quando são pequeninas, alvas e rosadas. Eu não via senão meu filho, com ele vivia, não deixava sua ama vesti-lo, despi-lo, trocá-lo. Esses cuidados, tão aborrecidos para as mães que têm legiões de filhos, eram para mim um puro prazer. Depois de três ou quatro anos, porém, como não sou inteiramente tola, apesar dos cuidados que tinham em vendar-me os olhos, a luz acabou por atingi-los. Não me vê ao despertar, quatro anos depois, em 1819? Os *dois irmãos inimigos*^[383] são uma tragédia cor-de-rosa comparada à de uma mãe e uma filha na situação em que então nos achávamos, a duquesa e eu; afrontei-os então, a ela e a meu marido, com coqueterias públicas que deram azo a que o mundo falasse. Deus sabe como! O senhor compreende que os homens com quem eu era suspeitada de levandades tinham para mim o valor do punhal de que alguém se serve para ferir o inimigo. Preocupada com a minha vingança, eu não sentia os ferimentos que a mim mesma infligia. Inocente como uma criança, eu passava por ser uma mulher perversa, pela pior mulher do mundo, e eu nada sabia. A sociedade é bem tola, bem cega, bem ignorante; ela não descobre senão os segredos que a divertem, que servem à sua maldade; as mais elevadas coisas, as mais nobres, essas ela põe a mão sobre os olhos a fim de não vê-las. Parece-me, porém, que naquele tempo eu tive olhares, atitudes de inocência revoltada, gestos de altivez que teriam sido verdadeiros achados para grandes pintores. Devo ter iluminado bailes pelos incêndios da minha cólera, pelas labaredas do meu desprezo. Poesia perdida! Não se fazem esses sublimes poemas a não ser na indignação que se apodera de nós aos vinte anos! Mais tarde, não nos indignamos mais, estamos cansados, não nos admiramos mais

do vício, somos covardes, temos medo. Quanto a mim, eu ia, oh!, eu ia bem. Representei o mais triste papel deste mundo: tive os dissabores do crime sem ter dele os benefícios. Eu sentia tanto prazer em comprometer-me! Ah! Fiz malícias de criança. Fui à Itália com um jovem estouvado a quem deixei bruscamente, quando ele me falou de amor; mas, quando soube que ele se comprometera por minha causa (falsificara uma letra para conseguir dinheiro!), acorri para salvá-lo. Minha mãe e meu marido, que conheciam o segredo dessas coisas, traziam-me de rédea curta, como se eu fosse uma mulher esbanjadora. Oh! Dessa vez fui ao rei. Luís XVIII, esse homem sem coração, comoveu-se: deu-me cem mil francos do seu cofre particular. O marquês d'Esgrignon, esse rapaz que o senhor talvez tenha encontrado nos salões e que acabou fazendo um riquíssimo casamento, foi salvo do abismo onde mergulhara por minha causa. Essa aventura causada por minha leviandade fez-me refletir. Verifiquei que eu era a primeira vítima da minha vingança. Minha mãe, meu marido, meu sogro tinham as simpatias da sociedade, pareciam proteger minhas loucuras. Minha mãe, que sabia ser eu muito orgulhosa, demasiado grande, demasiado D'Uxelles, para proceder de modo vulgar, ficou então apavorada com o mal que fizera. Estava com cinquenta e dois anos; retirou-se de Paris, foi viver em Uxelles. Hoje ela se arrepende de seus erros e os expia pela mais extremada devoção e por uma afeição sem limites por mim. Mas em 1823 ela me deixou sozinha e frente a frente com o sr. de Maufrigneuse. Oh! Meu amigo, vós outros, homens, não podeis saber o que é um homem velho dado a amores. Que interior o de um homem acostumado à adoração das mulheres da alta sociedade, que em casa não encontra incenso nem incensador, morto para tudo, e por isso mesmo ciumento! Eu quis, quando o sr. de Maufrigneuse veio inteiramente para mim, ser uma boa esposa; mas esbarrei com todas as asperezas de um espírito rabugento, com todas as fantasias da impotência, com as puerilidades da tolice, com todas as vaidades da presunção, enfim, com um homem que se tornara a mais tediosa elegia do mundo, e que me tratava como a uma menina, que se comprazia em humilhar meu amor-próprio a todo propósito, a achatar-me sob os golpes da sua experiência, a provar-me que eu ignorava tudo. Feria-me a

tudo instante. Enfim, fez tudo para se tornar detestado e dar-me o direito de traí-lo; mas eu fui o ludíbrio de meu coração e do meu desejo de bem-fazer, durante três ou quatro anos. Quer saber o senhor qual o termo infame que me fez fazer outras loucuras? Poderá jamais inventar o sublime das calúnias das sociedades? “A duquesa de Maufrigneuse voltou para o marido”, diziam. “Ora! É por depravação, é um triunfo, isso de reanimar os mortos, não tinha outra coisa a fazer”, respondeu minha melhor amiga, uma parenta em cuja casa tive a felicidade de encontrá-lo.

— A sra. d’Espard! — exclamou Daniel, com um gesto de horror.

— Oh! Meu amigo, perdoei-lhe. Antes de mais nada, a frase é excessivamente espirituosa e é bem possível que eu mesma tenha dito epigramas mais cruéis contra pobres mulheres tão puras como eu era.

D’Arthez tornou a beijar a mão daquela santa mulher que, depois de lhe ter servido uma mãe em picadinho, de ter feito do príncipe de Cadignan, que conhecem, um Otelo dos quatro costados, punha-se a si própria em guisado e se atribuía culpas, a fim de cobrir-se aos olhos do cândido escritor com essa virgindade que a mais simples das mulheres tenta oferecer a qualquer preço ao seu amante.

— Compreende, meu amigo, que reingressei na sociedade ruidosamente e para nela fazer ruído. Sustentei aí novas lutas; foi preciso conquistar minha independência e neutralizar o sr. de Maufrigneuse. Por outros motivos, pois, levei uma vida de dissipações. Para me atordoar, para esquecer a vida real por uma vida fantástica, pompeei, dei festas, vivi como princesa e contraí dívidas. Em casa, esquecia-me no sono da fadiga, renascia bela, alegre, aloucada para o mundo; mas nessa triste luta da fantasia contra a realidade esbanjei minha fortuna. A revolta de 1830 veio no momento em que eu encontrava, no fim dessa existência de *As mil e uma noites*, o amor santo e puro que (sou franca!) eu desejava conhecer. Confesse, não acha isso natural numa mulher cujo coração, comprimido por tantas causas e acidentes, despertava na idade em que a mulher se sente enganada, e em que eu via em torno de mim tantas mulheres felizes pelo amor? Ah! Por que Miguel Chrestien foi tão respeitoso? Houve, ainda, um sarcasmo para mim. Que quer! Ao cair, tudo perdi, não tive ilusões

sobre nada; tudo eu espremera, salvo um único fruto para o qual não tenho mais gosto nem dentes. Enfim, achei-me desencantada do mundo, quando era forçoso deixar o mundo. Há nisso qualquer coisa de providencial, como nas insensibilidades que nos preparam para a morte. — Ela fez um gesto saturado de unção religiosa. — Tudo então me serviu — continuou —; os desastres da Monarquia e suas ruínas ajudaram-me a enterrar-me. Meu filho consola-me de muita coisa. O amor materno nos restitui todos os demais sentimentos que foram decepcionados. E a sociedade admira-se de meu retiro; mas nele encontrei a felicidade! Oh! Se soubesse quanto é feliz aqui a pobre criatura que o senhor tem diante de si! Ao sacrificar tudo a meu filho, esqueço as felicidades que ignoro e que sempre ignorarei. Quem acreditaria que para a princesa de Cadignan a vida se traduz por uma noite má de casamento; e tudo o que lhe atribuem em matéria de aventuras por um desafio de menina a duas paixões espantosas? Ninguém! Hoje tenho medo de tudo. Repelirei sem dúvida um sentimento sincero, um amor verdadeiro e puro, por lembrar-me de tanta falsidade, de tantos infortúnios; do mesmo modo por que os ricos, enganados por patifes que simulam penúria, repelem uma miséria virtuosa, por se sentirem enojados da beneficência. Tudo isso é horrível, não acha? Mas, creia-me, o que lhe conto é a história de muitas mulheres.

Estas últimas palavras foram proferidas num tom de gracejo e de frivolidade que fazia reaparecer a mulher elegante e zombeteira. D'Arthez estava aturdido. A seus olhos, as pessoas que os tribunais mandam para o cárcere, este por ter matado, aquele por ter roubado com circunstâncias agravantes, outro por ter-se enganado de nome, numa letra, eram santinhos, comparados com a gente da alta sociedade. Aquela atroz elegia, forjada no arsenal da mentira e temperada nas águas do Estige^[384] parisiense, fora dita com inimitável acento de verdade. O escritor durante um momento contemplou aquela mulher adorável, mergulhada na sua poltrona, e cujas duas mãos pendiam nos dois braços da poltrona, como duas gotas de orvalho na orla de uma flor, acabrunhada por aquela revelação, abatida por parecer ter tornado a sentir todas as dores de sua vida ao dizê-las, enfim, um

anjo de melancolia.

— E julgue — disse ela apurando-se num sobressalto, erguendo uma das mãos e lançando chispas pelos olhos onde vinte pretensos castos anos flamejavam —, julgue que impressão deve ter-me causado o amor de seu amigo; mas por uma ironia do destino... ou de Deus talvez... porque então, confesso, um homem, mas um homem digno de mim, ter-me-ia achado fraca, de tanto que eu tinha sede de felicidade! Pois bem, ele morreu, e morreu ao salvar a vida de quem?... Do sr. de Cadignan! Admire-se agora por ter-me achado sonhando...

Foi o último golpe, e o pobre D'Arthez não se conteve: ajoelhou-se, mergulhou a cabeça nas mãos da princesa e ali chorou, e ali derramou lágrimas doces, dessas que os anjos derramariam, se os anjos chorassem. Enquanto Daniel ali tinha a cabeça, a sra. de Cadignan pôde deixar vagar em seus lábios um sorriso malicioso de triunfo, um sorriso que teriam os macacos ao pregar uma peça de alto estilo, se os macacos sorrissem.

“Ah! Tenho-o seguro”, pensou ela.

E tinha-o seguro, efetivamente.

— Mas a senhora é... — disse ele erguendo sua bela cabeça e olhando-a com amor.

— ...virgem e mártir — terminou ela sorrindo da vulgaridade desse velho gracejo, dando-lhe, porém, um sentido encantador por meio daquele sorriso de uma jovialidade cruel. — Se me vê rindo, é porque penso na princesa que conhece o mundo, nessa duquesa de Maufrigneuse a quem dão De Marsay, e o infame De Trailles, um salteador político, e aquele idiotazinho de D'Esgrignon, e Rastignac, e Rubempré, embaixadores, ministros, generais russos, que sei eu! A Europa! Glosaram a propósito deste álbum que mandei fazer, julgando que os que me admiravam eram meus amigos. Ah! É pavoroso! Não compreendo como deixo um homem a meus pés; desprezá-los todos, tal deveria ser a minha religião.

Levantou-se e foi à janela num caminhar repleto de motivos magníficos.

D'Arthez ficou sentado na conversadeira, onde se refez, não se atrevendo a seguir a princesa, mas contemplando-a; ele ouviu-a

assoando-se sem assoar-se. Qual a princesa que se assoa? Diana tentava o impossível para fazer acreditar na sua sensibilidade. D'Arthez julgou estar seu anjo banhado em lágrimas, correu, tomou-a pela cintura, apertou-a contra o seu coração.

— Não, deixe-me — disse ela com voz fraca e murmurando —, tenho dúvidas demais para prestar para alguma coisa. Reconciliar-me com a vida é uma tarefa acima das forças de um homem.

— Diana! Eu a amarei por toda a sua vida perdida.

— Não, não me fale assim — respondeu ela. — Neste momento estou envergonhada e trêmula como se tivesse cometido os maiores pecados.

Voltara completamente à inocência das meninas, e não obstante mostrava-se tão augusta, grande e nobre como uma rainha. É impossível descrever o efeito desse manejo, tão hábil que alcançava a verdade pura, numa alma nova e franca como a de D'Arthez. O grande escritor ficou mudo de admiração, passivo, naquele vão de janela, esperando uma palavra, ao passo que a princesa esperava um beijo; mas para ele ela era demasiado sagrada. Quando sentiu frio, a princesa foi retomar sua posição na poltrona; estava com os pés gelados.

“Vai custar!”, pensou ela olhando para Daniel, que ali estava de frente erguida e com a cabeça sublime de virtude.

“Será uma mulher?”, perguntava-se aquele profundo observador da alma humana. “Como proceder com ela?”

Até as duas horas passaram dizendo-se as bobagens que as mulheres geniais, como a princesa, sabem tornar adoráveis. Diana apresentava-se muito aniquilada, muito velha, já passada; D'Arthez demonstrou-lhe, o de que estava convencida, que ela possuía a mais delicada pele, a mais deliciosa ao tato, a mais alva ao olhar, a mais perfumada; ela era moça e estava em pleno viço. Disputaram beleza após beleza, detalhe após detalhe, por uns “Julga isso?”, “O senhor está louco!”, “É o desejo!”, “Dentro de quinze dias, me verá tal qual sou. Afinal, encaminho-me para os quarenta anos; é possível amar uma mulher tão velha?”. D'Arthez foi de uma eloquência impetuosa e colegial, avivada pelos mais exagerados epítetos. Quando a princesa ouviu aquele espirituoso escritor dizendo tolices de segundo-tenente apaixonado, ela o escutou

com ar absorto, completamente enternecida, mas rindo no seu foro íntimo.

Quando D'Arthez chegou à rua, indagou de si para si se não deveria ter sido menos respeitoso. Repassou na memória aquelas estranhas confidências que naturalmente foram muito abreviadas aqui, teriam exigido um livro para serem referidas na sua abundância melíflua e com os modos por que foram acompanhadas. A perspicácia retrospectiva daquele homem tão natural e tão profundo falhou ante a naturalidade daquele romance, quer por sua profundidade, quer pela expressão da princesa.

“É verdade”, dizia-se sem poder dormir, “há dramas como esse no mundo; a sociedade encobre semelhantes horrores com as flores de sua elegância, com os bordados de suas maledicências, com o espírito de suas narrativas. Nós nunca inventamos senão o verdadeiro. Pobre Diana! Miguel pressentira esse enigma; ele dizia que sob aquela camada de gelo havia vulcões! E Bianchon e Rastignac têm razão: quando um homem pode confundir as grandezas do ideal e os gozos do desejo, amando uma mulher de belas maneiras, de muito espírito, delicada, deve ser uma felicidade sem nome.” E sondava em si mesmo seu amor, e o achava infinito.

No dia seguinte, cerca das duas horas, a sra. d'Espard, que fazia mais de mês não via a princesa, nem recebera um bilhete que fosse, foi à casa dela levada por uma curiosidade extremada.

Nada mais interessante do que a palestra daquelas duas espertas serpentes durante a primeira meia hora. Diana d'Uxelles evitava tanto de falar em D'Arthez como de vestir um vestido amarelo. A marquesa girava em torno desse assunto como um beduíno em torno de uma rica caravana. Diana divertia-se, a marquesa se enfurecia. Diana estava à espera, queria utilizar a amiga e fazer dela seu cão de caça. Dessas duas mulheres tão célebres na sociedade atual, uma era mais forte do que a outra. A princesa dominava a marquesa de toda a cabeça, e a marquesa intimamente reconhecia essa superioridade. Estaria aí, talvez, o segredo dessa amizade. A mais fraca mantinha-se acoitada no seu falso bem-querer, para espreitar a hora, tanto tempo esperada por todos os fracos, de saltar à garganta dos fortes e imprimir-lhes aí a marca de uma

alegre mordida. Diana via claro aquilo. Todo o mundo era iludido pelos carinhos das duas amigas. No momento em que a princesa percebeu uma interrogação nos lábios da amiga, disse-lhe:

— Pois é, minha querida, devo-lhe uma felicidade completa, imensa, infinita, celestial.

— Que quer dizer com isso?

— Lembra-se do que as duas ruminávamos, faz três meses, neste jardimzinho, naquele banco, ao sol, sob os jasmims? Ah! Só as pessoas de gênio sabem amar. De bom grado aplicaria ao meu grande Daniel d'Arthez a frase do duque de Alba a Catarina de Médicis:^[385] “A cabeça de um único salmão vale pela de todas as rãs”.

— Já não me admiro de não a ver mais — disse a sra. d'Espard.

— Prometa-me, se o vir, de não lhe dizer uma palavra de mim, meu anjo — disse a princesa segurando a mão da marquesa. — Sou feliz, oh! Mais feliz do que é possível dizer, e você sabe como na sociedade uma palavra ou um gracejo vão longe. Uma palavra mata, tal o veneno que sabem pôr numa delas! Se soubesse quanto, faz oito dias, eu desejava para você uma semelhante paixão! Enfim, é doce, é um belo triunfo para nós mulheres terminarmos nossa vida de mulher, adormecer num amor ardente, puro, devotado, completo, inteiro, sobretudo quando ele foi tanto tempo procurado.

— Por que me pede que seja fiel à minha melhor amiga? — disse a sra. d'Espard. — Julga-me então capaz de pregar-lhe uma peça?

— Quando uma mulher possui semelhante tesouro, o receio de perdê-lo é um sentimento tão natural que inspira ideias de medo. Sou absurda; perdoe-me, querida.

Alguns momentos depois a marquesa saiu; e ao vê-la partir a princesa pensou: “Como ela vai desancar-me! Tomara que diga tudo a meu respeito! Mas, para poupar-lhe o trabalho de arrancar Daniel daqui, eu vou mandá-lo lá”.

Poucos momentos depois, às três horas, D'Arthez chegou. No meio de um discurso interessante, a princesa cortou-lhe a palavra, de súbito, e pousou-lhe no braço sua bela mão.

— Perdão, meu amigo — disse ela interrompendo-o —, mas do contrário esquecerei uma coisa que pode parecer uma tolice, mas que é

da máxima importância. O senhor não pôs mais os pés em casa da sra. d'Espard desde o dia para sempre feliz em que o encontrei; vá até lá, não pelo senhor nem por cortesia, mas por mim. É possível que tenha feito dela uma inimiga, se por acaso ela veio a saber que desde o seu jantar o senhor, por assim dizer, não saiu de minha casa. De resto, meu amigo, não gostaria de o ver abandonando todas as suas relações e a sociedade nem suas ocupações e suas obras. Eu seria mais uma vez estranhamente caluniada. O que não diriam? Que eu o tenho acorrentado, que eu o absorvo, que temo as comparações, que ainda quero que falem de mim, que eu manobro bem para conservar minha conquista, sabendo que é a última! Se me ama tanto quanto diz amar-me, fará com que o mundo creia que somos pura e simplesmente irmão e irmã. Continue.

D'Arthez ficou disciplinado para sempre pela inefável doçura com que aquela mulher graciosa compunha o vestido para que caísse com toda a elegância. Havia um não sei que de sutil, de delicado naquelas palavras que o comoveram a ponto de umedecer-lhe os olhos. A princesa afastava-se de todos os hábitos ignóbeis e burgueses das mulheres que disputam, em cima de um divã, e se procuram arrancar peça por peça; ela ostentava uma grandeza inaudita; não precisava dizê-lo, essa união era compreendida nobremente entre eles. Não era nem ontem nem amanhã nem hoje; seria quando eles quisessem, os dois, sem os intermináveis laçarotes daquilo que as mulheres denominam *um sacrifício*; estas sabem, com certeza, tudo o que devem perder com ela, ao passo que essa festa é um triunfo para as mulheres que estão seguras de ganhar com ela. Nessa frase tudo era vago como uma promessa, doce como uma esperança e, não obstante, certo como um direito. Confessemos, essa espécie de grandeza não pertence senão a essas ilustres e sublimes mentirosas, que se conservam rainhas onde as outras mulheres se tornam súditas. D'Arthez pôde então avaliar a distância que vai dessas mulheres às outras. A princesa mostrava-se sempre digna e bela. O segredo dessa nobreza está talvez na arte com que as grandes damas sabem despojar-se de seus véus; chegam, nessa situação, a ser como estátuas antigas; se conservassem sobre si um trapo, seriam impudicas. A burguesa procura sempre envolver-se.

Ajazeado de ternura, afirmado pelas mais esplêndidas virtudes, D'Arthez obedeceu e foi à casa da sra. d'Espard, que exibiu para ele suas mais cativantes seduções. A marquesa absteve-se de dizer a D'Arthez uma palavra sobre a princesa; apenas o convidou para jantar num dia próximo.

Nesse dia, D'Arthez viu uma numerosa reunião. A marquesa convidara Rastignac, Blondet, o marquês d'Ajuda Pinto, Máximo de Trailles, o marquês d'Esgrignon, os dois Vandenesse, Du Tillet, um dos mais ricos banqueiros de Paris, o barão de Nucingen, Nathan, Lady Dudley, dois dos mais pérfidos adidos de embaixada, e o cavaleiro d'Espard, um dos mais profundos personagens desse salão, a metade da política de sua cunhada.^[386]

Foi rindo que Máximo de Trailles disse a D'Arthez:

— O senhor vê frequentemente a princesa de Cadignan?

D'Arthez, como resposta a essa pergunta, inclinou secamente a cabeça. Máximo de Trailles era um *bravo* de superior categoria, sem fé nem lei, capaz de tudo, arruinando as mulheres que se apaixonavam por ele, fazendo-as empenharem seus diamantes, mas cobrindo esse procedimento com um verniz brilhante, com maneiras sedutoras e com um espírito satânico. A todos inspirava um temor e um desprezo iguais; como, porém, ninguém era suficientemente ousado para testemunhar-lhe uma outra coisa que não fossem sentimentos cortesões, ele nada podia perceber, ou prestava-se à dissimulação geral. Devia ao conde de Marsay o mais alto grau de elevação a que podia chegar. De Marsay, que conhecia Máximo de longa data, julgara-o capaz de preencher certas funções secretas e diplomáticas que lhe dava, e das quais ele se desempenhava às mil maravilhas. D'Arthez estava desde algum tempo bastante metido nos negócios políticos para conhecer a fundo a personagem, e somente ele, talvez, tinha um caráter suficientemente elevado para exprimir em voz alta o que o mundo pensava calado.

— *Sin túfita é por cause tela que o zinior teslecha o Câmara* — disse o barão de Nucingen.

— Ah! A princesa é uma das mais perigosas mulheres em cuja casa um homem possa pôr os pés — disse suavemente o marquês d'Esgrignon —; devo-lhe a infâmia do meu casamento.

— Perigosa? — disse a sra. d'Espard. — Não fale assim da minha melhor amiga. Nunca soube nem nada vi da princesa que não me pareça conter os mais elevados sentimentos.

— Deixe o marquês falar! — exclamou Rastignac. — Quando um homem foi cuspidado da sela por um belo cavalo, ele lhe acha vícios e o vende.

Picado por aquelas palavras, o marquês d'Esgrignon olhou Daniel d'Arthez e disse-lhe:

— Quero crer que o senhor não esteja em tais termos com a princesa que nos impeçam de falar dela.

D'Arthez permaneceu calado. D'Esgrignon, que não carecia de espírito, fez em resposta a Rastignac um retrato apologético da princesa que deixou a mesa de bom humor. Como aquele sarcasmo era demasiadamente obscuro para D'Arthez, ele inclinou-se para a sra. de Montcornet, sua vizinha, e perguntou-lhe o sentido daqueles gracejos.

— Mas, exceto o senhor, a julgar pelo bom conceito em que tem a princesa, todos os convivas estiveram nas boas graças dela.

— Posso assegurar-lhe que tudo são falsidades nessa opinião — respondeu D'Arthez.

— Entretanto, aqui está o sr. d'Esgrignon, um gentil-homem da Perche, que se arruinou completamente por ela, faz doze anos, e que, por causa dela, quase chegou a subir ao cadafalso.

— Conheço o assunto — disse D'Arthez. — A sra. de Cadignan foi salvar o sr. d'Esgrignon do tribunal criminal, e eis como ele hoje a recompensa!

A sra. de Montcornet olhou D'Arthez com um espanto e uma curiosidade quase estúpidos, depois dirigiu os olhos para a sra. d'Espard, mostrando-o, como para dizer-lhe: “Ele está enfeitado!”.

Durante essa curta conversação, a sra. de Cadignan estava sendo defendida pela sra. d'Espard, cuja proteção se assemelhava à dos para-raios que atraem a faísca elétrica. Quando D'Arthez voltou à conversação geral, ouviu Máximo de Trailles atirando esta frase:

— Em Diana, a depravação não é um efeito, é uma causa; talvez ela deva a essa causa sua natureza deliciosa; ela não procura, não inventa nada; oferece os mais refinados requintes como uma inspiração do

mais ingênuo amor, e torna-se impossível não acreditá-la.

Essa frase, que parecia ter sido preparada para um homem da envergadura de D'Arthez, era tão forte que foi como que uma conclusão. Todos deixaram a princesa; era como se a tivessem abatido. D'Arthez olhou para De Trailles e para D'Esgrignon com ar irônico.

— O maior erro dessa mulher é seguir as pegadas dos homens — disse ele. — Como eles, ela dissipa bens parafernais, manda seus amantes à casa dos usurários, devora os dotes, arruína órfãos, funde velhos castelos, inspira e comete, talvez, até crimes; mas...

Nunca nenhuma das duas personagens às quais D'Arthez respondia tinha ouvido nada tão forte. Ante aquele *mas*, toda a mesa ficou em suspenso, todos permaneceram com o garfo no ar, com os olhos fitos alternativamente no corajoso escritor e nos assassinos da princesa, esperando a conclusão num silêncio horrível.

—... mas — disse D'Arthez com zombeteira displicência — a sra. princesa de Cadignan tem sobre os homens uma vantagem: quando alguém se arriscou a um perigo por ela, ela o salva, e não fala mal de ninguém. Por que, entre tantas, não se poderia encontrar uma mulher que se divirta à custa dos homens, como estes se divertem à custa das mulheres? Por que motivo não tomaria o belo sexo, de quando em quando, uma desforra?...

— O gênio é mais forte do que o espírito — disse Blondet a Nathan.

Essa avalanche de epigramas foi, com efeito, o fogo de uma bateria de canhões contra uma fuzilaria. Apressaram-se em mudar de conversação. Nem o conde de Trailles nem o marquês d'Esgrignon mostraram-se dispostos a procurar pendência com D'Arthez. Quando serviram o café, Blondet e Nathan acercaram-se do escritor com uma solicitude que ninguém se animou a imitar, de tal forma era difícil conciliar a admiração inspirada por seu procedimento com o medo de granjear dois poderosos inimigos.

— Não é de hoje que sabemos quanto seu caráter iguala em grandeza seu talento — disse-lhe Blondet. — O senhor procedeu não mais como um homem, mas como um deus. Não se deixar arrastar nem pelo coração nem pela imaginação; não ter tomado a defesa de uma mulher amada, erro que esperavam cometesse, e que teria feito triunfar

este mundo roído de inveja contra as ilustrações literárias... Ah! Permita-me dizer-lhe, é o sublime da política privada.

— Ah! O senhor é um homem de Estado! — disse Nathan. — É tão hábil como difícil vingar uma mulher sem defendê-la.

— A princesa é uma das heroínas do partido legitimista; não constitui um dever para todo homem de valor protegê-la *apesar dos pesares*^[387] — ripostou friamente D'Arthez. — O que ela fez pela causa de seus senhores escusaria a mais aloucada vida.

— Ele joga seguro — disse Nathan a Blondet.

— Absolutamente como se a princesa valesse a pena disso — respondeu Rastignac, que se juntara a eles.

D'Arthez foi à casa da princesa, que o estava esperando, presa da mais viva ansiedade. O resultado dessa experiência que Diana favorecera podia ser-lhe fatal. Pela primeira vez na vida, aquela mulher sofria no seu coração e suava no seu vestido. Não sabia que partido tomar no caso em que D'Arthez desse crédito às pessoas que falavam a verdade; em lugar de dar crédito a ela, que mentia; porque jamais um tão belo caráter, um homem tão completo, uma alma tão pura, uma consciência tão ingênua lhe tinha caído sob as mãos. Se tramara tão cruéis mentiras, a isso fora levada pelo desejo de conhecer o verdadeiro amor. Esse amor, ela o sentia nascer em seu coração; amava D'Arthez. Estava condenada a enganá-lo, porque queria permanecer para ele a atriz sublime que representara a comédia em sua intenção. Quando ouviu os passos de Daniel na sala de jantar, sentiu uma comoção, um estremecimento que a agitou até nos fundamentos de sua vida. Esse movimento, que jamais tivera durante a existência mais aventureira para uma mulher de sua elevação social, fez-lhe saber então que ela jogara sua felicidade. Seus olhos, que olhavam o espaço, abrangeram D'Arthez todo; ela viu através da sua carne, leu na sua alma: a suspeita nem sequer o roçara com suas asas de morcego! O terrível movimento daquele medo teve então sua reação: a alegria quase asfixiou a feliz Diana; porquanto não há criatura que não tenha mais forças para suportar o pesar do que para resistir à extrema felicidade.

— Daniel, caluniaram-me e tu me vingaste! — exclamou ela levantando-se e abrindo-lhe os braços.

No profundo assombro que lhe causaram essas palavras, cujas raízes eram invisíveis para ele, Daniel deixou-se pegar a cabeça por duas belas mãos, e a princesa beijou-o santamente na fronte.

— Como soube...

— Oh, ilustre ingênuo! Não vês que te amo loucamente?

Desde esse dia não se falou mais na princesa de Cadignan nem em D'Arthez. A princesa herdou da mãe algum dinheiro; passa todos os verões em Genebra, numa “vila”, com o grande escritor, e volta para passar alguns meses de inverno em Paris. D'Arthez só aparece na Câmara. Finalmente, suas publicações tornaram-se excessivamente raras. É isso um desenlace? Sim, para as pessoas de espírito; não, para os que querem saber tudo.

Jardies, junho de 1839

FACINO CANE

TRADUÇÃO DE **VIDAL DE OLIVEIRA**

Dentro de *A comédia humana*, *Facino Cane* ocupa lugar especial. Os leitores familiarizados com a obra de Balzac sabem como é raro, nesta, o uso da primeira pessoa por parte do narrador. Às vezes, como por exemplo em *A Casa Nucingen*, o emprego do “eu” é puro artifício literário e esse pronome não corresponde a nenhuma personalidade; acontece também, como em *Outro estudo de mulher*, que ele se confunde com uma das personagens, no caso o dr. Bianchon. Em “Facino Cane”, porém, o “eu” é verdadeiro e refere-se ao próprio escritor. Foi ele quem morou na mansarda da Rue de Lesdiguières, quando com menos de vinte anos principiou a atividade literária com o assentimento condicional da família, a qual se mostrou prestes a não opor obstáculos à sua vocação se dentro de um ano desse provas tangíveis da mesma.

Pois este trecho lírico encerra um depoimento precioso de Balzac acerca da própria arte. É provável que aos vinte anos ele ainda não tivesse consciência da natureza de seu gênio, pois sabemos que este não se manifestou senão depois dos trinta; mas, ao descrever-se a si mesmo no ato de acompanhar os operários encontrados na rua, escutar-lhes as conversas e reconstituir-lhes a vida na base de uns diálogos anódinos casualmente apanhados, ele fornece uma chave para a compreensão de sua arte, chegando a defini-la em termos de extraordinária justiça, quando fala nessa “observação intuitiva [que] penetrava na alma sem se descuidar do corpo ou, antes, apreendia tão bem as minúcias exteriores que ia imediatamente além”. Chave essa, aliás, que não foi aproveitada pelos críticos da época: e, depois de morto o escritor, passou-se bastante tempo até outro artista genial, Baudelaire, chegar a conclusão idêntica sem ter reparado nesse depoimento, mas por haver penetrado o sentido da arte de Balzac, na qual a observação fornecia apenas o ponto de partida, ficando a intuição encarregada de construir os caracteres e as tramas. Mas *Facino Cane*, ao mesmo tempo que revela explicitamente o segredo do artista, explica implicitamente o homem. Cabe a Stefan Zweig o mérito de ter percebido esse aspecto do conto.

“Na vida de Balzac”, escreve ele em seu livro póstumo, “repete-se sempre com espantosa precisão o fenômeno paradoxal de um e mesmo

cérebro, que em suas criações artísticas abrange e penetra com olhar infalível toda situação, ante a realidade mostrar-se puerilmente crédulo e ingênuo. Balzac, calculista e psicólogo sem par enquanto tem de descrever um Grandet, um Nucingen, torna-se de repente a vítima de qualquer trapaceiro desajeitado e deixa mais facilmente do que um velho comprador de bilhetes de loteria que lhe tirem o dinheiro da algibeira. Em toda a sua biografia dificilmente haverá um exemplo mais deslumbrante dessa simultânea lucidez e obumbração do mesmíssimo cérebro do que o episódio da procura de tesouros enterrados. No verão de 1836 escreveu Balzac acerca desse tema uma das suas mais geniais novelas, uma joia perene da novelística: *Facino Cane*. Na novela, Balzac procede de modo inteiramente razoável, como faria toda pessoa sensata, mas como procede de maneira diversa quando — apenas um ano mais tarde — o episódio que imaginara realmente se dá com ele! A situação que ele inventara apresenta-se-lhe tal e qual.”

Aí Stefan Zweig entra a descrever a viagem empreendida por Balzac à Sardenha à procura das escórias das antigas minas de prata dos romanos, viagem que só lhe deu prejuízos e desgostos, para concluir: “Sempre o faro de Balzac é perfeito, mas sempre favorece unicamente o artista e, logo que este quer sair da sua verdadeira esfera, o desencaminha”.

Achamos quase desnecessário assinalar aos leitores as belezas do conto, sobretudo o que há nele de intensidade e força. Com que arte o autor funde em harmoniosa unidade o episódio inicial de seus passeios nos bairros proletários da moderna Paris e a fulgurante história oriental do velho Facino Cane, tão *condottiere*, tão filho da Renascença!

Na primeira edição, a novela trazia a dedicatória “A Luísa”, como testemunho da afetuosa gratidão, que o autor (talvez por medo aos ciúmes da condessa Hanska) fez desaparecer das edições sucessivas. A destinatária, que até hoje permaneceu desconhecida, foi uma pessoa a quem Balzac nunca viu, mas com quem, em 1836 e 1837, apesar de todas as suas preocupações e tarefas, manteve intensa correspondência. Desta permanecem vinte e três cartas do escritor, reunidas no primeiro volume da correspondência.

“*Facino Cane*, novela realista e poema fantástico, inspira-se no mito

do ouro, ao centro das preocupações moral-espirituais alimentadas pelo autor de *Gobseck*: o ouro representa ‘todas as forças humanas’, assegura ‘a posse do mundo sem esforço’, mas encerra um poder maléfico destruidor da personalidade humana. Graças a seu interesse pelos mitos contemporâneos, Balzac chega a dar uma significação filosófica à grande imagem do presente que descreve em sua obra. Tudo é mito e figura em *Facino Cane*.” (André Lorant, na introdução da novela na edição da Pléiade.)

PAULO RÓNAI

Eu morava nessa época numa ruazinha que, sem dúvida, não conhecem, a Rue Lesdiguières: ela começa na Rue Saint-Antoine, frente a uma fonte, junto à Place de la Bastille, e desemboca na Rue de la Cerisaie. O amor da ciência atirara-me numa mansarda onde eu trabalhava durante a noite, e passava o dia numa biblioteca vizinha, a de Monsieur.^[388] Vivia frugalmente, tinha aceitado todas as condições da vida monástica, tão necessária para os trabalhadores. Quando o tempo estava bonito, mal dava um passeio pelo Boulevard Bourdon. Uma única paixão arrancava-me dos meus hábitos de estudo; mas não era aquilo ainda estudo? Eu ia observar os costumes do arrabalde, seus habitantes e seus caracteres. Tão mal vestido como os operários, indiferente ao decoro, eu não os deixava de pé atrás comigo; podia meter-me entre os seus grupos, vê-los concluindo seus negócios e discutindo no momento em que deixavam o trabalho. Em mim a observação já se havia tornado intuitiva, penetrava a alma sem se descuidar do corpo; ou, antes, apreendia tão bem os detalhes exteriores que ia imediatamente além; dava-me a faculdade de viver da vida do indivíduo sobre a qual ela se exercia, permitindo que eu me substituísse a ele como o dervixe de *As mil e uma noites* tomava a alma e o corpo das pessoas sobre as quais pronunciava certas palavras.

Quando, entre onze horas e meia-noite, eu encontrava um operário e sua mulher voltando juntos do Ambigu-Comique,^[389] divertia-me seguindo-os desde o Boulevard du pont-aux-Choux até o Boulevard Beaumarchais. Essa boa gente falava a princípio da peça que tinha visto; passando de um assunto a outro, chegavam eles aos seus negócios; a mãe puxava o filho pela mão sem ouvir suas queixas nem seus pedidos; os dois esposos computavam o dinheiro que lhes seria pago no dia seguinte e gastavam-no de vinte modos diferentes. Eram então pormenores domésticos, lamentações sobre o preço excessivo das batatas ou sobre a duração do inverno e o encarecimento da turfa, explicações enérgicas sobre a conta do padeiro; enfim, discussões que se envenenavam, e nas quais cada um deles exhibia seu caráter em termos pitorescos. Ao ouvir essa gente, eu podia identificar-me com a vida deles, sentia seus farrapos no meu lombo, caminhava com os pés

metidos nos seus sapatos furados; seus desejos, suas necessidades, tudo passava para a minha alma ou minha alma passava para a deles. Era o sonho de um homem acordado. Irritava-me, com eles, contra os contramestres da sua oficina que os tiranizavam ou contra os maus fregueses que os obrigavam a procurá-los várias vezes sem pagar-lhes. Deixar seus hábitos, tornar-se um ou outro pela embriaguez das faculdades morais e fazer esse brinquedo à vontade, tal era o meu divertimento. A que devo eu esse dom? Será o da vidência? Será uma dessas qualidades cujo abuso pode levar à loucura? Nunca pesquisei as causas desse poder; possuo-o, e dele me sirvo, eis tudo. Saibam, somente, que desde essa época eu havia decomposto os elementos dessa massa heterogênea denominada povo, que eu a tinha analisado de modo a poder avaliar suas boas ou más qualidades. Eu já sabia de que utilidade poderia ser esse arrabalde, esse seminário de revoluções que encerra heróis, inventores, sábios práticos, patifes, celerados, virtudes e vícios, todos comprimidos pela miséria, asfixiados pela necessidade, afogados no vinho, gastos pelos licores fortes. Não poderão imaginar quantas aventuras perdidas, quantos dramas esquecidos nessa cidade da dor! Quantas coisas horríveis e belas! Jamais a imaginação alcançará a verdade que nela se esconde e que ninguém pode ir descobrir; é preciso descer muito baixo para encontrar essas cenas admiráveis ou trágicas ou cômicas, obras-primas geradas pelo acaso. Não sei como guardei tanto tempo, sem referi-la, a história que lhes vou narrar; ela faz parte desses contos curiosos que ficaram no saco de onde a memória os tira caprichosamente como números de loteria; tenho muitas outras, tão singulares como esta, igualmente enterradas; mas lhes tocará também a vez, podem crê-lo.

Um dia, a minha empregada, mulher de um operário, veio pedir-me que eu honrasse com a minha presença o casamento de uma de suas irmãs. Para poder fazer-lhes compreender o que poderia ser esse casamento, é preciso dizer-lhes que eu dava dois francos por mês àquela pobre criatura, que vinha todas as manhãs fazer a minha cama, lustrar meus sapatos, escovar minha roupa, varrer o quarto e preparar meu almoço. Durante o resto do tempo ela ia tocar a manivela de uma máquina, e nesse duro ofício ganhava meio franco por dia. Seu marido,

um marceneiro, ganhava quatro francos. Como, porém, esse casal tinha três filhos, mal podiam comer pão honradamente. Nunca encontrei mais sólida probidade do que a desse homem e dessa mulher. Depois que deixei o bairro, durante cinco anos, a mãe Vaillant^[390] veio apresentar-me seus votos de felicidade, no meu onomástico, trazendo-me um ramo de flores e laranjas, ela que nunca tinha meio franco de economias. A miséria nos tinha aproximado. Nunca lhe pude dar outra coisa mais do que dez francos, muitas vezes tomados de empréstimo para essa circunstância. Isso pode explicar minha promessa de ir ao casamento; eu contava conchegar-me à alegria daquela pobre gente.

O festim, o baile, tudo teve lugar na sala de um negociante de vinho da Rue de Charenton, no primeiro andar, num grande quarto, iluminado por lâmpadas com refletores de lata, forrado com um papel imundo, até a altura das mesas, e ao correr das paredes do qual havia bancos de madeira. Naquele quarto, oitenta pessoas endomingadas, ostentando ramos e fitas, todas animadas pelo espírito da Courtille,^[391] o rosto incendiado, dançavam como se fosse o fim do mundo. Os recém-casados beijavam-se para gáudio de todos; ressoavam uns he! he! e ha! ha! faceiros, mas realmente menos indecentes do que as tímidas olhadas das moças bem-educadas. Toda aquela gente exprimia seu contentamento brutal, que tinha um não sei que de comunicativo.

Mas nem a fisionomia daquela assembleia, nem o casamento, nem nada daquele conjunto têm a ver com a minha história. Retenham somente a singularidade do quadro. Imaginem bem a bodega ignóbil e pintada de encarnado, sintam o cheiro do vinho, ouçam os rugidos daquela alegria, fiquem bem naquele arrabalde, no meio daqueles operários, daqueles velhos, daquelas pobres mulheres entregues ao prazer de uma noite!

A orquestra compunha-se de três cegos dos Quinze-Vingts;^[392] o primeiro era um violino, o segundo, um clarinete e o terceiro, um flajolé. Os três tinham sido pagos em conjunto a sete francos pela noite. Por esse preço, naturalmente, não executavam nem Rossini nem Beethoven; tocavam o que queriam e o que podiam; ninguém lhes fazia censuras, encantadora delicadeza! A música deles agredia com tanta brutalidade os tímpanos que, depois de ter percorrido a assembleia

com um olhar, dirigi os olhos para aquele trio de cegos e, a princípio, estive inclinado à indulgência ao reconhecer-lhes o uniforme. Esses artistas estavam no vão de uma porta envidraçada; para distinguir-lhes a fisionomia, era preciso estar perto deles; não fui ali imediatamente, mas, quando me aproximei, não sei por quê, todo o resto acabou para mim, o casamento e a sua música desapareceram, minha curiosidade se viu excitada ao mais alto grau: minha alma penetrou no corpo do tocador de clarinete. O violino e o flajolé tinham ambos semblantes vulgares, o semblante tão conhecido do cego, tenso pelo esforço, atento e grave; mas o do clarinete era um desses fenômenos que deixam suspensos, de supetão, o artista e o filósofo.

Imaginem a máscara em gesso de Dante, iluminada pelo clarão vermelho de um candeeiro, tendo por cima uma floresta de cabelos de um branco prateado. A expressão amarga e dolorosa daquela cabeça magnífica era aumentada pela cegueira, porquanto os olhos mortos reviviam pelo pensamento; dali escapava-se como que um clarão ardente, produzido por um desejo único, incessante, energicamente inscrito numa fronte abaulada, sulcada de rugas semelhantes às fiadas de pedra de um velho muro. Esse ancião soprava ao acaso, sem dar a menor atenção ao compasso nem à ária, seus dedos abaixavam-se e erguiam-se, agitavam as velhas chaves por um hábito maquinal; não tinha cerimônias para fazer o que se chama uma *fifia* em linguagem de orquestra; os pares nem se apercebiam disso, do mesmo modo que os dois acólitos do meu italiano; porque eu queria que fosse um italiano, e era um italiano. Havia algo de grande e de despótico nesse velho Homero, que guardava em si mesmo uma Odisseia condenada ao esquecimento. Era uma grandeza tão real que triunfava mesmo de sua abjeção, era um despotismo tão vivaz que dominava a pobreza. Nenhuma dessas violentas paixões que levam o homem ao bem ou ao mal, que fazem dele um proscrito ou um herói faltava naquele rosto nobremente desenhado, lividamente italiano, sombreado por sobranceiras grisalhas que projetavam sua sombra em cavidades profundas, nas quais se temia ver reaparecer a luz do pensamento, como se receia ver chegarem à entrada de uma caverna alguns bandidos armados de tochas e punhais. Existia um leão naquela jaula de carne,

um leão cuja raiva se esgotara inutilmente contra o ferro dos seus barrotes. O incêndio do desespero apagara-se nas suas cinzas, a lava esfriara; entretanto, os sulcos, a desordem, um pouco de fumaça atestavam a violência da erupção, os estragos do fogo. Essas ideias, despertadas pelo aspecto daquele homem, eram tão quentes na sua alma quanto frias no seu rosto.

Entre cada contradança, o violino e o flajolé, seriamente ocupados com seu copo e sua garrafa, penduravam seu instrumento no botão da sobrecasaca avermelhada, estendiam a mão para uma pequena mesa colocada no vão de uma janela, onde estava a sua cantina, e ofereciam sempre ao italiano um copo cheio que ele mesmo não podia pegar, porque a mesa estava por trás da sua cadeira, e, de cada vez, o clarinete agradecia-lhes por um sinal de cabeça amigável. Seus movimentos faziam-se com a precisão que sempre causa admiração nos cegos dos Quinze-Vingts, e que faz crer que eles veem. Aproximei-me dos três cegos para ouvi-los, mas, quando me aproximei, eles me estudaram, com certeza não reconheceram a natureza operária e ficaram calados.

— De que país é você, ó do clarinete?

— De Veneza — respondeu o cego com uma leve pronúncia italiana.

— Nasceu cego ou ficou cego por...

— Por acidente — respondeu ele vivamente —; uma maldita gota-serena.

— Veneza é uma linda cidade, sempre tive o desejo de ir lá.

A fisionomia do velho animou-se, suas rugas se agitaram, ficou violentamente emocionado.

— Se eu fosse lá com o senhor, pode estar certo de que não perderia seu tempo — disse-me ele.

— Não lhe fale de Veneza — disse-me o violino —, do contrário nosso doge vai desandar na sua marcha; sem contar que ele já está com duas garrafas no gasnete, o senhor príncipe!

— Vamos, adiante, tio Canard — disse o flajolé.

Os três puseram-se a tocar; mas, durante o tempo que gastaram para executar as quatro contradanças, o veneziano olfateava-me; adivinhava o interesse extremo que eu sentia por ele. Sua fisionomia despiu-se da fria expressão de tristeza; não sei que esperança alegrou suas feições,

escorreu como uma chama azul para as suas rugas. Ele sorriu, enxugou a fronte, aquela fronte audaz e terrível; enfim, ficou alegre como um homem que envereda pela sua mania.

— Que idade tem? — perguntei-lhe.

— Oitenta e dois anos!

— Desde quando está cego?

— Breve fará cinquenta anos — respondeu com um acento que indicava não provirem seus pesares apenas da perda da visão mas também de algum grande poder de que fora despojado.

— Por que motivo o chamam de doge? — perguntei-lhe.

— Ah! É uma pilhéria — disse ele —; sou patricio de Veneza, e poderia ser doge como qualquer outro.

— Qual é o seu nome?

— Aqui — disse ele —, vovô Canet. Meu nome nunca pôde ser escrito de outra forma nos registros; mas, em italiano, é *Marco Facino Cane, príncipe de Varese*.

— Como! O senhor descende do famoso *condottiere*^[393] Facino Cane, ^[394] cujas, conquistas passaram para o Duque de Milão?

— *È vero*^[395] — disse-me ele. — Naquele tempo, para não morrer às mãos dos Visconti, o filho de Cane refugiou-se em Veneza e se fez inscrever no livro de ouro. Mas agora não há mais Cane nem livro.

E fez um gesto apavorante de patriotismo extinto e de nojo pelas coisas humanas.

— Mas se o senhor fosse senador de Veneza devia ser rico; como pôde perder sua fortuna?

Ao ouvir essa pergunta, ele ergueu a cabeça para mim, como para me contemplar num movimento verdadeiramente trágico, e respondeu-me:

— Por desgraças!

Não pensava mais em beber; com um gesto recusou o copo de vinho que naquele momento lhe oferecia o velho flajolé, depois curvou a cabeça. Esses detalhes não eram de natureza a extinguir minha curiosidade. Durante a contradança que aquelas três máquinas tocaram, eu contemplei o velho nobre veneziano com os sentimentos que devoram um homem de vinte anos. Eu via Veneza e o Adriático, eu a via em ruínas naquele rosto arruinado. Eu passeava naquela cidade tão

querida por seus habitantes, ia do Rialto ao grande canal, da *Riva degli Schiavoni* ao Lido, voltava à sua catedral, tão originalmente sublime; olhava as janelas da *Ca'd'Oro*, que todas elas têm ornamentos diferentes; contemplava seus velhos palácios tão ricos: de mármore; enfim, todas aquelas maravilhas com as quais o sábio simpatiza, tanto mais porque ele as colore à sua vontade e não despoetiza seus sonhos pelo espetáculo da realidade. Remontava o curso da vida daquele rebento do maior dos *condottieri*, procurando nela os vestígios das suas desgraças e as causas daquela profunda degradação física e moral, que tornava ainda mais belas as fagulhas de grandeza e de nobreza reanimadas naquele momento. Nossos pensamentos eram sem dúvida os mesmos, pois creio que a cegueira torna as comunicações intelectuais muito mais rápidas, impedindo a atenção de se dispersar sobre os objetos exteriores. A prova da nossa simpatia não se fez esperar. Facino Cane deixou de tocar, levantou-se e dirigiu-se para mim dizendo um “Saíamos!” que produziu em mim o efeito de uma ducha elétrica. Dei-lhe o braço e nos fomos.

Quando chegamos à rua, ele me disse:

— Quer levar-me a Veneza, guiar-me, ter fé em mim? Ficará mais rico do que as dez mais ricas casas de Amsterdã ou de Londres, mais rico do que os Rothschild, enfim, rico como *As mil e uma noites*.

Pensei que aquele homem estivesse louco; mas havia na sua voz um poder ao qual obedeci. Deixei-me conduzir e ele levou-me para o lado dos fossos da Bastille, como se tivesse olhos. Sentou-se numa pedra num lugar muito solitário, onde mais tarde foi construída a ponte pela qual o canal Saint-Martin comunica com o Sena. Sentei-me em outra pedra, em frente àquele ancião, cujos cabelos brancos brilharam como fios de prata ao clarão da lua. O silêncio, apenas perturbado pelo rumor tempestuoso dos bulevares, que chegava até nós, a pureza da noite, tudo contribuía para tornar aquela cena verdadeiramente fantástica.

— O senhor fala em milhões a um rapaz, e julga que ele hesitaria em afrontar mil incômodos para colhê-los? Não está zombando de mim?

— Que eu morra sem confissão — disse-me ele com violência —, se o que lhe vou dizer não é verdade. Tive vinte anos como o senhor os têm neste momento, eu era rico, era belo, era nobre, comecei pela primeira

das loucuras, pelo amor. Amei como não se ama mais, até o ponto de meter-me num cofre e arriscar-me a ser ali apunhalado, sem ter recebido mais do que a promessa de um beijo. Morrer por *ela* afigurava-se-me ser toda uma vida. Em 1760 apaixonei-me por uma Vendramini, uma mulher de dezoito anos, casada com um Sagredo, um dos mais ricos senadores, um homem de trinta anos, louco pela mulher. Minha amada e eu éramos inocentes como dois querubins, quando o *sposo* nos surpreendeu falando de amor; eu estava sem armas, ele errou a pontaria, saltei sobre ele e o estrangulei com as minhas mãos, torcendo-lhe o pescoço como a um frango. Quis fugir com Bianca, mas ela não quis acompanhar-me. São assim as mulheres! Parti sozinho, fui condenado, meus bens foram confiscados em benefício de meus herdeiros; mas eu tinha levado comigo meus diamantes, cinco telas de Ticiano enroladas e todo o meu ouro. Fui para Milão, onde não fui incomodado; meu caso não interessava o Estado.

— Uma pequena observação antes de continuar — disse ele após uma pausa. — Que as fantasias de uma mulher influam ou não sobre uma criança, enquanto ela a traz em si, ou a concebe, o certo é que minha mãe teve uma paixão pelo ouro durante toda a gravidez. Tenho pelo ouro uma monomania, cuja satisfação é tão necessária à minha vida que, em todas as situações em que me tenho achado, nunca me vi sem ouro; constantemente manejo o ouro; quando jovem, eu carregava sempre joias e tinha comigo duzentos ou trezentos ducados.

Ao dizer essas palavras, tirou dois ducados do bolso e mostrou-mos.

— Sinto o ouro. Embora cego, paro diante das lojas dos joalheiros. Essa paixão perdeu-me, tornei-me jogador para jogar ouro. Eu não era larápio, fui roubado, arruinei-me. Quando não tive mais fortuna, invadiu-me o desejo furioso de ver Bianca; voltei secretamente a Veneza, tornei a encontrá-la, vivi feliz durante seis meses, oculto em casa dela, sustentado por ela. Pensava acabar deliciosamente minha vida assim. Ela era cortejada pelo provedor, este adivinhou um rival; na Itália eles são sentidos; espionou-nos, surpreendeu-nos no leito, o covarde! Imagine como nossa luta foi viva; não o matei, feri-o gravemente. Essa aventura destruiu a minha felicidade. Desde esse dia nunca mais tornei a encontrar outra Bianca. Gozei grandes prazeres, vivi na Corte de Luís

xv entre as mulheres mais célebres; em parte alguma encontrei as qualidades, as gentilezas, o amor da minha querida veneziana. O provedor tinha a sua gente, chamou-a, o palácio foi cercado, invadido; defendi-me para poder morrer ante os olhos de Bianca, que me auxiliava a matar o provedor. Outrora essa mulher não tinha querido fugir comigo; mas, depois de seis meses de felicidade, ela queria morrer da mesma morte que eu e recebeu vários golpes. Envolvido por um grande manto que atiraram em cima de mim, eu fui enrolado, levado a uma gôndola e transportado para uma masmorra dos poços. Eu tinha vinte e dois anos, segurava tão bem o resto da minha espada que para tirar-ma teria sido preciso cortar-me o punho. Por um acaso singular ou, antes, inspirado por um pensamento de precaução, eu escondi esse pedaço de ferro num canto, como se pudesse servir-me. Fui tratado. Nenhum dos meus ferimentos era mortal. Aos vinte e dois anos um homem se refaz de tudo. Eu devia morrer decapitado; fingi estar doente a fim de ganhar tempo. Acreditava achar-me numa masmorra próxima ao canal; meu projeto era evadir-me cavando a parede e atravessando o canal a nado, correndo embora o risco de afogar-me. Eis sobre que argumentos fundava-se a minha esperança. Todas as vezes que o carcereiro me trazia a comida, eu lia indicações escritas nas paredes, como: *lado do palácio, lado do canal, lado do subterrâneo*, e acabei por entrever um plano cujo sentido pouco me preocupava, mas explicável pelo estado atual do palácio ducal, que não está acabado. Com o gênio que o desejo de recuperar a liberdade nos dá, consegui decifrar, tateando com a ponta dos dedos a superfície de uma pedra, uma inscrição árabe pela qual o autor daquele trabalho avisava a seus sucessores que ele tinha destacado duas pedras da última fila e cavado onze pés de subterrâneo. Para continuar a sua obra, era preciso espalhar no próprio chão da masmorra as parcelas de pedra e de argamassa produzidas pelo trabalho da escavação. Mesmo que os guardas ou os inquisidores não estivessem tranquilizados pela construção do edifício que exigia apenas uma vigilância exterior, a disposição dos poços, para onde se desce por alguns degraus, permitia elevar gradualmente o solo sem que os guardas se dessem conta. Esse imenso trabalho fora supérfluo, pelo menos para aquele que o

empreendera, porquanto o fato de não estar acabado indicava a morte do desconhecido. Para que o seu devotamento não ficasse perdido para sempre era preciso que um prisioneiro soubesse o árabe, mas eu tinha estudado as línguas orientais no convento dos Armênios. Uma frase escrita atrás da pedra dizia o destino daquele infeliz, morto vítima de suas imensas riquezas, que Veneza cobiçara e das quais se apoderara. Precisei de um mês para alcançar um resultado. Enquanto trabalhava, e nos momentos em que o cansaço me aniquilava, eu ouvia o som do ouro, via ouro na minha frente, estava deslumbrado pelos diamantes! Oh! Espere. Durante uma noite, meu aço embotado bateu em madeira. Afiei minha ponta de espada e fiz um orifício nessa madeira. Para poder trabalhar, rolei como uma serpente sobre o ventre, pus-me nu para escavar ao modo das toupeiras, estendendo as mãos para a frente e fazendo da própria pedra um ponto de apoio. Na antevéspera do dia em que devia comparecer perante meus juízes, durante a noite, quis tentar um último esforço; furei a madeira e meu ferro nada encontrou além dela. Julgue da minha surpresa quando apliquei os olhos ao orifício! Eu estava no teto de uma adega onde uma luz fraca permitia-me entrever um montão de ouro. O doge e um dos Dez^[396] estavam naquela cava. Ouvi-lhes as vozes; suas palavras fizeram-me saber que ali estava o tesouro secreto da República, os donativos dos doges e as reservas do espólio chamado o tributo de Veneza e tomado sobre o produto das expedições. Eu estava salvo! Quando o carcereiro veio, eu lhe propus que ajudasse minha fuga e partisse comigo, levando tudo o que pudéssemos levar. Não havia como hesitar; ele aceitou. Um navio fazia-se de vela para o Levante; todas as precauções foram tomadas. Bianca favoreceu as medidas que ditei ao meu cúmplice. Para não dar o alarme, Bianca devia juntar-se conosco em Esmirna. Numa noite o buraco foi aumentado e nós descemos ao tesouro secreto de Veneza. Que noite! Vi quatro tonéis cheios de ouro. Na peça precedente a prata estava igualmente amontoada em duas porções que deixavam um caminho no meio para se atravessar o quarto, no qual as moedas dispostas em declive guarneciam as paredes até cinco pés de altura. Julguei que o carcereiro ficasse louco; ele cantava, saltava, ria, cabriolava sobre o ouro; ameacei estrangulá-lo se perdesse tempo ou fizesse barulho. Na

sua alegria, a princípio, não viu uma mesa onde estavam os diamantes. Atirei-me com bastante habilidade em cima dela para encher minha blusa de marinheiro e os bolsos das calças. Meu Deus! Não me apoderei da terça parte. Embaixo dessa mesa havia lingotes de ouro. Persuadi meu companheiro a encher tantos sacos quantos pudéssemos carregar, fazendo-lhe observar que era o único modo de não sermos descobertos no estrangeiro. “As pérolas, as joias, os diamantes fariam com que fôssemos reconhecidos”, disse-lhe eu. Fosse qual fosse a nossa avidez, não me foi possível levar senão duas mil libras de ouro, que necessitariam seis viagens através da prisão até a gôndola. A sentinela da porta tinha sido subornada mediante um saco de dez libras de ouro. Quanto aos dois gondoleiros, esses julgavam estar servindo a República. Ao clarear do dia partimos. Quando estávamos em pleno mar e eu me lembrei dessa noite; quando recordei as sensações que eu tinha experimentado; quando revi esse imenso tesouro, onde, segundo minha avaliação, eu deixara trinta milhões em prata, vinte milhões em ouro, vários milhões em diamantes, pérolas e rubis, operou-se em mim como que um frenesi de loucura. Tive a febre do ouro. Fizemos com que nos desembarcassem em Esmirna e tornamos a embarcar imediatamente para a França. Quando subimos para o navio francês, Deus fez-me a graça de me desembaraçar do meu cúmplice. Nesse momento eu não pensei em todo o alcance daquele delito do acaso, com o qual muito me alegrei. Estávamos tão completamente enervados que permanecíamos atônitos, sem nada dizer, esperando achar-nos em segurança para gozarmos à nossa vontade. Não é de admirar que lhe tenha girado a cabeça, àquele tratante. Verá como Deus me castigou. Não me julguei tranquilo senão depois de ter vendido os dois terços dos meus diamantes, em Londres e Amsterdã, realizado meu pó de ouro em valores comerciais. Durante cinco anos ocultei-me em Madri; depois, em 1770, vim a Paris com um nome espanhol e levei a mais brilhante das vidas. Bianca morrera. Em meio aos meus prazeres, quando eu gozava de uma fortuna de seis milhões, fui atingido de cegueira. Não duvido que essa afecção fosse o resultado da minha estada na masmorra, dos meus trabalhos na pedra, se, todavia, minha faculdade de ver o ouro não comportava um abuso do poder visual, que me

predestinava a perder a visão. Nessa ocasião, eu amava uma mulher com a qual pretendia ligar meu destino; dissera-lhe o segredo do meu nome. Ela pertencia a uma família poderosa; eu tudo esperava do favor de Luís xv, eu confiara inteiramente nessa mulher, que era amiga da sra. du Barry.^[397] Ela aconselhou-me a consultar um famoso oculista de Londres; mas, depois de alguns meses de estada na cidade, fui abandonado por ela em Hyde Park. Ela me despojara de todos os meus haveres deixando-me absolutamente sem recursos; porque, forçado a ocultar meu nome, que me entregava à vingança de Veneza, eu não podia invocar a assistência de ninguém, pois temia Veneza. Minha cegueira foi explorada pelos espões que aquela mulher destacara para vigiar-me. Poupo-lhe a narrativa de aventuras dignas de Gil Blas.^[398] Sobreveio a vossa revolução. Fui obrigado a ingressar nos Quinze-Vingts, onde aquela criatura fez que me admitissem, depois de ter-me retido dois anos em Bicêtre,^[399] como louco; nunca pude matá-la, pois não enxergava e era pobre demais para comprar um braço. Se antes de perder Benedetto Carpi, meu carcereiro, eu o tivesse consultado sobre a situação da minha masmorra, eu teria podido verificar sua localização e voltar a Veneza, quando a República foi destruída por Napoleão. Entretanto, apesar da minha cegueira, vamos a Veneza! Eu tornarei a achar a porta da prisão, verei o ouro através das muralhas; senti-lo-ei sob as águas onde ele está escondido; porque os acontecimentos que derrubaram o poder de Veneza são tais que o segredo desse tesouro deve ter morrido com Vendramini, o irmão de Bianca, um doge que, assim eu esperava, teria feito minha reconciliação com os Dez. Dirigi notas ao primeiro cônsul, propus um tratado ao imperador da Áustria, todos me desatenderam por me julgarem louco! Venha, partamos para Veneza, partamos como mendigos, voltaremos milionários; tornaremos a comprar os meus bens, e o senhor será meu herdeiro, será príncipe de Varese.

Aturdido por essa confiança, que na minha imaginação assumira as proporções de um poema, ante o aspecto daquela cabeça encanecida, e diante da água escura dos fossos da Bastilha, água dormente como a dos canais de Veneza, não respondi. Facino Cane pensou sem dúvida que eu o julgava como todos os demais, com uma

piedade desdenhosa; fez um gesto que exprimiu toda a filosofia do desespero. Essa narrativa fizera-o remontar talvez aos seus dias felizes, em Veneza: pegou no seu clarinete e tocou melancolicamente uma canção veneziana, barcarola para a qual ele tornou a encontrar seu antigo talento, de patricio apaixonado. Foi algo como o *Super flumina Babylonis*.^[400] Encheram-se-me os olhos de lágrimas. Se aconteceu terem passado alguns caminhantes retardados ao longo do Boulevard Bourdon, eles com certeza detiveram-se para ouvir essa última prece do banido, a última saudade de um nome perdido, à qual se mesclava a lembrança de Bianca. Mas, pronto, o ouro sobrepôs-se a tudo e a fatal paixão extinguiu aquele clarão de mocidade.

— Aquele tesouro — disse-me ele —, vejo-o sempre, tanto acordado como em sonhos; passeio por ele, os diamantes cintilam. Não sou tão cego como julga; o ouro e os diamantes iluminam minha noite, a noite do último Facino Cane, porque meu título passará para os Memmi. Meu Deus! A punição do assassino começou bem cedo! *Ave Maria...*

Disse algumas orações que não ouvi.

— Iremos a Veneza — exclamei quando ele se levantou.

— Encontrei, pois, o meu homem — bradou ele com o rosto incendiado.

Reconduzi-o dando-lhe o braço; ele apertou-me a mão à porta dos Quinze-Vingts, no momento em que algumas pessoas da boda voltavam gritando em altas vozes.

— Partiremos amanhã? — perguntou o ancião.

— Assim que tivermos algum dinheiro.

— Mas podemos ir a pé; eu pedirei esmola... sou robusto, e qualquer um é moço quando vê ouro diante de si.

Facino Cane morreu no inverno depois de ter definhado durante dois meses. O pobre homem sofria de um catarro.

Paris, março de 1836

SARRASINE

TRADUÇÃO DE GOMES DA SILVEIRA

Sarrasine, datada de 1830, é uma comédia contada na primeira pessoa por algum protagonista de *A comédia humana* que Balzac se esqueceu de nomear. O fato de tal personagem estar namorando a sra. de Rochefide — a heroína de *Beatriz* — não é suficiente para identificá-lo.

Ela pertence, por um lado, às obras em que o escritor investigava os segredos da criação artística e da intensidade com que os grandes artistas vivem e se consomem: *A obra-prima desconhecida*, *Massimila Doni*, *Gambara*; por outro, ao grupo em que o romancista, desejoso de incluir em seu painel todas as manifestações da paixão humana, enfrentava vícios e depravações de que pouco se falava na literatura e que nem por isso deixavam de existir: *A menina dos olhos de ouro*, *Uma paixão no deserto* e, até certo ponto, *Esplendores e misérias das cortesãs*.

O sentido desta novela estranha, determinado pela fusão desses dois elementos, é explicado assim por Ernst Robert Curtius:

“Entre todos os artistas criados por Balzac e possuídos pelo demônio faustiano, só um encontrou a beleza absoluta. Foi o escultor Sarrasine. A forma perfeita, a ideia divina da beleza, ele colheu-a, viva, numa prima-dona da Ópera de Roma. No entanto, ele também é vítima de sua loucura, pois essa aparição radiosa de Zambinella não é senão...”

Mas deixemos o próprio Balzac explicar quem é Zambinella. Com a sua espantosa e traiçoeira beleza, essa criatura equívoca perturba Sarrasine para sempre, impedindo-o de encontrar prazer na contemplação de qualquer outra beldade. Também a morte violenta será para ele um benefício, pois, não viesse ela, o escultor defraudado teria de suicidar-se.

Embora incluído nos Estudos de Costumes, a novela tem uma atmosfera fantástica na qual facilmente se reconhece a influência do romance “negro” ou terrífico de Ann Radcliffe e outros autores ingleses, assim como das novelas misteriosas de E. T. A. Hoffmann. Muitas outras obras de Balzac exalam o mesmo ar; essas porém, geralmente, são reunidas nos *Estudos filosóficos*, onde Sarrasine e Zambinella estariam mais à vontade ao lado de Dom Juan e de Seráfita.

Em 1970 esta novela estranha de Balzac, quase esquecida, passou ao primeiro plano do interesse, devido à publicação de um ensaio, de

Roland Barthes, intitulado *s/z*, de grande repercussão. O famoso autor escolhera esta obra em suma secundária menos para elucidar-lhe o mistério do que dar uma ilustração do que ele entendia por crítica moderna. O resultado de sua investigação é uma construção mental em que utiliza os materiais mais heterogêneos, às vezes sem ligação nenhuma com a obra escolhida como pretexto. Por achar que esse estudo intrincado, apesar de oferecer muitas observações curiosas a respeito da arte de Balzac, era um exemplo típico de certa espécie de crítica universitária extremamente arbitrária e vazada numa linguagem excessivamente artificial, fiz dele o objeto de um comentário respeitoso mas discordante em meu ensaio “B/B/B” ou “Balzac Pretexto e Texto” em meu livro *Pois é* (1990).

PAULO RÓNAI

I – OS DOIS RETRATOS

Eu estava imerso numa dessas cismas profundas que assaltam a toda gente, mesmo a um homem frívolo, no meio de festas mais tumultuosas. Acabava de soar meia-noite no relógio do Elysée Bourbon. [402] Sentado no vão de uma janela e escondido sob as pregas ondulantes de uma cortina de *moiré*, podia contemplar à vontade o jardim do prédio onde assistia a um sarau.

As árvores, mal cobertas de neve, se destacavam levemente do fundo cinza do céu nublado, que a lua clareava tenuamente. Vistas em meio daquela atmosfera fantástica, pareciam, vagamente, espectros mal envoltos em suas mortalhas, imagem gigantesca da famosa *dança macabra*.

Depois, voltando-me para o outro lado, podia admirar a dança dos vivos.

Um salão esplêndido, paredes decoradas em prata e ouro, lustres refulgentes, brilhantes de luzes. Nele formigavam, moviam-se, borboleteavam as mais lindas mulheres de Paris, as mais ricas, as portadoras dos maiores títulos, deslumbrantes, magníficas, resplandescentes de diamantes. Flores nos cabelos, nos seios, semeadas pelos vestidos ou em guirlandas aos seus pés. Havia ali frêmitos de alegria, passos voluptuosos que faziam agitarem-se as rendas, as gazes e as sedas em torno de seus flancos delicados. Alguns olhares demasiado vivos repontavam aqui e ali, eclipsando as luzes, o brilho dos diamantes e animando ainda mais os corações já bastante inflamados. Surpreendiam-se, não raro, gestos de cabeça significativos para os amantes e atitudes negativas para com os maridos. O estrépito das vozes dos jogadores, a cada golpe inesperado, o retinir das moedas de ouro de mistura com a música, o murmúrio das palestras e, para acabar de aturdir aquela gente embriagada por quanto pode a sociedade oferecer de sedução, um vapor de perfumes e uma ebriedade geral agiam sobre as imaginações excitadas.

Tinha, assim, à minha direita, a sombria e silenciosa imagem da morte; à esquerda, comedidas bacanais da vida; de um lado, a natureza fria, tristonha, de luto; do outro, os homens em festa. Entre os limites daqueles dois quadros disparatados que, repetidos de mil modos diversos, tornam Paris a cidade mais divertida do mundo e a mais filosófica, eu compunha uma macedônia moral, meio chocarreira, meio fúnebre. Com o pé esquerdo marcava o compasso e pensava ter o outro numa sepultura. Minha perna estava realmente gelada por um vento encanado desses que nos resfriam metade do corpo enquanto a outra experimenta o calor úmido dos salões, acidente frequentíssimo nos bailes.

— Faz muito que o sr. de Lanty possui esta casa?

— Faz, sim. Já há uns bons dez anos que o marechal de Carigliano^[403] lha vendeu. Ah! Essa gente deve ter uma fortuna imensa, não? E gozam-na bem. Que festa! E que luxo insolente! Pensa que sejam tão ricos como os srs. de Nucingen ou de Gondreville?^[404]

— Não sabe então?

Avancei a cabeça e reconheci os interlocutores, que pertenciam a essa espécie de gente curiosa que em Paris se preocupa exclusivamente com os *por quê? os como? de onde vêm? quem são? que tem ele? que fez ela?* Puseram-se a falar baixo e afastaram-se para tagarelar mais à vontade nalgum sofá solitário. Nunca, aliás, um veio mais fecundo se deparara aos esquadrinhadores de mistérios. Ninguém sabia de que região provinha a família de Lanty nem de que negócio, de que esbulho, de que pirataria ou de que herança lhes vinha a fortuna estimada em vários milhões. Todos os seus membros falavam italiano, francês, espanhol, inglês e alemão com tal perfeição que faziam supor se houvessem demorado longos anos entre esses diversos povos. Seriam ciganos? Seriam flibusteiros?

— Mesmo que fossem diabos! — diziam os jovens políticos. — Recebem maravilhosamente.

— Ainda que o conde de Lanty houvesse saqueado alguma Casbá,^[405] eu bem que lhe desposaria a filha — dizia um filósofo.

Quem não desposaria, aliás, Marianina, jovem de dezesseis anos, cuja beleza realizava as fabulosas concepções dos poetas orientais?

Como a filha do sultão na história da *Lâmpada maravilhosa*,^[406] deveria trazer sempre velada a face. Sua voz fazia empalidecer os dons incompletos das Malibran, das Sontag, das Fodor,^[407] nas quais uma qualidade dominante excluía a perfeição do conjunto, enquanto Marianina sabia reunir no mesmo grau a pureza do som, a sensibilidade, a justeza dos movimentos e das entonações, alma e ciência, correção e sentimento. Realizava o tipo dessa poesia secreta, elo comum de todas as artes, e que foge sempre aos que a procuram. Doce e modesta, instruída e espirituosa, ninguém eclipsaria Marianina se não existisse sua mãe.

Nunca encontraram dessas mulheres cuja beleza fascinante desafia os vestígios da idade e que parecem aos trinta e seis anos mais desejáveis do que deveriam sê-lo quinze anos antes? Seu semblante revela uma alma apaixonada: cintila; em cada traço brilha a inteligência; cada poro tem um esplendor particular, sobretudo sob as luzes. Seus olhos sedutores atraem, recusam, falam ou emudecem; seu andar é inocentemente sábio; sua voz desdobra as melodiosas riquezas dos tons mais sedutoramente suaves e ternos. Seus elogios, fundados em comparações, acariciam o amor-próprio dos mais suscetíveis. Um movimento de sobrancelhas, o menor lance de olhos, um lábio que se franze imprimem sua espécie de terror aos que sentem depender delas a felicidade e a vida. Inexperiente do amor e dócil às palavras, uma jovem pode deixar-se seduzir; mas por tais mulheres um homem deve saber, como o sr. de Jaucourt,^[408] não gritar se, escondido no fundo de um armário, a criada lhe partir dois dedos ao cerrar-lhe a porta. Amar essas poderosas sereias não é acaso jogar a vida? E é por isso talvez que as amamos tão apaixonadamente. Tal era a condessa de Lanty.

Filippo, irmão de Marianina, participava, como a irmã, da beleza maravilhosa da mãe. Numa palavra, o rapaz era a imagem viva de Antínoo,^[409] mas de formas mais esguias. E como essas finas e delicadas proporções se aliam bem à juventude quando uma tez morena, sobrancelhas vigorosas e o brilho de um olhar veludoso prometem para o futuro paixões másculas e ideias generosas! Se Filippo morava nos corações de todas as moças como um ideal, permanecia igualmente na lembrança de todas as mães como o melhor partido da França.

A beleza, a fortuna, o espírito, a graça daquelas duas criaturas vinham-lhes unicamente da condessa. O conde de Lanty era baixo, feio e magro, sombrio como um espanhol e fastidioso como um banqueiro. Passava, aliás, por profundo político, talvez porque raramente ria e citava habitualmente Metternich ou Wellington.

A misteriosa família tinha todo o atrativo de um poema de Byron, cujas dificuldades se traduzissem de modo diferente para cada pessoa: um canto obscuro e sublime, estrofe a estrofe. A reserva que o casal guardava quanto à sua origem, sua passada existência e suas relações nos quatro cantos do mundo não deveria ser por muito tempo objeto de espanto em Paris. Em lugar algum, sem dúvida, o axioma de Vespasiano^[410] é mais bem compreendido. Ali, os escudos, mesmo manchados de sangue ou de lama, não traem nada e representam tudo. Desde que a alta sociedade saiba o montante da fortuna, a classificação se faz entre as quantias que a igualam e ninguém pede para ver os pergaminhos, porque todos sabem quão pouco custam. Numa cidade onde os problemas sociais se resolvem por equações algébricas, os aventureiros têm a seu favor excelentes oportunidades. Ainda admitindo que aquela família fosse de origem boêmia, era tão rica e tão atraente que a alta sociedade bem lhe podia perdoar seus pequenos mistérios. Mas, por infelicidade, a história enigmática da casa Lanty oferecia um perpétuo motivo de curiosidade, muito semelhante ao dos romances de Ann Radcliffe.^[411]

Os observadores, gente que teima em saber em que loja compramos os nossos candelabros, ou que nos pergunta o preço do aluguel quando se agrada do nosso apartamento, haviam notado, de longe em longe, em meio das festas, dos concertos, dos bailes, das recepções dadas pela condessa, a aparição de uma estranha personagem. Tratava-se de um homem. A primeira vez que apareceu no palacete foi durante um concerto, parecendo ter sido atraído ao salão pela voz encantadora de Marianina.

— Desde há instantes que sinto frio — disse à sua vizinha uma dama colocada junto à porta.

O desconhecido, que estava próximo dela, retirou-se.

— Coisa curiosa! Sinto calor — disse a senhora, logo após a saída do

estranho. — Pode chamar-me doida — continuou —, mas juraria que era o meu vizinho, esse senhor de preto que acaba de sair, que me causava tal frio.

Em breve, o exagero natural da gente de sociedade fez nascerem e se acumularem ideias as mais curiosas, as expressões mais bizarras, as anedotas mais ridículas em torno do misterioso tipo. Sem que fosse precisamente um vampiro, um homem artificial, uma espécie de Fausto ou de Robin Hood,^[412] participava ele, no dizer dos amigos de coisas fantásticas, de todas essas naturezas antropomorfas. E não faltavam, por vezes, alemães que tomavam como verdades essas engenhosas caçoadas da maledicência parisiense. O estranho era, simplesmente, um velhote. Muitos desses rapazes habituados a decidir, todas as manhãs, o destino da Europa, em algumas frases elegantes, pretendiam ver no desconhecido um grande criminoso, senhor de imensas riquezas. Romancistas contavam a vida do velho, fornecendo minúcias verdadeiramente curiosas sobre as atrocidades por ele cometidas durante o tempo em que servira o príncipe de Mysore.^[413] Banqueiros, criaturas mais positivas, teciam uma fábula especiosa.

— Ora! — diziam, levantando ligeiramente os ombros, num movimento de piedade. — Esse velhinho é um testa de ferro!

— Se não for indiscrição, poderia ter a bondade de explicar-me o que entende por testa de ferro?

— Pois, senhor, é um homem sobre cuja vida repousam enormes capitais e de cuja saúde dependem, sem dúvida, as rendas desta família.

Lembro-me de ter ouvido em casa da sra. d'Espard^[414] um magnetizador provar, através de considerações históricas assaz rebuscadas, que o velhinho em apreço era o famoso Bálsamo, chamado Cagliostro.^[415] Segundo esse moderno alquimista, o aventureiro siciliano escapara à morte e divertia-se em fabricar ouro para os seus netos. Enfim, o bailio de Ferrette^[416] pretendia ter reconhecido na singular personagem o conde de Saint-Germain.^[417] Essas bisbilhotices ditas em tom espirituoso, com o ar de indiferença que hoje em dia caracteriza uma sociedade sem crenças, entretinham vagas suspeitas sobre a família Lanty e, por singular concurso de circunstâncias, justificavam os seus membros as conjecturas da sociedade, observando

uma conduta um tanto misteriosa para com o velhote, cuja vida era, de certo modo, furtada a todas as investigações.

Cada vez que se franqueava a soleira do apartamento que ocupava no palacete dos Lanty, sua aparição causava, invariavelmente, grande sensação na família. Dir-se-ia um acontecimento de alta importância. Filipo, Marianina, a sra. de Lanty e um antigo criado eram os únicos que tinham o privilégio de auxiliar o desconhecido a andar, a levantar-se e a sentar-se. Cada um deles lhe vigiava os menores movimentos. Parecia como que uma personagem encantada da qual dependessem a felicidade, a vida ou a fortuna de todos. Seria temor ou afeição? Ninguém conseguia descobrir uma indicação que auxiliasse a resolver o problema. Escondido durante meses no fundo de um santuário desconhecido, aquele gênio familiar surgia, de repente, furtivamente e sem ser esperado, e aparecia nos salões como as fadas de outrora que desciam dos seus dragões alados para perturbar solenidades para as quais não haviam sido convidadas. Só os observadores mais atilados podiam então adivinhar a inquietude dos donos da casa, que sabiam dissimular seus sentimentos com singular habilidade. Mas, por vezes, Marianina, demasiado ingênua, lançava, ao dançar uma quadrilha, um olhar de terror sobre o velhote que ela vigiava por entre os grupos.

Ou então Filippo avançava, deslizando entre os pares, para alcançá-lo e permanecia perto dele, dedicado e atento, como se o contato dos homens ou o mínimo sopro pudessem quebrar aquela criatura bizarra. A condessa tratava de aproximar-se, sem demonstrar a intenção de ir a seu encontro; a seguir, com modos e expressões que tanto tinham de servilidade quanto de ternura, de submissão como de despotismo, dizia três ou quatro palavras com as quais sempre concordava o velho, que desaparecia, acompanhado, ou melhor, conduzido por ela. Se a sra. de Lanty não se achava presente, o conde empregava mil estratégias para chegar até ele, mas dava a impressão de se fazer ouvir com dificuldade e o tratava como a uma criança mimada cujos caprichos a mãe ouve e cujas teimosias teme. E, quando os indiscretos ousavam interrogar levemente o conde de Lanty, este, frio e reservado, jamais dava mostras de compreender as perguntas dos curiosos. Assim, depois de múltiplas tentativas que a circunspecção de todos os membros da

família tornara vã, ninguém mais procurou descobrir segredo tão bem guardado. E os solícitos espíões, os papalvos e os políticos acabaram, cansados da luta, por não mais se ocupar do mistério.

Naquele momento, porém, havia, decerto, naqueles salões resplandecentes, filósofos que, enquanto se serviam de um gelado ou um refresco ou pousavam sobre um console o cálice vazio de ponche, diziam:

— Não me admiraria nada ouvir dizer que esta gente não passa de uns velhacos. Este velho que se esconde e só aparece nos equinócios ou nos solstícios tem todo o aspecto de um assassino...

— Ou de um banqueiro falido...

— É mais ou menos a mesma coisa. Matar a fortuna de alguém é algo pior que matá-lo.

— Senhor, apostei vinte luíses; deveriam me devolver quarenta.

— E veja! Só restam trinta sobre o pano verde.

— Com os diabos! É para ver como é misturada a sociedade aqui! Não se pode sequer jogar.

— É verdade. Mas, a propósito, há mais de seis meses que não nos aparece o fantasma. Acredita que seja um ser vivo?

— Hum! Hum! Quem sabe...

Estas últimas palavras eram ditas ao meu redor por desconhecidos que se afastaram enquanto eu resumia, num pensamento final, minhas reflexões entremeadas de branco e negro, de morte e vida. Minha doida imaginação, tanto como os meus olhos, contemplava, sucessivamente, a festa, que chegara ao máximo esplendor, e o sombrio quadro dos jardins. Não sei por quanto tempo fiquei a meditar sobre esse verso e reverso da medalha humana até que, repentinamente, o riso abafado de uma jovem me despertou. Fiquei estupefato diante da cena que se me deparou aos olhos. Por um dos mais raros caprichos da natureza, o pensamento semilutuoso que se revolvía no meu cérebro saíra dele e ali estava, diante de mim, animado, vivo, surgido como Minerva da cabeça de Júpiter, grande e forte, e, tendo ao mesmo tempo um século e vinte anos, estava vivo e morto. Fugido de sua alcova como um louco de sua cela, o velhote havia deslizado manhosamente por trás do verdadeiro muro de gente atenta à voz de Marianina, que concluía a cavatina de

Tancredo.^[418] Parecia ter surgido no seio da terra, impulsionado por um mecanismo de teatro. Imóvel e taciturno, ficou a contemplar por um momento a festa, cujo eco lhe chegara, provavelmente, aos ouvidos. Sua preocupação, quase sonambúlica, se concentrava de tal modo nas coisas que se encontrava em meio da sociedade sem a ver. Aparecera, sem cerimônias, junto a uma das mais encantadoras mulheres de Paris, dançarina elegante e jovem, de formas delicadas, faces tão frescas quanto as de uma criança, brancas e róseas e tão frágeis, tão transparentes que o olhar humano parecia penetrá-las tal como os raios do sol atravessam um vidro límpido.

Estavam ambos à minha frente, juntos, unidos, e tão próximos que o estranho lhe tocava o vestido de gaze, as guirlandas de flores, os cabelos levemente encrespados e a faixa ondulante.

Fora eu quem conduzira a jovem ao baile da sra. de Lanty. Como era a primeira vez que ela vinha a tal casa, perdoei-lhe o riso abafado, mas fiz-lhe não sei que gesto imperioso que a deixou toda interdita e lhe inspirou respeito ao vizinho. Sentou-se ao meu lado. O velho não quis deixar a deliciosa criatura à qual se prendeu caprichosamente, com a muda obstinação sem causa aparente de que são suscetíveis as pessoas extremamente idosas, que as faz parecerem crianças. Para sentar-se junto à jovem foi-lhe necessário arranjar um banquinho. Aos seus menores movimentos se imprimia a fria pesadez, a estúpida indecisão, que caracteriza os gestos de um paralítico. Sentou-se lentamente no seu lugar, com circunspecção, tartamudeando algumas palavras ininteligíveis. Sua voz entrecortada pareceu o ruído de uma pedra caindo num poço. A jovem apertou-me vivamente a mão, como a procurar livrar-se de um precipício, e estremeceu quando o homem, a que contemplava, voltou para ela dois olhos sem calor, olhos glaucos que só podiam comparar-se à madre pérola embaciada.

— Tenho medo — disse-me inclinando-se a meu ouvido.

— Pode falar — respondi-lhe. — Ele ouve com muita dificuldade.

— Conhece-o então?

— Sim.

Então ela se armou de coragem para examinar por instantes aquela criatura sem nome na linguagem humana, forma sem substância, ser

sem vida ou vida sem ação. Achava-se sob o domínio dessa timorata curiosidade que leva as mulheres a procurarem emoções perigosas, a verem feras enjauladas, a olharem serpentes, cheias de susto por só estarem separadas delas por frágeis barreiras. Embora o velhote tivesse o dorso curvado como o de um trabalhador, percebia-se que seu tórax devia ter sido extraordinário. Sua magreza excessiva, a delicadeza de seus membros provavam que suas proporções haviam sido sempre esbeltas. Vestia calções de seda preta que flutuavam em torno de suas coxas descarnadas descrevendo pregas como uma vela abatida. Um anatomista teria reconhecido, à primeira vista, os sintomas de uma pavorosa tísica nas frágeis pernas que sustentavam aquele corpo esquisito. Dir-se-iam duas tíbias cruzadas sobre um túmulo. Um sentimento de profundo horror ao homem assaltava os corações toda vez que uma atenção fatal lhes revelava as marcas impressas pela decrepitude naquela máquina casual. O desconhecido usava um gibão branco, bordado a ouro, à moda antiga, e a camisa era de uma brancura ofuscante. Folhos de renda da Inglaterra assaz amarelados, cuja riqueza faria inveja a uma rainha, formavam rufos loiros sobre o seu peitilho; nele, porém, as rendas eram mais um farrapo que um ornamento. No meio do jabô um brilhante de incalculável valor cintilava como um sol. O luxo antiquado, a riqueza sem gosto melhor faziam sobressair a figura daquele ser bizarro. A moldura era digna do quadro. O rosto enegrecido era anguloso e escavado em todos os sentidos. O queixo côncavo; as têmporas cavadas; os olhos perdiam-se em órbitas amarelecidas. Os maxilares, tornados salientes por uma magreza indescritível, desenhavam cavidades ao centro de cada face. Tais gibosidades, mais ou menos iluminadas pela luz dos candelabros, produziam sombras e reflexos que acabavam por tirar de semelhante cara os caracteres da face humana. Os anos tinham-lhe colado tão fortemente a pele fina e amarelada aos ossos do rosto que ela descrevia sobre eles uma multidão de rugas, já circulares como as ondulações d'água a que uma criança houvesse atirado uma pedra, já estreladas como as de um vidro trincado, mas sempre profundas e tão cerradas como as folhas de um livro. Certos velhos nos apresentam por vezes retratos mais hediondos, mas o que mais contribuía para dar ao espectro surgido ante nós a

aparência de um ser artificial eram os vermelhos e brancos que nele reluziam. As sobranceiras de sua máscara recebiam da luz um brilho que revelava pintura muito bem executada. Felizmente, para a vista contristada por tantas ruínas, seu crânio cadavérico se escondia sob uma peruca loura cujos inumeráveis caracóis traíam uma pretensão extraordinária. Demais, o coquetismo feminino dessa personagem fantasmagórica se revelava incisivamente pelas argolas de ouro que pendiam de suas orelhas, pelos anéis cuja admirável pedraria brilhava em seus dedos ossificados e pela corrente do relógio que cintilava como as cravações de um colar de brilhantes no colo de uma dama. Finalmente, aquela espécie de ídolo japonês conservava sobre os lábios azulados um riso fixo e parado, um riso implacável e escarninho como o de uma caveira. Silencioso, imóvel como uma estátua, exalava o odor almiscarado dos velhos vestidos de uma duquesa, retirados, pelos herdeiros, das gavetas, durante o inventário. Se o velho relanceava os olhos pela assembleia, parecia que os movimentos daqueles globos incapazes de refletir um vislumbre eram realizados por imperceptível mecanismo; e, quando paravam, quem os examinasse acabaria duvidando de que se houvessem movido.

Ver junto àqueles despojos humanos uma jovem cujo alvo pescoço, colo e braços estavam nus, cujas formas cheias fascinavam pela beleza, cujos cabelos bem implantados sobre uma fronte de alabastro inspiravam amor, cujos olhos não recebiam mas espargiam luz, que era suave, fresca e cujos cachos vaporosos e perfumado hálito dir-se-iam demasiado pesados, demasiado duros, demasiado fortes para aquela sombra, aquele homem feito poeira; ah! era bem a morte e a vida — o meu pensamento, um arabesco imaginário, uma quimera metade disforme, mas divinamente feminina pelo busto.

“Entretanto, acontecem frequentemente casamentos assim na sociedade”, disse eu comigo.

— Cheira a cemitério — exclamou a jovem espavorida, que se comprimia contra mim como que a garantir-se proteção e dizer-me pelos movimentos tumultuosos do seu corpo que sentia enorme medo. — É uma horrível visão — continuou —, e não suporto ficar aqui mais tempo. Se o encarar outra vez, acreditarei que é a própria morte que me

vem buscar. E será que ele vive?

Alongou a mão para o fenômeno, com a ousadia que as mulheres costumam empregar na violência de seus desejos; mas um suor frio brotou de seus poros, pois, mal tocara o velho, ouvira um grito semelhante ao de uma matraca. A voz acre, se é que se poderia chamar de voz, fugia de uma garganta quase ressequida. Sucedeu vivamente a tal clamor uma tossezinha convulsa de criança, de particular sonoridade. A esse ruído, Marianina, Filippo e a sra. de Lanty lançaram os olhos sobre nós e seus olhares despediam relâmpagos. A jovem, a meu lado, teria preferido encontrar-se no fundo do Sena. Tomou do meu braço e me arrastou para um gabinete. Homens e mulheres, toda a gente nos abriu caminho. Chegados ao fundo das salas de recepção, encontramos num camarim semicircular. Minha companheira se atirou num divã, palpitante de terror, sem saber onde estava.

— A senhora está louca — disse-lhe eu.

— Mas — respondeu após um momento de silêncio durante o qual eu a admirei — será minha a culpa? Por que a sra. de Lanty deixa errar fantasmas pela casa?

— Vamos — retruquei-lhe —, não queira imitar os tolos. Está tomando esse velhinho por um espectro.

— Cale-se — replicou-me com o ar imponente e zombeteiro que todas as mulheres sabem tomar quando querem ter razão. — Que lindo toucador! — exclamou olhando em torno. — O cetim azul fica sempre às mil maravilhas nas paredes. É fresco! Ah! Que belo quadro! — acrescentou, levantando-se e indo postar-se à frente de uma tela magnificamente emoldurada.

Ficamos um momento a contemplar aquela maravilha que parecia saída de um pincel sobrenatural. Representava Adônis estendido sobre uma pele de leão.

A lâmpada suspensa ao centro do gabinete e contida numa tulipa de alabastro iluminava então a tela com uma suave claridade que nos permitia admirar todas as belezas da pintura.

— Existirá um ser tão perfeito? — perguntou-me, após ter examinado, não sem um suave sorriso de contentamento, a graça infinita dos contornos, a atitude, a cor, os cabelos, tudo enfim. — É belo

demais para um homem — concluiu depois de um exame igual ao que lhe teria merecido uma rival.

Ah! Como me senti então atingido pelo ciúme em que um poeta tentara em vão fazer-me crer, o ciúme das gravuras, das telas, das estátuas em que os artistas exageram a beleza humana, mercê da teoria que os leva a tudo idealizar.

— É um retrato — disse-lhe. — E devido ao talento de Vien.^[419] Mas esse grande pintor nunca viu o original e a sua admiração será talvez menos viva ao saber que o quadro foi realizado tendo por modelo uma estátua de mulher.

— Mas quem é?

Hesitei.

— Quero sabê-lo — acrescentou ela vivamente.

— Creio que esse Adônis representa um... um... parente da sra. de Lanty.

Tive a dor de vê-la abismar-se na contemplação da figura. Sentou-se em silêncio e me pus a seu lado, tomando-lhe a mão sem que ela se apercebesse!

Esquecido por causa de um retrato! Naquele momento o leve ruído de passos de mulher e o roçar do seu vestido como que retumbaram no silêncio. Vimos entrar a jovem Marianina, mais brilhante pela expressão de inocência que pela sua graça e pela leveza da *toilette*; andava vagarosamente, conduzindo com cuidados maternos, com filial solicitude, o espectro vestido que nos fizera fugir da sala de música; levava-o, olhando-o com certa inquietude, fazendo-o mudar lentamente os pés débeis. Chegaram ambos assim a uma porta disfarçada no acolchoado da parede. Marianina bateu de leve. Apareceu logo, como por artes mágicas, um homem grande e seco, espécie de gênio familiar. Antes de confiar o velho ao guarda misterioso, a moça beijou respeitosamente o cadáver ambulante e sua casta carícia não foi isenta dessa graciosa garridice cujo segredo pertence a algumas mulheres privilegiadas.

— *Addio, addio!* — disse-lhe com as mais lindas inflexões de sua voz moça.

E acrescentou à última sílaba um gorjeio admiravelmente

executado, mas a meia voz, como que para pintar a efusão do seu íntimo através de uma expressão musical. O velho, tocado subitamente por alguma lembrança, parou sobre a soleira do secreto reduto. Ouvimos então, mercê do profundo silêncio, o suspiro fundo que saiu de seu peito: tirou o mais lindo dos anéis de que seus dedos de esqueleto se achavam carregados e colocou-o no seio de Marianina. A jovem estouvada pôs-se a rir, apanhou a joia, deslizou-a por cima da luva para um de seus dedos e dirigiu-se rapidamente para o salão, onde soavam, naquele instante, os prelúdios de uma contradança. Viu-nos.

— Ah! Estavam aí! — exclamou, enrubescendo.

E, depois de encarar-nos como que querendo interrogar-nos, correu em busca do par com a descuidosa petulância da idade.

— Que quer dizer isto? — perguntou minha jovem companheira. — É seu marido? Parece-me sonhar. Onde estou eu?

— A senhora, que é tão exaltada e que tão bem compreende as emoções mais imperceptíveis, que sabe cultivar num coração de homem o mais delicado dos sentimentos, sem o deixar murchar e sem parti-lo desde o primeiro dia, a senhora, que se compadece das penas do coração e que, ao espírito de uma parisiense, reúne uma alma apaixonada, digna da Itália ou da Espanha...

Bem via que as minhas palavras eram repassadas de amarga ironia; e então, sem demonstrar percebê-lo, interrompeu-me para dizer:

— Oh! O senhor me faz a seu gosto. Singular tirania! Não quer que eu seja *eu*?

— Não quero nada — exclamei, alarmado com a sua atitude severa. — É verdade, ao menos, que gosta de ouvir contar histórias dessas paixões violentas engendradas em nossos corações pelas encantadoras mulheres do Midi?

— Sim. E então?

— Então, irei amanhã à sua casa, pelas nove horas, e lhe revelarei o mistério.

— Não — replicou teimosa. — Quero conhecê-lo imediatamente.

— A senhora, entretanto, não me deu ainda o direito de obedecer-lhe quando me diz: “Eu quero”.

— Neste momento — respondeu-me com desesperante faceirice —

sinto vivo desejo de conhecer o segredo. Amanhã, talvez, já não me interesse.

Sorriu e nos separamos; ela sempre altiva, sempre cruel; eu tão ridículo como sempre. Teve a audácia de valsar em seguida com um jovem ajudante-de-ordens enquanto eu ficava, sucessivamente, irritado, amuado, ciumento, admirando e amando.

— Até amanhã — disse-me, ao sair do baile, cerca de duas horas da madrugada.

“Não irei”, pensei comigo. “Abandono-te. És mais caprichosa, mil vezes mais fantástica, talvez... que a minha imaginação.”

No dia seguinte, estávamos diante de um bom fogo, numa saleta elegante, sentados, ela numa conversadeira, eu sobre almofadas, quase a seus pés, com os meus olhos nos seus. A rua estava silenciosa. A lâmpada lançava uma suave claridade. Era um desses serões que deliciam a alma, um desses momentos que não se esquecem nunca, uma dessas horas, passadas na quietude e no desejo, e cujo encanto, mais tarde, é motivo de saudade, mesmo quando nos sentimos mais felizes. Quem pode esquecer a viva impressão das primeiras solicitações do amor?

— Vamos — disse-me —, escuto-o.

— Eu é que não ousou começar. A aventura tem passagens perigosas para o narrador. Se me entusiasmar, faça-me calar.

— Fale.

— Obedeço.

II – UMA PAIXÃO DE ARTISTA

— Ernesto João Sarrasine era filho único de um advogado do Franche-Comté^[420] — comecei, depois de uma pausa. — O pai ganhara honestamente seis a oito mil libras de renda, fortuna de procurador, que, outrora, na província, se afigurava colossal. Com um filho único, nada quis negligenciar em sua educação. Esperava fazer dele um magistrado e viver o bastante para ver, nos seus últimos dias, o neto de Mateus Sarrasine, lavrador na região de Saint-Dié, sentar-se sob as flores de lis e dormir durante as sessões, para maior glória do Parlamento; o céu, porém, não quis reservar essa alegria ao procurador.

O rapaz, cedo confiado aos jesuítas, deu provas de uma turbulência incomum: teve a infância de um homem de talento. Não queria estudar senão a seu modo, revoltava-se frequentemente e ficava por vezes horas inteiras mergulhado em confusas meditações, ocupado quer a contemplar o brinquedo dos camaradas, quer a evocar os heróis de Homero. Depois, quando se lhe dava para divertir-se punha extraordinário ardor nos jogos. Ao travar-se uma luta entre ele e um camarada, raramente findava o combate sem correr sangue. Se era o mais fraco, mordia. Alternativamente ativo ou contemplativo, sem aptidões ou demasiado inteligente, o seu caráter bizarro fê-lo temido tanto dos mestres como dos colegas. Em vez de aprender os rudimentos da língua grega, desenhava o padre que lhes explicava uma passagem de Tucídides; caricaturava o professor de matemática, o prefeito, os criados, o bedel, e cobria todas as paredes de desenhos informes. Em vez de entoar loas ao Senhor, na igreja, divertia-se, durante os ofícios, a retalhar o banco; ou, quando havia furtado um pedaço de madeira, esculpia qualquer figura de santo. Se a madeira, a pedra ou o lápis faltavam, realizava o que lhe vinha à ideia com miolo de pão. E, quer copiasse personagens dos quadros que guarneciam o coro, quer improvisasse, deixava sempre em seu lugar grosseiros esboços, cujo caráter licencioso desesperava os padres mais novos enquanto os maledicentes pretendiam ver os velhos jesuítas sorrirem.

Enfim, a acreditar na crônica do colégio, foi expulso por ter, enquanto esperava sua vez no confessionário, numa Sexta-Feira Santa, esculpido uma acha de lenha, dando-lhe a forma de Cristo. A impiedade gravada naquela estátua era grande demais para não provocar o castigo do artista. Pois não é que tivera a audácia de colocar sobre o tabernáculo aquela figura sensivelmente cínica! Sarrasine procurou em Paris um refúgio contra as ameaças da maldição paterna. Dotado de uma dessas vontades suficientemente fortes para não conhecer obstáculos, obedeceu às tendências do próprio gênio e entrou para o ateliê de Bouchardon.^[421] Trabalhava durante todo o dia e à noite mendigava a subsistência. Bouchardon, maravilhado com os progressos e a inteligência do jovem artista, adivinhou logo a miséria em que se encontrava o discípulo; socorreu-o, tomou-lhe afeição e tratou-o como a

um filho.

Posteriormente, quando o gênio de Sarrasine se revelou numa dessas obras em que o talento vindouro luta com a efervescência da juventude, o generoso Bouchardon experimentou repô-lo nas boas graças do velho procurador. E, diante da autoridade do escultor célebre, a cólera paterna se apaziguou. Toda a Besançon se felicitou por ter dado nascimento a um futuro grande homem. E, no primeiro momento de êxtase em que o mergulhou a vaidade incensada, o patrício avaro colocou o filho em estado de aparecer com brilho na sociedade.

Os longos e laboriosos estudos exigidos pela escultura dominaram durante muito tempo o caráter impetuoso e o gênio selvagem de Sarrasine. Bouchardon, prevendo a violência com a qual se desencadeariam as paixões naquela alma jovem, talvez tão vigorosamente temperada como a de Michelangelo, abafou-lhe a energia sob trabalhos constantes. Conseguiu manter nos justos limites a fogosidade extraordinária de Sarrasine, já impedindo-o de trabalhar, já proporcionando-lhe distrações, quando o via empolgado pela fúria de uma ideia, ou confiando-lhe importantes trabalhos quando ele estava prestes a entregar-se à dissipação. Aliás, para aquela alma apaixonada, a doçura foi sempre a mais poderosa das armas, e o mestre tomou grande ascendência sobre o aluno, excitando-lhe o reconhecimento por uma bondade paternal.

Aos vinte e dois anos, Sarrasine foi, porém, necessariamente, subtraído à influência salutar de Bouchardon, ganhando o prêmio de escultura instituído pelo marquês de Marigny, o irmão da Madame Pompadour,^[422] que tanto fez pelas Artes. Diderot^[423] elogiou como obra-prima a estátua do discípulo de Bouchardon.

Foi com profundo pesar que o escultor do rei viu partir para a Itália o rapaz que, por princípio, ele conservara na ignorância completa das coisas da vida. Sarrasine era, havia seis anos, hóspede de Bouchardon. Fanático pela sua arte, como seria depois Canova,^[424] levantava-se com o dia e entrava para o ateliê, de onde só saía à noite. Vivia apenas para a sua musa. Se ia à Comédie Française,^[425] fazia-o arrastado pelo mestre. Sentia-se tão acanhado no salão da sra. Geoffrin e na sociedade onde Bouchardon experimentou introduzi-lo que preferia ficar só,

repudiando os prazeres daquela época licenciosa. Não teve outras amantes além da escultura e de Clotilde, uma das celebridades da Ópera. Mesmo essa não durou muito.

Sarrasine era feio, andava sempre mal vestido e, por natureza, tão livre, tão pouco regular na sua vida privada que a ilustre ninfa, temendo alguma catástrofe, restituiu logo o escultor ao amor das Artes. Sophie Arnould^[426] disse até, a respeito, não sei que boa piada. Admirou-se, creio, que a sua camarada o tivesse induzido, por algum tempo, a preferi-la a uma estátua.

Sarrasine partiu para a Itália em 1758. Durante a viagem, sua imaginação ardente se inflamou sob aqueles céus de cobalto, à vista dos maravilhosos monumentos de que está repleta a pátria das Artes. Admirou as estátuas, os afrescos, as telas; e, cheio de emulação, chegou a Roma tomado do desejo de inscrever seu nome entre os de Michelangelo e do sr. Bouchardon. Lá também, nos primeiros dias, partilhou seu tempo entre o ateliê e o exame das obras de arte que abundam na Cidade Eterna. Passara assim quinze dias no estado de êxtase que se apodera de todas as imaginações jovens à vista da rainha das ruínas, quando, uma noite, entrou no Théâtre d'Argentina, diante do qual se comprimia uma grande multidão. Inquirira a razão dessa afluência e lhe haviam respondido com dois nomes: Zambinella! Jomelli! Entrou e sentou-se na plateia, esmagado entre dois *abbati*^[427] notadamente bem nutridos; mas estava, afortunadamente, bem colocado junto ao proscênio. Levantou-se o pano.

Pela primeira vez em sua vida ouviu aquela música cujas delícias lhe haviam sido eloquentemente louvadas por Jean-Jacques Rousseau, durante uma reunião do Barão d'Holbach.^[428] Os sentidos do jovem escultor foram, por assim dizer, lubrificados pelos acentos das sublimes melodias de Jomelli. A langorosa originalidade das vozes italianas, habilmente harmonizadas, o mergulhou num estático deslumbramento. Ficou mudo, imóvel, sem sentir-se sequer acotovelado pelos dois padres. Sua alma concentrou-se nos olhos e nos ouvidos. Parecia-lhe ouvir por todos os poros. Repentinamente, aplausos capazes de fazer desabar a sala acolheram a entrada em cena da prima-dona. Avançou por coqueteria até a ribalta e saudou o público

com infinita graça. As luzes, o entusiasmo de todo o povo, a ilusão dos cenários, o prestígio da *toilette* que, na época, era assaz insinuante conspiravam a favor da cantora. Sarrasine soltou gritos de prazer.

Admirava naquele instante a beleza ideal cujas perfeições buscara, até então, aqui e acolá, na natureza, tomando de uma modelo, por vezes ignóbil, o torneado de uma perna perfeita, de outra, a linha dos seios, de uma terceira, as brancas espáduas; servira-se, enfim, do pescoço de uma moça, das mãos de uma mulher, dos joelhos de uma criança, sem nunca haver encontrado, sob o céu de Paris, as ricas e suaves figuras da Grécia antiga.

Em Zambinella via reunidas, bem vivas e delicadas, as raras proporções do corpo feminino tão ardentemente desejadas e das quais o escultor é, ao mesmo tempo, o juiz mais severo e mais apaixonado. Tinha uma boca expressiva, olhos de amor e a tez duma brancura deslumbrante; ao lado desses detalhes que teriam enlouquecido um pintor, possuía todas as maravilhas das Vênus sonhadas e executadas pelo cinzel dos gregos.

O artista não se cansava de admirar a graça inimitável com que os braços se prendiam ao busto, o torneado encantador do pescoço, as linhas harmoniosas descritas pelas sobranceiras, pelo nariz, o oval perfeito do rosto, a pureza de suas linhas vivas e o efeito dos cílios longos, recurvados, arrematando as voluptuosas pálpebras.

Era mais que uma mulher, era uma obra-prima! Havia naquela criação inesperada amor para endoidecer todos os homens e belezas dignas de satisfazer um crítico. Sarrasine devorara com os olhos a estátua de Pigmalião,^[429] descida para ele do seu pedestal.

Quando Zambinella começou a cantar, foi um delírio. O artista teve um tremor de frio; depois sentiu uma fogueira crepitar repentinamente nas profundezas de seu íntimo, disso a que chamamos coração, na falta de outra palavra.

Não aplaudiu, nada disse, sentindo-se envolto num turbilhão de loucura, espécie de frenesi que nos agita na idade em que o desejo tem não sei que de terrível e de infernal. Sarrasine queria arremessar-se para o palco e apoderar-se daquela mulher. Sua força, centuplicada por uma depressão moral impossível de explicar, dado que tais fenômenos se

passam numa esfera inacessível à observação humana, tendia a se projetar com uma violência dolorosa. Ao vê-lo, dir-se-ia um homem frio e estúpido. Glória, ciência, futuro, existência, recompensas, tudo nele desmoronava. Ser amado por ela ou morrer, tal foi a sentença que Sarrasine lavrou para si próprio. Estava de tal modo inebriado que não mais via a sala nem os espectadores, nem os atores, nem sequer ouvia a música, ou, melhor, não existia mais distância entre ele e Zambinella; ele a possuía; seus olhos, pregados na mulher, se haviam apoderado dela. Um poder quase diabólico permitia-lhe sentir o sopro daquela voz, respirar o pó perfumado que impregnava os seus cabelos, ver-lhe os planos do rosto e nele contar as veiazinhas azuis que lhe nuançavam a pele acetinada. Sua voz, enfim, ágil, fresca, de timbre argentino, branda como um fio a que o menor sopro de ar dá forma, enrola e desenrola, expande e dispersa, aquela voz atingia tão vivamente a sua alma que deixou por mais de uma vez escapar gritos involuntários, arrancados pelas convulsivas delícias que só raramente nos proporcionam as paixões humanas.

Afinal, teve de deixar o teatro. As pernas trêmulas quase recusavam sustê-lo. Sentia-se abatido, fraco como um homem nervoso que houvesse sido tomado de uma espantosa cólera. Fora tanto o seu prazer, ou havia quiçá sofrido tanto, que sua vida se derramara como a água de um vaso derrubado por um choque. Sentia-se vazio, num aniquilamento semelhante à atonia que desespera os convalescentes ao saírem de uma grave doença. Invadido por inexplicável tristeza, foi sentar-se nos degraus de uma igreja. E ali, apoiado contra uma coluna, perdeu-se numa meditação confusa como um sonho.

A paixão o fulminara. De volta ao alojamento, caiu num paroxismo de atividade, desses que nos revelam a presença de novos objetivos em nossa existência. Dominado por essa primeira febre de amor que tanto tem de prazer como de sofrimento, quis enganar a própria impaciência e o próprio delírio, desenhando Zambinella de memória, numa espécie de meditação material. Numa das folhas a cantora aparecia na atitude aparentemente calma e fria, diletta de Rafael, de Giorgione e de quase todos os grandes pintores; noutra, inclinava a cabeça, graciosamente, como que terminando um trinado, parecendo ouvir a si própria.

Sarrasine desenhou a amada em todas as poses: retratou-a nua, sentada, de pé, deitada, casta ou amorosa, realizando, graças ao delírio de seus creions, todas as ideias caprichosas que nos empolgam a imaginação quando pensamos desatinadamente em alguém.

O seu furioso pensamento ia, entretanto, muito além do desenho. Via Zambinella, falava-lhe, suplicava-lhe, figurava milhares de anos de vida e de felicidade junto dela, colocando-a em mil situações imaginárias, ensaiando, por assim dizer, o futuro com ela.

No dia seguinte mandou o criado tomar, para toda a temporada, um camarote junto à boca de cena. Como todos os jovens de imaginação poderosa, exagerava as dificuldades da empresa e concedeu como primeiro alimento à sua paixão a felicidade de poder admirar a amada sem estorvos. A idade de ouro do amor, a quadra em que gozamos através dos próprios sofrimentos, e em que somos felizes quase que por nós mesmos, não devia durar muito para Sarrasine. Entretanto, os acontecimentos o surpreenderam ainda sob o encanto dessa alucinação primaveril, tão ingênua quanto voluptuosa.

Durante oito dias viveu toda uma vida, ocupado pela manhã a modelar a argila com o auxílio da qual conseguia reproduzir Zambinella, não obstante os véus, os vestidos, os coletes e os laços de fitas que a ocultavam. À noite, instalado sozinho no camarote, estirado num sofá, tecia, como um turco ébrio de ópio, uma felicidade tão fecunda e tão pródiga como a que desejava.

Aos poucos, familiarizou-se, gradualmente, com as vivíssimas emoções que lhe produzia o canto da criatura amada. Depois habituou os olhos a verem-na e acabou por poder contemplá-la sem temer a explosão de surda fúria de que fora tomado no primeiro dia. A paixão tornava-se-lhe mais profunda, tornando-se mais tranquila. De resto, o árdego escultor não admitia que a sua solidão povoada de imagens, ornada pelas fantasias da esperança e cheia de ventura, fosse perturbada pelos camaradas. Amava com tanta força e tão ingenuamente que teve de sofrer os inocentes escrúpulos de que somos assaltados ao amar pela primeira vez. Ao começar a entrever que em breve seria preciso agir, conspirar, indagar onde morava Zambinella, saber se tinha mãe, tio, tutor, família; ao cuidar enfim de vê-la, de lhe

falar, sentia o coração crescer tanto diante de pensamentos tão ambiciosos que adiava as providências, tão feliz com seus sofrimentos físicos como com prazeres intelectuais.

— Mas — interrompeu-me a sra. de Rochefide^[430] — não vejo aí nem Marianina nem o seu velhinho.

— Não vê senão a ele — exclamei, impaciente como um autor ao qual se faz falhar um golpe teatral. — Passados alguns dias — continuei —, Sarrasine fora tão pontualmente ocupar o camarote e seus olhares resumiam tanto amor que a sua paixão pela voz de Zambinella seria o assunto do dia, se o caso se tivesse dado em Paris; mas na Itália, minha senhora, cada qual assiste para si ao espetáculo, com as suas próprias paixões, e com um interesse tão sincero que exclui a espionagem dos binóculos. Entretanto, o frenesi do escultor não devia escapar por muito tempo aos olhares dos cantores. Uma noite, o francês se apercebeu de que riam dele nos bastidores. Seria difícil saber a que extremidades seria levado, se Zambinella, entrando em cena, não houvesse deitado a Sarrasine um desses olhares eloquentes que muitas vezes dizem mais do que o que desejam as mulheres.

Aquele olhar foi uma revelação: Sarrasine era amado! “Se não passa de um capricho”, pensou, já acusando a amada de demasiado ardor, “ignora ela o domínio sob o qual vai cair. Seu capricho terá de durar tanto como a minha vida.”

Naquele momento, três leves pancadas à porta do camarote chamaram a atenção do artista. Abriu. Uma velha entrou misteriosamente: “Rapaz”, disse-lhe, “se queres ser feliz, tem prudência, envolve-te numa capa, abaixa sobre os olhos um chapéu de abas largas e, pelas dez horas da noite, vai postar-te na via del Corso, em frente ao Palazzo di Spagna”. “Lá estarei”, respondeu, colocando dois luíses na mão encarquilhada da alcoviteira.

Saiu do camarote após fazer um sinal de inteligência a Zambinella, que baixou timidamente as pálpebras voluptuosas como uma mulher feliz por ver-se enfim compreendida. Correu a seguir para casa, a fim de dar às vestes toda a sedução possível.

Quando saíra do teatro, um desconhecido tomara-o pelo braço: “Cuidado, senhor francês”, disse-lhe ao ouvido. “Trata-se de vida e

morte. O cardeal Cicognara é o protetor dela, e ele não brinca.”

Ainda que o demônio pusesse entre Sarrasine e Zambinella as profundezas do inferno, ele, naquele momento, as teria franqueado de um salto. Tal como os cavalos dos imortais, cantados por Homero, o amor do artista galgara num relance espaços imensos.

“Mesmo que a morte me esperasse ao sair, eu iria ainda mais depressa”, respondeu. “*Poverino!*”,^[431] exclamou o desconhecido, desaparecendo.

Falar de perigo a um apaixonado não é acaso vender-lhe prazer? Nunca o criado de Sarrasine vira o patrão tão meticuloso na *toilette*. A bela espada, presente de Bouchardon, a gravata que Clotilde lhe dera, o terno *paillete*, o colete de lamé prateado, a tabaqueira de ouro, os preciosos relógios, tudo foi retirado das malas e ele se vestiu com os cuidados de uma mocinha que tivesse de passar diante do primeiro namorado.

A hora marcada, ébrio de amor e fremente de esperança, Sarrasine, embuçado, correu ao local designado pela velha. A aia o esperava: “Demorou bastante”, disse-lhe ela. “Venha.”

Arrastou o francês através de inúmeras vielas e estacou diante de um palácio de bela aparência. Bateu. A porta se abriu. Conduziu então Sarrasine por um dédalo de escadas, galerias e apartamentos, apenas iluminados pelo clarão incerto da lua, e chegou a uma porta, por entre cujas frestas se filtrava uma luz viva e de onde saíam joviais estrépitos de vozes.

Subitamente, Sarrasine se viu ofuscado, ao ser admitido no misterioso apartamento mediante uma palavra da velha, e viu-se num salão tão brilhantemente iluminado como suntuosamente mobiliado, em cujo centro havia uma mesa bem servida, pejada de venerandas garrafas, de risinhos frascos cujas facetas avermelhadas cintilavam. Reconheceu os cantores e atrizes da Ópera, em companhia de encantadoras mulheres, prontos a iniciar uma orgia de artistas que apenas esperava por ele.

Sarrasine reprimiu um movimento de despeito e soube conter-se... Esperava um toucador mal iluminado e a amada junto à lareira, um ciumento a dois passos, a morte e o amor, confidências trocadas em voz

baixa, de coração para coração, beijos perigosos e tão próximos os rostos que os cabelos de Zambinella lhe acariciariam a fronte carregada de desejos, ardente de ventura. “Viva a folia!”, exclamou. “*Signori e belle donne*, permitam que, mais tarde, eu lhes possa retribuir, testemunhando o meu reconhecimento pelo modo por que recebem um pobre escultor.”

E, depois de ter recebido cumprimentos afetuosos da maior parte das pessoas presentes, que conhecia de vista, tratou de aproximar-se da poltrona em que Zambinella estava indolentemente reclinada. Oh! Como lhe palpitou o coração ao perceber um pé *mignon* calçado de chapins que, permita-me dizer, minha senhora, davam outrora aos pés femininos tanta graça, uma expressão tão voluptuosa que não sei como os homens podiam resistir-lhe. As meias brancas bem esticadas, de pontas verdes, as saias curtas, os chapins pontiagudos e de salto alto do reinado de Luís xv contribuíram um pouco, talvez, para desmoralizar a Europa e o clero.

— Um pouco! — observou a marquesa. — O senhor então nada leu a respeito?

— Zambinella — continuei, sorrindo — havia cruzado as pernas, despreocupadamente, e alanceava a que ficara por cima, numa atitude de duquesa que condizia muito bem com o seu gênero de beleza caprichosa e cheia de atraente languidez. Tirara a *toilette* de teatro e vestia um corpete que desenhava um talhe esbelto realçado por anquinhas e um vestido de cetim bordado de flores azuis. Seu colo, cujos tesouros as rendas dissimulavam, num luxo de coqueteria, cintilava de alvura. Penteada quase como costumava fazê-lo a sra. du Barry,^[432] seu rosto, ainda que envolto em larga touca, parecia menor e o pó o realçava. Vê-la assim era adorá-la. Sorriu graciosamente ao escultor.

Sarrasine, descontente de só lhe poder falar diante de testemunhas, sentou-se polidamente próximo dela e falou-lhe de música, louvando-lhe o talento prodigioso; sua voz porém tremia de amor, de receio e de esperança.

— “Que é que receia?”, perguntou-lhe Vitagliani, o mais célebre dos cantores da companhia. “O senhor não tem aqui a temer um único

rival.” E o tenor sorriu silenciosamente. Esse sorriso se repetiu nos lábios de todos os convivas, cujas atenções tinham certa malícia oculta de que não se aperceberia um apaixonado.

A publicidade do seu amor foi como uma punhalada que Sarrasine recebeu de súbito no coração. Dotado embora de certa força de caráter, e sabendo que circunstância alguma poderia dominar-lhe a violência da paixão, não cuidara talvez ainda que Zambinella era quase uma cortesã e que ele não poderia obter ao mesmo tempo o gozo puro que torna o amor de uma jovem coisa tão deliciosa e os fogosos arrebatamentos mediante os quais uma mulher de teatro faz com que se comprem os tesouros da sua paixão. Mas refletiu e resignou-se.

Foi servida a ceia. Sarrasine e Zambinella colocaram-se, sem constrangimento, lado a lado. Durante metade do festim, os artistas guardaram certo comedimento e o escultor pôde conversar com a cantora. Achou-lhe finura, espírito; mas, de uma ignorância surpreendente, revelou-se-lhe supersticiosa e fraca. A delicadeza de seus órgãos se reproduzia no seu entendimento. Quando Vitagliani desenvolveu a primeira garrafa de champanhe, Sarrasine leu nos olhos da vizinha vivo temor da pequena detonação produzida pelo desprendimento do gás. O estremecimento involuntário daquela organização feminina foi interpretado pelo amoroso artista como índice de excessiva sensibilidade. Tal fraqueza encantou o francês. Há tanto de proteção no amor de um homem! “Disponha de minha força como de um escudo!” Não é esta a frase inscrita no fundo de todas as declarações de amor?

Sarrasine, apaixonado demais para dedicar galanteios à bela italiana, mostrava-se, como todos os enamorados, ora grave, ora risonho, ora recolhido. Parecendo embora escutar os convivas, não ouvia uma só palavra do que diziam, de tal modo estava entregue ao prazer de sentir-se junto dela, de lhe tocar de leve a mão e de a servir. Nadava em secreta alegria.

Não obstante a eloquência de certas trocas de olhares, admirava-se da reserva em que Zambinella se mantinha para com ele. Fora, é certo, a primeira a tocar-lhe o pé e a provocá-lo com a malícia de uma mulher amorosa e livre; mas de súbito se envolvera num recato de donzela, ao

ouvir Sarrasine contar um episódio que bem lhe pintava a excessiva violência do caráter.

Quando a ceia se tornou uma orgia, os convivas puseram-se a cantar, inspirados pelo “peralta” e “pedro ximenes”. Foram duos maravilhosos, árias da Calábria, seguidilhas espanholas, cançonetas napolitanas. A embriaguez estampava-se em todos os olhos, na música, nos corações e nas vozes. Transbordou, repentinamente, uma vivacidade encantadora, um abandono cordial, uma bonomia bem italiana de que nada poderá dar ideia aos que apenas conheçam as reuniões de Paris, os saraus de Londres ou os círculos de Viena. As caçadas e as palavras de amor se cruzavam como as balas numa batalha, através dos risos, das pragas, das invocações à Virgem Santa ou *al Bambino*.^[433] Um dos presentes deitou-se num sofá e pôs-se a dormir. Uma jovem ouvia uma declaração sem perceber que derramava o xerez sobre a toalha. Em meio daquela desordem, Zambinella, como que paralisada de terror, mantinha-se pensativa. Recusou-se a beber, comeu talvez um pouco demais; mas segundo dizem a gula é uma graça nas mulheres.

Admirando o pudor da amada, Sarrasine entregou-se a sérias reflexões quanto ao futuro. “Ela quer, decerto, ser desposada”, pensou. E entregou-se às delícias daquele casamento. Toda a sua vida lhe parecia pouca para esgotar a fonte de felicidade que sentia brotar no fundo de sua alma. Vitagliani, seu vizinho, deu-lhe de beber tão frequentemente que, pelas três horas da madrugada, sem estar completamente bêbado, Sarrasine se viu sem forças contra o delírio. Num momento de exaltação, carregou a mulher para uma espécie de toucador que dava para o salão e para cuja porta mais de uma vez voltara os olhos. A italiana estava armada de um punhal.

“Se te aproximas”, disse-lhe, “serei forçada a mergulhar-te esta arma no coração. Vai! Acabarias desprezando-me. Concebi demasiado respeito pelo teu caráter para me entregar assim. Não quero desmerecer do sentimento que me tributas.”

“Ah! Ah!”, riu Sarrasine. “É mau meio de extinguir uma paixão o excitá-la. Estarás já corrompida a tal ponto que, de coração endurecido, procures agir como uma jovem cortesã, aguçando as emoções de que faz comércio?”

“Mas hoje é sexta-feira”, respondeu, assustada com a violência do francês.

Sarrasine, que não era devoto, pôs-se a rir. Zambinella saltou como um cabrito e irrompeu no salão do festim. Quando Sarrasine apareceu perseguindo-a, a correr, foi acolhido por infernais gargalhadas. Viu Zambinella desfalecida num sofá. Estava pálida e como que esgotada pelo esforço extraordinário que acabava de fazer. Embora Sarrasine pouco soubesse de italiano, ouviu-a dizer em voz baixa a Vitagliani:

“Ele ainda me vai matar!”

A estranha cena encheu o escultor de confusão. Retornou à razão. Ficou a princípio imóvel; depois, voltando-lhe a fala, sentou-se junto à amada, protestando-lhe respeito. Encontrou forças para conter a paixão dizendo à mulher as frases mais exaltadas; e, para pintar o próprio amor, desdobrou tesouros de mágica eloquência, oficiosa intérprete a que as mulheres raramente recusam crédito.

No momento em que os primeiros alvares da manhã surpreenderam os convivas, propôs uma das mulheres que fizessem uma excursão a Frascati.^[434] Acolheram todos com vivas exclamações a ideia de passar o dia na vila Ludovisi.^[435] Vitagliani desceu para alugar carruagens. Sarrasine teve a felicidade de acompanhar Zambinella num faetonte. Mal saídos de Roma, a alegria, reprimida um momento pelos combates que cada qual dava ao sono, reacendeu-se de súbito. Homens e mulheres pareciam habituados àquele arrebatamento do artista que faz da vida uma festa perpétua, em que a gente ri despreocupadamente.

A companheira do escultor era a única que parecia abatida. “Estás doente?”, perguntou-lhe Sarrasine. “Preferes voltar para casa?”

“Não sou bastante forte para estes excessos”, respondeu. “Tenho necessidade de muita prudência, mas, perto de ti, sinto-me bem! Sem ti, não teria permanecido naquela ceia; uma noite passada em claro faz-me perder toda a frescura.”

“És tão delicada!”, contestou Sarrasine, contemplando os delicados traços da encantadora criatura. “As orgias estragam-me a voz.” “Agora que estamos a sós”, exclamou o artista, “e que nada tens a temer de minha paixão, dize-me que me amas.” “Por quê? Para quê? Eu te pareci bonita, mas és francês e o teu sentimento há de passar. Não saberias

amar-me como eu quisera ser amada.” “Como?” “Sem finalidades de paixão vulgar: puramente. Abomino os homens ainda mais, talvez, do que odeio as mulheres. Tenho necessidade de refugiar-me na amizade. O mundo para mim é deserto. Sou uma criatura maldita, condenada a compreender a felicidade, a senti-la, a desejá-la e, como tantas outras, forçada a vê-la fugir sempre. Lembra-te de que eu não te quis enganar. Proíbo-te de amar-me. Posso ser para ti como um amigo devotado, pois admiro a tua força e o teu caráter. Tenho necessidade de um irmão, de um protetor. Sê tudo isso para mim, mas nada mais.” “Não te amar!”, exclamou Sarrasine. “Mas, anjo querido, se és a minha vida, a minha ventura!” “Se eu dissesse uma palavra, haverias de me repelir com horror...” “Tolinha, nada me pode assustar. Dize que me custarás o futuro, que estarei morto dentro de dois meses, que serei maldito apenas por te haver beijado”, e beijou-a apesar dos esforços de Zambinella para fugir ao amplexo apaixonado, “dize-me que és um demônio, que me exiges a fortuna, o nome, toda a minha celebridade! Não queres que eu seja escultor? Fala!” “E se eu não fosse mulher?”, perguntou timidamente Zambinella com voz argentina e doce. “Que boa graça!”, exclamou Sarrasine. “Acreditas poder enganar os olhos de um artista? Não vês que, há dez dias, devoro, perscruto, admiro as tuas perfeições? Só uma mulher pode ter estes braços redondos e cheios, estas curvas elegantes. Ah! Queres cumprimentos?”

Ela sorriu tristemente, dizendo num murmúrio: “Fatal beleza!”. E elevou os olhos ao céu. Em seu olhar estampava-se tal expressão de horror, tão potente e tão viva, que Sarrasine estremeceu. “Olha, francês”, continuou, “esquece para sempre um instante de loucura. Eu te estimo... mas, quanto a amor, não mo peças. Esse sentimento está extinto no meu coração. Não tenho coração!”, exclamou, chorando. “O teatro em que me viste, os aplausos, a música, a glória a que me condenaram, eis a minha vida; não tenho outra. Dentro de algumas horas não me verás com os mesmos olhos e a mulher que amas estará morta.”

O escultor não respondeu. Sentia-se dominado por uma fúria surda que lhe oprimia o coração. Não podia deixar de olhar aquela mulher extraordinária com olhos ardentes, que abrasavam. Aquela voz cheia de

fraqueza, a atitude, os modos e os gestos de Zambinella, sublinhados de tristeza, de melancolia e desânimo, despertavam em sua alma todas as gamas da paixão. Cada palavra era uma aguilhoadá. Chegaram a Frascati. Ao estender a mão à amada, para ajudá-la a descer do carro, sentiu-a toda trêmula.

— Que tens? Tu me farias morrer — exclamou, vendo-a empalidecer —, se sofresses a menor dor da qual eu fosse causa, embora inocente.

— Uma serpente! — gritou ela mostrando uma cobra que deslizava ao longo de um fosso. — Tenho pavor desses odiosos animais. — Sarrasine esmagou a cabeça da cobra com um golpe de tacão.

— Como tens coragem para tanto? —, continuou Zambinella, contemplando com visível terror o réptil morto. — E então? —, disse-lhe o artista, sorrindo. — Ousas pretender ainda que não és mulher?

Reuniram-se aos companheiros e saíram a passear pelos bosques da vila Ludovisi, que pertencia então ao cardeal Cicognara. A manhã decorreu demasiado rápida para o amoroso escultor e foi cheia de incidentes que revelaram toda a coqueteria, a fragilidade, a compleição delicada daquela alma branda e sem energia. Era bem a mulher com os seus terrores súbitos, seus caprichos sem motivos, suas perturbações instintivas, suas audácias sem causa, suas bravatas e sua deliciosa finura de sentimentos.

Houve um momento em que, aventurando-se pelo campo, o pequeno grupo de alegres cantores viu ao longe alguns homens armados até os dentes, cujo vestuário nada tinha de tranquilizador. Aos gritos de “olha os salteadores!”, cada qual tratou de apressar o passo para abrigar-se dentro dos muros da vila do cardeal. Naquele instante crítico, Sarrasine percebeu, pela palidez de Zambinella, que esta não tinha mais forças para andar; tomou-a nos braços e carregou-a durante algum tempo, a correr. Ao chegar a uma vinha das proximidades, deitou-a por terra.

— Explica-me — disse-lhe —, por que é que essa extrema fraqueza, que em qualquer outra mulher a faria odiosa e me desagradaria e cuja menor manifestação seria talvez suficiente para extinguir o meu amor, em ti me agrada e encanta? Ah! Quanto eu te amo! Os teus defeitos, os teus terrores acrescentam atrativos à tua alma. Sinto que detestaria uma

mulher forte, uma Safo^[436] corajosa, cheia de energia e de paixão. Ó frágil e doce criatura! Como podes ser diferente? Essa voz de anjo, essa voz delicada, seria um contrassenso se saísse de outro corpo que não o teu.

“Não posso”, replicou ela, “dar-te qualquer esperança. Cessa de falar assim, pois que vão rir-se de ti. É-me impossível interditar tua entrada no teatro, mas, se me amas e se és prudente, lá não pisarás mais. Ouça, senhor...”, acrescentou, mudando de tom. “Oh! Cala-te”, disse-lhe o artista, arrebatado; “os obstáculos atijam o amor no meu coração.”

Zambinella permaneceu numa atitude graciosa e modesta, mas calou-se, como se um pensamento terrível lhe houvesse revelado uma desgraça. Ao terem de voltar a Roma, subiu para uma berlinda de quatro lugares, ordenando ao escultor, com ar imperiosamente cruel, que voltasse sozinho no faetonte.

Durante o trajeto, Sarrasine resolveu raptar Zambinella. Passou o dia a formular planos, cada qual mais extravagante, e, à tardinha, no momento em que saía para indagar de algumas pessoas onde ficava o palácio habitado pela amada, encontrou um dos seus camaradas à porta. “Meu caro”, disse-lhe este, “eu fui encarregado, pelo nosso embaixador, de convidar-te para uma recepção, esta noite, em sua residência. Ele vai dar um concerto magnífico e, quando souberes que Zambinella lá estará...” “Zambinella!”, exclamou Sarrasine, delirando só de ouvir-lhe o nome. “Como estou louco!” “És como todo o mundo”, respondeu-lhe o camarada. “Mas, se vocês são meus amigos, tu, Vien, Allegrain e Lauterburg,^[437] dar-me-ão ajuda para um golpe depois da festa.” “Não haverá cardeal a matar nem...” “Não, não”, acrescentou Sarrasine, “não peço coisa alguma que um homem honesto não possa fazer.”

Em pouco tempo o escultor dispôs tudo para o êxito da empresa. Foi dos últimos a chegarem à casa do embaixador, mas compareceu num carro de viagem atrelado com vigorosos cavalos e conduzido por um dos melhores *vetturini*^[438] de Roma. O palácio da Embaixada estava repleto de gente e não foi sem custo que Sarrasine, desconhecido de todos, pôde chegar ao salão em que, nesse momento, Zambinella cantava.

“É sem dúvida por sinal de respeito aos cardeais, aos bispos e padres

que aqui estão”, perguntou Sarrasine, “que *ela* está vestida de homem, com os cabelos frisados e uma espada à cinta?” “Ela quem?”, respondeu o velho senhor a quem Sarrasine se dirigira. “Zambinella.” “Zambinella?”, retrucou o príncipe romano. “Está zombando? De onde vem, cavalheiro? Desde quando uma mulher subiu aos palcos de Roma? Não sabe, acaso, por que criaturas são desempenhados os papéis femininos nos Estados Pontifícios? Fui eu, senhor, que dotei Zambinella de sua voz. Paguei tudo a esse maroto, até mesmo o professor de canto. Pois bem! Demonstrou tão pouco reconhecimento pelo serviço que lhe prestei que jamais voltou a pôr os pés em minha casa. E, entretanto, se fizer fortuna, será a mim que a deverá toda.”

O príncipe Chigi^[439] poderia ter continuado a falar por muito tempo. Sarrasine não o ouvia. A verdade espantosa penetrara em sua alma. Estava como se houvesse sido atingido por um raio. Ficou imóvel, com os olhos fixos no cantor. Seu olhar chamejante exerceu uma espécie de influência magnética sobre Zambinella, pois este acabou por voltar os olhos para Sarrasine e então a sua voz celeste se alterou. Tremeu! Um murmúrio incontido escapado à plateia que ele mantinha suspensa de seus lábios acabou de o perturbar; sentou-se, interrompendo a ária. O cardeal Cicognara, que espiara de soslaio a direção tomada pelo olhar do protegido, percebeu de logo o francês; inclinou-se para um dos seus secretários eclesiásticos e pareceu perguntar-lhe o nome do escultor. Obtida a desejada resposta, contemplou mais atentamente o artista e deu ordens a um padre, que desapareceu prestamente.

Entretanto, Zambinella, já refeito, recomeçou o trecho que havia interrompido tão caprichosamente; mas executou-o mal e recusou-se, malgrado todas as instâncias que lhe foram feitas, a cantar outra coisa. Foi a primeira vez que exerceu aquela tirania caprichosa que, mais tarde, não o faria menos célebre que o seu talento e a sua imensa fortuna, devida menos à voz, diziam, que à beleza.

“É uma mulher”, afirmou Sarrasine, julgando-se só. “Há aqui alguma intriga secreta. O cardeal Cicognara engana o papa e toda a cidade de Roma!”

Logo depois o escultor saiu, reuniu os amigos e os emboscou no pátio do palácio. Quando Zambinella se assegurou da partida de

Sarrasine, pareceu recobrar alguma tranquilidade. Pela meia-noite, depois de ter errado pelos salões como que à procura do inimigo, o cantor deixou a reunião.

Ao franquear a porta do palácio, porém, foi cautelosamente assaltado por homens que o amordaçaram com um lenço e o puseram na carruagem alugada por Sarrasine. Enregelado de horror, Zambinella encolheu-se a um canto sem ousar o menor movimento. Via, diante de si, o vulto terrível do artista, que guardava um silêncio de morte. O trajeto foi curto. Zambinella, transportado por Sarrasine, encontrou-se logo depois num ateliê sombrio e nu. O cantor, semimorto, permanecia numa cadeira sem ânimo para olhar a estátua de mulher em que reconhecera seus traços. Não proferiu uma palavra, mas seus dentes batiam. Estava transido de medo. Sarrasine passeava a grandes pernadas. Repentinamente, deteve-se diante de Zambinella. “Dize-me a verdade”, suplicou com voz rouca e alterada. “És mulher? O cardeal Cicognara...” Zambinella caiu de joelhos e só respondeu baixando a cabeça. “Ah! És mulher”, gritou o artista em delírio, “porque mesmo um...”

Não concluiu a frase.

“Não”, continuou, “não seria possível tamanha baixeza.”

“Ah! Não me mate”, suplicou Zambinella, desfeito em lágrimas. “Só consenti em enganá-lo para satisfazer os camaradas, que desejavam rir.” “Rir!”, retrucou o escultor com uma voz que tinha uma entonação infernal. “Rir, rir! Ousaste brincar com uma paixão de homem, tu?” “Oh! Perdão”, suplicou Zambinella. “Devia matar-te!”, gritou Sarrasine, sacando da espada num gesto de violência. “Mas”, continuou com frio desdém, “revolvendo o teu ser com um punhal, encontraria nele um sentimento a apagar, uma vingança a satisfazer? Nada és. Homem ou mulher, eu te mataria, mas...” Fez um gesto de nojo que o obrigou a voltar a cabeça, e então olhou para a estátua. “É uma ilusão!”, gritou. E, voltando-se para Zambinella: “Um coração de mulher seria para mim um asilo, uma pátria. Tens irmãs que se assemelhem a ti? Não? Então morre!... Mas, não; viverás. Deixar-te a vida não é, acaso, votar-te a algo pior que a morte? Não é o meu sangue nem minha existência o que eu lamento, mas o futuro e a felicidade do meu coração. Tua mão débil

destruiu a minha ventura. Que esperanças te posso tirar pelas que mataste? Aviltaste-me, atraindo-me a ti. *Amar, ser amado!* São agora palavras vazias de sentido tanto em mim como em ti. Sempre pensarei nesta mulher imaginária, ao ver uma mulher real”. E apontou para a estátua com um gesto de desespero. “Terei para sempre na lembrança uma harpia celestial a aprofundar suas garras nos meus sentimentos de homem e a assinalar todas as outras mulheres com um ferrete de imperfeição! Monstro! Tu que não podes dar vida a nada, tu me despovoaste a terra de todas as suas mulheres!”

Sarrasine sentou-se diante do cantor espavorido. Duas grandes lágrimas saltaram de seus olhos, rolaram-lhe pelas faces másculas e tombaram por terra: duas lágrimas de raiva, lágrimas ácidas e abrasadoras.

“Nada de amor! Estou morto para todos os prazeres, para todas as emoções humanas!”

Ao proferir tais palavras, tomou de um martelo e o lançou à estátua com tal força que errou o alvo. Acreditou ter destruído esse monumento da sua loucura e retomou a espada, brandindo-a para matar o cantor. Zambinella lançou gritos lancinantes.

Naquele momento entraram três homens e logo depois o escultor tombava ferido por três golpes de estilete.

“Da parte do cardeal Cicognara”, disse um deles. “É benefício digno de um cristão”, respondeu o francês, expirando.

Os sombrios emissários narraram a Zambinella a inquietude de seu protetor, que esperava à porta, num carro fechado, a fim de poder levá-lo, mal se visse livre.

— Mas — disse-me a sra. de Rochefide — que relação há entre essa história e o velho que vimos em casa dos Lanty?

— Minha senhora, o cardeal Cicognara apossou-se da estátua de Zambinella e fê-la executar em mármore. Está hoje no museu Albani. Foi lá que em 1791 a família Lanty a encontrou, pedindo a Vien que a copiasse. O retrato que lhe mostrou Zambinella aos vinte anos, logo depois que a senhora o viu centenário, serviu, mais tarde, para o *Endimião* de Girodet,^[440] cujo tipo pôde reconhecer na figura de Adônis.

— Mas e esse ou essa Zambinella?

— Não é outro senão o tio-avô de Marianina. Bem pode imaginar agora o interesse da sra. de Lanty em esconder a origem de uma fortuna que provém...

— Basta! — disse-me, fazendo um gesto imperioso.

Ficamos um momento mergulhados em profundo silêncio.

— E então? — perguntei-lhe.

— Oh! — exclamou, levantando-se e caminhando a largos passos pelo gabinete. Fitou-me depois e disse com voz alterada: — O senhor me desgostou da vida e das paixões por muito tempo. Por monstruoso que pareça, todos os sentimentos humanos não se desfazem assim, por atrozes decepções? Mães, os filhos nos assassinam, já pela má conduta, já pela indiferença; esposas, somos traídas; amantes, somos esquecidas e abandonadas. Amizade? Êxito? Tornar-me-ei amante devota se não puder permanecer como rocha inacessível em meio aos temporais da vida. Se o futuro do cristão é ainda uma ilusão, ao menos esta só se destrói depois da morte. Deixe-me, sozinha.

— Ah! — retruquei. — Como sabe punir!

— Acaso não terei razão?

— Sim — respondi, revestido de coragem. — Terminando esta história, muito conhecida na Itália, pude dar-lhe alta ideia dos progressos feitos pela civilização. Não se fabricam mais essas infelizes criaturas.

— Paris — contestou-me — é uma terra hospitaleira; acolhe tudo: as fortunas vergonhosas e as fortunas ensanguentadas. O crime e a infância têm direito de asilo, só a virtude não tem aqui altares. Sim, as almas puras têm uma pátria no céu. Ninguém me terá conhecido! Sinto-me orgulhosa disso.

E a marquesa quedou-se pensativa.

Paris, novembro de 1830

PEDRO GRASSOU

TRADUÇÃO DE GOMES DA SILVEIRA

Entre os problemas que preocupavam Balzac durante toda a sua carreira de escritor, encontra-se o da gênese da obra de arte, da psicologia do artista. Já em 1830, retratou o escultor Sarrasine à procura de uma beleza impossível de encontrar, em 1832, em *A obra-prima desconhecida*, apresentou o genial pintor Frenhofer, o qual leva a vida a pintar um único quadro e, sempre insatisfeito, refazê-lo inúmeras vezes até destruí-lo antes de morrer; em 1837, em *Gambara*, ideou um grande compositor para cujas harmonias novas todos os instrumentos conhecidos se revelam insuficientes. Mesmo em outras obras, cujo tema principal é diferente, introduz Balzac grande número de artistas, cada qual de personalidade bem caracterizada: os pintores Leão de Lora, José Bridau e Schinner; o caricaturista Bixiou, o arquiteto Grindot; o escultor Steinbock, o compositor Conti; e mais alguns. Na história *Pedro Grassou* (em francês: *Pierre Grassou*) vários deles aparecem acotovelando personagens reais: Delacroix, Géricault, Ingres e outros, os mestres de então. Já sabemos que Balzac se utilizou frequentemente desse recurso para aumentar a ilusão de realidade.

O caso de *Pedro Grassou*, simples anedota se considerarmos o enredo, vale pela novidade do tipo, pois, se vários romancistas já escolheram seus protagonistas entre os grandes pintores, nenhum deles se lembrou de interessar-se pela psicologia de um troca-tintas. É ao mesmo tempo comovedora e ridícula a luta desse pobre Grassou, visceralmente alheio a qualquer manifestação artística, e cuja irremediável derrota se patenteia justamente naquilo que se lhe afigura um brilhante triunfo: tornar-se um burguês rico.

O que há de mais estranho nas histórias de Frenhofer e de *Gambara* de um lado e na de *Pedro Grassou* do outro é que Balzac encontrou a matéria-prima de todas elas em sua própria experiência. Não é difícil perceber que esse Frenhofer apagando e recomeçando sempre o seu afresco, que esse *Gambara* procurando inventar novos instrumentos para suas melodias são sócios do próprio romancista, curvado sobre as intermináveis provas de seus livros. Mas Balzac foi também *Pedro Grassou* durante uns dez anos, produzindo obras inconfessáveis, ridicularizado e desprezado por todos, inclusive a própria família,

convivendo com foliculários *râtés* e autênticos subliteratos. Sua grandeza consiste precisamente em ter chegado a ser Frenhofer depois de ter sido Grassou; e a nossa sorte, em não ter ele destruído suas obras-primas, contentando-se com aperfeiçoá-las até os limites do possível.

PAULO RÓNAI

como um testemunho da afetuosa estima do autor,
DE BALZAC

Sempre que fostes visitar seriamente a exposição de trabalhos de escultura e de pintura, tal como se vem realizando desde a Revolução de 1830, não vos assaltou um sentimento de inquietação, de aborrecimento, de tristeza diante das longas galerias entulhadas? Desde 1830 o Salão não existe mais. Pela segunda vez o Louvre foi tomado de assalto por uma multidão de artistas, que lá se têm conservado. Apresentando antigamente o escol das obras de arte, o Salão distinguia com as maiores honrarias as criações lá expostas. Entre os duzentos quadros escolhidos, o público escolhia mais uma vez; uma coroa era conferida à melhor obra por mãos desconhecidas. Surgiam discussões apaixonadas a propósito duma tela. As injúrias proferidas contra Delacroix[442] e Ingres[443] não contribuíram menos para firmar seu renome que os elogios e o fanatismo de seus admiradores. Atualmente, nem o público nem a crítica podem apaixonar-se pelos artigos desse bazar. Obrigada a fazer a seleção de que antigamente se encarregava o júri, sua atenção se fatiga nessa tarefa; e, quando esta chega ao fim, a exposição se encerra. Antes de 1817, os quadros admitidos nunca excediam as duas primeiras colunas da longa galeria onde estão as obras dos velhos mestres e este ano encheram todo o espaço, com grande espanto do público. O gênero histórico, o “gênero” propriamente dito, os quadros de cavalete, a paisagem, as flores, os animais e a aquarela, todas essas especialidades não conseguiam apresentar mais de vinte quadros dignos dos olhares do público, que não pode dar sua atenção a uma quantidade maior de obras. Quanto mais crescesse o número dos artistas, mais rigoroso deveria ser o júri de admissão. Tudo ficou perdido desde que o Salão passou a prolongar-se pela galeria. O Salão devia continuar a ter um local determinado, restrito, de proporções inflexíveis, onde cada gênero expusesse suas obras-primas. Uma experiência de dez anos demonstrou a excelência da antiga instituição. Em vez de um torneio, tendes agora um motim; em

vez duma exposição gloriosa, um bazar tumultuoso; em vez do melhor, a totalidade. Que resulta disso? O grande artista fica prejudicado. *O café turco*, *As crianças na fonte*, *O suplício das tenazes* e *José*, de Decamps,^[444] teriam sido muito mais úteis a sua glória, somente os quatro no grande salão, expostos ao lado dos cem bons quadros deste ano, que suas vinte telas perdidas entre três mil outras obras, confundidas nas seis galerias. Por uma estranha singularidade, desde que as portas se abriram a todos, passou-se a falar muito em gênios ignorados. Quando, doze anos atrás, a *Cortesã* de Ingres e a de Sigalon^[445] a *Medusa* de Géricault, *As matanças de Scio* de Delacroix, o *Batismo de Henrique IV* por Eugene Devéria,^[446] admitidos por celebridades acusadas de inveja, demonstravam ao mundo, a despeito das negações da crítica, a existência de palhetas jovens e ardentes, não se erguia nenhuma queixa. Agora que o último dos troca-tintas pode enviar sua obra, só se fala em gênios incompreendidos. Onde não há mais julgamento também não há mais coisa julgada. Queiram ou não os artistas, eles voltarão ao exame que recomenda suas obras à multidão para a qual trabalham. Sem a escolha da Academia, não haverá mais Salão e sem Salão a arte pode parecer.

Desde que a caderneta de inscrição se transformou num grande livro, surgiram ali muitos nomes que permanecem na obscuridade apesar da lista de dez ou doze quadros que os acompanha. Entre esses nomes, o mais desconhecido talvez seja o dum artista chamado Pedro Grassou, vindo de Fougères e conhecido mais simplesmente por Fougères no mundo artístico, que atualmente ocupa muito lugar ao sol e que sugere as amargas reflexões pelas quais começa o esboço de sua vida, aplicável a alguns outros indivíduos da tribo dos artistas.

Em 1832, Fougères morava à Rue de Navarin, no quarto andar duma dessas casas estreitas e altas que parecem o obelisco de Luxor, que têm uma aleia, uma escadinha com curvas perigosas, que não comportam mais de três janelas em cada andar e em cujo interior há um pátio ou, para falar mais exatamente, um buraco quadrado. Por cima das três ou quatro peças do apartamento ocupado por Grassou de Fougères, ficava seu ateliê, que dava para Montmartre. O ateliê, com paredes cor de tijolo, o soalho cuidadosamente pintado de pardo e encerado, cada

cadeira munida dum tapetezinho bordado, o canapé, muito simples, mas limpo como o do quarto de dormir duma vendeira, tudo lá denotava a vida meticulosa dos espíritos acanhados e o zelo dum homem pobre. Havia uma cômoda para guardar os objetos do ateliê, uma mesa para refeições, um armário, uma secretária, enfim, os utensílios necessários aos pintores, tudo limpo e bem arranjado. A estufa participava desse sistema de ordem holandesa, tanto mais evidente porque a luz pura e pouco variável do norte inundava com sua claridade firme e fria a imensa peça. Fougères, simples pintor de gênero, não tinha necessidade das peças enormes que arruinam os pintores de história e como nunca reconhecera em si faculdades bastante completas para abordar a alta pintura ainda se limitava ao cavalete. No começo do mês de dezembro daquele ano, época na qual os burgueses de Paris concebem periodicamente a ideia burlesca de perpetuar seu rosto, já bastante complicado no original, Pedro Grassou, que se levantara muito cedo, preparava a palheta, acendia o aquecedor, comia um pãozinho molhado no leite e esperava, para trabalhar, que o degelo das vidraças deixasse passar a luz. O tempo estava seco e bonito. Nesse momento, o artista, que comia com essa expressão paciente e resignada que diz tantas coisas, reconheceu os passos de um homem que tivera sobre sua vida a influência que essa espécie de gente tem sobre a de quase todos os artistas, Elias Magus, um comerciante de quadros, o usurário das telas. Elias Magus surpreendeu o pintor no momento em que, naquele ateliê tão limpo, ia iniciar o trabalho.

— Como vai a coisa, velho tratante? — disse-lhe o pintor.

Fougères fora condecorado com a cruz. Elias comprava-lhe os quadros por duzentos ou trezentos francos e ele assumia atitudes de grande artista.

— O comércio vai mal — respondeu Elias.

— Vocês todos têm pretensões, falam em duzentos francos logo que meteram seis vinténs de tinta numa tela... Mas você é um bom rapaz! É um homem metódico e trago-lhe um bom negócio.

— *Timeo Danaos et dona ferentes*^[447] — disse Fougères.

— Sabe latim?

— Não.

— Pois bem, isso quer dizer que os gregos nunca propõem bons negócios aos troianos sem ganhar alguma coisa neles. Antigamente eles diziam: “Leve meu cavalo!”. Atualmente, dizemos: “Leve meu urso”...[448] Que deseje, Ulisses-Lageingeole-Elias Magus?

Essas palavras dão uma ideia da doçura e do espírito com que Fougères aplicava isso que os pintores chamam de brincadeiras de ateliê.

— Não digo que você não me faça quadros gratuitamente.

— Oh! Oh!

— Deixo isso à sua vontade, não peço. Você é um artista direito.

— E daí?

— Bem, trago-lhe um pai, uma mãe e uma filha única.

— Todos únicos!

— É claro!... E cujos retratos devem ser feitos. Esses burgueses, apaixonados pelas artes, nunca se animaram a entrar num ateliê. A filha tem um dote de cem mil francos. Você pode muito bem pintar essa gente. Talvez os quadros venham a ser para você retratos de família.

Esse velho orangotango da Alemanha, que passa por homem e se chama Elias Magus, interrompeu-se para dar uma risada seca que assustou o pintor. Ele teve a impressão de ouvir Mefistófeles falando em casamento.

— Os retratos serão pagos a quinhentos francos cada um, você pode fazer-me três quadros.

— Como não! — disse alegremente Fougères.

— E, se desposar a moça, não se esqueça de mim.

— Casar-me, eu? — exclamou Pedro Grassou. — Eu, que estou habituado a deitar-me sozinho, a levantar cedo, que estou com a vida arranjada...

— Cem mil francos — disse Magus — e uma moça meiga, cheia de tons dourados como um legítimo Ticiano!

— Qual é a situação dessa gente?

— Antigos negociantes; presentemente, amantes das artes, com casa de campo em Ville-de-Avray e dez ou doze mil francos de renda.

— A que ramo de comércio se dedicavam?

— Garrafas.

— Não pronuncie essa palavra. Tenho a impressão de estar ouvindo saltar as roldas e fico todo excitado...

— Posso trazê-los?

— Três retratos, vou expô-los no Salão, poderei lançar-me no retrato... Está bem, sim.

O velho Elias desceu para ir buscar a família Vervelle. Para saber a que ponto a proposta ia influir sobre o pintor e que impressão iam causar sobre ele o sr. e a sra. Vervelle adornados de sua filha única, é necessário lançar um olhar sobre a vida anterior de Pedro Grassou de Fougères.

Fougères estudara desenho com Servin,^[449] que era considerado um grande desenhista nos meios acadêmicos. Mais tarde, fora estudar com Schinner^[450] a fim de surpreender os segredos do rico e magnífico colorido que distingue esse mestre. Lá, o professor, os alunos, tudo se conservara reservado e Pedro não pôde surpreender nada. De lá, Fougères passara para o ateliê de Sommervieux,^[451] para familiarizar-se com essa parte da arte denominada composição, mas a composição foi selvagem e bárbara com ele. Tentara, depois, arrancar a Granet^[452] e a Decamps o mistério de seus efeitos de interiores. Os dois mestres não se deixaram furtar. Finalmente, Fougères terminara seu aprendizado com Duval Le Camus.^[453] Durante esses estudos e essas diversas transformações, Fougères conservou hábitos tranquilos e regulares, que deram motivo às zombarias dos vários ateliês onde estagiava, mas, em toda a parte, desarmou os camaradas por sua modéstia, por uma paciência e uma brandura de cordeiro. Os mestres não demonstravam nenhuma simpatia pelo bom rapaz; eles gostam dos indivíduos brilhantes, dos espíritos excêntricos, folgazões, fogosos ou sombrios e profundamente ponderados, que anunciam um futuro talento. Tudo em Fougères denunciava a mediocridade. O sobrenome Fougères, o mesmo do pintor na peça da Églantine,^[454] constituiu a fonte de uma infinidade de gracejos pesados; mas, pela força das coisas, aceitou o nome da cidade onde vira a luz.

Grassou de Fougères assemelhava-se a seu nome. Gorducho e de estatura mediana, tinha a tez macilenta, olhos castanhos, cabelos pretos, nariz arrebitado, boca muito grande e orelhas longas. Sua

expressão meiga, passiva e resignada pouco evidenciava os traços principais de sua fisionomia cheia de saúde, mas sem ação. Não parecia atormentado nem pela abundância de sangue, nem pela violência de pensamentos, nem por essa veia cômica pela qual se reconhecem os grandes artistas. Esse rapaz, nascido para ser um virtuoso burguês, vindo de sua terra para ser caixeiro na casa dum vendedor de tintas, originário de Mayenne e parente afastado dos D'Orgemont,^[455] fez-se pintor por obra da teimosia que caracteriza o bretão. O que teve de suportar, a maneira como viveu enquanto estudou, só Deus o sabe. Sofreu tanto como sofrem os grandes homens quando se veem encurralados pela miséria e acuados como feras pela matilha das pessoas medíocres e pela tropa das vaidades sedentas de vingança. Logo que se sentiu capaz de voar com suas próprias asas, Fougères alugou um ateliê no alto da rue des Martyrs, onde começou a cavar a vida. Fez sua estreia em 1819. O primeiro quadro que apresentou ao júri para a exposição do Louvre representava um casamento de aldeia, penosamente copiado do quadro de Greuze.^[456] Recusaram a tela. Quando Fougères soube da fatal decisão, não teve um desses furores ou um desses acessos de amor-próprio epilético a que se entregam os espíritos soberbos e que às vezes terminam por desafios enviados ao diretor ou ao secretário do museu, por ameaças de assassinio. Fougères apanhou tranquilamente a tela, cobriu-a com o lenço e levou-a para o ateliê, jurando a si mesmo tornar-se um grande pintor. Colocou a tela sobre o cavalete e foi à casa de Schinner, seu antigo mestre, homem de imenso talento, artista brando e paciente e cujo êxito fora completo no último Salão. Pediu-lhe que fosse criticar a obra rejeitada. O grande pintor deixou tudo e foi à casa dele. Quando o pobre Fougères colocou a obra diante de seus olhos, Schinner, ao primeiro olhar, apertou a mão de Fougères.

— És um bom rapaz, tens um coração de ouro, não debes errar a vocação. Escuta, estás correspondendo a tudo quanto prometias no ateliê. Quando a gente descobre tais coisas na ponta do pincel, é melhor deixar as tintas na casa de Brullon e não roubar a tela aos outros. Volta cedo para casa, enfia um gorro de algodão e deita-te às nove horas. E na manhã seguinte vai às dez horas a algum escritório pedir um emprego e

abandona as artes.

— Meu amigo — disse Fougères —, minha tela já foi condenada e não estou pedindo a sentença e sim os motivos.

— Pois bem. Pintas a cinza e escuro, vê a natureza através de um crepe; teu desenho é pesado, empastado; tua composição é um plágio de Greuze que só se absolve de seus defeitos pelas qualidades que te faltam.

Ao detalhar as falhas do quadro, Schinner viu no rosto de Fougères uma expressão tão profunda de tristeza que resolveu convidá-lo para jantar e tratou de consolá-lo. No dia seguinte, às sete horas da manhã, Fougères já estava no seu cavalete refazendo o quadro condenado; reavivava o colorido, fazia as correções indicadas por Schinner, retocava as figuras. Depois, descontente com as correções feitas, levou o quadro à casa de Elias Magus. Elias Magus, espécie de holando-belga-flamengo, tinha três razões para ser o que se tornou mais tarde, avarento e rico. Vindo de Bordeaux, estava começando a vida em Paris, negociava com quadros e morava no Boulevard Bonne-Nouvelle. Fougères, que contava com a palheta para ir ao padeiro, comeu intrepidamente pão e nozes, ou pão e leite, ou pão e cerejas, ou pão e queijo, conforme as estações. Elias Magus, a quem Pedro ofereceu sua primeira tela, examinou-a demoradamente e deu-lhe quinze francos por ela.

— Com quinze francos de receita por ano e mil francos de despesa — disse Fougères, sorrindo — vai-se longe depressa.

Elias Magus fez um gesto, mordeu os polegares ao perceber que poderia ter ficado com o quadro por cinco francos. Durante alguns dias, todas as manhãs, Fougères desceu da Rue des Martyrs, ocultou-se no meio da multidão na avenida oposta àquela onde ficava a casa de Magus e seu olhar mergulhava no quadro, que não atraía a atenção dos transeuntes. Lá pelo fim da semana, o quadro desapareceu. Fougères tornou a subir a avenida e foi à casa do comerciante de quadros, dando a impressão de estar passeando. O judeu estava à porta.

— Então, vendeu meu quadro?

— Aqui está ele — disse Magus. — Estou colocando uma moldura para poder oferecê-lo a alguém que acredite entender de pintura.

Fougères não se animou a voltar à avenida; começou um novo

quadro, levou dois meses a pintá-lo, fazendo refeições de rato e trabalhando como um mouro.

Uma noite que ele passava pela avenida, seus pés levaram-no fatalmente à casa de Magus. Não viu o quadro em lugar algum.

— Vendi seu quadro — disse o negociante ao artista.

— Por quanto?

— Reembolsei meu dinheiro com um pequeno lucro. Faça-me interiores flamengos, uma lição de anatomia, uma paisagem, e serei comprador — disse Elias.

Fougères teve vontade de apertar Magus nos braços, considerava-o um pai. Voltou para casa com o coração cheio de alegria: o grande pintor Schinner enganara-se! Nesta imensa cidade de Paris havia corações que batiam em uníssono com o de Grassou, seu talento era compreendido e apreciado. O pobre rapaz, aos vinte e sete anos, tinha a inocência dum menino de dezesseis. Qualquer outro, um desses artistas desconfiados e ariscos, teria notado a expressão diabólica de Elias Magus, teria observado a agitação dos pelos de sua barba, a ironia de seu bigode, o movimento de suas espáduas, que revelavam a alegria do judeu de Walter Scott ao lograr um cristão. Fougères saiu a passear pelas avenidas com uma alegria que dava a seu rosto uma expressão altiva. Parecia um ginasião que protege uma mulher. Encontrou José Bridau,^[457] seu camarada, um desses talentos excêntricos destinados à glória e à desgraça. José Bridau, que tinha alguns *sous* no bolso, levou Fougères à Ópera. Fougères não viu o balé, não ouviu a música: concebia quadros, pintava. Deixou José no meio do espetáculo, correu para casa para fazer esboços à luz do lampião, imaginou trinta quadros cheios de reminiscências, julgou-se um homem de gênio. Na manhã seguinte, comprou tinta e telas de diversas dimensões; pôs pão e queijo em cima da mesa, encheu uma moringa de água e fez uma provisão de lenha para a estufa; depois, segundo a expressão dos ateliês, começou a cavar. Conseguiu alguns modelos e Magus emprestou-lhe algum material. Após dois meses de reclusão, o bretão acabara quatro quadros. Voltou a pedir conselhos a Schinner, em cuja companhia levou José Bridau. Os dois pintores viram nas telas uma servil imitação das paisagens holandesas, dos interiores de Metz^[458] e, na quarta, uma

cópia da *Lição de anatomia* de Rembrandt.

— Sempre plágios — disse Schinner. — Ah! Fougères custará a ser original.

— Devias fazer outra coisa em vez de pintura — disse Bridau.

— Quê? — perguntou Fougères.

— Experimentar a literatura.

Fougères baixou a cabeça à maneira dos cordeiros quando chove. Depois, pediu e obteve novamente conselhos úteis, e retocou os quadros antes de levá-los a Elias. Elias pagou vinte e cinco francos por tela. Por esse preço, Fougères não ganhava nada, mas também não perdia, graças à sua sobriedade. Deu algumas voltas para ver o que acontecia com os quadros e teve uma singular alucinação. Suas telas tão trabalhadas, tão nítidas, que tinham a dureza da lata e o brilho das pinturas sobre porcelana, estavam como cobertas dum nevoeiro, pareciam quadros velhos. Elias acabara de sair e Fougères não pôde obter nenhum esclarecimento sobre o fenômeno. Julgou ter visto mal. O pintor voltou para o ateliê para pintar novas telas velhas. Após sete anos de trabalhos contínuos, Fougères chegou a compor, a executar trabalhos passáveis. Pintava como todos os artistas de segunda ordem. Elias comprava e vendia todos os quadros do pobre bretão, que ganhava penosamente uma centena de luíses por ano e não gastava mais de duzentos francos.

Na exposição de 1829, Leão de Lora,^[459] Schinner e Bridau ocupavam uma posição de destaque e achavam-se à frente do movimento artístico; compadecendo-se da persistência e da pobreza do seu antigo camarada, conseguiram que um quadro de Fougères fosse admitido na exposição, no grande Salão. Esse quadro, cheio de interesse, que lembrava Vigneron^[460] pela inspiração e o primeiro estilo de Dubufe^[461] pela execução, representava um rapaz a quem, no interior duma prisão, cortavam os cabelos da nuca. Dum lado, um padre, e do outro, uma velha e uma moça chorando. Um oficial de justiça lia um papel timbrado. Sobre uma velha mesa via-se uma refeição na qual ninguém tocara. A luz entrava através das grades duma janela alta. Havia ali com que fazer estremecer os burgueses, e os burgueses estremeciam. Fougères inspirara-se simplesmente na obra-prima de Gérard Dow:

voltara o grupo da *Mulher hidrópica* para a janela, em vez de apresentá-lo de frente. Substituíra a moribunda pelo condenado: era a mesma palidez, o mesmo olhar, o mesmo apelo a Deus. No lugar do médico flamengo, pintara a fria e autoritária figura do oficial de justiça vestido de preto; e pintara mais uma velha ao lado da moça de Gérard Dow. Finalmente, o rosto cruelmente bonachão do carrasco dominava o grupo. Esse plágio, muito habilmente dissimulado, não foi descoberto.

A caderneta continha o seguinte:

510. Grassou de Fougères (Pedro), Rue de Navarin, nº 2

OS PREPARATIVOS DE UM *CHOUAN* CONDENADO À MORTE EM 1809.

Embora medíocre, o quadro teve um êxito extraordinário, porque recordava o caso dos “esquentadores” de Mortagne.^[462] Todos os dias uma multidão estacionava diante da tela da moda e Carlos x também deteve-se diante dela. Madame,^[463] informada da vida paciente do pobre bretão, entusiasmou-se por ele. O duque d’Orléans^[464] entrou em negociações para adquirir a tela. Os eclesiásticos disseram à senhora delfina que o assunto era rico em bons pensamentos: reinava ali, com efeito, uma expressão religiosa muito satisfatória. O senhor delfim admirou a poeira que cobria o soalho, uma falha grave, pois Fougères espalhara tons esverdeados que atestavam a umidade das paredes. Madame comprou o quadro por mil francos e o delfim encomendou outro. Carlos x deu a cruz ao filho do camponês que lutara pela causa real em 1799. José Bridau, o grande pintor, não foi condecorado. O ministro do Interior encomendou dois quadros de igreja a Fougères. Esse Salão constituiu, para Pedro Grassou, toda sua fortuna, sua glória, seu futuro, sua vida. Em qualquer atividade, inventar é querer morrer aos poucos; copiar é viver. Após ter descoberto, por fim, um filão cheio de ouro, Grassou de Fougères pôs em prática a parte dessa máxima cruel à qual a sociedade deve essas infames mediocridades encarregadas de eleger, atualmente, as superioridades em todas as classes sociais, mas que, naturalmente, se elegem a si mesmas e fazem uma guerra encarniçada aos verdadeiros talentos. O princípio de eleição, em qualquer terreno que se exerça, é falso, a França um dia o reconhecerá. A despeito disso, a modéstia, a simplicidade, a surpresa

do bom e meigo Fougères fizeram silenciar as recriminações e a inveja. Por outro lado, teve a seu favor os Grassou entiquecidos, solidários com os que tentavam enriquecer. Algumas pessoas, comovidas pela energia dum homem a quem nada desencorajara, falavam do Dominichino^[465] e diziam: “É preciso recompensar a força de vontade nas artes! Grassou não usurpou seu triunfo! Há dez anos que vem cavando, o coitado!”. Essa exclamação o *coitado!* era responsável pela metade das admirações e das felicitações que o pintor recebia. A compaixão eleva tantas mediocridades como a inveja rebaixa grandes artistas. Os jornais não pouparam críticas, mas o cavalheiro Fougères as digeriu como digerira os conselhos dos amigos, com uma paciência angélica. Possuindo então uns quinze mil francos penosamente ganhos, ele mobilhou o apartamento e o ateliê da Rue de Navarin e lá executou o quadro encomendado pelo senhor delfim e os dois de igreja encomendados pelo ministério, entregando-os com uma pontualidade exasperante para a caixa do ministério, habituada a um sistema completamente diferente. Vede como têm sorte as criaturas metódicas. Se tivesse demorado, Grassou, surpreendido pela Revolução de Julho,^[466] não teria sido pago. Aos trinta e sete anos, Fougères fabricara para Elias Magus cerca de duzentos quadros completamente desconhecidos, mas que lhe serviram para atingir essa técnica satisfatória, esse grau de execução que faz o artista sacudir os ombros e que tanto agrada a burguesia. Fougères era estimado pelos amigos pela sua retidão de ideias, firmeza de sentimentos, obsequiosidade perfeita e grande lealdade; embora não tivessem o mínimo apreço pela palheta, estimavam, contudo, o homem que a manejava. “Que pena que Fougères tenha o vício da pintura!”, diziam seus camaradas. A despeito disso, Grassou dava conselhos excelentes, a exemplo desses folhetinistas incapazes de escrever um livro e que conhecem muito bem os defeitos dos livros dos outros; mas, entre os críticos literários e Fougères, havia uma diferença: ele era eminentemente sensível à beleza, sabia reconhecê-la e seus conselhos eram impregnados de um sentimento de justiça que fazia aceitar o acerto de suas observações. Desde a Revolução de julho, Fougères vinha apresentando a cada exposição uma dezena de quadros, dos quais o júri admitia quatro ou cinco. Vivia com a mais rígida

economia e toda a sua criadagem se resumia numa arrumadeira. Como única distração, visitava os amigos, ia ver objetos de arte, permitia-se algumas viagenszinhas pela França e projetava ir buscar inspirações na Suíça. Esse detestável artista era um excelente cidadão: prestava o serviço militar, comparecia às revistas, pagava o aluguel e as despesas com a mais burguesa pontualidade. Tendo vivido no trabalho e na miséria, nunca tivera tido tempo para amar. Solteiro e pobre até então, não tinha vontade de complicar sua existência tão simples. Incapaz de imaginar um meio de aumentar suas posses, de três em três meses levava a seu tabelião, Cardot, suas economias e seus ganhos do trimestre. Quando o tabelião juntava mil escudos de Grassou, colocava-os em primeira hipoteca, com sub-rogação nos direitos da esposa se o devedor fosse casado, ou sub-rogação nos direitos do vendedor se o devedor tivesse um prêmio a pagar. O próprio tabelião recebia os juros e os juntava às entregas parciais feitas por Grassou de Fougères. O pintor esperava o afortunado momento em que seus contratos atingissem a imponente cifra de dois mil francos de renda, para se dar o *Otium cum dignitate*^[467] do artista e fazer quadros, oh! mas quadros! enfim, verdadeiros quadros! quadros alinhados, perfeitos, formidáveis. Seu futuro, seus sonhos de felicidade, o superlativo de suas esperanças, quereis sabê-lo? Era entrar para o Instituto e obter a roseta dos oficiais da Legião de Honra! Sentar-se ao lado de Schinner e de Leão de Lora, entrar para a Academia antes de Bridau! Usar uma roseta na lapela! Que sonho! Só mesmo os mediócrees são capazes de pensar em tudo!

Ao ouvir o ruído de passos na escada, Fougères atirou o cabelo para trás, abotoou o blusão de veludo verde-garrafa e não ficou pouco surpreso ao ver entrar um rosto vulgarmente chamado *um melão* nos ateliês. Essa fruta estava colocada sobre uma abóbora vestida de fazenda azul enfeitada de berloques chocalhantes. O melão resfolegava como um golfinho e a abóbora caminhava sobre nabos impropriamente chamados pernas. Um verdadeiro pintor teria feito desse modo a caricatura do pequeno comerciante de garrafas e o teria mandado embora imediatamente, alegando que não pintava legumes. Fougères olhou para o freguês sem rir, porque o sr. Vervelle ostentava um diamante de mil escudos na camisa.

Fougères olhou para Magus e disse:

— *Tem banha!* — empregando uma palavra da gíria muito em moda nos ateliês.

Ao ouvir essa frase, o sr. Vervelle franziu as sobrancelhas. O burguês arrastava outras complicações leguminosas nas pessoas da esposa e da filha. A esposa tinha sobre o rosto um *acaju vulgar*, parecia uma noz de coco encimada duma cabeça e apertada na cintura. Rodava sobre os pés, seu vestido era amarelo com listras pretas. Usava orgulhosamente mitenes extravagantes sobre mãos fofas como as luvas dum porta-bandeira. As plumas de enterro de primeira classe flutuavam sobre um chapéu transbordante. Rendas enfeitavam os ombros, tão arqueados atrás como na frente; assim, a forma esférica do coco era perfeita. Os pés, do gênero desses que os pintores chamam de *patas*, estavam enfeitados de coxins de seis carreiras por cima do couro lustroso dos sapatos. Como teriam os pés entrado ali? Não se sabe.

Atrás dela vinha um jovem aspargo, verde e amarelo pelo vestido, e que mostrava uma cabecinha circundada por uma cabeleira em bandó, uma cenoura que um romano teria adorado, braços fibrosos, tez muito clara coberta de sardas, grandes olhos ingênuos com cílios brancos, sobrancelhas escassas, um chapéu de palhinha debruado de cetim branco, as mãos virtuosamente coradas e os mesmos pés da mãe. As três criaturas, ao olhar para o ateliê, davam uma impressão de felicidade que denunciava nelas um respeitável entusiasmo pelas artes.

— É o senhor que vai fazer nossos retratos? — perguntou o pai, tomando uma atitude arrogante.

— Sim, senhor — respondeu Grassou.

— Vervelle, ele tem a cruz — disse baixinho a mulher ao marido, num momento em que o pintor estava de costas para eles.

— Achas que eu mandaria fazer nossos retratos por um artista que não fosse condecorado?... — disse o antigo comerciante de garrafas.

Elias Magus cumprimentou a família Vervelle e saiu. Grassou acompanhou-o até o patamar.

— Só mesmo você para pescar bichos como esses.

— Cem mil francos de dote!

— Sim, mas que família!

— Trezentos mil francos de esperanças, uma casa à Rue Boucherat e uma casa de campo em Ville-de-Avray. Você ficará garantido para o resto da vida — disse Elias.

Essa ideia entrou na cabeça de Pedro Grassou como a luz da manhã penetrara em sua mansarda. Ao colocar em posição o pai da moça, achou-o de boa cara e admirou aquele rosto cheio de tonalidades fortes. A mãe e a filha puseram-se a revolutear em torno do pintor, maravilhando-se com aqueles preparativos e considerando-o um deus. Essa visível adoração agradou a Fougères. O bezerro de ouro lançou sobre a família seu reflexo fantástico.

— O senhor deve ganhar um dinheirão louco, mas gasta tudo quanto ganha — disse a mãe.

— Não, minha senhora — respondeu o pintor. — Não o gasto, não tenho como divertir-me. Meu tabelião coloca minhas economias, ele é que sabe quanto possuo; logo que meu dinheiro está em suas mãos, não penso mais nele.

— Diziam-me — interveio o pai Vervelle — que todos os artistas são uns mãos-abertas.

— Quem é seu tabelião, se não for indiscrição? — perguntou a sra. Vervelle.

— Um bom rapaz, muito direito, Cardot.

— Veja só, que engraçado! — disse Vervelle. — Cardot também é o nosso.

— Não se mova! — disse o pintor.

— Fica quieto, Antenor — disse a mulher —, és capaz de fazer o senhor errar. Se o visses trabalhar, compreenderias...

— Meu Deus! Por que não me fizeram aprender as artes? — disse a srta. Vervelle aos pais.

— Virgínia — exclamou a mãe —, uma moça não deve aprender certas coisas. Quando estiveres casada... bem, mas, até lá, fica sossegada.

Durante essa primeira sessão, a família Vervelle quase se familiarizou com o honesto artista. Ficou de voltar dois dias mais tarde. À saída, o pai e a mãe disseram a Virgínia que seguisse na frente; mas, apesar da distância, ela ouviu estas palavras, cuja significação devia

despertar sua curiosidade:

“Um homem condecorado... trinta e sete anos... um artista que tem encomendas, que coloca seu dinheiro no nosso tabelião. Vamos consultar Cardot? Hein? Chamar-se sra. de Fougères!... Não parece um mau homem!... Alegarás que não é um comerciante... Mas um comerciante, enquanto permanece nos negócios, não se sabe o que será de nossa filha! Ao passo que um artista econômico... e, depois, nós gostamos das artes... Enfim!...”

Enquanto a família Verville o analisava, Pedro Grassou analisava a família Verville. Foi-lhe impossível encontrar sossego no ateliê, ele saiu a passear pela avenida, observando as mulheres ruivas que passavam! Fazia os mais estranhos raciocínios: o ouro era o mais belo dos metais, a cor amarela representava o ouro, os romanos gostavam das mulheres ruivas, ele podia fazer-se romano etc. Após dois anos de casamento, qual é o homem que se importa com o tipo da esposa? A beleza passa... mas a fealdade fica! O dinheiro é a metade da felicidade. A noite, ao deitar-se, o pintor já achava Virgínia Verville encantadora.

Quando os três Verville entraram, no dia da segunda sessão, o artista os acolheu com um sorriso amável. O celerado fizera a barba, vestira uma camisa branca; arranjava elegantemente o cabelo e escolhera umas calças muito favoráveis e chinelas encarnadas com o bico arrebitado. A família respondeu com um sorriso tão lisonjeiro como o do artista, Virgínia ficou da cor dos cabelos, baixou os olhos e voltou a cabeça fingindo examinar os esboços. Pedro Grassou achou sua afetação maravilhosa. Virgínia tinha graça, não saíra, felizmente, ao pai nem à mãe; mas a quem saíra então?

“Ah! Consegui o que desejava”, continuava a pensar, “a mãe deve ter feito seus cálculos.”.

Durante a sessão, houve escaramuças entre a família e o pintor, que teve a audácia de achar o pai Verville inteligente. Essa lisonja fez a família entrar rapidamente no coração do artista, que deu um de seus desenhos a Virgínia e um esboço à mãe.

— Por nada? — perguntaram elas.

Pedro Grassou não pôde evitar um sorriso.

— Não deve dar assim seus quadros, isso é dinheiro — disse-lhe

Vervelle.

Na terceira sessão, o pai Vervelle falou numa bela galeria de quadros que tinha na casa de campo de Ville-de-Avray: uns Rubens, Gérard Dow, Mieris, Terburg, Rembrandt, um Ticiano, uns Paulus Potter etc.

— O sr. Vervelle tem feito loucuras — disse faustosamente a sra. Vervelle —, tem uns cem mil francos em quadros.

— Gosto das artes — replicou o antigo comerciante de garrafas.

Quando foi iniciado o retrato da sra. Vervelle, o do marido estava quase acabado e o entusiasmo da família não conhecia mais limites. O tabelião fizera os maiores elogios ao pintor: Pedro Grassou era, a seus olhos, o rapaz mais correto da Terra, um dos artistas mais metódicos, que, além disso, conseguira juntar trinta e seis mil francos; seus dias de pobreza haviam passado, ganhava dez mil francos por ano e capitalizava os juros; finalmente, julgava-o incapaz de fazer a infelicidade duma mulher. Essa última frase exerceu um peso enorme na balança. Os amigos de Vervelle só ouviam falar no famoso Fougères. No dia em que Fougères começou o retrato de Virgínia, já era *in petto*^[468] o genro da família Vervelle. Os três Vervelle floresciam naquele ateliê, que passaram a considerar uma de suas residências; aquele local limpo, bem cuidado, elegante, artístico tinha para eles um inexplicável atrativo. *Abyssus abyssum*,^[469] o burguês atrai o burguês. No fim da sessão, a escada foi agitada, a porta foi brutalmente aberta por José Bridau; ele estava num temporal, os cabelos em desalinho; mostrou seu grande rosto agitado, correu o olhar pelo ateliê e dirigiu-se bruscamente a Grassou, juntando as abas da sobrecasaca na região gástrica e tentando, em vão, abotoá-la, porque o botão escapara da cápsula de fazenda.

— A vida está dura — disse a Grassou.

— Ah!

— Os ingleses andam atrás de mim... Então está pintando estas coisas?

— Cala-te, por favor!

— Ah! Sim!

A família Vervelle, superlativamente chocada pela estranha aparição, passou de seu vermelho ordinário ao vermelho-cereja dos incêndios

violentos.

— Isso é que serve! — disse José. — Haverá por aqui *alguma grana*?

— Precisas de muito?

— Uma nota de quinhentos... Tenho no meu encalço um desses comerciantes da raça dos bulldogues, que, quando mordem, não largam enquanto não tiram um pedaço. Que raça!

— Vou escrever um bilhete para meu tabelião...

— Então tens um tabelião?

— Sim.

— Agora compreendo por que é que pintas as faces com esses tons róseos, excelentes para anúncio de perfumista!

Grassou não pôde evitar de corar. Virgínia estava posando.

— Por que não tratas o modelo tal como é? — disse o pintor continuando. — A senhorita é ruiva. Pois bem, isso é algum pecado mortal? Tudo é magnífico na pintura. Mete cinábrio na palheta, reaviva essas faces, pinta suas manchinhas pardas. Queres ter mais espírito que a natureza?

— Toma — disse Fougères —, ocupa meu lugar enquanto escrevo.

Vervelle encaminhou-se até a mesa e chegou-se ao ouvido de Grassou.

— Esse *animal* vai estragar tudo — disse o comerciante.

— Se ele quisesse fazer o retrato de sua Virgínia, valeria mil vezes o meu — respondeu Fougères, indignado.

Ao ouvir essa frase, o burguês retirou-se mansamente para junto da esposa estupefata com a invasão daquela fera e muito pouco tranquila ao vê-la cooperando no retrato da filha.

— Olha, segue estas indicações — disse Bridau, devolvendo a palheta e agarrando o bilhete. — Não te agradeço! Agora posso voltar ao castelo de D'Arthez, onde estou decorando uma sala de jantar e onde Leão de Lora está pintando a parte de cima das portas, verdadeiras obras-primas. Vai visitar-nos.

Saiu sem despedir-se de ninguém, pois ficara satisfeito observando Virgínia.

— Quem é esse homem? — perguntou a sra. Vervelle.

— Um grande artista — respondeu Grassou.

Um momento de silêncio.

— Tem certeza — disse Virgínia — de que ele não estragou meu retrato? Ele me assustou.

— Tudo o que ele fez está bem-feito — respondeu Grassou.

— Se é um grande artista, prefiro um grande artista parecido com o senhor — disse a sra. Vervelle.

— Ah! Mamãe, este senhor é muito maior que ele como pintor, vai fazer-me de corpo inteiro — observou Virgínia.

As singularidades do gênio haviam espantado os pacatos burgueses.

Entrava-se nessa fase do outono tão agradavelmente denominada *veranico de são Martinho*. Foi com a timidez do neófito diante dum homem de gênio que Vervelle arriscou um convite para ir à sua casa no domingo seguinte: sabia quão poucos atrativos uma família burguesa oferece a um artista.

— Os senhores — disse — precisam de emoções! Grandes espetáculos e pessoas inteligentes; mas haverá bons vinhos e conto com minha galeria para compensar o aborrecimento que um artista como o senhor deve experimentar no meio de comerciantes.

Essa idolatria, que lisonjeava profundamente seu amor-próprio, encantou o pobre Pedro Grassou, tão pouco acostumado a receber tais cumprimentos. O honesto artista, a infame mediocridade, o coração de ouro, a existência leal, o estúpido desenhista, o bom rapaz, condecorado com a ordem real da Legião de Honra, enfarpelou-se todo para ir gozar os últimos dias bonitos do ano em Ville-de-Avray. O pintor foi modestamente pela carruagem pública e não pôde deixar de admirar o belo pavilhão do comerciante de garrafas, que se erguia no meio dum parque de cinco jeiras, no ponto culminante de Ville-de-Avray, diante do mais belo panorama. Desposar Virgínia era vir a possuir um dia aquela bela vivenda! Foi recebido pelos Vervelle com um entusiasmo, uma alegria, uma simplicidade, uma tola franqueza burguesa que o confundiram. Foi um dia de triunfo. Levaram o futuro noivo a passear pelas alamedas cor de nanquim que haviam sido alisadas como para receber um grande homem. As próprias árvores tinham um aspecto bem cuidado, a relva fora aparada. O ar puro do campo trazia odores de cozinha infinitamente agradáveis. Todos, na casa, diziam: “Temos um

grande artista!”. O pequeno Vervelle rolava pelo parque como uma maçã, a filha serpenteava como uma enguia e a mãe os acompanhava com um passo nobre e digno. As três criaturas não deixaram Pedro Grassou durante sete horas. Após o jantar cuja duração igualou a suntuosidade, o sr. e a sra. Vervelle puderam dar seu grande golpe teatral, a abertura da galeria iluminada por lampiões de efeitos calculados. Três vizinhos, antigos comerciantes, um tio que tinha uma herança a deixar, chamados para a ovação ao grande artista, uma velha srta. Vervelle e os convivas acompanharam Grassou pela galeria, curiosos por saber sua opinião sobre a famosa galeria do pequeno Vervelle, que os importunava com o valor exorbitante dos quadros. O comerciante de garrafas dava a impressão de ter desejado rivalizar com o rei Luís Felipe e as galerias de Versailles. Os quadros, magnificamente emoldurados, tinham etiquetas onde se liam em letras pretas sobre um fundo dourado:

RUBENS

Dança de faunos e de ninfas.

REMBRANDT

Interior duma sala de dissecação. O dr. Tromp dando sua aula aos alunos.

Havia ali cento e cinquenta quadros, todos lustrosos, limpinhos, alguns cobertos com cortinas verdes que não se puxavam na presença das moças.

O artista permaneceu com os braços caídos, a boca aberta, sem palavras nos lábios, reconhecendo naquela galeria a metade de seus quadros: ele era Rubens, Paulus Potter, Mieris, Metz, Gérard Dow! Ele sozinho era vinte grandes mestres.

— Que tem? Está pálido!

— Filha, um copo d’água! — gritou a sra. Vervelle.

O pintor puxou o velho Vervelle pelo botão do casaco e levou-o a um canto, sob o pretexto de ver um Murilo. Os quadros espanhóis estavam então em moda.

— O senhor comprou esses quadros de Elias Magus?

— Sim, todos originais!

— Aqui entre nós, por quanto ele vendeu esses que vou designar?

Deram ambos uma volta pela galeria. Os convivas ficaram maravilhados com a seriedade com que o artista procedia, em companhia de Verville, ao exame das obras-primas.

— Três mil francos! — disse em voz baixa Verville, ao chegar ao último. — Mas digo que foram quarenta mil francos.

— Quarenta mil francos por um Ticiano? — repetiu o artista em voz alta. — Mas é de graça!

— Eu bem lhe disse, tenho cem mil escudos em quadros! — exclamou Verville.

— Eu sou o autor de todos esses quadros — disse-lhe Pedro Grassou ao ouvido — e não os vendi, todos juntos, por mais de dez mil francos...

— Prove-mo — disse o comerciante de garrafas — e duplicarei o dote de minha filha, pois, nesse caso, o senhor é Rubens, Rembrandt, Terburg, Ticiano!

— E Magus é um notável vendedor de quadros! — disse o pintor, que explicou o aspecto envelhecido de seus quadros e a utilidade dos assuntos que lhe encomendava o comerciante de quadros.

Longe de perder na estima de seu admirador, o sr. de Fougères, pois a família persistia em chamar desse modo Pedro Grassou, ganhou tanto que fez gratuitamente os retratos da família e naturalmente os ofereceu ao sogro, à sogra e à esposa.

Hoje, Pedro Grassou, que não perde nenhuma exposição, passa, na sociedade burguesa, por um bom pintor de retratos. Ganha uns doze mil francos por ano e gasta quinhentos francos em telas. Sua esposa recebeu seis mil francos de renda como dote e ele vive com o sogro e a sogra. Os Verville e os Grassou, que se dão maravilhosamente bem, têm carruagem e são as criaturas mais felizes do mundo. Pedro Grassou não sai dum círculo burguês onde é considerado um dos maiores artistas da época. Não se faz um retrato de família, entre a Barrière du Trône e a Rue du Temple, a não ser com o grande pintor, que não cobra menos de quinhentos francos. A grande razão dos burgueses para preferirem esse artista é a seguinte: “Digam o que quiserem, ele coloca vinte mil francos por ano no seu tabelião!”. Como Grassou se conduziu muito bem no motim de 12 de maio,^[470] foi nomeado oficial da Legião de Honra. É comandante de batalhão na guarda nacional. O museu de Versailles não

pôde deixar de encomendar uma batalha a tão excelente cidadão, que saiu a passear por toda Paris a fim de encontrar os antigos camaradas e dizer-lhes: “O rei me confiou uma batalha!”.

A sra. de Fougères adora o esposo, a quem deu dois filhos. O pintor, bom pai e bom esposo, não pode, contudo, afastar do coração um cruel pensamento: os artistas zombam dele, seu nome é uma palavra de desprezo nos ateliês, os folhetins não se ocupam de suas obras. Mas continua a trabalhar e encaminha-se para a Academia, onde acabará entrando. Além disso — vingança que lhe dilata o coração! —, compra quadros de pintores célebres que se encontram em dificuldades e substitui as más telas da galeria de Ville-de-Avray por verdadeiras obras-primas, que não são dele.

Conhecem-se mediocridades mais impertinentes e mais malévolas que a de Pedro Grassou, que, por outro lado, pratica anonimamente a caridade e é duma obsequiosidade perfeita.

Paris, dezembro de 1839

- [1] *Príncipe Alfonso Serafino di Porcia*: membro da aristocracia milanesa, camarista do imperador da Áustria; conheceu-o Balzac em maio de 1838, ao voltar da sua expedição à Sardenha (ver *A vida de Balzac*, vol. 1, p. 65 da presente edição) e em sua casa se hospedou durante algum tempo. Daí a evocação dos *boschetti* (“bosques”) de Milão, do seu famoso Domo e da Porta Renza. Os antigos contistas italianos, entre eles Boccaccio e Bandello, tinham o hábito das dedicatórias pomposas.
- [2] *Frascati*: café e sorveteria fundado por um napolitano deste nome na esquina do Boulevard e da Rue Richelieu durante o Diretório; depois se transformou em casa de jogo elegante, que existiu até 1837.
- [3] *Sra. du Châtelet*: precedentemente sra. de Bargeton, que fugiu com Luciano de Rubempré de Angoulême para Paris, onde o abandonou pouco depois. Depois de viúva, casou com o conde Sisto du Châtelet (*Ilusões perdidas*); noutras obras de *A comédia humana* Balzac o chama de barão.
- [4] *Essa atriz com a qual ele vivia*: Corália (*Ilusões perdidas*).
- [5] *Minha prima*: a sra. du Châtelet era prima da marquesa d’Espard; assim a identidade da mulher mascarada é revelada indiretamente.
- [6] *Sargines*: tipo de conquistador, personagem de uma comédia lírica de Monvel, *Sargines ou o discípulo do amor*, representada pela primeira vez em 1788.
- [7] *Duque de Navarreins*: personagem da alta-roda balzaquiana, pai da duquesa de Langeais.
- [8] *O galinheiro da tia Vauquer*: a pensão da sra. Vauquer, na Rue Neuve-Sainte-Geneviève; lá, Rastignac, quando estudante, conheceu a pobre Vitorina Taillefer, tornada milionária pelo falecimento do irmão, ocorrido em duelo com o coronel Franchessini, amigo de Vautrin (*O pai Goriot*).
- [9] *Des Lupeaulx*: personagem da alta-roda balzaquiana, político hábil e ambicioso, já encontrado em papéis secundários de vários romances (*A musa do departamento*, *Eugênia Grandet*).
- [10] *Florina*: atriz galante, amante e mais tarde esposa de Raul Nathan. — *Blondet e Finot*: protagonistas de *A comédia humana*, respectivamente crítico e diretor do jornal em que Luciano fez a sua estreia (*Ilusões perdidas*).
- [11] *Bertrand e Raton*: personagens de uma fábula de La Fontaine, *O macaco e o gato* (livro IX, fábula 16). O macaco Bertrand incita o gato Raton a tirar do fogo as castanhas, e come-as depois ele mesmo.
- [12] *Aladim ou a lâmpada maravilhosa*: título de um dos contos de *As mil e uma noites* (e de uma ópera de Etienne e Isouard, tirada do conto e representada pela primeira vez em 1822). Nessa história, Aladim, filho vadio de um alfaiate, encontra num subterrâneo uma lâmpada maravilhosa; bastava esfregá-la para que aparecessem uns gigantes prontos a executar todas as vontades do possuidor.
- [13] *Alceste e Filinto*: personagens de *O misantropo*, de Molière, de caracteres opostos. O primeiro, franco e intransigente, mostra-se inflexível com as fraquezas de seus semelhantes; o segundo, homem de índole indulgente, desculpa sempre as imperfeições alheias e procura o apaziguamento.
- [14] *Lousteau e Vernou*: protagonistas de *A comédia humana*, jornalistas e críticos de talento malbaratado e sem moralidade (*Ilusões perdidas*). O primeiro aparece também em *A musa do departamento*, como sedutor da sra. de la Baudraye.
- [15] *D’Arthez*: escritor e político de grande força moral, uma das encarnações e portavozes do próprio Balzac.
- [16] No texto francês há um trocadilho baseado nos homófonos *Finot* e *finaud* (“esperto” e “finório”).
- [17] *Quibuscumque viis* (em latim): “por quaisquer meios”.
- [18] *Fuge, late, face* (em latim): “foge, esconde-te, cala-te”.
- [19] *Bixiou*: protagonista de *A comédia humana*, caricaturista espirituoso e mistificador

de talento, cujo começo vimos em *Um conchego de solteirão*.

- [20] *As metamorfoses*: obra do poeta latino Ovídio (43 a.C.-16 d.C.), que contém quase todas as lendas da mitologia. O assunto de cada uma destas é alguma transformação ou metamorfose miraculosa, de pessoas em astros, bichos, plantas, pedras etc. Para entendermos o chiste, é preciso lembrarmo-nos de que o nome de família de Luciano, Chardon, tem o sentido de “cardo”. — Carlos X reinou de 1824 a 1830. A ação deste romance inicia-se em 1824.
- [21] A respeito do romance de Luciano, *O arqueiro de Carlos IX*, e de seus sonetos, *Boninas*, comprados, mas ainda não publicados pelo editor Dauriat, ver *Ilusões perdidas*. — *Petrarca*: Francesco Petrarca (1304-1374), grande poeta e humanista italiano, famoso sobretudo por seus sonetos, considerados modelos do gênero.
- [22] *Lointier*: restaurante elegante da Rue de Richelieu.
- [23] *Scapin*, *Sganarello*, *Frontin*: personagens da comédia dos séculos XVII e XVIII, todos representantes do mesmo tipo, o criado velhaco e intrigante.
- [24] *Nathan*: personagem de *A comédia humana*, protagonista de *Uma filha de Eva*.
- [25] *Condessa du Barry* (1743-1793): favorita de Luís XV, morreu decapitada no período do Terror. — *Ninon de Lenclos* (1620-1705): dama galante de espírito e beleza igualmente notáveis, recebia em seu salão as personagens mais ilustres da época. — *Marion Delorme* (1611-1650): não menos famosa pelas suas aventuras galantes, é protagonista de um drama de Victor Hugo. — *Impéria* (1455-1511): cortesã italiana muito celebrada em Roma durante os pontificados de Júlio II e de Leão X. — *Flora*: célebre cortesã romana, amada por Pompeu, o Grande, assim como por Cecílio Metelo, que lhe fez erguer a estátua no templo de Castor e Pólux. (Sainte-Beuve fez observar que Marion Delorme viveu no século XVII e não no século XVI, como afirma Blondet, ao que Jean Vignaud objeta que não é Balzac quem fala, mas sim uma personagem dele, por sinal um jornalista superficial.) — *Horácio* (65-8 a.C.), *Tíbulo* (54-19 a.C.), *Catulo* (87-54 a.C.), *Propércio* (47-15 a.C.): poetas romanos, autores, todos, de poesias amorosas. — *Demétrio*: Demétrio Poliorcetes (336-282 a.C.), um dos sucessores de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.); apaixonou-se pela cortesã ateniense Lâmia, por quem cometeu prodigalidades loucas.
- [26] *Débats: Journal des Débats*, primitivamente simples registro das assembleias revolucionárias; durante a Restauração, tornou-se órgão do Centro-Esquerda, de tendências semiliberais; notável pelo seu tom sério e enfático.
- [27] *Lais e Ródope*: famosas cortesãs gregas, uma do século V e outra do século VI a.C. A segunda, conforme a lenda, casou-se com um faraó.
- [28] *Sra. Tallien* (1773-1835): mulher de grande beleza, em solteira Teresa Cabarrús, esposa, primeiro, do marquês de Fontenoy e, depois, do convencional Tallien, que se apaixonou por ela quando ia julgá-la entre outros prisioneiros suspeitos; moderou o rigor excessivo do marido e animou-o, em seguida, a chefiar o movimento contra Robespierre; depois da morte de Tallien, tornou-se princesa Chimay.
- [29] *A mãe da Torpedo*: Sara van Gobseck, também prostituta, que levou à falência Roguin, tabelião de César Birotteau.
- [30] *Du Tillet*: protagonista de *A comédia humana*, que de caixeiro de César Birotteau se tornou rico e banqueiro.
- [31] Finot é filho de um pobre chapeleiro da Rue du Coq.
- [32] *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), autor da *Vida inestimável de Gargântua e dos Feitos e ditos heroicos do grande Pantagruel*.
- [33] *Máximo de Trailles*: protagonista de *A comédia humana*, aventureiro que arruinou a condessa de Restaud (*Gobseck*).
- [34] *Carême*: Marie-Antoine Carême (1784-1833), ilustre cozinheiro que serviu a Talleyrand, a Rotschild e ao imperador da Rússia; autor de várias obras sobre

gastronomia.

- [35] *Taglioni*: Marie Taglioni (1804-1884), célebre bailarina.
- [36] *Lawrence*: Thomas Lawrence (1769-1830), grande retratista inglês.
- [37] *Boulle*: André Charles Boulle (1642-1732), famoso marceneiro.
- [38] *Condessa de Sérisy*: dama da alta-roda balzaquiana, conhecida por suas aventuras galantes, que muito fizeram sofrer ao conde de Sérisy, ministro de Estado incuravelmente apaixonado pela sua mulher.
- [39] *Gian Bellini*: Giovanni Bellini (1429-1516), ilustre pintor veneziano, mestre de Giorgione e Ticiano, autor de madonas e outros quadros de assuntos religiosos.
- [40] *Hoffmann, o Berlinesse*: Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1766-1822), um dos mestres do romantismo alemão, cujos contos fantásticos e lúgubres exerceram manifesta influência sobre os *Estudos Filosóficos*, de Balzac.
- [41] *Grisette*: palavra que designava qualquer moça de origem modesta obrigada a trabalhar; o nome era primitivamente o de um tecido barato, de cor cinzenta, de que essas moças se trajavam de preferência.
- [42] *Ternaux*: Guillaume-Louis Ternaux (1763-1833), político e fabricante de tecidos que procurou aclimatar na França as cabras do Tibete para poder fabricar xales parecidos com os da Índia, denominados “casimiras de Ternaux”.
- [43] *Uma ratinha*: nome que no século XIX se dava às meninas novas da Ópera “que se destinavam à dança e figuravam nas fileiras, nos voos, nas apoteoses e outras situações em que sua pequena estatura se podia explicar pela perspectiva; assim chamadas pela sua pequenez e por seu apetite devorador. Sua idade varia de oito a quinze anos”. Corrompidas e ingênuas ao mesmo tempo, conhecendo bem cedo a devassidão, algumas delas acabavam como grandes bailarinas, porém a maioria mergulhava na prostituição.
- [44] *Sra. Meynardie*: personagem balzaquiana, dona de um prostíbulo.
- [45] *Zurbarán*: Francisco de Zurbarán (1598-1664), pintor espanhol, autor de quadros de assuntos religiosos.
- [46] *Cétego*: tenente de Catilina, executado em 63 a.C. — Todas essas personagens históricas tinham cortesãs como amantes.
- [47] *Vênus Calipígia*: “a Vênus de belas nádegas”, preciosa estátua antiga no Museu de Nápoles.
- [48] *Duquesa de Berry* (1798-1870): personagem real, filha de Francisco I de Nápoles, esposa do duque de Berry, segundo filho de Carlos X, assassinado em 1820.
- [49] Acerca deste trecho, Balzac anota no Prefácio de *Uma filha de Eva* (1839): “Há certa frase de um retrato da Torpedo, por exemplo, que pode ter custado uma noite de trabalho, a leitura de vários volumes e que talvez levante grandes questões científicas. Pensam que não foi este o caso desta página: ‘somente as raças vindas dos desertos ...’ etc.?”.
- [50] Alusão ao Estado teocrático fundado pelos jesuítas no começo do século XVIII às margens do rio Paraguai.
- [51] *Jefé*: um dos juízes de Israel, que, antes de atacar os amonitas, fez a imprudente jura de oferecer a Deus em holocausto a primeira pessoa que o viesse cumprimentar após a vitória. Como foi sua própria filha que lhe veio ao encontro, teve de sacrificá-la.
- [52] *Puritãos da América* ou, melhor, *O puritano de América*: romance de Fenimore Cooper (1827), quadro do começo da história americana, em que o autor apresenta seus patrióticos disputando aos índios o território de Massachusetts, Connecticut e Rhode Island.
- [53] Sainte-Beuve, ao censurar Balzac por citar frequentemente de oitiva, deu como exemplo essa frase da sra. de Maintenon (favorita de Luís XIV), a qual, na realidade, teria dito: “*Ils sont comme moi, ils regrettent leur bourbe*”, “são como eu, têm saudade de seu lodo”.

- [54] *Habeneck*: François-Antoine Habeneck (1781-1849), violinista e chefe de orquestra francês.
- [55] *Messalina*: primeira esposa do imperador romano Cláudio, famosa por sua devassidão; executada em 48.
- [56] *Rocher de Cancale*: conhecido restaurante parisiense da época, frequentado pela alta-rodas; cenário de um luxuoso banquete oferecido por Jorge Marest (*Uma estreia na vida*).
- [57] *Fernando VII, el-Rey neto*, com o seu despotismo provocou a revolução liberal de 1820, que o forçou a outorgar a Constituição: ao cabo de três anos, porém, quebrando o juramento, chamou em seu auxílio um exército francês comandado pelo duque de Angoulême, o qual derrubou as cortes e restaurou o regime absolutista.
- [58] *Richelieu*: Cardeal Armand-Jean du Plessis, duque de Richelieu (1585-1642), primeiro-ministro de Luís XIII. Ocupando a cidadela protestante de La Rochelle, acabou com as guerras de religião; quebrou o poder excessivo da nobreza, inclusive o da rainha-mãe Maria de Médicis; reforçou o poder real, restabeleceu o prestígio da França no exterior, realizou importantes reformas econômicas, jurídicas e culturais. Morreu pouco tempo depois de ter feito prender e executar Cinq-Mars e De Thou, que organizaram uma conspiração contra ele.
- [59] *Mazarin*: Jules Mazarin (1602-1661), diplomata de habilidade excepcional, homem de confiança de Richelieu, que o fez nomear cardeal e ao morrer, em 1642, o recomendou a Luís XIII como seu sucessor; primeiro-ministro de Luís XIII, Ana de Áustria e Luís XIV. Durante muitos anos teve de lutar ao mesmo tempo contra o Parlamento, o povo, a nobreza e os inimigos de fora; duas vezes, em 1651 e 1652, foi obrigado a deixar a França, mas em 1653 conseguiu retomar o poder definitivamente. Seus maiores títulos de glória foram a assinatura do tratado dos Pireneus com a Espanha (1659) e a conclusão da linha defensiva do Reno. Contentava-se de aprisionar seus inimigos vencidos em vez de matá-los, “substituindo o cadafalso pela Bastilha”. (Sainte-Beuve achava completamente despropositada essa comparação entre Mazarin e Richelieu, o qual, dizia, não morreu “na flor de seu prestígio”, como pretendia Balzac.)
- [60] Trata-se do capuchinho François le Clerc du Tremblay (1577-1638), mais conhecido pelo nome de padre Joseph, colaborador e confidente de Richelieu e a quem seus inimigos apelidaram de Eminência Parda.
- [61] *Choiseul*: duque Étienne-François de Choiseul (1719-1785), diplomata francês; nomeado embaixador da França em Roma, depois ministro do Exterior e da Guerra, graças ao apoio da Pompadour, favorita de Luís XV; primeiro-ministro sem o ser nominalmente, realizou reformas úteis, aumentando o prestígio europeu de seu país; caiu em desgraça por não ter agradado à sra. du Barry, a nova favorita.
- [62] *Cinq-Mars*: marquês Henrique de Cinq-Mars (1620-1642), favorito de Luís XIII, enforcado com o amigo De Thou por ter conspirado contra Richelieu e recorrido, contra ele, ao apoio da Espanha.
- [63] *A Fornarina*, a linda amante e modelo de Rafael, era uma moça do povo, filha de um padeiro de Roma; acusam-na de ter apressado, com o seu amor, a morte do pintor.
- [64] *Talma*: François-Joseph Talma (1763-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão. A tragédia *Mânlio*, de Lafosse (1698), no gênero de Corneille, voltou a ser popular na época do Romantismo graças à interpretação dele.
- [65] *Carolina Bellefeuille*, cujo verdadeiro nome era Crochard, foi amante do conde de Granville, procurador-geral do Reino, que a abandonou ao descobrir que ela lhe era infiel (*Uma dupla família*).
- [66] *Carême*: ver a nota 34.

- [67] *Monrose*, cujo verdadeiro nome era Claude Barizain, estreou na Comédie Française em 1815; tornou-se conhecido nos papéis de criado intrigante das peças de Lesage e de Marivaux.
- [68] *Madelonnettes*: nome dado a uma congregação de raparigas arrependidas, dirigida pelas Irmãs da Visitação.
- [69] *Locusta*: famosa envenenadora romana, de quem se serviram Agripina contra Cláudio e Nero contra Britânico; executada por ordem de Galba em 68.
- [70] *Paulo e Virgínia*: título e nome dos protagonistas de um romance idílico de Bernardin de Saint-Pierre (1787).
- [71] *O homem que inventou a teoria das bossas*: Franz Joseph Gall (1758-1828), o fundador da frenologia ou teoria das localizações cerebrais. Segundo essa teoria, combatida pelos cientistas da época e definitivamente rejeitada depois, mas que Balzac aceitava e aplicava às personagens de seus romances, as faculdades e os instintos teriam sua sede em pontos determinados do encéfalo, de forma que se lhes poderia determinar a existência e o desenvolvimento no indivíduo vivo segundo as saliências correspondentes do crânio.
- [72] *De Marsay*: protagonista de *A comédia humana*, dândi e aventureiro que chega a presidente do Conselho; “ser duro e sarcástico que só no mal se sentia bem, como as mulheres turcas no banho”.
- [73] *Srta. des Touches*: personagem balzaquiana, escritora para cuja figura Balzac se inspirou em George Sand; conhecemo-la como protagonista de *Beatriz*.
- [74] *Beaudenord*: personagem de *A comédia humana*; membro destacado da mocidade aristocrática, era um dos reis da moda masculina, mas foi arruinado por Nucingen (*A Casa Nucingen*).
- [75] *A duquesa de Maufrigneuse*, que mais tarde se tornou princesa de Cadignan, é uma das grandes damas levianas de *A comédia humana*; conhecemos a história de sua ligação com Virtuniano d’Esgrignon (*O gabinete das antiguidades*), assim como a sua última aventura com D’Arthez (*Os segredos da princesa de Cadignan*).
- [76] Já conhecemos a *duquesa de Grandlieu* do romance *Beatriz*, onde se conta o casamento de outra filha sua, Sabina, com Calisto du Guénic.
- [77] *Barão de Nucingen*: um dos protagonistas de *A comédia humana*; banqueiro inescrupuloso, fez sua fortuna enorme por meio de golpes, arruinando grande número de seus fregueses (*A Casa Nucingen*); casado com Delfina Goriot (*O pai Goriot*).
- [78] *Reinganum*: nome que não se conseguiu identificar e que não parece alemão. Trata-se talvez de um erro de transcrição de Balzac.
- [79] Nascido na Alsácia, o barão de Nucingen nunca perdeu o seu sotaque alemão. Balzac se diverte em figurar-lhe sistematicamente a pronúncia.
- [80] *Gentz*: Friedrich von Gentz (1764-1832), publicista e diplomata austríaco, a “eminência parda” de Metternich e o verdadeiro organizador de todos os congressos da Santa Aliança; já velho, apaixonou-se pela bailarina Fanny Elssler, quarenta e seis anos mais moça do que ele.
- [81] *Desplein*: personagem balzaquiana, ilustre cirurgião; conhecemos a história de sua estreia difícil em *A missa do ateu*.
- [82] *Keller*: um dos dois irmãos banqueiros deste nome, a quem conhecemos em *César Birotteau*.
- [83] *Conde de Gondreville*: personagem balzaquiana, protagonista de *Um caso tenebroso*.
- [84] *Cavaleiro d’Espard*: cunhado da marquesa d’Espard, já encontrado em *A interdição*.
- [85] *Dr. Bianchon*: um dos protagonistas de *A comédia humana*, médico, a cuja formação assistimos em *O pai Goriot* e em *A missa do ateu*.
- [86] *Conti*: personagem de *A comédia humana*, amante da srta. des Touches e, depois, da marquesa de Rochefide (*Beatriz*).
- [87] *A irmã e o seu cunhado de Angoulême*: alusão a Eva Chardon, irmã de Luciano, casada

com David Séchard, ambos protagonistas de *Ilusões perdidas*.

[88] *Loup-cervier*: é sinônimo em francês de “lince”. Pode ser traduzido por “lobocerval”, tradução encontrada no título do capítulo xv (p. 108). Em francês, a expressão pode ser usada para descrever uma pessoa que lembre o animal, como o próprio Balzac o fez em relação ao personagem Adolfo (em *História da grandeza e da decadência de César Bixiou*, volume 8 da edição de *A comédia humana*). E, em sentido figurado e pejorativo, designa um financista rapace e pouco escrupuloso, um agiota; foi essa a tradução em geral escolhida. Na revisão substitui-se por lobocerval, procurando trazer de volta a expressão utilizada, várias vezes pelo narrador, para referir-se ao banqueiro Nucingen.

[89] *Quid me continebit?* A tradução literal desta divisa latina é: “Que é que me reterá?”.

[90] *Pintou com um gesto o suicídio de um homem que se afoga*: alusão à cena de *Ilusões perdidas* em que Carlos Herrera encontrou Luciano prestes a atirar-se n’água.

[91] *Alter ego* (em latim): “outro eu”.

[92] *Coignard*: conde de Santa Helena, Pierre Coignard, famoso aventureiro condenado a catorze anos de galés em 1802, evadido em 1805. Com o auxílio de documentos falsos, alistou-se no exército de Napoleão, chegando a chefe de batalhão. Várias vezes condecorado, foi nomeado, durante a Segunda Restauração, coronel de Gendarmaria. Ao mesmo tempo, continuava mantendo ligações com seus antigos companheiros e chefiando um bando de ladrões. Reconhecido por um ex-galé numa parada militar, foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Casos como este inspiraram *Os miseráveis*, de Victor Hugo.

[93] *Tartufo*, o hipócrita devasso na comédia deste nome, de Molière, finge devoção, insinua-se na simpatia de Orgon, instala-se-lhe em casa, mete-se em todos os seus negócios e tenta seduzir-lhe a mulher, Elmira, prometendo-lhe o segredo.

[94] *Seid*: escravo e primeiro adepto de Maomé.

[95] *Incedo per ignes!* (em latim): “caminho através das chamas”.

[96] *Caveo non timeo* (em latim): “acautelo-me, não tenho medo”.

[97] *Grands faits, grand lieu*: “grandes fatos, grande lugar”.

[98] Em *Gobseck* o escritor nos contou como Derville recuperou a fortuna dos Grandlieu.

[99] Os *D’Ajuda* ou *d’Ajuda Pinto*, personagens de *A comédia humana*, são as únicas personagens portuguesas de Balzac. O marquês Miguel d’Ajuda Pinto foi amante da sra. de Beauséant, a quem abandonou para casar com Berta de Rochefide (*O pai Goriot, A mulher abandonada*).

[100] O irmão de Luís XVIII era o conde d’Artois, seu sucessor sob o nome de Carlos x, de tendências bem mais reacionárias e absolutistas.

[101] A história deste casamento é contada em *Beatriz*.

[102] *Houmeau*: nome de um bairro pobre de Angoulême.

[103] Os *Chaulieu*, os *Navarreins*, os *Lenoncourt*: três famílias da alta aristocracia inventadas por Balzac.

[104] *Baronesa de Macumer*: em solteira Luísa de Chaulieu, heroína de *Memórias de duas jovens esposas*.

[105] *Sra. de Camps*: protagonista do conto “A Sra. Firmiani”.

[106] Personagens balzaquianas, todas, já encontradas em diversas partes de *A comédia humana*: o duque de Rhétoré, em *Memórias de duas jovens esposas*; os Vandenesse, em *Uma filha de Eva* e *Uma estreia na vida*, o vidama de Pamiers, em *Ferragus* etc.

[107] *Armand*: Armand Roussel, ator da Comédie Française de 1798 a 1830.

[108] A *Congregação* foi fundada em 1801 pelo ex-jesuíta Delpuits, com o objeto declarado de defender a fé e os bons costumes; fechada por Napoleão, reorganizada em 1814, cada vez mais forte pela adesão de personalidades influentes, a Congregação teve fim com a queda de Carlos x.

[109] *Mestre Jacques*: personagem de *O avaro*, de Molière, a qual acumula as funções

de cocheiro e cozinheiro de Harpagon; o termo designa um factótum. O “mestre Jacques de Carlos x” foi o conde de Villèle, primeiro-ministro de 1821 a 1828.

[110] *Conde Otávio de Bauvan*: personagem balzaquiana, protagonista de *Honorina*.

[111] O falecimento do barão de Macumer é contado em *Memórias de duas jovens esposas*.

[112] *Sainte-Pélagie*: antiga prisão de Paris, na Rue de la Clef, a qual, na época de Balzac, tinha uma seção para devedores insolventes

[113] A história deste processo foi contada em *A interdição*.

[114] *La Gazette des Tribunaux*: jornal que reproduzia as sessões dos tribunais.

[115] *Turcaret*: título de uma comédia de Lesage (1709) e nome do protagonista, lacaio elevado a homem de negócios, que engana os outros mas é também enganado.

[116] *Figaro*, *Mascarille*, *Frontin*, *Lafleur*: tipos do criado astuto e intrigante nas comédias, respectivamente, de Beaumarchais, Molière, Marivaux e Dancourt.

[117] *Diógenes*: filósofo grego (413-327 a.C.), fundador da escola cínica, famoso por seu desleixo; andava sempre descalço, usava uma veste única e alojava-se num tonel.

[118] *Temple*: o Boulevard du Temple era o centro do comércio das roupas usadas.

[119] *Frédéric Lemaître* (1800-1876): famoso ator, de estatura atlética, que representava magistralmente as grandes paixões e era conhecido pela sua habilidade na caracterização; habilidade esta que custaria caro a Balzac, pois sua peça *Vautrin* (1840) foi proibida depois da primeira representação, por ter-se caracterizado Frédéric, no papel de protagonista, como Luís Felipe. — *Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), Duque de Otranto, ministro da Polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos.

[120] *A máquina infernal* a que se alude aqui foi colocada em 24 de dezembro de 1800 na Rue Saint-Nicaise por dois emigrados, Carbon e Saint-Régeant, com o intuito de matar Napoleão, então primeiro-cônsul.

[121] *Camusot*: comerciante de sedas, muito rico, que manteve Corália (*Ilusões perdidas*). — *José Lebas*: comerciante, presidente do Tribunal de Comércio. — *Pillerault*: dono de uma loja de ferragem, amigo de César Birotteau. — *Anselmo Popinot*: caixeiro e genro de César Birotteau. — *Molineux*: proprietário no romance *História da grandeza e da decadência de César Birotteau*. — *Guillaume*: dono da loja de tecidos Ao “Chat-qui-pelote”.

[122] *Vitélia*: imperador romano, que reinou oito meses em 69 e se tornou famoso pela sua fria crueldade.

[123] *Gaudissart*: personagem balzaquiana, cuja história ulterior é contada em *O ilustre Gaudissart*. Apareceu, também, em *Ilusões perdidas*.

[124] *Lenoir* e *Albert*: últimos titulares do cargo de intendente-geral da polícia, o primeiro dos quais deu prova de grandes qualidades administrativas.

[125] *Force*: prisão de Paris, situada na Rue Payenne e na Rue des Ballets.

[126] *A expedição de Walcheren* (ilha do arquipélago holandês) foi realizada depois da batalha de Wagram por um exército inglês que ali desembarcou em 30 de julho de 1809, ocupou Flessingen, mas teve de voltar à Inglaterra dois meses depois. — *Cambacérès*: Jean-Jacques de Cambacérès (1753-1824), um dos redatores do Código Civil, arquichanceler do Império.

[127] Após a batalha de Essling (21 de maio de 1809), Napoleão ficou preso com todo o seu exército na ilha de Lobau durante uns quarenta dias, até que, aproveitando a tempestade, conseguiu atravessar o Danúbio e enfrentar o exército austriaco na batalha de Wagram, em 5 e 6 de julho do mesmo ano.

[128] *Orestes* e *Píldes*: personagens da mitologia grega, cuja amizade se tornou proverbial.

[129] *Vien*: Joseph-Marie Vien (1716-1809) foi o mestre de *Louis David*, pintor de Napoleão, chefe da escola clássica.

- [130] Ver *Um caso tenebroso*. (Nota de Balzac.)
- [131] Ver *A Bretanha em 1799*. (Nota de Balzac.)
- [132] *Duque de Rovigo*: René Savary (1774-1833), general de Napoleão, vencedor da batalha de Ostrolenka; depois ministro da Polícia.
- [133] *Vidocq*: ver Introdução.
- [134] O *Círculo dos Estrangeiros*, na Rue Grange-Batelière, era conhecido pelo seu restaurante e seu salão de jogos.
- [135] A Revolução de Julho de 1830 afastaria do trono Carlos x, irmão e sucessor de Luís XVIII, e provocaria a ascensão do ramo secundogênito dos Bourbon na pessoa de Luís Felipe.
- [136] *Le Courrier Français*: jornal liberal, fundado em 1819, que combatia o governo da Restauração com muito vigor.
- [137] *Véry*: café e restaurante fundado em 1805 na Terrasse des Feuillants, transferido em 1808 para o Palais-Royal; ponto de reunião dos *gourmets* da época.
- [138] *O Caso do Colar*, um dos mais famosos da crônica judiciária, deu-se pouco antes da Revolução Francesa e contribuiu muito para a impopularidade de Maria Antonieta, por ordem de quem o cardeal de Rohan pretendia ter comprado um colar com mais de quinhentos diamantes. Nesse caso complicado (do qual demos um breve histórico na nota 2 de *A solteirona*, no volume 6 da presente edição), o cardeal foi embrulhado por uma prostituta de nome Oliva, a qual se disfarçou em Maria Antonieta.
- [139] *Bellart*: Nicolas de Bellart (1761-1826), procurador-geral na época do Terror Branco; fez-se notar pela sua violência como acusador do marechal Ney e do conde de La Valette.
- [140] *Schmuke*: protagonista de *A comédia humana*, amigo de Pons (*O primo Pons*) e professor de música das srts. de Granville (*Uma filha de Eva*) e de Úrsula Mirouët.
- [141] *Epicteto*: filósofo estoico do século I d.C., escravo de um liberto de Nero; suportou as crueldades do seu amo com admirável resignação.
- [142] Ver *O avesso da história contemporânea*. (Nota de Balzac.)
- [143] *Élysée Bourbon*: residência, durante a Restauração, do duque de Berry; atualmente, do presidente da República.
- [144] No *Palais-Royal* havia, nessa época, várias casas de jogo; uma delas é descrita em *A pele de onagro*.
- [145] *Giafar*: personagem de *As mil e uma noites*, alma danada do califa Harum-al-Rachid.
- [146] *Creso* (século VI a.C.): último rei da Lídia, famoso por suas riquezas; em sentido figurado, milionário.
- [147] *Mabille*: salão de dança e *music-hall* fundado em 1840, de grande popularidade.
- [148] O estofador *Braschon*, personagem balzaquiana, executou trabalhos caros na residência de César Birotteau, que não pôde pagar-lhe.
- [149] Ver *Um caso tenebroso*. (Nota de Balzac.)
- [150] *Jorge Maria d'Estourny*: espertalhão que raptou Betina Carolina, a filha mais moça de Carlos Mignon, e depois abandonou-a inescrupulosamente (*Modesta Mignon*).
- [151] Depois das eleições de novembro de 1827, favoráveis à oposição liberal, o conde de Martignac substituiu o conde de Villèle na presidência do Conselho; uma de suas primeiras medidas foi o afrouxamento do regime draconiano de restrições à imprensa.
- [152] *Cérizet*: personagem de *A comédia humana*, antigo tipógrafo de Angoulême que traiu o seu chefe David Séchard a seus concorrentes, os irmãos Cointet, auxiliados pelo solicitador Petit-Claud.
- [153] *Ninon*: Ninon de Lenclos (ver a nota 25) conservou escrupulosamente o valioso depósito que Gourville, um de seus amantes, lhe confiara antes de partir em viagem.

- [154] *Gobseck* e *Gigonnet*: dois usurários, personagens de *A comédia humana*.
- [155] *Túlia, Florina, Marieta, Du Val-Noble*: prostitutas de luxo, personagens de *A comédia humana*.
- [156] *Juvenal* (60-125): poeta latino que, em suas *Sátiras*, fustigava energicamente os vícios da sociedade romana.
- [157] *Messalina*: ver a nota 55 da Primeira Parte.
- [158] *Gymnase*: *Gymnase Dramatique*, teatro de *vaudevilles*, inaugurado em 1820.
- [159] *Sainte-Pélagie*: ver a nota 112 da Primeira Parte.
- [160] *D'Aldrigger*: personagem balzaquiana. banqueiro alsaciano a quem Napoleão fez barão e que se arruinou por haver confiado demais na sorte do imperador. Parte dos restos de sua fortuna foi dilapidada pela dissipação da mulher. Foi chefe e benfeitor de Nucingen (*A Casa Nucingen*).
- [161] *Dupont*: Carolina Dupont (1794-1864), atriz que desempenhou sobretudo os papéis de criada nas comédias de Marivaux.
- [162] *Desroches*: personagem de *A comédia humana*, solicitador astuto e pouco escrupuloso; aconselhou Felipe Bridau quando este partiu para Issoudun (*Um conchego de solteirão*) e a marquesa d'Espard no processo que esta intentou contra o marido (*A interdição*).
- [163] A história da fortuna de Nucingen foi contada em *A Casa Nucingen* (vol. 8).
- [164] *Mandrin*: Louis Mandrin, chamado “o rei dos contrabandistas”, que praticou o contrabando entre a Savoia e a França no século xvii. Preso a custo, foi condenado ao suplício da roda e executado em 1755.
- [165] *Jacques Coeur* (fim do século xiv-1456): financista e banqueiro de grande talento, concorrente de Veneza no comércio com o Oriente; emprestou dinheiro a vários príncipes até que a sua imensa fortuna despertou a inveja de Carlos vii, que o espoliou; só conseguiu salvar a vida graças à intervenção do papa. — *Os Médicis*: ilustre e rica família de patrícios, que reinou em Florença nos séculos xv e xvi. — *Jean Anjo*: rico armador sob Francisco i; preparou por conta própria uma expedição contra Portugal. — *Os Aufredi*: família rica de armadores, de La Rochelle. — *Os Fugger*: poderosa família de banqueiros alemães, que em 1535 obteve o direito de cunhar moeda; financiou as guerras de Carlos v. — *Os Tiepolo*: rica família veneziana, que deu dois doges. — Os *Corner* ou *Cornaro*: rica família de patrícios de Veneza.
- [166] *A Carta Constitucional* foi outorgada por Luís xviii em 4 de junho de 1814. Embora baseado na soberania real, esse documento não pôde anular certas conquistas da Revolução, como a igualdade dos cultos, a igualdade de todos os franceses perante a lei, sua elegibilidade para todos os empregos, a venda dos bens nacionais etc.
- [167] *Casamento de Fígaro*: comédia de Beaumarchais (1784), em que a aristocracia é objeto de forte sátira. — *Tartufo*: comédia de Molière (1667), dirigida contra a hipocrisia. — *Turcaret*: ver a nota 115 da Primeira Parte.
- [168] *Os irmãos Falleix*: personagens de *A comédia humana*, banqueiros que já apareceram em *A Casa Nucingen*. — *Júlio Desmarests*: protagonista de *Ferragus*.
- [169] *Sra. du Val-Noble*: a costureirinha Susana, que conhecemos em Alençon, como protegida do cavaleiro Valois (*A solteirona*).
- [170] *D'Estourmy*: ver a nota 150 da Primeira Parte.
- [171] Foi esta a situação que Vautrin criou para Rastignac, provocando a morte de Taillefer filho; Rastignac, porém, mostrou-se mais escrupuloso do que Luciano e não se aproveitou das vantagens que se lhe ofereciam num casamento com Vitorina Taillefer (*O pai Goriot*).
- [172] *Angélica e o jogador*: personagens da peça *O jogador*, de Regnard (1696).
- [173] *O arquiteto Grindot*: personagem de *A comédia humana*; foi quem restaurou a residência de César Birotteau. Trabalhou também no castelo de Presles para o

conde de Sérisy (*Uma estreia na vida*), assim como para o casal Du Ronceret (*Beatriz*).

- [174] *José Bridau*: protagonista de *A comédia humana*, grande pintor; já encontrado em *Um conchego de solteiro*.
- [175] *Tome o meu urso*: réplica, tornada famosa, da *vaudeville O urso e o paxá*, de Scribe, representada pela primeira vez em 1820. O urso simboliza qualquer objeto insólito de substituição.
- [176] *Sra. Comuel*: em solteira Anne-Marie Bigot (1605-1694), dama espirituosa cujo salão era frequentado pelos escritores e sábios do século xvii.
- [177] *Zamet*: Sebastiano Zamet (1549-1614), financista italiano; de simples sapateiro tornou-se uma das maiores capacidades financeiras, banqueiro e íntimo de Henrique iv.
- [178] *Príncipe de Ligne*: príncipe Charles-Joseph de Ligne (1735-1814), general belga a serviço da Áustria; autor famoso por seu espírito. — *Mazarin*: ver a nota 59 da Primeira Parte. — *Diderot*: Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor, ideador da *Enciclopédia*, considerado um dos espíritos mais brilhantes da sua época.
- [179] *Frontin*: ver a nota 23 da Primeira Parte.
- [180] *Garat*: funcionário do Banco da França, que assinava as cédulas.
- [181] *Srta. Lenormand*: Marie-Anne-Adélaïde Lenormand (1772-1843), célebre cartomante; segundo a tradição, predisse a Joséphine de Beauharnais seu casamento com um futuro imperador.
- [182] *Ramponneau*: taberna equívoca da Paris do século xviii, frequentada por pessoas da alta-roda.
- [183] *Panurge*: um dos protagonistas do *Pantagruel* de Rabelais.
- [184] O dr. Castaigne, um dos criminosos mais famigerados da época, envenenou dois amigos para herdar-lhes os bens.
- [185] *Uma atitude de Semíramis*: provável alusão à ópera de Rossini, deste título, representada pela primeira vez em 1825.
- [186] *Uma rainha de Sabá*: alusão a Balkis, rainha de Sabá, a qual, segundo a Bíblia, ao ouvir falar da sabedoria de Salomão, foi visitá-lo.
- [187] *Maria Stuart* (1542-1587): filha de Jaime v, rei da Escócia, e de Maria de Guise; rainha da Escócia e, por seu casamento com Francisco i, da França; viúva em 1560, voltou à Escócia, onde teve de enfrentar a Reforma e os partidários de Isabel, rainha da Inglaterra. Seu casamento com Bothwell, assassino de seu segundo marido, Darnley, provocou uma insurreição que a forçou a abdicar. Refugiada na Inglaterra, onde, por ordem de sua rival, foi presa, condenada à morte e executada após dezoito anos de cativeiro.
- [188] *Robert d'Arbrissel* (1047-1117): teólogo, fundador de uma ordem religiosa; em 1091 retira-se à floresta de Craon, onde, durante vários anos, vive de raízes e de plantas. Em 1096 funda, com um grupo de penitentes, o convento da Roë.
- [189] *Os puritanos: Os puritanos da Escócia*; ópera tirada do romance de Walter Scott, com letra de Pepoli e música de Bellini, representada em 1835. Nela a srta. Amigo representava o papel de Henriqueta de França, viúva de Carlos i, da Inglaterra.
- [190] *Sra. Thomas*: personagem real, modista instalada na rue des Filles Saint-Thomas.
- [191] *Sra. Prévôt*: personagem real, florista que tinha loja na Rue Richelieu.
- [192] *Chevet*: personagem real, negociante de comestíveis estabelecido na galeria envidraçada do Palais-Royal e fornecedor da Corte. — *Rocher de Cancale*: ver a nota 56 da Primeira Parte. — *Revista dos Dois Mundos*: alusão pilhérica à *Revue des Deux Mondes*, adversária de Balzac.
- [193] O sistema fourierista foi exposto no *Tratado de Associação Doméstica e Agrícola* (1822), de Charles Fourier (1772-1837); sua base é a associação das famílias fundada na harmonia. Tal harmonia se obtém associando-se num mesmo grupo social, a *falange*, 1.620 pessoas, homens e mulheres, representantes de cada uma

das 810 paixões humanas distinguidas por Fourier. A sociedade será dividida em *falanstérios*, cidades-modelo localizadas no campo e onde os moradores viverão em comum de um trabalho feito com alegria, pois será o trabalho livre, que cada um escolherá em conformidade com a sua paixão.

- [194] *Schinner e Leão de Lora*: personagens balzaquianas, ambos pintores; o primeiro é protagonista do romance *A bolsa*, e o segundo, discípulo do primeiro, é o Mistigris da diligência na memorável viagem de Paris a Presles (*Uma estreia na vida*).
- [195] *Sommerard*: Alexandre du Sommerard (1779-1842), arqueólogo e colecionador, cuja coleção foi comprada pelo Estado depois de sua morte e transformada em museu (o atual Museu Cluny).
- [196] *Ricardo de Arlington*: peça de Alexandre Dumas Pai, representada em 1831. Há aí um erro de cronologia, pois o enredo desta parte de *Esplendores* desenvolve-se em 1830.
- [197] *Frédéric Lemaitre*: ver a nota 119 da Primeira Parte.
- [198] *Sra. Zayonschek*: esposa de Joseph Zayonschek ou Zaionczek (1752-1826), general de Kosciusko que combateu pela independência da Polônia até 1812, quando, na batalha de Wilna, perdeu uma perna e foi feito prisioneiro pelos russos; depois fez-se partidário destes, tendo sido nomeado, pelo czar Alexandre, lugar-tenente do reino da Polônia e príncipe. Sua viúva morou algum tempo em Paris; Balzac alude a ela também num trecho de *A interdição*. — *Conde de Brambourg*: título outorgado a Felipe Bridau, um dos protagonistas de *Um conchego de solteirão*.
- [199] *Du Bruel*: personagem balzaquiana, autor de *vaudevilles* em parceria com Nathan; faz grande carreira administrativa e política por obra da mulher, a ex-bailarina Túlia (*Uma estreia na vida*, *Ilusões perdidas*).
- [200] *Bailio de Ferrette*: personagem real, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do grão-ducado de Baden em Paris durante a Restauração.
- [201] *Cair das Caraíbas em Cila*: Florina evidentemente quer dizer com o ditado antigo “de Caribdis em Cila”, isto é, de um perigo em outro. (Esses dois nomes designam um sorvedouro e um escolho no estreito de Messina, que constituíam o terror dos navegantes antigos.)
- [202] Impossível reproduzir o jogo de palavras do francês: *foie* (fígado) e *foi* (fé).
- [203] O jovem *visconde de Portenduère* passou uma temporada na prisão de Sainte-Pélagie, onde ficou preso por dívidas e de onde só conseguiu sair graças à intervenção de seu vizinho, o dr. Mirouet (*Úrsula Mirouet*).
- [204] Nucingen arruinou seus benfeitores, a família D’Aldrigger, segundo consta de *A Casa Nucingen*.
- [205] *Alceste*: personagem de *O misantropo*, de Molière; franco e intransigente, inflexível com as fraquezas de seus semelhantes.
- [206] *Teodoro Gaillard*: personagem balzaquiana, jornalista, fundador de um jornal realista no qual Luciano publicou uma crítica desfavorável sobre o livro de D’Arthez (*Ilusões perdidas*).
- [207] *Musson*: personagem real, pintor de profissão, mas que devia sua fama a seus talentos de malabarista.
- [208] *A conquista de Argel*, realizada pelas tropas francesas em 5 de julho de 1830, e que Carlos x empreendera para dar mais prestígio ao gabinete Polignac, não obteve o resultado desejado, pois a Revolução dos Três (Dias) Gloriosos, 27, 28 e 29 de julho, pôs fim ao reinado de Carlos x.
- [209] *Domiciano* (51-96): imperador romano que reinou com despotismo cruel e foi assassinado por um de seus escravos; a anedota a que Balzac alude é contada por Suetônio.
- [210] *Sartine*: intendente de polícia de 1759 a 1774, predecessor de *Lenoir* (ver a nota 124 da Primeira Parte).
- [211] Na *Rue de Grenelle* ficava o Ministério do Interior, do qual fazia parte a direção da

- Segurança Geral, ao passo que na *Rue de Jérusalem* ficava a Chefatura da Polícia.
- [212] *Feliz como um galo... no gesso*: tradução de um trocadilho que só tem graça em francês. A comparação tradicional refere-se a alguém *heureux comme un coq en pâte* (“Feliz como um galo na massa”); Ester parodia-a substituindo *pâte* por *plâtre* (“gesso”).
- [213] *Pompadour*: em solteira Antoinette Poisson (1721-1764); famosa favorita de Luís xv, sobre cuja política exerceu influência decisiva.
- [214] *Nabucodonosor*: Nabucodonosor II, o Grande, rei da Caldeia de 605 a 562 a.C., destruidor do reino de Judá e da capital Jerusalém, foi, segundo o *Livro de Daniel*, cruelmente castigado por esse crime, pois permaneceu louco sete anos, durante os quais viveu entre as feras da floresta.
- [215] *Ate*: nos épicos gregos, a deusa da fatalidade; nos trágicos, a do castigo e da vingança.
- [216] *Os Italiens*: Théâtre des Italiens ou Bouffons; companhia de atores e cantores italianos organizada no século xvii em Paris, e que funcionou em vários locais até se instalar na sala Ventadour, onde permaneceu até seu desaparecimento em 1878.
- [217] *Huret e Fichet*: duas fábricas concorrentes de caixas-fortes.
- [218] *Bianchon, Desplein, o velho Haudry*: três médicos, personagens de *A comédia humana* já encontrados muitas vezes nos volumes anteriores.
- [219] Segundo a Bíblia, *Baltasar*, rei da Babilônia, depois de ter profanado num festim os vasos sagrados do templo de Jerusalém, viu aparecer na parede, em letras de fogo, as palavras *mene, tequel, ufarsim* (“contado, pesado, dividido”), que o profeta Daniel interpretou como anúncio do próximo fim de seu reinado.
- [220] *Minha nora Madalena*: esposa do filho do duque de Chaulieu, o duque de Lenoncourt Givry, em solteira Madalena de Mortsauif, e filha da condessa de Mortsauif, “o lírio do Vale”.
- [221] *Cadran Bleu*: restaurante na esquina do Boulevard du Temple e da Rue Charlot.
- [222] *Brillat-Savarin*: Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), autor da *Fisiologia do gosto*.
- [223] *Mene, tequel, ufarsim*: ver a nota 219.
- [224] *Fenimore Cooper* (1789-1851): romancista norte-americano, autor de romances de aventuras, dos quais o mais famoso é *O último dos moicanos*, em que dá a reconstrução pitoresca dos costumes ingênuos e rudes dos índios dos Estados Unidos.
- [225] *Clementina du Rouvre*: casou com o conde Laginski; é protagonista da novela *A falsa amante*.
- [226] *Tortoni*: célebre café de literatos na época de Balzac.
- [227] *Place de Grève*: lugar das execuções públicas; atual Place de l’Hôtel-de-Ville.
- [228] *Isso é o que nunca se pôde saber*: chavão da época que se usava a qualquer propósito.
- [229] *Béranger*: Pierre-Jean Béranger (1780-1857), cancionista de extraordinária popularidade; bonapartista liberal, sempre foi hostilizado por Balzac.
- [230] *Turearet*: ver a nota 115 da Primeira Parte. — *Beaujon*: Nicolas Beaujon (1718-1786), financista que se destacou por obras de beneficência; um bairro e um hospital de Paris perpetuam-lhe o nome.
- [231] *O grande poeta contemporâneo* que pôs as galguinhas em moda foi Lamartine. Aparece rodeado desses animais num quadro de Decaisne, que o representa num cenário de campanha.
- [232] *Hôtel-Dieu*: grande hospital de Paris fundado há mais de mil anos na ilha do Sena chamada Cité; reconstruído e ampliado várias vezes.
- [233] *Habeneck*: ver a nota 54 da Primeira Parte.
- [234] *Duque de Richelieu*: General Armand du Plessis (1696-1788), sobrinho-neto do cardeal; general distinto, igualmente famoso pelo seu espírito e pela sua devassidão. Casou-se pela terceira vez com oitenta e quatro anos.

- [235] *Sr. Camusot*: personagem balzaquiana, juiz de instrução que já apareceu em *O gabinete das antiguidades*.
- [236] *Manon Lescaut*: título e nome da heroína de um famoso romance do abade Prévost (1731). Manon, linda cortesã completamente imoral, inspira uma paixão fatal ao cavaleiro des Grieux, a quem leva à perdição.
- [237] *Os dias de julho de 1830*: ver a nota 208 da Segunda Parte.
- [238] Ver *Um caso tenebroso*. (Nota de Balzac.)
- [239] *Sr. Popinot*: personagem balzaquiana, juiz íntegro, cuja aparente ingenuidade disfarçava um espírito sagaz e penetrante; já apareceu em *A interdição*.
- [240] *Locusta*: ver a nota 69 da Primeira Parte.
- [241] *Noite de São Bartolomeu*: matança dos protestantes da França, no reinado de Carlos IX, na noite de 23 de agosto de 1572, por instigação de Catarina de Médicis.
- [242] Ver sobre *Catarina de Médicis*. (Nota de Balzac.)
- [243] *Marechala de Ancre*: Leonora Dori (1580-1617), irmã-de-leite e camareira de Maria de Médicis; mulher de extrema fealdade, soube, contudo, graças à influência que obteve sobre a rainha, fazer-se desposar pelo mais belo cavalheiro da Corte, Concini, a quem fez nomear marechal de Ancre. Após a morte do marido, às mãos de conspiradores, foi acusada de feitiçaria e queimada na Place de Grève. — *Rainha de França*: Maria Antonieta. — *Semblançay*: Jacques de Semblançay (1457-1527), superintendente da Fazenda de Luís XII e de Francisco I, foi acusado de dilapidação do Tesouro. Luísa de Saboia, mãe de Francisco I, mandou ao escrevente René Gentil que fizesse desaparecer os recibos: Semblançay foi condenado à morte e enforcado. — *Malesherbes*: Chrétien Guillaume de Lamoignon de Malesherbes, ministro de Luís XVI, defendeu o rei perante a Convenção; morreu no cadafalso. — *Damiens*: Robert-François Damiens (1715-1757), cometeu um atentado contra Luís XV; depois de submetido à tortura, foi esquartejado. — *Danton*: Georges-Jacques Danton (1759-1794), ministro da Justiça e um dos chefes da Revolução Francesa; acusado de moderantismo por Robespierre, foi decapitado. — *Desrues*: famoso envenenador que viveu no século XVIII; sofreu o suplício da roda. — *Castaing*: Edme-Samuel Castaing (1797-1823), médico que envenenou dois amigos para herdar-lhes a fortuna; apesar da defesa de Berryer, foi executado. — *Fouquier-Tinville* (1746-1795): temível procurador do tribunal revolucionário; pediu a morte até de Camille Desmoulins, seu parente.
- [244] *Ouvrard*: Gabriel-Julien Ouvrard (1770-1846), financista genial, banqueiro de fortuna enorme que várias vezes emprestou dinheiro aos governos sucessivos do Diretório, do Império e da Restauração. Em sua carreira acidentada, períodos de influência extraordinária alternam com processos e encarceramentos. Quanto a Sainte-Pélagie, ver a nota 112 da Primeira Parte.
- [245] *Tabelião Lehon e príncipe de Bergues*: personagens reais, o primeiro condenado como falsário e o segundo, como escroque, cujos processos fizeram sensação na época.
- [246] *Lavalette*: conde Antoine-Marie Lavalette (1769-1830), político bonapartista, condenado à morte após os Cem Dias e salvo graças ao estratagema de sua esposa — sobrinha da imperatriz Josefina —, a qual, entrando na prisão do marido na véspera do dia marcado para a execução, trocou trajes com ele, tornando-lhe, assim, possível a fuga. Contava-se que Luís XVIII se deixara comover pelas lágrimas da condessa e facilitou a fuga. O conde Lavalette viveu no estrangeiro até 1822, quando foi indultado. Sua mulher enlouquecera de emoção.
- [247] *Sra. Elisabeth* (1764-1794): irmã de Luís XVI, muito devotada ao irmão; executada por ordem do tribunal revolucionário.
- [248] *Ícaro*: filho de Dédalo, que, segundo a Mitologia, fugiu do labirinto de Creta com o pai com o auxílio de asas coladas no corpo. Mas aproximou-se demasiadamente do Sol, o que fez derreter a cera das asas, causando-lhe a morte.

- [249] *Susse*: personagem real, comerciante e explorador de patentes de invenção; tinha loja na Place de la Bourse.
- [250] *Madame*: título que se dava na Corte dos Bourbon às filhas do rei e do delfim, assim como à esposa de Monsieur, irmão do rei.
- [251] Ver *O gabinete das antiguidades*. (Nota de Balzac.)
- [252] Ver *A interdição*. (Nota de Balzac.)
- [253] *Variétés*: Théâtre des Variétés, inaugurado em 1807, no Boulevard Montmartre, para a representação de *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções).
- [254] A ordem deve ter sido transmitida pelo telégrafo “aéreo” ou de Chappe, pois o telégrafo elétrico só entrou em aplicação em data ulterior à da ação deste romance.
- [255] *Cogniard* ou Coignard: ver a nota 91 da Primeira Parte.
- [256] *Cheverus*: Jean-Louis Anne Lefebvre de Cheverus (1768-1836), sacerdote francês que recusou juramento à Constituição revolucionária e emigrou. Chamado à América do Norte, chegou a ser bispo de Boston; de volta à França, foi nomeado bispo de Montauban e, no fim de sua vida, cardeal. Famoso pelo altruísmo, pela tolerância e pelo espírito conciliador.
- [257] *Gentil*, *Semblançay* e *Luísa de Saboia*: ver a nota 244. — *Czernicheff*: Alexandre Czernicheff, diplomata russo, teria em 1811, aproveitando-se de uma missão que desempenhou em Paris, corrompido um funcionário do Ministério da Guerra e comprado a este o plano do ataque à Rússia.
- [258] *Vingarei meu pai, a quem Luciano tirou Corália*: o episódio é contado em *Ilusões perdidas*.
- [259] *Boulle*: ver a nota 37 da Primeira Parte.
- [260] A palavra francesa *revers* significa “reverso” e “revés”.
- [261] *Collet*: Anthelme Collet (1785-1840), criminoso célebre, cuja carreira oferece mais de uma semelhança com a de Vautrin. Desertor do exército de Nápoles, reaparece como general, depois como bispo italiano, chega a ordenar trinta e três sacerdotes e rouba a coleta; como comissário militar, pilha o Tesouro; torna-se irmão das escolas cristãs em Toulouse, capitalista em Mans. Seu processo em 1820 teve repercussão enorme.
- [262] *Cuvier*: Georges Cuvier (1769-1832), fundador da anatomia comparada e da paleontologia.
- [263] *Donna*: criada de Mariana em *O tartufo*, de Molière; tipo da empregada dedicada, se identifica com os interesses de seus amos, mas não tem pejo de dar palpite a respeito de tudo.
- [264] *Marquês d'Aiglemont*: marido da Mulher de Trinta Anos.
- [265] *Regência*: nome dado ao período de 1715 a 1723, durante o qual o regente Felipe de Orléans governou em nome de Luís xv, ainda menor; período famoso pela dissolução dos costumes.
- [266] *Camponês do Danúbio*: personagem de uma fábula de La Fontaine (a de nº 7 do livro xi), deputado dos povos danubianos que faz um requerimento corajoso contra o imperialismo romano perante o Senado de Roma.
- [267] *Hércules Farnésio*: estátua antiga de Glicão de Atenas, personificação da força viril.
- [268] *Marat*: Jean-Paul Marat (1743-1793), revolucionário deputado da Convenção e redator de *L'Ami du peuple*, a quem se atribui a iniciativa das matanças de prisioneiros políticos em 1792; assassinado por Charlotte Corday.
- [269] Ver *O pai Goriot*. (Nota de Balzac.)
- [270] *Sra. de Mirbel* (1796-1849): retratista de grande renome da época, pintora oficial de Carlos x.
- [271] *Sra. de Staël* (1766-1817): filha do ministro Necker, autora de livros muito lidos em seu tempo (*Corina*, *Delfina*, *Da Alemanha*). Aos quarenta e cinco anos, casou secretamente com um jovem oficial suíço, Jean Rocca, de vinte e dois anos, de

quem teve um filho. O caso, como se pode imaginar, foi muito comentado na época.

[272] *Íbico*: poeta grego (século VI a.C.) que, segundo a tradição, morreu assassinado por ladrões no meio de uma floresta. Moribundo, invocou um bando de grou, que o sobrevoaram como testemunhas do crime. Algum tempo depois, um dos assassinos, enquanto assistia aos Jogos Olímpicos, viu passar um bando de grou e exclamou imprudente: “Eis as testemunhas de Íbico”, e assim descobriu o crime.

[273] *Royer-Collard*: Pierre Paul-Royer-Collard (1763-1845), político e filósofo francês, teórico do partido chamado dos Doutrinários.

[274] *Apesar dos pesares*: a expressão francesa correspondente, *quand même*, está grifada no original. Sob Luís Felipe era esta a divisa dos legitimistas derrotados, adotada para significar que não se conformavam com a situação. A expressão tornou-se uma espécie de *slogan* na época e ocorre frequentemente na pena de Balzac.

[275] Antes da Restauração o rei tinha o direito de retirar uma causa à jurisdição normal para *evocá-la* perante o seu Conselho.

[276] Ver *Uma dupla família*. (Nota de Balzac.)

[277] Ver *Honorina*. (Nota de Balzac.)

[278] *Pugatcheff*: Emelian Pugatcheff (1726-1775), impostor russo, fez-se passar pelo czar Pedro III. Depois da derrota de suas tropas, foi preso e decapitado em Moscou. — *Louvel*: Louis Pierre Louvel (1783-1820), operário, assassinou em 13 de fevereiro de 1820 o duque de Berry, pensando extinguir nele a dinastia dos Bourbon; morto no cadafalso. — *Maximilien de Robespierre* (1758-1794): um dos chefes da Revolução Francesa, apoderou-se do Comitê da Salvação Pública, desfez-se de seus rivais, Hébert e Danton, estabeleceu o culto do Ser Supremo, foi derrubado em 27 de julho de 1794 e pereceu no cadafalso.

[279] *Ximenes*: o cardeal Ximenes (1436-1517), arcebispo de Toledo, confessor de Isabel de Castela. Grande inquisidor; reforçou o poder real, reformou o estado eclesiástico, fundou a Universidade de Alcalá de Henares; aumentou a força e a crueldade da Inquisição. — *Richelieu*: ver a nota 58 da Primeira Parte.

[280] *Cá estou outra vez à beira do Charente*: alusão à cena final de *Ilusões perdidas*, em que Carlos Herrera encontra Luciano disposto a suicidar-se à beira do Charente.

[281] *Pichegru*: Charles Pichegru (1761-1804), um dos melhores técnicos dos exércitos revolucionários, vendeu-se aos realistas em 1795; em 1804 conspirava com Cadoudal quando foi denunciado por Le Blanc, um de seus antigos oficiais. Foi preso e pouco depois encontravam-no estrangulado na sua cela.

[282] Ver *Luís Lambert*. (Nota de Balzac.)

[283] *Sr. de Bonald*: conde Luís de Bonald (1754-1840), pensador católico, teórico do partido ultrarrealista. Foi na discussão da lei do sacrilégio, em 1825, que pronunciou a frase citada, reclamando a pena de morte para os sacrílegos.

[284] *A apoplexia de Pichegru*: ver a nota 282 da Terceira Parte.

[285] *De Brosses*: Charles de Brosses, dito o presidente de Brosses (1709-1777), magistrado e literato, autor de espirituosas cartas sobre a Itália.

[286] *Molé*: Mathieu Molé (1584-1656), tipo do magistrado honesto e intrépido, procurador-geral e, depois, presidente do Parlamento, cujos direitos defendia contra as arbitrariedades da Corte nas circunstâncias mais difíceis.

[287] *Sganarello*: personagem das comédias de Molière que representa o bom senso, astucioso e esperto.

[288] *Cromwell*: Oliver Cromwell (1599-1658), grande estadista britânico, protetor da república inglesa, de que foi o criador.

[289] Esta ligação forma o assunto de *Uma dupla família*.

[290] *Dâmocles*: cortesão de Dionísio, o Velho, tirano de Siracusa. Como louvasse, certo dia, a felicidade do poderoso, este o fez sentar em seu próprio lugar, no meio de

um banquete, porém mandou suspender-lhe uma espada sobre a cabeça, significando-lhe assim as inquietações do poder.

- [291] *Mesmer*: Friedrich-Anton Mesmer (1733-1815), médico alemão, fundador da teoria do “magnetismo animal” parecido com o magnetismo mineral (a força de atração exercida pelo ímã), mas de origem psíquica, e que, em termos de hoje, se chamaria influência hipnótica. Mesmer pretendia curar seus doentes com a ajuda de uma selha, à volta da qual os pacientes, segurando-a, formavam uma espécie de cadeia. Acerca do mesmerismo, em que Balzac acreditava, há um capítulo inteiro em *Úrsula Mirouët*.
- [292] O dr. *Bouvard* já apareceu em *Úrsula Mirouët*; foram suas experiências milagrosas que converteram o dr. Minoret ao espiritismo.
- [293] *Um demônio possuindo um anjo atraído ao seu inferno*: assunto tipicamente romântico, tratado pelo poeta irlandês Thomas Moore em *Amores dos anjos* (1823); pelo inglês Maturin, mestre do “romance negro”, em *Eva ou amor e religião*; por Byron em *Céu e terra* (1822). — *Canalis*: personagem inventado por Balzac, chefe da “escola angélica” (a quem conhecemos em *Modesta Mignon*), foi moldado em Lamartine, autor da epopeia *A queda de um anjo*.
- [294] *A superstição alemã do Duplo* ou *alter ego* (“outro eu”) inspirou, desde Hoffmann, vários escritores alemães. Mais tarde forneceu assunto para Dostoiévski (*Os irmãos Karamazov*) e Wilde (*O retrato de Dorian Gray*).
- [295] *Os maquis*: mata brava da Córsega, onde se escondiam os foragidos procurados pela polícia; esses mesmos foragidos. Durante a Segunda Guerra Mundial, a palavra passou a designar os lugares da França onde se escondiam os soldados da resistência subterrânea e, em sentido figurado, a própria resistência e cada um dos seus membros.
- [296] *O exemplo de Bellevue*: alusão à catástrofe ferroviária de Bellevue, verificada em 8 de maio de 1842; foi um dos primeiros acidentes de grandes proporções nas estradas de ferro francesas.
- [297] *Waterloo*: comuna da Bélgica, perto da qual Napoleão foi vencido em 18 de junho de 1815, pelos exércitos reunidos da Inglaterra e da Prússia.
- [298] *Louvel*: ver a nota 279 da Terceira Parte.
- [299] Ainda hoje a Faculdade de Direito está localizada na Place du Panthéon.
- [300] *O tabelião Crottat*, sucessor de Roguin, já apareceu em *César Birotteau* e em *O coronel Chabert*.
- [301] *Liard*: antiga moeda de cobre que valia a quarta parte de um *sou*, quer dizer, 1,25 cêntimos.
- [302] Em 1831, ladrões hábeis penetraram no Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris e carregaram parte do precioso material.
- [303] Ver *O pai Goriot*. (Nota de Balzac.)
- [304] Esta digressão, aliás interessantíssima, sobre o *argot* teve forçosamente de ser reduzida na tradução, por se compor de explanações de termos da gíria francesa; tais explanações, numa versão, se tornariam incompreensíveis.
- [305] *Comunistas*: neologismo na época de Balzac, o termo só entrou no dicionário da Academia Francesa em 1878. — *Fourieristas*: ver a nota 193.
- [306] *Uma paz que punha em risco tantas existências*: o segundo tratado de Paris, assinado entre Luís XVIII e os aliados em novembro de 1815.
- [307] Ver *O pai Goriot*. (Nota de Balzac.)
- [308] *Uma das celebridades da Polícia Judiciária*: Vidocq, cujas *Memórias* foram publicadas em 1828.
- [309] *Medoro*: personagem do *Orlando furioso*, de Ariosto; formoso jovem sarraceno por quem a linda Angélica se apaixona, desprezando o amor dos paladinos mais ilustres, inclusive de Orlando.
- [310] *Seid*: ver a nota 94 da Primeira Parte.

- [311] Nas sequências que se ocupam da prisão e dos prisioneiros, seguiu-se o partido de Paulo Rónai, explicado à nota 304 e não se traduziu a gíria carcerária empregada por Balzac. Conservou-se do original só a palavra “dab” que designa “chefe”. Primeiro pela constância de sua aparição para designar Jacques Collin; segundo, trata-se de uma palavra dicionarizada em francês. (N. R.)
- [312] *Lord Durham*: John George Lambton, conde de Durharn (1792-1840), político inglês, a quem Balzac conheceu em Paris por volta de 1834.
- [313] *O finado Sanson*: Henri Sanson (1767-1840), carrasco parisiense que executou Maria Antonieta.
- [314] Este assunto “próprio para impressionar as imaginações” foi aproveitado por Victor Hugo em *O último dia de um condenado* (1831), onde preconiza a supressão da pena de morte.
- [315] No capítulo IV, Balzac imputava a Calvi apenas onze homicídios.
- [316] *Io sono Gaba-Morto! Parla il nostro italiano. Vengo ti salvar*: a frase de Vautrin, em bom italiano, seria esta: *Io sono Gabbamorto. Parla il nostro italiano. Vengo salvarti*. É verdade que Vautrin supostamente fala um dialeto, mas as divergências entre o italiano correto e o de Vaurrin não se explicam por motivos dialetais; elas são devidas ao fato de Balzac ignorar o italiano, por mais que goste de dar a impressão de sabê-lo.
- [317] *Bellérophon*: nome do navio de guerra inglês em que Napoleão, feito prisioneiro, teve de embarcar em Rochefort, a 15 de julho de 1815, a fim de ser transferido para Santa Helena.
- [318] *Casimir Perier* (1777-1832): banqueiro de Paris, deputado liberal durante a Restauração, contribuiu para a queda de Carlos X. Primeiro-ministro de Luís Felipe, nomeado em março de 1831, propôs-se restabelecer a autoridade do governo e sufocou as insurreições republicanas de Lyon e de Paris. Morreu em abril de 1832, vítima da epidemia de cólera.
- [319] *Mirabeau*: o grande orador da Revolução, teve mocidade escandalosa, que levou o pai a fazê-lo encarcerar várias vezes, a última na fortaleza de Joux, onde conheceu e conquistou Sophie, a jovem esposa do velho marquês de Monnier, fugindo com ela para Amsterdã. As cartas que mais tarde lhe escreveria da prisão de Vincennes, onde passou quarenta e quatro meses, foram publicadas em 1792; são documentos curiosos, cheios de paixão e eloquência.
- [320] *Maquiavel* (1469-1527): político e historiador florentino, autor do tratado *O príncipe*. A opinião comum atribui a Maquiavel o amoralismo de seu modelo, César Bórgia, e entende por maquiavelismo uma política astuciosa e de má-fé, ávida de chegar a seus fins sem se preocupar com os meios.
- [321] *Pilha de Volta*: instrumento composto de discos metálicos, zinco e cobre, reunidos dois a dois e separados por uma rodela de pano umedecida em água acidulada; serve para transformar em corrente elétrica a energia desenvolvida na reação química.
- [322] *A rã que se quis tornar tão grande como o boi* é a terceira fábula do livro I de La Fontaine.
- [323] *Calígula*: imperador romano que reinou de 37 a 41 a.C.; famoso por sua crueldade e sua loucura, chegou a desejar que o povo romano tivesse apenas uma cabeça para poder cortá-la e a nomear cônsul seu cavalo Incitatus. Usava como lema: “Odeiem-me, contanto que me temam”. Morreu assassinado.
- [324] Enquanto *Bianchon* e *Desplein* são protagonistas de *A comédia humana*, o dr. *Sinard* não aparece em nenhum outro trecho.
- [325] Existem nas galés vinte e três parricidas, contemplados com o benefício de *circunstâncias atenuantes*. (Nota de Balzac.)
- [326] *Fouché*: ver a nota 119 da Primeira Parte.
- [327] *A famosa ode de Piron*: a *Ode a Priapo*, que, embora escrita numa época licenciosa

como o século XVIII, conseguiu provocar escândalo.

- [328] *Turenne*: Henri de la Tour d'Auvergne, visconde de Turenne (1611-1675), marechal de França que comandou o Exército francês durante as guerras da Devolução e da Holanda e conquistou a Alsácia em 1675; a tradição o representa como homem de simplicidade, probidade e modéstia notáveis.
- [329] *Figaro*: personagem das comédias *O barbeiro de Sevilha* e *O casamento de Figaro*, de Beaumarchais; tipo de servidor intrigante e divertido.
- [330] *Senhores ingleses, atirem primeiro*: segundo uma anedota histórica, na batalha de Fontenoy, em 11 de maio de 1745, o conde d'Auterroche, tenente dos granadeiros franceses, teria, com essa frase cortês, convidado o inimigo a atirar primeiro, delicadeza que teria custado aos franceses muitas baixas, inclusive o próprio D'Auterroche.
- [331] *O Albergue dos Adrets*: melodrama péssimo de B. Antier, Saint-Amand e Paulyanthe, representado pela primeira vez em 1832, e do qual a arte de Frédérick Lemaître, que desempenhava o papel do criminoso Robert Macaire, fez uma das comédias de maior repercussão. Essa personagem, na ideia dos autores, era um assassino qualquer; Frédérick transformava-o num príncipe do crime, de boas maneiras, faceto e astuto, que, ao ser desmascarado e preso, pronuncia um verdadeiro requisitório contra a ordem social. A personagem de Vautrin deve provavelmente muito a Robert Macaire.
- [332] *O caso Montauran* é contado em *A Bretanha em 1799*; o caso *Simeuse*, em *Um caso tenebroso*.
- [333] *Marengo*: aldeia da Itália, famosa pela batalha de 14 de junho de 1800, na qual Napoleão, depois de quase derrotado, conseguiu arrebatar a vitória aos austríacos graças à chegada oportuna das tropas de Desaix.
- [334] *Talma*: François-Joseph Talma (1783-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão. — *Nicomedes*: protagonista da tragédia deste nome, de Corneille.
- [335] Segundo o visconde Spoelberch de Lovenjoul, a data de 1847 é inexata, pois a última parte de *Esplendores e misérias das cortesãs* foi acabada em dezembro de 1846.
- [336] *Théophile Gautier* (1811-1872): poeta, crítico e romancista, autor de *Esmaltes e camafeus*, *O capitão Fracasso*, *O romance da múmia* etc.; um dos melhores amigos de Balzac, deixou sobre estas recordações preciosas, reproduzidas em *Reminiscências românticas*.
- [337] *A Revolução de Julho* de 1830 derrubou a Monarquia dos Bourbon do ramo primogênito (na pessoa de Carlos X) e deu o trono ao ramo secundogênito.
- [338] *Memini* (em latim no original): “lembro-me”.
- [339] *Marquesa d'Espard*: personagem da alta-roda balzaquiana, que teve uma luta memorável com a justiça, representada pelo juiz Popinot, para conseguir a privação judicial de seu marido, o conde d'Espard (*A interdição*); apareceu em *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [340] *Os Italiens*: isto é, o Théâtre des Italiens, ou Bouffons, companhia de atores e cantores italianos organizada no século XVII em Paris, e que funcionou em vários locais até se instalar na sala Ventadour, onde permaneceu até seu desaparecimento, em 1878.
- [341] *Antínoo*: nome de um jovem escravo de grande beleza, favorito do imperador Adriano (século II d.C.).
- [342] *Sra. de Mirbel*: ver a nota 271 da Terceira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [343] O álbum da princesa de Cadignan contém os retratos de todos os belos rapazes da alta sociedade balzaquiana: Máximo de Trailles (protagonista de *Gobseck*), De Marsay (*A menina dos olhos de ouro*), Rastignac (*O pai Goriot*), Viturniano

d'Esgrignon (*O gabinete das antiguidades*), Montriveau (*A duquesa de Langeais*), Ronquerolles (ibidem), D'Ajuda Pinto (*O pai Goriot*), Galathionne (*Beatriz*), Grandlieu (*Um caso tenebroso*), Rhétoré (*Memórias deduas jovens esposas*), Luciano de Rubempré (*Ilusões perdidas, Esplendores e misérias das cortesãs*).

[344] *Os quinze anos da Restauração* do ramo primogênito dos Bourbon vão de 1814 a 1830.

[345] *Tigre*: na época de Balzac, dava-se este nome aos criadinhos de libré. A história de Beaudenord e de seu tigre foi contada em *A Casa Nucingen*.

[346] *Condessa de Cinq-Cygne*: personagem balzaquiana que aparecerá em *Um caso tenebroso*.

[347] *Harpagão*: personagem principal de *O avaro*, de Molière; seu nome se tornou sinônimo de avaro refinado.

[348] *O marechal a quem devemos a conquista da África*: o conde Luís de Bourmont (1773-1846), general de Napoleão que em 1815 aderiu à Restauração. Nomeado marechal de França, comandou o exército que em 1830 ocupou Argel.

[349] *Madame*: a duquesa de Berry (1798-1870), filha de Francisco I de Nápoles, esposa do duque de Berry, segundo filho de Carlos X, assassinado em 1820; mulher romântica e ativa, procurou em 1832 levantar a Vendeia contra Luís Felipe. Sua tentativa falhou e ela foi presa por algum tempo. Era mãe do conde de Chambord, pretendente ao trono.

[350] *Fronça*: nome dado à guerra civil que se travou na França durante a menoridade de Luís XIV, entre o partido da Corte e o Parlamento.

[351] *O pequeno D'Esgrignon* casou em 1830 com a filha do grande industrial Duval, que lhe deu três milhões de dote (*O gabinete das antiguidades*).

[352] *Sra. de Sérisy*: outra personagem da alta-roda inventada por Balzac; mulher leviana e fácil, cujas aventuras o ingênuo Oscar Husson teve a inabilidade de comentar publicamente numa diligência, na presença do próprio conde de Sérisy, que viajava incógnito (*Uma estreia na vida*). Os amores de Luciano e de Ester formam o assunto de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[353] *Beatriz fugiu com Conti*: desenlace do romance *Beatriz*.

[354] *Srta. des Touches*: outra protagonista do mesmo romance.

[355] *Sra. de Rochefide*: a própria Beatriz, em solteira Casteran.

[356] *Sra. de Beauséant*: heroína da novela *A mulher abandonada*; aparece também em *O pai Goriot*.

[357] *Sra. de Langeais*: protagonista da novela *A duquesa de Langeais*.

[358] *La Vallière, Montespan, Diane de Poitiers, as duquesas de Étampes e de Châteauroux*: cinco grandes amorosas da história. A primeira, favorita de Luís XIV, recolheu-se ao convento das Carmelitas quando se viu eclipsada pela segunda. Diane de Poitiers foi favorita de Henrique II; a duquesa de Étampes, de Henrique I; a duquesa de Châteauroux, de Luís XV.

[359] *Condessa de Montcornet*: viúva do general Montcornet; acabará por desposar Emílio Blondet (*Os camponeses*), que, antes de ser seu amante, foi seu amigo de infância.

[360] *Emílio Blondet*: protagonista de *A comédia humana*; crítico inteligente e homem inescrupuloso, fez parte da roda de Luciano de Rubempré (*Esplendores e misérias das cortesãs*). *O gabinete das antiguidades* é feito com as suas recordações de infância.

[361] A ligação de *Rastignac* com a *sra. de Nucingen* começou já quando aquele era estudante de direito e morava na Casa Vauquer (*O pai Goriot*). — A *sra. de Camps*, antes de casar-se com *Otávio de Camps*, chamava-se *sra. Firmiani* (ver a novela deste nome).

[362] *O Regente*: Felipe de Orléans; governou a França de 1715 a 1723, em nome de Luís XV, ainda menor. Esse período tornou-se famoso pela dissolução dos costumes.

- [363] A ligação de *Canalis* e da *duquesa de Chaulieu* nos foi revelada em *Modesta Mignon*.
- [364] *Bouffons*: ver a nota 5.
- [365] *Os acontecimentos de Saint-Merri*: alusão à insurreição republicana da Rue du Cloître Saint-Merri, de Paris, por ocasião das exéquias do General Lamarque (5 e 6 de junho de 1832), e que foi sufocada em sangue.
- [366] *Miguel Chrestien* e *Daniel d'Arthez*: personagens de *A Comédia Humana* que apareceram em *Ilusões perdidas*; ambos faziam parte dum grupo de idealistas, o Cenáculo, e procuraram manter Luciano de Rubempré no caminho da honestidade. Outro membro desse grupo era o jornalista Leão Giraud, de que se falará mais adiante.
- [367] *Horácio Bianchon*: uma das grandes figuras de *A comédia humana*; desempenhou papéis importantes em *O pai Goriot*, *A missa do ateu* etc.
- [368] *A Fornarina*: ver a nota 63 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [369] *Laforêt*: criada e confidente de Molière, a quem este lia as suas peças e que lhe serviu de modelo para a personagem da sra. Jourdain.
- [370] *Egéria*: ninfa de quem o rei Numa, segundo a lenda, ia receber conselhos no bosque de Arícia.
- [371] *Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roucy (1767-1824), pintor da escola de David, autor de cenas bíblicas e históricas. Seu quadro *Uma cena do dilúvio* encontra-se no Louvre.
- [372] *Caridade bem entendida*..... primeira parte do conhecido adágio francês *Charité bien ordonnée commence par soi-même*, “Caridade bem entendida começa por nós”.
- [373] *Comité de Salvação Pública*: criado pela Convenção revolucionária em 6 de abril de 1793, mostrou severidade implacável contra os inimigos da Revolução, fiéis ao regime antigo.
- [374] *O Salvador por sobre as águas do lago de Tiberíade*: alusão ao episódio relatado no Evangelho de São Mateus, cap. 14, v. 25.
- [375] *A atitude negligente e de abandono que Guérin deu a Dido* em seu famoso quadro *Eneias contando a Dido os desastres de Troia* é frequentemente assumida pelas heroínas balzaquianas: por Adelaide de Rouville escutando o pintor Schinner (*A bolsa*), pela condessa du Guénic ouvindo o filho (*Beatriz*, cap. ix). Ora, por uma coincidência das mais interessantes, Baudelaire, ao analisar esse mesmo quadro de Guérin, observa que “o olho úmido desta Dido, afogado nos vapores do Keepsake, quase anuncia certas parisienses de Balzac” (*Curiosidades estéticas*).
- [376] *Nosso tio Toby*: personagem de *Tristram Shandy*, de Sterne.
- [377] *Em Tartufo*, comédia de Molière, o protagonista, um hipócrita devasso que finge devoção, insinua-se na simpatia de Orgon, instala-se-lhe em casa, mete-se-lhe em todos os negócios e torna-o alheio aos verdadeiros interesses de sua família. Em vão amigos e parentes de Orgon procuram mostrar-lhe a verdade: ele só vem a abrir os olhos quando Tartufo lhe quer seduzir a mulher.
- [378] *Epicteto*: ver a nota 141 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [379] *Tulou*: Jean-Louis Tulou (1786-1865), flautista de grande renome, contratado pela Ópera de Paris; foi também professor do Conservatório.
- [380] *Turenne*: ver a nota 325 da Quarta Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [381] *Cuvier*: Georges de Cuvier (1769-1832), fundador da anatomia comparada e da paleontologia; Balzac, que assistira a suas aulas, procurou aplicar-lhe as teorias à sociedade humana.
- [382] *Talma*: ver a nota 64 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [383] *Dois irmãos inimigos: A Tebalda ou Os irmãos inimigos* (1664), primeira tragédia de Racine.
- [384] *Estige*: rio do Inferno, na mitologia grega.
- [385] *Duque de Alba*: Fernando Álvarez de Toledo, duque de Alba (1508-1582), general de Carlos V e de Felipe II de Espanha, célebre pelas crueldades que cometeu quando

- governador de Flandres. — *Catarina de Médicis*: esposa de Henrique II, mãe de três reis — Francisco II, Carlos IX e Henrique III —, regente durante a menoridade do segundo; principal responsável pela matança dos protestantes na noite de São Bartolomeu, em 23 de agosto de 1572.
- [386] *Du Tillet*: protagonista de *A comédia humana*, a quem conhecemos em *Uma filha de Eva* e *César Birotteau*. — *Barão de Nucingen*: apareceu em *O pai Goriot*, e a história de sua riqueza é contada em *A Casa Nucingen*. — *Nathan*: desempenhou grande papel em *Uma filha de Eva*. — *Lady Dudley*: causadora da morte de Lady Brandon (*O romeiral*) aparecerá também em *O lírio do vale*. — *Cavaleiro d'Espard*: é nosso conhecido desde *A interdição*.
- [387] *Apesar dos pesares*: ver a nota 275 da Terceira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [388] *Biblioteca de Monsieur*: hoje do Arsenal; foi fundada sob Luís XV pelo marquês d'Argenson; nas vésperas da Revolução, pertenceu ao conde d'Artois, futuro *monsieur* (título que se dava ao irmão mais velho do rei).
- [389] *Ambigu-Comique*: teatro do Boulevard Saint-Martin, que representava sobretudo *vaudevilles* e melodramas.
- [390] *A mãe Vaillant*: personagem verdadeira, que foi realmente a criada de Balzac na Rue Lesdiguières, e a quem o escritor faz aparecer em *César Birotteau* como criada do velho Pillerault.
- [391] *Courtille*: no francês antigo, “cerca” ou “jardim”; particularmente, nome de um passeio popular de Paris, com restaurantes e botequins ao ar livre, muito frequentado durante o século XVIII e começo do século XIX, sobretudo durante o Carnaval.
- [392] *Quinze-Vingts*: famoso hospício de Paris, fundado por São Luís em 1260 para servir de asilo aos cegos.
- [393] *Condottiere*: palavra italiana que designa os chefes de soldados mercenários.
- [394] *Facino Cane* (por volta de 1350-1412): célebre *condottiere* que combateu por conta dos Scaligero, dos Carrarese, dos Visconti, dos Monferraro; seu maior feito de armas foi a ocupação de Pavia.
- [395] *È vero* (em italiano no original): “É verdade”.
- [396] *Os Dez*: o Conselho dos Dez que governava a República de Veneza.
- [397] *Sra. du Barry*: Jeanne Bécu, Condessa du Barry (1743-1793), favorita de Luís XV, decapitada no período do Terror.
- [398] *Gil Blas*: protagonista da *História de Gil Blas de Santilhana*, romance de Lesage; moço instruído e talentoso, mas que vive de expedientes e a quem o espírito inquieto atira sempre a novas aventuras.
- [399] *Bicêtre*: comuna do departamento do Sena, onde existe um hospício para anciãos e alienados. Foi onde o coronel Chabert terminou os seus dias.
- [400] *Super flumina Babylonis*: primeiras palavras do Salmo 136 (na tradução latina da Vulgata), esplêndida expressão da saudade dos exilados; parafraseado por Camões em seu poema *Sôbolos rios que vão*.
- [401] *Charles de Bernard du Grail* (1804-1850): conhecido na literatura como Charles de Bernard; romancista, amigo e discípulo de Balzac, foi um dos primeiros que reconheceram o gênio deste último, pois já em 1829 saudou a publicação de *A pele de onagro* num artigo altamente elogioso. A influência de Balzac reflete-se até no título de um de seus romances, *A mulher de quarenta anos*.
- [402] *Élysée Bourbon*: ver a nota 143 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [403] *Marechal de Carigliano*: personagem balzaquiana. Foi no baile organizado em casa dele que a viscondessa de Beauséant apresentou à sociedade o jovem Eugênio de Rastignac, seu primo (*O pai Goriot*).
- [404] *Barão de Nucingen*: protagonista de *A comédia humana*, rico banqueiro, a quem já

encontramos em várias obras; sua história financeira foi contada em *A Casa Nucingen*, sua paixão por Ester van Gobseck em *Esplendores e misérias das cortesãs*. — *Conde de Gondreville*: outra personagem balzaquiana, a quem até agora só encontramos de passagem, por exemplo em *A paz conjugal*, na festa organizada por ela e na qual a sra. de Soulanges reconquistou o marido; desempenhará papel importante em *Um caso tenebroso*.

[405] *Casbá*: ou Casbah; palácio de um príncipe oriental.

[406] *Aladim ou a Lâmpada Maravilhosa*: ver a nota 12 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[407] Três cantoras famosas: Maria Felicia García, dita a *Malibran* (1808-1836), espanhola, celebrada nas *Estâncias à Malibran*, de Musset; *Henriette Sontag* (1806-1854), alemã; e *Giuseppina Mainvielle Fodor* (1793-1830), italiana.

[408] *Sr. de Jaucourt*: personagem de uma das anedotas incluídas no *Album histórico e anedótico* publicado anonimamente em 1827 por Balzac. É citado pelo próprio Balzac como tipo do homem isento de paixões em *A duquesa de Langeais*. É, pois, difícil admitir que o caso aqui lembrado se refira a ele.

[409] *Antínoo*: ver a nota 6 de *Os segredos da princesa de Cadignan*.

[410] *O axioma de Vespasiano*: “O dinheiro não tem cheiro”, resposta que ele teria dado ao filho Tito quando este estranhou a taxaço das latrinas.

[411] *Ann Radcliffe* (1764-1823): romancista inglesa, autora de romances terríficos, entre os quais o mais famoso é *O italiano ou o confessional dos penitentes negros*.

[412] *Fausto*: personagem lendária, mágico alemão que vende a alma a Mefistófeles em troca de bens terrestres. Tornou-se universalmente conhecida pelo drama que lhe consagrou Goethe. — *Robin Hood ou Robin das Florestas*: herói popular de lendas e baladas inglesas, saxão revoltado pela conquista normanda, que se fez chefe de um bando de foragidos no fim do século XII.

[413] *Mysore*: Estado no Sul da Índia.

[414] *Sra. d'Espard*: personagem balzaquiana; amiga e rival da princesa de Cadignan. Ver a seu respeito a nota 4 de *Os segredos da princesa de Cadignan*.

[415] *Bálsamo*: conde Alessandro de Cagliostro (1743-1795), cujo verdadeiro nome é Giuseppe Balsamo; célebre aventureiro, médico e charlatão, que percorreu toda a Europa, conviveu com sábios e príncipes, espalhou o ouro a mancheias; metido no Caso do Colar, foi por algum tempo encarcerado na Bastille; expulso da França, viu-se em 1791 condenado à morte pelo tribunal da Inquisição em Roma, por prática de franco-maçonaria; sendo essa pena comutada em detenção perpétua, morreu na prisão.

[416] *Bailio de Ferrette*: ver a nota 200 da Segunda Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[417] *Conde de Saint-Germain*: personagem enigmático do século XVIII, ainda não identificado; tornou-se famoso pela extensão de seus conhecimentos e o poder de sua memória; manteve ligações com a franco-maçonaria e os iluministas, e fez crer a muitos que possuía o segredo da vida eterna. Luís XV empregou-o como agente confidencial.

[418] *Tancredo*: ópera séria com texto de Rossi, baseado na tragédia de Voltaire, e música de Rossini; representada pela primeira vez em 1813.

[419] *Vien*: ver a nota 129 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

[420] *Franche-Comté ou Comté*: antiga província da França Oriental, cuja capital era Besançon.

[421] *Bouchardon*: Edmé Bouchardon (1698-1762), escultor francês, autor de várias estátuas nas praças de Paris e de Versailhes, assim como na igreja de Saint-Sulpice, em Paris.

[422] *Madame Pompadour*: em solteira Antoinette Poisson (1721-1764); famosa favorita de Luís XV, sobre cuja política exerceu influência decisiva. Seu irmão, Abel-

- François Poisson, *marquês de Mangny* (1727-1781), diretor-geral das construções da Corte, aproveitou-se de suas funções para desenvolver as artes e proteger grande número de artistas: Coustou, Boucher, Vernet e outros.
- [423] *Diderot*: Denis Diderot (1713-1784), pensador romancista e teatrólogo fundador da *Enciclopédia*; era também crítico de arte.
- [424] *Canova*: Antonio Canova (1757-1822), escultor italiano, autor de *Amor e Psique*, de *Paolina Borghese* etc.
- [425] *Comédie Française*: ou Théâtre Français; o primeiro teatro nacional francês, fundado por Luís XIV em 1680; existe atualmente no edifício do Palais-Royal, em Paris.
- [426] *Sophie Arnould* (1744-1802): cantora da Ópera de Paris, famosa pela beleza e pelo espírito.
- [427] *Abbatì* (em italiano no original): “padres”.
- [428] *Barão d’Holbach*: Paul-Henri Dietrich, barão d’Holbach (1723-1789), filósofo, amigo de Voltaire e dos Enciclopedistas, autor de *Sistema da natureza*, síntese materialista e mecânica do mundo.
- [429] *Pigmalião*: famoso escultor da Antiguidade, o qual, segundo a lenda, apaixonado pela estátua de Galateia, sua própria obra, obteve de Vênus que lhe desse a vida e casou-se com ela.
- [430] *Sra. de Rochefide*: personagem de *A comédia humana*, em solteira Beatriz de Casteran; protagonista do romance *Beatriz*.
- [431] *Poverino* (em italiano no original): “coitadinho”.
- [432] *Sra. du Barry*: ver a nota 10 de *Facino Cane*.
- [433] *Al Bambino* (em italiano no original): “ao Menino [Jesus]”.
- [434] *Frascati*: a antiga Túsculo, estação de veraneio perto de Roma.
- [435] *Vila Ludovisi*: palacete em Roma, no Pincio, da família Boncompagni-Ludovisi, famoso pela sua coleção de estátuas que atualmente pertence ao Museu Nacional das Termas de Diocleciano.
- [436] *Safo* (século VII-VI a.C.): poetisa grega, nascida em Lesbos. Contemporânea e rival de Alceu, alcançou celebridade por suas poesias líricas, pela escola de música e poesia que mantinha em Mitilene e por sua vida amorosa bissexual. Uma paixão infeliz a teria levado a suicidar-se atirando-se ao mar do alto de um rochedo.
- [437] *Vien*: ver a nota 129 da Primeira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*. — *Allegrain*: Christophe-Gabriel Allegrain (1710-1795), escultor do qual se conservam no Louvre uma *Vênus* e uma *Diana surpreendida no banho*. — *Lauterburg*: na verdade Philippe-Jacques Lautherbourg (1740-1812), pintor francês, ilustrador de La Fontaine.
- [438] *Vetturini* (em italiano no original): “cocheiros”.
- [439] *Chigi*: família aristocrática italiana que deu cinco cardeais e um papa e se tornou famosa sobretudo pelo suntuoso Palácio Chigi, de Roma, rico em obras de arte, manuscritos e livros preciosos.
- [440] *Girodet*: ver a nota 36 de *Os segredos da princesa de Cadignan*.
- [441] *Tenente-Coronel de Artilharia Périollas*: amigo de Balzac, a quem conheceu antes de 1830 na casa do Comandante Carraud, em Saint-Cyr, e com quem manteve correspondência; o escritor estimava-o por seus dotes de inteligência e seu estilo, e, segundo ele mesmo afirmou, devia-lhe dados que utilizava em seus romances. Assim, a personagem do avaro Grandet (*Eugênia Grandet*) lhe fora sugerida por umas reminiscências do amigo. Périollas, que forneceu também esclarecimentos para *A Batalha*, obra que Balzac preparou durante toda a vida mas nunca iniciou, morreu em 1859.
- [442] *Delacroix*: Eugène Delacroix (1798-1863), pintor francês, chefe da escola romântica, amigo de Balzac, que o retratou na personagem de José Bridau e lhe dedicou *A menina dos olhos de ouro*; seus quadros principais são *As Matanças de*

Scio, A Barricada, As Mulheres de Argel e A Justiça de Trajano.

- [443] *Ingres*: Dominique Ingres (1780-1867), pintor francês, o último grande representante do classicismo; atingiu a maior perfeição em seus nus, entre eles *A Fonte, Banho Turco* etc.
- [444] *Decamps*: Alexandre-Gabriel Decamps (1803-1860), pintor francês, autor de coloridas cenas do Oriente.
- [445] *Sigalon*: Xavier Sigalon (1788-1837), pintor francês de quadros históricos.
- [446] *Géricault*: Théodore Géricault (1791-1824), pintor francês, precursor, ao mesmo tempo, do romantismo, pela audácia do colorido e o patético dos assuntos, e do realismo, pela exatidão dos pormenores; seu quadro mais famoso é *A jangada da Medusa*. — *Devéria*: Eugène Devéria (1805-1865), pintor francês que aos vinte e dois anos obteve extraordinário êxito com o seu *Nascimento (e não batismo) de Henrique IV*; com nenhuma de suas obras sucessivas conseguiu igual perfeição artística nem igual êxito.
- [447] *Timeo Danaos et dona ferentes*: “Temo os gregos mesmo que tragam presentes”. (Palavras com que Laocome, no 2º livro da *Eneida*, de Virgílio, procura induzir os troianos a não abrirem as portas da cidade ao cavalo de madeira adrede colocado ali pelo inimigo.)
- [448] *Leve meu urso*: o trocadilho só existe em francês, pois a palavra *ours* significa “urso” e, em sentido figurado, “quadro medíocre, de venda difícil”. Este último sentido, aliás, parece peculiar a Balzac, pois os dicionários dão o termo como sendo da gíria teatral, na acepção de “peça refugada por vários teatros”. Segundo a nota da edição Conard, toda a frase *Leve meu urso* vem da *vaudeville O urso e o paxá*, de Scribe e Xavier (1820), na qual uma das personagens quer a todo custo impingir um urso preto ao secretário do paxá Schahabaham, o qual precisa de um urso branco. Ver também a nota 175 da Segunda Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*.
- [449] *Servin*: personagem balzaquiana, pintor que mantinha um curso de pintura onde a srta. de Piombo se apaixonou por Luigi Porta (*A vendeta*).
- [450] *Schinner*: personagem balzaquiana, pintor; assistimos a seu noivado e casamento em *A bolsa*; ilustrou obras de Canalis (*Modesta Mignon*); decorou os tetos do palacete Laginski (*A falsa amante*).
- [451] *Sommervieux*: personagem balzaquiana, pintor que se apaixonou por Agostinha Guillaume, filha de um rico negociante de tecidos; o casamento foi infeliz (*Ao “Chat-qui-pelote”*).
- [452] *Granet*: François-Marius Granet (1775-1849), pintor francês, notável pelos seus efeitos de luz. Seus quadros mais famosos são interiores de igrejas; entre eles distingue-se *O coro dos capuchinhos da praça Barberini*.
- [453] *Duval Le Camus*: Pierre Duval Le Camus (1790-1854), discípulo de David; pintor da duquesa de Berry, autor de quadros de gênero e de retratos.
- [454] *A peça de Églantine: A intriga epistolar*, comédia de Fabre d’Églantine.
- [455] *Os D’Orgemont*: dois irmãos, personagens de *A comédia humana*, que moravam em Fougères; um deles rico banqueiro, outro sacerdote católico (*A Bretanha em 1799*).
- [456] *Greuze*: Jean-Baptiste Greuze (1725-1805), pintor francês, autor de quadros de gênero, entre os quais *A noiva da aldeia*.
- [457] *José Bridau*: personagem balzaquiana; pintor genial, irmão honesto e trabalhador do monstruoso Felipe Bridau (*Um conchego de solteirão*).
- [458] *Metzu*: Gabriel Metzu ou Metsu, (1629-1667), pintor holandês do século XVII, autor de cenas de interior.
- [459] *Leão de Lora*: personagem balzaquiana, pintor famoso; conhecemo-lo como aprendiz de José Bridau, apelidado Mistigris, durante uma viagem em diligência de Paris a Presles (*Uma estreia na vida*); encontrado, também, em *Beatriz e Honorina*.

- [460] *Vigneron*: pintor popular na época, autor, entre outras obras, de um famoso *Soldado lavrador*, em que mostrava os veteranos das guerras do Império ao voltarem aos trabalhos pacíficos da agricultura.
- [461] *Dubufe*: Claude Dubufe (1790-1864), pintor francês, discípulo de David; teve grande êxito com duas séries de quadros sentimentais, *As saudades* e *Os arrependimentos*, assim como de grande número de retratos, em que embelezava os retratados segundo o gosto burguês; na sua segunda fase tornou-se animalista.
- [462] *Chouans*: camponeses, monarquistas da Bretanha, que se sublevaram várias vezes contra a República; o nome lhes provém do seu grito de guerra, parecido com o do mocho (*chouette*). Balzac lhes consagrou um romance, *A Bretanha em 1799*. — Dava-se o nome de *esquentadores* (*chauffeurs*) aos salteadores que, reunidos em bandos, assaltavam casas de campo no centro e no leste da França, submetendo os habitantes a toda espécie de torturas, inclusive a de queimar-lhes os pés (de onde o nome de *chauffeur*), para levá-los a revelarem o esconderijo de seus tesouros. Segundo alguns historiadores, estavam a soldo da Inglaterra e dos monarquistas. Apesar da perseguição tenaz de que foram objeto durante a época da Revolução, só o Consulado pôde acabar com eles. O caso dos esquentadores de Mortagne é contado por Balzac em *O avesso da história contemporânea*.
- [463] *Madame*: a duquesa de Angoulême, filha de Luís XVI e esposa do duque de Angoulême, filho de Carlos X; chamada também delfina, como esposa do último delfim da França.
- [464] *Duque d'Orléans*: Luís Felipe, que no ano seguinte, depois da Revolução de Julho, seria proclamado rei da França.
- [465] *Dominichino*: nome de guerra do pintor italiano Domenico Zampieri (1581-1641), o melhor discípulo dos três irmãos Carracci, autor da *Comunhão de São Jerônimo* e de outros afrescos de assunto religioso; sofreu bastante com as intrigas de seus rivais, que, segundo se diz, acabaram por envenená-lo. Nenhuma perseguição conseguiu, porém, exacerbá-lo nem desencorajá-lo.
- [466] *A Revolução de Julho* de 1830 pôs fim ao reinado de Carlos X e levou ao trono o ramo secundogênito dos Bourbon, na pessoa de Luís Felipe.
- [467] *Otium cum dignitate* (em latim no original): “lazer com dignidade”.
- [468] *In petto* (em italiano no original): “em segredo”.
- [469] *Abyssus abyssum [invocat]*: “o abismo [chama] o abismo”, expressão bíblica, usada geralmente no sentido de “um erro provoca outro”; aqui Balzac lhe dá outra aplicação.
- [470] *O motim de 12 de maio de 1839*, no qual a sociedade secreta dita “Sociedade das Estações”, chefiada por Barbès e Blanqui, chegou a apoderar-se da Prefeitura de Paris, foi a última tentativa republicana até fevereiro de 1848.